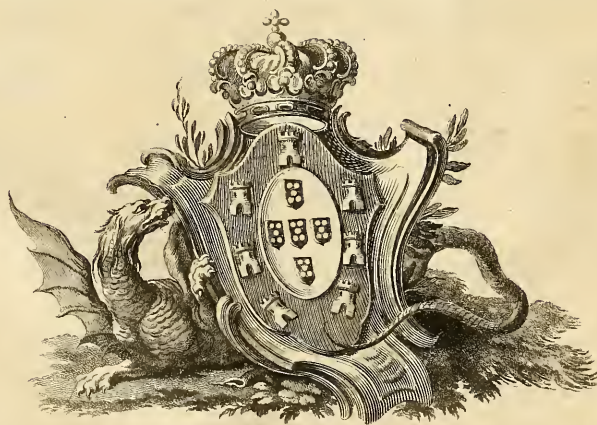
JOANNES BRASILI
PRINCEPS
Silva delin.
Froy Sculp. Lx.ª

LUZ
DA LIBERAL,
E
NOBRE ARTE
DA
CAVALLARIA,
OFFERECIDA
AO
SENHOR
D. JOÃO
PRINCIPE DO BRAZIL,
POR
MANOEL CARLOS DE ANDRADE,
Picador da Picaria Real de Sua Magestade Fidelissima.

PARTE PRIMEIRA.

LISBOA,
POR ORDEM DE SUA MAGESTADE
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.
ANNO M.DCC.XC.

SENHOR

COM voz fraca, e desconhecida imploro a Real protecção de VOSSA ALTEZA, bem certo de que o Principe mais benigno, e affavel, que conhece o Mundo, se ha de dignar de proteger este meu Tratado da Liberal, e Nobre Arte da Cavallaria, *ainda mais do que a protegêrão os Principes famosos da Persia, da Macedonia, da Grecia, da Italia, da Grão Bretanha, de França, e de Alemanha, não só porque VOSSA ALTEZA a todos excede em proteger as sciencias, mas tambem porque a todos vence na instrucção da Arte, que faz o objecto deste Livro.*

A multiplicidade dos conhecimentos, de que VOSSA ALTEZA he revestido, me anima a esperar que o seu Excelso Nome no

frontespicio deste volume o fará em todas as partes respeitado da voraz, e cruel mordacidade.

De hum Principe insigne Cavalleiro só podia ser digno Elogiador outro Principe igualmente insigne no mesmo exercicio; mas sendo a grandeza do animo, e a benignidade em VOSSA ALTEZA *igual á sua vasta, e profunda intelligencia, espero que este meu obsequio estará tão longe de offender a* VOSSA ALTEZA, *que antes me conciliará na sua presença os seus Reaes agrados; porque o caracter proprio de* VOSSA ALTEZA *he promover, e patrocinar as utilidades da humanidade, e da Republica.*

DE VOSSA ALTEZA

O mais humilde, e fiel criado

Manoel Carlos de Andrade.

AO LEITOR.

PELO titulo de qualquer Livro ſe dá a conhecer a materia que nelle ſe contém ; e pelo Prologo ſe dá aos Leitores hum breve deſenho do contexto de toda a Obra para ſe excitar a vontade de a lerem aquelles , a quem ella pela ſua qualidade ſe faz neceſſaria.

Neſta Obra ſervirei de guia aos que quizerem ſeguir as regras mais proprias da Liberal, e Nobre Arte da Cavallaria, tão preciſa, e praticada em todos os Paizes da Europa, da Africa, da Aſia, da America, e ainda dos Póvos mais rudes, e barbaros que elles contém. Tratarei ſómente daquellas Regras , que tiverem repetidas vezes ſido averiguadas por mim , ou pelos Authores que cito : e farei que em toda a ſorte de ares , e trabalhos do Manejo ſeja a minha explicação acompanhada das razões mais perceptiveis, e claras, que me forem poſſiveis.

Sei que hum eſpirito, ainda que livre, e cuidadoſo em ſeguir a verdade , muitas vezes abraça o engano : e por iſſo acontece haver quem condemne o bom , e approve o máo ; e da meſma ſorte ha quem de huma, e de outra couſa não faz caſo. Os rigidos cenſores querem ſem pejo desluzir os Authores: os neſcios intromettidos ſó cuidão em perverter ; e os que mal chegão a curioſos, em deſprezar; e como poderá a penna dos Eſcritores fugir a eſtes caſtigos?

Não chega porém minha vaidade a perſuadir-me que poſſo eſcrever neſta Arte com toda a exacção. Meus ſentimentos são mais modeſtos; e os meus deſejos bem longe deſte deſvanecimento, unicamente ſe encaminhão a moſtrar os bons principios, que podem conduzir os Principiantes Cavalleiros aos conhecimentos de tão bella Arte; e em quanto não ap-

pa-

parecer outra melhor, não he justo que os inscientes da lingua Franceza, e Ingleza deixem de conhecer os principios, e utilidades della: para estes escrevo com a certeza de que elles serão indulgentes comigo, esperando se lembrem que merecem alguma gratidão todos os que como eu tanto se empenhão por servir a Patria, querendo ser util aos meus Nacionaes.

Vale.

IN-

INDICE

Do que se contém na Primeira, e Segunda Parte.

LIVRO I.

ARGUMENTO.

LIVRO II.

ARGUMENTO.

Das

LIVRO III.

ARGUMENTO.

LIVRO IV.

ARGUMENTO.

LIVRO V.

ARGUMENTO.

Do

pés,

LIVRO VI.

ARGUMENTO.

Do

LIVRO VII.

ARGUMENTO.

Diſ-

LIVRO VIII.

ARGUMENTO.

EST.

LIVRO IX.

ARGUMENTO.

LIVRO X.

ARGUMENTO.

Silva delin. *Frois Sculp*

LIVRO I.

ARGUMENTO.

Mostra-se a razão, por que temos pouca certeza de quem forão os primeiros Inventores da Nobre Arte da Cavallaria: Nomes dos melhores Authores, que tratão della: Obrigações civis, que devem observar os Picadores, tanto para serem cortezes, e polidos no Picadeiro Real, e nos Picadeiros particulares, como para não ignorarem as suas obrigações, e regalias.

AINDA que o Sabio Author da Natureza na producção das creaturas nos deixou admiraveis vestigios da sua Divina Omnipotencia, e deo aos homens huma idéa de algum conhecimento da mesma Natureza, para que admirando a sua contextura, saibão louvar o seu sublime, e Divino Artifice: com tudo, eu não me persuado que possa haver engenho tão perspicaz, que se anime a penetrar segredos os mais reconditos, quaes os da organização, e movimentos dos irracionaes: por ser em todas as Artes, e Sciencias tão limitado o entendimento humano, que a pezar de todos os seus esforços, e diligencias fica ignorando mais do que conhece. Mas ainda que eu esteja persuadido da certeza desta verdade, não me parece justo deixem os homens de conhecer, quanto lhes for possivel, senão o total da organização, da medulla, e movimento dos corpos dos animaes, ao menos os seus prestimos. E como entre todos seja muito para a admiração dos mortaes o regular movimento dos Cavallos, e as suas utilidades, eu escreverei a este respeito, e discorrerei nesta Liberal, e Nobre Arte que me proponho, vulgarmente cha-

A ma-

mada da Cavallaria, na qual feguirei a lição dos melhores Authores que della tratão, e direi fem fujeição o que mais me parecer fe conforma com a razão, e verdade, pois que me agrada melhor acertar fó, que errar acompanhado.

He fem duvida, que Deos creou ao Cavallo com fuperioridade no feu preftimo a todos os mais animaes. Job Cap. xxxix. Elle he admiravel na fortaleza, na ligeireza, e na oufadia, como fe vê nas campanhas, rompendo com intrepidez por meio dos maiores horrores da guerra: alegra-fe com a voz, e rumor dos inftrumentos béllicos, e eftrepito das armas, que põem em confusão os homens, e defanima a todos os mais animaes; elle porém fe embravece, e cheio de colera excava a terra com mais furia, do que hum Leão, e de longe conheçe a guerra pela preparação, e vozes dos inimigos: por todos eftes motivos nós podemos dizer, fer o Cavallo o mais nobre de todos os irracionaes.

Os Numidas de Africa (referem as Hiftorias) peleijavão na Libia em cavallos, mas fem fellas: os Centauros Póvos da Grecia achárão o ufo dellas, e forão os primeiros que formárão militarmente correrias para a guerra, e efcaramuças para a paz. Os Principes Perfas (affirma Ariftoteles) forão os primeiros que defcubrírão o ufo do freio, e dominárão fcientificamente eftes generofos animaes. A maior parte das Nações mais abalizadas, e bellicofas attribuírão a fi a invenção defta belliffima Arte: motivo talvez, por que nós ignoramos qual foi o feu primeiro inventor.

A nobre Arte da Cavallaria he entre todas as Artes a mais fublime, a mais principal, e a mais illuftre. Juftificão as fuas utilidades tantas victorias alcançadas na campanha pela grande força da Cavallaria: pois (como diz Ariftoteles Liv. III. Cap. xxxiii.) ella he o nervo principal dos Exercitos. Os maiores Capitães, os maiores Principes, e os Monarcas mais famofos, e abalizados fe prezavão mais de ferem grandes Cavalleiros, que de ferem grandes Principes.

Nas maiores façanhas dos mais famofos Heroes achamos terem nellas grande parte os Cavallos; porque fobre elles todos fe fervião do feu preftimo para dar principio, e pôr em prática as fuas mais heroicas grandezas, e avultadas acções militares.

Os Principes da Afia montavão a cavallo com grande apparato, e mageftade no dia, em que fazião patentes as fuas mais notaveis memorias, e troféos.

Cyro não conquiftára Babylonia, fenão fe valêra da agilidade, com que o feu Cavallo paffou nadando o famofo braço do Ganges.

Salamão, o maior de todos os Reis, e o maior de todos os Sabios, fez fempre as fuas funções mais publicas todas a cavallo; e era tão inclinado a efta nobre Arte da Cavallaria, que todos os dias montava ao menos em tres, ou quatro Cavallos, de forte que para ferviço de fua Real Peffoa fuftentava nas fuas cavalhariças fincoenta e dous mil Cavallos, como confta da Efcritura Sagrada, Livro III. dos Reis Cap. iv. v. 26., e do fegundo do Paralip. Cap. i. v. 14.

O Grande Macedonio, ainda que pela boca de Filippe feu Pai fe auguraffe no feu Bucefalo para Conquiftador do mundo, com tudo elle talvez não fahiria vencedor de Thebas, fe deixaffe de foffrer o feu Cavallo tanto trabalho, e tantas fe-

feridas naquella grande batalha. Heitor, Annibal, Veriato, Pompeio, Vitelio, Caſtro, e em fim todos aquelles Heroes, com que o clarim da fama atroa todas as partes do Mundo, de ordinario ſe conduzírão ás ſuas maiores heroicidades nos ſeus Cavallos.

Ceſar meſmo ſe prezava mais de ſer grande Cavalleiro, do que de ſer Imperador dos Romanos: porque (dizia elle) para ſer Imperador, dependia de muitos; e para ſer Cavalleiro, ſó de ſi preciſava.

Pelo eſpaço de dilatados ſeculos houve na Aſia, e na Africa eſte coſtume: que os Principes pertendentes do Throno deverião primeiro juſtificar-ſe dignos daquelle excelſo lugar pelos merecimentos de bons Cavalleiros. Os Perſas elegião para ſeu Soberano aquelle Principe, que no dia da eleição moſtrava ſer melhor Cavalleiro. Na Perſia, e na Grecia ſó foi permittido á Nobreza por muitos tempos montar a cavallo; e para os póvos daquelles Eſtados o poderem fazer, preciſavão de licença, cuja graça concedia o Rei, quando queria honrar com diſtinção aquelle a quem a fazia.

Das Sagradas Letras ſe vê que a maior honra que Aſſuero podia fazer aos vaſſallos, que pertendia engrandecer, e honrar muito, era, que montados em hum dos ſeus cavallos, paſſeaſſem pela Cidade, Eſther Cap. VI. v. 8. Os Gregos, e á ſua imitação os Romanos, ſeguírão por muitos tempos eſtes uſos, e por iſſo dividírão a Republica em Equeſtres, e Plebeos, chamando Equeſtres a toda a Nobreza.

Eſtes coſtumes paſsárão á Europa mais civilizada, e forão bem recebidos das noſſas Heſpanhas. Os Cavalleiros das Ordens Militares de Portugal, Heſpanha, França, e mais Eſtados, onde os ſujeitos mais diſtinctos da Nobreza são contados, e tratados por Cavalleiros, são geralmente as Perſonagens mais illuſtres das Monarquias. He bem certo que nós não podemos dizer com certeza, qual foi o primeiro inventor deſta bella Arte; e póde ſer talvez, porque as ſuas recommendaveis utilidades a tem feito adoptar, não ſó pelos já referidos, mas geralmente por todos os Principes, por todas as Nações, e por todos os Póvos; pois que a todos ſe tem feito preciſa, e util eſta tão bella, como Nobre Arte.

Todas as Artes, e Sciencias tem conſeguido o ter Profeſſores, cuja curioſidade ainda nos communicão pelos ſeus eſcritos os frutos dos ſeus trabalhos, e experiencias; porém eſta de que tratamos, ſendo cultivada, e protegida por tantos Principes, Soberanos, Nobreza, e Póvos de todo o Mundo, tão pouco tem encontrado, por deſgraça della, quem nos tranſcreva as ſuas recommendaveis utilidades. Só Pignatel Italiano de Nação, Meſtre famoſiſſimo da Academia de Napoles, foi o primeiro que ſe abalançou ao trabalho de eſcrever da Arte da Cavallaria da brida, poſto que mui ſuccintamente. Elle nos dá hum bom methodo de diſpôr os Potros, e de inſtruir os principiantes Cavalleiros para a lição: foi ſua a invenção do circulo de duas piſtas, (Eſt. VI. Fig. 1.) que depois foi aperfeiçoado por Le Brove, que tambem eſcreveo ſobre eſta materia; e os Eſcritores que a eſte reſpeito tem havido, e que tem chegado até nós, são Pluvinel, Newcaſtle, Sollifel, La Guerinieri, Figenberg, La Nu-é, João Taqw, Brogelat, e João Grine de Previl: eſtes

são igualmente os Authores, cujas obras são cheias de merecimento, e se fazem dignas da mais seria recommendação.

Le Brove compoz hum volume em folio, o qual contém as maximas principaes de João Baptista Pignatel, seu Mestre, e da Academia de Napoles. Esta Escola chegou a tão alta estimação no seu tempo, que era reputada pela melhor do Mundo; pois que toda a Nobreza da Italia, de Napoles, de França, e de Alèmanha se jactava de haver tomado lições de tão excellente Mestre. Pluvinel passou de França a Napoles, e tambem foi discipulo de Pignatel; e quando em 1589. Henrique IV. o Grande, Rei de Navarra, foi chamado para succeder na Coroa de França, elle o acompanhou, e foi seu Mestre da Picaria, e Mestre de Luiz XIII. o Justo. Foi Pluvinel hum grande Cavalleiro; e Henrique confessava dever em grande parte as suas victorias á boa ordem, com que lhe havia disciplinado as suas Tropas no exercicio de montar a cavallo, constituindo-as promptas em todas as evoluções Militares. Elle nos deixou hum volume em folio, o qual mereceo a geral acceitação dos Sabios; e posto que seguisse as maximas de Pignatel, e de Le Brove, com tudo elle descubrio, e inventou alguns ares proprios aos Cavallos, e ao manejo.

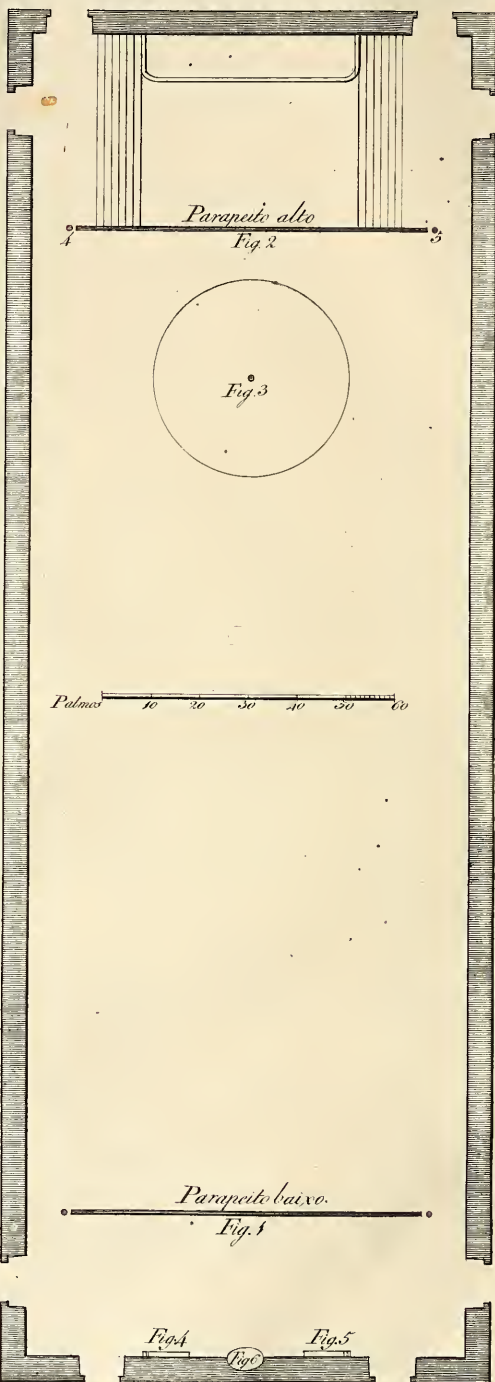
O Marquez Duque de Newcastle foi hum insigne Cavalleiro, e como tal nos deixou hum tomo em folio impresso na lingua Ingleza, e Franceza, feliz producção do seu avultado engenho, e ornado com primorosas Estampas. Porém como elle fez imprimir sómente sincoenta volumes para fazer delles offerta a varios Principes, e Senhores, os desta primeira impressão hoje são tão raros, que com difficuldade se acha algum. Em França se publicárão segunda, e terceira vez as obras deste Author, sendo a sua impressão muito custosa, tanto pelas finas Estampas, de que se acha ornada, como pelas bellas encadernações com que apparecem muitos volumes, que ainda hoje existem; pois a curiosidade da Nação Franceza para todas as Sciencias os fez reimprimir, sem que lhe servissem de obstaculo os grandes gastos, que trazem comsigo as diligencias desta natureza, para que a dilatada carreira dos tempos não sepultasse no esquecimento obra tão appreciavel, e de tão distincto merecimento.

As Obras de Jaques de Sollisel, e La Guerinieri, ainda que posteriores aos sobreditos, merecem muita estimação, não só pelas bellas Estampas, de que são ornadas, como pelas grandes intelligencias que nos dão da lição, e das enfermidades dos Cavallos.

O Barão de Figenberg, João Taqw, e La Nu-é forão Traductores livres de Le Brove, Pluvinel, e Newcastle; mas como erão bons Cavalleiros, não deixão as suas traducções de trazer algumas novidades, e ser de muito merecimento. Eu me sirvo de todos elles em differentes lugares desta Obra, elegendo tudo quanto me parece mais conforme da sua doutrina, para que os rudimentos da boa escola fiquem sendo perceptiveis a todos aquelles, que desejarem seguir a boa lição que praticárão aquelles prudentes, e habeis Cavalleiros.

Estando bem persuadido, de que o agradavel de huma obra consiste em tratar nella de todas as cousas pertencentes ao seu inteiro conhecimento, me determinei a principiar esta pelas instrucções, que devem ter os Picadores para obser-

var

Estampa 1 pag. 5
Parapeito alto
4
5
Fig. 2
Fig. 3
Palmos
10
20
30
40
50
60
Parapeito baixo.
Fig. 1
Fig. 4
Fig. 6
Fig. 5

var no Picadeiro, para que não ignorem as suas obrigações, e regalias; propondo-lhes primeiramente na planta regular do Picadeiro a formalidade da sua melhor construcção.

ESTAMPA I.

Das proporções do terreno do Picadeiro.

O Terreno do Picadeiro deve ter de comprimento duzentos e setenta palmos, e noventa de largura. Do intervallo do parapeito até á tribuna deve ter quarenta palmos, os montadouros occupão ao menos seis palmos, o parapeito dous, e assim deve ser repartido o terreno, de sorte que da tribuna até ao fim do Picadeiro devem haver os referidos duzentos e setenta palmos de fundo, e noventa de largo: advertindo que tambem póde ser mais pequeno, porque os do mencionado tamanho são proprios para huma Academia.

O parapeito deve ter onze, ou doze palmos de altura, (Est. I. Fig. 2.) e pela parte da tribuna deve ser o pavimento alto, de sorte que o parapeito tenha de altura pela parte de dentro sómente de seis até seis palmos e meio: o dito pavimento deve ser assoalhado de madeira: e do lugar dos Pilões podem haver entradas para o parapeito por hum, e outro lado por modo de humas rampas de madeira fasquiadas de sarrafos da mesma, bem pregados, e fortes, para subirem os Cavallos do piafé, se for preciso. Digo que deve ter o referido parapeito pela parte do terreno onze, ou doze palmos, para os Potros não saltarem assima delle, e pela parte da tribuna pertendo tenha sómente seis palmos, para quem estiver no intervallo do parapeito se encostar a elle, e lograr bem o que se faz no Picadeiro.

Senão houver capacidade para que seja fabricado o parapeito, como temos dito, poderá ter seis até seis palmos e meio de altura. Deste parapeito á parede do comprimento do terreno do Picadeiro deve mediar hum intervallo de oito palmos de huma, e de outra parte. Em cada hum destes intervallos deve haver hum Pilão firme na sua linha recta, e distante da parede seis palmos, ficando o Pilão por consequencia dous palmos distante do parapeito, como se mostra nos pontos dos Num. 4., e Num. 5.

Os Pilões devem ter de altura quatorze até quinze palmos com grossura proporcionada, e quatro até seis argolas pela parte fronteira á parede, descendo da parte superior para baixo, havendo entre huma, e outra a distancia de hum até palmo e meio, como se vê na Est. V. Fig. 6.

A tribuna deve ser fabricada sobre columnas com guarnições, e balaustradas magestosas. Nos lados da tribuna Real devem haver duas tribunas mais ordinarias, huma para os hospedes, e outra para os Fidalgos, e Camaristas de Suas Magestades, e Altezas, sendo as escadas, que derem ingresso das tribunas para o Picadeiro, separadas humas das outras, largas, claras, e por baixo do vão que occupa a tribuna Real.

A altura do prospecto das tribunas, e a altura do tecto do Picadeiro deve ser proporcionada á grandeza do terreno, tanto pelo que respeita ao seu comprimento,

to, como á ſua largura, conforme as leis da Arquitectura. As janellas, que derem luz ao Picadeiro, devem ficar na altura de dezeſete, ou dezoito palmos do terreno, para não ficarem as luzes horizontaes com as viſtas dos Cavalleiros, quando andão trabalhando: e devem tambem ſer proporcionadas na ſua largura, e altura á largura, e grandeza do terreno.

No meio do tecto deve ter duas, ou tres lanternas, para o terreno do Picadeiro junto ás paredes não ter eſcuros, cauſados pelas luzes das janellas partirem horizontaes de huma para a outra, o que ſuccede principalmente de tarde em o Sol declinando, cujas ſombras fazem de ſorte medo aos Cavallos, que não querem por iſſo chegar-ſe á parede.

Ainda que eu na planta do Picadeiro dou ás paredes a groſſura de ſinco palmos, póde ſer mais groſſa, ſegundo o terreno em que edificarem, e tambem ter hum corredor pelo meio della, pelo qual ſe paſſe para todas as janellas, que em tal caſo podem ter balauſtradas entre as hombreiras, para ſe poder ver a Picaria com commodidade, ſendo todas as janellas regulares na ſua altura, e largura. Pela parte de fóra do Picadeiro podem haver entradas com eſcadas ſeparadas, aſſim para as Peſſoas Reaes, como para os hoſpedes.

As janellas podem ter divisões com entradas por fóra do Picadeiro para ſe poder ver, ſem paſſar pelas entradas principaes: iſto ſe póde tambem fazer, ſe o Picadeiro tiver pela parte de dentro varandas em roda, pois no caſo de haver hum Viajante, ou Perſonagem que venha aſſiſtir, eſtando Suas Mageſtades na tribuna, poſſa ter a commodidade decente para ver, ſem paſſar por onde eſtão as Peſſoas Reaes.

No fundo da frente oppoſta á tribuna deve haver huma fonte com ſua chave, para o moço do Picadeiro aguar o terreno: não preciſa na fonte haver hum grande receptaculo, baſta huma pequena concha que tenha eſgotadouro, em que ſe poſsão encher os regadores, ſem que ſaião gotejando, e eſtes molhem demaziadamente o terreno junto a ella.

O intervallo do parapeito, ſeja alto, ou ſeja baixo, até á tribuna, deve ſer aſſoalhado de madeira, e de modo que eſta não aſſente na terra, para dar bom tom aos Cavallos do piafé, e coſtumar juntamente os mais Cavallos a paſſar ſem ſuſto por ſima de pontes de madeira.

Todo o terreno do Picadeiro deve ſer fabricado com hum maſſame forte bem calcado, ou de pedra, e cal, ſobre cujo ſucalco ſe deitará a arêa preciſa para preparar o terreno, de ſorte que os Cavallos andem bem nelle ſem esbarrar.

No meio da primeira volta mais proxima ao parapeito (Eſt. I. Fig. 3.) deve haver hum Pilão da altura de dezoito palmos com groſſura proporcionada; advertindo porém que elle ſeja portatil, para ſe pôr, e tirar, fazendo-lhe hum pedeſtal ſubterraneo, em que ſe poſſa ſegurar o Pilão. O pedeſtal póde ſer de alvenaria, e ter huma pedra forte, e nella hum buraco quadrado com fundo de tres até quatro palmos, no qual ſe poſsão introduzir tanto os Pilões das extremidades do parapeito, como o Pilão do centro da volta, para no caſo de quebrar algum dos Pilões, não ſer preciſo cavar o terreno no ſeu ſucalco para deſenterrar o reſto do Pilão quebrado, e da meſma fórma ſubſtituir outro no ſeu lugar.

Eu

Eu digo que o Pilão do centro deve ter tres, ou quatro cavidades, como se vê na Eſt. V. Fig. 2. para ſe poder nellas ſegurar o correão de gancho do Pilão (Fig. 9.) Póde tambem haver no alto do Pilão hum buraco, em o qual ſe poſſa arvorar huma bandeira, ou eſtandarte, para que os Cavallos percão o medo á viſta deſtas inſignias militares, ás quaes devem andar bem coſtumados.

Os Pilões das extremidades do parapeito devem tambem ter quatro, ou ſinco argolas, (Eſt. V. Fig. 6.) e ſeus gonzos fortes, e lizos, que ſe poſsão apertar pela parte de fóra com ſuas porcas, ficando as argolas, os gonzos, e as porcas bem recolhidas por huma, e outra parte dentro da madeira do Pilão. Deve haver na parede outras tantas argolas, que correſpondão ás dos Pilões, e ſeguras pela meſma fórma. O intervallo de oito palmos que diſſe deve haver do parapeito á parede em toda a largura das portas, deve ſer de terra, e não aſſoalhado, para os Cavallos poderem entrar, e ſahir ſem eſcorregar, maiormente em quanto não são coſtumados a vir ao Picadeiro, ou são Potros.

A tribuna Real deve ficar ſómente hum até dous palmos mais alta, do que a areſta, em que eſtiver aſſentada a balauſtrada da frente das mais janellas, ou varandas do Picadeiro. Debaixo das tribunas dos lados devem haver dous lugares com ſuas balauſtradas pela frente, para os Picadores ſe aſſentarem, ou deſcançarem; e junto á parede, em que aſſentar eſta balauſtrada, no fim do intervallo dos Pilões, podem haver dous montadouros de tres degráos por hum, e outro lado, que enchão a altura de tres até tres palmos e meio com outro tanto de largo.

Aſſim o Picadeiro regular deve ter o comprimento, largura, commodidades, e as proporções que a planta moſtra, e eu tenho dito, para que nelle poſsão trabalhar ao meſmo tempo tres guias, huma na primeira, outra na ſegunda, e na terceira volta outra, e tambem para que hum Cavallo poſſa dar huma boa carreira pelo comprimento do manejo.

Deve a tribuna Real ter gabinetes, e nelles todas as commodidades preciſas, para que as Peſſoas Reaes gozem de todo o bom commodo.

Nos lados dos intervallos dos Pilões junto á parede da tribuna Real podem haver duas portas, que dem ingreſſo ao Picadeiro para a entrada, e ſahida dos Cavallos; e da meſma ſorte podem haver portas para a entrada, e ſahida dos Cavallos nos angulos da parede da fonte para o meſmo fim, e para dar melhor ſerventia; advertindo que as portas, e bem aſſim os intervallos dos Pilões, e lugar da fonte podem ter portas de tal ſorte unidas, que fiquem iguaes com a madeira do forro do Picadeiro. Os montadouros, de que fiz menção, devem ſervir para os Cavalleiros coſtumarem os Cavallos a que ſe cheguem a elles, e ſe deixem montar manſamente, quando houverem de os chegar ao degráo.

O parapeito baixo, de que já fiz menção, deve ter ſeis palmos até ſeis e meio de altura; e ſe for de pedra e cal, deve ſer por dentro forrado de madeira; e da meſma ſorte o parapeito alto, a areſta, ou quina por ſima deve ſer redonda, maiormente ſendo o parapeito baixo: deve ſer almofadado, e forrado de couro bem eſtofado, e pregado pela parte de dentro do terreno do Picadeiro, para que no

ca-

caſo que ſucceda algum Cavallo defender-ſe, e encoſtar-ſe, ou cahir ſobre o parapeito, não magoar tanto o Cavalleiro.

O Picadeiro deve ter as paredes forradas de madeira até ás janellas, ou pelo menos até á altura de oito, ou nove palmos, para o Cavallo não experimentar tanta aſpereza, quando ſe chegar a ella, e tambem para não roçar o Cavalleiro pela parede de pedra, e cal, que he muito mais aſpera, e evitar ao meſmo tempo que o Cavallo, andando com a cara contra a muralha, chegue com os joelhos a ella, ſe fira nos meſmos joelhos, e faça nelles contusões. Não he menos perjudicial para o Cavalleiro a parede de pedra e cal, pois ſe o Cavallo faz algum deſmancho, e chega com as pernas, ou outra qualquer parte do corpo do Cavalleiro á parede, não ſendo ella forrada, elle ſe magôa com exceſſo.

Os lados do parapeito devem ſer ſeparados da parede, e na extremidade de cada huma parte deve ter hum Pilão, dous palmos diſtante do parapeito, e ſeis palmos diſtante da parede do comprimento do terreno, para formar os Cavallos nos ares altos, e relevados, como digo, nos ſeus reſpectivos lugares.

O lugar da fonte deve ficar recolhido na parede, como ſe vê na planta Fig. 6. da Eſt. I. com huma porta por diante, que ſe poſſa fechar, e, como já diſſemos, ficar bem unida á meſma parede, ou forro do Picadeiro.

Nos eſpaços, que medeão entre as janellas, podem haver humas Eſtampas dos ares principaes do manejo: e nos angulos do Picadeiro tambem ſe podem collocar eſpelhos, de maneira que os Cavalleiros vejão o eſtado da figura em que vão, e o ſeu Cavallo, para ſe emendarem a ſi, e a elle.

Tambem ſe podem pendurar lampiões na frente das janellas, ou com prizões no meio do tecto para allumiar o Picadeiro, no caſo de ſe querer trabalhar de noite.

Fóra da porta da entrada do Picadeiro deve haver hum lugar cuberto para deſembarcar das carruagens, e coches, e para os Cavallos eſperarem a occaſião de entrar para o Picadeiro ſem ſe molharem quando chover, nem tão pouco eſperarem ao Sol no tempo de verão.

Inſtrucções, e civilidades, que ſe devem obſervar, principalmente no Picadeiro Real.

QUando ElRei, Principe, e Senhores Infantes vierem ao Picadeiro montar, ou dar lição, o Meſtre deve deitar á guia os Cavallos, em que os Senhores houverem de andar, mandando-os apertar, e pôr promptos. A elle toca tambem o paſſeallos, ſe o preciſarem. Se eſtiver preſente o Eſtribeiro Mór, o Meſtre lhe deve dar parte, de que eſtá prompto o Cavallo. Vindo Sua Mageſtade montar, o meſmo Eſtribeiro Mór deve metter no eſtribo o pé de ElRei, e ajudallo a montar: o meſmo devem praticar com o Principe o Meſtre, e o Eſtribeiro Mór: o Meſtre deve pegar, ou ſegurar na guia, ou nas caimbas do freio; e ſe eſtiver preſente o Eſtribeiro de ElRei, deve ſegurar o eſtribo direito: ſe elle porém não aſſiſtir, o primeiro ajudante, iſto he, o primeiro immediato ao Meſtre, de-

deve ſupprir o lugar do Eſtribeiro, ſegurando o eſtribo direito para Suas Mageſtades, e Altezas montarem a cavallo; ſenão aſſiſtir o Eſtribeiro Mór, pertence ao Meſtre da Picaria metter o pé no eſtribo a ElRei, ao Principe, e aos Senhores Infantes: ao primeiro Ajudante pegar na guia, ou caimbas do freio; e ao ſegundo Ajudante ſegurar o eſtribo direito; porque ſó os homens, que tem conhecimento deſta Arte, devem ſervir neſtas acções, para evitar que aconteça a Suas Mageſtades, e Altezas algum perigo.

O Eſtribeiro do Rei deve ſer hum ſujeito illuſtre: elle deve chegar o degráo, pegar, como fica dito, no eſtribo direito, e dar a vara a Suas Mageſtades, e Altezas, a qual deve receber da mão do moço da caſa dos arreios.

Se houver Principe viajante, ou Perſonagem, a quem Sua Mageſtade, e Altezas queirão obſequiar, moſtrando-lhe como manejão os Cavallos, o Eſtribeiro Mór deve aſſiſtir, como tambem o Eſtribeiro de ElRei, e os Eſtribeiros de Suas Altezas: advertindo que em Suas Mageſtades, e Altezas eſtando a cavallo, ſó deve ficar dentro do Picadeiro o Eſtribeiro Mór, retirando-ſe todos os mais ao intervallo do parapeito.

O moço da caſa dos arreios deve nas funções publicas (ſegundo ſe tem praticado em França, e Alemanha, e ainda no noſſo Portugal praticava o Senhor Rei D. Duarte o Eloquente, como elle diz na ſua Arte da Cavallaria folh. 93., e como ſe praticou com o Senhor Rei D. Pedro II., quando montou a cavallo com o Imperador Carlos III.) tirar o teliz, e a capa da ſella, dando-a, e o teliz ao moço da Eſtribeira: advertindo que quando Sua Mageſtade ſe apear, elle deve tornar a tomar o teliz, e a capa, e cubrir as ſellas dos Cavallos, em que forem Suas Mageſtades, e Principes; e tambem deve aſſiſtir particular, e publicamente nas cavalgatas, para fazer aprompţar todos os jaezes, que forem preciſos em ſemelhantes occaſiões.

Carlos V. o Sabio, Rei de França: Carlos VII. o Victorioſo: Franciſco I. o Rei das Letras: Henrique IV. o Grande: Luiz XIII. o Juſto; e Luiz XIV. o Grande, derão ſempre o primeiro lugar ao Eſtribeiro Mór, aſſim no Picadeiro, como em todas as funções publicas. O meſmo praticou Henrique II. o Magnifico, Rei de Heſpanha, e ſeus Succeſſores até Filippe V., e Segiſmundo de Luxemburg, Imperador de Alemanha, até ao tempo de Leopoldo, Arquiduque de Auſtria. E de então até ao preſente creio terão os mais ſempre praticado o meſmo, razão, por que neſtas Cortes o Eſtribeiro Mór he ſempre hum Principe do ſangue Real, ou hum Cavalleiro o mais illuſtre, e prendado de toda a Nobreza da Corte. Elle deve aſſiſtir no Picadeiro, quando Suas Mageſtades, e Altezas ſe vão exercitar a cavallo, ou dar lição: elle deve rigoroſamente preſidir, e por iſſo ter conhecimento da Arte de montar a cavallo, para evitar que por algum deſcuido ſe exponhão as Peſſoas Reaes a algum deſaſtre, e juntamente para lhes explicar o que o Meſtre lhes enſina; motivo, por que já diſſemos elle deve ſer ſciente na Arte da Cavallaria.

Em quanto ElRei, o Principe, e os Senhores Infantes andão a cavallo, ſeja para dar lição, ſeja para ſe divertirem, ou exercitarem, ninguem mais deve mon-

tar. Quando ElRei, e o Principe fahirem fóra a cavallo, o Eftribeiro Mór os deve acompanhar; e o feu lugar he ao lado direito de ElRei, ou do Principe; e o Camarifta que eftiver de femana, ou o Aio, deve acompanhar ao lado efquerdo. Se acontecer fahirem fóra juntamente ElRei, o Principe, e os Senhores Infantes, fempre o Eftribeiro Mór deve confervar-fe á direita de ElRei hum pouco mais atrás.

Se o Eftribeiro Mór não acompanhar a Sua Mageftade, deve o Meftre da Picaria acompanhallo, e o feu lugar he ao lado efquerdo de ElRei, do Principe, e dos Senhores Infantes, e o Camarifta, ou Aio ao lado direito; com advertencia porém que as cabeças dos Cavallos, em que elles forem, não paffaráõ adiante do lugar da fella dos Cavallos, em que forem Sua Mageftade, e Altezas; pois fó ao Eftribeiro Mór he permittido ir fempre á direita de ElRei quafi junto a elle: com o Principe herdeiro tambem fe pratíca o mefmo.

Fernando II., Arquiduque de Gartes, da Cafa de Auftria, Imperador de Alemanha, achando-fe em muitas, e varias batalhas, fempre o feu Eftribeiro Mór Frederico, Duque de Suecia (conforme tinha de coftume) o acompanhou; porém deixando de o fazer na expedição de Suecia, por caufa de eftar gravemente molefto, nomeou o Imperador para lhe fupprir o lugar com a mefma qualidade de Eftribeiro Mór a Ladislao Eftuardo, Duque de Bermen: e vendo efte grande Imperador que o Duque o feguia hum pouco diftante delle, lhe diffe: *O Duque de Suecia fempre me affiftio ao meu lado; e enfinou, como meu Eftribeiro Mór, e como bom Cavalleiro, a pelejar, e a vencer: affim não perca o Duque o feu lugar, que por meu Eftribeiro Mór, e meu companheiro lhe pertence.* Ifto dito por efte Heroe, creio juftifica bem quaes são as prerogativas do Eftribeiro Mór, e qual o feu lugar, o que bem fe colhe da Chronica de Fernando II. folh. 327.

Quando os Picadores eftiverem no Picadeiro fem a prefença das Peffoas Reaes, ou do Eftribeiro Mór, póde o Meftre mandar conduzir affentos para o intervallo do parapeito, e fentar-fe com aquelles a quem elle quizer dar affento: o que não fe deve fazer por fórma alguma, em quanto as Peffoas Reaes, ou o Eftribeiro Mór eftiverem nas tribunas, como tambem nem ainda encoftar-fe ao parapeito; e quando os Picadores quizerem defcançar, devem ir fentar-fe nas varandas para elles deftinadas.

O Meftre mandará trabalhar o feu immediato para a primeira volta, e os mais para as outras. Os Difcipulos devem eftar junto á cadeira do Meftre para efte lhes explicar todas as duvidas que elles tiverem fobre os differentes lances, que forem acontecendo.

Logo que as Peffoas Reaes chegarem ao Picadeiro, devem todos os que andarem trabalhando parar os feus Cavallos, e apearem-fe, e os moços pegar nelles. Eftando todos os Picadores a pé, irão beijar a mão a Suas Mageftades, e Altezas, que, depois de affentir a iffo, mandaráõ ao Meftre (fendo do feu agrado) continuar com a efcola; e quando os que vão trabalhar chegarem junto aos Cavallos, primeiro de os montarem, farão cortezia ás Peffoas Reaes, e affim tambem quando paffarem a primeira vez por diante da tribuna Real.

Se

Se o Picadeiro for cuberto, e os Picadores trabalharem ſem chapéo, farão a cortezia, baixando ſómente a cabeça; porém ſe trabalharem cubertos, devem fazer cortezia, tirando o chapéo com deſembaraço, e boa graça, pegando nelle com a mão direita pela parte direita do bico de diante; e quando forem eſtendendo o braço, irão inclinando a cabeça para baixo, ficando o corpo direito, e o braço eſtendido ſobre a ilharga, ou lado da coxa da perna direita, e da meſma ſorte devem cortejar ao Eſtribeiro Mór, quando elle vier ao Picadeiro.

Se ElRei, Principe, e os Senhores Infantes quizerem ſentar-ſe no intervallo do parapeito, ou no Picadeiro, devem trazer-lhes cadeiras; e os Camariſtas logo que ellas forem conduzidas á porta, as devem chegar para Suas Mageſtades, e Altezas ſe ſentarem; e ſe não eſtiverem Camariſtas, (ſegundo praticou o Senhor Rei D. Duarte, e o Senhor Rei D. Pedro II.) deve o Meſtre fazer eſta diligencia, poſto que eſtejão preſentes peſſoas de avultada grandeza.

Quando vierem Perſonagens da primeira Nobreza da Corte, ou os filhos do Eſtribeiro Mór, o Meſtre ou eſteja a pé, ou a cavallo, deve ir logo cumprimentallos, mandando-lhes conduzir aſſentos para o lugar, onde elle coſtuma eſtar. Todos os Picadores devem parar; e o Meſtre em havendo-os cumprimentado, deve mandar continuar com a eſcola, e todos ſeguir o ſeu coſtume.

As Perſonagens, com quem ſe devem praticar eſtes cortejos, são os Nuncios, Principes viajantes, Cardiaes, Arcebiſpos, ou Biſpos, Embaixadores, Principes do Sangue Real, Enviados, primeiros Miniſtros, Generaes, Conſelheiros de Eſtado, e Guerra, Principaes, e os filhos do Eſtribeiro Mór, (como já diſſemos) Duques, Marquezes, Condes, Viſcondes, &c. Advertindo porém que ſó os Cardiaes, Nuncios, Arcebiſpos, e Embaixadores tem a permiſsão de mandar aſſentar o Meſtre, e elle o não deve fazer (ſegundo ſe praticou no Picadeiro de Luiz XIII. o Juſto, Rei de França) ſem que elles aſſim o ordenem.

Aos mais Cavalleiros, e Peſſoas diſtinctas, ſe o Meſtre quizer por civilidade mandar parar os que andão trabalhando, póde-o fazer; mas quando o não faça, de nenhum modo incorre em deſattenção. Se o Meſtre preciſar demorar-ſe em fallar a algum ſujeito, o primeiro Ajudante ſeu immediato irá reger, e continuar a eſcola em quanto elle lhe falla.

Se as Peſſoas Reaes vierem ao Picadeiro em horas determinadas, devem os principiantes já ter dado lição. Se Suas Mageſtades vierem ao Picadeiro ſem ſerem eſperadas, e os principiantes eſtiverem dando lição, deve o Meſtre mandar parar; (como deixamos notado) e mandando Suas Mageſtades continuar a eſcola, os diſcipulos mais inſtruidos he que devem trabalhar, e aſſim tambem devem ficar de parte os Cavallos menos adiantados na lição; e o Meſtre ſó deve fazer continuar no exercicio aos principiantes, ſe Suas Mageſtades, e Altezas aſſim o determinarem.

Se alguma Perſonagem eſtrangeira vier ao Picadeiro ver trabalhar o Principe, e os Senhores Infantes, o Eſtribeiro Mór lhe mandará deitar os eſtribos abaixo; e ſe Suas Altezas tiverem muito pouca idade, particularmente lhes dirá que trabalhem os ſeus Cavallos naquellas lições, que ſabem já bem executar, pois he indecente andar ſem eſtribos em ſemelhantes occaſiões, como tambem fazer andar

Suas Altezas diante de semelhantes Pessoas, em quanto precisão de successivas advertencias. O mesmo deve praticar o Mestre, não só com Suas Altezas, mas tambem com todos os outros Cavalleiros.

Se as Pessoas Reaes assistirem do principio até ao fim da Picaria, o Mestre deve dar, ou fazer dar lição primeiramente aos principiantes, e depois fazer andar todos os Picadores nos seus Cavallos em toda a sorte de ares, e trabalhos do manejo: e em Suas Magestades, e Altezas querendo montar, já para dar lição, já para fazer exercicio, o Mestre lhes deve aprompatar os Cavallos, como dissemos, fazendo suspender aos mais que andão trabalhando no seu exercicio (como fica ponderado.)

Recommendo que as portas, que dão ingresso ao Picadeiro, sejão altas, e largas, e tambem nos lados junto á parede do comprimento do manejo, para não se embaraçarem os Cavallos na entrada, e sahida. Devem tambem os Pilões expostos (como já disse) ser nas extremidades do parapeito, para que das tribunas, e varandas se possa lograr bem o modo, e graça com que os Cavallos se apresentão nos ares, e trabalhos para que os destinão, cujas acções não se podem lograr bem, estando os Pilões muito distantes das tribunas.

Os Picadores, ou Ajudantes, quando quizerem passar da primeira, ou da segunda para a terceira volta, se na primeira, ou segunda andarem trabalhando, seja deitando Cavallos á guia, seja trabalhando em Cavallos que andem montados, devem esperar que o Cavallo principie a volta do lugar, em que o sujeito que pertende passar estiver, e então entrar pelo meio da volta direito ao Pilão, ou ponto do centro della, e esperar que o Cavallo passe no circulo da parte de sima para diante, e então entrar na seguinte volta da mesma fórma, e com as mesmas cautelas com que devem (como dissemos) entrar na primeira.

Parece-me ser justa esta recommendação, para que não succeda embaraçar o trabalho que se andar fazendo, nem he civilidade servir de obstaculo ao Cavalleiro, ou quem andar deitando Cavallos á guia, e embaraçar a lição que quer dar aos seus Cavallos: da mesma sorte, quando for preciso que o moço do Picadeiro leve guia, açoute, chambrié, ou outra qualquer cousa, que seja necessaria em alguma das voltas do Picadeiro, deve ir (como temos dito) pelo meio da volta, e não junto ás paredes, para não fazer embaraço a quem andar trabalhando pelo largo.

Quando vier Cavalleiro pelas linhas da muralha, ou pelas linhas dos circulos, e do centro direito aos cantos, sejão as entradas para o terreno pela frente do Picadeiro, ou pelos lugares dos Pilões: não devem os moços entrar para dentro, em quanto o Cavalleiro não passar do angulo para diante, para não o embaraçar, e atravessar diante delle hum Cavallo á mão, que facilmente lhe póde dar alguns couces, ou offender o Cavallo que vem montado, e tambem porque he incivilidade embaraçar quem anda trabalhando.

Os moços que trouxerem os Cavallos ao Picadeiro, devem trazer vestida a sua libré, principalmente aquelles, que conduzirem os que servirem para andarem as Pessoas Reaes, e o Estribeiro Mór: tambem devem trazellos entrançados; e os

que

que forem para montar ElRei, Principe, e Senhores Infantes, terão pelo menos as pontas das tranças rematadas com fittas. As fellas dos Cavallos, em que andarem os Senhores, deverão trazer capas, as quaes fó fe lhes tiraráõ quando nelles montarem.

Tambem devem os Cavallos vir para o Picadeiro bem cubertos com telizes, ou mantas, para evitar, no cafo que chova, fe molhem as fellas, e os Cavallos, quando vão fuados, tenhão alguma dor.

Se o Eftribeiro Mór vier montar a cavallo ao Picadeiro Real, o Meftre lhe deve preparar os Cavallos, em que elle quizer andar; e quando por algum incidente elle o não poffa fazer, o primeiro Ajudante immediato ao Meftre os deverá fazer apertar quanto bafte, e, fe for precifo, paffeallos, e pollos promptos, chegando-os ao montadouro.

Querendo montar o Eftribeiro Mór, eftando o Cavallo no meio do terreno, devem mandar conduzir o degráo pelo moço do Picadeiro; mas em elle chegando ao intervallo dos Pilões, ou á porta, hum dos Picadores deve pegar nelle, e levallo ao lugar, em que eftiver o Cavallo.

Eftando alli o Meftre, deve metter-lhe o pé no eftribo, e ajudallo a montar. O primeiro Ajudante deve pegar, ou fegurar na guia, ou caimbas do freio; e fe houverem mais Ajudantes criados do Rei, deve hum fegurar o eftribo direito, e o moço da cafa dos arreios dar-lhe a vara. Os moços da cavallariça devem apertar a fella, deitar os eftribos abaixo, pôr as redeas do cabeção, as correias, tirar o rabicho, e preparar toda a forte de arreios, &c. e elles fó poderão fervir nas acções, em que tenho dito que fervem os Picadores, quando eftes não affiftirem, pois eftes ferviços devem fempre fer praticados por peffoas intelligentes da Arte, que evitem os perigos, que podem acontecer de fervirem neftas acções peffoas ignorantes.

O mefmo fe deve praticar com as Peffoas Reaes, ainda que não affifta o Eftribeiro Mór, e o Eftribeiro de ElRei.

Havendo-fe de erigir Academias na Corte, os Meftres para ellas devem fer nomeados, e approvados pelo Eftribeiro Mór; e fe os eleitos forem Picadores da Picaria de ElRei, o Eftribeiro Mór lhes mandará continuar o ordenado que vencerem na Picaria Real, e da mefma forte determinará que a Academia lhes arbitre hum rendimento proporcionado ao trabalho que nella tiverem, e fegundo as mudanças dos tempos, para elle fe poder fuftentar com decencia.

Se faltar o Meftre, ou os Ajudantes no Picadeiro Real, e ElRei não os nomear, o Eftribeiro Mór deve eleger quem feja promovido áquelles lugares. Em França, e Alemanha o Eftribeiro Mór he que coftuma arbitrar os ordenados aos Picadores. O Senhor Rei D. Duarte o Eloquente lhes mandava pagar pelo Thefoureiro Real, que pagava as moradias, e á fua imitação o Senhor Rei D. Jofé I. foi fervido que por alli fe lhes pagaffem.

No Picadeiro Real ninguem deve montar a cavallo fem licença do Eftribeiro Mór; e fe os Fidalgos, e Peffoas da mais confpicua grandeza quizerem aprender no dito Picadeiro, devem primeiro dar parte ao Eftribeiro Mór, e efte conceder-

lhes

lhes licença, porque pertence á mais distincta Nobreza da Corte aprender no Picadeiro de ElRei.

Eu ignoro os motivos, por que em Portugal deixão os Picadores de ir com espada á presença de Sua Magestade, e Altezas, como tambem a casa do Estribeiro Mór; porque sendo elles contados por Cavalleiros, como taes devem nas acções mais sérias apparecer compostos, não só por possuirem em profissão esta illustre Arte, mas tambem por serem constituidos na obrigação de acompanhar a Suas Magestades, e Altezas; não como Homens froxos, e inuteis, sim como Cavalleiros, promptos a defender os seus Soberanos, no caso de lhes acontecer algum insulto, e por isto os bons Cavalleiros devem ser vigorosos, promptos, e, como diz Pluvinel folh. 19., e Luiz XIII. o Justo, e Previl no Capitulo II., dotados de hum bom juizo; e a mim me parece que hum homem com estas qualidades está mais apto para servir, do que outro qualquer, em toda a occasião que sobrevenha.

O Senhor D. Duarte o Eloquente, Rei de Portugal, compoz huma Arte de Cavallaria, que no dia dos seus annos em 1435. deo a alguns Fidalgos, escrita da sua propria letra: elle concedeo os fóros de Cavalleiros Fidalgos ao seu Mestre da Picaria, e ajudantes, que entravão armados em todas as funções, em que Sua Magestade se achava.

Carlos VII. o Victorioso, Rei de França, fez educar na Arte da Cavallaria hum grande numero de homens de todos os seus estados; e tanto os distinguia, que até os filhos dos pais mais humildes, logo que entravão em o numero dos Picadores, erão tidos por Nobres, e apparecião compostos em todas as Assembleas, em que se achavão as Pessoas Reaes, e mais Nobreza da Corte. De huma Escola assim applicada, e exercitada he que ElRei tirava os Officiaes para as suas tropas: e por esta razão ellas chegárão a tal auge de promptidão nas acções militares, que sempre que se encontravão com tropas inimigas, fossem Inglezas, ou de outra Nação, sahião os Francezes vencedores, não lhes servindo de obstaculo acharem-se muitas vezes nas acções, inferiores em numero áquelles com quem tinhão de combater. E he tambem por esta via que este grande Rei chegou a ser tão temido de todos os Principes seus inimigos, que impellidos de raiva, e cheios de ciume de verem que o não podião vencer, procurárão a todo o risco o pessimo recurso de o envenenar; e conheceo elle tanto a força desta perseguição, que disse: *Eu me deixarei morrer de fome; porém com os meus Cavalleiros serei sempre vencedor dos meus inimigos*; e assim lhe succedeo, acabando á pura fome o mais precioso dos seus dias em vinte e dous de Julho de 1461.; porém sempre invencivel aos estratagemas da maldade, e violencias, maquinadas pelos seus adversarios, como consta da sua Chronica folh. 409., e da Historia Chronologica dos Reis de França folh. 234.

Os Picadores da Picaria de ElRei não devem acceitar (principalmente no Picadeiro Real) dinheiro a pessoa alguma, que vá aprender, nem ir trabalhar a Picarias particulares, excepto se ElRei, ou o Estribeiro Mór os mandar, e neste caso não devem levar ordenado daquelle particular a quem servirem; e só os que forem para as Academias, devem perceber dellas ordenados, por irem ser uteis ao

Es-

Eſtado, aonde o que percebem pela Academia, como eſtabelecimento Real, ſe póde reputar ſoldo; e elles, ſe for preciſo, devem ſer diſpenſados pelo Eſtribeiro Mór de vir ao Picadeiro Real ſem perda dos Privilegios, e honras de Picadores da Picaria de ElRei.

Ao Picador que põe a primeira vez ElRei a cavallo, e da meſma ſorte áquelles, que põem a primeira vez a cavallo os Principes, e os Infantes, coſtumão eſtes Senhores, como praticou Luiz XIII. o Juſto, Leopoldo Arquiduque de Auſtria, e outros, dar huma tença; e aos ajudantes coſtumão contemplar com o mimo de algum traſte, para que ſe lembrem de que aſſiſtírão áquelle acto.

Aos Moços da Cavalhariça a primeira vez que ElRei montar a cavallo no Picadeiro, pelos meſmos motivos ſe coſtuma mandar dar algumas moedas para ſe repartirem por todos, e o meſmo coſtumão praticar os Principes, e os Senhores Infantes, &c.

Quando algum Cavalleiro montar a cavallo no Picadeiro Real a primeira vez, deve dar alguma couſa ao moço que lhe trouxer o primeiro Cavallo.

Os Eſpectadores que ſe acharem no Picadeiro não devem, ainda que ſejão Picadores, fallar aos Cavallos, que andão á guia, ou montados, nem a ciſlar, ou a abanar-lhes a vara, porque he incivilidade de que ſe póde eſcandalizar, e com baſtante motivo, o que anda deitando o Cavallo á guia, ou o que anda montado trabalhando; pois quem eſtá de fóra, nem ſempre, ainda ſendo Profeſſor, conhece a tenção de quem deita o Potro, ou Cavallo á guia, ou o que pertende executar o Cavalleiro, que anda a Cavallo trabalhando; por exemplo: ſe quem deita o Potro, ou Cavallo á guia, vai na idéa de o fazer parar, e de fóra lhe fallarem, ou abanarem a vara, he certo que já naquelle lugar não póde lograr bem o ſeu intento. Quem anda a cavallo ainda tem maior motivo para eſtranhar hum tal procedimento, porque muitas vezes ſe vê o Cavalleiro preciſado (para remediar o ſeu Cavallo) a uſar de meios bem differentes daquelles, que as regras geraes enſinão; e ſe houver de fóra quem lhe falle, ou abane a vara, ſerão fruſtradas as idéas do Cavalleiro: e bem ſe deixa ver que a boa politica tambem não permitte ſemelhante procedimento, pois com elle moſtra o que o põe em prática, que ou he ignorante das civilidades deſta profiſsão, ou que quer emendar o que o Cavalleiro anda fazendo.

Se o Eſtribeiro Mór tiver Picadeiro, e quizer que o Meſtre, ou Ajudantes da Picaria Real vão a elle trabalhar, póde mandallos ir, e devem-lhe obedecer: da meſma ſorte póde *ex officio* mandar ir ao ſeu Picadeiro todos os Cavallos, em que andarem as Peſſoas Reaes, para ver, e examinar ſe elles eſtão no bom eſtado de poderem ſervir a Suas Mageſtades, e Altezas: o que muitas vezes praticou o Conde de Viana, Eſtribeiro Mór do Senhor Rei D. Pedro II., e outros.

O Sota-cavalhariça deve ſer Alveitar, e Ferrador, para conhecer do curativo, e das moleſtias dos Cavallos: elle deve aſſiſtir á Picaria, maiormente quando Suas Mageſtades, e Altezas vierem ao Picadeiro montar, tanto para informar ao Meſtre do eſtado da ſaude, em que ſe achão os Cavallos, em que as Mageſtades andão, como tambem para ſatisfazer a todas as obrigações do ſeu officio; por exem-

exemplo: ſe os Cavallos em que Suas Mageſtades, e Altezas andarem, ſe desferrarem, o Sota os deve logo ferrar, ſeja para tornarem a trabalhar, ſeja para irem para a Cavalhariça ſem quebrar os caſcos. Deve tambem da meſma fórma fazer outra qualquer operação, que Suas Mageſtades queirão ſe faça na ſua preſença pertencente ao officio de Ferrador, e Alveitar.

Deve o Sota dar parte dos Cavallos que adoecem, e da qualidade da ſua moleſtia, e dos que eſtão melhores, não ſó ao Eſtribeiro de ElRei, mas ao Meſtre, como foi ſempre coſtume, para elle ver como ha de governar a Picaria; e ſe aſſim ſe não fizer, não poderão os Soberanos ſer bem ſervidos, porque falta a boa regularidade das Eſcolas bem ordenadas.

Quando ElRei for de jornada, ou vá com Suas Altezas, ou inteiramente ſem mais alguma Peſſoa Real, deverá ſer acompanhado por hum, ou mais Picadores, os quaes deve nomear o Eſtribeiro Mór, e o meſmo ſe deve praticar quando Sua Mageſtade, e Altezas forem á caça.

O Eſtribeiro de ElRei deve, quando o Sota lhe der a diaria parte de tudo quanto acontece nas Reaes Cavalhariças, mandar pelo meſmo Sota dar parte ao Meſtre da Picaria de tudo o que diſſer reſpeito aos Cavallos della, para elle conferir com o Eſtribeiro de ElRei, do qual devem emanar todas as providencias preciſas a tudo quanto diz reſpeito ás Reaes Cavalhariças, por ſer dellas hum fiſcal, e economico adminiſtrador, ſómente ſubordinado ao Eſtribeiro Mór.

O Eſtribeiro de ElRei deve ſer hum ſujeito diſtincto, e illuſtre não ſó pelas acções, que exercita particular, e publicamente em ſerviço de Suas Mageſtades, e Altezas, como tambem por ſer elle quem deve receber as ordens do Eſtribeiro Mór, cujo cargo exercita ſempre hum Principe do Sangue Real; e não ſeria juſto huma Perſonagem da primeira ordem conferir com hum Sota-cavalhariça, ou outra peſſoa humilde, as diſpoſições preciſas ás Reaes Cavalhariças; e tambem porque ſe o Eſtribeiro Mór por algum incidente faltar, o Eſtribeiro de ElRei deve ſupprir o ſeu lugar á excepção de preſidir em lugar a todas as Perſonagens da Corte nas funções públicas.

O Moço do Picadeiro deve indireitar, limpar, e apromptar o terreno da Picaria todos os dias, e tambem os traſtes do ſerviço della, tomando ſentido em que eſtejão concertados, e promptos para ſervirem quando for preciſo: elle deve ter huma pauta, em que ſe comprehendão os nomes de todos os Cavallos que vem á Picaria, com humas marcas que vá tirando em os Cavallos, entrando no Picadeiro, para ſaber pelas marcas que ficão no ſeu lugar, quaes são os que faltão para dar parte ao Meſtre, e elle averiguar a razão da falta.

Deve tambem eſtar á porta da entrada, e mandar entrar os Cavallos para aquelles Picadores, que tem acabado de trabalhar outros, e da meſma ſorte reparar ſe os que vão ſahindo, preciſão ſer cubertos, deſapertados, tirado o ſuor, ou paſſeados.

Quando entrão moços novos, deve enſinallos a entrar no Picadeiro, para não embaraçarem quem anda trabalhando, e tambem como devem preparar os Cavallos, e aonde devem eſperar que elles acabem de trabalhar.

Tam-

Tambem deverá reparar ſe as peſſoas, que entrão a ver a Picaria, eſtão com a decencia preciſa, para os advertir do que for neceſſario.

Quando forem preciſos guia, chambrié, açoute, correias, varas, ou outra qualquer couſa, elle a deve levar promptamente, como tambem tirar da Picaria os traſtes, que já não são preciſos, tendo-os todos bem dobrados, e pendurados na caſa dos arreios, que em todos os Picadeiros deve haver.

Modo de repartir os Potros aos Picadores.

OS Potros deſtinados para o exercicio da Picaria devem ſer repartidos aos Picadores pela maneira ſeguinte.

A primeira vez que os Potros entrarem no Picadeiro para os principiarem a deitar á guia, o Meſtre tomará huma moeda, que tenha o retrato de ElRei; e dando-a ao primeiro Ajudante ſeu immediato, eſte a deitará para o ar: ſe ella ficar com o retrato voltado para ſima, pertence aquelle Potro áquelle Picador para o diſpôr, e trabalhar; e ſe a moeda não ficar com o retrato voltado para ſima, o Picador, que for immediato áquelle, que já deitou a ſorte, pegará na moeda, e fará o meſmo: e aſſim os mais até ſe diſtribuirem os Potros por todos os Picadores em igual numero. Iſto ſe deve fazer deſte modo, para que os Picadores não ſe queixem de que o Meſtre eſcolhe todos os melhores Potros para hum, e deixa os outros mais inferiores para os mais diſcipulos; e para que elles fação maior diligencia para ſe adiantarem, e aos Potros, que lhe pertencerem, he bom pelas cauſas ditas, que ſe repartão aſſim os Potros; pois não he juſto fazer o Meſtre mudar de Cavallos áquelles diſcipulos, que já tem conhecimento da Arte; porque deſte modo nem elles forcejão por ſe adiantarem a ſi, nem os Potros em que andão.

Deſcreve-ſe a ordem, com que alguns Soberanos de Portugal montárão a cavallo para entrar de Eſtado em algumas Povoações.

QUando ElRei montar a cavallo para entrar de Eſtado em alguma Povoação, devem os Cavallos, em que hão de montar as Peſſoas Reaes, o Eſtribeiro Mór, o Aio de ElRei, os Camariſtas actuaes de ElRei, e Principe, os dos Aios, os dos Camariſtas de Suas Altezas, os do Eſtribeiro de ElRei, os do Meſtre da Picaria de ElRei, os dos Meſtres da Picaria, ou Picadores de Suas Altezas, ſer conduzidos pelos moços da Eſtribeira para o lugar, em que ha de ſer a cavalgata; e ao meſmo ſitio, mas ſeparadamente, devem ſer conduzidos pelos moços da Cavalhariça os mais Cavallos neceſſarios ao tranſporte de toda a comitiva, a quem Sua Mageſtade fizer a graça de mandar dar dos ſeus Cavallos.

O Cavallo, em que ElRei ha de montar, deve ſer preparado pelo Meſtre da Picaria; e em o havendo paſſeado, deve dar parte ao Eſtribeiro Mór de que eſtá prompto, para elle dar parte a Sua Mageſtade de que póde montar.

O Eſtribeiro de ElRei mandará chegar o moço do degráo; e tomando-o da ſua mão, o porá ao pé do Cavallo da parte eſquerda: o Meſtre da Picaria fará

chegar o Cavallo ao degráo, pegando-lhe nas caimbas do freio : apôs isso o Estribeiro Mór, quando ElRei montar, lhe metterá o pé no estribo, e o ajudará a montar. O Estribeiro de ElRei deve segurar o estribo direito, e a elle pertence, se for preciso, levantar, ou abaixar os estribos.

O Conde de Viana o praticou assim com o Senhor Rei D. Pedro II., quando Sua Magestade entrou de Estado em Aldêa-gallega.

O Moço da casa dos arreios deve ser hum sujeito distincto : elle deve descubrir a sella do Cavallo, em que ElRei ha de montar, e dar o teliz, e a capa ao moço da estribeira, e este deve ir montar a cavallo, levando o teliz bem sobraçado : o moço da casa dos arreios a pé, e descuberto deve acompanhar do lado esquerdo de ElRei pela parte de dentro da ala dos moços da Camera ; e se houver quebramento de redea, loro, cilha, ou rabicho do Cavallo, em que vai Sua Magestade, a elle pertence concertallo, e fazer apromptar quantos arreios forem precisos em taes casos.

O Estribeiro Mór, o Mestre da Picaria, e o Estribeiro de ElRei devem ir praticar as mesmas acções com o Principe; e depois delle montar, irão tambem montar a cavallo.

O Mestre da Picaria fará chegar o Cavallo, em que ha de montar o Estribeiro Mór, passeallo-ha se for preciso, e pelas caimbas do freio o deve conduzir ao degráo, e hum Picador segurará o estribo direito; e senão o houver, então o moço da estribeira descuberto segurará o estribo direito, o ajudante immediato ao Mestre deve segurar as caimbas do freio, e o Mestre lhe metterá o pé no estribo, e ajudará a montar o Estribeiro Mór, que irá para o pé de ElRei ao lado direito, seguindo-o hum pouco mais atrás.

Logo que o Estribeiro Mór desoccupar o degráo, póde o Estribeiro de ElRei mandar ao moço da estribeira que chegue o Cavallo ao montadouro para elle montar, e o moço do degráo logo depois disso o deve desarmar, e cubrir para o transportar para onde Sua Magestade se ha de ir apear. O Mestre deve acompanhar atrás do Estribeiro Mór, e os mais Picadores irão cada hum occupar o lugar que lhe corresponde.

Os Camaristas dos Senhores Infantes, não tendo Suas Altezas Estribeiro Mór, devem acompanhar á direita Suas Altezas ; e o Mestre da Picaria, ou Picador, que os for servindo, á esquerda, como já dissemos se deve praticar com Sua Magestade.

Os Senhores Infantes devem ter Estribeiro Mór, e Estribeiro, que os sirva pelo mesmo modo em semelhantes funções, como temos dito devem ser servidos Sua Magestade, e o Principe; e quem lhes sirva de Mestre da Picaria, e de moço da casa dos arreios.

O Estribeiro de ElRei segue-se logo immediato ao ultimo Camarista de Suas Altezas, e a elle os Estribeiros de Suas Altezas : ao ultimo Estribeiro de Suas Altezas segue-se o Sota-cavalhariço de ElRei, e a elle os Sotas de Suas Altezas, e logo os moços da Estribeira, que conduzírão os Cavallos, em que vão montados Sua Magestade, e Suas Altezas. Vai o Estribeiro de ElRei naquelle lugar

gar para determinar ao Sota, e moços da Estribeira, e Cavalhariça o que devem fazer.

Posta a comitiva toda a cavallo, tomando os Officiaes da Casa, os Grandes, Nobreza, e os mais os seus respectivos lugares, o Magistrado da Povoação revestido das insignias, que lhe pertencerem, presidido do Alcaide Mór da dita terra, se encaminhará para onde está Sua Magestade. Elle, ainda que seja Principe do sangue Real, fará as continencias a Sua Magestade, como Chefe daquelle Povo: após isso pegará no guarda-faceira do Cavallo, em que ElRei for, e assim o irá conduzindo até ao lugar, em que ElRei se apear.

Quando o Alcaide Mór faz a primeira continencia, toda a Corte se descobre; e o Senhor Rei D. Pedro II. tirou o chapéo quando entrou em Aldêa-gallega, servindo o Excellentissimo Duque de Cadaval de Alcaide Mór; então o Duque conduzio o Cavallo, em que ElRei hia montado, até se apear.

Em o Alcaide Mór pegando no guarda-faceira, sendo dos Grandes do Reino, ElRei o manda cubrir, e logo se cobrem todos os Grandes da Corte; e dos que não fazem o corpo da Corte, só o Estribeiro de ElRei se cobre até chegar ao lugar, em que ElRei se ha de apear, que sempre costuma ser em pouca distancia do lugar, em que se fez a cavalgata.

Quando Sua Magestade se apear, o Estribeiro Mór, o Mestre da Picaria, o Estribeiro de ElRei, e o moço da casa dos arreios devem praticar o mesmo serviço, que praticárão quando Sua Magestade, e Altezas montárão a cavallo.

Não fallamos dos mais lugares pertencentes a outras Personagens, porque não dizem respeito á Arte, de que tratamos.

Finalmente o que digo sobre a nobreza desta Arte, e sobre esta materia eu o poderia justificar pelos costumes dos Persas, dos Gregos, e dos Romanos, se elles não ficassem tão remotos aos nossos tempos: satisfaço-me porém com mostrar, ainda que succintamente, que os Authores, que della tratão, são pessoas Illustres, e da mais avultada grandeza, e que estes costumes forão já praticados nas Academias de França, de Napoles, e de Alemanha, e assim nas funções particulares, e públicas, que alguns Soberanos deste Reino já algumas vezes fizerão.

LIVRO II.

ARGUMENTO.

Moſtra-ſe o modo, com que ſe devem repartir, e tratar os Parques: como ſe devem fazer as raças, recolher, e tratar os Potros, e as Egoas: nomes das cores dos Cavallos: nomes dos ſinaes, que devem ter os bons Cavallos, e quaes os nomes dos máos, de que ſe deve fugir, ſegundo a opinião dos melhores Authores, e creadores de raças; e as obſervações, que ſe podem fazer para conhecer as idades dos Cavallos, com huma breve noção das partes externas, e internas, de que ſe compõem os ſeus corpos, &c.

HE ſem dúvida ter o Supremo Creador de todas as couſas dado a todos os animaes de huma meſma eſpecie ſemelhantes movimentos, ſemelhantes preſtimos, e ſemelhantes obras; e dahi vem que os bogios são huns aos outros ſemelhantes nas galanterias, os cães nas habilidades, e os Cavallos nos ſeus movimentos, &c. Elles quando são Potros, nos moſtrão, brincando no campo, com os ſeus ſaltos, e diversões, qual ſerá a ſua natural inclinação, como obſervou o Marquez Duque de Newcaſtle, e outros curioſos creadores de Cavallos; porque elles quando ſe alegrão, além de andarem pelo campo a paſſo, de trote, e de galope, ſaltão, e tomão neſtes ſaltos hum ar correſpondente á ſua natural propensão, e á ſua conſtrucção, formando huns nos ſeus ſaltos as curvetas, outros as paſſadas, as garupadas outros, e finalmente as cabriollas, &c. porque na ſua eſtructura, e articulações diſpoz o Supremo Artifice a máquina dos ſeus corpos com milhares de differentes operações, que os conduzem áquelles infinitos, e galantes movimentos, como ſe vê na ſeguinte

ESTAMPA II.

Dos Potros no campo.

MOſtrando pois a Omnipotencia Divina a ſua idéa mais prodigioſa na producção dos brutos animados, que em todas as outras couſas inſenſiveis pela maior ſemelhança, que tem com o Homem, ſendo eſte a obra a mais perfeita que

Estampe 2 pag 20

ſahio da Omnipotente mão : com tudo o Cavallo não tem liberdade , nem verdadeiro juizo : os ſeus movimentos são meramente eſpontaneos , como pelo decurſo da lição hei de moſtrar ; e para fazer pôr em acção natural todos os movimentos, que áquellas máquinas permittio de propriedade a Superior Providencia, usárão os homens por força de diligencias , de toques externamente applicados para conduzillos áquellas acções , que elles podem fazer. Antes porém de tratarmos do modo deſtes toques, e ſuas applicações, eu me proponho dizer como ſe devem fazer as raças, crear, recolher os Potros, e diſpollos para a lição, por me parecer juſto não deixar em ſilencio eſtas fórmas, e conhecimentos da ſua propagação, pois não havendo Cavallos, não póde haver Cavalleiros.

Os Principes da Perſia eſtabelecêrão raças , ou caudelarias, para que os ſeus paizes abundaſſem de bons Cavallos. O Sofi tinha grandes caudelarias , e eſta era huma das couſas a que extremoſamente applicava os ſeus cuidados. O meſmo fazião todos os Grandes, e Nobreza daquella parte do Mundo , e por iſſo conſervárão por largos tempos tão boas caudelarias , ou raças , que cada hum procurava por competencia fazellas chegar ao ſummo auge da maior perfeição , que ſe podia alcançar ; e em premio deſtas fadigas , poſſuião ſem contradicção os melhores Cavallos. As honras mais diſtinctas, que o Rei, ou o Sofi concedia naquelles tempos aos vaſſallos, era o poderem andar a cavallo , pois que ſem iſſo não podião entrar com a Nobreza da Corte nas funções mais públicas , e ſolemnes do Soberano , o qual para adiantar as raças ſe dignou fazer eſtas mercês a qualquer particular, que fizeſſe certo, ou moſtraſſe ſuſtentar cento e vinte Egoas creadeiras.

Os Gregos , porque forão os primeiros em os imitar , forão igualmente os primeiros bem inſtruidos na cultura das raças, e creações dos Cavallos, como tambem na Arte de montar a cavallo.

D. Fernando III., Rei de Heſpanha , em todas as ſuas grandes batalhas conheceo, e vio que quem o conſtituíra vencedor, e o fizera gozar de tão completas victorias fora o corpo da ſua Cavallaria , com o qual elle ſe esforçou , e conſeguio expulſar os Mouros de Cordova, Murcia, Sevilha, Jaen, e Baeça, em cujos terrenos eſtabeleceo as excellentes raças dos admiraveis Cavallos , que todos ſabem tem produzido aquellas regiões: e tanto foi o ſeu cuidado, applicação, e diſvelo no augmento da Tropa, que nos trinta e quatro annos do ſeu Reinado conſeguio ter hum exercito de nove mil Cavallos de Tropas regulares , além dos auxiliares dos vaſſallos: forças para aquelles tempos grandes, e com as quaes fez chegar os Mouros á mais alta conſternação, aos quaes elle moſtraria ſem dúvida o vigor das ſuas forças na execução do formado projecto para a conquiſta de Marrocos , ſe a morte não lhe embargaſſe , e roubaſſe em 30 de Maio de 1252. com a ſua ſuſpirada vida a gloria deſta empreza , como ſe deixa ver da ſua Chronica folh. 388. , e da Hiſtoria Chronologica de Caſtella folh. 288. , e no ſeu tempo ſe principiárão a formar, e aperfeiçoar as raças na Andaluzia , Jaen , e Baeça , que produzírão ſempre muitos, e muito bons Cavallos.

D. Affonſo o Sabio ſeu Filho tambem alcançou dos Mouros não poucas victorias ; porque elle não ſó conſervou a Tropa de Cavallaria , que ſeu Pai havia fei-

feito crear, porém augmentou-a grandiosamente, e escreveo Cartas firmadas do seu proprio punho a todos os Principes, e Ricos homens dos seus Dominios, a fim de applicarem os seus cuidados á producção das caudelarias, e raças. Este mesmo systema tem seguido os seus Successores até ao presente, fazendo toda a diligencia porque os seus dominios abundassem de bons Cavallos, e boas creações de Machos, de quem os Póvos seus vassallos adquirem consideraveis utilidades com os Estados confinantes: e nós vemos ainda hoje de Hespanha chegar a Portugal todos os dias grandes quantidades de Cavallos, e Machos transportados, de que os Hespanhoes percebem avultadas sommas.

O mesmo fazião na França, até que Luiz XIV. no anno de 1660., no qual casou com Maria Teresa de Austria, indagando os direitos, que se havião pago dos Cavallos, e Machos, que se tinhão comprado para o seu serviço, para o das suas Tropas, e dos seus vassallos, e achando que montavão á quantia de oito milhões de libras tornezas, então este grande Rei applicou o seu cuidado a que pelos seus Dominios se fizessem boas creações de Cavallos, e Machos, dando aos seus vassallos muitos privilegios, e escrevendo do seu proprio punho a todos os Magistrados, Cameras, e Sujeitos mais distinctos dos seus Reinos, para que interessados, quanto lhes fosse possivel, na producção destes animaes, e augmento das caudelarias, evitassem a extracção de tantas, e tão copiosas sommas, que diariamente se transportavão para Hespanha.

Nos tempos deste grande Monarca he que a França se vio verdadeiramente elevada ao maior auge; e as caudelarias, e procreações dos Cavallos, e Machos forão em tal quantidade, que no anno de 1715., em que ElRei faleceo, já aquelle Paiz abundava tanto na propagação dos Cavallos, e Machos de boas raças, que não só não precisava dos de Hespanha, mas antes; além do fornecimento, que se empregava nas suas Tropas, a mesma França podia sem objecção deixar sahir hum grandissimo numero destes animaes.

Transcreverei aqui huma das varias cartas, que este Rei escreveo de sua propria mão, como consta da sua Chronica pag. 274., aos principaes Senhores, e Cameras dos seus Estados, porque nella se deixa ver bem claramente os cuidados, que o occupavão a respeito das caudelarias, e o amor, com que animava os seus vassallos, &c.

Carta de Luiz XIV. aos Magistrados, e Grandes dos seus Dominios.

„ EStando Eu bem informado pelo meu Estribeiro Mór do cuidado, com que „ os Gentís-Homens, Cameras, e Magistrados dos meus Dominios se inte„ ressão em fazer produzir, e adiantar o restabelecimento das raças dos meus Ca„ vallos, como huma das cousas, que Eu tenho no meu maior cuidado, agradeço a „ todos os meus vassallos este bom serviço, e peço a Deos os tenha na sua santa „ guarda. Escrita em S. Germain aos 30 de Maio de 1669. = Luiz. = „

Este grande Rei nos 72 annos, que durou o seu Reinado, venceo esta, e outras

tras grandes coufas, que premeditou, talvez por fer tão dilatado o tempo do feu governo.

O Senhor D. João o I. de boa memoria, e feu Filho o Senhor D. Duarte o Eloquente, Reis de Portugal, fizerão confideraveis diligencias por eftabelecer nos feus Dominios raças, e creações de bons Cavallos, e Machos, não fó para o feu Real ferviço, e adiantamento das fuas Tropas, como tambem para a utilidade dos feus vaffallos, concedendo para efte fim privilegios aos que bem fe applicaffem ao defempenho deftas diligencias.

O Senhor Rei D. Jofé o I., o Pai da Patria, o Agricultor das Artes, e das Sciencias não fez nem menores, nem vãos esforços para o adiantamento das raças: e com effeito pela affidua applicação do Meftre da fua Real Picaria, o Coronel Bartholomeu de Aranda, Homem grande Cavalleiro, e bom cultor de caudelarias, confeguio crear muitos, e bons Cavallos; e chegou a ter tantos, e tão bons, como ha poucos tempos todos fabemos. Eu vi Cavallos de vultos fem dúvida tão proporcionados, e juntamente cheios de tanta nobreza, graça, e boas qualidades, quaes os da Macedonia, tão decantados na Hiftoria.

Sendo efta huma das coufas intereffantes aos Eftados, eu me proponho dizer como fe devem fazer as raças, ou creações de Cavallos, e o que feja muito conducente para dellas fe colher huma boa producção.

Moftra-fe qual feja o tempo mais proprio para as Egoas fe difporem para o acto da geração; e quaes fejão os Cavallos melhores para Garanhões.

AS Egoas todo o anno podem ufar do acto venereo na conjunção das Luas, porque a natureza não lhes fignalou limite, ou termo huma fó vez no anno, como a outros brutos; mas Ariftoteles, e Plinio com outros de bom fentir, dizem que o tempo, em que fe logra melhor a difpofição das Egoas, he do Equinoccio da Primavera até ao Solfticio do Eftio: e fem dúvida o tempo mais proprio para o lançamento he de Março até Junho.

Os melhores creadores fempre cuidárão muito em procurar que os Cavallos pais, ou Garanhões foffem das melhores qualidades, que fe pudeffem achar, perfuadidos, e com razão, de que de hum máo principio fe não feguiráõ fenão máos effeitos, e perniciofas confequencias: e ordinariamente fuccede que os defeitos, e enfermidades, a que eftão fujeitos os corpos dos Potros, ou Cavallos, lhes vem pela maior parte dos defeitos dos pais, e culpa da geração; e ninguem deve efperar que de Cavallos arruinados, e de ruim cafta fe produzão Cavallos sãos, finos, e bons; por iffo he muito conveniente que os Garanhões, além de ferem de hum bom tamanho, talhe, e côr, fejão de huma raça purificada, e diftincta, coftumada a produzir bons, e bem affignalados Cavallos.

Em Hefpanha fe aproveitão de ordinario para Garanhões dos Cavallos de Andaluzia, de Arangués, de Obeda, Baeça, da Mancha, e Cordova, por ferem cheios de muita nobreza, e graça: elles pela maior parte são bemfeitos,

tem

tem bom tamanho, e boa côr: são finos, ſenſiveis, e leaes, dotados de grande viveza, e animo: tem de ordinario boa boca: são direitos de pés, e mãos; e elles são finalmente mais livres das paixões, e enfermidades, que são ordinarias aos Cavallos de outros paizes.

A experiencia tem moſtrado muitas vezes que tendo os Cavallos pais enfermidades nas juntas dos pés, e mãos, ellas ſe communicão aos Potros no acto da geração, maiormente ſendo as ſobreditas enfermidades eſpravões, agriões, curvas, ſubcurvas, curvaças, e outras, que deixo de referir, por não ſer prolixo; e poſto que os Potros logo que naſcem não moſtrem eſtas enfermidades, em principiando a trabalhar, elles ſe enchem das ſobreditas moleſtias, por haverem herdado dos pais huma diſpoſição de orgãos propria para ſe fomentarem as referidas queixas.

Os melhores creadores tem innumeraveis vezes obſervado herdarem os filhos dos pais os defeitos, que elles poſſuião, e naſcerem com as meſmas paixões, e enfermidades, ſinaes, e difficuldades dos ſeus Garanhões, ou pais.

Março, Abril, e Maio são os mezes da melhor compleição, que ha em todo o anno. Eſte tempo produz nos viventes terreſtres, principalmente nos Cavallos, hum humor ſanguineo, quente, e humido da melhor compleição de todos os humores, e tambem produzem naturalmente os campos herva com abundancia: eſte he o ſuſtento proprio das Egoas, e que lhes faz creſcer, e nutrir huma boa cópia de ſangue, preciſo para a natureza ſe preencher de força neceſſaria para a producção, pois com o calor interno, que lhes fomenta o ſuſtento, e com o exterior calor do tempo, então aſsás benigno, vem as Egoas a diſpôr-ſe bem para o acto da geração.

Em Junho, Julho, e Agoſto já são as Egoas dominadas de hum humor quente, e colerico: a eſtação rigoroſa do tempo conſome com o ſeu ardor, e ſeccura as hervas, e paſtagens dos campos, e alcança tambem a fazer hum poderoſo effeito na humidade das crias no ventre das mãis. Se as Egoas produziſſem, ou pariſſem neſte tempo, ellas terião pouco leite para alimentar os ſeus fetos por naſcerem em huma eſtação mais ſecca, e rigoroſa, em que os campos eſtão deſpidos de hervas, e de paſtagens.

Nos ſeguintes tres mezes de Setembro, Outubro, e Novembro he nas Egoas mais difficultoſa a diſpoſição para a geração, por ſer o tempo, em que ellas ſe achão dominadas de hum humor melancolico, frio, e ſecco comparado ao elemento da terra, no qual de todo ſe acaba nos campos a paſtagem, por ſer já inverno, haver pouco calor, e muita frialdade na terra, pelo que ſe faz improprio eſte tempo para as Egoas ſe diſporem para a geração.

Dezembro, Janeiro, e Fevereiro he tempo frigido, e eſteril, ſem mantimentos, ou paſtagens, e nos campos ha grande frialdade: por iſſo neſta quadra, ou eſtação domina tanto nas Egoas o humor fleumatico, que he frio, e humido, e como tal comparado ao elemento da agua. Eſta frialdade attenua a actividade propria para a diſpoſição da geração; e a próvida natureza ſe diſpõe de Março até Junho, por ſerem eſtes tempos benignos, e temperados, então os campos abundão em paſtagens. Eſtes mezes forão ſem dúvida nos noſſos climas ordenados pela

von-

vontade do Eterno Ser, para que a Natureza exercite na maſſa ſanguinaria o dever natural entre o macho, e a femea. Ella he huma cauſa prima, e univerſal, porque do ajuntamento do macho, e femea ſe faz, e compõe eſta maſſa oriunda dos quatro humores, que vivificão as máquinas dos corpos dos Cavallos.

A Superior Providencia ordenou que a Natureza formaſſe, e organizaſſe daquella maſſa hum corpo, ſem que nada lhe faltaſſe do que lhe foſſe pertencente, tanto no interior, como no exterior; e depois de ſe achar aſſim ordenado, organizado, e formado com todas as partes, que o conſtituem perfeito, ſegundo a ſua eſpecie, ſe lhe infundiſſem os eſpiritos animaes, ou vitaes, e fique o meſmo corpo eſperando que a potencia, e a natureza o aperfeiçoem, e fação ſahir daquelle clauſtro, em que ſe tem creado.

Moſtra-ſe o modo como ſe gera, e nutre o Potro no ventre da Egoa.

TOdos ſabem que hum Potro no ventre da Mãi anda mettido em hum como ſacco, eſte he formado de muitas membranas: a primeira he delicada, e tranſparente; a ſegunda he mais groſſa, chamada *Chorion*: depois pela parte debaixo do corpo do Potro ha huma pelle eſponjoſa, que lhe ſerve como de colchão, talvez para o livrar das pancadas, que no utero da mãi póde receber. Ha mais no ventre da Egoa a *Placenta*, e outras membranas, que cércão o corpo do Potro.

Na primeira membrana delicada, porém fechada por todas as partes, ſe fórma o corpo do Potro, e vive nadando em hum liquido, que depois de ter concorrido para o formar, concorre tambem para elle ſe nutrir. A ſua poſtura he encurvada, de maneira, que tem os pés junto da boca, as mãos encolhidas, e aſſim eſtá todo em hum arqueado; porém eſta poſtura ſe muda, e deſenvolve no tempo vizinho ao parto. Deſta ſorte elle não reſpira por modo algum; e por iſſo os boſes do Potro, quando naſce morto, lançando-ſe na agua, vão ao fundo; a cauſa he, porque como nunca ſe enchêrão de ar, não ſe dilatão as ſuas poroſidades, e ſe achão, como eſtão dentro do ventre, muito denſos, e pezados.

Nutre-ſe o Potro no ventre da Egoa, mediante o canal umbilical; como hum pomo unido á arvore, que por huma collecção de fibras percebe o ſucco, e o ſuſtento: aſſim elle dentro do ventre eſtá unido á mãi pelo canal umbilical, e por elle ſe nutre, e percebe a ſubſtancia para ſe formar, e creſcer. Eſte canal ſe compõe principalmente de huma veia grande, e duas pequenas arterias: entre ellas vai o Ovraxo, que he huma veia, que naſce da parte ſuperior da bexiga do Potro: vem ao embigo, e juntamente com as arterias prende na região ſuperior da Placenta do ventre da mãi.

Aſſim ſe nutre o Potro, ſem que nelle haja parte, em que ſe prepare o alimento, ſómente com o ſangue, e ſubſtancia, que ſe lhe communica pelo Ovraxo, ou vide; e do liquido, em que anda nadando, elle ſe vai aſſim augmentando, e creſcendo.

O ſangue da mãi preparado nos muitos vaſos, e filtros, que ella tem na Placenta, entra pela veia umbilical do Potro, e vai direito ao figado, donde paſſa ao coração; e o reſto, que entra no ventriculo eſquerdo, ſahe pela grande arteria a circular por todo o corpo do Potro, e vem recolher-ſe á Egoa pelas arterias umbilicaes, que torcidas com a veia umbilical, ou vide, ordinariamente ſobem pelo embigo do Potro, e vão por ſima da eſpadua até prender na Placenta da Egoa: e deſta maneira, ſegundo a melhor opinião, he mais provavel que ſe nutre o Potro, e circúla nelle o ſangue. Iſto ſe tem obſervado em muitas anatomias; com a differença porém de que a huns Potros lhes vem o Ovraxo, ou vide do embigo pelo lado da eſpadua direita, e a outros pelo da eſquerda; mas ſempre a vide ſe conduz da Placenta ao embigo do Potro.

Logo que o Potro naſce, o ar lhe entra pela Trachea, e todas as poroſidades do bofe ſe dilatão, quando elle principia a reſpirar, e então o ſangue todo, que eſtá nas veias pulmonares, ſe recolhe ao coração, e fica mais deſembaraçado o lugar, que elle occupava nas pulmonares. O ſangue, que vem á auricula eſquerda, por ſer o canal mais largo, he mais copioſo, e pulſa com mais força, porque já os bofes tem movimento.

O liquido, em que o Potro nada, tambem faz com que elle eſteja defendido da oppreſsão do utero. Eſte liquido facilita o parto, e humedece todas as fibras da vagina para dilatar-ſe a uretra, como he preciſo para o Potro poder naſcer.

Moſtra-ſe o tempo que as Egoas andão prenhes, ſegundo a melhor opinião.

AS Egoas andão prenhes doze mezes, pouco mais, ou menos; e ainda que alguns creadores dizem que onze mezes, e nove dias, quanto a mim iſto padece alguma dúvida; e ſegundo a melhor opinião, o mais certo he andarem prenhes doze mezes, pouco mais, ou menos. Salver pag. 197. no ſeu Tratado das Raças tambem diz o meſmo; com a differença porém de lhe parecer ſerem humas mais tardas na ſua prenhez, porque não tiverão no tempo da preparação huma perfeita ſaude, e outras mais temporans, porque tiverão ſempre boa ſaude, e avançárão por eſta, e pelo ſeu temperamento mais a formação das ſuas crias.

A idade, em que as poldras eſtão no bom eſtado de virem a ſer parideiras, de ordinario he dos quatro, ou ſinco annos até aos quinze, ou dezeſeis, pouco mais, ou menos, ſegundo a ſua diſpoſição, e vigor. He preciſo conſiderallas em duas eſtações, como fica notado: pelo Inverno frias, e faltas de potencia, e nutrição; e no principio da Primavera com mais calor, mais vigoroſas, aptas, e promptas para a geração.

As Egoas que pegárão, ou enchêrão na cubrição, devem ſer lançadas em parques muito abundantes de paſtagens, para ſe nutrirem bem, e ſuſtentarem as ſuas crias com abundancia, e com o preciſo vigor. No fim de ſinco mezes, pouco mais, ou menos, deve-ſe examinar quaes são as que eſtão cheias para as ſeparar daquellas, que deixárão de reter, ou não pegárão pelos motivos que ao diante diremos.

He

He difficultofo conhecellas antes, e ainda paffado efte tempo; de forte que os mais curiofos, e experientes creadores fe enganão maiormente com aquellas, que são coftumadas a parir, porque até efte tempo fe conferva fempre o feu ventre na mefma redondeza, e gordura: com tudo eu vou dizer fobre efta materia algumas obfervações, de que tenho noticia, e me parecem mais veridicas.

As Egoas, que eftão cheias, confervão a fua gordura por mais tempo, do que aquellas, que deixárão de reter, maiormente no inverno. Conhece-fe tambem que eftão cheias, quando ellas fogem, e fe retirão das outras, e quando os Potros no ventre fe remechem. Tambem fe conhece eftar prenhes, por moftrarem alguns enjoos ás hervas, a que erão mais affeiçoadas.

Senão fe manifefta por eftes fignaes a prenhez, he neceffario que obriguem as Egoas a que fação algum moderado exercicio, dando-lhes algumas poucas voltas á Guia, fe forem manfas, e depois fazellas conduzir ás cavalhariças; e pondo-lhes a mão na barriga, neceffariamente fe ha de fentir mecher o Potro dentro no ventre.

Se as Egoas forem bravas, devem em hum parque bem plano fazellas dar algumas voltas correndo, conduzindo-as depois ás cavalhariças, ou arribanas, e fazer-lhes as averiguações que já differnos.

Signaes, por que fe conhece eftar proximo o parto das Egoas.

QUando o tempo do parto fe vai approximando, dous mezes antes, pouco mais, ou menos, os bicos das tetas das Egoas fe endurecem, e fe eftendem mais: as fuas ancas depois, e os feus ilhaes fe fazem vafios. Em os guardadores vendo nas Egoas eftes fignaes, devem duplicar o feu cuidado, e vigilancia fobre ellas para foccorrerem aquellas, que forem mais trabalhofas nos feus partos, ajudando-as, e fangrando-as no tempo dos esforços, concertando os Potros, quando elles eftão mal fituados; e fe fentirem que o Potro eftá morto, he precifo fazer promptamente por livrar a mãi, introduzindo-lhe azeite na matriz, e hum vergalho de boi pela boca, de forte que lhe chegue ao Ezofago, para ver fe ella fe esforça, e lança fóra a cria.

No cafo de fe demorar, he bom ufar de remedios proprios para efte cafo. Tambem coftumão atar-lhe hum naftro á cria, na parte que primeiro apparece na uretra, para puchar por ella, e fazella fahir para fóra; mas deve ifto fer feito com muito cuidado, fem puchar de repente, ou com muita violencia: devem fim efperar faça a Egoa algum esforço, e então pouco a pouco puchar pelo cordel; e tanto que a mãi eftiver livre, devem tratalla como fe tiveffe abortado, porque fica afsás perigofa.

Se o Potro principia a nafcer mal, devem indireitallo, untando, quem o concertar, bem as mãos com banha de porco, porque ella ajuda a expellir o feto. Se o Potro eftá morto no ventre, o hálito da boca da Egoa tem máo cheiro, porque o feto fe corrompe com muita facilidade.

Se a Egoa pare fem grande cufto, apparece o Potro na vagina direito; e fazendo a Egoa alguns esforços, ao mefmo tempo rebentão as membranas que o li-

gão, e embrulhão dentro do ventre, e elle nasce, sahindo com elle alguma quantidade daquelle liquido, em que foi creado: a mãi o lambe em quanto elle está deitado; mas logo que os bofes principião a enfartar-se do ar, e o sangue das pulmonares a fazer o seu gyro, o Potro se levanta, e segue a mãi.

Aristoteles, e outros Filosofos dizem, que quando o Potro nasce, traz pegada na testa huma pequena porção de carne, a que chamão *Hippomanes*, a qual a mãi lhe arranca com os dentes. Deste dito Hippomanes dizem tambem muitas virtudes, as quaes eu tenho por ficção, de que se servião para ornato das suas allegorias: motivo, pelo qual deixo de tratar desta materia.

Trata-se do modo de repartir o terreno dos Parques, e da quantidade de cabeças, que elle póde sustentar.

PAra se formar huma Raça, ou creação de Cavallos, he preciso ter quantidade de Egoas parideiras, e Cavallos, que fação multiplicar a producção dos Potros: feito o cálculo do terreno, em que pertendem formar, e estabelecer a raça, devem proporcionar a elle o numero de cabeças, que póde com abundancia sustentar. De sorte, que aonde se podem sustentar sinco bois, podem crear hum Potro, ou Egoa: assim aonde se podem sustentar cem bois, podem crear até vinte e oito, ou trinta Potros, ou Egoas. Devem-se com as Egoas, e Potros crear bois, e vacas, porque estes conservão o terreno, e gostão de comer a herva grande, e os Cavallos, e Egoas gostão mais da herva tenra, e curta.

O lugar destinado para estabelecer as raças deve ser repartido em varios, e grandes parques, cercados de vallados, muros, ou estacadas, que embaracem a passagem de huns para outros. Os parques destinados para as Egoas pastarem, quando estão prenhes, devem ser abundantes de pastagens; e da mesma sorte aquelles, em que andarem as que derem leite aos Potros: faço esta recommendação, para que tanto as que estão prenhes possão nutrir bem os seus Potros, como as que estão creando possão ter bastante leite para nutrirem as suas crias, porque deste primeiro sustento provém muito aos Potros a sua boa creação, e as qualidades de membrudos, e vigorosos.

D. Garcia Xemenes de Haro, Estribeiro de D. Garcia IV., o Valente, Rei de Navarra, diz pag. 78. no seu Tratado das Raças, que os Potros precisão tanto de ser bem alimentados no ventre da mãi, como depois de nascidos ser a mãi bem abundante de boa qualidade de leite, para elles bem se crearem, e se pôrem no estado de se nutrirem vigorosamente, e serem na contextura de todos os seus musculos fortes, e sensiveis. E pag. 89. affirma que o Potro, ao qual no ventre da mãi faltar o bom, e preciso sustento, ou ella tiver máo leite para a sua creação, elle será pouco igual de todos os ligamentos do seu corpo, e terá pouco espirito, e por consequencia será pouco sensivel. A natureza dispõe como mestra a máquina do corpo do Potro; e logo que por falta de alimento a mãi tiver poucas forças para nutrir, e prestar á sua cria no ventre o preciso vigor, o Potro nascerá com pouco alento, ou folego, pouca actividade, e pouca vista. Isto mesmo diz Salver o melhor

lhor agricultor das creações de Cavallos, que Luiz XIV., Rei de França, fez eftabelecer nos feus Reinos, a pag. 26. do feu Tratado das Raças.

As Egoas, que não eftão prenhes, não devem andar mifturadas com aquellas, que o eftão, porque facilmente lhes podem dar alguns couces, que as fação abortar, e por iffo devem andar feparadas.

Se no mez de Fevereiro fe acharem as Egoas muito gordas, então as devem paffar a hum parque, em que hajão menos paftagens, e deixallas nelle andar até diminuirem da fua demaziada gordura, para que no tempo do lançamento eftejão mais aptas para o acto de geração.

As Poldras novas podem andar juntamente no mefmo parque, em que andão as que não andão prenhes. Os Potros porém devem andar feparados de humas, e outras Egoas, e da mefma forte os caftrados; porque os inteiros de dous para tres annos já fazem muita diligencia por cubrir as Egoas: nefte cafo elles tomão muito cio, e fe tornão muito fracos; e os caftrados, fazendo esforços inuteis, atormentão as Egoas fem effeito, e affim huns, e outros fe arruinão muito da fua garupa, e curvilhões.

Moftra-fe qual feja o terreno mais proprio para crear os Potros.

OS parques, em que fe hão de crear os Potros depois de feparados das Egoas, devem fer de hum terreno afpero, e montuofo, mas que tenha huma quantidade de paftagens fufficientes para os fuftentar com abundancia, fem os engordar muito; porque affim como o precifo fuftento os nutre, fuftenta, e cria bem fortes, affim a demaziada abundancia os engorda extraordinariamente, e lhes faz o fangue efpeffo, vifcofo, e fleumatico, e por confequencia difpofto para fe corromper, e motivar nos Potros graves moleftias: pelo contrario o precifo fuftento conferva no Potro o feu fangue delgado, e efpirituofo, e por iffo mais proprio para fuftentar, e fortificar todos os feus membros, porque então elle fe diftribue, e gyra com mais vivacidade, e facilidade por todos os conductos do corpo do Potro.

Os Potros, que são demaziadamente nutridos nos paftos, de ordinario são faltos de vigor: tem a cabeça, e os pefcoços groffos, a vifta fraca, as efpaduas carnofas, maiormente fe o terreno do parque he de terra fria, ou alagadiça: ao contrario, fe o parque, em que andarem os Potros tiver partes montuofas, e afperas, elles terão bons cafcos, e muito defembaraço, ou ar nas fuas efpaduas. Advertindo que eu não quero dizer nifto, que os criem com fome, pois em tal cafo não lhes fervirá o ferem de boa raça haverem fido bem creados, e lacteados por boas Egoas, antes a fome os tornará fracos, pequenos, e incapazes de bom ferviço.

Os Potros de huma figura delicada, e fina, creados em terrenos afperos, mas abundantes de paftagens, de ordinario tem mais graça, e defembaraço nos movimentos das fuas efpaduas, do que aquelles, que são creados em terras humidas, alagadiças, e planas. Os Potros, que são creados em terras alagadiças, a que chamão frias, tem ordinariamente os cafcos brandos, chatos, e com muitos debruns, a tapa delgada, os talões unidos, as ranilhas humidas, e as palmas cheias: elles

fim

ſim creſcem muito; mas pela maior parte adquirem as más qualidades, que tenho referido, por ſe crearem com hum mantimento debil, e em hum terreno demaziadamente humido, por cujas cauſas elles são ao meſmo tempo faltos de memoria, e actividade prompta nas ſuas ſenſações.

Os Cavallos de Hollanda juſtificão bem o que digo: elles creſcem muito, são de hum formoſo vulto; mas por ſerem creados em humas terras alagadiças, planas, e muito abundantes de fenos, elles são extraordinariamente froxos, tem máos caſcos, padecem nelles muitas moleſtias, tem pouca actividade nas ſuas ſenſações, e são conſequentemente faltos de eſpirito.

Diſſe que os parques das raças devem ter divisões, não ſó pelas cauſas, que temos ponderado, mas tambem para elles ſe poderem concertar, e reparar do damno, que os Potros, e Egoas nelles fazem. Diſſe tambem que os bois são bons para a reparação deſte damno, e que elles cortão a herva alta para rebentar junto á terra, por ſer aſſim que os Potros goſtão mais della: a ourina dos Cavallos, e Egoas enfraquece o parque, ao qual tempera, e torna fructifero o excremento, e ourina dos bois: o dos carneiros, e ovelhas he igualmente bom para o temperamento das terras, que arruinárão os Cavallos; porém preciſa ſer bem miſturado com ellas, e os Potros eſtarem ſeparados daquelle terreno, ou parque, em que os carneiros andárão pelo menos quatro mezes, porque antes diſſo o terreno não produzirá bem; além de que os Cavallos, e Egoas aborrecem muito o excremento dos carneiros.

Na Hollanda, e na baixa Normandia, quando os Senhores de terras as arrendão, huma das condições do arrendamento he, que os rendeiros não poſsão crear mais de dez, ou doze Potros naquelle terreno, em que ſe podem ſuſtentar ſincoenta até ſeſſenta bois. He bem certo que o terreno ſe conſerva na ſua bondade, e ſem damnificação, ſe onde ſe podem ſuſtentar ſinco bois, trouxerem quatro, e hum Cavallo, ou Egoa, que tudo vale o meſmo: e á proporção onde andarem doze, ou treze bois, ſe podem crear dous, ou tres Cavallos, ſem que o terreno ſe arruine, maiormente ſe puderem fazer com que os Potros, ou Cavallos mudem de parque, como temos dito.

Os parques devem ter aguas ſufficientes para dar de beber ás Egoas, e Potros das raças. As aguas de tanques, prezas, e lagôas são para eſte fim melhores, do que as das ribeiras, ou regatos, a quem commummente chamão vivas, porque eſtas muitas vezes fazem dores de barriga nos Potros, as quaes são muito mais perigoſas nas Egoas, que andão prenhes, porque facilmente abortão, e em abortando por eſte motivo, pela maior parte morrem. As aguas que são turvas, por ſe bolirem as prezas, ou lagôas, são boas para os Cavallos, e Egoas beberem, por não lhes fazerem tantas dores de barriga.

As prezas, e lagôas, que crearem muitas ſangueſugas, não deixão de ſer nocivas para bebida deſtes animaes. Em hum ſemelhante caſo não ſerá fóra de propoſito mandar fazer pequenos tanques para de tempos em tempos ſe poderem limpar, e esfregar com ſal, porque iſto deſtroe muito as ſangueſugas, e faz que as Egoas bebão mais, e tenhão mais leite, e os Potros tambem alarguem mais.

De-

Devem plantar-se algumas arvores, que fação boas sombras pelos lados dos lugares, em que estiverem semelhantes receptaculos, para que elles não criem tanta babugem, ou limos com o calor do Sol; e tambem para que os Potros, e Egoas se abriguem á sua sombra dos ardores do estio em tempo calorofo, e da grande perseguição das moscas, que mais os affligem ao Sol, do que á sombra: se bem que ellas, não obstante estas prevenções, perseguem tão vivamente no verão os Potros, e as Egoas, que quasi sempre emmagrecem, principalmente nos mezes de Julho, e Agosto.

Como ha differentes especies de moscas, que neste tempo mordem os Cavallos, e ellas tem diversas fórmas, e feitios, segundo os paizes, em que se reproduzem, eu não me cançarei em tratar nem das suas differenças, nem dos effeitos que costumão causar.

Tambem não devem haver covas, vallas, ou fossos nos parques, em que andarem Egoas prenhes, para que ellas não dem quédas, e abortem. Pela mesma razão se devem arrancar as raizes que as arvores deitão muitas vezes á superficie da terra, e os estrepes, que houver nos parques, não deixando nelles obstaculos, de que se possão occasionar ás Egoas alguns perjuizos.

He igualmente util haverem guardadores destinados para ter cuidado que não aconteção desastres ás Egoas, e aos Potros. Os lobos são acerbissimos perseguidores dos Potros, maiormente em quanto novos: para a sua perseguição se evitar, he bom que os guardadores sejão vigilantes, e tenhão bons rafeiròs, para que os Potros, e Egoas sejão bem defendidos de tão vorazes perseguidores.

Se os parques tiverem arvores silvestres, e brejos abrigados, ou valles com bosques espessos, em que pelo verão se crie, e conserve a herva tenra, e verde, as Egoas, e os Potros gostaráõ muito desta hervagem em tal tempo; e se com este sustento engordarem muito os Potros, he bom mudallos de sitio para parte, aonde se sustentem com feno, &c.

Motivos, pelos quaes deve haver nos Parques arribanas, ou cavalhariças.

NOs parques devem haver arribanas, ou cavalhariças para recolher os Potros, e Egoas, pondo-os ao seu abrigo dos rigorosos frios do inverno, as quaes elles procurão quando são constrangidos da fome, e do frio. Nellas os podem desde logo ir costumando a chegar á manjadoura, onde lhes darão algum feno. Então os podem ir affagando; e querendo elles sahir para o campo, não os devem embaraçar, porque deste modo se vão amançando, para quando os enlaçarem não fazer nelles tanta impressão o recolhellos á cavalhariça. O modo de os affagar será pondo-lhes os moços a mão na testa, e pescoço, por serem estas acções áquellas, que os Cavallos mostrão tem mais em signal de agrado que lhes fazem.

As arribanas são humas estancias cubertas de telhas, ou de colmo com manjadouras por hum, e outro lado, ou pelo meio, sendo que as cavalhariças regulares são melhores para accommodar as raças, porque nellas se podem separar os

Po-

Potros huns dos outros, isto he, os mais fortes dos mais fracos, e assim os mais velhos dos mais novos, para que não se apertem, ou briguem.

Os parques produzem differentes hervas, humas mais, outras menos proprias para sustento dos Cavallos: humas de que elles gostão mais, e outras de que gostão menos. Ha tambem algumas que são venenosas; e segundo o clima, e os Paizes, differentes nas qualidades, e nomes. Em Portugal, em o Alemtéjo dão o nome de trevagem (por exemplo) á mesma herva que em Lisboa denominamos *Anafa*, e no campo de Ourique, e Algarve *Trevo bravo*, porque só differe do Trevo manso em ter a flor azul. Na Beira, e outras partes, aonde a ha, lhe chamão *Balça*.

Por causa destas diversidades deixo de dar os nomes das hervas, que são mais proprias para sustento dos animaes de que tratamos, assim como os dá Colbert no seu Tratado das Raças pag. 94.: só recommendo aos creadores observem que os parques, em que estabelecerem as raças, sejão abundantes de hervagens, em que os Potros gostem de pastar, e comão sem lhes magoar as bocas; pois seja qual for a sua qualidade, a Natureza sempre próvida lhes suscitará assim o conhecimento das que lhes forem nocivas, como o das que lhes são proprias; e ella mesma por effeito da Providencia lhes ministrará todo o vigor preciso para os crear, sustentar, e fortalecer dentro dos seus parques, segundo os climas, onde se acharem estabelecidos.

Podem os creadores, sendo curiosos, fazer produzir com abundancia nos seus parques anafa, avêa, e feno, mandando buscar as sementes, e semeando-as, com especialidade a anafa, porque a sua semente não he agradavel ás formigas; e a sua raiz, tendo sido semeada em terrenos frescos, produz por seis, e sete annos: maiormente se houver cuidado em a fazer ceifar, quando ella está em flor. O feno produz por tres annos; mas precisa ser semeado em terrenos baixos, e frescos, quaes os da Hollanda.

Na baixa Normandia ha huma hervagem, a que chamão *Alfaf*, a qual sendo semeada em terrenos frescos, faz huma producção excellente pelo espaço de oito, ou nove annos; porém a sua semente he perseguida das formigas, e por isso fóra daquelles terrenos, em que se produz por natural costume, se extingue, passado o sobredito tempo, maiormente senão ha cuidado de a tornar a semear.

Modo, por que se devem tratar os Garanhões.

OS Garanhões, que servem para o lançamento, não devem andar pastando soltos nos parques; porque em se encontrando huns com os outros, brigão até se matarem, e não seria facil haver estacada, ou vallado, que os embaraçasse a ir ter com as Egoas, onde quer que as houvesse, ou estivessem, baralhando por este modo todas as raças contra a vontade de seus donos, pelas razões que deixamos ponderadas.

Devem pois os Garanhões estar recolhidos em cavalhariças, e nellas bem pensados, ou tratados para servir a seu tempo. Em lugar de baias costumão alguns In-

Inglezes tapar com taboado de alto abaixo os lugares das cavalhariças, em que eſtão encerrados os ſeus Garanhões, tendo porém cada lugar huma largura, e extensão proporcionada para os poder tirar da cavalhariça, como tambem para elles ſe deitarem, e eſtarem á ſua vontade.

Não deixão de ſer boas eſtas divisões de madeira, porque ellas evitão que os Garanhões ſe maltratem de couces huns aos outros, principalmente no tempo do cio, e que ſe ſoltem, e briguem. Finalmente são boas eſtas divisões tambem para evitar aos Garanhões o coſtume de lançarem as pernas ſobre as baias, e por eſte modo ſe arruinarem nellas.

Não devem os Garanhões ſer muito trabalhados, principalmente quando ſe aproximar o tempo do lançamento, para não lhes extrahir pelo ſuor a ſubſtancia que os póde eſpiritualizar, e fortalecer para o acto do lançamento. Devem ſim paſſeallos pelo decurſo de todo o anno, e dar-lhes hum moderado exercicio, ſem os obrigarem a que ſuem copioſamente, pois o moderado paſſeio ſerve para não ſe entorpecerem, e incharem de pés, mãos, barriga, e grãos.

Continua-ſe o modo de tratar dos Potros.

SErá muito bom, como temos dito, haver huma cavalhariça, onde ſe recolhão os Potros, e hum terreno, em que os vão paſſeando, ou deitando á guia com muita moderação, até que chegue o tempo competente de ſerem recolhidos, e conduzidos ao Picadeiro para lhes porem a cilha meſtra: iſto ſe fará ſe os enlançarem no campo; mas ſe os enlaçarem no Picadeiro, podem conduzillos logo para as cavalhariças, e dellas trazellos á picaria, como digo no ſeu reſpectivo lugar, para os ir diſpondo, e pôr-lhes a ſella, montallos, e principiar-lhes a formar a lição propria ao ſeu preſtimo; ſendo elles porém enlaçados, ſeja no Picadeiro, ſeja no campo, ſempre devem ſer tratados com a maior brandura, e moderação que puder ſer.

Alguns creadores, depois dos Potros recolhidos ás cavalhariças, querem que alli ſe lhes dê verde: outros ſeguem diverſa opinião, e querem que nos primeiros ſete, ou oito dias, que ſe lhes dê ſecco para lhes matar os guzanos, dando-lhes depois verde. Eu não trato dos motivos, que para iſto allegão; porém ſendo os Potros meus, teria bom verde para os ſuſtentar na cavalhariça, quando os enlaçaſſe, e recolheſſe, porque aſſim eſtranhão menos.

Os creadores devem fazer diligencias por terem bons Garanhões, e boas Egoas para as raças produzirem bem, e dellas poderem recolher formoſos, e bem aſſignalados Potros.

Em Portugal commummente chamão Rocins aos Cavallos ordinarios, inteiros, groſſos, e fortes: aos Cavallos finos, que ſe deſtinão para o manejo da Picaria, ſe chamão Cavallos de eſcola, ou de lição. Deſtes ſe deſtinão os melhores para Garanhões, e então lhes chamão Pais.

Aos deſtinados para fazer produzir Cavallos para puchar por carruagens, e coches, chamão Frizões; e tambem por elles ſerem groſſos, nervoſos, e fortes,

 ſe-

femelhantes aos da Provincia de Frife ; e como os pais devem fer os modélos das raças , que os creadores pertendem fazer produzir , elles devem efcolher para ellas Garanhões proprios para a producção que delles pertendem : advertindo que a raça dos Cavallos finos fempre foi, e he a mais eftimada; e por efta razão communmente os creadores bufcão para Garanhões os melhores, mais formofos , e finos Cavallos, que podem alcançar, a fim de que os Potros, e Poldras, que produzirem, participem das boas qualidades do pai.

Devem pois os Garanhões fer de bom tamanho, talhe, e côr, bem proporcionados em todas as partes do feu corpo, de finco, ou feis annos de idade até dezefeis, ou dezoito, fegundo a fua difpofição, fortes, e nervofos; mas com boa proporção , tanto na formofura do feu corpo , como da proporção , e igualdade dos feus offos, mufculos, e nervos; o pello não fó de boa côr, mas fino, e luftrofo, e fem moleftias , que fe pofsão fazer hereditarias pelo acto da geração , para que os Poldros, e Poldras nafção mais viftofos, e com menos enfermidades.

Trata-fe das qualidades, que fazem os Cavallos mais proprios para Garanhões.

SÃo bons, e proprios para Garanhões os Cavallos Perfas, Arabes, de Andaluzia, de Cordova, de Arangués, de Ubeda, de Baeça, de Napoles, de Marrocos, de Inglaterra, que são da raça dos Arabes, e os Corredores ligeiros de Polonia, e da baixa Normandia.

Os Cavallos Perfas são excellentes; porém o muito que de nós eftão remotos nos embarga, e impede os meios de os podermos ir bufcar para efte fim.

Dos Cavallos Arabios.

OS Cavallos Arabios são finos, flexiveis, e tem boa boca: são muito corredores , e cuftão muito caros : elles fem dúvida mifturados com as Egoas de Hefpanha , e Portugal farião huma raça de bons Cavallos muito proprios para o manejo, para a caça, e para a guerra.

Dos Cavallos Andaluzes.

OS Cavallos Andaluzes, Cordovezes, os de Arangués, Ubeda, e Baeça, fendo elles das raças diftinctas , e bem cultivadas deftes Paizes , produzem, mifturados com as Egoas Portuguezas, Potros, e Poldras de bom talhe, finos, fenfiveis, e muito proprios para a lição ; porque além das boas qualidades , que deixamos notado , os Cavallos de Hefpanha tem boa memoria , e são de hum genio muito fiel. La Guerinieri pag. 29. , e Newcaftle pag. 23. são tambem defta opinião.

Dos Cavallos Marroquianos.

OS Cavallos Marroquianos misturados com as Egoas Portuguezas produzem Potros, e Poldras de bom talhe, viveza, e disposição; mas de ordinario elles tem as queixadas grossas, e juntas, e por consequencia tem a boca grossa, sendo que a volta do pescoço, e mais feitio do corpo he pela maior parte delicado, e vistoso.

Dos Cavallos Inglezes.

OS Cavallos Inglezes trazem a sua origem dos Arabes, e tambem são bons: misturados com as Egoas Portuguezas, e Hespanholas produzem Cavallos de hum bom talhe, bem proporcionados, e finos, ainda que alguma cousa faltos de ventre. São bons corredores; e as Poldras são tambem algum tanto faltas de ventre, e por isso menos proprias para a producção das raças, que as filhas dos outros Garanhões, de que tratamos.

Dos Cavallos Napolitanos.

OS Cavallos Napolitanos misturados com as Egoas Portuguezas, e Hespanholas produzem Potros, e Poldras de excellentes vultos; e os Potros são muito proprios para o manejo, e para as tropas; e juntos com aquellas Egoas, que forem muito estofadas, e fortes, produziráõ huns Potros grossos, fortes, e proprios, não só para as tropas, mas ainda para os coches.

Se se fizerem ajuntar os Cavallos Napolitanos com as Egoas de Dinamarca, de Polonia, da Provincia de Holstein, de Ausburg, e Frise, sahirá huma raça de Potros muito formosos para as tropas, e para os coches. As Poldras desta producção ordinariamente são de hum formoso vulto, tem boa caixa de ventre, e fazem huma excellente liga com os Cavallos Andaluzes, Cordovezes, de Ubeda, e Baeça, segundo a opinião de Colbert pag. 17. no seu Tratado das Raças, e as experiencias de Salver pag. 34.

Dos Cavallos Corredores.

OS Cavallos corredores ligeiros de Polonia, e Inglaterra, e da baixa Normandia, misturados com as Egoas Hespanholas, e Portuguezas, produzem huns Potros delicados, sensiveis, e bons corredores; mas as Poldras desta producção são commummente faltas de ventre.

Os Cavallos finos, e bem assignalados são aquelles, em quem concorrem as partes, e perfeições, que ao diante diremos; e ainda que raras vezes se acha hum Cavallo com todas ellas, com tudo aquelle, que participar mais das referidas boas qualidades, deve preferir-se a todos os outros, maiormente sendo de huma raça purificada, distincta, e costumada a produzir bons, e bem assignalados Cavallos, como são ordinariamente as de que temos feito menção.

Quaes são os bons ſignaes, e qualidades, que fazem os Cavallos finos, e viſtoſos.

DEve o Cavallo ſer bem proporcionado em todas as partes do ſeu corpo: ter boa côr, as orelhas juntas huma da outra na parte local da cabeça, e direitas para ſima, e a membrana junto á cabeça, larga, direita, e alguma couſa inclinada para o topete: o pello de todas ellas curto, luſtroſo, e fino, de ſorte que deixe ver bem a ramificação das veias por toda a cutis da parte externa das membranas das orelhas, não tendo eſtas muito talhe, ou volta na ponta: o topete deve ſer comprido para a teſta, não as ſedas, mas ſim aquelle lugar, aonde ellas naſcem: as ſedas do referido topete devem ſer finas, lizas, e luſtroſas, a teſta larga, e ſem grandes covas ſobre os pariataes dos ſobrolhos. As queixadas eſtreitas com proporção no lugar das faces, e bem largas huma de outra no lugar do ezofago, e ganacha, junto ao oſſo axilar, para que a articulação, e a reſpiração não fiquem opprimidas; ou mais propriamente, para que as queixadas por juntas não embaracem ao Cavallo o poder elle voltar-ſe facilmente para huma, e outra mão, ou dobrar bem o peſcoço para huma, e outra parte.

Devem ter os olhos grandes, e claros, alegres, e bem ſahidos fóra, mas ſem difformidade, iſto he, os ſobrolhos, e capelladas não devem ſer muito groſſas, nem os olhos tão avultados, que pareça eſtão ſaltando fóra do ſeu lugar; porque tão máo he ſerem os olhos demaziadamente encovados, como ſahirem com exceſſo fóra das capelladas. As alvas devem ſer bem cheias de côr, ou fogo, de ſorte que ainda quando o Cavallo volta ſobre hum, ou outro lado, não moſtre, ou deixe ver o branco da alva. Toda a diſtancia do focinho que ha dos olhos até ás ventas, deve ſer bem delgada: as eſpinhas das ventas direitas, e eſcarnadas: o pello fino, luſtroſo, e não muito junto, as ventas compridas, largas, e córadas; e quando as abrir para reſpirar, deve moſtrar poucas rugas na parte ſuperior dellas: o bico, ou beiço ſuperior comprido, delgado, e bem agudo na ponta, o beiço da parte debaixo delgado, mas que cubra bem os dentes, e ſe una a elles. Todas eſtas partes da cabeça do Cavallo devem ter a fórma que havemos dito, ſendo ellas bem proporcionadas humas com as outras, aliàs em lugar de concorrerem para fazer o Cavallo formoſo, o farão defeituoſo, e deſagradavel. Os dentes devem ſer bem claros, e bem iguaes, e direitos: a boca eſtreita na largura dos queixos, e raſgada com proporção para a altura das faces, o lugar da barbela eſcarnado com a pelle fina, e o pello bem raro, delgado, e curto.

O peſcoço deve ſer eſtreito no lugar do ezofago, e ganacha, ſendo para o meio da taboa largo, e cheio, e para o naſcimento das crinas falto de carne. A volta do peſcoço deve ſer bem arqueada, para fazer o ſeu naſcimento bem recolhido ſobre as eſpaduas, ao que commummente chamão volta do peſcoço ás direitas. Digo, que o naſcimento do peſcoço deve ſer relevado, e falto de carne junto ás crinas para o Cavallo ter facilidade, e não ficar ſujeito a ter gato no ſeu peſcoço, que he pender o naſcimento das crinas com o pezo da carne mais para huma que

pa-

para outra parte, porque iſto faz defeito ao Cavallo na ſua formoſura, embaraçando-o tambem muito para ſe dobrar com facilidade para aquella parte, para a qual pende mais a carne, ou gato.

A cruz, ou cernelha deve ſer alta, larga, e groſſa, e o ponto da ſua altura deve ſer mais elevado que o ponto da altura da garupa, entre os quadrís ſobre o oſſo ſacro.

As eſpaduas devem ſer bem redondas, iguaes, direitas, e lizas, as duas extremidades dos oſſos dos braços, que fórmão a frente do peito eſcarnadas, junto ao omoplate da palheta, (Eſt. III. N. 27.) e não cheias de ſignaes, quando o Cavallo ſe move, que iſſo indica não ter elle baſtantes forças nas ſuas eſpaduas, nem o preciſo deſembaraço, e agilidade nellas. Os meios das polpas das eſpadoas, (Eſt. III. N. 51.) groſſos, e avultados, de ſorte que as polpas fação as eſpaduas bem redondas no meio, declinando a groſſura da carne para as pontas da frente do peito, e para os codilhos com igualdade.

Os codilhos devem ſer direitos, iſto he, em linha horizontal com a linha tirada perpendicular da ponta da frente da eſpadua á ponta do caſco da mão; porque ſendo os codilhos muito ſahidos para fóra, são as eſpaduas, e os ſeus movimentos defeituoſos; e de ordinario os Cavallos, que tem eſte feitio de codilhos, voltão as pontas dos caſcos muito huma para a outra, a que chamão ſer cravenhos; e ſe os codilhos são muito recolhidos para os ſovacos, os movimentos de todas as articulações dos braços tambem são máos; porque os Cavallos, que tem ſemelhante feitio de codilhos, voltão as ſuas mãos demaziadamente para fóra, a que chamão ſer eſquerdos.

Os peitos devem ſer largos, iſto he, as cartilagens, que ha entre as duas primeiras coſtelas, ou claviculas; e os oſſos dos braços, e eſpaduas devem ſer largas, bem ſahidas para diante, ſem demaziada carne na parte baixa entre as mãos.

Aquelles rodopios, que todos os Cavallos tem ſobre eſtas polpas, ou cartilagens do peito, devem ſer bem compridos, e largos: as canas dos oſſos dos braços groſſas junto ao codilho com hum declive proporcionado para o joelho, e canella.

As polpas das canas dos braços groſſas, muſculoſas, e nervoſas, de maneira que pela parte de fóra ſe moſtrem membrudas, mas bem proporcionadas com as eſpaduas.

Os joelhos devem ſer planos pela frente, e as cabeças da cana, e da canella groſſas por hum, e outro lado. O nervo principal da canela do braço, groſſo, e bem enxuto: a cana, e a canela do braço toda bem proporcionada, e liza: as juntas dos travadouros bem enxutas, ſem pequenas groſſuras, ſem garras nos machinhos, nem ſedas groſſas, e compridas na pelle ſobre os nervos, ou muſculos principaes dos braços: os travadouros, ou quartelas, antes curtas que muito compridas; mas de tal ſorte proporcionadas, que nem o Cavallo pareça mal por quarteludo, nem por demaziadamente falto de quartela para ter boas articulações nas mãos, e braços.

O

O pello da coroa do casco deve ser comprido, e derramar-se bem sobre o mesmo casco: a caixa do casco não deve ser mais larga em sima do que em baixo. Os talões devem ser direitos, largos hum do outro, e altos: a tapa, ou cinta do casco, negra, liza, e igual; sendo que tambem póde ser boa, sendo parda, ou listada; mas sempre deve ser a tapa liza, e igual: o calcanhar largo em sima, para os talões serem mais estreitos em baixo, sem com tudo serem unidos: a caixa do casco de huma figura na linha da frente alguma cousa oval, e mais larga em baixo, do que em sima: as ranilhas enxutas, a palma recolhida de huma côr parda, hum pouco mais clara, que a cinta do casco, e sem nodoas sanguineas, ou aquosas, quando se alimpa: finalmente deve o casco ser bem vasio pela palma para ter boa cinta, e soffrer bem a ferragem. As mãos, e espaduas devem ser bem direitas debaixo até sima, para que todos os seus movimentos, e articulações sejão igualmente direitos, e bons.

Os lombos devem ser direitos, e não muito estofados junto ao espinhaço: as costelas largas, lizas, e bem formadas: o ventre largo com proporção, e não muito descahido para baixo: o lugar dos rins lizo, e igual: as ancas bem formadas, isto he, ambos os quartos da garupa redondos, iguaes, e separados com canal pelo meio das ancas: o sabugo do cabo com bom nascimento, curto, grosso, e bem provído de sedas finas, lizas, e lustrosas: os testiculos pequenos: a verga curta: as cochas largas, e bem grossas por dentro, e por fóra; a volta das nadegas pela parte exterior pouco arqueada, para que o Cavallo não seja muito curvo; mas de sorte que não pareça tambem demaziadamente direito: porque o ser muito curvo, faz os movimentos, e articulações da garupa hum pouco fracos; e o ser muito direitos das pernas, faz com que os Cavallos tenhão pouca propensão para recolher a garupa para baixo do corpo: as soldras nas suas musculagens devem ser bem sahidas, e avultadas: os curvilhões direitos, de sorte que os ossos dos jarretes fiquem bem na linha perpendicular do osso da canela, e da tibia: os seus nervos principaes, que passão por detrás das canelas das pernas, grossos, e lizos: os jarretes pequenos, mas bem proporcionados com os curvilhões: os cascos dos pés largos, e com boa tapa: e finalmente as quartelas bem proporcionadas para os Cavallos não serem quarteludos, por ser o travadouro do pé muito comprido, ou tambem não serem topinhos, por ser o travadouro muito curto.

Todas estas boas proporções, e qualidades fazem os Cavallos perfeitos, vistosos, e agradaveis, segundo vemos, e os mais distinctos Authores nos ensinão; mas he preciso que os Cavallos animem todas estas boas partes com hum coração cheio de viveza, huma externa sensibilidade, e huma paixão moderada, que se deixe vencer, e dominar para elles fazerem bom uso das suas naturaes bellezas, e perfeições. He certo que raras vezes se podem encontrar estas boas circumstancias todas unidas em hum Cavallo; porém como todas ellas constituem os bons Cavallos, e os fazem vistosos, e finos, devem escolher-se para Garanhões aquelles, em quem concorrem mais das referidas qualidades, para que os Potros nasção semelhantes aos pais, bem proporcionados, bem assignalados, vistosos, finos, e proprios para servirem bem para o manejo; porque a maior parte dos signaes, e perfeições, de

que

que he bom ferem dotados os melhores Cavallos, fegundo a melhor opinião, ferve, e concorre muito para juftificar o feu preftimo, e a fua bondade, e para que as fuas naturaes propensões fe deixem conhecer na fua primeira idade.

Já deixamos notado que os Cavallos, fendo finos, podem fervir para a cubrição de idade de finco até feis annos; e os Cavallos eftofados, fortes, e muito reforçados, eftão capazes de fervir para efte minifterio em tendo quatro para finco annos: eftes porém acabão, ou cansão mais cedo, porque lhes falta o vigor, e fe conftituem incapazes de fervir nefte exercicio com mais brevidade; e fe principiarem a fervir de fete annos, e os fortes de feis, elles ferviráõ bem até aos dezefete, ou dezoito annos, principalmente fenão adquirirem a moleftia chamada *Pulmoeira.*

Da idade, em que as Egoas eftão capazes de fervir para o lançamento.

AS Egoas, em tendo quatro annos, principião a fervir bem; pois ainda que algumas aluão em tendo dous, ou tres annos, fe concebem, os Potros nafcem fracos, e ellas fe debilitão com exceffo.

Quaes são as melhores cores dos Cavallos pais.

AS cores mais agradaveis, e viftofas são: Caftanho efcuro rodado, Caftanho dourado rodado, Caftanho maduro, Caftanho picarfo, Rabicão, Lazão rodado, Lazão toftado, Lazão dourado, Murzello andrino, Murzello rodado, Murzello malhado de caftanho, Murzello mofquiado, Ruffo queimado, Ruffo rodado de preto: os Cavallos deftas cores communmente provão bem; e pofto que tambem fejão muito viftofos os Caftanhos malhados de branco, os Murzellos malhados de branco, os Pelle de Tigre, os Salmonetes, os Baios rodados, os Baios dourados, eftes ordinariamente são mais viftofos na pelle que no preftimo: advertindo que todas eftas cores devem fer vivas, e luftrofas: o pello do Cavallo deve fer fino, e curto de tal forte, que, em trabalhando alguma coufa, deixe bem perceber as ramificações das veias na fuperficie de toda a cutis.

Das moleftias, que fe communicão dos pais aos Potros.

AS enfermidades, que fe communicão dos pais aos filhos por meio, ou no acto da geração, principalmente são as dos olhos, e a vifta fraca, os defluxos habitaveis, e as queixas dos corvilhões, com primazia os efpravões, os agriões, as curvas, as fobcurvas, e curvaças, &c. Muitos creadores são da opinião que os Potros, e Poldras herdão dos pais o máo genio, e a infenfibilidade do nariz, boca, e ventre. Eu conformo-me com elles nefte modo de fentir, porque a experiencia me tem moftrado, que fe os Garanhões tem más inclinações, tem ordinariamente os filhos propensões femelhantes. O mefmo fuccede fe os Garanhões tem pouca fenfibilidade, quafi todos os filhos fahem com os mefmos defeitos; e fe pelo contra-

tra-

trario os pais são vivos, e ſenſiveis, os filhos naſcem com as meſmas qualidades. A experiencia a todos os curioſos tem moſtrado ſer iſto certo; e por eſta razão todos os cultores das raças, que melhor ſentem ſobre eſta qualidade de producção, aſſentão de commum acordo, que devem ſer eſcolhidos os Garanhões, e dotados das melhores qualidades que deixamos referidas, tanto para eſtabelecer as raças, como para as reformar, purificar, e emendar.

Os Cavallos, que tem máo nariz, e máos aſſentos na boca, iſto he, que são pouco ſenſiveis deſtas partes, que tem máos curvilhões, e máo genio, não ſervem para o manejo, nem tambem para Garanhões. Os Cavallos, que tem bom nariz, bons aſſentos, boa ſenſibilidade, e bom genio, ſervem bem para a eſcola, para a caça, e para a guerra, por conſequencia elles são bons para Garanhões, pois naturalmente ſe deve eſperar que os Potros que produzirem, tenhão bom preſtimo, e ſe deixem vencer, e dominar até aonde as ſuas forças puderem alcançar.

Os Cavallos, que tem bons curvilhões, e por conſequencia bons rins, tendo ao meſmo tempo máo nariz, máos aſſentos na boca, máo genio, e pouca ſenſibilidade, ainda que tenhão boa lição, nunca ſerviráõ bem, como os que tem boas qualidades, porque eſta caſta de Cavallos são propenſos a defenderem-ſe vigoroſamente, não ſe deixando vencer, ou dominar; e por terem menos preſtimo, creio são pouco proprios para Garanhões.

Que couſa he a moleſtia chamada Pulmoeira.

OS Garanhões eſtão pelo ſeu exercicio ordinariamente ſujeitos a ſerem accommettidos de huma moleſtia, a que chamão *Pulmoeira*. Ella coſtuma trazer a ſua origem de cauſas antecedentes, e primitivas; e porque os Cavallos ſe eſquentão muito no tempo do lançamento, os boſes, e orgãos da reſpiração padecem, pela diſſipação da ſubſtancia, as ramificações das arterias pulmonares ſe debilitão, o canſaço altera o movimento das partes minimas, de que ſe compõem os boſes: e nas ſuas ramificações ſe depoſita huma linfa, ou humor pezado, que embaraça aos bronquios a paſſagem livre do ar. Diſſe, que os orgãos da reſpiração padecem, porque os membros, que trabalhão neſta admiravel fábrica, todos ſabem são os Boſes, o Diafragma, e os muſculos de todo o peito, que alternadamente ſe enchem de ar, que logo lanção fóra, trabalhando toda a máquina do thorax neſte movimento alterno ſucceſſivamente.

Da boca até ao peito ſe continúa hum canal, que tem principio na Laringe, a que chamão *Ezofago*, ou *Guéla*, e outro chamado *Trachea*, do qual pendem os boſes. Pelo Ezofago entra o alimento para o bucho; e a Trachea he hum canal de cartilagens, as quaes fórmão quantidade grande de circulos, ou roſcas, e em ſima a ſua entrada he defendida por huma membrana chamada *Epiglotes*. Quando o Cavallo come, eſta membrana ſe dobra ſobre a Trachea, e embaraça que o alimento entre por ella, deixando-lhe franca paſſagem pelo Ezofago, ou Guéla; e quando acontece a Epiglotes deixar cahir alguma particula na Trachea, o Cavallo toſſe, e procura lançar fóra tudo o que a Epiglotes deixou entrar para a Trachea.

Eſ-

Esta Trachea, quando chega aos bofes, se divide em duas partes: depois se vai dividindo cada huma em muitos raminhos até ás ultimas extremidades dos bofes. A Arteria Pulmonar sahe do ventriculo direito, reparte-se em dous ramos, e hum se divide, e se diffunde pelas duas partes do bofe: de cada huma destas sahem dous ramos, que se unem, e tornão a formar a Veia Pulmonar, que então entra no ventriculo esquerdo.

Os Bofes são compostos de huma innumeravel multidão de miudissimas partes porosas, por entre as quaes se diffundem os muitos raminhos, onde se vai separando, e diffundindo a Trachea, e estes se chamão *Bronquios*: elles são os que dão passagem franca ao ar que entra, e sahe pela boca do Cavallo, e assim se repartem pelas miudissimas partes, de que se compõem os bofes; e por isso quando o Cavallo respira, visivelmente se conhece a impressão que faz o ar em toda a máquina do peito, de sorte que ella agita com força os sovacos, e os ilhaes. He o movimento da respiração necessario para a conservação da vida, como todos sabem, e o seu fim he promover a circulação do sangue, e refrescar o seu activo calor.

Ha, como temos dito, nos bofes tres castas de vasos, que são: os Bronquios, as partes porosas, que recebem o ar, e as veias, ou arterias pulmonares. Os bronquios estão diffundidos, e intertecidos por entre as partes porosas, ramificações, e veias, e tudo isto assim compõe os bofes: logo todas as vezes que as partes porosas se encherem de ar, necessariamente se hão de espremer os vasos do sangue, e se ha de promover a sua circulação.

Se apertarem a Trachea no pescoço ao Cavallo junto á ganacha, em não podendo respirar, o sangue precisamente se ha de estagnar nos bofes, e ha de diminuir o movimento, ou fluxo da sua circulação; porque todo o sangue, que ha de sahir pela veia chamada *Aborta*, para se diffundir por todo o corpo, primeiro entra pela veia Pulmonar no ventriculo esquerdo. O sangue quando passa pelos bofes, se estes estão cheios de ar, e fresco, tambem elle se refrigera, e por isso quando faz calma, entrando o ar quente nos bofes, o sangue se agita, e o Cavallo opprimido da sua acceleração se afflige. Quando elle toma a respiração, dilatão-se os bofes; e pelo contrario se abatem, quando a lança fóra, e desta intumescencia dos bofes procede o movimento alterno nos ilhaes, quando respira.

Quando o Cavallo respira, entra o ar sómente pela Trachea para os bofes; porém quando estes se dilatão, he necessario tambem se dilate a capacidade do ventre. Esta capacidade dilata-se de dous modos, elevando-se hum pouco as costellas, e atrazando-se o diafragma, fica maior o lugar dos bofes; porém fica menor a capacidade do ventre, e he força que em se dilatando o diafragma, as entranhas, que são impellidas delle, fação intumescer para fóra o ventre, e os ilhaes.

Por estes effeitos se conhece a pulmoeira. O Cavallo arqueja muito com os ilhaes, abrindo muito as ventas, porque se lhe difficulta a respiração, por se achar a Trachea embaraçada de alguns humores viscosos, que por effeito desta molestia lhe opprimem a Epligotes, cujos humores são viscosos, espumosos, e tem origem nas ramificações dos bofes. Se esta ansia, e falta de respiração for antiga, o Cavallo terá tosse, e lançará pela boca, e ventas algumas fleumas, e muitas vezes

miſturadas com ſangue. Neſte caſo o melhor he não canſar com medicamentos, maiormente ſendo o Cavallo velho, porque então eſta caſta de moleſtia o vai conſumindo ſem remedio.

A diſſipação de ſubſtancia aſſidua ſeminal, e a aceleração, e canſaço fórmão eſta moleſtia, e padecem os bofes por effeito della huma tão violenta oppreſsão, como tenho moſtrado. Eſta aceleração, eſta diſſipação, a viſcoſidade de humores, e a eſpeſſura do ſangue, fomentão, e avivão eſte mal, de ſorte que algumas vezes entre as Pulmonares, e Bronquios ſe fazem inflammações, que matão o animal; e eſta he ſem dúvida huma das peiores enfermidades, que podem accommetter os Cavallos.

No tempo do lançamento os Cavallos, que tem pulmoeira, como comem verde ordinariamente, parece que a moleſtia ſe alivia em quanto elles o comem; mas depois ſe requinta, e ſobe a maior ponto.

Em ſe acabando o lançamento, he bom fazellos ſangrar, dando-lhes, como diz Ogan no ſeu Tratado de Alveitaria folh. 159., juncadas, e a ração de cevada paſſada por agua fervendo, para que o ſeu ſangue ſe adelgace, e faça melhor movimento; e o depoſito, e a alteração do bofe, quando não ſe diminua, ao menos não ſe exalte.

Muitos creadores são da opinião, de que a pulmoeira não ſe communica aos Potros pela geração; mas eu tenho obſervado que ou porque os pais tenhão diſpoſição interna para ella, ou porque de alguma ſorte ſe communique aos Potros, por elles ſahirem ſemelhantes aos pais na eſtructura interna, em os potros filhos dos que tem pulmoeira, tendo nove, ou dez annos, elles tambem são accommettidos della: o que talvez não ſucceda com tanta facilidade, ſe os Garanhões não forem ao lançamento poſſuidos deſta moleſtia.

Qualidades que devem ter as Egoas deſtinadas para as raças.

AInda que as Egoas, deſtinadas para fazer produzir as raças por meio do ajuntamento de Garanhões, contribuão para o acto da geração menos eſſencialmente do que elles, com tudo ellas trazem, e nutrem no ſeu ventre os Potros, e Poldras com aquella abundancia que as ſuas forças permittem. Por eſtas razões devem ſer as Egoas eſcolhidas de hum formoſo talhe, e boa côr: devem ter a teſta larga: as orelhas juntas, e bem direitas para ſima, alguma couſa inclinadas para diante: os olhos grandes, claros, e bem cheios de fogo, ou de côr por toda a alva: as queixadas largas huma da outra no lugar do Ezofago, ou ganacha: as eſpinhas do nariz eſcarnadas: a pelle delgada: o queixo inferior eſcarnado, e delgado com proporção: a boca raſgada ſem exceſſo: o peſcoço com boa volta, e antes comprido do que curto: as eſpaduas redondas, e bem formadas: as mãos direitas com as boas proporções nos braços, quartelas, e caſcos, que já diſſemos devem ter os Cavallos: os peitos largos: a cernelha na cruz groſſa, alta, e larga: as coſtelas largas, e bem formadas, e antes redondas que chatas: de idade de quatro, ou ſinco annos até dezeſeis, ou dezoito pouco mais, ou menos, ſendo juntamente vigoroſas, e boas creadeiras.

Os

Os Potros commummente ſahem mais ſemelhantes ao pai que á mãi, ainda que ha tambem Egoas, que pintão os ſeus Potros muito ſemelhantes a ellas pela maior parte da ſua dianteira: pelo que eu recommendo buſquem para as raças Egoas de hum bom talhe de eſpaduas, peſcoço, cabeça, e corpo, ſendo eſtas partes bem proporcionadas, e bem cheias de nobreza, e graça.

Não devem os creadores eſperar poſſa produzir huma Egoa avulſa, como aquellas, que são de huma raça purificada, e diſtincta, que iſſo raras vezes acontece. As mais eſtimadas, e mais proprias para as raças, ſegundo a opinião dos melhores creadores, são as Perſas, as Portuguezas, as Heſpanholas, as Napolitanas, as Polacas ligeiras, e as da baixa Normandia.

As Egoas Portuguezas são eſtimadas em Heſpanha para as raças, e todos os annos os Heſpanhoes fazem tranſportar para as ſuas terras grande quantidade dellas, por ſerem bem formadas, terem as coſtelas largas, e groſſas, e por conſequencia boa caixa de ventre.

Eu creio que ſe em Portugal houver o preciſo cuidado na boa adminiſtração das raças, o Reino facilmente abundará de bons Cavallos, aſſim como ſuccedeo no tempo do Senhor Rei D. Joſé o I., quando elle as fez cultivar, como já diſſe. Recommendo que as Egoas tenhão boa caixa de ventre para as ſuas crias ſe nutrirem bem, e á ſua vontade; porque a experiencia tem moſtrado que neſte clima as Egoas eſtreitas, e que tem pouco ventre, parem os ſeus Potros delgados, e faltos de nutrição.

Não devem as Egoas ter o rabo cortado, para ſe defenderem das moſcas no verão: devem tambem conſervar-lhes todas as ſuas crinas; porque Salver, e outros creadores de Cavallos affirmão, que não ſe lhes cortando as crinas, terão mais profusão de leite; e ainda que eu não tenho iſto por certo, com tudo aconſelho ſe obſerve.

Devem as Egoas parideiras não trabalhar, não ſer doentes, nem ſer velhas, para ſerem boas creadeiras, e para que os ſeus Potros creſção bem, e ſejão robuſtos, e fortes, pois ſe lhes communicão eſtas qualidades pela abundancia de leite, e pelas mais diſpoſições que dizemos devem ter.

As Egoas não trazem mais que hum ſó Potro no ventre por cada vez; e ſendo elles mal nutridos dentro nelle, ou ſendo as Egoas apertadas, naſcem fracos; e em naſcendo, muitas vezes morrem.

Alguns creadores dizem, que tendo a Egoa, que eſtá prenhe, a teta direita mais avultada, e dura que a eſquerda, ella tem concebido Potro, porque elle occupa mais o lado direito do ventre; e ſuccedendo ao contrario, ſerá femea; e poſto que Ariſtoteles, Plinio, Salver, e outros ſejão deſta opinião, com tudo, ella nem ſempre ſe verifica, e acho mais razão áquelles, que dizem que a materia dominante influe mais: quero dizer, ſe a materia generante do pai tem mais conſiſtencia que a da Egoa, concebe Potro; e ſendo a da Egoa mais forte, e a do Garanhão mais debil, ſeja por elle ſer velho, por ſer falto de potencia, ou por eſtar canſado deſte exercicio, ſerá femea. Alguns affirmão que ha neſtes animaes tambem hermafroditas com ſexo de macho, e femea: eu porém nunca achei quem os viſſe.

Não querem tambem alguns, que no acto do lançamento se consintão outros animaes, porque as Egoas não ponhão nelles o sentido, e nasção os Potros com algumas partes do corpo desfiguradas, e semelhantes áquelles, que vírão as Egoas ao tempo de conceber. Eu não seguro ser isto certo; mas em lugar de outros animaes, podem ellas então ver bons Cavallos.

Da razão, por que as Egoas devem ser cubertas por Garanhões de differentes Paizes.

DEvem os creadores das raças para a boa, e fecunda producção dellas fazer que as Egoas sejão sempre cubertas por Cavallos de Paizes differentes daquelles, em que ellas nascêrão, e habitão. A experiencia tem mostrado, que se se ajunta hum Garanhão com huma Egoa oriundos da mesma raça, e de hum mesmo Paiz, as crias, que vão produzindo, sempre vão cada vez degenerando mais.

Para que as raças vão requintando, e produzindo bons Potros, devem dar ás Egoas Portuguezas Garanhões Napolitanos, Polacos ligeiros, de Arangués, Obeda, Baeça, Inglezes, Andaluzes, e da Mancha.

Para as Egoas Hespanholas são igualmente bons os Garanhões Polacos, Napolitanos, e Inglezes, e com as Poldras desta producção fazem os Garanhões de Arangués, Obeda, Baeça, Andaluzia, e da Mancha huma excellente producção.

Para as Egoas Inglezas são bons os Garanhões Portuguezes, Hespanhoes, e Napolitanos, &c. Da mesma sorte devem praticar com todas as mais raças, porque as bem mescladas vem a produzir melhor, porque participão de differentes Paizes, e formaráõ huma raça de bons Cavallos.

Devem os creadores fazer desemparelhar os Garanhões com as Egoas na figura, e signaes, para reparar em huns as faltas dos outros, e não ser a producção desproporcionada; se bem que eu não pertendo dizer nisto, que a desproporção seja tão dissemelhante entre o macho, e a femea, que mutuamente não se possão communicar, porque isso viria a fazer huma desigualdade defeituosa na formosura, e bondade dos Potros; por exemplo: se emparelharem hum pequeno Cavallo com huma grande Egoa, o Potro que produzirem, raras vezes será bem proporcionado, cheio de nobreza, e agradavel na sua figura, e bellezas naturaes, antes pelo contrario elle será pela maior parte desproporcionado em muitas partes do seu corpo.

Devem pois desemparelhar os Garanhões com as Egoas, de sorte que reparem as imperfeições de hum com as perfeições do outro. Com semelhantes diligencias fizerão os Persas, os Gregos, e os Romanos produzir bem as suas caudelarias: elles fazião conduzir de climas muito distantes por copiosas sommas os Garanhões, com quem renovavão amiudadas vezes as suas raças.

D. Fernando III., o Santo, Rei de Hespanha, fez grandes esforços para conquistar Cordova aos Mouros inimigos da nossa Santa Fé, e se senhoreou da excellente raça de Cavallos, que Ismar Abenserraje conservava naquella cidade, de quem procedem ainda hoje os Cavallos Cordovezes.

Co-

Como se devem emparelhar os Garanhões com as Egoas para fazerem produzir bem as raças.

O Estabelecimento das raças se vence, como já dissemos, fazendo-se diligencia por ter bons Garanhões de differentes Paizes, dando a huma Egoa espessa, e grossa hum Garanhão de huma figura mais fina, e delicada, para que possa produzir hum Potro de huma figura tambem mais fina, do que, segundo a construcção della, se podia esperar, diminuindo assim com esta diligencia no Potro, ou Poldra a demaziada espessura, e grossura da mãi.

Se a Egoa for delicada, e alguma cousa viva, e sensivel, podem dar-lhe hum Garanhão mais estofado, e grosso, ainda que seja mais froxo, porque póde ser se remedee com a viveza da mãi a froxidão do pai.

Se a Egoa for baixa da agulha, e alguma cousa desengraçada da sua dianteira, devem dar-lhe hum Garanhão, que seja bem formado, isto he, que tenha muita nobreza nos movimentos das suas espaduas, braços, pescoço, e cabeça, sendo bem desembaraçado de todas as articulações destas partes do seu corpo, a fim de se emendar a falta que tem a mãi, por meio das boas partes, e nobreza do pai.

A'quellas Egoas, que são pequenas, se deve dar hum Garanhão mais avultado; mas de sorte que não lhe fique por extremo desigual. O mesmo se deve praticar com os Garanhões, dando-lhes Egoas, que os possão ajudar a supprir os seus defeitos: isto se deve entender não só pelas partes, e feições naturaes, que fazem os Garanhões na sua figura perfeitos, e finos, mas tambem pelo que respeita ao seu genio, á sua sensibilidade do nariz, boca, e ventre; e ainda que as Egoas serrís não podem mostrar tanto como os Garanhões, se ellas são, ou não sensiveis: com tudo, da sua natural viveza, disposição, modo de se mover, e construcção se vê pouco mais, ou menos se ella he, ou não sensivel.

Da mesma sorte os devem emparelhar na boa formosura, e feitio dos seus rins, garupa, e curvilhões; e póde ser que a pezar de todas estas diligencias, e prevenções não se posão vencer todas as difficuldades, que temos notado, como eu por meio de tantas diligencias premedito.

Muitas vezes se tem visto de huma boa mãi, e de hum bom pai nascer hum muito inferior rocim; porém se os Garanhões, e Egoas forem de huma raça requintada, e fina; se tirarem raça daquelle máo rocim, que elles produzírão em differente Paiz, a maior parte dos Potros, e Poldras, que elle produzir, representaráõ as boas qualidades dos avós, e da boa raça donde procede. Isto não he huma idéa vaga, he sim huma experiencia veridica, e por muitos averiguada. He bem verdade que a natureza algumas vezes falta ao seu dever; mas não absorve porém absolutamente as causas originaes: ella de ordinario restitue á segunda producção o que usurpou á primeira; mas isto se deve sómente entender daquelles Cavallos, que vem de huma raça purificada, e distincta.

O Senhor Rei D. José o I., mandando conduzir Cavallos de varios climas pa-

para ter boas raças, entre elles veio hum Cavallo formofiffimo, foi ao lançamento; porém todos os filhos, e filhas, que produzio, fahírão máos, e os netos peiores: ao mefmo tempo vierão com elle outros Cavallos para o mefmo fim; e ainda que menos formofos, os feus filhos, e filhas fahírão bons. Ora indagando eu a caufa difto achei, que o tal Cavallo era de huma má raça de Italia, que por acafo o havião para alli tranfportado; e como não fe lhe conhecia bem a marca, e era tão formofo, veio entre os outros, que erão de boa raça, que não obftante não ferem tão formofos, produzírão Potros, e Poldras muito melhores.

Já diffe, que os Garanhões vão degenerando; mas as Egoas, ou Poldras não precisão fer reformadas de Paizes differentes, porque ellas não influem para a degeneração, como os Garanhões. Efta opinião he feguida pelos melhores creadores, e cultores de Cavallos nas mais diftinctas raças que tem havido. O mais a que alguns fe alargão, por fugirem á maior defpeza, he dizerem, que deftinandofe para a boa producção de huma raça tres, ou mais Cavallos, cada hum do feu Paiz, por exemplo, hum Hefpanhol, outro Inglez, e outro Napolitano, os filhos do Garanhão Hefpanhol podem cubrir as filhas do Garanhão Inglez; e da mefma forte os filhos do Garanhão Napolitano podem cubrir as filhas dos outros Garanhões, e affim os mais; porque defta forte, pofto que fejão nafcidos de hum mefmo clima, elles são produzidos de differentes raças.

Se quizerem fervir-fe dos netos, e bifnetos daquelles Garanhões para cubrirem as mãis, filhas, netas, e bifnetas da fua propria raça, os creadores verão os Potros ir degenerando cada vez mais, principalmente fenão fouberem adminiftrar bem os parques.

Defta opinião he Salver, e João de Sobfeidi, Duque de Normandia, aos quaes Luiz XIV. encarregou do cuidado de fazer eftabelecer a producção das raças: a hum no Delfinado, e a outro na baixa Normandia, que elles purificárão, e chegárão ao ponto da fua maior perfeição, tanto em qualidade, como em numero.

Do mefmo fentir são tambem a maior parte dos creadores das melhores raças, em que tem havido infinitos Cavallos bons; e não obftante haver fujeitos de bom juizo que dizem, que a falta de haver bons Cavallos he procedida da influencia do feculo, eu fempre me perfuado fer origem defta influencia o pouco cuidado com que fe fazem eftabelecer, e produzir as raças; ou talvez haja outros motivos, de que eu não pertendo tratar. Antigamente os maiores Principes, e Cavalleiros fazião a cavallo as fuas funções mais folemnes: e he por efta caufa que as raças fe tratárão fempre com todo o cuidado; hoje porém querem que as raças faltas de boa adminiftração, e cultura, fação as mefmas producções que fazião, quando erão bem adminiftradas, eftando as Peffoas da maior grandeza entregues á poltroneria dos coches, e carruagens, deixando reduzir as raças ao deploravel eftado de fe não ver hum Cavallo bom, ainda nos mefmos Paizes, que os produzírão excellentes.

A muita vivacidade, e abundancia de calor do Garanhão, e da Egoa tornão muitas vezes inutil o acto da geração; da mefma forte a falta de vivacidade, ou de calor faz em hum, e outro o mefmo effeito: pelo que me parece que a huma

Egoa

Egoa nova, e muito viva se deve dar hum Garanhão de mais idade; e a hum Garanhão novo, huma Egoa tambem mais velha.

O primeiro Potro que a Egoa pare, he sempre o mais delgado, porque elle he quem principia no ventre da mãi a preparar o lugar, onde se fórmão, e crião os que vem depois. O segundo com os mais, que se lhe seguem, vão sahindo mais fortes, porque achão o habitaculo mais largo, e mais disposto, e por esta causa he que devem dar a primeira vez ás Poldras hum Garanhão mais forte, e mais estofado do que ellas, para que os Potros, que conceberem, tenhão mais consistencia, e sejão mais membrudos, e fortes, e assim elle faça o cofre mais laxo.

Da razão, por que não devem trabalhar as Egoas destinadas para as raças.

AS Egoas, que estão recolhidas na cavalhariça, não servem bem para o lançamento, porque os seus Potros nascem fracos, e ellas ordinariamente não tem bastante leite para os crear: se as deitarem no campo, hão de estranhar muito o sustento; e por não estarem costumadas á irregularidade do ar, soffreráõ pouco a violenta actividade dos tempos.

As Egoas que tem servido para carregar, seja andando a cavallo nellas, seja dando-lhes outro exercicio, com que as apertem, e lhes ponhão pezos, a primeira vez que parem as suas crias, são consideravelmente debeis, e crescem pouco. Isto se deixa ver na differença que fazem os Potros de Alter na sua grandeza a respeito de todos os outros.

Se as Egoas tiverem sido creadas com sustentos seccos, e as deitarem ao campo, ser-lhes-ha preciso muito tempo para se costumarem ao novo modo de vida. Por tanto as Egoas destinadas para as raças, devem ser creadas, e conservadas no campo, e não devem ser trabalhadas, nem recolhidas nas cavalhariças, senão quando for o Inverno demaziadamente rigoroso; e ainda neste caso as devem deitar para o parque em estando melhor tempo.

Do modo de fazer as listas das raças.

OS Garanhões precisão ter nomes, pelos quaes sejão conhecidos. Para este fim haverá huma lista com quatro columnas: na primeira se lançaráõ os Potros, ou Poldras: na segunda o nome da mãi: na terceira o nome do pai: e na quarta o nome do avô do Potro, ou Poldra; porque sendo certo que as raças, sendo finas, e bem administradas, requintão (como deixamos dito): he bom fazer lembrança na lista do nome do avô, porque só desta fórma se póde julgar qual he a qualidade de producção que a raça vai fazendo.

As Egoas entrão em calor do Equinoccio da Primavera até ao Solsticio do Estio, isto he, de Março até Junho, tempo communmente chamado do lançamento. As que vem mais cedo, ou se dispõem mais tarde, não he conveniente o fazellas cubrir; porque se ellas parem no inverno, antes do campo estar cheio de boas pasta-

tagens, ellas não podem fustentar bem as fuas crias; e fe parem mais tarde, durante os grandes calores do verão, as crias são fortemente atormentadas da rigorofa eftação, e da praga das mofcas, que as perfeguem por tal maneira, que facilmente morrem, ou tem muito má creação.

Dos fignaes, por que fe conhece eftar a Egoa difpofta para o lançamento.

QUando as Egoas eftão difpoftas para a geração, moftrão fignaes de calor. Eftes confiftem em lhes inchar a vagina pela parte debaixo: em o Garanhão a perfeguir com exceffo: em ella moftrar na mefma vagina, ou uretra algum humor vifcofo, e esbranquiçado, ao qual os Hiftoriadores antigos chamavão *Hippomanes*, que he huma palavra Grega, que fignifica potencia, e furor dos Cavallos. Ariftoteles, os Platonicos, e outros fizerão menção defte Hippomanes: eu não fallarei do feu modo de fentir fobre elle, porque no fyftema que vou feguindo, o meu fim, e principal objecto he moftrar unicamente o como fe devem cultivar as raças, e a razão, por que as melhores, e mais diftinctas caudelarias da Europa fe achão prefentemente atenuadas, degeneradas, e deftruidas; e fendo boas, e finas, unicamente eftão produzindo huns máos rocins.

Já deixo notado, que o Senhor Rei D. Jofé o I. protegeo tódas as coufas intereffantes ao bem commum dos feus vaffallos: elle fez eftabelecer huma raça, que produzio muito bons Cavallos; mas para vencer efta difficuldade, mandou conduzir Garanhões de differentes Paizes, e elles produzírão os excellentes Cavallos, que todos fabem, e ha pouco tempo fe vírão. Mandou-lhes Sua Mageftade proporcionar as paftagens á quantidade de Egoas que havia na raça, e da mefma forte á proporção da quantidade de Potros, que fazia crear; mas não obftante ifto, os Garanhões degenerárão, de forte que os Potros, e Poldras fahírão defagradaveis por irem pintando mal as Egoas no feu vulto, e formofura, de que são naturalmente dotadas as Portuguezas.

Tornando á continuação do noffo intento, para fe ver fe as Egoas eftão em calor, além dos fignaes de que temos tratado, devem ter hum Cavallo alguma coufa ciofo, prezo, e bem feguro para fazer paffar revifta, conduzindo as Egoas por diante delle; porque aquellas, que não eftão ainda difpoftas, retirão-fe delle; e pelo contrario as que eftão já difpoftas, o deixão chegar a fi, e moftrão fignaes de calor, que os guardadores conhecem bem: eftas devem fer conduzidas ao lugar deftinado, aonde eftão os Garanhões para o lançamento.

As Egoas parideiras, a quem, parindo com felicidade, por algum incidente morreo a cria, ao feccar do leite aluão, e podem fazellas cubrir, fe ellas fe difpõem no tempo do lançamento; e dahi a nove dias fe ainda fe acharem em calor, devem outra vez fazellas conduzir ao Garanhão: advertindo porém que todas as vezes que as Egoas forem a cubrir, devem fer lançadas ao mefmo Garanhão, que lhe derão a primeira vez no lançamento de cada hum anno, e o mefmo devem praticar até ao fim do tempo do lançamento, fe ella o confentir; porque

lo-

logo que a Egoa eſtá cheia , ou o ſeu calor ſe acaba , ella ſe retira muito do Garanhão.

Algumas Egoas ha, que paſſando por todos eſtes lances, não chegão a pegar; e outras, que eſtando cheias, ſe deixão cubrir todas as vezes que lhes deitão o Garanhão. Tambem outras moſtrão falſos calores ſem o quererem conſentir: por iſſo recommendo não deixem andar em companhia das Egoas Cavallo algum, nem ainda ſendo caſtrado, porque ellas não ſe agitem com exceſſo em todas as Luas, nem ſe conſervem em calor por muito tempo depois de cheias. Sobre eſte caſo ha muitos abuſos , de que eu não trato, perſuadido de que elles ſómente devem ſer praticados por aquelles homens, que ignorão a independencia da natureza. As Egoas, que não concebem por terem demaziado calor, com as ſangrias, e alguns refrigerantes, podem temperar-ſe de modo que venhão a conceber.

Do modo, por que ſe põe em prática o lançamento.

DE dous modos ſe põe em prática o lançamento : hum ſe executa com os ſoccorros dos homens, e o outro ſe faz em liberdade. O primeiro he menos ſujeito a inconvenientes , e por eſta razão tem melhor ſequito. O ſegundo ſe faz lançando o Garanhão no parque com aquellas Egoas, que quizerem elle cubra.

Devem ter cuidado em que as Egoas na occaſião do lançamento não eſtejão ferradas , principalmente dos pés , porque eſtes animaes coſtumão ſatisfazer as recompenſas do ſeu affecto á força de couces , e patadas , ainda eſtando em baſtante calor: ellas ordinariamente são tão coceguentas , que ſempre dão couces no Garanhão. Para obviar eſte inconveniente , he bom travallas , para que não poſsão eſtender tanto os pés, e alcançar com toda a violencia ao Garanhão.

Se as Egoas ficão de voluto de hum para outro anno, ſeja por eſtarem creando , ſeja por não haverem pegado , devem ſer lançadas em moſtrando calor no referido tempo do lançamento.

Como ſe devem travar as Egoas para o lançamento, e a fórma da travadoura.

A Travadoura para travar as Egoas na acção do lançamento ſe compõe de duas betas de canhamo unidas: em huma das pontas haverá hum annel, ou prezilha, que ſe poſſa metter no pé á Egoa; e na outra huma prezilha, e botão, como as maniotas, para metter, e apertar no travadouro da mão.

Tambem ha outro modo de travar as Egoas, que são mais deſconcertadas, e inquietas. Compõe-ſe a travadoura de duas betas de canhamo bem torcidas : devem ellas ter no meio hum annel , e botão para apertar no travadouro do pé : as duas pontas da travadoura então paſſadas, ou cruzadas por baixo da barriga, irão dar huma volta a cada braço, e dahi atar ſobre o peſcoço em duas argolas, que deve ter a coleira, á qual chamão peitoral do lançamento.

Deve o referido peitoral ſer de dous couros fortes , e bem cozidos pelas extre-

tremidades, com fua fivella, e paffador, em que poffa fegurar-fe a ponta do peitoral, que terá alguns furos para o apertar á proporção do que a Egoa precifar. Deve tambem ter duas argolas de ferro, huma de cada parte, para atar as pontas da travadoura com laçadas, que fe pofsão facilmente defatar, para no cafo que aconteça algum incidente, que obrigue a fer precifo deftravar a Egoa, fe pofsão facilmente defatar as pontas da travadoura.

Modo, com que devem fer tratados os Garanhões, e conduzidos para o acto do lançamento.

AS cautelas, que fe devem ter com os Garanhões, são: em quanto não tomão verde, fazer-lhes dar a ração de manhã bem fedo: depois dar-lhes agua, e deixallos defcançar algum efpaço, conduzindo-lhes pela manhã com a frefca as Egoas para perto da cavalhariça.

O terreno deftinado para efte acto deve fer defigual, e não plano, a fim de ajudar o Garanhão, quando cobre; e fe a Egoa for mais alta do que elle, devem conduzilla a huma parte mais baixa, e o Garanhão á mais alta, para que por meio defta vantagem poffa alcançar melhor a Egoa; e ao contrario fe ella for mais baixa.

Quando o Garanhão fahir da cavalhariça, e o conduzirem para o lugar, em que fe ha de fazer o lançamento, deve levar hum cabeção com duas cordas, ou guias, nas quaes devem pegar dous moços da cavalhariça, e conduzir o Garanhão para o lugar, em que eftiver a Egoa, que tambem deve eftar pela mão de hum, ou dous moços, e não preza, porém travada, como já diffemos: então deixaráõ chegar a ella o Garanhão em liberdade; e logo que elle fe lançar, o devem ajudar com as guias, tanto pelo que toca a levantar-fe o Garanhão, como tambem pelo cabo da Egoa, fe for precifo.

Quando o Garanhão tem fatisfeito ao feu dever, percebe-fe por hum certo movimento que faz com o fabugo do cabo junto ás ancas; e fe efte fignal fe não conhecer, então o devem deixar defcançar hum pequeno efpaço diftante da Egoa, mas em parte que elle a veja; e pelo mefmo cabeção deitallo poucas voltas á guia, e tornallo a chegar á Egoa para vencer da fegunda o effeito que fe não logrou da primeira; mas fe o Garanhão he facil, e a Egoa eftá quieta, cufta pouco a cubrir.

Ha Garanhões, que fe lanção muitas vezes á Egoa inutilmente, por ferem inquietos com exceffo, e nefte cafo lhes devem pôr antolhos, para ferem mais focegados, e não fatigarem tanto a Egoa. Outros tanto fe levantão que chegão a cahir para trás: ifto fe acautela, abaixando os moços (fendo precifo) até ao chão as cordas, ou guias do cabeção, as quaes fervem tanto para efte, como para outros incidentes fe evitarem.

Outros Garanhões porém são tão froxos, que por tempo dilatado ficão immóveis junto das Egoas, fem que fe movão a fazer cafo dellas: a eftes taes he precifo paffeallos á mão, e não muito diftantes das Egoas, chegando-os depois a ellas com

as

as prevenções que havemos ponderado: pelo contrario outros são tão cheios de demaziada vivacidade, que pela furia, e precipitação, com que se lanção á Egoa, se cobrem de suor repentinamente, sem que cheguem a pôr em execução o pertendido effeito, e estes não servem para o lançamento. Os novos são mais sujeitos a estes defeitos, ou acontecimentos, em cujos casos os devem cubrir com huma manta, recolhellos á cavalhariça, e deixallos descançar em sitio abrigado.

Tambem não he fóra de proposito nos dias, em que descanção dar-lhes banhos de vinho das coxas, e espaduas para baixo, a fim de que se fortaleção os póros da rede cutanea, e não padeção tanta dissipação os musculos, e tendões das espaduas, e curvilhões.

Se a Egoa não está quieta, e incommóda ao Garanhão, he preciso que o homem, que a segura pela redea, lhe falle, e toque alguma cousa o cabeção, tendo-lhe as redeas mais curtas; e se isto não bastar, estando ella bem travada, podem pôr-lhe o aziar, o qual se lhe tirará promptamente em ella consentindo o Garanhão. Se este em fazendo o seu dever, pelo excesso suar muito, devem tambem limpar-lhe o suor com huma faca de páo propria para isto, e depois cubrillo com huma manta, conduzindo-o a descançar na cavalhariça em sitio abrigado do vento.

Devem tambem as Egoas ser conduzidas ao parque, sem que os creadores se sirvão daquelles segredos, ou abusos de que não tratamos, certos de que elles só podem ser praticados pelos sujeitos que ignorão, como já dissemos, a valentia, e a independencia da natureza; pois certamente se tem enganado, nem aquellas ficções são proprias para fazer reter, como erradamente cuidárão, e elles sem dúvida não farião taes projectos, se examinassem bem a Natureza.

Ainda que no regimento das caudelarias está estabelecido o numero de Egoas, que se podem dar a cada Garanhão, com tudo devo advertir que huns são mais robustos, e outros mais fracos: por cujos motivos o administrador das raças deve regular a quantidade de Egoas aos Garanhões pela sua possibilidade, de modo que elles se irritem menos, para não fazer alguns ajuntamentos pouco fecundos.

Já deixamos notado que o lançamento se póde tambem fazer em liberdade, e para isto se não precisa mais do que lançarem solto em hum parque o Garanhão com aquellas Egoas, que pertenderem que elle cubra. He certo que as Egoas retem assim melhor; mas o Garanhão se damnifica muito pela grande quantidade de couces, que dellas recebe; e em hum lançamento desta qualidade, elle se arruinaria mais em huma só vez, do que em seis, ou sete annos que servisse neste exercicio, sendo conduzido á mão da cavalhariça para o lançamento.

Os bons creadores não costumão servir-se do methodo de lançar no parque os Garanhões em liberdade, excepto quando pertendem haver delles algumas cuberturas antes de os reformarem: em tal caso as Poldras novas, que tem parido huma, ou duas vezes, retem melhor, e com mais facilidade.

Os Garanhões, durante o tempo do lançamento, não devem trabalhar para não se exaltarem, e atenuarem no exercicio em que estão: basta para os alegrar que no dia, em que não forem ao lançamento, os deitem alguma cousa á guia. E ainda que elles sejão vivos, em boa idade, e fortes, que pareça podem cubrir todos

os dias, com tudo se quizerem que elles durem, não os devem levar a cubrir, senão havendo huma alternativa de hum dia sim, e outro não, ou de dous em dous dias mais pelo seguro.

He evidentissimo o dissiparem-se muito de forças, e potencia os Garanhões occupados neste exercicio: e esta he a causa, pela qual alguns creadores se capacitão ser bom dar-lhes no tempo do lançamento mantimentos quentes, para que por meio delles se excite mais a potencia; porém como com isto se esforça, e obriga a natureza a exceder as suas operações naturaes por falta de tempo que a sazone, deve-se escusar esta agitação.

Estes recursos quanto a mim são máos, e improprios, porque elles alterão no Garanhão o costume, e humores: e he sem dúvida mais natural, tanto para o exercicio, em que estão, como para a sua saude tratallos no tempo do lançamento da mesma fórma que os tratão em todas as mais estações do anno: e sou de parecer, que se o Garanhão pela actividade da estação, e do exercicio se esquentar, se lhe faça passar a cevada por agua fervendo, para que se refrigere mais. Este mantimento, como tambem o verde, he mais proprio aos Cavallos que são novos: advertindo porém, que se lhe derem verde, e o Cavallo purgar muito com elle, devem tambem dar-lhe a ração da cevada para o temperar mais, pois em quanto purga com excesso, não está em bom estado de saude, e por consequencia bem disposto para servir neste exercicio.

Salver he da opinião, de que acabado o tempo do lançamento, lhe dem a cevada como temos dito, e pelo decurso de oito, ou nove dias alguma juncada para o refrigerar, e lhe adoçar a agitação do sangue, e humores viscosos, que com este exercicio muitas vezes se depositão nos Bronchios, e mais partes dos bofes, como deixamos notado.

Modo de marcar os Potros: e fórma que devem ter os ferros de marcar.

TEndo os Potros a idade de hum anno, quando os apartão da mãi, communmente os costumão marcar: então se apanhão; e estando o ferro com que os hão de marcar em braza, assim o porão na polpa da perna do Potro; e para que fique bem impressa a marca, devem carregar com força o ferro, quando o applicão, para ficar a marca bem estampada no lugar em que a puzerão.

Não se deve retocar a marca, porque então ordinariamente fica mal gravada, tanto porque custa muito applicar o ferro bem sobre a marca já impressa, como porque o Potro agitado da dor não está quieto. Tambem se marcão na frente do beiço superior, e nas faces; mas nas polpas das pernas fica a marca mais perceptivel. A marca deve ser posta bem no meio da polpa da perna na linha horizontal da verilha para não fazer a perna desagradavel.

A superficie dos ferros, em que está gravada a marca para imprimir bem, deve ser liza nos planos das partes que hão de gravar: o espigão em que se ha de introduzir o cabo de madeira, em que se péga, deve ser do comprimento de dous,

ou

ou tres palmos , para o calor do ferro não queimar o cabo de madeira, tendo este outros tantos palmos para não escaldar as mãos a quem o applicar.

Depois de impresso o ferro,. seja na perna, beiço, ou face, devem esfregar com cebo o lugar marcado, não só para modificar a dor ao Potro, mas para o ajudar a curar mais depressa.

Não he máo cortar as crinas aos Potros para se poder ver melhor o seu feitio , pois estes sendo com excesso mal formados , não devem ser marcados , antes sim devem ser excluidos por defeituosos , e degenerados , para não os buscarem pelas marcas para o lançamento. Tambem será bom cortar-lhes as sedas da cauda rente ao sabugo para esta nascer melhor , isto he , maior porção de sedas , sendo que em quanto lhe não crescem , não se podem defender da grande perseguição das moscas.

Mostra-se o melhor modo , com que se devem desmammar os Potros.

SEguem os Potros as mãis depois de nascidos até se desmammarem , que he commummente depois de haverem já mammado doze mezes. Então os devem separar da mãi para huma arribana , ou cavalhariça , que não seja extraordinariamente quente, ou escura, porque o muito calor os torna brandos, e delgados; e a muita escuridade os entristece. Devem deixallos ir ao parque todas as vezes que elles quizerem , para que lhes dê o ar , e se alegrem , continuando-se isto pelo espaço de doze, ou quinze dias, pouco mais, ou menos, até que totalmente percão a lembrança, ou saudades da mãi, e da mamma.

Na mesma arribana devem passar o tempo invernoso , sendo alli bem tratados , deitando-os ao parque todas as vezes que não chover, ou nevar muito , sustentando-os com bom feno , e boa palha , dando-lhes , quando não sahirem fóra, duas vezes ao dia alguma palha, e semeas, e não cevada, e avêa, que os esquenta muito neste primeiro anno.

Logo que virem os Potros esquecidos da mãi, e da mamma, em o tempo estando bom, os lançaráõ para o parque, dando-lhes agua huma hora antes de sahirem ; advertindo que não os deixem sahir muito cedo , nem tão pouco recolher muito tarde , principalmente sendo a estação muito desabrida , porque as grandes chuvas, e frios tambem lhes são gravemente damnosos.

No dia, em que deitarem a pastar os Potros , e Poldras no parque , não he bom dar-lhes ração de cevada, nem semeas, porque a herva que elles comem lhes arruina , e vicia aquelle sustento dentro do bucho , pelo que he melhor dar-lhes bom feno, ou palha.

Alguns agricultores das raças querem que os Potros se recolhão de tres annos, outros de quatro: a mim me parece que isto se deve entender em particular, e não em geral; porque assim como são distinctos os climas, tambem são distinctas as compleições , como se vê cada dia por experiencia, pois os Potros de algumas regiões em chegando a tres annos, já principião a ter cio, e neste caso o adminis-

tra-

trador das raças os deve fazer recolher. Da mesma sorte os Potros de outros sitios ainda aos quatro annos estão livres delle, como se vê nos de Alter: razão, por que eu recommendo os recolhão de quatro annos.

He certo que em quanto os Potros não tem as sufficientes forças para soffrer o aperto das cilhas, elles tem os seus ligamentos, e musculos das espaduas, e espinhaço debeis, e não podem resistir á impressão que faz o pezo, e o trabalho sobre as máquinas dos seus corpos: elles perdem a actividade nas suas articulações, esmorecem, e muitas vezes se arruinão para sempre das espaduas, das canas dos braços, e dos curvilhões travadouros.

Que cousa he a molestia chamada Congocha.

ALguns Potros se affligem tanto com o demaziado aperto das cilhas, em quanto os seus ligamentos estão pouco vigorosos, que se dobrão sobre o ventre, mancão das espaduas, ou tomão nellas máo movimento; e se continuão a apertallos muito, não tendo ainda trabalhado, elles vem a padecer huma molestia chamada *Congocha*: de sorte que por effeito della se lanção ás paredes, e ao chão obrigados da desesperação, ou oppressão que lhes causa o aperto violento das cilhas.

Todos sabem que a figura do coração he conica, e pyramidal, e o seu lugar he no meio do peito entre os bofes, que de huma, e de outra parte o acompanhão, e que o mediastino que reparte o peito, fica pela parte direita mais proximo ao coração, este inclina o cuspide para a parte esquerda, obrigado da proximidade do medeastino, e por esta disposição he que se sente palpitar o coração do Cavallo junto ao sovaco esquerdo.

O Pericardio, que cérca o coração, e a Veia cava, que attrahe o sangue de todo o corpo: a arteria Pulmonar, que deixa communicar o sangue aos bofes: a Aorta, que reparte o sangue por todo o corpo, forçosamente hão de padecer detrimento com o demaziado aperto das cilhas, em quanto a robustez do animal não tiver chegado ainda ao ponto de lhe poder resistir. Tambem póde o movimento do coração padecer no tempo da systole, ou diastole, em que talvez que as valvulas, que dão ingresso ao sangue das veias para o coração, fiquem pelo aperto mais opprimidas para o seu movimento.

He certo que o sangue se conduz pelas arterias com huma força incrivel ás ultimas extremidades do corpo, e de lá vai impellindo todo o que acha até pelo seu gyro o fazer subir outra vez ás duas auriculas do coração, em que a veia cava, e a pulmonar se unem para entrar por meio da systole no coração. Tambem he verdade que posto que apertem muito os Potros, o seu sangue sempre sahe do coração, sempre corre pelas veias, e não pára, e que elle no tempo da systole se conserva nas auriculas, que então se enchem com mais pausa; e no tempo da diastole o sangue entra nos ventriculos com mais pressa: o que succede continuamente para não fazer retroceder o sangue das veias, que sobe mais froxo; mas póde tambem fazer alguma opposição a isto o demaziado aperto das cilhas pela muita proximidade em que fica desta máquina toda composta de delicadissimas fibras. Não obstante es-

eftas caufas , he precifo apertar as cilhas aos Potros ; mas deve quem os manda apertar obfervar attentamente fe elles são em capacidade de fer , ou não muito apertados, attendendo affim á fua idade, como á fua conftrucção, e poffibilidade.

Do modo, com que fe nutrem as partes do corpo do Cavallo.

OS membros , e membranas de toda a máquina do corpo do Cavallo tem á proporção da fua eftructura quatro faculdades principaes , e quatro virtudes, que fe derivão dellas. A primeira faculdade natural he a alma vegetativa, a quem animão os efpiritos vegetativos , cujas acções pertencem á confervação do Cavallo , e em particular á nutrição , e augmentação da fubftancia , que fe extrahe do alimento para a fua confervação , e da efpecie da geração. A fegunda he a faculdade attractiva, que converte o alimento em fubftancia do corpo, e fuppre a falta de fubftancia, que fe eftá continuamente confumindo. A terceira he a faculdade nutritiva, e augmentadora, que faz crefcer o corpo em todas as fuas partes, affim internas, como externas, até elle chegar á fua total perfei ção, em que refplandece a agilidade , e a graça da primeira idade. A quarta he a faculdade generante , por cujo beneficio fe confegue a propagação da fua efpecie.

A eftas faculdades principaes fe feguem quatro virtudes , ainda que menos effenciaes muito neceffarias. A primeira he a virtude attractiva, que attrahe a fubftancia precifa para o nutrimento de todos os membros , e membranas. A fegunda he a retentiva, que faz demorar a fubftancia para o fortalecimento dos membros, membranas, e medullas até fe digerir a fubftancia fuperflua, reformando-fe fempre de nova materia. A terceira he a nutritiva, a qual faz cozer, e fervir o alimento, que a retentiva fegurou para o animal crefcer, e fe reforçar. A quarta he a digeftiva, ou difpulfiva, que faz adelgaçar, e dirigir a demaziada enchente de fubftancia , que os mefmos membros, e membranas não podem confumir ; ou finalmente faz expellir dos membros, e membranas os humores demaziados, fejão fluidos, fejão vifcofos, porque eftes fó podem fervir de embaraço á fua confervação.

Eftas faculdades, e virtudes aperfeiçoão a difpofição dos orgãos. A attractiva faz-fe por partes rectas difpoftas pela longitude dos membros ; e a retentiva faz-fe por aqueductos obliquos , aperfeiçoando-fe todas pelo calor natural , fem o qual não produzirião humas, e outras bem as fuas operações.

Por todos os expoftos motivos fe devem recolher os Potros no noffo clima, para entrarem a fervir em tendo quatro annos , obfervando fe elles padecem das fuas mãos, e pés, ifto he, fe lhes inchão os pés , fe tem as ranilhas humidas, fe tem debruns inflammados nas coroas dos cafcos das mãos , e fe tem groffuras nas articulações das juntas dos joelhos , e travadouros das mãos, e pés , e nas juntas dos curvilhões; pois em havendo eftas inchações, e inflammações, he certo que não ha a boa diftribuição de humores , que elles devem ter , fendo logo precifo curar os Potros , para que os humores detidos neftas partes não venhão a demorar-fe de forte que lhes caufem moleftias difficultofas de remediar.

Alguns creadores (como já diffemos) não dão aos feus Potros outro fuftento, quan-

quándo os recolhem, que não ſeja palha, ou feno, iſto pelo eſpaço de ſete, ou oito dias, para lhes diſſipar os guzanos, que a má digeſtão das hervas resfriadas lhes causão; e paſſado o dito tempo, lhes dão verde até ſe acabar: e outros logo que os Potros são recolhidos, lhes dão verde: he bem certo que ſendo elles aſſim tratados, eſtranhão menos.

Acabado o verde, ſe lhes deve dar palha, e a ſua ração de cevada, que podem os primeiros dias fazer-lhes paſſar por agua fervendo, porque os refrigera muito.

Alguns creadores com a ração de cevada coſtumão dar aos Potros huma medida de favas miſturadas com ella, eſtando primeiro de molho hum dia, em que lhes devem mudar a agua, para que eſtejão brandas, e os Potros as comão bem. Ellas lhes fazem bom cabello, e os engordão, e nutrem muito; mas allaxão-lhes os poros da cutis, e elles ſuão muito, e por conſequencia ſe tornão alguma couſa brandos: motivo, por que me parece podem uſar dellas, quando a conſtituição dos Potros for demaziadamente aduſta, e ſecca; porém tanto que elles ſe diſpuzerem para nutrir demaziado, perſuado-me ſerá bom não uſar dellas.

Nos primeiros dias, em que os Potros são recolhidos, muitas vezes ſuccede, pela mudança que fazem de exercicio, incharem-lhes os pés, e mãos, cuja inchação muitas vezes ſe diſſipa, lavando-lhos com algum dos cozimentos proprios para hum tal acontecimento, em que tambem as ſangrias tem lugar, &c.

Modo de fazer as raças para produzir Machos.

OS Machos são producção dos Burros com as Egoas, e poucas vezes de Cavallo, e Burra. Eſta eſpecie de animaes he miſtiça, monſtruoſa, e imperfeita; e poſto que elles ſejão parecidos aos Cavallos na apparencia, com tudo differem muito delles na eſſencia. Iſto ſe juſtifica pela impoſſibilidade com que elles naſcem para a propagação: não ſe deve negar porém ſer eſte miſto de muito preſtimo para o trabalho, e ſerviço ordinario.

Algumas Mulas tem chegado a conceber, e parir; porém já mais tive a noticia de que ellas chegaſſem a crear em Paiz algum do mundo as ſuas crias.

Os Machos pela maior parte são muito fortes, e de ordinario tem bons caſcos, e boa ſaude nas juntas das mãos, e pés. Elles são dotados commummente de boa fortidão nos rins, eſpinhaço, e eſpaduas, e por conſequencia podem conduzir, e arraſtrar maiores pezos que os Cavallos, ſem ſe arruinarem tanto nos ſeus caſcos, nas mãos, e pés.

Alguns ha, que tem huma andadura muito cómmoda, na qual aturão muito, por terem (como temos dito) boa ſaude nas mãos, e pés.

O trote dos Machos he aſpero, e ſecco: e da meſma fórma o he o ſeu galope, e o ſeu paſſo ordinario, pois quer em hum, quer em outro, os movimentos das ſuas eſpaduas são muito debaixo do ſeu corpo; mas são bons para carregar, e puchar por carruagens, e coches, vivem muito, (ſe os tratão bem) comem ordinariamente menos que os Cavallos, e tem menos enfermidades em todo o corpo.

Quando quizerem que huma Egoa conceba hum Macho, ou Mula, farão con-

conduzir hum Burro, e huma Burra; e logo a Egoa, a qual moſtre eſtar diſpoſta, havendo a prevenção de eſtar travada, e prevenida, como diſſemos o deve eſtar para o lançamento da propagação dos Potros; e logo que o Burro eſtiver prompto, lhe tiraráõ a Burra, e apreſentaráõ a Egoa; e ſenão pegar da primeira vez, e ella moſtrar eſtá em calor, a tornaráõ a fazer cubrir pelo meſmo Burro: advertindo que os Burros, em eſtando no coſtume de cubrir as Egoas, não precisão de negaça.

Quaes são as partes, que devem ter os Burros mais proprias para o lançamento.

OS Burros, que ſe deſtinarem para o lançamento, devem ſer de grande corpo: tendo a teſta larga, as orelhas compridas, largas, e não importa que ſejão derramadas para os lados, as ſedas das crinas, e topete finas, e lizas, os olhos grandes, ſem grandes covas ſobre elles, o focinho comprido, e eſcarnado, as ventas largas, a taboa do peſcoço comprida, e larga em proporção, as eſpaduas largas, lizas, e bem formadas, as polpas dos braços groſſas, as canas dos meſmos direitas, groſſas, e lizas, os joelhos lizos, e planos, as juntas das quartellas, e travadouros bem proporcionadas, os caſcos bem formados, a cernelha alta, e groſſa, o eſpinhaço direito, o ventre largo, a garupa redonda, e as pernas bem formadas. No caſo porém de não ſe acharem com todas as qualidades que ficão ditas, ſerá melhor para eſte fim aquelle, que for grande, e dellas tiver mais participação. Os de melhor côr para eſte caſo são os Caſtanhos, os Murzelos, e os Ruſſos. Os de Andaluzia, Ubeda, Baeça, e Jaen logrão entre todos boa eſtimação.

Os Creadores, ou quem eſtiver encarregado da regencia das raças, ſejão cavallares, ſejão muares, devem mandar acondicionar com toda a capacidade viveres, que pela eſtação do tempo gozem de ſer bem ſazonados, para que pelo outono, ſe os parques eſtiverem faltos de paſtagens, ſe ſuſtentem com os viveres recolhidos as raças encerradas nas arribanas; e já moſtrámos a razão, por que ſe devem abrigar das chuvas, e dos frios; e quando o tempo for benigno, fazer ſahir para o parque os Machos, aſſim como já recommendámos fação ſahir as Egoas, os Potros, e Poldras, não ſó para ſe alegrarem, mas até para fazerem exercicio.

As chuvas, e frios são muito deſagradaveis a eſtes animaes, porque lhes tapa os póros, e difficulta a tranſpiração. Iſto he viſivel; pois em fazendo grande frio, o pello dos Cavallos, e Machos ſe irriça, e ſe faz deſagradavel pela falta de tranſpiração. Os dous tempos de chuvas, e frios lhes motivão defluxos, e outras enfermidades, de que eu deixo de tratar; porém ſempre recommendo toda a diligencia que as evitem, recolhendo as raças ás ſuas eſtancias, quando a eſtação ſe conſtituir mais rigoroſa.

Em as Egoas ſe aproximando ao parto, devem os Guardadores ter com ellas as meſmas cautelas, que já diſſemos devem ter com as que eſtão produzindo Potros; porque a differença da producção não as preſerva dos terriveis effeitos, que coſtumão os partos trazer comſigo; pois de qualquer ſorte que aconteça, ellas ſem-

pre neste caso estão sujeitas aos mesmos lances, por onde passão, quando a prenhez he de Potro, ou Poldra, e por tanto carecem de hum igual tratamento.

Nos abortos que as Egoas tiverem, sejão as crias Potros, Poldras, Machos, ou Mulas, sempre devem ser tratadas como doentes, e muitas o ficão sendo effectivamente sempre. Ellas, segundo boas opiniões, abortão, por haverem levado couces de outras, por se encontrarem com os lobos; e dizem alguns que ellas abortão por verem a pelle do lobo, e ainda as pizadas delle. Se a Egoa está prenhe de Cavallo, e ou por conservar calor, ou por outro caso tem communicação com o Burro, logo aborta pela opposição que faz a substancia seminal do Burro á substancia seminal do Garanhão. Tambem abortão por desejo de comer alguma cousa a que não podem chegar, e podem tambem mover por enfraquecer a mesma Egoa, ou adoecer. Conhece-se o aborto na Egoa por lhe inchar o ventre, os ilhaes, e da mesma sorte por lhe inchar a vagina: a Egoa então se deita, e levanta muitas vezes, baixando, e levantando a cabeça sempre com hum gésto melancolico, e triste: neste caso lhe devem applicar os remedios, que a arte ensina para a fazer lançar fóra o feto.

Se o Potro dá volta, e se embrulha com a vide á roda do pescoço, tambem o devem concertar pelo mesmo modo, procurando desfazer-lhe aquella volta, ainda que he difficultoso.

Algumas Egoas fazem tanta força, que lhes sahe a madre fóra: neste caso devem logo metter-lha para dentro; porque se a deixarem arejar, a Egoa espasma, e morre: por isso recommendo a untem, a preparem, e banhem logo com aquelles cozimentos que a Arte ensina em taes casos.

A profusão do leite, e a malignidade do sangue he para temer nestes casos. Por esta razão deve a Egoa ser conduzida á cavalhariça, e alli bem cuberta, procurar por meio da transpiração ajudar a utilizar os curativos, que se applicão nestes lances. Tambem devem mugilla para não lhe encaroçarem as tetas, em quanto os deseccantes não fazem effeito. Além disto não será sem utilidade o fazer-lhe observar por algum tempo huma restricta dieta no sustento, e na agua, misturando nesta alguma farinha de trigo para o leite não se augmentar, e fazer cahir a Egoa em graves enfermidades.

Do modo, com que se fez na baixa Normandia produzir a raça dos Jumardos.

EM alguns Paizes, como na baixa Normandia, e Delfinado, se tem feito producções de huns animaes, a que chamão *Jumardos*, produzidos do ajuntamento dos Touros, e Egoas: elles são tão monstruosos como os Machos, e servem maravilhosamente para carregar, e puchar, por serem muito fortes. Salver no seu Tratado das Raças affirma tambem nascer esta casta de animaes do ajuntamento do Touro, e Burra, e do Burro, e Vaca, sendo todos igualmente monstruosos.

Os que nascem do Burro, e Vaca são mais pequenos, e não tem dentes de sima adiante na frente do queixo, como as Vacas: o resto do seu corpo, ainda que não

não ſeja muito avultado, he muito groſſo, e forte: elles são como os mais imperfeitos, e monſtruoſos, porque não podem fazer qualidade alguma de producção. Os Jumardos produzidos de Burra, e Touro, e de Egoa, e Touro, tem dentes no queixo de diante, e tambem não podem fazer qualidade alguma de producção.

Quando pertendem que o Touro faça o ſeu dever, tendo-o prezo em parte, onde haja pouca claridade, trarão huma Vaca alluada, e huma Egoa; e chegando a Vaca perto do Touro, em elle ſe querendo lançar a ella, lhe appreſentaráõ a Egoa travada, como já diſſemos, pois com ſemelhantes negaças ſe obtem as producções de Jumardos.

Devem os Jumardos ſer creados no parque até á idade de quatro annos, como deixo recommendado para a creação dos Potros, e Machos; e depois de recolhidos á cavalhariça, fazellos trataveis, e manſos, do meſmo modo que ſe devem diſpôr os Potros, e Machos, deſtinados para ſervir nos coches, e carruagens.

Moſtra-ſe o modo mais facil de diſpor os Potros, e Machos, deſtinados para os coches, e carruagens.

OS Potros groſſos, e fortes, ainda que ſejão applicados ao groſſeiro exercicio de puchar por hum coche, ou carruagem, não perdem as eſſenciaes qualidades que tenho dito, que os faz nobres, ou os mais diſtinctos entre todos os animaes, por cuja cauſa os Cocheiros, e Sotas os devem tratar com mais mimo, e cuidado, do que elles coſtumão tratar os Machos, e Urcos; porque ſe os Cavallos obrigados da violencia, ou do caſtigo chegão a deſobedecer, raras vezes tornão a ſervir bem. Por tanto, deſte principio depende muito o ſeu bom preſtimo de poder trabalhar: pois he ſem dúvida que os principios, donde emanão todas as acções dos Cavallos, exiſtem parte na ſua organização, e parte nas ſenſações, que lhes faz a peſſoa que os governa. Iſto não preciſa de muito para ſe provar manifeſtamente.

Com o Potro ſerril devem metter, ou emparelhar no carro outro Cavallo, ou Macho, que tenha de coſtume puchar pelos coches, aliàs o Potro fará deſordens, em nada conformes á determinação, que pertendem que elle tome, para andar bem no coche, ou carruagem. Por meio de ſenſações gratas, ou ingratas he que ſe obrigão os Cavallos a ſatisfazer promptamente áquelles movimentos, que delles ſe exigem, e ſe eſperão: iſto ſe obſerva a cada paſſo. Quando o Cavallo foge da vara que lhe moſtrão, o faz ſó porque já com ella o caſtigárão, pois quando lhe derão com ella, ſe lhe imprimírão no cerebro duas eſpecies, huma da vara, mediante a ſua viſta, outra da dor, mediante o ſentido do tacto; e como eſtas impreſsões ficárão juntamente impreſſas no cerebro, a viſta de huma facilmente excita a outra. Eis-aqui a razão, por que os Cavallos quando lhes moſtrão algum daquelles inſtrumentos com que lhes derão, ou lhes fazem alguma acção daquellas, de que já ſe lhes ſeguio o caſtigo, elles fogem á impreſsão da dor, e determinão os ſeus movimentos, como os determinárão, quando os caſtigárão com elle a primeira vez.

Em ſe recolhendo os Potros, os devem deitar á guia por algum tempo; e depois

pois de os coſtumarem a andar naquelle gyro do circulo largo com muita moderação, e brandura, lhes irão pondo os arreios, ou apparelhos, e com elles, ſem lhes dar muita pancada, os continuaráõ a deitar á guia; e em moſtrando que eſtão manſos, e coſtumados aos arreios, os metteráõ em hum carro, ou coche, emparelhando-os com algum Cavallo, ou Macho já enſinado, pondo-lhes na embocadura do freio humas eſtopas bem embrulhadas; porque ſendo naturalmente os Cavallos mais ſenſiveis dos aſſentos da ſua boca, do que os Machos, em as guias, ou fiadores, (quando puchão por elles) obrigando-os com muita força, por não poderem pela diſtancia, em que trabalhão, adquirir hum tacto delicado na mão do cocheiro, e boca do Cavallo, elles deſobedeceráõ; e a prevenção das eſtopas embrulhadas na embocadura, irá minorando a actividade das ſenſações, ou dores, produzidas pelo freio ſobre os aſſentos da boca do Potro, e o irá juntamente conſtituindo no bom modo de ſervir.

Todos ſabem que para hum Potro andar, ſe lhe devem fazer ſenſações, que, determinando-lhe o movimento, o fação ir para diante por huma linha recta, o que ſe vence, puchando-o por huma guia para diante, e tocando-lhe com huma vara, ou com o açoute brandamente ſobre a garupa, a fim de que ſe determine a andar. Pelo contrario, para o fazer andar para trás, ſe lhe deve ſacudir amiudadas vezes a guia ſobre o cabeção, porque aſſim ſe coſtumão, e obrigão a recuar. He bom porém, e deve ſer, que hum homem a pé ajude as primeiras vezes os Potros a que vão para diante, como tambem a que recuem.

Depois do Potro mettido no carro, podem mudar a guia do tronel do meio do cabeção para o tronel de fóra, ou para o arco do olho do freio; e ou a pé, ou a cavallo, o devem ajudar pela guia a que ande para diante, ſem lhe darem muita pancada, para que pouco a pouco ſe vá coſtumando, até que o conſiderem em eſtado de poder ſervir, ſem o auxilio da guia: e iſto ſe fará ſe determinarem os Potros para os coches, logo que forem recolhidos, ſem que dante-mão os tenhão diſpoſtos para eſſe fim no Picadeiro.

Em tempo competente ſe devem pôr as ſellas naquelles, que houverem de ſervir para andar á ſota, como tambem fazellos andar algum tempo com bridão, para adquirirem mais governo, e não fatigarem tanto o braço ao Sota. Eu recommendo tanto que deitem os Potros á guia, ſeja para lhes pôr os apparelhos, ſeja para lhes pôr a ſella, ou para os montar as primeiras vezes, obrigando-os a determinarſe por ſenſações moderadas áquillo que pertendem que elles fação; porque ſe nos ſeus principios os conſtrangerem por meio de ſenſações violentas, elles tomaráõ, obrigados da colera, e falta de coſtume, determinações muito deſordenadas, e em tudo inteiramente oppoſtas á vontade de quem os pertende domeſticar, e enſinar.

Quando montarem os Potros as primeiras vezes, devem (como já diſſemos) deitallos á guia, e abatellos de ſorte, que elles conſintão ſe chegue a elles o homem que os houver de montar, o qual baterá com a mão no coxim da ſella; e ſe o Potro moſtrar que ſoffre, póde com agilidade metter o pé no eſtribo, e ſem perder tempo montar, ou ganhar a ſella de hum tempo. O que tiver a guia na mão,

a deve ſegurar com todo o tento para evitar ao eſpotrigador, ſe o Potro ſaltar, o funeſto acontecimento de algum deſaſtre.

Por eſte modo devem ir dando aos Potros algum exercicio, e enſino, tanto por ſe acharem em huma boa idade de ſe diſporem a aprender, trabalhar, e eſtar promptos para ſervir em tendo ſinco annos de idade, como tambem porque a falta de exercicio não vá produzindo nelles moleſtias, que os incapacitem para ſervirem, e as ſuas forças os não determinem á defeza, e os fação mais difficeis de ſujeitar-ſe.

Aſſim tambem ſe deve praticar com os Machos, e Mulas, ainda que eſtes tenhão ordinariamente a boca mais groſſa, iſto he, são menos ſenſiveis ás ſenſações do freio, do que os Cavallos. Eu digo ſuccintamente o como ſe deve dar principio ao enſino daquelles Cavallos, e Machos, que logo que são recolhidos do campo, os deſtinão para ſervir em coches, e carruagens; pois não ſendo iſto pertencente á Arte, de que trato, ſómente o faço por dar huma idéa de fazer uteis os Cavallos para todos aquelles exercicios, de que elles são capazes.

Nomes das cores dos Cavallos.

TOdos os Authores aſſentão de unanime acordo, em que os Cavallos tem quatro cores produzidas dos quatro humores, de que elles ſe compõem; a ſaber: *Sangue*, *Fleuma*, *Colera*, e *Melancolia.* Os ſanguineos são de côr Caſtanho maduro, Caſtanho rodado, Caſtanho dourado, Caſtanho eſcuro, Caſtanho claro, Caſtanho pezenho mais, ou menos eſcuro, Caſtanho roſilho, Caſtanho malhado: ſendo maior a parte caſtanha, que a malhada, ſe deve entender influe mais nelle o humor ſanguineo. Os Cavallos de todas eſtas cores são de bom temperamento, maiormente ſe elles tem a cauda, as crinas, os braços, e pernas dos joelhos, e curvilhões para baixo tudo preto.

Os Cavallos Ruſſos claros são fleumaticos, e da meſma fórma os Ruſſos queimados, os Ruſſos rodados, o Ruſſo cardão, o Ruſſo tordilho, o Ruſſo abatardado, o Ruſſo pezenho, o Ruſſo roſilho, o Ruſſo manchado, e o Ruſſo ſabino.

Os Lazões são colericos, e nelles domina o fogo: ha Lazão eſcuro, Lazão claro, Lazão alaranjado, Lazão toſtado, Lazão melado, Lazão dourado, huns mais eſcuros, outros mais claros: ha Lazão picarſo, e rabicão. Os que provão melhor, he o Lazão toſtado, o Lazão eſcuro, o Rabicão, e o Lazão alaranjado, maiormente ſe alguma deſtas cores he manchada de preto, ou bem rodada, tendo o Cavallo as crinas ou da meſma côr, de que he o corpo, ou pretas, e da meſma fórma os braços dos joelhos para baixo, e as pernas tambem dos curvilhões para baixo.

Os Murzellos são melancolicos. Ha Murzello andrino, Murzello rodado, Murzello amelroado, Murzello acaſtanhado, que tem alguns pellos caſtanhos nas verilhas, no ventre, e nos ilhaes. Ha Murzellos manchados, ou moſqueados de branco, e outros malhados de branco, e de caſtanho. Os que são malhados de caſtanho, são bons. Os que são moſqueados, e naſcem com eſtes ſignaes, são da meſ-

mefma forte bons ; porém fe as pintas são produzidas de os haverem picado as mofcas, tem a pelle molle, e são ordinariamente froxos.

Os pellos dos Cavallos, de qualquer côr que fejão, devem ter a côr viva, fendo finos, e de tal forte luftrofos, que em o Cavallo trabalhando alguma coufa, deve moftrar bem por toda a cutis as ramificações das veias. Os Murzellos pardos de huma côr çuja, e defengraçada, os côr de rato com o pello groffo, como de boi, não provão bem: os totalmente brancos com o pello groffo, e arripiado, de ordinario provão mal, maiormente fe elles tem as crinas, e as fedas da cauda groffas, e crefpas.

Os falgados manchados de ordinario tem feia cara: os Murzellos malhados de branco, e os Caftanhos da mefma fórma malhados, pela maior parte são mais viftofos na pelle, do que no preftimo.

Os Cavallos baios, çopa de leite, zabellos, e de cores deslavadas com o pello groffo, são quafi todos froxos, defengraçados, e pouco viftofos, elles ordinariamente são dotados de hum efpirito cobarde, e de humas determinações muito defanimadas.

Nomes dos fignaes, que fe dizem bons, fegundo a opinião dos melhores Authores, e creadores de Cavallos.

O Signal branco que alguns Cavallos tem no meio da tefta affima dos olhos, vulgarmente chamado Eftrella, he bom. Ao fignal, ou laivo branco, que principia affima dos olhos no meio da tefta, e acaba declinando para as ventas, fe chama Silva. Ao fignal branco, largo, e direito, que, principiando no meio da tefta, e fem tocar os olhos, fe eftende até ás ventas, chamão Frente aberta. O fignal branco na verga dizem que he bom, e o mefmo dizem do pé efquerdo branco; e fendo ambos com algumas manchas, ou arminhos nos murzellos, caftanhos, e nos lazões brancos, e nos ruffos pretos, he melhor.

As mofcas pretas, e os fignaes pretos nos Cavallos ruffos são de ordinario hum bom fignal. As mofcas brancas nos caftanhos, murzellos, e lazões tambem são bom fignal, não fendo (como deixamos notado) produzidas pelos haverem picado as mofcas em quanto novos. Sendo que todos eftes fignaes quanto a mim concorrem mais para fazer os Cavallos viftofos, do que para prognofticar com infallivel certeza a fua boa, ou má inclinação, e o feu preftimo.

Nomes dos fignaes chamados communmente máos, e que fazem os Cavallos muito defagradaveis.

A Eftrella, que principia abaixo dos olhos, he feio fignal, e affim o he a filva que tem principio do mefmo lugar; e fe tiver manchas da mefma côr do pello do Cavallo, a que chamão Sobrefaltados, he peior. A filva que fe derrama do meio da tefta para as queixadas, he feia, e he tida por máo fignal. Se o Cavallo tem a meia queixada branca, a que chamão falfalvo, he feio fignal; e fe for a efquer-

querda, dizem que he peior. Ao ſignal branco, que alguns Cavallos tem, e lhes cobre toda a frente, e entra na boca, chamão Mortalha, ou Touca branca, ou Toalha: os Cavallos, que tem as pontas dos labios brancos, dos quaes ſe diz que bebem em branco, são tidos por mal aſſignalados. Os Cavallos, que tem as alvas dos olhos faltas de fogo, ou de côr, e ficão as ſobreditas alvas ſendo claras, e brancas, he tambem máo ſignal.

Da meſma ſorte são ruins todas as nodoas brancas, que alguns Cavallos tem ſobre as retinas, e alvas dos olhos, a que chamão gazios. E finalmente qualquer outro ſignal branco, que tenhão os Cavallos dos olhos para baixo, ſegundo a geral opinião dos melhores Cultores das mais diſtinctas raças, ſe devem reputar inteiramente por máo ſignal.

Ao Cavallo, que tem ſómente o pé direito branco, chamão Argel: ao que tem branco o pé, e mão direita, chamão Argel-travado: o meſmo nome dão tambem ao que tem branco o pé direito, e a mão eſquerda; e quando he juntamente branco o pé, e mão direita, e a mão eſquerda, Argel-treſtavado, ou Argel-manalvo; e áquelles, que não tem ſignal algum, chamão Zaino.

No modo de ſentir, e ajuizar ſobre os bons, e máos ſignaes diſcordão os Authores não pouco huns dos outros. Eu porém não pertendo tratar de ſemelhantes aſſumptos, porque me perſuado que os bons ſignaes ſó são viſtoſos, e enfeitão os Cavallos; e a maior parte das razões, que todos dão ſobre os bons, e máos ſignaes, são pouco veridicas; pois eu tenho obſervado máos Cavallos com bons ſignaes, e ás vezes bons Cavallos com máos ſignaes. E póde ſer que alguns curioſos deſtas obſervações em outro tempo, e em outra idade, alcançaſſem o meſmo, e dahi venha aquelle ditado de que obras deſmentem ſignaes.

Moſtra-ſe quaes são os redopios, a que communmente chamão bons; e quaes os que denominão máos.

TAmbem entrão na claſſe dos ſignaes aquelles redopios, que os pellos dos Cavallos fórmão em differentes partes do corpo. Os redopios, que alguns Cavallos tem na teſta, dizem que he bom ſinal, aſſim como o são os que tem na taboa do peſcoço junto ás crinas, a que chamão Eſpada Romana; e ſe o houver das partes ambas, melhor. Da meſma fórma são bons os redopios, que alguns Cavallos tem junto á cauda, ſejão elles ſobre as ancas, ou ſobre as nadegas, e ſejão embora mais altos, ou mais baixos.

Os redopios, que ordinariamente todos os Cavallos tem, são: hum no meio da teſta aſſima dos olhos, outro ſobre o ezofago, dous entre as polpas das cartilagens do peito, e as eſpaduas, dous nas verilhas, dous nos ilhaes: eſtes, e os do peito he bom ſejão grandes. Coſtumão tambem ter hum no embigo; e ſe os Cavallos são faltos deſtes redopios naturaes, elles são tidos por mal aſſignalados.

Aſſim como dizem ſerem bons os redopios, de que tenho tratado, aſſim dizem ſerem máos os muitos redopios pequenos, que muitos Cavallos tem ſobre o ezofago, ſobre o ventre, e nos ſovacos dos braços: a eſtes dos ſovacos dos bra-

ços dão o nome de *Guaias*. E mais dizem, que havendo deftes redopios nos fovacos dos braços de huma, e de outra parte, he peior. Se bem que eu tenho vifto alguns Cavallos muito bons com eftes redopios, que são reputados por máos.

Signaes, pelos quaes fe conhece a idade, em que eftão os Cavallos até chegarem aos fete annos pouco mais, ou menos.

CAda Cavallo tem quarenta dentes; a faber, vinte e quatro queixaes, doze adiante, e quatro colmilhos. Aos tres mezes de nafcidos lhes fahem, ou nafcem os doze de diante chamados de leite. Aos trinta mezes pouco mais, ou menos cahem quatro deftes dentes da frente, dous debaixo, e dous de fima: os que eftão mais adiante no meio dos outros, e nafcem em feu lugar outros mais fortes, os quaes ha de o Cavallo confervar em quanto vive. Aos tres annos e meio cahem os quatro feguintes, e vem outros da mefma forte. Aos quatro annos e meio cahem os ultimos, que são os que eftão junto ao lugar, aonde affenta o freio, e vem da mefma forte outros novos, que ainda aos finco annos não eftão iguaes: aos feis annos são os dentes da ultima muda iguaes aos outros; mas confervão huma cova aberta pela parte de dentro da boca, que não acaba de cerrar fenão depois do Cavallo fazer fete annos. E daqui vem dizer-fe *eftar cerrado*; porém ainda fe moftra nos referidos dentes parte daquella cavidade, ou ao menos huma nodoa (femelhante no feitio a huma fava) que até aos oito annos fe conferva, e todos eftes fignaes fe gaftão com a continuação de moer, ou maftigar. A' excepção deftas, as mais averiguações são falliveis, fendo que depois do Cavallo haver cerrado, tambem ha modo de as tornar a fazer abrir artificialmente para fazer apparencias de que tem menos idade.

A malicia dos homens tem juntamente defcuberto o modo de fazer com que hum Cavallo, que tem fómente de idade trinta mezes, pareça ter completos os finco annos. Os que usão defta invenção, a concluem, arrancando aos Potros os dentes de diante na idade de dezoito mezes, cujos lugares a Natureza facilmente occupa com outros novos dentes, e affim fica o Cavallo parecendo de finco annos, fe quem lhe reconhecer a idade não reparar fe os comilhos vem já fahindo.

Em fim, em os Cavallos cerrando são infructiferas, e de nenhum momento as tentativas, que fe fizerem para lhes reconhecer a idade; e ainda quando elles são acompanhados dos fignaes que lha manifeftão, ás vezes enganão, porque a malicia dos que contratão nefte genero tem excogitado eftes, e outros femelhantes modos de lhes viciar os fignaes das idades pelo conhecimento dos dentes.

ES-

Silva delin. *Frois sculp.*

ESTAMPA III.

Dos nomes de algumas partes dos corpos dos Cavallos.

PAUTA DOS NUMEROS.

1 Lagrimal.
2 Pupillas.
3 Alvas dos olhos.
4 Covas dos parietaes, ou olhais.
5 Offos petrofos.
6 Orelhas.
7 Topete.
8 Tefta.
9 Agulhas das ventas.
10 Ventas.
11 Membrana das ventas.
12 Beiço fuperior.
13 Beiço inferior.
14 Barbada.
15 Agulhas da queixada inferior.
16 Boca.
17 Faces.
18 Queixada fuperior.
19 Nuca.
20 Axilar, ou Ganacha.
21 Cernelha, ou Crinas.
22 Taboa do pefcoço.
23 Ezofago.
24 Jugulares.
25 Cruz, ou agulha do Thorax.
26 Ponta fuperior da efpadua.
27 Ponta da frente da efpadua.
28 Claviculas.
29 Peito.
30 Cartilagens do peito.
31 Ponta do offo externo.
32 Junta do codilho.
33 Cana do braço.
34 Joelho.
35 Canela do braço.
36 Junta da quartela.
37 Diftancia da quartela.
38 Coroa do cafco.
39 Tapa, ou cinta do cafco da mão.
40 Ponta do cafco.
41 Palma da mão.
42 Talão.
43 Machinho da quartela.
44 Nervo principal do braço.
45 Curva do joelho.
46 Polpa do braço.
47 Ranilhas, ou arnilhas.
48 Travadouros da quartela.
49 Codilho.
50 Offo do braço.
51 Polpa da efpadua.
52 Coftelas.
53 Efpinhaço.
54 Lugar dos rins.
55 Ventre.
56 Sovacos.
57 Embigo.
58 Verga.
59 Tefticulos.
60 Bargadas.
61 Verilhas.
62 Ilhaes.
63 Quadrís.
64 Ancas.
65 Canal da garupa.
66 Nafcimento do cabo.
67 Nadegas.
68 Sabugo do cabo, ou cauda.
69 Polpa da nadega.
70 Polpa do femur.
71 Curva da nadega.
72 Tibia.

73 Soldra.
74 Jarrete.
75 Nervo principal da perna.
76 Comprimento do travadouro do Jarrete.
77 Junta do Jarrete.
78 Calcanhar.
79 Coroa do caſco do pé.
80 Ponta do caſco do pé.
81 Canella da perna.
82 Junta inferior do curvilhão.
83 Junta ſuperior do curvilhão.
84 Junta da fórma, e polé.
85 Junta do articular, e entre-oſſo.
86 Machinho do Jarrete.
87 Tapa do caſco do pé.
88 Comprimento do travadouro do Jarrete.
89 Palma do pé.

As Letras E, e as letras C manifeſtão o lugar das ſobcurvas, e curvaças.

Fazemos menção de algumas partes externas dos corpos dos Cavallos, moſtrando os ſeus lugares pelos numeros da Eſt. III., para que ſejão conhecidos os ſeus nomes, como tambem os de algumas partes internas, que lhes correſpondem, a fim de que pelo decurſo da lição não faça dúvida, ou embaraço o meu modo de explicar.

Eu paſſo a dar hum breve conhecimento em commum da analogia que tem as partes internas com as externas dos corpos dos Cavallos, para não ſe ignorarem as ſuas proporções; e poſto que a Arte da Cavallaria não tenha dependencia dos conhecimentos da Anatomia, he bom ſaberem os Cavalleiros a formalidade deſtas partes, para fazerem boa eſcolha dos Potros, ainda ſendo magros, e novos, e dos Cavallos em qualquer eſtado, e idade.

Na cabeça tem principio, e origem os nervos, que communicão a toda a máquina do corpo a virtude animal, e de onde ſe diffundem por todos os membros inferiores os ſentidos, e movimentos. Ella ſe compõe da Cutis, Gordura, Membrana carnoſa, do Pericranio, e do Cranio.

A *Cutis* he huma membrana, vulgarmente chamada *Pelle*, que reveſte não ſó a cabeça, mas todas as partes do corpo.

A *Gordura* he huma ſubſtancia oleoſa, intertecida de glandulas, em as quaes reſidem tambem por diverſas partes do corpo grande numero de vaſos, em que ſe vai filtrando o ſangue, e deſte continuamente ſe eſtá extrahindo huma parte oleoſa, que por meio de fermentação ſe converte na referida gordura.

A *Membrana carnoſa* da cabeça até aos olhos he hum paniculo muſculoſo, mais, e menos groſſo, que cérca a cabeça. Eſta membrana pela parte externa ſe une á gordura, e cutis; e pela interna ás partes nervoſas, que fórmão os ligamentos dos oſſos.

O *Pericranio* he huma continuação de fibras, que ſahindo pelas juntas, e póros do cranio, extendidas, e entretecidas ſobre elle, o fórmão para reveſtir os oſſos, ou partes de que ſe compõe o cranio.

Querendo-me deſenganar de algumas dúvidas, que eu tinha a eſte reſpeito, tomei o expediente de examinar os corpos dos Cavallos, e achei que ſe compõem das partes que vou dizendo.

As partes que conſtituem o Cavallo, ſe comprehendem debaixo dos nomes de

par-

partes fluidas, e de partes ſolidas. As ſolidas comprehendem os oſſos, as partes cartilaginoſas, e homoplatos. As partes moles comprehendem os muſculos, tendões, membranas, ligamentos, producções membranoſas, ligaduras dos nervos, arterias, veias, e glandulas, &c.

Commummente chamão-ſe partes fluidas todos os liquidos, que ha no corpo do Cavallo, como o Sangue, a Linfa, o Quilo, a Bilis, o Suco medullar, a Saliva, e o Semen, &c.

A cabeça do Cavallo ſe divide em teſta, ou Cranio, e extremidades, ou em queixada ſuperior, e inferior. He verdade que rigoroſamente ſó deviamos chamar queixada áquellas peças, em que eſtão encaixados os dentes; mas ſomos obrigados a tomar o todo pela parte, a fim de multiplicar os termos, e a integridade.

Todos ſabem que os oſſos dos Cavallos são huma parte a mais ſimples, dura, e terreſtre de todo o corpo; mas elles são os ſuſtentaculos das ſuas corporaes máquinas. São de ſua natureza pezados, e livres de todo o ſentimento, nutrem-ſe do Perioſteo, e a ſua medulla ſe differença em huns dos outros, aſſim como tambem são differentes na ſua grandeza, fórma, e uſos.

Os principaes oſſos da cabeça do Cavallo são o Cranio, ou Oſſo Coronal, que eſtá collocado debaixo do N. 8., o qual ſe divide em dous, chamados *Frontaes*, dous *Parietaes*, e hum *Occipital.* Aos Parietaes ſeguem-ſe dous chamados *Temporaes*, dous petroſos *Capillares*, ou *Athemoides*, e dous nas cavidades dos olhos chamados *Rotundos.* Eſtes oſſos são unidos por ſinco juntas, ſem movimento. Tem a cabeça mais duas eſpinhas das ventas, e oſſo do angulo maior, dous dos queixos ſuperiores, dous dos queixos inferiores, dous do paladar, e hum chamado *Agulha do paladar.*

O queixo inferior ſe divide em duas peças; mas em o Cavallo fazendo ſinco annos, de tal modo ſe fortalece a junta N. 13., que parece o queixo ſe compõe de huma ſó peça. As queixadas do Cavallo ſe compõem das extremidades ſolidas, gengivas, e dentes. Entre a queixada inferior eſtá a lingua.

O tronco do corpo divide-ſe em tres partes, Eſpinha, Thorax, e Bacim. A Eſpinha he huma continuação de peças, a quem chamão *Vertebras*, e humas ſe denominão verdadeiras, outras falſas: as verdadeiras são dezoito, as falſas ſeis, as do peſcoço ſete, e as da cauda dezeſeis.

As Vertebras do peſcoço chamão-ſe *Cervicaes*, e no principio do Thorax, pouco antes de chegar ao N. 26. ſe unem com as do eſpinhaço chamadas *Dorſaes*; e ás do eſpinhaço junto ao N. 54. ſe unem as *Lombaes*, que ſe continuão até ao oſſo ſacro.

As coſtellas, que fórmão a cavidade do peito, e parte da cavidade do ventre, são trinta e ſeis, dezoito de cada lado. Ellas ſe dividem em Verdadeiras, e Falſas; porque as Cartilagens das verdadeiras immediatamente ſe unem ao oſſo externo N. 31.; e as falſas vão-ſe unir a elle por meio de duas trenilhas membranoſas, que partem do ſegundo N. 31. para o N. 55.

O Bacim he compoſto de ſeis oſſos, tres de cada lado; a ſaber: *Ilion*, *Iſchion*, e *Pubis.* As ſuas extremidades chamão-ſe *Anteriores*, e *Poſteriores.*

Adverte-se que os numeros de toda esta noticia Anatomica pertencem á Est. III. posto que os lugares apontados fiquem pouco mais abaixo, ou mais assima do lugar em que está o numero.

Noções preliminares dos ossos em geral.

COmpõe-se o corpo do Cavallo de ossos grandes, ossos menores, e ossos minimos. A figura dos ossos de cada meia parte do corpo he differente em cada hum, á excepção das vertebras, costelas, e nós; e ainda estes sendo muitos de hum feitio, são diversos no seu tamanho, e juntas, e são antagonistas huns dos outros.

Os ossos das canas, e canelas dos braços, e assim os ossos do femur das tibias, e canelas das pernas são longos. Os moplatos são do numero dos ossos minimos. O occipital, o vomer, a queixada inferior, o osso da base da lingua, as vertebras, o osso sacro, e o osso externo separão verticalmente o Cavallo em duas partes iguaes.

A's faces, que os ossos tem em sima, em baixo, adiante, atrás, e nos lados, damos os nomes de superiores, posteriores, inferiores, anteriores, e lateraes. Assim como denominamos outras, internas, externas, obliquas, extremidades, e bordas, &c.

Das eminencias dos ossos, e seus prestimos em geral, e em particular.

OS ossos sobre as suas faces, e extremidades tem desigualdades mais, e menos visiveis, a quem os Anatomicos cummummente chamão *Eminencias*. Nas articulações correspondem as eminencias do osso da cana do braço N. 33. ás cavidades do osso do braço N. 50., e assim nos mais.

Os ossos, fallando em geral, são os sustentaculos de todas as partes do corpo do Cavallo: elles fórmão a construcção da máquina, a qual facilitão com a sua estructura, cabeças, cavidades, eminencias, e chanfraduras, necessarias aos differentes exercicios a que se destinão, e por isso huns ossos servem de ponto na máquina para a execução do movimento; outros servem pelas suas degradações para levantar, e abaixar, ou para ubilicar, já á direita, já á esquerda, á vontade das mais partes do corpo, tanto no interior, como no exterior: e podemos dizer que muitos fazem o officio de mollas. Tambem ajudão a depurar parte dos alimentos proprios á nutrição de diversas partes do animal; outros servem para ajudar a formar as cavidades dos vertersis, facilitar a respiração, e defender differentes orgãos. Finalmente os ossos do corpo do Cavallo são a base de todo o seu esqueleto, ou organização.

Fallando dos ossos em particular, a cabeça do Cavallo he composta de duas partes: á superior chamão *Cranio*, ou *Queixada superior*, e á posterior *Queixada inferior*.

A

A parte ſuperior ſe divide em Cranio , e faces. O Cranio he hum capacete formado de doze peças unidas intimamente por humas juntas , ou articulações ſem movimento. E as ſuas peças tem humas nomes geraes, e outras particulares: eſtes oſſos na parte ſuperior fórmão huma figura oblonga N. 7., e na parte local ſe comprehende huma cavidade, a que chamão Cavidade do callo de Cranio, ou Cavidade da medulla.

Dos oſſos do Cranio N. 8. ſe continuão os das faces N. 17. Como já diſſemos quaes são os oſſos, de que ſe compõe o Cranio, paſſaremos a tratar das ſuas fórmas.

Os oſſos *Frontaes* eſtão ſituados na parte anterior , e ſuperior das faces : elles são de huma fórma irregular , tem huma face externa , duas lateraes , e huma interna.

A face externa he polida, ainda que tem algumas eminencias: a interna tem algumas cavidades, e he mais poroſa.

As faces lateraes tem duas prolongações, huma interior, e outra poſterior: a interior vai-ſe unir ao oſſo fenoides, ou vides; a poſterior fórma com os parietaes, e petroſos as ſalleiras.

A face interna circunda a dura mater , e ſe continúa até á criſta do oſſo vides; e a face inferior tambem ſe articula com os parietaes, e petroſos.

Os oſſos *Parietaes* são por duas juntas unidos aos frontaes ; e pela parte longitudinal N. 9. ſe articulão com as eſpinhas das ventas , com os oſſos do grande angulo N. 10., e pela junta tranſverſal até aos temporaes N. 18.

Tambem os Parietaes fórmão huma pequena parte do Cranio. Elles tem duas faces, huma convexa, externa, liza, e polida; outra interna, poroſa, e deſigual, que fórmão quatro angulos nas ſuas juntas, hum ſuperior , outro inferior , e dous lateraes.

Os oſſos *Temporaes* fórmão as partes lateraes do Cranio : são irregulares , e não deixão conhecer a junta em o Cavallo, tendo ſinco annos, antes elles parecem huma continuação dos Parietaes, e frontaes. La Foce pag. 15. quer que os Temporaes ſejão quatro. Brogelat pag. 26. , e Ogan pag. 19. dizem que são dous. He certo que eſtes , e outros oſſos da cabeça do Cavallo com a idade ſe unem de maneira que as mais exactas averiguações não lhe deſcobrem as juntas, que tinhão na ſua primeira idade , quando Potro ; e eu em todas as cabeças que tenho averiguado, tenho achado ſómente dous.

Os oſſos *Capillares* são de huma figura irregular, tem quatro faces, que terminão em ponta aguda: a baſe deſte oſſo he interior, e o ſeu principio na parte alta he lizo, e pouco poroſo.

O *Occipital* N. 19. eſtá ſituado na parte poſterior do Cranio, e elle ſe une aos frontaes por ſinco partes, de que ſe deixão bem perceber as juntas, em quanto os Potros tem de tres até quatro annos; mas depois de terem mais idade, já ſe não conhecem; advertindo que tambem alguns naſcem com eſtas, e outras partes da cabeça unidas de maneira, que ſe não deixão já mais perceber as juntas dellas: e eu vi huma cabeça, em que não havia junta alguma, poſto que a examinaſſe com cuidado.

Dos

Dos ossos Athemoides, a quem outros chamão Vides, Capillares, ou do Vacilar.

OS ossos *Athemoides* estão situados na parte interior do Cranio, e separados pelas cartilagens das ventas. Elles são unidos ás extremidades do Cranio, e ás espinhas das ventas: tem huma figura irregular, e huma cavidade junto aos frontaes com hum póro, por onde se conduzem os nervos, que dão movimento aos beiços.

Estes ossos tambem estão unidos ao fenoides pela parte inferior, aos frontaes pela superior, e pelas partes lateraes aos ossos do grande angulo.

Dos ossos das faces superiores, e inferiores.

JA' houve Anatomico, que dividio os ossos das faces dos Cavallos em dezeseis partes; a saber: dous ossos das ventas, hum osso do grande angulo, hum osso do queixo superior, dous chamados extremidiarios, dous das gengivas superiores, dous das inferiores, dous chamados Platins, dous chamados Pereguides, e dous denominados Corneas. Nós porém suppomos dous superiores, e dous inferiores, que são os que temos encontrado nas faces de todos os Cavallos, separados pelas juntas de que já fizemos menção.

Do Tronco do corpo do Cavallo.

DIvide-se o tronco do corpo do Cavallo em tres partes, *Espinha*, *Thorax*, e *Bacim.*

A espinha he huma collecção de quarenta e sete ossos nos Cavallos velhos unidos por quarenta e tres juntas; e nos Potros por quarenta e seis: succede isto, porque alguns ossos com a idade tambem na espinha de tal modo se unem, que se lhes não conhece a junta. Estes ossos, de que ella se compõe, chamão-se *Vertebras*, que tambem se denominão humas *Verdadeiras*, e outras *Falsas.*

As verdadeiras são vinte e quatro: e em raros Cavallos ha vinte e sinco. As falsas são vinte e tres. As verdadeiras denominão-se Cervicaes, Dorsaes, e parte Lombaes. As falsas, ou do osso sacro N. 54. são 16., e as do pescoço 7. As vertebras cervicaes, dorsaes, e lombaes são differentes na figura, volume, e uso, como já deixamos notado.

Das Vertebras cervicaes, ou do pescoço em particular.

A Primeira he larga, alguma cousa torta, e tem duas faces, huma superior, outra inferior, e cada huma tem quatro eminencias. A face superior articula-se com o occipital: tem quatro póros, e outras tantas cavidades em cruz, com hum aqueducto consideravel no meio, por onde passa a medulla espinhal ás mais

ver-

vertebras : os aqueductos dos lados fervem de paffagem ás arterias, e veias vertebraes. A face inferior fe articula com a fegunda vertebra, e affim as mais fe articulão humas com outras até ás primeiras vertebras do Thorax, em que fe articulão as claviculas da primeira vertebra do Thorax N. 26. até ao N. 28.

As *Vertebras dorfaes* differem, como diffemos, das cervicaes, e lombaes, em não terem as juntas das fuas faces tão cavadas nos lados das fuas eminencias, e em ferem menos compridas, e irem em augmentação da primeira do Thorax para a terceira, e defta em diminuição para as lombaes, e humas, e outras são formadas com tres eminencias, duas lateraes, e huma fuperior: ellas são prezas humas ás outras por huns ligamentos chamados Entre-efpinhaes.

Os corpos das vertebras Dorfaes tem alguns aqueductos para vafos fanguineos. As treze vertebras primeiras jogão nas articulações alguma coufa para os lados, e para diante, as outras são mais direitas, e articulão-fe para os lados, mais do que para fima, e para baixo.

As *Vertebras lombaes* differem das outras em ferem groffas, e os feus efpondis largos, e curtos, as fuas cavidades obliquas são mais redondas, e fórmão o canal vertebral de hum, e outro lado de huma figura quafi triangular.

O *Offo facro* principia na parte pofterior da efpinha, e ultima vertebra lombal: a fua figura he triangular, e fórma duas faces, huma externa, alguma coufa defigual, e outra interna polída, e clara.

Efte offo compõe-fe de feis peças: as fuas juntas fe conhecem em quanto o Potro não chega aos tres annos, e dahi para diante de tal mdo fe offificão as juntas, que fe não conhece o lugar da fua união.

O offo facro eftá junto aos offos innominados, á ultima vertebra lombal, e ao primeiro nó, ou vertebra da cauda: as fuas juntas são efponjofas, e nellas fe fórmão algumas moleftias chamadas dos rins, que são más de curar.

Os *Offos da cova*, ou *canal* N. 65. montão ao numero de dezefeis, ou dezefete, que finalizão na ponta da cauda N. 68.

Todas as vertebras, e affim o offo facro, e os offos da cova, e cauda são unidos por muitos ligamentos fortes, e fibras, que vão formar na ponta da cauda huma efpiral.

Os *Offos do Thorax* N. 52., vulgarmente chamados *Coftelas*, são trinta e feis: dezoito de cada lado: a fua figura he oval, e chamão-fe as referidas coftelas, humas verdadeiras, e outras falfas: entendem-fe por verdadeiras aquellas, que prendem no offo externo, como já diffemos; e por falfas aquellas, que fe unem ás cartilagens dos lados do ventre.

As coftelas todas prendem nas vertebras do Thorax, e no offo externo, ou nas já referidas cartilagens, e ternilhas.

O *Offo externo* eftá fituado na parte baixa do Thorax entre hum, e outro codilho: elle alcança do N. 29. até ao N. 31., a fua figura he em fórma de meia lua: he largo junto ao primeiro N. 31., e finalmente fe termina de huma, e outra parte por cartilagens: no meio he porofo. A cartilagem do N. 30. he mais larga, e as fuas extremidades fe continuão, até que debaixo do ventre acabão em ponta aguda no fegundo N. 31.

O

O *Bacim* he formado pelos offos innominados, e pelo offo facro. Os offos innominados são huma compofição de feis peças, que facilmente fe feparão pelas fuas juntas, em quanto o Potro tem de hum até dous annos de idade; depois até aos tres annos fe offificão as juntas dos lados; e dos quatro para os finco annos já fe não conhecem, nem a junta do bacim, nem a do pubis, antes eftão os referidos offos reduzidos a hum. As feis peças, de que fe compõem o chamado bacim, fe denominão as duas fuperiores N. 64. Ilion, as duas dos lados Ifchion, e as duas inferiores chamão-fe Pubis; e affim a reunião deftas feis peças fórmão o Offo Sacro, ou Bacim.

O *Offo Illion* he triangular na parte fuperior na letra B convexo, e nos lados concavo: tem huma extremidade, ou borda interior, e duas lateraes: elle fórma tres angulos, e em cada hum tres faces; a faber: huma fuperior, huma inferior, e huma interna. A extremidade fuperior fórma-fe por angulos, de quem pelas partes oppoftas procedem as extremidades lateraes: tem huma face cartilaginofa junto ao Ifchion, e ao Pubis pela parte da face inferior do Sacro. Sobre a fua extremidade inferior tem huma cavidade, e hum buraco, por que paffa huma arteria, huma veia, e hum nervo; e na face interna fobre as fuas defigualdades fe unem as eminencias do Offo Sacro.

Como os *Offos*, *Ifchion*, e *Pubis* com a idade vem a reunir-fe, de forte que fórmão fómente hum, femelhante a hum oculo triangular; para nos explicarmos, dividiremos efte offo em parte fuperior, e inferior.

A fuperior he mais larga que a inferior, e fórma duas faces, huma externa, e outra interna.

A face externa fe compõe de tres faces, huma interna, outra menos interna, e outra fuperior. Na mais inferior fe fórma a face maior defte offo. Nas fuas extremidades fe unem os ligamentos chamados Sufpenforios, e junto a elles fe prendem os ligamentos cafulares interiores, os quaes dão a efta cavidade huma fórma quafi femicircular. Sobre efta mefma face fe conduz huma grande collecção de vafos fanguineos, que nutrem o perioftio.

A face interna fórma tres lados, hum interior, que faz frente ao abdomen; outro interno, que faz frente ao inteftino recto, e outro lateral.

A parte inferior defte offo he plana, e tem duas faces, e cada huma dellas tem huma face externa, e huma interna, algum tanto em covas, as quaes fórmão tres extremidades, huma pofterior, e duas lateraes.

As extremidades do corpo do Cavallo são quatro; a faber: as duas efpaduas anteriores, e as duas ancas pofteriores.

As efpaduas fórmão-fe de diverfos offos; a faber: *a Palheta* N. 26., o *Offo do braço* N. 50., o *Codilho* N. 49., a *Cana do braço* N. 33., a *Canela* N. 35., a *Quartela* N. 37., o *Offo coronario* N. 38., o *Petipe*, ou da *Palma* N. 39., e a *Naveta*, &c.

A Palheta, e Omoplato da efpadua alcança do N. 26. até ao N. 27. eftá fituada na parte lateral do Thorax junto á fexta, e fetima coftela, cuja palheta na parte fuperior he de huma figura quafi triangular.

Tem a palheta duas faces, huma externa, outra interna: a externa he nos pla-

planos dos lados concava , e junto á eſpinha convexa ; mas a face interna he em toda concava. A palheta ſe compõe de tres extremidades , huma ſuperior alguma couſa poroſa , em que principia a eſpinha junto de huma cartilagem , que cérca a ſua extremidade N. 26.

A extremidade inferior da palheta he alguma couſa pungente , e de huma figura oval , em que na parte baixa ha huma concavidade para ſe articular a cabeça ſuperior do Omoplato N. 27.

Eſte Omoplato articula-ſe na parte inferior com a cabeça ſuperior do oſſo do braço, e fórmão eſtes oſſos debaixo do N. 27. hum movimento encontrado, como o de huma tiſoura, de ſorte que ao tempo que a ponta da palheta N. 27. ſe move para diante para fazer levantar o braço, a ponta ſuperior da palheta N. 26. ſe move para trás; por conſequencia quando baixa o braço, avança-ſe a ponta da eſpadua N. 26., e atraza-ſe a ponta N. 27.

O oſſo do braço he ſituado no lado do Thorax N. 50. : elle deſce em linha obliqua do N. 27. até ao N. 32.: a parte ſuperior tem huma eminencia alguma couſa redonda, chamada teſta do oſſo do braço, que ſe articula no Omoplato, em que ſe prendem os ligamentos caſulares, nella ha tres cavidades, e tres eminencias interiores , que fórmão duas paſſagens para os tendões da eſpadua , que ſe prendem nas faces do oſſo junto ás ſuas cavidades , e tambem junto ás referidas cavidades tem algumas glandulas mucilaginoſas.

Na parte menor deſte oſſo ha tres faces, huma interna, huma anterior, e huma poſterior. Na parte lateral externa tem huma eminencia , em que ſe prendem alguns ligamentos da eſpadua , e na parte baixa he eſta eminencia menor que as extremidades altas do oſſo. Na face externa , e interna ha duas cavidades para a diſtribuição das veias. A extremidade inferior do oſſo do braço he terminada por quatro eminencias, que ſervem á articulação do codilho N. 49. A poſterior fórma huma grande cavidade , em que ſe articula o cubito, e outra interior , em que ſe prendem os muſculos do braço ; e nas duas faces lateraes ſe atão , e prendem os ligamentos, tambem chamados lateraes.

A cana do braço N. 33. compõe-ſe da cana, ou radio, e do cubito, ou codilho : o radio , ou cana do braço he longa ; e as ſuas extremidades ſuperiores , e inferiores são deſiguaes em groſſura. A parte ſuperior tem duas eminencias , huma externa pela parte lateral, e outra interna. A parte anterior deſte oſſo he dura, e tem huma face redonda, e na parte poſterior duas bordas , huma interna, e outra externa. Na parte inferior anteriormente ha quatro eminencias , duas são mais avultadas nas partes lateraes , e fórmão todas quatro tres cavidades , ornadas de cartilagens , que fazem a eminencia do meio mais conſideravel ; e tanto da parte ſuperior, como da inferior ſe prendem os ligamentos a todas ellas.

O cubito, ou codilho eſtá ſituado na parte poſterior do radio N. 49. , e elle fórma hum canal, que o divide em parte ſuperior, e inferior: a ſuperior he mais larga , e a inferior mais pungente. A cabeça ſuperiormente he acompanhada de cartilagens , que enchem a cavidade ſuperior para ſe unir atrás da junta N. 32. no lugar do N. 49. Entre as eminencias da cana , e canela eſtá ſituada huma cavida-

de, que ſerve poſteriormente como de conducto aos principios dos muſculos, que reveſtem o braço.

O joelho do Cavallo N. 34. ſe compõe de ſete oſſos em duas divisões, tres em cada huma, e hum pela parte do N. 45. Os oſſos da divisão ſuperior são o *Irregular*, o *Triangular*, e o *Semilunar*. Os oſſos da divisão inferior são *Pequeno uniforme*, o *Grande uniforme*, e o *Tapizado*; e finalmente o ſetimo ſe chama *Curvo*, ou *Corco*, ao qual ſe unem os oſſos de toda a articulação de huma, e outra divisão do joelho. O oſſo irregular fórma ſinco cavidades cartilaginoſas, huma ſuperior para ſe unir ás eminencias do radio, ou cana do braço; outra inferior para ſe unir ao primeiro oſſo da ſegunda divisão; outra na parte lateral externa para ſe unir á articulação do curvo, e duas nas partes lateraes internas para ligarem os dous oſſos da primeira divisão.

O oſſo triangular repreſenta ſinco faces, huma ſuperior, tres lateraes, e huma inferior. O oſſo ſemilunar tem quatro faces, huma ſuperior, huma inferior, e duas lateraes. O pequeno uniforme he, como diſſemos, o primeiro oſſo da ſegunda divisão: tem ſinco faces, huma ſuperior convexa, huma anterior convexa, huma inferior em parte plana, huma exterior, e huma interna: eſtas duas ultimas ambas são chanfradas.

Junto a eſte eſtá o grande uniforme: elle tem ſinco faces, huma externa convexa, huma interna concava, que tem huma extremidade redonda, em que ſe prende o ligamento caſular commum, e duas faces cartilaginoſas para ſe articular com o radio, ou cana do braço, e com o oſſo irregular da divisão ſuperior. O curvo he o ſetimo oſſo deſta junta, eſtá ſituado atrás da junta N. 34., como ſe moſtra pelo N. 45.: nelle ſe ata o ligamento caſular commum, e elle tem duas faces cartilaginoſas para ſe articular de huma parte com o radio, e da outra com o oſſo irregular.

Os oſſos da canela são tres, hum, que ſerve de ſuſtentaculo, chamado *Canela*, a ſua figura he hum pouco cylindrica, e de hum, e outro lado tem dous oſſos pungentes na parte ſuperior, junto ao fim do oſſo curvo pouco abaixo do N. 45., que chegão quaſi á parte inferior, ou ao pé da junta N. 43. Nos Cavallos velhos eſtes oſſos pungentes ſe oſſificão á canela de maneira que parecem hum ſó.

A quartela tem hum oſſo quaſi triangular, que fórma huma cavidade na parte interior N. 48. para a paſſagem do tendão principal, e tem huma face poſterior convexa N. 37., na borda da qual articulação ſe atão muitas partes tendinoſas, que ſe articulão pela parte ſuperior com o oſſo da canela.

O oſſo coronario he de huma figura quaſi quadrada, eſtá ſituado entre a coroa do caſco N. 38., e o oſſo da quartela: elle tem ſeis faces, huma ſuperior, huma inferior, huma anterior, huma poſterior, e duas lateraes.

Na parte ſuperior tem eſte oſſo duas faces cartilaginoſas, e na parte inferior duas eminencias tambem cartilaginoſas, que fórmão o ſeu entalhe: eſte oſſo he hum pouco concavo poſteriormente, e fórma no referido entalhe duas bordas deſiguaes: na face anterior he hum pouco convexo, e deſigual, e da meſma ſorte nas partes lateraes, e na parte inferior. Elle ſuperiormente ſe articula com o oſſo da quartela N. 37., e inferiormente com o oſſo da palma N. 41.

O

O osso da palma está situado junto á parte inferior do osso coronario : a sua figura he semelhante ao coronario, e na parte superior fórma tres faces na sua circumferencia, huma anterior convexa, e huma inferior concava, e a posterior desigual, e oval. Na parte superior he polido, e tem tres eminencias, huma na parte anterior, em que se prende o tendão extensorio, e duas nas partes lateraes, em que alguns ligamentos ligão este osso ao coronario : elle entre as suas eminencias tem duas chanfraduras, que dão passagem a alguns vasos sanguineos.

Na parte inferior concava se prende o tendão flexorio, que articula o coronario, e o osso da palma, detrás da qual junta, ou articulação está hum osso menor, chamado osso da naveta : dão-lhe este nome, porque se parece no seu feitio com este instrumento: fortalece elle a junta, que ha entre o coronario: he pequeno, e tem duas faces lizas, e polidas na parte superior, e nas suas bordas se atão fortemente os ligamentos, extensorio, e flexorio para fortalecer a junta do coronario, e da palma.

Das extremidades posteriores.

AS pernas cada huma se compõe de dez partes ; a saber : Femur N. 70., Soldra N. 73., Tibia N. 72., Jarrete N. 74., Curvilhão N. 83., Canela da perna N. 81., Travadouro do jarrete N. 76., Coroa do casco do pé N. 79., Osso do pé, e Naveta N. 78. Adverte-se que estes dous ultimos nomes vão debaixo de hum só numero, porque com ambos se nomeia a mesma junta.

O osso do femur he o maior, e mais grosso do corpo do Cavallo, divide-se elle em corpo, e extremidades, o seu corpo he lizo, e desigual: nelle posteriormente ha huma crista, que parte da extremidade superior até á inferior, e por isso fórma duas faces, huma da parte posterior, e outra da parte lateral externa ; e na parte posterior tem huma cavidade, que dá passagem a huma arteria, a huma veia, e a hum nervo.

Na parte superior deste osso ha quatro eminencias, e outras tantas cavidades. As eminencias são consideraveis, e a principal he a chamada *Testa do Femur*, que se inclina hum pouco para as tres, a fim de se articular na cavidade da face inferior do sacro : as tres são situadas interiormente, como inclinadas huma apôs das outras, huma he superior, a outra menor, e a ultima alguma cousa ainda mais pequena. Na primeira se prende o ligamento rod, o qual he curto, grosso, e composto de milhares de fibras unidas, e por isso fortissimo ; e entre as tres ha tres chanfraduras formadas para a articulação da referida testa do Femur.

Na parte inferior da primeira articulação N. 72. ha no Femur semelhantes eminencias, e semelhantes cavidades, que se articulão na junta da Soldra N. 73., e na parte superior da Tibia, em que se prendem os ligamentos lateraes, se bem que todas são alguma cousa menores que as superiores.

Na Soldra N. 73. ha hum osso, que tem duas faces, huma interior convexa, e desigual, e huma posterior em parte liza, que fórma quatro angulos, hum superior, hum externo, hum interno, e outro inferior: o inferior he obtuso, e nelle ha huma crista transversal, em que prendem alguns ligamentos desta junta.

O osso da Tibia he de huma figura prismal, elle fórma tres faces, huma externa, outra interna, e huma posterior: tem mais huma crista anterior, huma interna, e outra externa. Na parte superior deste osso ha sinco eminencias, duas na parte anterior, duas na posterior, e huma externa N. 72.: nesta prendem os ligamentos da Soldra: ellas são separadas por huma cavidade, que dá passagem aos referidos ligamentos para se irem prender por partes tendinosas das cabeças posteriores até ao esporão. Ha entre estas eminencias duas chanfraduras pela parte externa: huma dá passagem ao tendão; e a outra ás veias arteriaes.

O corpo deste osso do primeiro N. 72. até junto ao N. 83. he lizo, e polido nas faces externas; e nas internas tem hum buraco por onde passa huma arteria, huma veia, e hum nervo.

A parte inferior deste osso vem a finalizar quasi quadrada, e por consequencia tem huma face anterior, huma posterior, huma interna, e outra externa; e tem duas eminencias lateraes, e huma posterior, que se articulão com o osso da polé, ou do jarrete, e fórmão duas cavidades cartilaginosas separadas por huma crista, que ajuda a referida articulação.

O osso do jarrete está situado atrás da articulação do curvilhão: he de huma figura longa, e á semelhança da boca de hum jarro, tem huma face lateral externa, huma posterior, e huma interna: a ponta superior N. 74. he desigual, e dá passagem ao tendão principal. A face interna deste osso he concava, e marca quatro faces cartilaginosas, para se articular com o osso da polé na parte lateral; e na externa tem huma chanfradura para a referida articulação; e na parte inferior he este osso cartilaginoso para se articular com os de toda a junta.

Os ossos da junta do curvilhão N. 83. montão ao numero de sete; a saber: Jarrete, Polé, Roda superior, Roda inferior, a Fórma, o Articular, e o Entre osso: as suas juntas são unidas por oppostas eminencias, cavidades, chanfraduras, e cartilagens, todas necessarias para se formar o movimento desta junta do curvilhão.

Ao curvilhão segue-se a canela N. 81. A sua figura he alguma cousa cylindrica, e vai em declinação para a parte posterior: o seu corpo he pouco poroso, e lizo, a extremidade superior he maior, a inferior menor: entre as duas faces da parte posterior tem hum aqueducto, que dá passagem a huma arteria, a huma veia, e a hum nervo.

A extremidade superior he cartilaginosa, e cavada pelos lados: desta cavidade passão algumas veias, que ramificão a canela. Na parte posterior tem quatro eminencias cartilaginosas, debaixo das quaes se une a canela aos esporões, ou estes á sua face; e pouco abaixo do N. 85. ha duas chanfraduras, huma por hum, e outra pelo outro lado da canela, pelas quaes passão veias de todo o genero.

A extremidade inferior he cartilaginosa, e semelhante á superior: tem nos lados duas grossuras, em que se prendem os ligamentos lateraes. No machinho do jarrete N. 86. ha dous ossos atrás do osso da canela, chamados *Satelêtes*, que fortificão a junta. Na frente da junta inferior da canela ha duas pequenas eminencias N. 77., que se articulão com o osso da quartela.

O

O osso da quartela tem na parte superior cavidades, e eminencias, que se engradão nas eminencias, e cavidades da extremidade inferior da canela.

O osso coronario do pé he quasi quadrado, he forte, pouco poroso, e nas extremidades lizo: elle se articula com o osso da quartela, e com o osso do pé.

O osso do pé, e a naveta são semelhantes ao osso da palma: articulão-se com o osso coronario, bem assim como se articulão semelhantes ossos; que já dissemos ha dentro no casco da mão. Advertindo que não suppomos os esporões do Femur, e pungentes das canas, tibias, e canelas divididos, porque em tal caso seriamos obrigados a reduzir os ossos minimos a numero, muitos dos quaes em alguns Cavallos são imperceptiveis, posto que os busquem nos seus proprios lugares.

Numero dos ossos do corpo do Cavallo.

Ossos da cabeça - - - -	25.	Ossos das pernas - - - - - - -	16.
Ossos da espinha - - - -	47.	Ossos dos joelhos - - - - - -	14.
Ossos de costelas - - - - - -	36.	Ossos de curvilhões - - - - -	14.
Ossos do bacim - - - - - - -	6.	Satelêtes dos travadouros da mão -	4.
Ossos das mãos - - - - - - -	16.	Satelêtes dos travadouros dos pés -	4.
			182.

Das Cartilagens em geral.

AS Cartilagens são huns corpos brancos, elasticos, menos duros que os ossos, e algumas hum pouco mais duras que todas as outras partes do corpo do Cavallo, á excepção dos ossos: ellas são alguma cousa transparentes, ou diafanas, situadas em differentes extremidades dos ossos, e em diversas articulações, ou juntas. Ha duas sortes de Cartilagens da primeira ordem, humas articulares, e outras, que se produzem fóra das articulações.

A primeira sorte de Cartilagens está unida ás extremidades dos ossos longos, em que ha engradação: estas Cartilagens são lizas, polidas, e bem unidas ao osso, e não são compostas de huma só parte: ellas se distinguem tambem nos buracos, pelos quaes em algumas partes se conduzem alguns vasos sanguineos, e muitos se movem sobre Cartilagens, que lhes são contiguas.

A segunda sorte de Cartilagens observa-se sobre alguns corpos dos ossos, para unir, e formar corpo a algumas partes delicadas, como são os ouvidos, orelhas, soacos, &c. Ha outras Cartilagens, que servem para ajudar a conduzir os fluidos já da Laringe, e Trachea, já das partes internas das ventas, e outras partes delicadas: ordinariamente ellas são unidas aos ossos por ligamentos, ou fibras, que ligão as juntas.

Ha tambem huma grande multidão de Cartilagens nos vasos sanguineos, que differem humas de outras na sua figura, e prestimo. Ha outra especie de Cartilagens, que participão dos ligamentos, como são as de entre as articulações do Femur para a Tibia, a Cartilagem ligamentosa, intermediaria da queixadá inferior, e as das extremidades de alguns tendões, que são em parte cartilaginosos.

As Cartilagens do osso externo unem por cada lado seis ternilhas, que prendem as costelas: estas Cartilagens cercão em torno o osso externo da parte anterior N. 28. até á posterior do segundo N. 31.

A palheta da espadua na borda superior N. 26. tem huma Cartilagem larga, e forte que a rodeia: he, como o osso, convexa exteriormente, e concava interiormente, como já ponderámos: na parte superior tem alguns pequenos póros, que servem de passagem a alguns vasos sanguineos. Exteriormente he ligada a Cartilagem da palheta por hum ligamento forte, que nasce da espinha da palheta, e abraça em torno a Cartilagem, que se une ao perioste da palheta. A face interna he mais tenue, e une-se ao osso por fibras ligamentosas, que partem dos angulos da palheta para lhe ajudar a fazer as suas funções.

As juntas das quartelas nas coroas dos cascos das mãos, e pés são revestidas de huma Cartilagem que as endireita, e une pela parte superior, e inferior. He o travadouro N. 48., e as juntas N. 43., e N. 38. compostas de differentes partes unidas por pequenas fibras ligamentosas, que por alguns póros se introduzem no osso da quartela, no osso coronario, no osso da palma, naveta, suaco, e tapa, &c. advertindo que as Cartilagens, tanto das mãos, como dos pés, estão prezas aos ossos exteriormente por fibras, que procedem das eminencias dos ossos, sejão da quartela da mão N. 37., ou da quartela do pé N. 76.

Dos Ligamentos em geral.

OS Ligamentos são porções de fibras muito duras, e fortes, flexiveis, e elasticos. Huns são longos, e redondos, exteriormente unidos em roda das articulações, e outros são á maneira de cordões, e tambem alguns são chatos: o prestimo de todos os ligamentos he conter algumas partes moles, e prender as partes duras humas ás outras.

Ha duas sortes de ligamentos: huns são compostos de fibras parallelas formadas como de pequenas partes separadas, destinados a prender os ossos, e partes moles para elles fazerem diversos movimentos, e funções: outros mucilaginosos, como os tendões nas extremidades, &c.

Para as ligaduras dos ossos ha differentes especies de ligamentos; a saber: ligamentos lateraes, e ligamentos casulares: advertindo que se chama ligamento casular aquelle, que une outros a si. Ha ligamentos contrapostos, ligamentos transversaes, e ligamentos suspensorios: a maior parte destes ligamentos se prendem em ossos sólidos para os fazer móveis, bem assim como a Tibia N. 72., e a Soldra N. 73., a Quartela N. 77., e o Coronario N. 79., a Queixada superior N. 18., e a inferior N. 20., a articulação superior do curvilhão N. 83., e a inferior N. 82., &c.

Destes ligamentos huns são communs, e outros proprios. Os communs são: o ligamento vertebral superior, o ligamento vertebral inferior, o ligamento commum do osso externo, e os ligamentos das articulações dos joelhos, e dos jarretes, &c. Os ligamentos proprios são o casular dos Omoplatos N. 26. até ao Femur N. 70. Os ligamentos das partes moles tem differentes fórmas, e huns são com-

communs, outros particulares: ha outros longitudinaes, outros rectos, e outros transversaes.

Os ligamentos na sua côr são huns amarellados, e outros brancos. Os primeiros vão prender nos musculos da parte baixa do ventre N. 57., e nas frentes das pontas dos Omoplatos N. 27.: e os ligamentos, que prendem os ossos, tambem são desta natureza, e os brancos fórmão quasi todas as prizões das partes moles, &c.

A queixada inferior he unida á superior nas eminencias N. 20. junto ao osso das saleiras atrás das temporaes por dous ligamentos, hum posterior, e hum casular: o posterior prende atrás da eminencia Zigomatica, e vai-se terminar atrás da eminencia da articulação.

O casular prende nas bordas cartilaginosas de hum, e outro osso, e as suas prizões são em parte cartilaginosas, e em parte ligamentosas, e elles tem huma fórma quasi redonda, e ovada, que dá á queixada a facilidade de mastigar.

Os dous ramos dos ossos da base da lingua communicão-se com os ossos temporaes por huns ligamentos lateraes semelhantes aos ligamentos casulares, que fazem concorrer diversos a hum mesmo fim.

A cabeça na parte local N. 6. he unida á primeira vertebra do pescoço N. 19. por hum ligamento casular, e outro longitudinal, que se conduzem pelo N. 21. O casular prende na eminencia da articulação do Occipital, e na borda superior da primeira vertebra do pescoço. O longitudinal prende na parte inferior do Occipital entre as duas eminencias da sua articulação, e na primeira vertebra do pescoço.

As vertebras são ligadas por ligamentos communs, e particulares. Os communs são os ligamentos vertebral superior externo, e o ligamento vertebral inferior interno: o externo principia da eminencia do Occipital até ao fim da espinha: elle da segunda vertebra cervical vai unindo a si muitas fibras com que se engrossa, de sorte que da quinta vertebra para diante por hum, e outro lado das cervicaes vai cada vez mais forte, e largo, até se unir, e prender na primeira vertebra do Thorax N. 53., e se continúa por hum, e outro lado da espinha, diminuindo em grossura, e largura, até fenecer na ponta da cauda N. 68., como já fica notado, em huma espiral.

O ligamento vertebral interno liga, e une as vertebras do espinhaço, e lombos: elle he de huma constituição alguma cousa differente do vertebral externo, e participa da natureza dos ligamentos articulares, para extender, e ter direito o corpo das vertebras até ao osso sacro.

Dos Ligamentos das Vertebras em particular.

A Primeira vertebra do pescoço he unida do Occipital á segunda por quatro ligamentos; a saber: hum casular, dous longitudinaes, hum inferior, outro superior, e hum transversal.

O ligamento casular vai-se atando ás bordas das articulações de todas as vertebras. O longitudinal superior vai-se prendendo por sima do ligamento lateral, e

ca-

casular, na parte superior das eminencias das referidas vertebras pela parte superior N. 21. O longitudinal inferior vai prender ás vertebras pela parte inferior N. 23.

A terceira vertebra está ligada á primeira, e segunda por tres ligamentos; a saber: dous casulares, que se prendem nas circumferencias das eminencias obliquas, e hum que de entre ambos se prende no corpo das vertebras com huma porção de fibras circulares, que se distribuem pelo corpo das vertebras do pescoço para ellas andarem collocadas em boa ordem.

As vertebras do Thorax, espinhaço, e lombo são continuadamente prezas por ligamentos casulares, que as vão prendendo nas eminencias obliquas, e por ligamentos intermediarios, que vão unindo os seus corpos em todos os seus lados. A'ultima vertebra lombal, que está unida pelos referidos ligamentos longitudinaes ao osso sacro. Os ossos da cova são juntos por ligamentos intermediarios, &c.

As costelas já dissemos se dividem em verdadeiras, e falsas: as verdadeiras são pela parte superior unidas ás vertebras do Thorax N. 53., e da inferior ao osso externo. As falsas são aquellas, que se unem ás vertebras do espinhaço, e ás ternilhas do ventre N. 55.

As verdadeiras são na parte superior unidas, além dos ligamentos longitudinaes, por dous ligamentos lateraes, e pela parte inferior se unem ao osso externo por dous ligamentos lateraes, que prendem nas eminencias transversaes do Thorax na face cartilaginosa que ha em cada eminencia transversal de cada vertebra; e descendo junto a cada costela, vão prender na parte baixa juntos por huma membrana casular, que os une ás ternilhas do osso externo, e por hum ligamento particular de cada costela, que prende immediatamente o casular no osso externo.

O Bacim está junto ao osso sacro, e á face interna do osso Ilion por dous grandes ligamentos extramediarios, os quaes são em parte cartilaginosos. O osso Pubis he contraposto ao Sacro na parte baixa entre o Ilion, em que participa dos ligamentos do Sacro, e Ilion.

Dos Ligamentos da palheta da espadua, e do osso do braço.

A Palheta da espadua na parte superior N. 26. está unida ao Thorax por ligamentos proprios, e da mesma sorte o osso do braço. A espadua está junta inferiormente ao Omoplato N. 27., e ao osso do braço N. 50. por hum ligamento casular, que prende simplesmente na borda exterior da cavidade glinoides, e da parte superior N. 25. aos ligamentos longitudinaes, e entrecostaes. As suas fibras são grossas, e obliquas desde o N. 26. para o N. 27. O ligamento casular he forte, redondo interior, e posteriormente, conduzido de fibras reunidas, que fórmão dous cordões, que vão por hum, e outro lado da espinha da palheta sendo mais largos, e partem ambos do N. 25. até ao N. 27., &c.

O osso do braço he unido ao radio, ou cubito por tres ligamentos; a saber: hum casular, hum lateral externo, e hum lateral interno. O ligamento casular une a si tres ligamentos fortes, entre os quaes se descobre huma grande quantidade de glandulas, e na parte anterior do osso ha huma eminencia, em que se prende huma

ma membrana larga, que paſſa ſobre a articulação, e ella pela parte anterior ſe vai prender, e terminar nas bordas, e cartilagem da cana, ou radio, e poſteriormente ſe ata da cana do braço ao codilho em huma borda cartilaginoſa, que ſe vai terminar no cubito; e neſta parte he o ligamento menor que na anterior.

O ligamento lateral externo he á maneira de hum cordão redondo, e forte, que ſe ata de huma parte na face do oſſo do braço, e do codilho, e aſſim forte ſe divide em duas partes, a mais curta paſſa ſobre o caſular, e a outra junto ao caſular, e vão prender na cana N. 33., e no cubito N. 49.

Dos Ligamentos do joelho.

OS ligamentos dos joelhos huns são communs, e outros proprios. Os communs são ſeis: o primeiro he caſular, o ſegundo, o terceiro, o quarto, e o quinto são obliquos, e o ſexto he direito.

O ligamento caſular paſſa pela parte inferior N. 45., e vai ramificar as juntas dos oſſos dos joelhos N. 34., de maneira que ſe confunde com os ligamentos lateraes, com quem ſe vai terminar, e prender na parte ſuperior do oſſo da canela. Eſte ligamento caſular he ſenſivel na parte interior do joelho N. 45., e em que ha huma multidão conſideravel de fibras tranſverſaes, que prendem as fibras rectas. A membrana interna dos ligamentos do joelho he liza, e fórma huma prizão, em que ſe ſepara para ſe atar, ou prender aos differentes oſſos do joelho. Na parte poſterior do ligamento caſular ha hum composto de differentes fibras ligamentoſas, que fortificão os tres tendões, e oſſos do joelho, de ſorte que ſerá difficultoſo diſtinguillas dos ligamentos particulares.

Os ligamentos obliquos são quatro, dous internos, e dous externos. O primeiro dos internos eſtá prezo na parte interior da canela, e paſſa com os mais ligamentos, com quem ſe confunde até ao lateral direito.

O ſegundo eſtá prezo na parte lateral da cana, e da canela, alguma couſa poſteriormente, paſſa por ſima do primeiro, e vai-ſe terminar na parte lateral hum pouco adiante no oſſo da canela.

Os ligamentos obliquos externos ſó differem dos internos em não ſe dividirem como elles, antes partem da parte inferior da cana N. 33., e vão-ſe terminar na parte ſuperior lateral externa da canela N. 35., havendo-ſe ligado por muitas fibras com os oſſos da junta do joelho.

São os oſſos da junta do joelho tenues, e por iſſo o Supremo Author da natureza determinou que foſſem bem ligados, não ſó pelos ligamentos, de que já fizemos menção, mas por mais quatro ligamentos tranſverſaes, e quatro lateraes, que todos ligão a junta á cana, e á canela, como os já referidos. O oſſo irregular lateralmente eſtá prezo a hum ligamento forte, que ſe ata na parte inferior da cana. Eſte oſſo irregular tambem ſe prende por hum ligamento tranſverſal na parte lateral do oſſo triangular.

O oſſo triangular por outro ſemelhante ligamento ſe prende á parte lateral do oſſo ſemilunar, e todos eſtes ſe unem por huma grande porção de fibras liga-

mentofas, que fahem do fegundo ligamento obliquo lateral interno para o prender bem fobre o femilunar.

O grande uniforme he junto fuperiormente ao offo irregular, e o alcança da borda fuperior á inferior por huma fucceffiva porção de fibras ligamentofas, participadas dos ligamentos obliquos lateraes externos, e internamente eftá ligado ao tapizado por hum ligamento tranfverfal. O tapizado eftá unido ao pequeno uniforme por hum ligamento tranfverfal, e muitas fibras participadas dos ligamentos do grande uniforme.

O corco, ou curvo N. 45. eftá exteriormente junto ao irregular por muitas fibras ligamentofas, e por hum forte ligamento, que fe extende pelas extremidades defte offo até á parte fuperior do offo da quartela junto ao N. 43.

Os offos minimos eftão fituados entre os ligamentos obliquos para divisão das fibras ligamentofas tranfverfaes, que ligão os offos do joelho á cana, e á canela, formando delles, por affim dizer, quafi hum mefmo offo, que engradado por efte modo, fórma de todas eftas partes a junta N. 34.

O offo da canela N. 35. eftá junto ao offo da quartela N. 37. por dous ligamentos lateraes, e hum ligamento cafular. Os lateraes eftão prezos na parte inferior do offo da canela junto ao machinho da quartela N. 43. O cafular he fenfivel por toda a cana, e canela N. 44. até á articulação da quartela: elle fe liga tranfverfalmente com toda a junta N. 36., e fortalece as fuas partes cartilaginofas, &c.

Os offos minimos da junta da quartela eftão fituados entre dous ligamentos fortes chamados longitudinaes, que pafsão pelos lados pofteriores do offo da quartela, e prendem na parte fuperior do offo coronario.

O offo coronario não fó eftá ligado pelos ligamentos, de que havemos tratado, mas por mais dous lateraes, e por hum cafular, que pela parte fuperior fe unem ao tendão extenforio da mão, e da outra á quartela, ao coronario, á naveta, e ao offo da palma. A parte inferior do coronario eftá junta ao offo da palma por dous ligamentos lateraes, e hum cafular.

O offo da noz, ou naveta eftá ligado ao offo da palma por dous ligamentos fortes, e largos, que fe prendem pela parte fuperior ao tendão flexorio da mão; e as outras vão-fe prender nas bordas fuperiores da naveta, e pela parte inferior nas fuas muitas extremidades cartilaginofas, &c. e todas eftas ligaduras, juntas, e articulações, de que havemos tratado, contribuem para os diverfos movimentos das mãos.

Os ligamentos, que unem o Femur ao Bacim, são dous: hum fufpenforio, e hum cafular: o fufpenforio vai prender na cavidade da coxa na parte inferior do Bacim, em que faz huma pequena feparação junto a huma chanfradura, e concavidade, que ha nefta parte, donde fe vai prender na tefta do Femur: efte ligamento he largo, e ajuda o movimento da elevação.

O ligamento cafular prende-fe em torno da borda da cavidade da coxa a hum ligamento tranfverfal, que fe fórma nefta cavidade, e depois fe vai terminar com huma forte prizão na tefta do Femur: o preftimo defte ligamento he fegurar o offo grande dentro na articulação.

O

O ligamento tranfverfal prende-fe na parte interior interna da cavidade grande do offo Pubis, e Ilion, e fe vai terminar na parte pofterior da fua cavidade, havendo abraçado os ligamentos da articulação do Femur, e Bacim.

A articulação do Femur com a Tibia fe faz por dous ligamentos lateraes, e por hum pofterior, e hum cafular: os lateraes são, hum interno, e hum externo, que fe vão prender, e terminar na face interna da Tibia defronte do N. 71. Em dous ligamentos cruzados defcança a cabeça interna do Femur, os quaes eftão prezos a huma chanfradura profunda, que ha atrás do referido offo do Femur, na qual joga a eminencia da articulação, e eftes dous ligamentos são extremados por huma cartilagem, que fe articula na cabeça do Femur.

O ligamento cafular com huma porção de fibras ligamentofas fortes, prende na parte pofterior do Femur, e nas fuas eminencias internas, e da borda da fua articulação fe vai terminar nas partes cartilaginofas da Soldra N. 73.

O ligamento da rodela da Soldra prende a referida rodela fobre a junta N. 73. para defenfa da junta, e dos tendões, e principios de alguns mufculos delicados da coxa da perna, e elle da eminencia do Femur vai prender por diante da rodela na Tibia.

O ligamento commum prende na parte lateral interna, e da rodela da Tibia abraça algumas fibras, e muito principalmente as do ligamento tranfverfal, com as quaes fe vai prender na eminencia da Tibia. O preftimo dos ligamentos proprios, e communs todos fabem fe dirige a refiftir á violenta contracção dos mufculos internos, e externos.

O curvilhão tem ligamentos communs, e ligamentos proprios. Os ligamentos communs são quatro, dous lateraes, hum cafular, e hum pofterior. Os ligamentos lateraes são hum externo, e outro interno: o externo vai junto ao offo da Tibia prender no jarrete N. 74., e ao offo da canela na cavidade externa N. 85. O ligamento interno he mais curto, que o externo, e prende-fe na parte inferior da Tibia N. 83., donde pafsão muitas fibras, que fe vão prender na cabeça fuperior interna do offo da canela.

O ligamento cafular dividido em duas partes fortalece interiormente a articulação do curvilhão, cujo ligamento defce das extremidades cartilaginofas da Tibia até ao offo da canela; e junto ao N. 83. fe une aos ligamentos lateraes, que vão prender no offo do jarrete. O ligamento pofterior por muitas fibras prende os offos da junta, e vai-fe prender no principio da canela pouco abaixo do N. 85.

Os ligamentos da quartela, e do pé são da mefma qualidade, e natureza: elles ligão a quartela á canela, e ao coronario em roda da articulação, deixando fómente paffagem aos tendões, veias, e nervos, que ao diante diremos fe conduzem até dentro do cafco.

Dos Muſculos em geral.

OS muſculos são huns orgãos fibroſos, que communicão ao animal a faculdade de ſe mover, e por iſſo deſtinados a varios uſos. Elles dão ajuda ao ſangue para a continuação do ſeu impulſo, movimento, e circulação, favorecem a digeſtão dos alimentos, e facultão a entrada do ar pela Trachea aos Bronquios, e mais orgãos da reſpiração. Elles permittem os movimentos voluntarios, os involuntarios, e os miſtos, de que depende o animal, quando os ſeus orgãos são na diſpoſição de movimento, ſeja univerſal, ou particular.

Da Eſtructura dos Muſculos.

OS Muſculos ſe compõem de hum grande numero de fibras tranſverſaes, diverſamente unidas; ou para melhor dizer, cada Muſculo são muitas fibras delgadas, brancas, e polidas, reunidas em torno para formar huma extremidade, a que chamão Tendão, ou dilatação membranoſa. A dureza do tendão moſtra ſer elle huma collecção de fibras muſculoſas. Os Muſculos, que não ſe prendem aos oſſos, são as tunicas muſculares, os dos verterres, e os das veias. Os Muſculos, que ſe atão nos buracos, e póros das articulações, acabão em tendões longos junto ás extremidades móveis, as ſuas fibras são ligadas por collecções membranoſas, que admittem hum ſucco fluido de natureza oleoſo, cujas fibras ligão, e graſsão por todos os Muſculos do corpo.

Nos Muſculos ha huma quantidade prodigioſa de nervos, arterias, veias, e vaſos linfaticos, de que percebem o ſucco, e ſubſtancia. As fibras nervias fazem a organização perfeita, e dellas reſulta o equilibrio de todas as partes do corpo.

Logo que o Cavallo vai formar qualquer movimento, os ſeus Muſculos ſe comprimem, e fórmão huma elaſticidade, que ſe lhes communica do principio vital, e força da contracção: finalmente, para o Cavallo andar, depende do equilibrio, e da união dos Muſculos.

Dos Muſculos proximos á pelle.

OS Muſculos mais proximos á cutis são quatro; a ſaber: hum, que cobre as coſtelas, e o baixo ventre; outro, que cérca o peſcoço com parte da eſpadua, e deſce pelo braço até á canela; outro, que ſe extende do principio do Thorax pela eſpinha, e polpas do Femur até ao curvilhão: e o quarto finalmente que cobre as faces até á teſta.

A cavidade do baixo ventre he formada ſuperiormente pelas vertebras lombaes: anteriormente pelo diafragma, e pelas ultimas coſtelas do Thorax: poſteriormente pelo oſſo do Bacim: inferiormente pelos Muſculos da pelle. Tem o baixo ventre ſinco Muſculos de cada lado: o grande obliquo, o obliquo deſcendente, o

pe-

pequeno obliquo , e o obliquo afcendente , a quem fe unem tres Mufculos direitos, e tres tranfverfos dos lombos.

Dos Mufculos da cabeça, do pefcoço, e dos lombos.

OS principaes Mufculos da cabeça são o da face N. 17., o das ventas N. 10., o dos lados das efpinhas das ventas N. 11. , o dos olhaes N. 4. , e os das orelhas N. 6.: além deftes ha na cabeça dos Cavallos outros menores. A queixada inferior tem dous Mufculos, que fórmão parte da face, os quaes tem principio do N. 20., pafsão carnofos pelo N. 17., adelgação junto ao N. 18. , e vão formar a barbada do N. 14. até ao N. 13. Ha na queixada inferior alguns Mufculos menores, que unidos aos de que fazemos menção, todos reveftem a referida queixada.

A lingua he hum Mufculo compofto de muitas fibras, e da mefma forte o padar, ou paladar, como dizemos em outra parte. Na tefta ha oito Mufculos, finco extenforios, e tres flexorios.

O pefcoço tem vinte e fete Mufculos; a faber: doze extenfórios, fete flexorios, e oito lateraes.

As vertebras do efpinhaço são unidas tambem por tres Mufculos, que as prendem por hum, e outro lado: o primeiro chama-fe *Entrecoftal*, ou *Dorfal*, e os dous chamão-fe *Efpinhaes*.

O Mufculo *Dorfal* he forte, principalmente da fegunda coftela N. 25. para o Omoplato N. 26.: prende-fe na terceira eminencia das vertebras do Thorax entre o N. 25., e o N. 53.: ata-fe, e confunde-fe com os Mufculos da efpadua, primeiro, e fegundo chamados *Triangular*, e *Rhomboide*, e depois fórma huma dilatação membranofa, que fe vai prender aos Mufculos efpinhaes, ao Dentado interior, pela fua parte membranofa, donde algumas das fuas fibras vão terminar-fe na parte anterior das vertebras do Thorax.

O preftimo defte Mufculo he fazer elevar as coftelas , logo que a refpiração entra pela Trachea.

Dos Mufculos da refpiração , da cauda , da verga , e dos tefticulos.

O Mufculo chamado *Dentado* prende-fe aos Mufculos efpinhaes debaixo do N. 25., e continua-fe até á decima vertebra ; e por huma grande membrana elle fe vai confundir com o Mufculo obliquo do baixo ventre.

O feu preftimo he ajudar a abaixar as coftelas no movimento da refpiração: advertindo que todos eftes Mufculos fe ligão aos Mufculos Entre-coftaes por muitas fibras.

Os Mufculos da cauda, e falfas vertebras são dez: quatro ajudão a levantar a cauda, quatro a fazem abaixar; e dous lateraes, que tem as referidas vertebras, as fegurão direitas humas fobre outras , e lhes dão movimento para os lados , e por iffo elles são mais fortes.

A

A verga compõe-se de tres Musculos, hum posterior, e dous lateraes, que se atão: o posterior por fibras delicadas ao orificio do intestino recto, e os dous lateraes aos angulos posteriores do osso *Echion.* O musculo posterior dá á verga movimento para sima, e os lateraes dão-lhe movimento para os lados.

Os testiculos são sustentados por dous Musculos, que se compõem de hum tendão membranoso do iliaque do Bacim: tem a sua origem na união do Crimastre, ou Musculo suspensorio: he forte, e tem origem na união dos Musculos do baixo ventre, e vai-se terminar na parte inferior dos testiculos N. 59. junto á membrana que os cérca, e embrulha, &c.

O orificio do intestino recto compõe-se de tres Musculos: hum que fecha, hum que abre, e hum que fórma o circulo: este he composto por huma grande collecção de fibras circulares, e algumas longitudinaes.

Dos Musculos da espadua.

OS Musculos da espadua são seis; a saber: o *Triangular*, o *Rhomboide*, o *Revelante*, o *Trapezio*, o *Dentado*, e o *Peitoral.*

O primeiro he de huma figura triangular: está situado na parte superior da espadua: principia do ligamento cervical na terceira eminencia das vertebras dorsaes até á terceira eminencia da quarta vertebra. As suas fibras do N. 26. para o N. 27. degenerão em hum tendão, que se termina sobre a espinha do Omoplato. Este Musculo ajuda a levantar a espadua.

O segundo Musculo chamado *Rhomboide* desce pela frente da espadua, prende nas eminencias da terceira, quarta, e quinta das vertebras dorsaes, e se termina por dous tendões carnosos na parte interna do Omoplato N. 27. Este Musculo ajuda a avançar a espadua para diante.

O terceiro Musculo chamado *Revelante* he quasi redondo, e de huma figura pyramidal: parte do ligamento cervical, e por fibras tendinosas vai prender nas extremidades interiores, e superiores do Omoplato. Este Musculo serve tambem de levar a espadua para diante, e para os lados, &c.

O quarto Musculo dito *Trapezio* está situado junto á membrana do Musculo da cola entre o N. 21., e o N. 25., e cobre o segundo Musculo na parte superior. De huma parte se prende por algumas porções carnosas á membrana, e tendões do ligamento cervical até á primeira vertebra, e da outra parte está prezo por duas pranchadas de fibras ao Musculo commum, e assim vai prender nas eminencias transversaes das vertebras cervicaes, e vai-se terminar finalmente por huma larga membrana junto ao tendão espinhal. Este Musculo faz elevar o Omoplato N. 27.

O quinto Musculo dito *Dentado* he largo, e forte, e o mais consideravel da espadua: corre sobre a palheta, e ata-se por dez fibras carnosas ás sinco primeiras vertebras do Thorax: após isso communica-se na parte baixa com o grande obliquo, e na parte alta com os ligamentos das sinco primeiras costelas, e com os musculos entre-costaes. As referidas dez fibras carnosas tambem se atão ao largo

Dentado, e por fibras tendinoſas ás eminencias das vertebras cervicaes, e vão terminar-ſe na borda ſuperior da cavidade do Rhomboide. O preſtimo deſte tendão he abaixar, e aprumar a palheta ſobre o Omoplato, eſte ſobre o oſſo do braço, e o oſſo do braço ſobre a cana, aprumando huns ſobre outros, para ſer mais fixo o ſuſtentaculo do braço.

O ſexto Muſculo, que he o peitoral, he longo, e groſſo: eſtá ſituado na parte anterior da eſpadua: ata-ſe na parte anterior lateral externa á borda das cartilagens das tres primeiras coſtelas, e vai terminar em hum tendão curto na borda ſuperior, e anterior do oſſo do braço N. 50. O preſtimo deſte Muſculo he ajudar a baixar, e a prumar o Omoplato entre a palheta, e o oſſo do braço.

Dos Muſculos do Braço, da Canela, da Quartela, dos Machinhos, e do Oſſo Coronario.

O Braço move-ſe para diante, para ſima, para trás, para a direita, e para a eſquerda, por effeito de doze Muſculos. Os primeiros tres chamão-ſe *Relevantes*, porque o fazem levantar a eſpadua; os outros tres chamão-ſe *Rectos*, porque o fazem aprumar; e os ſeis, tres de cada lado, ſervem de fazer mover o braço para a direita, e para a eſquerda, e por iſſo alguns lhe chamão *Flexorios diagonaes*.

Tem mais o braço do N. 27. até ao N. 32. ſete Muſculos, dous Flexorios, e ſinco Extenſorios, que ſe ligão por muitas fibras aos doze já referidos.

No joelho ha tres Muſculos, dous Flexorios, e hum Extenſorio. Os Flexorios he hum externo, e outro interno.

O externo ſe prende por muitas fibras tendinoſas no oſſo do braço N. 50., e deſce em augmentação de volume pela face externa dos cubitos a formar hum tendão conſideravel, que ſe divide em duas partes, huma das quaes ata na borda ſuperior do corco, ou curvo N. 45., e a outra deſce hum pouco mais a prender na cabeça da canela letra A pouco aſſima do N. 44.

Na canela ha quatro Muſculos, hum Extenſorio, dous Flexorios, e hum Interior. O Extenſorio prende na parte inferior da cana: he forte, paſſa por ſima do Muſculo extenſorio do joelho, e por hum ligamento tendinoſo particular vai prender na parte interior, e ſuperior do oſſo da canela.

Os Flexorios na parte inferior da cana deſcem por hum, e outro lado do radio, e por hum tendão forte vão prender ao poſterior na parte ſuperior da canela; e o interior rege, e ramifica o joelho até á parte inferior da canela: elle fórma huma pequena dilatação membranoſa, que ſe prende por muitas fibras ao Perioſte, e á parte inferior do oſſo da canela N. 43. O preſtimo deſte Muſculo he ajudar a comprimir as juntas N. 45., e a do N. 43., e N. 42.

Fórma a Quartela N. 36. huma articulação ſemelhante á do joelho N. 77., e os ſeus movimentos são produzidos em parte por hum Muſculo Extenſorio, e hum Flexorio. O Extenſorio prende na parte ſuperior lateral da canela, e vai-ſe terminar na parte interior, e ſuperior do oſſo da Quartela N. 37. O Flexorio he hum

pou-

pouco mais carnoſo: o ſeu tendão he forte, prende-ſe na parte ſuperior, e poſterior da canela, divide-ſe em dous fortes tendões, que ſe prendem na parte ſuperior do oſſo da Quartela.

O Machinho N. 43. he hum adjunto de vaſos linfaticos: compõe-ſe de dez Muſculos, que fazem dous pequenos corpos unidos de huma figura pyramidal, e ſe atão por dez fibras carnoſas na parte lateral interna do tendão Flexorio N. 43., e produzem dous tendões pequenos, que vão prender no oſſo Coronario N. 38. pela parte interna, e externa.

O oſſo *Coronario* tem hum Muſculo proprio, e hum tendão commum, com que ſe prende ao oſſo da palma. Finalmente os Muſculos do braço ſe conhecem pelos ſeguintes nomes: o *Cubital*, os *Flexorios externos*, os *Flexorios menores*, o *Flexorio interno*, e os *Radiaes*, &c.

Dos Muſculos do Femur, e ſeus adjacentes.

O *Femur* articula-ſe com o oſſo do Bacim, donde ſe move para diante, para trás, para hum, e outro lado com mais, e menos inclinação: produzem-ſe eſtes movimentos por effeito de quatorze Muſculos, tres Extenſorios, dous Flexorios, dous addictos aos Extenſorios, dous adjutorios, dous Flexorios, e quatro do gyro. Os Extenſorios ſão o grande Extenſorio, o pequeno Extenſorio, e o Extenſorio menor. O preſtimo deſtes Muſculos he baixar as ancas, logo que a perna tem avançado, e da meſma ſorte aprumar os oſſos do Femur, e da Tibia huns ſobre outros até ao Curvilhão, depois do cavallo haver recuado, avançado, ou ubilicado.

Os Muſculos Flexorios ſão o Grande Flexorio, e o Iliaque. O preſtimo deſtes Muſculos he comprimir a curva da perna de ſima do Bacim até ao Curvilhão para avançar para diante.

Os Adjutorios ſe nominão, hum *Pequeno adjutorio*, e outro *Pequeno eſcarnado*, ou *Nu*. O preſtimo deſtes Muſculos he puchar, e comprimir a cocha de hum, e outro lado.

Os Muſculos da curva da perna ſão: hum grande, e hum menor, chamados da *Nadega*. Eſtes Muſculos ſe prendem no oſſo Sacro, e vão ſempre em diminuição de largura terminar-ſe por hum tendão forte, que ſe une ao tendão principal N. 71. O ſeu preſtimo he ajudar a comprimir a curva, e eſtender a perna.

Ha mais quatro Muſculos na curva da Nadega: o primeiro prende-ſe na circumferencia do Pubis, e na parte poſterior, e ſuperior do Femur. O ſegundo prende-ſe na face interna do oſſo Iſchion, e vai-ſe confundir com o Sacro ciatico. O terceiro, e quarto prendem-ſe no oſſo Ilion, do meſmo modo que os precedentes, e confundidos ſe prendem no Femur, na Tibia, e no Tendão principal. O preſtimo deſtes Muſculos he fazer recuar a perna.

Dos Musculos, que dão movimento ao pé.

OS Musculos, que fazem mover o pé, são doze: tres, que o fazem extender para diante; hum, que o faz dobrar o travadouro; quatro, que o fazem mover para a direita; e quatro, que o fazem mover para a esquerda: advertindo que não obstante prenderem-se os outros Musculos, de que já tratámos em diversas partes da perna, de todos se conduzem fibras a estes Musculos, que fazem mover o pé.

Dos Musculos do Jarrete, da Canela, da Quartela, e do Osso Coronario.

NO *Jarrete* ha quatro Musculos: hum, que o ajuda a extender, quando a perna se levanta; dous, que o sustentão de hum, e de outro lado; e hum, que o une á junta.

A *Canela* tem hum só Musculo, que por duas ligaduras se ata ás eminencias da junta inferior do Femur: prende-se em hum buraco, que ha no osso da Tibia, desce junto com o Flexorio do Jarrete, e passa á parte interior do osso da canela, por onde se diffunde por ella.

Na *Quartela* ha tres Musculos, o *Flexorio maior*, e os dous *Flexorios menores.* O primeiro prende-se ás faces dos ossos irregulares; e junto ao N. 77. separa-se em dous tendões, que se terminão na parte superior, e posterior do osso da Quartela.

Os dous menores são longos, e se prendem aos lados do precedente, que circundão a face posterior do Flexorio, e vão terminar nas partes lateraes do osso da referida Quartela.

O osso *Coronario* tem hum Musculo, que o ata ao osso da Quartela, e vai-se terminar na parte inferior do Coronario unido ao Flexorio do pé.

Os Musculos, o feitio, e disposição dos ossos todos são antagonistas huns dos outros, quero dizer: se o Musculo pucha o cubito para dobrar o braço, o seu antagonista pucha o mesmo osso para o extender, e por isso tem huns feitio opposto aos outros.

Os Musculos, que movem osso, tem antagonistas, que os puchão para partes oppostas; porém os Musculos circulares não movem osso algum, e servem só para alargar, e apertar algum orificio circular, como são os das Pupillas dos olhos, os do intestino recto, e outros: advertindo que nestas mesmas partes ha huns que fechão, e outros que abrem: e até nos orificios se justifica serem os Musculos huns antagonistas dos outros.

Do Cerebro.

DEntro do Cranio se contém o *Cerebro.* O Cranio pela parte de fóra he forrado com huma membrana chamada *Pericranio*, e pela parte de dentro he tambem forrado com duas membranas, ou pelles chamadas *Meninges*: entre huma,

e outra ha mais huma pelle delicada chamada *Arachnoides*. A membrana mais exterior, que toca no Cranio, chama-fe *Dura mater*, e a mais interior *Pia mater*: huma, e outra conftão de muitas veias, a que fe chama tambem *Rede admiravel*. A Dura mater no meio do cerebro faz huma dobra para dentro com que divide o cerebro em lado direito, e efquerdo: efta dobra na parte que fica para a tefta he mais aguda, e para trás he mais larga, de modo que o feu feitio he femicircular, e por iffo fe denomina *Foice*. Debaixo deftas membranas eftão o cerebro, e o cerebelo: o cerebro com a dobra da Dura mater, chamada *Foice*, ou *Falfa mefforia*, fe divide em dous hemisferios. A fubftancia exterior do cerebro he molle, e a porção mais interior, a que chamão *A medulla do cerebro*, he mais folida, e branca.

Tem o cerebro quatro cavidades principaes, ou ventriculos: duas ficão na frente da tefta debaixo do N. 8., e as outras duas ficão huma de cada lado, a terceira do lado efquerdo he mais profunda: nella eftá a Glandula Pineal, e o Plexo Choroides: a glandula tem o feitio de huma pinha, e o Plexo he hum mólho de muitas veias, e arterias juntas. A quarta cavidade fica entre o cerebelo, e a medulla oblongada: chama-fe *Corpo Calofo*, que em fórma femicircular junta a parte direita do cerebro com a efquerda.

O cerebelo tambem fe divide em parte direita, e efquerda: confta de huma porção molle como o cerebro, e defta porção a mais interior chama-fe *Medulla do cerebelo*, cuja he huma parte muito mais pequena.

Ao cerebelo fegue-fe a *Medulla oblongada*, que he huma continuação do cerebro, e do cerebelo, pofto que de huma fubftancia mais dura: he veftida, como o cerebro, das tres membranas, que procedem da Dura mater, da Pia mater, e da Arachnoides: efta Medulla oblongada enche o Cranio na parte alta N. 6., de forte que chega ao buraco do toutiço, e dahi fe envia pelo interior das vertebras do pefcoço á efpinha, e cauda, a que chamão a *Medulla efpinhal*. Se bem que alguns a toda efta Medulla do cerebro até á cauda, que já differnos fica no fim do efpinhaço, chamão *Medulla oblongada*. O cerebro he huma fubftancia branca, e ella he principio, e origem de todos os efpiritos animaes, dos nervos, mufculos, e membranas do corpo do Cavallo, affim interiores, como exteriores.

A *Glandula pineal* eftá continuamente recebendo novas emoções para communicar pelo orgão Mobil ao cerebro, cujo orgão he redondo, e largo, e por elle fe communica grande parte da virtude fenfitiva a todas as partes do corpo do Cavallo. A fua fubftancia pela parte externa he membranofa, e pela interna medullar.

Das partes, de que fe compõe a cabeça.

COmpõe-fe a cabeça do Cavallo de Cutis, Gordura, Membrana carnofa, Cranio, Piricranio, Dura mater, Pia mater, Rede admiravel com os feus vafos, e cavidades, a Glandula pineal com o feu orgão, e os nervos que fe envião a todas as partes do corpo.

Dos

Dos Ouvidos.

OS Ouvidos se compõem de ossos, musculos, tunicas, veias, arterias, nervos, e cartilagens conduzidas pelo seu aqueducto, que á maneira de caracol traspassa por junto dos ossos petrosos parietaes, e osso coronal até ao cerebro, para se formar na sua máquina o sentido de ouvir, como em outro lugar dizemos.

Dos Olhos, da primeira, segunda, terceira Tela, e das Lagrimaes.

OS Olhos, instrumentos da vista, são collocados parte entre o osso Coronario, e parte entre os Capillares, e entre os petrosos. Na parte interior da cavidade dos olhos ha hum pequeno osso polido, mas desigual, que se une ao Cranio, e aos mais que fórmão a referida cavidade, chamado *Rotundo*, o qual tem sinco buracos: os dous mais proximos á frente do Cranio são por onde se conduzem os nervos opticos para a vista, e os munctorios para as lagrimas; e os tres he por onde se conduzem as Tellas, que involvem os humores dos olhos.

A primeira Tella nasce de entre as fibras, que vão ao Pericranio: chama-se *Lactea* por ter a sua côr branca: ella contém o uso de ajuntar no orificio rotundo as mais tunicas, de que se compõem os olhos.

A segunda Tella nasce da Dura mater: he lustrosa pela parte interior, e opaca pela posterior, involve em si os humores dos olhos: he crassa, e duplicada pela parte interna, e chama-se pela transpiração, e variedade de côres, que representa, *Iris*.

A terceira, que vai formar a Retina, he huma textura da Pia mater, e nervo Optico, he subtil, e crystallina, e inseparavel do humor crystallino; e posto que as referidas tunicas, ou Tellas sejão conhecidas por diversos nomes, ellas são sómente tres.

Nos olhos ha tres humores: o primeiro chama-se Aqueo, porque he semelhante á clara de ovo, e está situado entre a Lactea, e a Cornea. O segundo he Crystallino, e está collocado no meio dos centros dos olhos; pela parte posterior he Vitreo, como tambem pelos lados: elle he o principal orgão da vista, a sua figura he esferica, e o seu lugar entre a tunica Cornea, e a Retina. O terceiro humor he totalmente vitreo: a sua substancia he fluida, e occupa os lados do crystallino. Tem os olhos parte oleosa, para o seu movimento não consumir as particulas humidas, de que são em grande parte compostos.

Nas Lagrimaes N. 1. ha huma collecção de fibras glandinosas, que recebem a humidade excrementicia, que baixa do cerebro aos olhos. Quando estas fibras se comprimem, humedecem-se os olhos, e arrojão de si lagrimas. Isto supposto, as tunicas, de que fizemos menção, conservão os tres humores que dizemos; e a pintura da vista dentro das retinas se faz, como em outro lugar temos notado.

Humas das partes, de que se compõe a cabeça do Cavallo, são os dez pa-

res de nervos, que della se envião a todas as partes do corpo, e elles se distribuem pela maneira seguinte.

I. O primeiro par de nervos tem origem, como todos os outros, no cerebro: elle vai terminar-se no olfacto, e se espalha pela membrana Petuitaria até ao N. 10., havendo-se diffundido pelos orgãos principaes deste sentido.

II. Os do segundo par vão ter aos olhos, chamão-se nervos Opticos: elles parecem dous cordões brancos cylindricos, que passão pela base do Cranio junto ao Fenoides, entrão pela Orbita, e vão-se distribuindo pelos globos dos olhos até á Retina.

III. O terceiro par compõe-se de fios delicados, que se unem ao cordão do quinto par por tres ramos principaes, que se communicão ao pequeno Obliquo.

IV. O quarto par nasce da parte superior lateral da Medulla oblongada, e vem-se unir ao cordão do quinto par: entra pelo buraco da queixada, donde se distribue pelas faceiras, e beiços, e ajuda a mover algumas partes do Grande Obliquo.

V. O quinto par he consideravel: elle se espalha pela lingua, pelas ventas, e outras partes, e vai finalizar no Musculo commum.

VI. O sexto par divide-se em alguns ramos: huns vão á raiz do nervo entrecostal, outros ao perioste, e finalmente alguns se conduzem pela orbita a varios musculos, &c.

VII. O setimo par he consideravel: reparte-se em varios ramos, huns vão á queixada inferior, outros aos ouvidos, e se espalhão pelas cavidades do labyrintho, outros vão á concavidade da boca, outros prendem-se aos musculos das faces, e ao paladar.

VIII. O oitavo par fórma huns pequenos ramos, que alguns se unem ao nervo Espinhal: communica-se com os musculos da lingua, com os musculos do pescoço, penetra por alguns lugares interiores do Peito, e Ezofago, e outras importantes partes, &c.

IX. O nono par junto ao Occipital se divide em ramos, que se communicão ás Queixadas, ao musculo da lingua, á Laringe, e ao quinto par.

X. O decimo par nasce na parte inferior da Medulla oblongada: divide-se em ramos junto ao Occipital, para se distribuir aos musculos da testa, e do pescoço. Todos estes dez pares de nervos se espalhão por partes muito delicadas, e minimas, e tambem por partes mais, e menos delicadas, mas fortes se communicão a todos os nervos, musculos, periostes, cutis, e mais partes do corpo, &c.

Da divisão dos Nervos.

QUando hum nervo se divide em ramos, fica separado em partes chatas, que se compõem de humas porções de fibras maiores, outras menores, conforme a grandeza da parte que se separa.

Os nervos estão vestidos de duas pelles, que são huma continuação da Dura mater, e da Pia mater: por dentro das suas fibras se move a parte mais espirituosa

do

do ſangue, a que chamão *Eſpiritos animaes*, poſto que a ſubtileza dos referidos eſpiritos he tal, que ſe não ſujeita a exame; mas ſe elles não paſſaſſem, não poderião por meio delles encher-ſe os muſculos quando trabalhão.

Nós já diſſemos que os muſculos são huma collecção de fibras carnoſas, que de huma, e outra parte ſe terminão com huns como cordões de fibras muito fortes, a que chamão *Tendões*, e pelo muſculo de cada Tendão ſe communica hum nervo até ao cerebro; e o Tendão que ſe prende no oſſo, e o faz mover, chama-ſe *Cauda do muſculo.*

A acção dos muſculos nos movimentos eſpontaneos depende da alma animal, cujos eſpiritos animaes intruſos nas arterias, fazem encher as fibras, ou ventres dos muſculos do ſangue arterial, ou eſpiritos animaes, para ſe formarem os movimentos dos muſculos.

O ſangue mais eſpirituoſo, e ſubtil ſe recolhe pelos raminhos das veias, que eſtão diffundidas pelos muſculos; e com o alterno movimento do gyro do ſangue tornão ao coração, para novamente da cabeça pelos nervos excitarem outra nova acção nos muſculos.

Já deixámos notado que o tronco do corpo do Cavallo ſe divide em duas regiões: a do Peito, ou Thorax, que ſe comprehende no eſpaço que rodeião as coſtelas, e região inferior chamada *Ventre*, ou *Abdomen.* No peito eſtá o Coração, e os Bofes o acompanhão por hum, e outro lado. Os bofes dependem dos vaſos da reſpiração, que deſde a boca deſcem ao peito. Eſtes vaſos tem o nome de *Trachea*, ou *Aſpera arteria*, junto a ella ſe conduz o Ezofago, ou Guela, que deſde a boca vai até ao bucho.

Da compoſição do Peito.

HE o Peito huma cavidade, em que reſidem os membros eſpirituoſos: elle tem o ſeu principio do encontro das claviculas N. 28., e ſe continúa até ao Diafragma: tem pela parte baixa o oſſo Externo N. 31., a quem ſe unem as coſtelas, e aſſim tambem ſe compõe de parte Externa, e Interna.

A parte Externa comprehende a cutis, ou pelle algumas partes das membranas carnoſas, e do oſſo externo, como tambem os ſeus omoplatos da eſpadua, vertebras, e coſtelas.

Os muſculos do Thorax, inſtrumentos do movimento do peito, são oitenta e quatro: huns são externos, outros internos, como já diſſemos.

Da compoſição do Eſpinhaço.

AS juntas nervoſas, e partes, de que ſe compõe o Eſpinhaço, tem muſculos, nervos, e partes cartilaginoſas, que enchem muitos eſpaços dos ſeus eſpondes, ou vertebras, e coſtelas até ao oſſo externo. As vertebras são huma continuação de oſſos com hum feitio, e tal diſpoſição, que o Cavallo ſe póde mover bem para os lados, ſem que ellas lhe conſintão mais que hum pequeno movimento pa-

para baixo, e para ſima, como já deixámos notado, não obſtante as muitas ligaduras, que dellas ſe envião pelas coſtelas ao oſſo externo.

As vertebras do peſcoço principião, como deixámos notado, da junta da nuca N. 19.: ellas ſe continuão até á cruz, ou vertebras do Thorax N. 25., e eſtão unidas por meio de huma ſucceſſiva ligadura, que lhes permitte o já referido movimento. O feitio dos ſobreditos ſete oſſos, de que ſe compõe o peſcoço do Cavallo, tambem concorre muito para elle ter o movimento já referido, ainda que por elle ſe continuem ligaduras ás claviculas, e oſſo externo.

Continua-ſe a tratar das partes do Peito.

TEm o Cavallo tambem huma membrana groſſa, e nervoſa, que lhe rodeia o peito chamada *Pleura*. Apôs ella ſe ſegue a membrana chamada *Mediaſtino*: he delgada, e reparte o peito em lado eſquerdo, e lado direito, a qual ſe vai unir ás extremidades da Pleura.

Os Omoplatos do oſſo externo são humas ſemelhanças de palas nervoſas nas extremidades do referido oſſo, em que ſe une a Pleura.

As Claviculas são as duas primeiras coſtelas N. 28. no ſeu feitio alguma couſa ſemelhantes ás outras, as quaes ſe unem huma á outra debaixo do Numero já referido.

O oſſo Externo he, como já diſſemos, alguma couſa ſemicircular na ſua figura, alcança das claviculas N. 28., em que principia o ſeu Omoplato, e o oſſo principia do N. 31. ſuperior, e continua-ſe até ao N. 31. inferior.

Do Calor natural, dos Eſpiritos Vitaes, dos Animaes, e do Coração.

TOdos ſabem que o calor natural he o governo do corpo, ou da vida. Elle agita a ſubſtancia eſpirituoſa, para que a vida ſe poſſa dilatar, e da meſma ſorte faz com a ſua actividade ir communicando aos ligamentos, medullas, e muſculos hum humido ſubtil, e oleoſo, que ſe chama *Humido radical*. Elle he huma ſubſtancia aſſidua ſeminal, que com o calor, e movimento ferve, creſce, e ſe augmenta. Eſta ſubſtancia eſpirituoſa jámais eſtá firme, antes diſcorre por todas as partes do corpo, já baixando, já ſubindo, ou nadando nas partes fluidas, e liquidas: domina toda a máquina organica, em que ſe conſerva aſſim fyſicamente o calor natural, cujo humido radical, e ſeminal tem a ſua origem no cerebro.

Os *Eſpiritos Vitaes* tem origem na ſubſtancia ſeminal vegetativa, e deſcem do cerebro ao coração, em que ſe introduzem no ſangue, para ſe diffundirem por toda a região do corpo, arterias, veias, e mais conductos.

Os *Eſpiritos Animaes* tem da meſma ſorte a ſua origem no cerebro: deſcem delle ao coração, e mais officinas principaes, como em outros lugares ſe pondera, e bem aſſim como os Vitaes ſe conduzem a todas as partes do corpo.

A vida fyſica todos ſabem he huma luz, que eſtá em todas as creaturas, cuja luz

luz lhe communicou o ſupremo Creador, por iſſo os eſpiritos naturaes conſervão a vida nutritiva, e vegetativa: e do cerebro ſe derramão como benignos raios por toda a região corporea organica, de que emana a vida ſenſitiva.

Do humido radical, e da ſubſtancia material percebe o corpo do Cavallo a nutrição: e aſſim como o corpo humano vive pela racionalidade da alma intellectiva, aſſim ſe póde dizer que os eſpiritos animaes são quem vivifica o Cavallo, e lhe preſtão forças, actividade, e movimento.

Os Eſpiritos ſenſitivos, ſem participação dos vitaes, e naturaes, são humidos.

Os Eſpiritos naturaes, ſem a miſtura dos eſpiritos ſenſitivos, são cálidos, e ſeccos, porque a ſua ſubſtancia he acre, e adſtringente; e por iſſo quando as ſubſtancias de todos os eſpiritos são juntas com proporção, os Cavallos poſſuem huma ſaude benefica, e temperada.

O *Coração* eſtá no meio do peito, os bofes o acompanhão: elle tem em ſima huma glandula chamada *Timo*, que eſtá cheia de linfa, e algumas vezes de quilo.

Todos ſabem que a figura do Coração he conica, e pyramidal. He juſto não ſe ignore ſer elle huma membrana compoſta de fibras delicadiſſimas, as quaes unidas, e entretecidas, fórmão eſta membrana com todos os ſeus vaſos, e ductos, que a conſtituem o depoſito principal dos eſpiritos vitaes, ou vivificantes do corpo do Cavallo.

O *Mediaſtino* he huma pelle membranoſa, tranſparente, que reparte o peito em lado direito, e eſquerdo: fica pela parte direita do coração, e por iſſo elle obriga a cuſpide, ou ponta do coração a inclinar-ſe para a parte eſquerda: he iſto bem perceptivel, pois logo que o coração ſe dilata, bate nas coſtelas, e o ſentimos palpitar junto ao ſovaco eſquerdo N. 56.: ſuſtenta-ſe o coração no meio do peito obrigado das prizões com que o ſuſpende o Mediaſtino, e o Pericardio. Eſte he hum como ſacco, o qual rodeia o coração em torno cheio de hum fluido, que ajuda o ſeu movimento, e he tambem o coração ſuſpendido pelos troncos das veias, e arterias que delle naſcem.

Tem o coração na ſua baſe duas cavidades: huma chama-ſe *Ventriculo direito*, outra *Ventriculo eſquerdo*. O Ventriculo direito he mais largo, e menos profundo, e o Ventriculo eſquerdo he profundo, de ſorte que chega quaſi á ponta do coração. Separão-ſe eſtes dous Ventriculos hum do outro com huma porção de fibras, em que ha interiormente varias pequenas cavidades.

Das Veias, e Arterias.

Diſſemos que naſcem do coração *Veias*, e *Arterias*, e todos ſabem que na baſe do coração ha quatro grandes canaes por onde o ſangue entra nelle, e ſahe. Dous chamão-ſe *Arterias*, e dous chamão-ſe *Veias*: pelas Arterias ſahe o ſangue do coração, e pelas Veias ſe conduz o ſangue a entrar nelle.

No Ventriculo direito ha huma Veia, e huma Arteria. A Veia chama-ſe *Veia ca-*

cava, e a Arteria chama-ſe *Arteria pulmonar.* A Veia reparte-ſe em dous ramos: hum, que ſe conduz á cabeça; outro, que ſe conduz pelo Thorax, e vai aos boſes.

O Ventriculo eſquerdo tem outra Veia, e outra Arteria: a Veia chama-ſe *Veia pulmonar*, e ella traz o ſangue dos boſes ao coração: a Arteria chama-ſe a *Grande Arteria*, que reparte o ſangue por todo o corpo.

Dos movimentos do coração, das ſuas valvulas, e fibras.

O Coração tem dous movimentos alternadamente: ao primeiro chamão *Syſtole*, e ao ſegundo *Diaſtole.* O Syſtole he huma contracção, com que o coração eſpreme os ſeus ventriculos, e lança o ſangue com força pelas arterias. Quando o coração ſe comprime, neceſſariamente fica mais comprido, e então he que bate nas coſtelas, ao que chamão palpitação: o ſegundo movimento chamado Diaſtole fórma-ſe quando o coração ſe dilata, e ſe enche de ſangue: elle então fica mais largo, e por conſequencia mais curto.

No Syſtole ſahe o ſangue ſómente pelas duas arterias, porque o coração tem duas valvulas, que deixão entrar o ſangue das veias para o coração; mas não o deixão ſahir ſenão pelas arterias.

A Veia cava, e a Veia pulmonar vasão o ſangue nas auriculas do coração, cujas auriculas são duas cavidades, que tem as orelhas, que ficão na entrada dos ventriculos, onde ſe entroncão as Veias, e tambem tem Syſtole, e Diaſtole; porém ás avéſſas daquelles, que diſſemos tem os ventriculos do coração; de maneira, que quando os ventriculos ſe comprimem, as auriculas ſe dilatão: elles com a ſua compreſsão vasão o ſangue, e as auriculas com a ſua dilatação o recebem para o vaſar, ou deixar introduzir nos ventriculos no proximo diaſtole, e por eſte modo ſe encontrão os movimentos dos ventriculos com os movimentos das auriculas.

A Auricula Direita tem tres valvulas, que ſe chamão *Treſcuſpidaes*, e a Auricula Eſquerda tem duas, que ſe chamão *Mitraes.* Eſtas valvulas com o ſeu feitio, e movimento deixão entrar o ſangue para o coração; mas não o deixão ſahir, como já diſſemos.

As valvulas Mitraes, ou Treſcuſpidaes eſtão pegadas ao coração por humas fibras tendinoſas, que obrigão a tapar com as valvulas a ſahida do ſangue para as veias.

As Arterias tambem tem valvulas, que deixão ſahir o ſangue para fóra dos ventriculos do coração; mas não o deixão entrar para dentro delle, as quaes valvulas são ſemicirculares: ellas deixão ſahir o ſangue com impeto no tempo do Syſtole do coração, cujo ſangue pára no eſpaço, em que os ventriculos ſe tem vaſado, e as valvulas lhes tapão a entrada, por iſſo o ſangue ſahe do coração ás golfadas pelas arterias; e tambem eſſe he o motivo, por que ſó nas referidas arterias ſe ſentem os impulſos da palpitação, que nas veias ſe não percebe.

O grande muſculo, de que ſe compõe o coração, tem duas ordens de fibras, humas que o comprimem, outras que o dilatão; e quando o Cavallo ſe esforça

com movimentos mais violentos, os espiritos se agitão mais; e passando de huma a outras fibras, fazem o movimento da palpitação mais violento, e apressado.

Esta he a grande, e maravilhosa fábrica do Coração, e as suas partes, ou vasos mais principaes, considerados em commum, cuja delicada fábrica tem hum movimento alterno, e delle dependem todos os espiritos animaes, por isso nós temos dito se apertem os Potros, principalmente as primeiras vezes, com moderação; e ainda depois dos Cavallos estarem costumados a ser apertados, os deitem primeiro á guia, para que a agitação do impeto, e do furor não lhes fomentem a molestia, a que chamão *Congocha*, já pelas causas ditas, já por lhes fazer grande effeito o aperto nas Vertebras do thorax, e Omoplatos do osso externo.

Finalmente, as partes internas do peito mais principaes são o Coração, o Pericardio, a Veia Cava, a Arteria pulmonar, a Veia pulmonar, a Grande Arteria, a Trachea, e o Ezofago, os Bofes, o Mediastino, e o Diafragma.

Differença do movimento do Sangue, das Veias, e Arterias, e da construcção dellas.

Repartem as Arterias o sangue do coração por todo o corpo, e as Veias o tornão de todas as partes delle a conduzir para o coração. Sahe o sangue (como dissemos) ás golfadas; mas como faz gyro dilatado, he repartido o seu movimento por diversas partes, principalmente em entrando nas capillares, onde se unem as arterias com as veias: elle se conduz sem se alterar, como nas arterias, porque os capillares são tenuissimos, e depois vão alargando cada vez mais para o corpo da veia, e sem dúvida o sangue ha de perder a força dos intercadentes impulsos que conserva nas arterias.

Arteria he hum aqueducto, ou cano oco, e largo, que consta de quatro tunicas, as quaes humas sobre outras fórmão o canal por onde corre o sangue: a mais interior he de huma substancia nervosa, a segunda he musculosa, a terceira he fibrosa, e cinge com as suas fibras as arterias; e a quarta consta de muitos nervos, e vasos sanguineos.

A Arteria Pulmonar do ventriculo direito vai aos Bofes: a Grande Arteria sahe do ventriculo esquerdo, e logo della se dividem dous ramos, hum ascendente, outro descendente: o ascendente sobe por junto das vertebras do pescoço á cabeça, e se reparte pelas partes superiores della: o descendente por hum, e outro lado do ventre se conduz ás ancas, e dellas até aos pés: estas Arterias se dividem em ramos, huns grandes, outros menores, e outros tenuissimos: dellas se vai repartindo o sangue por todas as entranhas, e membros por onde vão passando, cujos ramos quanto mais se apartão do coração, mais subtís, e delicados vão sendo.

As veias são huns canos ocos mais, e menos largos, que constão de tres tunicas, a primeira mais externa chama-se *Vasculosa*, a segunda *Cellulosa*, e a que se lhe segue *Musculosa*: esta consta de muitas fibras circulares, que embaração ao sangue por meio de muitas valvulas o retroceder para trás.

As tunicas aſſim das Arterias, como das veias ſó ſe podem ver com microſcopio.

Valvulas das veias.

NAs veias, que vão do coração para baixo, e nas que deſcem das vertebras do peſcoço, e das ancas, ſervem as Valvulas para embaraçar que o ſangue com o ſeu movimento, e pezo perturbe a ordem das circulações, nas veias que ſobem para ſima: ſervem as Valvulas, para que os movimentos violentos do Cavallo não fação retroceder no ſangue a ordem do ſeu movimento.

A Veia Pulmonar recebe dos Bofes o ſangue, que por elles ſe diffunde da Arteria Pulmonar.

Divisão da Veia Cava.

DA Veia Cava em ſahindo do ventriculo direito ſe dividem dous ramos: hum, que vai para a cabeça com o ramo da Arteria, de que já fallámos; e outro, que ſe reparte pelas eſpaduas, pelos braços, e mais partes do corpo. O reſto da Veia Cava, que he hum ramo maior, ſe divide em Veias Coronarias, que á maneira de coroa rodeião o coração, e depois ſe vão dividindo em ramos, de maneira que ſe eſpalhão por todas as partes do corpo do Cavallo, pois que todo o corpo ſe nutre do ſangue.

Os ultimos ramos aſſim das Arterias, como das Veias, são tão delicados como cabellos, e tão multiplicados, que ſe não podem contar: por iſſo entre os ultimos raminhos arteriaes, e os das Veias fazem os das arteriaes anaſtomoſes com os das Veias para o ſangue immediatamente paſſar das Arterias para as Veias. Finalmente eu não faço menção de todas as Arterias, e Veias, por me não parecer iſſo ponto eſſencial, e tambem por não ſer faſtidioſo no ſyſtema breve, que vou ſeguindo.

Moſtra-ſe que couſa he o Sangue, e a ſua circulação.

EM ſahindo o Sangue do coração pela Grande Arteria, ou Ahorta, ſahe do ventriculo eſquerdo, e logo de lá naſcem dous pequenos ramos, que chamão *Arterias Coronarias*, que rodeião o coração.

A Arteria divide-ſe em dous ramos grandes, que ſe chamão *Ahorta Aſcendente*, que ſobe á cabeça; e Deſcendente, que ſe conduz por todas as Arterias ás ultimas extremidades do corpo do Cavallo, em que, como já diſſemos, fazem as Arterias capillares anaſtomoſes, com que ſe communicão aos raminhos ultimos das Veias, que vem deſembocando em ramos cada vez maiores até á Veia Cava, que he groſſa, e deſemboca no ventriculo direito do coração, em que introduz o Sangue no Diaſtole, o qual no Syſtole ſeguinte ſahe do ventriculo direito pela Arteria Pulmonar, vai aos bofes, corre por todas as ramificações das ſuas Arterias, e dellas paſſa para as Veias dos Bofes, por onde ſe vai conduzindo pela Veia Pulmonar ao ventriculo eſquerdo do coração, em que entra por meio do Diaſtole, e torna no Syſtole ſeguinte a ſahir pela Ahorta; e continuando aſſim, gyra, e faz o ſeu mo-

movimento, ſahindo do coração pelas Arterias, e recolhendo-ſe a elle pelas Veias: iſto ſe juſtifica, pois em ligando huma Veia, incha a parte que fica mais diſtante do coração; e ligada huma Arteria, incha a parte que eſtá mais perto do coração.

Finalmente o Sangue corre do coração para todo o corpo pelas Arterias, e torna pelas Veias ao coração; e poſto que pareça que o Sangue ſe dilatará grande eſpaço de tempo, diſcorrendo pelo corpo do Cavallo, primeiro que torne ao coração, he engano; pois, ſegundo as averiguações de Ogan, Kulmo, Cowper, e outros muitos, em hum minuto faz hum gyro inteiro em toda a primeira região: pelo que ſe póde ſuppôr gaſtará menos de dous minutos em toda a ſegunda.

De todo o alimento, que o Cavallo come, ſe conſerva no corpo a parte util para a nutrição: ella ſe converte em quylo: eſte quylo tem quaſi a côr, e propriedades do leite, porque ſe compõe de partes oleoſas, partes pingues, e partes ſalinas: eſtas partes com o calor do coração, e dos vaſos do ſangue ſe agitão, e ſe involvem as particulas oleoſas, pingues, e ſalinas, de maneira que tomão huma diverſa configuração, tranſtornando-ſe toda a materia quyloſa de branca em vermelha com a força do movimento, calor, e ar.

Vaſos mais principaes por onde ſe filtra o ſangue.

A Circulação, e movimento do ſangue ſe dirige a fazer nutrir os membros do corpo do Cavallo, cujo ſangue paſſando por diverſos filtros, ſe vai ſeparando de alguns humores. As partes, ou filtros principaes do ſangue são o *Pancreas*, o *Figado*, o *Baço*, e os *Rins*.

O *Pancreas* he huma entranha, que fica junto ao bucho: a ſua figura he mais comprida que larga, e pelas partes baixas tem algumas glandulas, em que ſe ſepara do ſangue o ſucco pancreatico: eſte humor entra junto com a bilis no inteſtino duodeno, que tem no prancreas o ſeu principio, cujo humor pancreatico facilita a digeſtão dos alimentos.

No *Figado* ha huma bexiga do feitio de huma pera, vulgarmente chamada Fel, onde ſe contém a colera, que no Figado ſe ſepara do ſangue. Primeiramente o Figado he huma entranha á maneira de ſangue congelado: o ſeu lugar he pouco abaixo do diafragma: eſte diafragma ſepara a região do peito da região do ventre: elle fica mais ao lado direito, e compõe-ſe de duas partes maior, e menor; e eſta parte menor abraça por ſima parte do bucho, e do pancreas. He o Figado no centro groſſo, e para as extremidades mais, e mais delgado: ſobrepõe a extremidade da parte maior alguma couſa ſobre a menor; e na parte interior mais groſſa, em que ha eſte ſobrepoſto, eſtá a bexiga do Fel: eſta bexiga tem quatro membranas, tres proprias, e huma commua a todo o Figado: na referida bexiga ſe contém a colera, que ſe ſepara do ſangue, quando eſte ſe vai filtrando no Figado.

Pela veia Porta entra o ſangue no Figado, e eſta veia tem o ſeu feitio á maneira de huma arvore: as raizes deſta arvore eſpalhão-ſe parte pelo Figado, e parte com alguns ramos pelos inteſtinos, dos quaes inteſtinos pelas delicadas extremidades da veia Porta vai paſſando o ſangue dos mais delgados aos mais groſſos ramos,

mos, até chegar ao tronco mais groſſo da veia: ella paſſa pelas pelles membranoſas do meſenterio para a veia cava, havendo-ſe filtrado pelos raminhos delicados, que a veia Porta já diſſemos tem no Figado, em que o ſangue ſe ſepara da colera.

A bilis, ou colera da bexiga chamada *Fel* por hum aqueducto delicado ſe communica ao inteſtino duodeno, onde ſe encontra com o ſucco pancreatico, que vai tambem ao meſmo inteſtino, e ambos ajudão a fermentar o alimento, que vem já do bucho com principio de digeſtão.

A veia Porta não póde ter pulſação, porque o ſangue dos inteſtinos paſſa para ella, e della para a veia cava, e tambem porque ella não tem valvulas, e por iſſo o ſangue na veia Porta corre alguma couſa mais froxo, que em todas as outras officinas do corpo.

O *Baço* do lado eſquerdo correſponde ao Figado, ſe bem que alguma couſa diſtante do bucho: elle fica immediato ao diafragma, e proximo ao rim: tem a figura ſemelhante a huma lingua de boi, e a parte concava fica voltada para o bucho: tem o baço huma arteria chamada *Splenica*, e huma veia chamada veia *Splenica*. A arteria de hum ramo da arteria pulmonar, que traſpaſſa o diafragma, recebe o ſangue, que pela veia Splenica ſe communica ao Figado, e por outro ramo aos inteſtinos. Compõe-ſe o baço de muitas fibras, e vaſos: nelle, ſegundo a melhor opinião, ſe adelgaça o ſangue para quando entra no Figado ſe poder mais facilmente ſeparar da bilis.

Os *Rins* são outro filtro, onde ſe ſepara a ourina do ſangue: tem a figura alguma couſa ſemicircular, eſtão poſtos em correſpondencia junto do eſpinhaço por ſima do diafragma, e do baço: a parte convexa eſtá virada para os lados; e a parte concava, pela qual eſtão prezos ás mais entranhas, fica voltada de hum para o outro Rim, de hum, e outro lado da eſpinha.

Cada Rim tem hum canal, a que vulgarmente chamão *Verterres*, que ambos vão á bexiga da ourina. Compõem-ſe os Rins de tres partes, bacia, cortica, e verterres: na cortica ſe ſepara a parte ſoroſa, que he a chamada *Ourina*, do ſangue: a bacia he huma pelle ſituada no meio da parte concava de cada Rim, que recebe o humor ſoroſo, donde pelos verterres ſe encaminha á bexiga da ourina, e cada hum dos referidos verterres ſe compõe de diverſos aqueductos.

Aos Rins ſe conduz o ſangue por humas arterias chamadas *Emulgentes arteriaes*; e depois de ſeparado do ſoro, ſe conduz o ſangue tambem por humas veias chamadas *Emulgentes venaes* para a veia cava. Eu não trato dos argumentos, que grandes homens fazem neſta materia, porque na brevidade que obſervo ſigo a opinião mais commua.

Das Glandulas da boca.

TEm a Boca do Cavallo algumas glandulas, principalmente entre o canal da queixada inferior N. 15., donde continuamente ſe eſtá extrahindo hum humor chamado *Saliva*: ella, e o maſtigar dos dentes desfazem o alimento em pequenas partes, de ſorte que póde o referido alimento conduzir-ſe pelo Ezofago ao bucho.

Ha glandulas de differentes cores: humas mais, outras menos volumoſas: humas

mas ſe chamão *Simples*, outras *Compoſtas*: o ſeu preſtimo he ſeparar do ſangue parte das ſuas impuridades: as da primeira eſpecie ſervem de aperfeiçoar a Linfa, como são os Axilares, as Jugulares, as Miliares, e as do Meſenterio: as da ſegunda eſpecie ſeparão do ſangue grande parte de humor acrimonioſo, do meſmo modo as glandulas ſalivaes, as glandulas lacrimaes, que deſcem aos lagrimaes, purificão a materia excrementicia dos opticos, e todas ſe compõem de veias ſanguineas, de nervos, de veias brancas, e de huma parte eſponjoſa, como já diſſemos: ſó com a differença de participarem humas de mais, outras de menos vaſos na quantidade, e qualidade de que ellas ſe compõem.

Da Trachea.

A *Trachea* do N. 23. vai emparelhada com o Ezofago até ao peito, e por ella ſe conduz o ar aos orgãos da reſpiração, como diſſemos em outro lugar; e o Ezofago continuado até á cardia, entra no bucho, em que depõe o alimento: eſte, paſſado o eſpaço do tempo preciſo, ſahe para os inteſtinos por outra boca chamada *Piloro*, em cujos inteſtinos ſe digere, e ſepara a parte util para as duas veias lacteas, que ſe conduzem á veia Cava, e os excrementos vão correndo os inteſtinos, até que elles pelo Recto os expulſem fóra.

Nomes dos inteſtinos principaes.

OS inteſtinos principaes são ſeis: o primeiro chama-ſe *Duodeno*, o ſegundo *Jejuno*, o terceiro *Ileon*, o quarto *Cecum*, o quinto *Colon*, e ſexto *Recto.*

O primeiro dos primeiros tres he mais largo, e glandinoſo, de cujas glandulas continuamente ſe eſtá produzindo nelle hum humor, ou ſucco ſemelhante ao pancriatico, que ſerve junto com a bilis para a digeſtão. O ſegundo quaſi ſempre eſtá vaſio. O terceiro conſerva mais tempo as fezes, e eſtes inteſtinos são delgados, e ficão rodeados dos mais groſſos. O quarto he hum pouco mais largo que os já referidos, e tem hum appendix deſigual por hum, e outro lado. O quinto he de todos o mais largo. E o ſexto he por onde ſahe a parte inutil do alimento.

Eſtes em ſumma são os inteſtinos, agora parece juſto façamos alguma, ainda que breve, demonſtração das qualidades do Meſenterio, aonde ſe conduz a parte util do alimento chamada *Quylo*, a qual nutre o corpo do Cavallo.

O Meſenterio he huma membrana tranſparente compoſta de duas tunicas fibroſas, por entre as quaes paſsão algumas veias, e differentes vaſos. Eſtá o Meſenterio junto das vertebras lombaes N. 54. letra B pela parte interna da eſpinha, os ſeus vaſos são occupados de huma linfa clara, e por iſſo ſe denominão *Linfaticos*; outros chamão-ſe *Veias Lacteas*, porque eſtão cheios de quylo, que já diſſemos he branco como o leite: eſtes vaſos naſcem muito delicados nos inteſtinos, principalmente no duodeno, donde paſsão ao meſenterio, os quaes ſe chamão *Vaſos do primeiro genero.*

Das glandulas do Meſenterio ſe dirigem alguns vaſos chamados *Lacteos do ſegun-*

gundo genero á Ciſterna Lactea, ou orgão mobil, que junto com a Ahorta vão á ſob-clavia eſquerda depoſitar o quylo na veia Cava.

O receptaculo do quylo fica por baixo do rim eſquerdo, e chama-ſe *Thoracico.* Não certifico eſta opinião, porque o que todos ſabem, poucas vezes entra em dúvida.

Já diſſemos que os Muſculos são huma collecção de fibras carnoſas, com os quaes ſe exercitão os movimentos voluntarios, mediante os eſpiritos animaes, que nelles influem. Compõem-ſe elles de carne fibroſa para a ſua fortaleza, de veias para a ſua nutrição, de arterias para a ſua vivificação, de nervos para ajudar o ſeu movimento, de ligamentos para os unir nas partes preciſas, e de tendões, que são os ſeus remates, com que ſe dividem huns dos outros.

Diſtinção dos nomes de algumas partes do corpo do Cavallo.

OS Muſculos *Temporaes* são de huma ſubſtancia carnoſa, e fibroſa, ſituados junto aos petroſos, que ſervem de ligar a queixada inferior N. 20. á ſuperior N. 18.

Os Muſculos *Entrecoſtaes* compõem-ſe de huma grande multidão de fibras, que ſervem de ligar as vertebras da eſpinha, e de encher os eſpaços de entre as coſtelas, e ajudar o movimento alterno da reſpiração, e do peito.

Ternilhas he huma parte eſpermatica, mais branda que os oſſos, e mais dura que os ligamentos: em humas partes fazem officio de oſſo, como nas orelhas, na ponta das agulhas das ventas, no oſſo externo, &c. e em outras ſervem de continuar os oſſos em algumas articulações.

Tendões já deixámos notado que são fins, e remates dos Muſculos. *Ligamentos* são humas partes eſpermaticas, redondas, e lizas, que ligão os oſſos, e tem a ſua origem nelles. *Membranas* são humas partes eſpermaticas, mais, e menos delgadas, e fortes: humas, que veſtem o corpo externamente, como dizemos em outro lugar; e outras neceſſarias, principalmente na região do peito, e ventre.

Perioſte he huma tella delgada, tegumento immediato aos oſſos, que os rodeia do ſegundo genero externamente.

Glandulas são humas partes brandas eſponjoſas entre os emunctorios, redenho, e outras partes do corpo, que ſervem de filtrar o ſangue, receber os excrementos dos membros principaes, filtrallos, e ſer defeza, e deſcanço dos vaſos maiores.

Ha tres differenças de fibras: Rectas, para attrahir por meio da ſua natural virtude nutritiva: Obliquas, para reter por meio da ſua virtude retentiva; e Tranſverſaes, para expellir por meio da ſua virtude expulſiva.

Mo-

Modo, por que ſe diſtribuem as arterias, e as veias nos braços dos Cavallos.

HA huma arteria em cada braço, que ſempre ſe acompanha da veia chamada da *Arca*, indo entre ella, e o braço até ao joelho, em que ſe divide em dous ramos: hum, que ſegue a veia axilar; e outro, que ſegue o maior ramo da omoraria até ao caſco, &c.

As veias, que ramificão cada braço do Cavallo, são duas: a maior naſce da veia Cava, antes que ſe aparte na divisão das jugulares N. 24.: e da cavidade do peito ſe encaminha ao ſovaco, e por ſima do Codilho N. 32. volta para o braço. Chama-ſe eſta veia *Axilar*: ella pela cutis ſe vê diſcorrer até á parte anterior do joelho.

A ſegunda procede das jugulares no ramo ſuperior depois da ſeparação já referida, e pela parte poſterior paſſa junto ás cartilagens do peito N. 30., e deſta ſorte ſe conduz pelo braço a chamada *Aomoraria externa*, ou *Veia da cabeça.* Divide-ſe em dous ramos: o primeiro ſe ajunta logo com a Aomoraria, e ſe chama *Veia commua*, na qual commummente ſe coſtuma ſangrar do peito, e dalli vai diſcorrendo até ao joelho, em que ſe coſtuma ſangrar dos terços.

No joelho ſe divide eſta veia em dous ramos, que deſcem por detrás da canela de hum, e de outro lado do nervo principal do braço, e no fim das caudas dos muſculos do machinho N. 43. paſsão á quartela, e entrão por hum, e outro talão N. 42. no caſco até á ſua meia região, ou divisões capillares, &c.

Diſtribuição dos Nervos nos braços dos Cavallos.

O Braço tem, como deixamos notado, doze muſculos, e cada hum delles ao menos he acompanhado de hum nervo; mas os nervos principaes, com que ſe determina o movimento do braço, são ſinco, ainda que da medulla eſpinhal, e nervo entrecoſtal naſcem os que governão com os muſculos a boa organização da eſpadua: com tudo he preciſo ſaber que o quinto, ſexto, e ſetimo nervo da eſpadua, depois de ſe haverem unido ao oſſo do braço N. 50., ſe reduzem os tres a hum, em que principia o primeiro dos ſinco principaes do braço: o quarto, o oitavo, o nono, o decimo, o undecimo, e o duodecimo tambem ſe unem no quarto. Succede iſto, porque os nervos, e muſculos do braço, e eſpadua no codilho ſe ligão contrapoſtos huns com os outros. E aſſim como os oſſos no feitio das ſuas articulações são antagoniſtas huns dos outros, aſſim tambem os nervos, e muſculos ſe continuão huns com os outros contrapoſtos para regularem melhor a boa harmonia do movimento do braço em todas as ſuas articulações.

O primeiro Nervo da eſpadua acompanha os primeiros tres muſculos Relevantes, de quem o nervo toma tambem eſte nome, e delle ſe diſtribuem ramos, que vão fortalecendo a eſpadua, e aſſim dos mais nervos ſe diffundem ramos, que fortalecem as cartilagens do peito, e as ramificações das juntas do codilho, e do

ſo-

sovaco. Isto supposto, bem assim o primeiro nervo do braço conduzido com o primeiro musculo, ramifica o braço até ao joelho, e elle communica aos musculos na junta do codilho, e joelho a virtude de se dobrar; e junto com a veia commum, ramificão toda a maior parte da cutis do braço.

O segundo Nervo desce junto ao primeiro, e participa muitos ramos á parte anterior do braço, e aos musculos do joelho, em cuja articulação produz, ou se reparte em tres ramos, que vão fortalecer os musculos, que fazem dobrar a quartela.

O terceiro Nervo da junta do codilho N. 32. vai provendo de ramos os musculos, e toda a cutis do braço pelo N. 33., e na parte anterior do joelho N. 34. se junta ao nervo principal N. 44.; e espalhando muitos ramos por toda a cutis da canela N. 35., vai ramificar a quartela do N. 36. até ao N. 38.

O quarto Nervo he o maior do braço no seu tamanho, e grossura: nasce do terceiro, encorporão-se nelle os que já dissemos, ramifica a junta do codilho, e une todos os nervos, que fórmão o tendão principal do braço pela parte anterior até dentro do casco.

O quinto he delgado, ramifica parte da cutis, e fenece da quartela até á coroa do casco.

Todos sabem que os Nervos, que se vão terminar na cutis, são sensitivos, assim como os que fortalecem os musculos são motorios, e sensitivos, ou causa do movimento, e sensibilidade: por isso em sendo os nervos da cutis offendidos com actividade, padece o movimento; não porque os musculos cheguem á superficie externa, mas sim porque offendidos os nervos, se participa a actividade do impulso, ou penetração ao musculo, com quem o nervo, que está ferido, mais se communica, de sorte que havendo huma contusão, e esta apostemando, o damno se communicará dos nervos aos musculos, e em huns, e outros padecerá o sentido da sensibilidade, e movimento.

Modo, por que se distribuem os Nervos nas pernas dos Cavallos.

JA' dissemos que os musculos da perna do Cavallo são quatorze, e tantos são os Nervos mais principaes, que lhe correspondem, e os governão: ora os referidos Nervos quasi todos procedem do Nervo Entrecostal, da Medulla espinhal, das Vertebras, e dos ultimos Espondis do espinhaço, e osso Sacro, como passamos a mostrar.

Nasce o primeiro Nervo junto ao Bacim, e principia do encontro de muitas fibras do Nervo Entrecostal, que unidas fórmão hum tendão nervoso, que acompanha o primeiro musculo; e do osso do femur passa á soldra, e vai prender na parte anterior da tibia.

O segundo procede da Medulla espinhal: elle tambem se fórma de muitas fibras perto da ultima vertebra lombal junto ao bacim, e vai fenecer na tibia como o primeiro.

O terceiro procede da junta do bacim, e osso sacro, desce por entre as polpas do

do ſegundo, e terceiro muſculo vai prender na tibia, e paſſa a unir-ſe com os de que já tratámos ao nervo principal da curva.

O quarto vem do meſmo principio, he mais delgado, e liga-ſe com hum tendão curto, com que o quarto muſculo ſe une á eminencia do meio do femur, donde paſſa á cabeça da tibia, e della ao curvilhão.

O quinto principia de muitas fibras do Nervo entrecoſtal, e do ajuntamento de outras, que procedem da medulla eſpinhal de entre os ligamentos do oſſo ſacro, e bacim: elle ſe conduz com o quinto muſculo até á cabeça do femur, e dahi vai indo cada vez mais delgado da ſoldra para a tibia, e curvilhão. Os dous primeiros nervos entretecidos de algumas fibras muſculoſas abração pela frente externa a junta inferior do curvilhão: o terceiro, e quarto abração a meſma junta pela parte interna, e o quinto dividido em dous ramos abraça a parte anterior, e poſterior: e aſſim eſtes ſinco nervos ajudão os muſculos a encolher-ſe, levantar para ſima, e avançar para diante: advertindo que todos elles ramificão a ſoldra, a tibia, a junta, e a curva, indo-ſe depois unir no nervo principal do curvilhão para irem fazer as meſmas funções no travadouro do machinho do jarrete.

O ſexto nervo procede da parte interna do oſſo do bacim de algumas fibras do Nervo entrecoſtal, e de outras que ſe lhe juntão do oſſo ſacro, e do oſſo pubis, que fórmão o tendão maior de todo o corpo: junta-ſe com o ſexto muſculo, e da cabeça baixa do femur vai ao jarrete N. 74.: elle une a ſi quaſi todos os muſculos da perna, que pela curva da nadega N. 71. ſe conduzem da tibia, e polpas muſculoſas para o jarrete.

O ſetimo, oitavo, e nono tem os ſeus principios no bacim, no pubis, e no oſſo ſacro: elles acompanhão o ſetimo, o oitavo, e o nono muſculo; e dos tendões, ou caudas, que fórmão nas ſuas extremidades, paſsão a unir-ſe ao tendão principal, que deſce a unir-ſe ſobre o nervo principal do curvilhão, donde ſe vão entroncando pelo nervo maior da canela; ſendo certo que todos eſtes nervos obrigão a indireitar, e aprumar os oſſos da canela huns ſobre os outros para ajudar o movimento da perna.

O decimo, poſto que não ſeja muito avultado, une a ſi os quatro, que ſe lhe ſeguem, e tem como elles origem nos principios dos muſculos, que lhes correſpondem, e de muitas fibras que ſe lhes ajuntão do oſſo Pubis: elles em ſe unindo da cabeça alta da tibia em linha obliqua, paſsão ao curvilhão, e por hum, e outro lado do nervo principal da canela N. 75. ao travadouro, e ao centro do caſco: elles finalmente ajudão por força dos ſeus muſculos a dar á perna o movimento obliquo, pois todos os muſculos tem ao menos hum nervo que os ajuda a fazer bem as ſuas funções.

Do modo, por que se diſtribuem as arterias nas pernas dos Cavallos.

DA grande arteria parte hum ramo, que junto ao oſſo Sacro ſe une com hum ramo da veia Porta, e baixa pela parte interna junto do femur á tibia, lançando ramos para huma, e outra parte: e do curvilhão para baixo ramifica a canela ſempre encoſtada ao oſſo, ou encuberta com a veia até entrar no caſco do pé, donde torna a ſubir, e vem paſſar para ſima entre o curvilhão N. 84., e a curva N. 82.

Do modo, por que se diſtribuem as veias nas pernas dos Cavallos.

DA veia Cava junto ao figado ſe juntão alguns ramos com a veia Porta, que fórmão hum ramo, que alguns querem pertença mais á veia Porta, e outros que pertença mais á veia Cava; e a mim me parece que lhe pertence huma, e outra, cujo ramo ſe encaminha ao oſſo Sacro N. 64., e ſobre elle ſe divide em dous ramos, que deſcem por hum, e outro lado do femur; e depois de haverem enviado ramos a algumas partes do ventre, vão ramificar as Ingleas, e as Bargadas N. 60., em que ſe coſtuma ſangrar: dahi ſe vai dividindo em tres ramos, e hum delles vai pela parte interior da tibia, outro vai declinando pela parte poſterior da perna, e paſſa pelo lado da canela; e o terceiro ramo, que he o maior, deſce pela curva, e interiormente ſe eſconde por entre os muſculos poſteriores da perna; e por baixo da junta inferior do curvilhão ſe reparte em grande numero de pequenos ramos, que ramificão a canela, e por hum, e outro lado entrão no caſco.

Do nervo Entrecoſtal, e da parte menor do Meſenterio.

O Nervo entrecoſtal ſe extende da ultima vertebra cervical até á primeira vertebra lombal: elle ſe continúa ao longo das mais vertebras, trazendo a ſua origem do oitavo par: tambem ſe lhes unem dous fortes ramos, que partem da medulla eſpinhal: o primeiro ſe produz entre a ſexta, e a ſetima vertebra cervical junto ao N. 26., e o ſegundo na ſua conjugação: eſtes dous ramos partem para as ancas, e vão-ſe unir debaixo do N. 54. no ganglião entrecoſtal.

Eſte nervo por hum, e outro lado da eſpinha recebe, e une a ſi muitos ramos da medulla eſpinhal: elle ſe ſepara em duas porções, que junto á coſtela decima quinta, huma ſe junta com alguns nervos dorſaes, e paſſa junto ao diafragma para ir ajudar a formar o plexo, meſenterio interior, por huma prodigioſa quantidade de nervos entretecidos, que vão aſſim diſtribuir-ſe ao meſenterio, e aos groſſos inteſtinos; e a parte menor fórma hum cordão conſideravel, que ſe vai augmentando até aos rins, e parte menor do meſenterio.

Do pequeno meſenterio anterior parte hum cordão, que recebe muitas fibras

da medulla eſpinhal , que vão ao meſenterio poſterior , e parte vai aos inteſtinos delgados, e ultimamente vai prender no inteſtino recto, &c.

Divisão dos nervos da Medulla eſpinhal.

A Medulla eſpinhal ſe conduz pelo canal vertebral, que do occipital ſe deriva da medulla oblongada até á cova, e cauda. Della naſcem ſete pares de nervos ſerviçaes, dezoito dorſaes, e ſeis lombaes. O reſto da medulla eſpinhal fornece de muitas fibras as coſtelas, as vertebras, e os nós da cova, e da cauda do Cavallo, aſſim pelas partes externas, como pelas internas.

Finalmente dos nervos entrecoſtaes da medulla eſpinhal, e dos nervos, de que havemos tratado , ſe envião a todas as partes do corpo do Cavallo infinitas linhas nervoſas , que ajudão a fortalecer as ligaduras de todas as partes do corpo , pois todos os muſculos tem varios nervos , ou ao menos hum que os ajuda no ſeu fortalecimento , e determinação dos ſeus movimentos , e além diſſo pelas fibras nerveas ſe fazem preſentes ao cerebro todos os toques externos , como em outra parte dizemos.

Dos nomes das enfermidades viſiveis, que correſpondem aos numeros da Eſt. III., e algumas das ſuas qualidades.

Das Moleſtias dos olhos.

ESTão os Cavallos ſujeitos a varias enfermidades nos olhos por differentes cauſas, que ſe conhecem por diverſos ſinaes: por exemplo, em havendo fluxão, ſe infla o lagrimal N. 1. , e lança o Cavallo lagrimas cálidas , e mordazes , que muitas vezes ferem os lagrimaes, e as capelladas.

Nas pupillas dos olhos N. 2. ha diverſas enfermidades: neſte lugar engroſsão ás vezes as tunicas, de maneira que o Cavallo vê pouco , e a iſto chamão *Cataractas*. Conhece-ſe eſta moleſtia por ſe obſervar a pupilla pouco cryſtallina : e no meſmo lugar ſe fórmão as bellidas, e os mortinhos.

No angulo ſuperior dos olhos N. 3. ſe fórma a alguns Cavallos huma fluxão, que esbranquecendo as alvas, os olhos ſe cobrem de nevoas: chama-ſe a eſta caſta de Cavallos, *Lunaticos*; e alguns, paſſada a conjunção da Lua, tornão a ficar bons.

Das Moleſtias da boca.

NA boca do Cavallo ha algumas moleſtias, primeiramente ha a chamada *fava*, a qual he huma inchação , que ſe fórma no padar junto aos dous dentes do queixo ſuperior N. 12. Ha outra chamada *Boca cheia* , que conſiſte em lhe incharem os Tolanos , ou carne das gengivas , de maneira que o Cavallo não póde comer.

Dos Sapinhos.

TAmbem padecem alguns Cavallos huma moleſtia chamada *Sapinhos* , que são humas excreſcencias de carne, que naſcem debaixo da lingua, que os não deixão beber, mas são faceis de curar.

Dos Sobredentes.

ALguns Cavallos deixão de comer por lhes naſcerem ſobredentes, iſto he, por lhes naſcerem dentes ſobre outros, principalmente queixaes.

Dos ſinaes do defluxo, e mormo.

OS defluxos , e mormo, ſendo diverſos em qualidade, tem huma ſó cauſa, a qual he a occurrencia de purgação, que faz chagas, e ulceras nas ventas dos Cavallos , que muitas vezes ſe conhecem na inchação dos angulos das ventas , e na inflammação interior das meſmas ventas N. 10.

Naſce hum tumor aos Cavallos entre as agulhas da queixada inferior pouco aſſima do N. 14., a quem vulgarmente chamão *Tumor das queixadas*, e em quaſi todos os Potros ſe vê eſta enfermidade, que ordinariamente ſe desfaz com emulsões, que adocem a parte inchada, e os fação purgar pelas ventas.

Entre as queixadas junto ao Ezofago N. 23. ha humas glandulas pequenas, que muitas vezes inchão , porém são moventes , e faceis de reſolver. Entre ellas ha outras maiores, que são firmes; e quando eſtas inchão, a ſua inchação he mais cuſtoſa de diſſolver, e de ordinario fazem ſuppuração : ellas indicão eſtar o Cavallo accommettido de mormo, que todos ſabem he huma fluxão contagioſa.

Da Eriſipéla.

DA' na cabeça de alguns Cavallos huma moleſtia, a que chamão *Eriſipéla*, commummente accommette mais a teſta N. 8., e as faces N. 17., e humas vezes fórma inchação com borbulhas, que o Cavallo goſta de coçar, e lanção hum humor acre, e mordaz: outras vezes faz eſte mal inchar huma, e mais partes da cabeça, e a parte inchada he quente, particularmente ſendo a membrana das ventas N. 11.: tambem faz tumores nas faces N. 17., e no toutiço N. 19.; e quando ella accommette as faces, ou a nuca, faz com que o Cavallo lhe cuſte a ſoffrer a cabeçada, por ficar ella apertada mais junto ao pericranio, que em taes caſos padece, inflammado por cauſa deſta moleſtia.

Do Eſpaſmo.

OEſpaſmo he huma eſpecie de apoplexia: ella ſe conhece em o Cavallo ſe entriſtecer com exceſſo, ter pouco vigor nos braços, e pernas , baixar a cabeça, ter febre intercadente, derramarem-ſe-lhe as orelhas para hum, e outro lado, ſem fazer as operações naturaes ; e he ſem dúvida moleſtia perigoſa, ſenão ſe lhe acode promptamente.

Dos esforços das espaduas.

OS esforços das espaduas procedem de movimentos violentos, e de occurrencia de humores, principalmente sendo magoada a junta da frente da espadua N. 27.; e como as sobreditas espaduas estão ligadas ao thorax pelos musculos, e nervos que já dissemos, em algum delles, ou por occurrencia de humores, ou por outro motivo se magoão, necessariamente as espaduas hão de padecer.

Dos Cavallos abertos dos peitos.

DIz-se vulgarmente que os Cavallos são abertos dos peitos, quando elles não podem mover com bastante agilidade, e igualdade as mãos; e na ponta da espadua N. 26. se lhes não conhece o movimento, antes sim lhes custa a sustentar-se nos braços.

Dos que tem os peitos sumidos.

TAmbem dizem he molestia o ter o Cavallo as cartilagens do peito N. 30., e ponta do osso externo N. 31. pouco avultadas, a que chamão peitos sumidos.

Das Sobrodas.

NOs lados dos joelhos N. 34. nasce a alguns Cavallos hum tumor, a que chamão *Sobroda*: elle occupa huma parte da junta, e humas vezes he mais callosa, e dura a inchação, e outras mais branda; porém em ella chegando a endurecer, o Cavallo manca, e principalmente quando elle dobra o joelho com mais velocidade.

Das Lupas.

NA frente da junta do joelho N. 34. tambem se fórma hum tumor a alguns Cavallos, a que chamão *Lupas*, cuja inchação em huns tem mais, e em outros menos consistencia; e ordinariamente os Cavallos, que dão tropeções, possuem esta molestia, que lhes attenua muito a articulação da referida junta.

Do Eslabão.

NA junta N. 45. pela parte opposta ao N. 34. se fórma a alguns Cavallos hum tumor, a quem denominão *Eslabão*, que á maneira das Lupas embaraça o movimento da junta na curva do joelho.

Da Sobrecana.

SObre as canelas N. 35. pela parte interior pouco abaixo do joelho se fórma a alguns Cavallos huns tumores duros, em que elles não padecem dor, que se chamão *Sobrecanas*: ellas procedem algumas vezes de se tocarem com as ferraduras nas canelas, como tambem de receberem naquella parte algumas pancadas; e sendo as sobrecanas procedidas dos referidos motivos, não fazem mal ao Cavallo, salvo se ellas por juntas ao musculo da canela, ou tendão principal N. 44. lhes servem de embaraço.

Ha outras sobrecanas, que procedem de fazerem os Cavallos esforços violentos,

tos, não ſó em quanto novos, mas ainda depois de eſtarem em boa idade: eſtas são peiores, porque principião em hum póro, que ſe abre na canela, e da medulla da referida canela vai ſahindo hum humor, ou ſuco, o qual ſe endurece ſobre a fractura: eſtes tumores engroſsão ao comprimento da canela; e quando o Cavallo aſſenta a mão em terrenos ſólidos, moſtra que ſente dor, advertindo que toda a ſorte de ſobrecanas desfigura, e torna a canela deſagradavel.

Da extensão dos nervos do braço.

OS nervos principaes do braço do Cavallo N. 44. padecem extensões, ou relaxações, já por fazerem os Cavallos ſaltos, e movimentos violentos ſobre as mãos, em quanto novos, já por lançarem as mãos á manjadoura, e magoarem os nervos principaes do braço: ora ſe com effeito os nervos fizerão extensão, cuſta muito a remediar.

Das Ovaz.

POr ſima da junta da quartela N. 36., e N. 43. entre os ligamentos dos muſculos dos machinhos ſe fórmão por hum, e outro lado humas groſſuras, a que chamão *Ovaz*, são ellas redondas á maneira de nozes, os quaes tumores eſtão cheios de hum humor ſiroſo, mas brando; e he iſto couſa, que quaſi todos os Cavallos tem, ſó com a differença de creſcerem a huns muito, e a outros não: os que as tem avultadas, ſe ſe alcanção nellas, padecem grande dor; e ſe creſcem, e o humor ſe endurece, occupão a junta de modo que ella tem pouco, e máo movimento.

Das Gretas.

NAs quartelas N. 37. padecem tambem alguns Cavallos huma moleſtia, a que chamão *Gretas*, commummente cauſadas do máo tratamento: ellas abrem o couro irregularmente do lugar dos machinhos até aos candados, por cujas gretas ſe diſtilla hum humor acre, e mordaz, que eſcandaliza aquella parte, de modo que o Cavallo algumas vezes manca; mas não he perigoſa eſta moleſtia.

Nos travadouros fazem muitas vezes os Cavallos com os travões, e maniotas humas feridas, a que chamão *Encabreſtaduras*, que não ſendo muito profundas, são faceis de curar.

Da Sobremão.

SObremão he hum tumor, que ſe manifeſta no carpe, ou junta do oſſo coronario N. 38.: eſta moleſtia he má de curar, maiormente ſe ella ſe complica com decubitos, ou outras inchações, que por outras cauſas ſobrevem ás meſmas juntas.

Na referida junta ha tambem huma inflammação, que ſe manifeſta com hum debrum, que rodeia a coroa do caſco: procede eſta moleſtia de eſtar o caſco infartado de humores acres, e mordazes, que ſe evacuão pelo referido debrum, o qual não ſó eſtá inflammado, mas tem alguma fogagem, pela qual ſe conhece eſtar continuamente evaporando o referido humor.

Do Gavarro.

HE o Gavarro originado por huma defcarga de humores corruptos, que fe juntão na coroa do cafco N. 38.; e em fermentando, rebentão huns fem tocar o cafco, e são melhores de curar, e outros rebentão mais fobre o cafco: eftes raras vezes ficão bem curados. Efta moleftia fempre fe manifefta com hum tumor pequeno, grande dor, e materias fetidas.

Do Galapo.

O Galapo he hum tumor mais benigno que o gavarro: elle tambem nafce na coroa do cafco, mas não penetra a tapa tanto como o gavarro, e por iffo he mais benigno, e facil de curar.

Dos Quartos.

QUartos são humas aberturas, que principião na coroa do cafco junto ao pello, e abrem para baixo: chamão-fe *Quartos*, porque pouco mais, ou menos abrem na quarta parte do cafco pouco adiante do N. 42. quafi fempre pela parte de dentro: ifto ordinariamente juftifica fer a qualidade do cafco má, fe bem que com o tempo crefce a cinta, e fica o Cavallo fem efte defeito; e fe o cafco for de boa qualidade, em encabeçando o quarto, ficará como de antes era.

Das Raças.

A Raça he huma greta, que fe abre na frente da tapa, ou cinta do cafco do pé na coroa N. 79. até ao N. 80., e raras vezes abrem á largura; porém as que abrem atraveffadas, são mais faceis de curar, e desfigurão menos o cafco.

Dos Figos.

NAs ranilhas fe fórmão humas moleftias chamadas *Figos*, e outras *Formigueiros*, e huns, e outros procedem commummente do máo tratamento. E as efponjas, e vivos tambem procedem das mefmas caufas, ou de humores acrimoniofos, e vifcofos.

Das Mataduras.

AS mataduras, ou feridas penetrantes na cruz N. 25. são perigofas, e difficeis de curar. As feridas penetrantes, ou mataduras fobre os rins N. 54. tambem são más de curar, principalmente fe a ferida he profunda, ou faz fuppuração, ou fermentação.

Dos Lamparões.

A Moleftia vulgarmente chamada *Lamparões* todos fabem he contagiofa, e cutanea, não tem lugar certo, pois difcorrem por todas as partes do corpo, já em cordas, já em porções de pequenos tumores, que rebentão, e feccão huns, e apôs elles vem outros, que tem varias diverfidades, fegundo o feu lugar, e fermentação.

Dos Aguamentos.

AGuamentos he huma revolução de humores, que se derretem em liquidos de differentes qualidades, que descem ás palmas N. 41. Ora tendo a palma pouca força para resolver os liquidos, que descem a ella, elles se demorão, e infartão as partes cartilaginosas de toda a região do casco, opprimindo sobre maneira as nervosas, e musculosas, fórmão na palma nodoas sanguineas, e aquosas, e he preciso tratar bem do Cavallo para o livrar das perniciosas consequencias, que de semelhante molestia podem resultar.

Das Terçans.

AS dores de barriga, vulgarmente chamadas Terçans, nos Cavallos são perigosas: ellas tem sinaes externos, por que se manifestão, quaes são olhar o Cavallo triste, e repetidas vezes, ora para hum, ora para outro ilhal, deitar-se, e frequentes vezes espojar-se, dando alguns arrancos, e fazendo huns géstos tristes, com que manifesta a actividade do seu mal: he bem verdade que esta molestia tem origem no quinto intestino chamado *Colon*, que fica entre o Cecum, e o Recto, e por isso esta dor he interna; mas como se manifesta por tantos sinaes externos, e os Cavallos são com facilidade accommettidos deste mal, por isso fazemos menção dos sinaes do seu conhecimento, e tambem porque he molestia perigosa.

Da Sarna.

A Sarna procede de humores acrimoniosos, e exaltados, que fazem a cutis aspera, arripiado o pello, e algumas vezes faz nascer borbulhas, e caspa sobre as partes mais offendidas: he mal contagioso, mas com facilidade se cura.

Da inchação dos testiculos.

MUitas vezes se inchão os testiculos N. 59. aos Cavallos por trabalhar pouco, e descerem áquella parte foros, e humores; e neste caso em fazendo exercicio, se dissipa a inchação. Porém se a inchação procede de haverem apanhado alguma pancada nelles, então he preciso applicar-lhes remedios, e dar-lhes pouco trabalho em quanto os curão.

Tambem estão sujeitos os Cavallos a ter ernias, que se conhecem por lhes inchar hum grão mais que o outro: esta molestia tem pouco remedio.

Dos Sobrenervos.

SObrenervo he huma grossura, que se manifesta sobre os nervos dos braços N. 44., e sobre os nervos das pernas N. 75.: em taes casos o Cavallo padece dor, e inchação nos machinhos do travadouro N. 43., e do machinho do jarrete N. 86., os quaes sobrenervos procedem de relaxação, de pancadas, de extensão de nervos, e outras causas: elles em taes casos precisão ser curados com cuidado, logo que mostrão qualquer inchação nas referidas partes.

Dos

Dos Agriões.

OS Agriões são humas groſſuras, que ſe gerão ſobre o oſſo do jarrete N. 74. entre o tendão principal da curva, que, como já diſſemos, ſe une ao jarrete: elles procedem commummente de ſe depoſitar naquella parte hum humor fleumatico acrimonioſo, que ſe endurece pela ſua viſcoſidade; e ſendo os agriões procedidos deſta cauſa, podem ſer hereditarios.

Dos Alifaſes.

OS Alifaſes he hum tumor, que naſce entre a fórma articular, e o entre oſſo N. 85.: elles procedem de ſe depoſitar naquella parte hum humor frio, fleumatico, e ſirroſo, que fórma huma inchação mole ao principio, mas com o tempo ſe endurece, e faz então hum grande embaraço aos movimentos da junta.

Das Curvas, Sobcurvas, e Curvaças.

AS Curvas, Sobcurvas, e Curvaças são humas groſſuras, que ſe fórmão, a Sobcurva na junta N. 82., a Curva logo aſſima da junta letra E, e a Curvaça pouco abaixo da junta letra C. A Curva cauſa dor activa; porém a Sobcurva, e Curvaça são de menos ſentimento, e todas ſe manifeſtão com humas groſſuras nas partes já referidas, as quaes creſcem com a occurrencia de humores, com o trabalho, e com a idade.

Dos Eſpravões.

OS Eſpravões são huns occultos, e outros manifeſtos: os occultos chamão-ſe *Gravanſuelos*; e os manifeſtos chamão-ſe *Eſpravões durazios.* Os occultos fórmão-ſe de hum humor, que dentro da junta do tendão, e nervos N. 82. ſe endurece, e embaraça o movimento, de maneira que o Cavallo em cada paſſo que dá, ſe eſpinha, ou levanta a perna de repente: eſte eſpravão, ou tumor tem o feitio de hum grão de bico, e acaba com o cavallo.

O Eſpravão Durazio, ou Bujuno manifeſta-ſe com hum tumor duro, que procede da junta da perna pela parte de dentro N. 84. em huma, e outra perna: elle não faz eſpinhar tanto o Cavallo, como o eſpravão occulto; mas embaraça-lhe fortemente o movimento, de maneira que manca alguma couſa, e não póde entrar bem com a perna, ou pernas para baixo do ſeu corpo: iſto ſe deve entender ſempre da meſma ſorte, ſeja o eſpravão em huma, ou em ambas as pernas, e ſeja de huma, ou de outra qualidade.

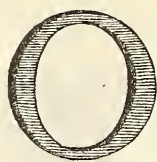
Dos Cavallos Topinhos.

CHama-ſe *Topinho* aquelle Cavallo, que tem a quartela curta, ou o oſſo da articulação da junta coronaria N. 38., e N. 79. muito dentro do caſco: o Cavallo em taes caſos ſenta mais no chão a ponta do caſco, do que as palmas: dobra a junta do pé, ou mão para diante, e facilmente tropeça, ſendo o defeito nas mãos; e trepinha, ſendo nos pés.

Finalmente eſtas moleſtias ſe inveſtigão com facilidade em ſe ſabendo os lugares, em que ellas ſe produzem.

LIVRO III.

ARGUMENTO.

Breve inſtrucção de alguns principios da Geometria para melhor intelligencia dos termos pertencentes ás lições do Manejo. Modo com que ſe devem ſeparar, ou apartar os Potros das Egoas: como ſe devem enlaçar, recolher, penſar, e tratar na cavalhariça, principalmente quando os diſpuzerem para os deitar á guia, pôr-lhes a ſella, e diſpollos para aquelle exercicio, para o qual moſtrão ter mais propensão.

O SUPREMO, e Increado Ser, o Grande, e Unico Author da Natureza em tudo admiravel, em nada comprehenſivel nas extraordinarias producções da ſua eterna ſabedoria entre todos os entes do terraqueo globo, produzio a máquina do Cavallo tão eſtimavel pela ſua utilidade, como inſigne pela ſujeição que tem ao homem. Nelle ſe deſcobrem, entre as diverſas acções com que ſe move, milhares de differentes operações, e movimentos, que lhe determinão os caminhos, por que elle ſe conduz. Os trabalhos, e fadigas litterarias a que pela diuturnidade dos ſeculos ſe tem dado os homens, não deixa de ter attingido, e tocado na meta da inveſtigação, e conhecimentos de todas eſtas naturaes producções. Ainda que a Arte da Cavallaria he muito differente da Geometria: com tudo, eu trato de algumas das ſuas leis em commum, para com eſtes principios preciſos para a intelligencia do modo de ſe mover todo o corpo do Cavallo com promptidão, e facilidade ſeguir ſempre a melhor ordem dos ſeus movimentos naturaes; e como para iſto são indiſpenſaveis as leis do movimento, eu vou tratar por tanto deſtes principios, e figuras da Geometria, que ſe fazem preciſos pelo decurſo da lição, para me fazer perceber melhor, quando me ſervir de alguns dos ſeus termos, ou figuras.

Definições da Geometria.

1 LInha recta he aquella, que parte de hum ponto ao outro, ſem ſe deſviar para algum dos lados: donde ſe ſegue que entre dous pontos he a mais curta que póde haver, como ſe vê da Fig. 1. Eſt. IV.

Li-

2 Linha curva he aquella, que he mais comprida do que a recta entre dous pontos, donde se segue que entre dous pontos póde haver infinitas curvas. Fig. 2.

Demonstração.

SEguindo, ou determinando-se o Cavallo, como se vê na Fig. 1., que he mover-se pelas linhas rectas, ou se determine o seu movimento de A para B, ou de B para A, sempre as linhas, por que se determina, são rectas, e os seus movimentos. E da mesma sorte são curvas as linhas da Fig. 2., ou o Cavallo determine o seu movimento de D para C, ou de C para D.

3 As duas linhas, que se mostrão na Fig. 3., estando igualmente equidistantes entre si, de sorte que por muito que se continuem, nunca se podem encontrar, conservando-se sempre na mesma distancia huma da outra, chamão-se *Linhas parallelas*.

O Angulo fórma-se de duas linhas, que se encontrão em hum ponto. Estes angulos recebem differentes nomes, segundo a inclinação das linhas, de que elles se fórmão.

4 Angulo recto he aquelle, que he formado do encontro de duas linhas, cahindo huma sobre outra perpendicularmente, de sorte que não se incline para algum dos seus lados: este angulo he de 90 gráos, como se vê na Fig. 4.

5 Angulo agudo he menor que o angulo recto, e inclina hum lado sobre o outro: este angulo tem menos de 90 gráos, como mostrão as linhas L M, M N. Fig. 5.

6 Angulo obtuso he maior que o angulo recto, e por isso não se inclina hum lado sobre outro, antes sim elle se inclina sobre o prolongamento do outro lado: este angulo tem mais de 90 gráos, como O P, P Q. Fig. 6.

Ao ponto em que se encontrão as linhas, que fórmão qualquer angulo, se chama *Vertice do angulo*, como M. Fig. 5.

Angulo rectilineo he aquelle, que he formado por duas linhas rectas, como I G H. Fig. 4.

7 Angulo curvilineo he o que he formado pelo encontro de dous arcos do circulo, como R S, R T. Fig. 7.

8 Angulo mistilineo he formado pelo encontro de huma linha recta, e de huma linha curva, como V Z, Z X. Fig. 8.

9 Circulo he huma Figura terminada por huma só linha, que tambem se chama *Circumferencia*, dentro da qual se considera hum ponto, a que se chama *Centro*: as linhas tiradas deste ponto á circumferencia são iguaes, e se chamão *Radios do circulo*, como A C E G. Fig. 10.

10 Todas as linhas rectas tiradas do ponto do centro são perpendiculares á circumferencia, como se vê na Fig. 10.

As linhas, que partem de huma parte da circumferencia do circulo para outra do mesmo circulo, são obliquas, como se vê na Fig. 11.; advertindo que a linha sahindo da superficie para o circulo, não esteja em linha recta com o ponto do centro, como se vê na Fig. 12.

11 Cahindo huma linha de qualquer ponto ſobre hum circulo (não paſſando ella pelo centro delle, nem da ſua periferia) he obliqua a eſte circulo com o A B. Fig. 13.

12 A linha que vem a prumo, como ſe vê na Fig. 14., tambem cahe obliquamente; porque ainda que muitas linhas venhão parallelas, e a prumo para baixo, determinando no ſeu fluxo cahir perpendicularmente, he preciſo attender á linha, ou ſuperficie ſobre que ellas cahem; porque ſe a de prumo cahe ſobre huma recta, fica perfeitamente perpendicular; mas quando a de prumo cahe ſobre linhas obliquas, concavas, ou convexas, fica a de prumo cahindo obliquamente, porque ſe deve attender á ſuperficie ſobre que ella cahe.

Duas linhas, que ſe cruzão perpendicularmente no centro de qualquer figura, fórmão angulos rectos, quer ella ſeja rectilinea, ou curvilinea, como Fig. 15. e 16.

ESTAMPA IV.

De algumas figuras da Geometria.

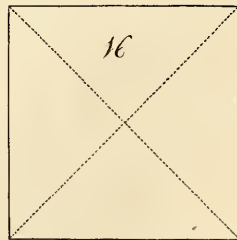
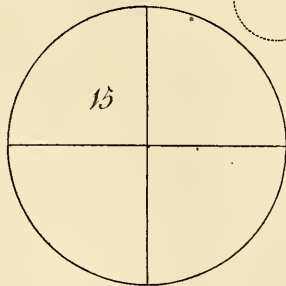
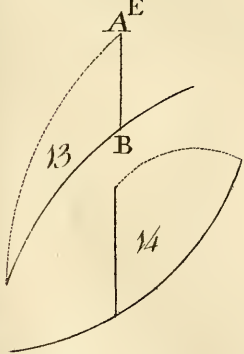
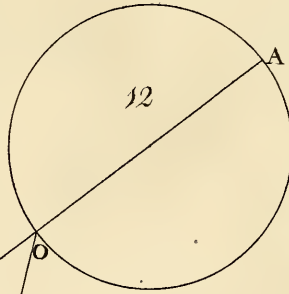
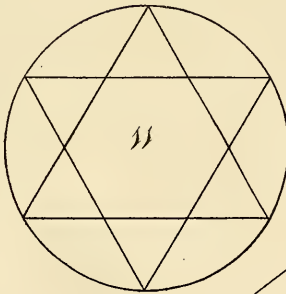
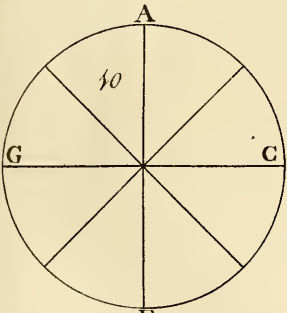
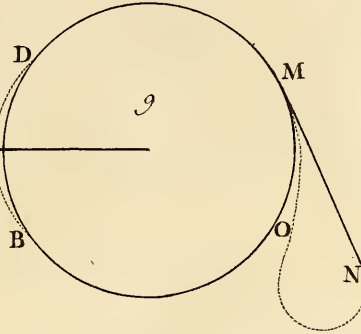
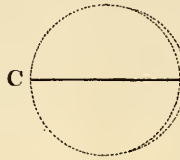
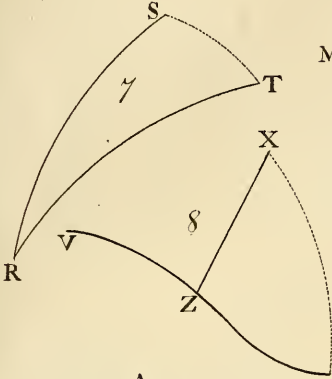
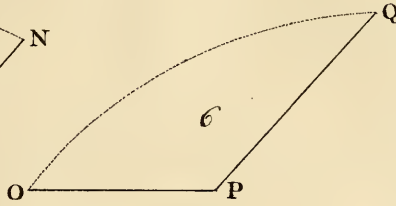
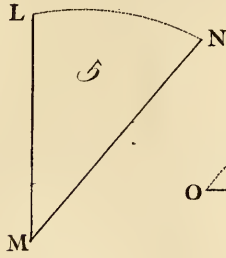
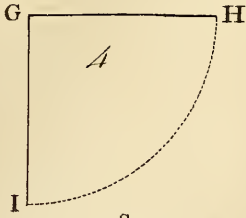
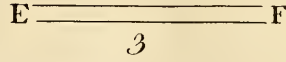
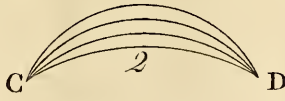
OS Geometras dividem o circulo em trezentas e ſeſſenta partes iguaes, a que chamão *Gráos*. Os gráos dos circulos pequenos são menores, os gráos dos circulos grandes são maiores; porém tantos gráos tem os circulos grandes, como os pequenos, por iſſo para a medida dos angulos todos ſabem ſe uſa dos numeros dos gráos.

Os angulos rectos tem noventa gráos, que fazem huma quarta parte do circulo.

Os angulos, que tem menos de noventa gráos, chamão-ſe *Agudos*; e contando as partes de que o circulo ſe compõe, ſe diz, por exemplo, que hum angulo he de ſincoenta gráos, o outro mais agudo he de trinta e ſinco, &c. ao contrario os angulos obtuſos todos devem paſſar de noventa gráos, ſendo huns de noventa e ſinco, outros de mais, &c.

O quadrado, de que ſe uſa para trabalhar, e render os Cavallos, comprehende quatro angulos rectos, como ſe vê na Fig. 16.; e quando o Cavallo ſahe do circulo para fóra, já para paſſar de mão, já para ficar trabalhando ſobre os reverſos, fórma hum angulo mais, ou menos agudo, e logo torna a buſcar o meſmo terreno, em que andava, ſeja para ficar trabalhando ſobre a meſma acção, em que antes de paſſar, ou contrapaſſar de mão trabalhava; ſeja para dividir o quadrado, ou o circulo em quatro partes iguaes: advertindo que o Cavallo não póde formar as paſſagens, ou contrapaſſagens de mão, determinando os ſeus movimentos ſobre linhas rectas dos angulos do quadrado, e dos angulos no centro do circulo, como ſe vê na Fig. 15., e na Fig. 16., porque preciſa ſempre conduzir-ſe nas paſſagens ſobre linhas obliquas, como havemos de moſtrar.

Os Cavallos para ſe moverem com alguma graça, e commodidade para o Cavalleiro, dependem muito do movimento circular, e obliquo; e ſem o haver adquirido, nem podem dobrar-ſe bem, nem podem ſer commodos, e agradaveis nos ſeus

Estampa 4 Pag. 116
Figura 1
A
B
C
D
2
E
F
3
G
H
I
4
L
N
M
5
Q
O
P
6
S
T
R
7
X
V
Z
8
D
M
C
B
O
N
9
A
G
C
E
10
11
A
O
N
12
A
B
13
14
15
16

ſeus movimentos : por iſſo os Cavalleiros encaminhão os Cavallos mais pelas linhas obliquas, e circulares, que pelas rectas.

He certo que os Cavallos naturalmente andão para diante ſem algum artificio, determinando o ſeu movimento pelas linhas rectas: por iſſo quando trabalhão ſobre o quadrado longo, ou toda a terra, fórmão perfeitamente linhas parallelas; mas ſe o Cavalleiro os faz atraveſſar o terreno, os Cavallos já não podem ſeguir bem as linhas perpendiculares, e parallelas; porque em fazendo no ſeu peſcoço, e corpo alguma pequena dobra para ſe conſervar dobrados, hão de terminar os ſeus movimentos mais pelas linhas obliquas, e circulares, que pelas linhas rectas: bem entendido, que os movimentos de toda a máquina do corpo do Cavallo, em elle ſe dobrando, ſeguem mais as linhas obliquas, do que as perpendiculares, e rectas; e quanto mais dobrado o Cavallo ſe mover, mais obliquas hão de ſer todas as articulações, e determinações dos ſeus movimentos. Iſto ſuppoſto, eu faço menção deſtas figuras, e doutrina Geometrica tão ſómente para dar alguma idéa mais perfeita das Leis dos movimentos dos Cavallos, e por fazer mais perceptivel o meu plano. Agora paſſemos a moſtrar o modo com que ſe devem apanhar, ou enlaçar os Potros para os encabreſtar, e para os recolher.

Do modo de enlaçar os Potros no Picadeiro.

DEpois de apartados, e ſeparados no parque os Potros das Egoas no tempo, e idade que deixamos notado, ſe forem deſtinados para o exercicio da Eſcola, ou Picaria, ſerá bom, tendo elles quatro annos, fazellos conduzir ao Picadeiro para os enlaçar, ou apanhar. Para eſte fim mandava o Senhor Rei D. Joſé vieſſem ao Picadeiro quantidade de Moços da cavalhariça : elles, e os Guardadores apanhavão os Potros á mão, lançando-ſe-lhes ás orelhas, e peſcoço aquelles, que primeiro lhe podião pegar; mas diſto commummente reſultão aos Guardadores, e Moços alguns deſaſtres : motivo, por que eu prefiro antes o ſeguinte modo de os enlaçar. Para eſte fim haverá prompta huma beta, ou corda de canhamo do comprimento de oitenta até cem palmos, pouco mais, ou menos: em huma ponta deve ter huma prezilha de dous palmos de comprido, em que ſe fará o laço, mettendo pela dita prezilha a beta dobrada ſem mais obſtaculo algum, que lhe embarace o poder correr o laço, e apertar-ſe no peſcoço ao Potro.

Hum homem porá o laço no laçador, que he huma vara comprida, na qual o laço dará duas, ou tres voltas, ficando a argola delle bem larga para ſe poder colar pela cabeça do Potro. Em elle eſtando aſſim laçado, alguns Guardadores, e Moços da cavalhariça ſeguraráõ a ponta da corda até poderem ſegurar o Potro, que eſtando cançado de pugnar por fugir, e falto de folgo pelo aperto do laço, elle ficará ſem tanto riſco, em termos de que o poſsão encabreſtar, ou metter-lhe a cabeçada. Aſſim irão apanhando os que houver, e os conduziráõ ás cavalhariças, onde os devem tratar, e penſar, como em outro lugar já fica ponderado.

Recolhidos aſſim os Potros, os devem conduzir ao Picadeiro hum dia ſim, e outro não, para os principiar a deitar á guia, indireitando-os na terra, quanto pude-

derem, obrigando-os, e ajudando-os ao mesmo tempo com o chambrié, sem lhe dar muita pancada, para não abater, e tornar froxos aquelles, que são de si desanimados, fazendo-os trotar em hum movimento igual, cuja cautela não deixa tambem de ser boa para não os constituir viciosos, e malignos, se elles forem dotados de hum genio activo, e insoffrido.

Do modo de pôr a cilha mestra aos Potros.

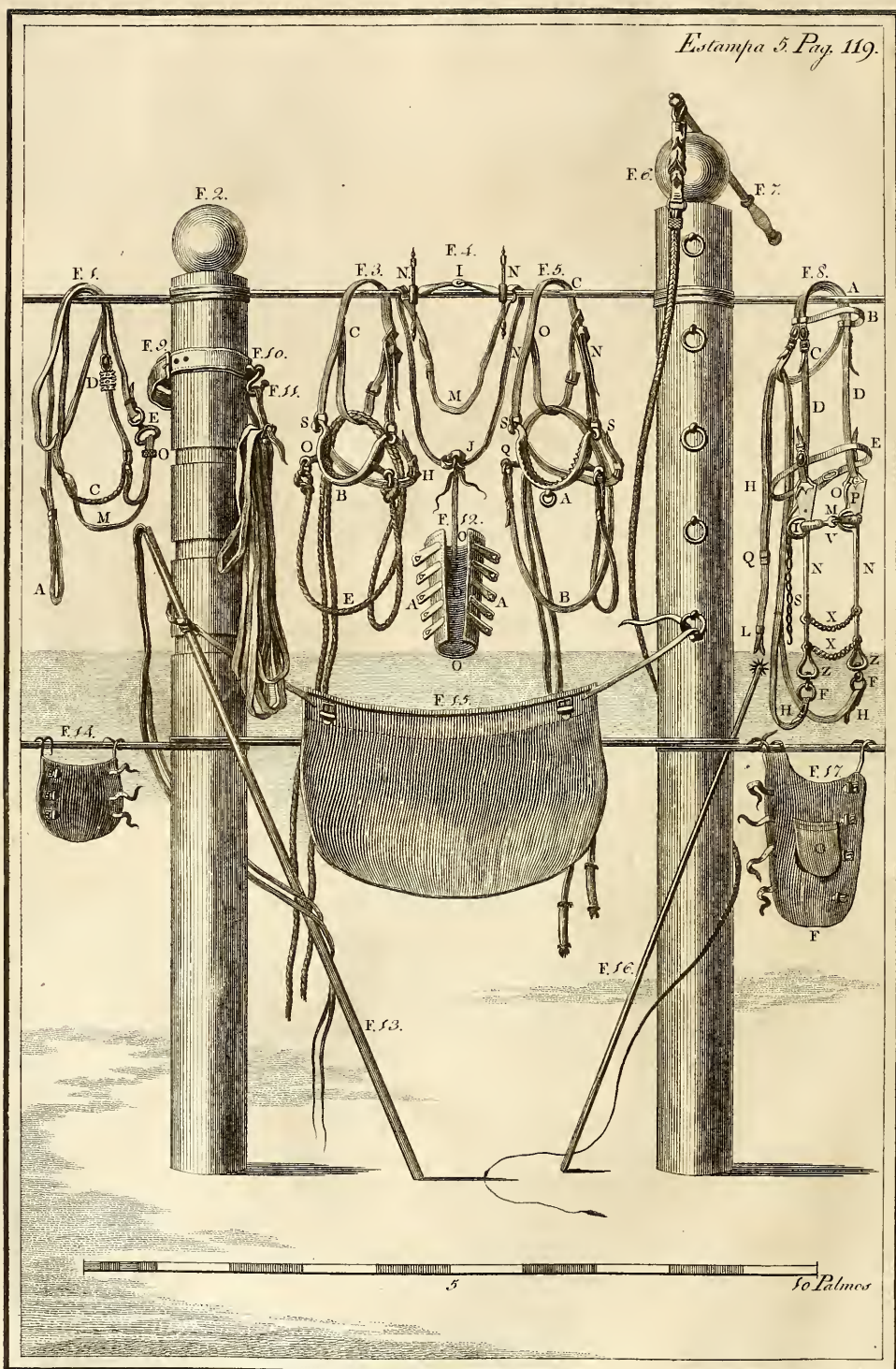
LOgo que o Potro mostrar algum respeito ao cabeção por effeito de o haverem deitado á guia, lhe porão huma cilha mestra, apertando-o sem excesso; e após isso, em estando manso, lhe atarão as redeas do cabeção ás cilhas, alguma cousa largas, e com tanta igualdade, que a cabeça, e pescoço do Potro fique direito, para com muita liberdade o ir indireitando do seu pescoço, e espaduas, sem lhe dar grandes cabeçonaços com a guia; porque se o obrigarem a soffrer o cabeção, como se tivesse já muito tempo de trabalhar com elle, ainda que o cabeção seja macio, e bem forrado, as repetidas pancadas o farão rude ás sensações do cabeção.

Quem andar com a guia, e quem andar ajudando com o chambrié, deve ter cuidado em que o Potro não caia no terreno; e se saltar, seja por braveza, seja por alegria, e desejo de brincar, seja por se apaixonar com a sujeição da guia, do cabeção, e do aperto da cilha, não deve quem o deitar á guia deixallo ir dar pelas paredes do Picadeiro, e parapeito, para que as suas desordens, e paixões o não fação dar alguma grande pancada, que o possa para sempre arruinar de alguma das partes do corpo.

Do modo de pôr a sella nos Potros.

PAssados dous mezes pouco mais, ou menos, lhe porão a sella, que tão sómente deve ter a cilha mestra, e rabicho, sem estribos, chairel, ou outra alguma cousa, que sirva de embaraço a pôr-se ella com brevidade, havendo-se primeiro cuberto os olhos ao Potro com huns antolhos Est. IX. Fig. 16., ou com hum panno, que facilmente possa segurar na cabeçada: isto para elle soffrer mais, e não se desordenar tanto ao pôr da sella; pois he certo se inquietão muito, quando estão vendo todas as acções, que he preciso fazer neste caso.

He bom fazer-lhe pôr a sella a primeira vez na volta ultima do fundo do Picadeiro; e em lhe ajustando a cilha mestra, de sorte que se conserve a sella no lugar em que a puzerão, lhe devem apertar o rabicho sem excesso; e após isso destapar-lhe os olhos, e deixallo sahir para diante por todo o comprimento do Picadeiro. Aquelle, que estiver com a guia, por muito que o Potro salte, havendo-se-lhe posto a sella, como temos dito, poderá facilmente, sem risco dos moços que a puzerem, fazer-se senhor delle, e acautelar todos os movimentos, de que o Potro usa, seja para fugir, para saltar, ou para se defender.

O costume de pôr a sella nos Potros as primeiras vezes no meio da primeira vol-

Silva delin. Frois sculp.

volta do Parapeito junto ao Pilão do centro, não he tão bom; porque neste lugar se o Potro se defender, e saltar, póde facilmente offender os moços que lha põe, e ir marrar no Pilão, ou no Parapeito, sem o Conductor da guia ter tempo de se fazer senhor della, e embaraçar ao Potro as suas desordens, como o poderia fazer, se lhe fosse posta na volta ultima do fundo do Picadeiro.

Mostra-se como devem ser fabricadas as sellas, que se põem a primeira vez nos Potros.

AS sellas mais proprias para pôr nos Potros as primeiras vezes, devem ter huma cilha mestra, que passe por entre o coxim, e as chapas: depois do Potro soffrer a sella, devem pôr-lhe os estribos prezos no porte estribo, o chairel, e as cilhas ordinarias. Em elle soffrendo isto, lhe farão deitar os estribos abaixo, tendo os loros em tal comprimento, que não vão dando os estribos nos codilhos, ou principios dos braços dos Potros N. 49. Est. III., onde muitas vezes por effeito destas pancadas se lhes fazem humas contusões, a que chamão *Codilheiras*, que depois custão muito a dissolver, e gastar.

ESTAMPA V.

De alguns instrumentos, com que se castigão os Cavallos.

Utilidades da Guia, e de como deve ser construida.

EM todas as Escolas bem regradas se servem da Guia para encaminhar, e dispôr os Potros, moderando-lhes com ellas a sua braveza, e fazendo-lhes soffrer, e sentir as sensações do cabeção sobre o focinho, e do chambrié sobre a garupa; e ainda que Newcastle, e outros scientes não tratem das suas utilidades pelo decurso da sua lição, com tudo este instrumento he preciso para dispôr os Potros, e principiar a fazer com que elles soffrão as sensações não só do cabeção, e chambrié, mas do açoute, vara, e falla. He tambem util a Guia áquelles Cavallos, que se tem feito rebeldes, e malignos, ou impellidos da má lição, ou da sua natural inclinação. Ella serve para nas suas difficuldades os ajudar a reduzir, e será em todas igualmente util, se fizerem sempre hum bom uso do seu prestimo.

Deve a Guia ter de comprimento quarenta e quatro até quarenta e seis palmos; e o seu feitio, como se vê na Est. V. Fig. 11.: deve ser de canhamo, e tecida da mesma fórma, que se costumão tecer as redeas ordinarias do cabeção: em huma das suas extremidades, ou pontas, deve ter huma correia de palmo e meio de comprido com sua fivela, e passador forte para se afivelar na argola do tronel do cabeção, ou aonde a fizerem servir. Na outra extremidade, ou ponta, deve haver huma prezilha feita da mesma fórma, que o he a guia, e com pouco mais de hum palmo de comprimento, para se poder pegar bem nella, e dobrar na mão todo o resto, como se vê na Est. V. Fig. 11.

Do

Do modo de deitar os Potros as primeiras vezes á guia.

DEvem-ſe principiar a deitar á guia os Potros ſobre hum largo circulo , obrigando-os o mais que puder ſer a que obſervem hum terreno igual na ſua circumferencia, trazendo ſempre a guia com a poſſivel liberdade, e com aquelle apoio que ao meſmo tempo permittir a ſenſibilidade do Potro.

Se o Potro baixar a cabeça , deve quem o deitar á guia ter mais alta a mão direita , e dar-lhe com a meſma guia alguns toques para ſima , e para diante ; e tanto que o Potro levantar a cabeça, e ſahir para diante, e para fóra, devem logo render-lhe a guia, iſto he, deixalla correr pela mão, para que o Potro, havendo levantado a cabeça, e ſahido para fóra, levante as ſuas eſpaduas, e fique em melhor acção.

Quando o Potro com os ſeus pés alcançar as mãos, ou ſe alargar demaziadamente das ſuas ancas, he bom ter repetidas vezes a guia para dentro, quanto baſte , para o Potro unir a perna de dentro á perna de fóra , porque de outro modo elle não poderá tão facilmente adquirir o bom coſtume de recolher a perna de dentro para baixo do ſeu corpo.

Se o Potro ficar para trás, iſto he, ſe ſe detiver, he preciſo que o que trouxer a guia ande para diante , puchando-a alguma couſa para ſi. E da meſma ſorte ſe o Potro entrar demaziadamente para diante , deve quem trouxer a guia andar menos , e tocar-lhe com ella amiudadas vezes para trás ; e ſe neſte caſo o Potro ſahir muito para fóra, puchando com violencia, devem muitas vezes ter a guia para dentro , e render-lhe logo a mão até que o Potro deixe de commetter aquelles defeitos. Advertindo que neſte caſo as ſenſações do cabeção ſobre o focinho do Potro devem principiar por miudos toques da guia , que vão fazendo mover o cabeção ſobre o meſmo focinho do Potro ſem grande força, para que elle ſe vá pondo em boa acção, e ſoffrendo o cabeção ſem violencia.

Se o Potro quizer ſaltar , deve quem o deitar á guia obſervar ſe elle ſalta, ficando para trás , ou indo para diante ; e da meſma ſorte ſe elle ſalta mais para huma, que para outra parte, para lhe encontrar eſta deſordem, e ir remediando os ſeus máos coſtumes, a fim de que não ſe obſtine mais neſtes defeitos, e por meio delles adquira alguns esforços nas eſpaduas, canas , joelhos , e travadouros; pois todo o cuidado de quem deita os Potros á guia deve encaminhar-ſe a que elles não ſe arruinem de alguma das referidas partes.

Do modo de o obrigar as primeiras vezes a paſſar de mão.

QUando fizerem paſſar de mão o Potro, ou Cavallo, que anda á guia, devem obſervar ſe elle vai igual no ſeu movimento , e por conſequencia com melhor tenção , para então lhe render a guia , dando quem a trouxer alguns paſſos para fóra do centro ; e depois do Potro ſahir da linha da circumferencia do circulo em que andava para fóra, andando o Conductor da guia alguns paſſos para

a

a garupa do Potro , puchando-o então com ella para si , para que elle ande para diante, e entre por hum angulo curvilineo, Est. IV. Fig. 7., para o centro, e assim do mesmo modo torne a sahir para fóra , e por outra semelhante curvatura vá buscar a linha da circumferencia do circulo, em que andava antes de entrar nesta passagem. Serve tambem a guia para obrigar o Potro, ou Cavallo a andar para trás, em lhe dando com ella alguns toques sobre o focinho.

Quando quizerem que o Potro vá para fóra, e para diante , devem ter a guia na mão direita , sahindo a parte della , que vai afivelar no cabeção da palma da mão por entre o dedo pollegar, para fóra; e quando quizerem que o Potro abaixe a cabeça, entre para o centro, e não vá tanto para diante , devem conservar a guia na mão direita, entrando por entre o dedo pollegar, e a palma, e sahindo a parte que vai afivelar no cabeção, por entre o dedo minimo, e a palma, tendo sempre o resto da guia bem dobrado na mão esquerda , e assim lhe darão com ella os toques sómente que bastarem para fazer obedecer o Potro, ou Cavallo; e logo que elle ceder, devem render-lhe a guia, e continuar em trabalhallo com muita liberdade, e o possivel apoio.

Se o Potro puchar muito para fóra , e fizerem nelle pouco effeito as diligencias, de que já fizemos menção, podem deixallo andar bem largo, e muitas vezes ter , e render-lhe a guia até elle ceder , e andar bem para diante. Se elle porém quando chegar aos quatro angulos da volta quadrada ficar para trás , podem segurar a guia no Pilão do centro, para que, ainda que puche muito, se desengane de que não póde fugir para fóra. Neste caso porém não he bom obrigallo com violencia de chambrié, ou açoute, porque não faça alguns esforços nos seus quadrís, e curvilhões, antes sim o devem ir conduzindo com mais brandura, e moderação; e pela parte de fóra podem haver alguns ajudantes, que o encaminhem com mansidão para deixar o seu máo costume, e seguir melhor direcção.

Serve a guia para ajudar a render os Cavallos , que duvidão voltar para huma, e outra parte por malicia, e para embaraçar, e corrigir tambem os que rápidamente querem voltar já para huma , já para outra mão contra a vontade do cavalleiro. A mão da guia trabalhando alta, ajuda o Cavallo a levantar a cabeça, e as espaduas: logo pelo contrario trabalhando a mão baixa, ha de forçosamente obrigar-lhe a cabeça, e espaduas para baixo.

Todas as vezes que renderem a guia, ficará o Potro, ou Cavallo mais em liberdade; e quando firmarem a guia, o Potro, ou Cavallo ficará para trás: semelhantemente quando tem a guia para dentro, obrigão o Potro a que volte a cabeça para a volta, trazendo-lhe insensivelmente as espaduas para o centro; e por consequencia ha de sahir a garupa á proporção para a circumferencia , e por este motivo necessariamente o Cavallo ha de unir a perna de dentro á perna de fóra, como já dissemos.

A cilha mestra deve ser posta aos Potros pelas primeiras vezes no Picadeiro, e debaixo da guia, depois dos Potros haverem feito algum exercicio, para com ella evitar que saltem, e commettão desordens, por meio das quaes se arruinem: o mesmo se deve praticar , quando as primeiras vezes lhes puzerem a sella , e os montarem.

Continua-se o modo de deitar os Potros á guia.

QUando a guia eſtiver afivelada no tronel do cabeção da parte de fóra do centro, que he, ſe o Potro anda para a mão direita, eſtar a guia afivelada no tronel do cabeção da parte eſquerda, elle olhará com os olhos ambos para o centro da volta : eſte modo de uſar da guia lhe faz não ſó voltar a cabeça para o centro, mas obriga-o a dobrar-ſe do lugar do Ezofago por todo o peſcoço, e iſto o faz entrar bem conſideravelmente das cilhas para diante, para dentro da volta, e ſahir conſequentemente á proporção com as ancas para fóra do centro : ainda quando o Potro, ou Cavallo faça diligencia por entrar para o centro com a garupa, ſeja por aliviar o ſentimento da perna de fóra, que ſoffre maior oppreſsão com o movimento circular a que fica obrigada, quando a garupa ſahe da linha da circumferencia, em que trabalhão as eſpaduas; ſeja por lhe cuſtar a entrar com as eſpaduas para o centro, e cruzar a mão de dentro por ſima, e por diante da mão de fóra. Serve mais a guia para abater os Cavallos caprichoſos, e diſpollos para o cavalleiro os montar ſem riſco; e maiormente ſerve ſe os Cavallos são raivoſos, colericos, reçabiados, ou tem congocha.

Se o Potro, ou Cavallo he raivoſo, e por conſequencia ſenſivel, devem deitallo á guia manſamente, fazendo-o trotar, e galopar igual no ſeu movimento, ſem lhe atenuar a ſenſibilidade do focinho com pancadas fortes, e violentas. He bem verdade que os orgãos do tacto, quando o Cavallo he naturalmente ſenſivel, não perdem facilmente a ſua propriedade; mas não obſtante iſſo, não devem com o coſtume das repetidas pancadas do cabeção ſobre o focinho do Cavallo fazer com exceſſo caloſa a parte, em que o cabeção faz as ſuas ſenſações, em quanto o deitão á guia.

Se o Cavallo tiver congocha, e quando lhe apertarem a ſella, elle moſtrar que quer puchar para trás, não he bom ſegurar-lhe a guia forte; porque ſe lhe pucharem por ella para diante, o Cavallo quaſi ſempre cahirá para trás. He muito natural parecer a todos, que, puchando pela guia para diante, evitaráõ o perigo de lhe cahir o Cavallo para trás, e talvez de ſorte que fique morto, ou muito maltratado da quéda. Iſto porém ſó o poderia ſempre conſeguir aquelle homem, que tiveſſe mais forças que o Cavallo (couſa ſem dúvida impoſſivel), por iſſo ſe lhe deve render a guia para evitar eſte perigo; e antes de o apertarem, ſe tiver eſta moleſtia, o devem deitar mais tempo á guia, do que ſe elle não tiveſſe congocha, para quando o apertarem não eſtranhar tanto o aperto.

O Cavallo, que tem congocha, agitado da oppreſsão que lhe faz o aperto das cilhas, ſe afflige, e o ſeu primeiro impulſo quaſi ſempre he levantar-ſe para ſima, firmando-ſe igualmente nos ſeus pés, e mãos; e em ſentindo que lhe ſegurão a guia, elle pucha para trás com mais exceſſo, e por iſſo cahe : ſe pelo contrario achar a guia froxa, elle, depois de ſaltar para ſima, ou para os lados, ſahirá para diante; e ainda que dê alguns ſaltos, elle ſe deixará vencer ſem riſco; e quem o deitar á guia, logo depois dos primeiros ſaltos, fallando-lhe forte para o di-

divertír, e tendo-lhe a guia, ferá facilmente fenhor delle; e quando caia no chão, ha de fer com menor violencia, que fe o puchaffem para diante.

Se o Potro, depois de apertado, duvidar fahir para diante, he igualmente bom o ajudante ficar bem por detrás delle, e tocar-lhe fobre a garupa com o chambrié, ou açoute, e quem eftá com a guia puchar a cabeça do Cavallo ora para huma, ora para outra parte; mas fe elle fe deitar, he melhor defapertar-lhe as cilhas, do que magoallo com pancadas para fe levantar.

Ajuda-fe o Cavallo com a guia entre os Pilões a fufpender, e formar as curvetas, as garupadas, as balotadas, e as cabriolas, &c. e ferve tambem a guia no gancho do correão do Pilão do centro, para obrigar os Cavallos a que fe formem com liberdade nos ares altos: ferve para tirar o Cavallo atrás pelas linhas rectas da muralha, e linhas do centro, e fobre as mefmas linhas obrigallo, e ajudallo a que faça as poufadas, as curvetas, e os mais ares altos.

Todos eftes preftimos, que digo tem a guia, juftificão baftantemente as fuas utilidades: os que fizerem della hum bom ufo, verão o quanto he proveitofa; e fe produz algumas vezes máos effeitos, he porque muitos usão della, ignorando o modo de a fazer util.

Fórma, com que fe deve ufar do chambrié.

O Chambrié (como fica notado) he huma haftea de madeira, como fe vê na Eft. V. Fig. 13., commummente do comprimento de fete, ou oito palmos e meio, com groffura proporcionada ao feu comprimento. Os melhores são de faia, a ponta deve fer fendida, e dentro da abertura intrufas, e feguras duas correias de couro groffo, e macio da largura de quafi duas pollegadas, e do mefmo comprimento de que he a haftea.

Quem ajudar o Potro com o chambrié, deve trazer o feu braço da parte de fóra do centro da volta fobre que anda, eftendido, e alto, de forte que as pontas das correas fiquem detrás da garupa do Potro, para que elle obrigado defta ajuda faia para diante, e para fóra. Se não obftante tudo ifto, elle ainda o duvidar, quem trouxer o chambrié dará com as correas no chão, para que com o temor da pancada ande para diante. Ifto a que nos termos da Arte chamão ajuda, he hum remedio mais forte que o primeiro que fica notado, para fazer determinar os Potros, ou Cavallos a que andem para diante: affim como tambem tocar com as pontas das correas do chambrié fobre a garupa do Potro, he já huma ajuda mais forte que as precedentes; e fe elle fe demorar, ou defobedecer, tanto que feja precifo darlhe fortemente com o chambrié fobre a garupa, como ifto já paffa de ajuda a caftigo, devem fervir-fe delle o menos que puder fer, para que no Potro fe conferve mais a actividade do efpirito, e a natural fenfibilidade.

Se deitarem o chambrié ao Potro de dentro para fóra do lugar, donde fe apertão as cilhas até ao meio da efpadua, ifto o fará ir para fóra do centro, e obrigará a adquirir alguma dobra no corpo. Se deitarem o chambrié á efpadua do Potro detrás para diante, elle fahirá para diante, e unirá, pofto que por breve tempo, a

espadua de dentro á espadua de fóra. Se deitarem o chambrié á cocha da perna de dentro do centro, o Potro unirá então a perna de dentro á perna de fóra, extendellà-ha para baixo do corpo, e sahirá para diante. Se lhe deitarem o chambrié de fórma que elle alcance a garupa do Potro pela parte de fóra do centro, elle entrará com a sua garupa alguma cousa para o centro, e unirá a perna de fóra á perna de dentro; e se quem andar com o chambrié, o abaixar para o chão, o Potro andará mais manso, porque não observa o chambrié em acção de o ajudar, ou castigar. Se lhe tocarem com as pontas do chambrié sobre o meio das ancas, o Potro dobrará os curvilhões, sahirá para diante, e metterá as suas pernas igualmente para baixo do corpo, igualando-se muito nos movimentos do seu trote, e nos do galope.

Não he bom castigar os Potros por baixo da barriga com o chambrié, porque elles á pancada se encolhem, detem-se, e perdem o seu melhor movimento: por isso creio que isto justifica bem o quanto he máo este modo de usar delle. Tambem não devem chegar-se muito com elle aos Potros, nem demaziadamente á guia, para que não fiquem para trás, vendo diante de si quem os castiga, ou possão offender o ajudante, por se chegar muito a elles. Devem sim andar com o chambrié, de sorte que se conservem defronte do meio do corpo do Potro, hum pouco distante de quem traz a guia, tendo muito sentido em o obrigar com o seu modo de andar mais, e menos apressado, e com os movimentos do chambrié, para que elle vá para diante, conservando os seus movimentos com a maior igualdade que puder ser, seja que o conductor do chambrié o obrigue a mover-se com velocidade, por se dar mais pressa nos seus passos, ou que por andar de vagar, se mova o Potro com menos pressa.

Do modo de fazer passar o Potro da mão, obrigando-o com o chambrié.

QUando o fizerem passar de mão, o que andar com o chambrié, observará se o Potro em lhe rendendo a guia, sahe para fóra da circumferencia para o seguir com o chambrié quanto baste, e após isso quando a guia o segura, se elle entra para o centro do circulo por hum angulo curvilineo, porque então deve o ajudante passar por detrás do conductor da guia, para o ajudar a que por outra curvatura vá immediatamente outra vez buscar a linha da circumferencia, pois que de outra sorte não podem os Potros na passagem sahir da circumferencia para fóra, e após isso entrar para o centro, tornar a sahir para a circumferencia, e marcar o terreno, como se vê na Est. VI. Fig. 2. N. 4. e Fig. 3. N. 6. : por estes motivos se deixa ver bem claramente de quanta utilidade he o chambrié para ajudar, e facilitar os Potros na maior parte das lições, e trabalhos, que se lhes devem formar nos seus principios.

Explica-se que cousa he Açoute, e o modo de usar delle.

O Azurrague, vulgarmente chamado *Açoute*, he muito differente no seu feitio do chambrié, como se vê na Est. V. Fig. 7.: com tudo o seu prestimo he quasi o mesmo que o de chambrié; e ainda que os Potros o não temem tanto, em quanto não provão os seus effeitos, logo que com o açoute levão alguma pancada, o temem muito mais que temem o chambrié; porque a sensação, que elle imprime nas suas corporeas máquinas, se lhes faz mais violenta, e ingrata que a do chambrié.

Sendo pois o castigo do açoute violento, tanto por isso, como por incommodar com os estalos todos os Cavallos, que andão trabalhando no Picadeiro, muitos prudentes são de parecer que elle se deve para sempre desterrar das Academias bem reguladas. Eu porém attendendo ao que elle tem de bom, e ao que tem de máo, creio o devem conservar para ajudar, e castigar aquelles Cavallos, nos quaes o chambrié não produz o esperado effeito; ou porque tenhão o couro grosso, e por isto sejão menos sensiveis, ou porque sejão tambem demaziadamente malignos.

Deve o açoute ter hum cabo de madeira de dous palmos, e hum terço de comprimento, com grossura proporcionada: na ponta deste cabo deve haver hum cabrestilho de tres quartos de comprimento, e no fim do cabrestilho huma argola, em que se prenderá o açoute. Tambem póde não ter argola, ser o cabrestilho menor, e com outro cabrestilho, sendo enlaçado hum no outro, ir prender no açoute.

O açoute he tecido de quatro correas; e sendo no principio mais grosso, irá declinando até á ponta, de sorte que venha a finalizar em huma correa, cujo comprimento venha a ser de hum palmo, e hum terço, e largura de huma pollegada. No fim da referida correa haverá huma abertura, em a qual se possa introduzir huma ponta delgada, feita de pita, e na sua falta seja de retroz, ou de cordel, vindo a ficar o açoute na extensão de quinze até dezeseis palmos no seu comprimento.

A pancada do açoute, sendo forte, corta o couro ao Cavallo, principalmente se com elle lhe derem sobre o ventre, ou sobre as soldras, e bargadas, onde ordinariamente o couro he mais delgado; mas isto não obstante, devem conservar o açoute nas Escolas bem reguladas, não só pelas razões que deixamos notado, mas tambem porque se o que andar com elle fizer bom uso do seu prestimo, o póde fazer util; pois que para ajudar o Cavallo, nem he preciso andar-lhe sempre dando, nem tão pouco dar amiudados estalos, com os quaes se faça perder o sentido da lição aos mais Cavallos, que andão trabalhando.

Newcastle, e outros scientes não tratão, como já dissemos, da guía no discurso da sua lição, e com tudo elles se servião della para dispôr os Potros, e Cavallos, usando-a para os fazer soffrer as sensações do cabeção, e todas aquellas, que nos seus principios lhes são desagradaveis. He sem dúvida que os primeiros rudimentos, pelos quaes se principião a formar as primeiras disposições de qualquer

Ar-

Arte, ou ſciencia, ainda que na apparencia repreſentem ſer couſa de pouca entidade, nem por iſſo deixão de ſer os fundamentos, ſobre que rodão, e ſe vão eſtabelecendo as maiores difficuldades das Artes, e ſciencias. Iſto ſuppoſto, em todas as Eſcolas, e bem reguladas Academias ſe uſa, e tem ſempre uſado da guia, chambrié, e açoute; e ainda que as mãos, e as pernas do Cavalleiro são as que dão aos Cavallos governo, facilidade, e ſenſibilidade na ſua boca, e ventre: com tudo, he tambem innegavel ſer a guia, o chambrié, e açoute hum grande remedio para diſpôr os Potros, e trazellos de bravos, ſerrís, e indomitos ao bom eſtado do Cavalleiro poder ſem tanto riſco, dominallos.

Do modo de montar o Potro debaixo da guia.

QUando montarem o Potro as primeiras vezes, devem abatello tanto quanto parecer baſtante, a quem o deitar á guia, para que elle não commetta grandes deſordens. Logo quem o houver de montar, ſe chegará a elle, de ſorte que não o eſpante; e depois de o affagar, quanto o Potro permittir, pegará no eſtribo, metterá nelle o pé, e baterá com a mão direita no coxim da ſella: advertindo que ſe o Potro eſtranhar muito a novidade, em tal caſo o tornaráõ a deitar á guia até elle eſtar mais manſo; e tanto que o fizerem parar, tornaráõ a chegar-ſe a elle, cubrindo-lhe os olhos, de ſorte que ſe poſsão deſatar, ou tirar facilmente os antolhos, ou mandil, para evitar que o Potro com os olhos tapados ſalte, e vá dar aſſim pelas paredes.

Quem trouxer a guia a deve ter na mão eſquerda bem dobrada, ſegurando-a curto com a direita para melhor embaraçar as deſordens, que o Potro emprender para a ſua defeza.

O Eſpotreador as primeiras vezes que montar o Potro, deve tirar as eſporas; e em mettendo o pé no eſtribo, montar com agilidade, iſto he, fazer diligencia por montar de hum tempo, e ganhar a ſella da primeira vez. O meſmo Eſpotreador deve reparar em que eſteja o eſtribo em bom comprimento, iſto he, que eſteja o comprimento do loro proporcionado á medida do comprimento da perna, porque o eſtar o loro muito comprido, faz que o Eſpotreador não poſſa alcançar bem a ſella; e ſe o loro eſtá muito curto, tambem não he bom, porque a perna direita ſalva a ſella para a parte de fóra com exceſſo, por iſſo deve o loro eſtar em hum comprimento juſto, e proporcionado ao comprimento da perna do Eſpotreador.

Quem eſtiver com a guia, deve, como fica recommendado, eſtar bem prevenido; e logo que o Eſpotreador eſtiver mettido na ſella, dar liberdade ao Potro para ſahir para diante, cuidando muito em que levante a cabeça para ſima, e trote igual, ajudando-o muito com a guia para aliviar mais ao Cavalleiro: eſte deve conduzir com ambas as mãos o Potro para fóra, não ſó para o indireitar mais no terreno, mas tambem para a guia o divertir, e ajudar, a fim de que o Potro vá ſeguindo com facilidade as linhas do circulo de duas piſtas, marcando a terra, como ſe vê na Eſt. VI. Fig. 1., e ſobre o quadrado, como ſe vê na Eſt. XV. do quadrado longo N. 2., e aſſim lhe irão continuando a lição até o coſtume della o redu-

duzir da ſua braveza, e deſigualdade a determinar os ſeus movimentos por humas linhas já circulares, ou já rectas, como temos dito.

Pelo methodo já referido deixamos notado, reſumida, e ſuccintamente o como o Eſpotreador deve montar o Potro ſerril as primeiras vezes. Agora he juſto paſſemos a moſtrar como devem ir diſpondo, e principiando a deitar o Potro á guia, para o fazer mais facil nos ſeus movimentos, e mais igual, e deſembaraçado, tanto das ſuas eſpaduas, como tambem da garupa, porque eſtes são os objectos principaes a que ſe encaminhão todas as minhas diligencias, e ſe tem ſempre dirigido as laborioſas fadigas dos mais famigerados Profeſſores deſta Arte. Pignateli, Meſtre da Academia de Napoles, affirmava aos ſeus diſcipulos, que em quanto o Cavallo não eſtá deſembaraçado das ſuas eſpaduas, não uſa bem dos ſeus movimentos naturaes, nem ſe póde diſpôr para os artificiaes.

Explica-ſe o modo, com que ſe devem atar as redeas do cabeção ás cilhas para eſta lição ſer util.

AS redeas do cabeção atadas ás cilhas iguaes são excellentes para ajudar com o ſoccorro da guia, e chambrié a trazer o Potro, ou Cavallo com mais facilidade no conhecimento do cabeção, e á perfeição de ſe igualar nos movimentos naturaes: he preciſo porém fazer hum bom uſo dos ſeus effeitos, por iſſo Previl no Capitulo II. affirma que a Arte ſó, applicada com prudencia, produz maravilhoſos effeitos. Ora para o Cavalleiro uſar bem das diligencias da Arte, deve conhecer bem as difficuldades dos Cavallos, para fazer-lhes atar as redeas naquella ſituação que elles preciſarem. Logo por conſequencia não ſe devem mandar atar por coſtume as redeas do cabeção iguaes, e juſtas a toda a ſorte de Cavallos; porque tanto que o trabalho não he oppoſto ás difficuldades do animal, neceſſariamente ha de ficar conforme ás ſuas defezas, e com iſto elle ſe confirmará cada vez mais nos ſeus erros.

As redeas atadas ás cilhas com igualdade são boas, como já diſſemos, para endireitar os Potros das eſpaduas, e peſcoço, quando lhe principião a formar a primeira lição ſobre as linhas da circumferencia, ou ſobre as linhas do quadrado, ſeja longo, ou regular. Paſſemos agora a ver a differença com que ſe devem atar as redeas do cabeção para ajudar a render o Cavallo ſobre o redondo, e ſobre o quadrado.

Differença do modo de atar as redeas do cabeção, para formar o Potro na primeira lição do trote.

PRimeiramente para o Potro trabalhar com as redeas do cabeção atadas ás cilhas, andando elle ſobre a circumferencia, devem as redeas ficar proporcionadamente iguaes, e com tal liberdade, que em ſe puchando a guia para dentro, deixe a redea do cabeção de fóra voltar ao Potro a ponta do focinho alguma couſa para o centro.

Pa-

Para o Potro trabalhar com as redeas iguaes ſobre o quadrado, podem ellas ficar alguma couſa mais juſtas; mas de tal ſorte iguaes, que elle ſinta a ſenſação das redeas ambas produzida igualmente pelo ferro do cabeção ſobre o focinho. Newcaſtle recommenda que deixem entrar, e dar os Potros no cabeção ao principio, tanto quanto baſte, para que elles avancem as ſuas eſpaduas com igualdade de movimentos cada huma no ſeu tempo, e a garupa ſiga da meſma ſorte os movimentos das eſpaduas. Iſto porém ſe deve pôr em prática á proporção do ſentido, e ſenſibilidade, com que os Potros ſoffrem as ſenſações do cabeção; e ſenão ſe accommodarem a iſto, os Potros, ou Cavallos, em lhes apertando as redeas mais do que elles podem ſoffrer, ſe confundem de modo que chegão muitas vezes a defender-ſe, por não poderem ſoffrer o demaziado aperto, e tambem porque não conhecem o que pertendem que elles fação: motivos, por que deve cuidar muito quem deitar Potros á guia em conhecer bem as ſuas difficuldades, e não ſe deſcuidar de os ir obrigando, e conſervando na figura correſpondente á lição, em que os fazem trabalhar.

Se atarem a redea do cabeção da parte de fóra mais curta que a de dentro, ficará aſſim o Potro em huma figura falſa, e por conſequencia mal poſto no chão: elle dobrará a ſua eſpadua, e peſcoço, á proporção do que lhe apertarem a redea de fóra, entezando-ſe ſobre a eſpadua de dentro; neſte caſo a garupa entrará para o centro, e virá a ficar trabalhando por dento das linhas das eſpaduas. O Potro, ou Cavallo fica aſſim irto, e tezo, ſem poder ſer ſenhor dos ſeus movimentos; de ſorte que eſta lição, ſendo por eſte modo applicada, faz ſituar mal o Potro, e o conduz ao eſtado de ſe arruinar dos ſeus rins, garupa, e curvilhões, maiormente ſe quando o deitarem á guia, lhe derem cabeçonaſſos fortes, eſtando elle ſituado deſta maneira.

As redeas do cabeção atadas ás cilhas com igualdade ſegurão ao Potro a eſpadua de fóra para o centro, e da meſma fórma a meia anca de fóra. Por iſſo eu recommendo atem as redeas do cabeção de tal ſorte iguaes, andando ſobre o circulo, que o Potro poſſa olhar alguma couſa para dentro da volta, para quem o deitar á guia o poder alargar, e ajuntar das ſuas eſpaduas, e garupa o mais que eſta lição póde permittir, e o Cavallo preciſar. Recommendo tambem que deitem os Potros algumas vezes á guia ſobre o quadrado, humas vezes regular, outras longo, para que indo por linhas rectas, ſeja mais brilhante na determinação dos ſeus movimentos, ſeguindo a ordem que lhe he mais natural: paſſando-o porém dos quadrados aos circulos, primeiro largos, e depois mais curtos, ſerve iſto para que vá adquirindo a determinação circular.

Para conſeguir que o Potro chegue a unir a ſua perna de dentro á de fóra, andando á guia ſobre os circulos, deve ter quem o deitar a ella, a mão firme para dentro; e quem trouxer o chambrié, deve apôs iſſo ajudar com elle o Potro ſobre a coxa da perna de dentro, para que por effeito deſtas diligencias elle ſe vá coſtumando a recolher a perna de dentro para baixo do corpo, e a vá unindo á ſua perna de fóra, para marcar com as piſtas dos ſeus pés, e mãos os circulos, como ſe vê na Eſt. VI. N. 4.

Se

Se o Potro deitar muito para fóra a garupa, e por esta causa elle unir com extremo a perna de dentro á de fóra, nem por isso se deve entender que elle vai bem, em quanto não recolhe a perna de dentro para baixo do corpo; porque ordinariamente elles tomão aquelle costume para usarem mal da sua garupa, e ficar para trás: então quem trouxer a guia, lhe dará liberdade nella, e repetidas vezes alguns toques para diante, e para fóra, regulando a força com que os applicar, pela proporção do sentimento que o Potro mostrar á impressão destas sensações.

Se o Potro se detiver, devem os toques da guia ser poucos, e muito moderados, ainda que elle os precise; e quem ajudar com o chambrié, deve amiudadas vezes tocar-lhe com elle sobre a garupa; e se o Potro não fizer caso disto, então lhe podem dar com elle fortemente sobre as ancas, obrigando-o por este modo a deixar-se encaminhar da guia, e a determinar os seus movimentos bem, e para diante, deixando de rolar para fóra, e seguindo com os movimentos da garupa os movimentos das espaduas pelas linhas circulares.

Newcastle, e todos os scientes pertendem que as duas ancas do Potro sigão com os seus movimentos as duas espaduas com promptidão, igualdade, e desembaraço. Eu me persuado que todas as disposições, de que precedentemente havemos tratado, são hum grande meio para os Potros conseguirem estas perfeições, e poderem com a pista do pé de dentro da volta buscar a linha da mão de fóra, segundo as recommendações de Pignateli Pag. 19.

Tanto que a garupa do Potro, andando á guia, fica sobre o circulo de menor circumferencia, que as espaduas, já anda adiante dellas, porque ella se move em menos terreno para o ponto do centro, e já o Potro não póde determinar os seus movimentos com perfeição por huma linha circular, como se vê na Est. VI. N. 4., antes fica em huma figura falsa, e torcida; e creio não ha sciente algum nesta Arte, que mande formar os seus Cavallos em hum terreno, em que a parte do centro embaraça á parte de fóra seguir a determinação circular, com que a força centrifuga deve fazer a acção do corpo do Cavallo concava da parte do centro, e convexa da de fóra.

Em quanto a pista do pé de dentro marca o terreno por dentro da linha, que marca a mão de dentro, a linha do pé não póde ter a curvatura precisa ao movimento circular, em que precisamente o Potro deve mover toda a máquina do seu corpo, seguindo as linhas do circulo, sobre o qual anda trabalhando. O mais a que alguns Authores se alargão, he a mandar segurar a redea de fóra para remediar o defeito daquelles Cavallos, que por se lançarem sobre a espadua de fóra com excesso, não querem observar as linhas dos circulos de duas pistas inventados por Pignateli, como se vê na Est. VI., já por darem a cara muito para dentro, já por fugirem com a garupa muito para fóra, quando elles devem marcar o terreno, como se vê na Fig. 4. da seguinte

ESTAMPA VI.

Do circulo de duas piſtas para a direita.

Leis pertencentes aos movimentos do corpo do Cavalleiro neſta lição.

1 DEvem as eſpaduas do Cavalleiro perfilar-ſe com o radio do circulo tirado de qualquer parte, em que elle ſe achar na circumferencia, para o ponto do centro.

2 Deve pezar ſobre o eſtribo de dentro á proporção da velocidade, e inclinação com que pertende que o Cavallo ſe mova.

3 Deve com as forças do equilibrio do tronco do ſeu corpo, mãos, e pernas fazer conduzir o Cavallo, de ſorte que forme o circulo igual na circumferencia das ſuas linhas, para ſer agradavel na ſua acção, e andar bem para diante.

Leis pertencentes aos movimentos dos Cavallos neſta lição.

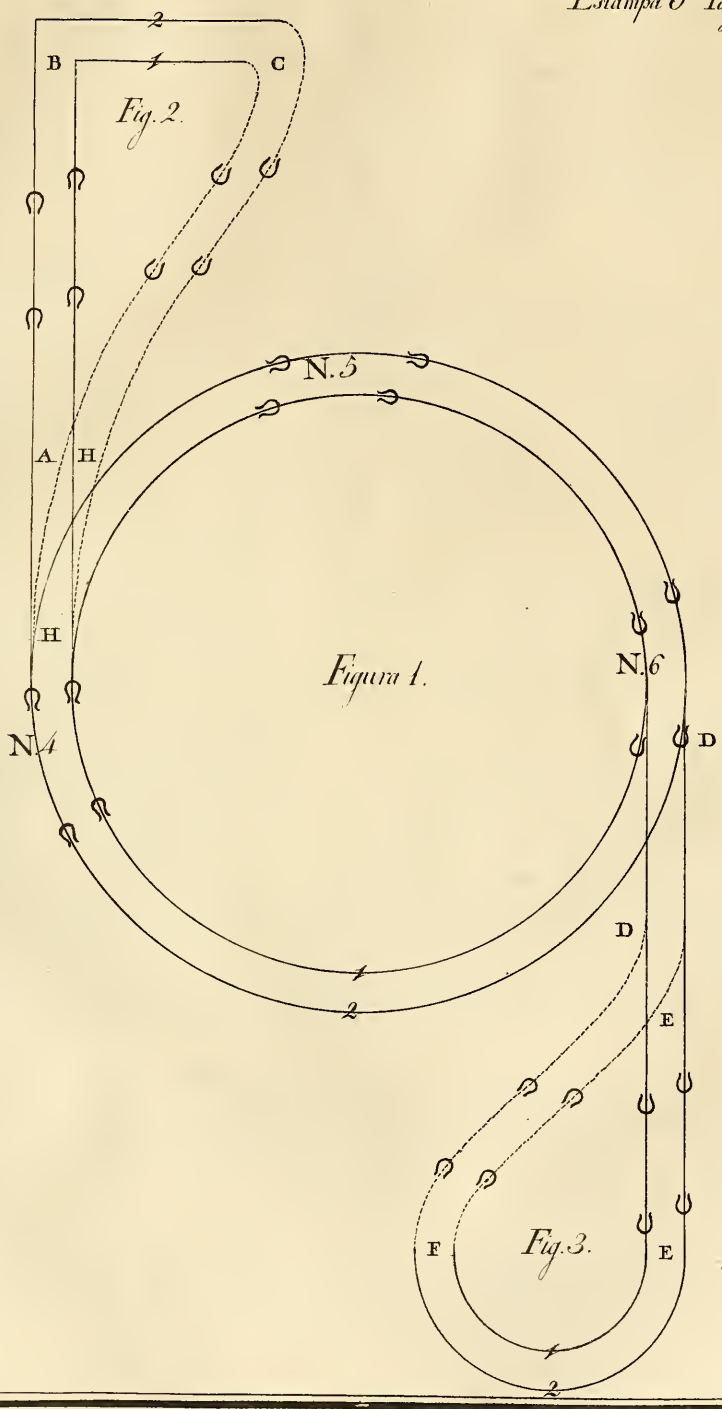
1 QUanto maior for a velocidade dos movimentos dos Cavallos, tanto maior ha de ſer a ſua inclinação para o centro.

2 Os toques da guia, os do chambrié, e açoute applicados pela parte do centro fazem ſahir o Cavallo para a circumferencia, impellido da inclinação circular, e força centrifuga.

3 Em quanto o Cavallo róla para fóra, não anda para diante: por conſequencia, ſe neſte caſo o pezo, a força, e o movimento do corpo, mãos, e pernas do Cavalleiro deixarem de o obrigar a entrar para o centro, elle ſahirá por huma tangente para fóra da circumferencia, como ſe vê na Eſt. IV. Fig. 9. da letra M para a letra N. Iſto ſuppoſto, continuemos em moſtrar como o Potro ſe deve mover no circulo de duas piſtas.

Logo que o Potro, ou Cavallo galopar, marca o circulo, avançando o ſeu pé, e mão de fóra, como ſe vê nas piſtas da Eſt. VI. N. 5., indo pela parte de fóra concavo, e pela parte de dentro convexo; e ſe olha para o centro, em quanto marca o terreno deſta maneira, e conſerva eſta acção, vai em má figura, e he por conſequencia deſagradavel no ſeu movimento para o Cavalleiro, e vai no riſco de cahir, porque a inclinação do ſeu pezo recahe mais ſobre a parte de fóra, que ſobre a do centro; e ſendo o movimento circular das eſpaduas quem principia a dirigir a determinação de toda a máquina, deve a dobra do peſcoço, eſpaduas, e corpo ſeguir huma meſma acção.

Galopando o Cavallo ſobre o circulo, para andar bem, deve olhar para o centro, e pelos expoſtos motivos marcar o terreno, como moſtrão as piſtas da Eſt. VI. N. 6., de ſorte que trotando ſobre os circulos de duas piſtas, marca o terreno, como ſe moſtra nas piſtas da Eſt. VI. N. 4.; e quando galopa, deve marcar o ter-

Estampa 6 Pag. 130
2
B
1
C
Fig. 2.
A
H
H
N.5
N.6
N.4
Figura 1.
D
D
E
F
Fig. 3.
E
1
2

reno, como moſtrão as piſtas da meſma Eſt. VI. N. 6.: iſto ſe deve igualmente entender, trabalhando tanto ſobre a direita, como ſobre a eſquerda.

Logo que o Potro principia a obedecer, quando o deitão á guia, quando ſe lhe põe a ſella, e quando lhe atão as redeas dos cabeções ás cilhas iguaes, como temos dito, elle ſe vai diſpondo para ſe dobrar; e em ſeguindo aſſim nos circulos com perfeição as piſtas naturaes, vai pouco e pouco adquirindo a curvatura preciſa, tanto na linha que o Potro marca com o ſeu pé, e mão de dentro, como tambem na que elle marca com o ſeu pé, e mão de fóra, e por conſequencia elle ſe vai diſpondo para os circulos de Newcaſtle.

Devem-ſe exercitar os Potros na lição dos circulos de Pignateli pelo largo, não ſó á guia, e com as redeas dos cabeções atadas ás cilhas, mas tambem depois de os haver montado até elles ſerem flexiveis, obedientes, e faceis para huma, e outra parte com igualdade, para depois os paſſarem a trabalhar na lição dos circulos de Newcaſtle, como em ſeu lugar diremos. O trabalho dos quatro circulos de Newcaſtle he hum rigoroſo caſtigo, que o Cavalleiro dá ao ſeu Cavallo, como bem juſtificão os ſeus effeitos; mas he muito util para deſembaraçar, e facilitar os Potros de todas as partes do ſeu corpo.

Eu diſſe que a redea do cabeção de fóra, atada ás cilhas, mais curta que a de dentro, põe o Cavallo, ou Potro em má figura, torcido, e mal ſituado no terreno: e ſeja trotando, ſeja galopando, elle obrigado da ſujeição da redea da parte de fóra, e da força com que a guia o obriga da parte de dentro, entra com a cernelha, orelhas, e parte ſuperior da queixada para o centro, mas dá o bico para fóra, porque a prizão da redea não o deixa voltar para dentro: ella lhe dá alguma dobra no peſcoço pela parte de fóra, e o obriga a entrar com a eſpadua de fóra para dentro. A embocadura do freio, em quanto o Potro ſe conſerva neſta figura, obriga, e magôa ſem effeito a boca do Cavallo da parte do centro. Eſte modo de atar a redea do cabeção ás cilhas da parte de fóra mais curta que a de dentro, ſó póde ter alguma deſculpa, quando o praticarem com aquelle Cavallo, que rompe o peſcoço, dando a cara com exceſſo para o centro. E eu ſigo a opinião de que ainda neſte meſmo caſo, ſe o Cavallo não ſe remediar do ſeu defeito, fazendo-lhe atar as redeas iguaes, de pouco lhe ſervirá a redea de fóra atada mais curta que a de dentro.

Trabalhando o Potro mal ſituado ſobre os ligamentos dos ſeus quadrís, e curvilhões, póde arruinar-ſe delles, porque o jogo dos ligamentos do corpo do Cavallo mutuamente ſe ſoccorrem, e puchão huns pelos outros, de ſorte que em ficando algum fóra da ordem natural, elle póde com facilidade arruinar-ſe, e depois toda a máquina padecer.

As eſpaduas, mais que alguma outra parte do corpo, dão ao Cavalleiro o maior trabalho a deſembaraçar, igualar, e collocar no ſeu proprio, e devido lugar, porque a conſtrucção dos Cavallos lhe augmenta as difficuldades, como paſſamos a moſtrar.

Defeitos, que concorrem para os Cavallos ſe não poderem formar bem no ſeu movimento, e acção ſobre o circulo.

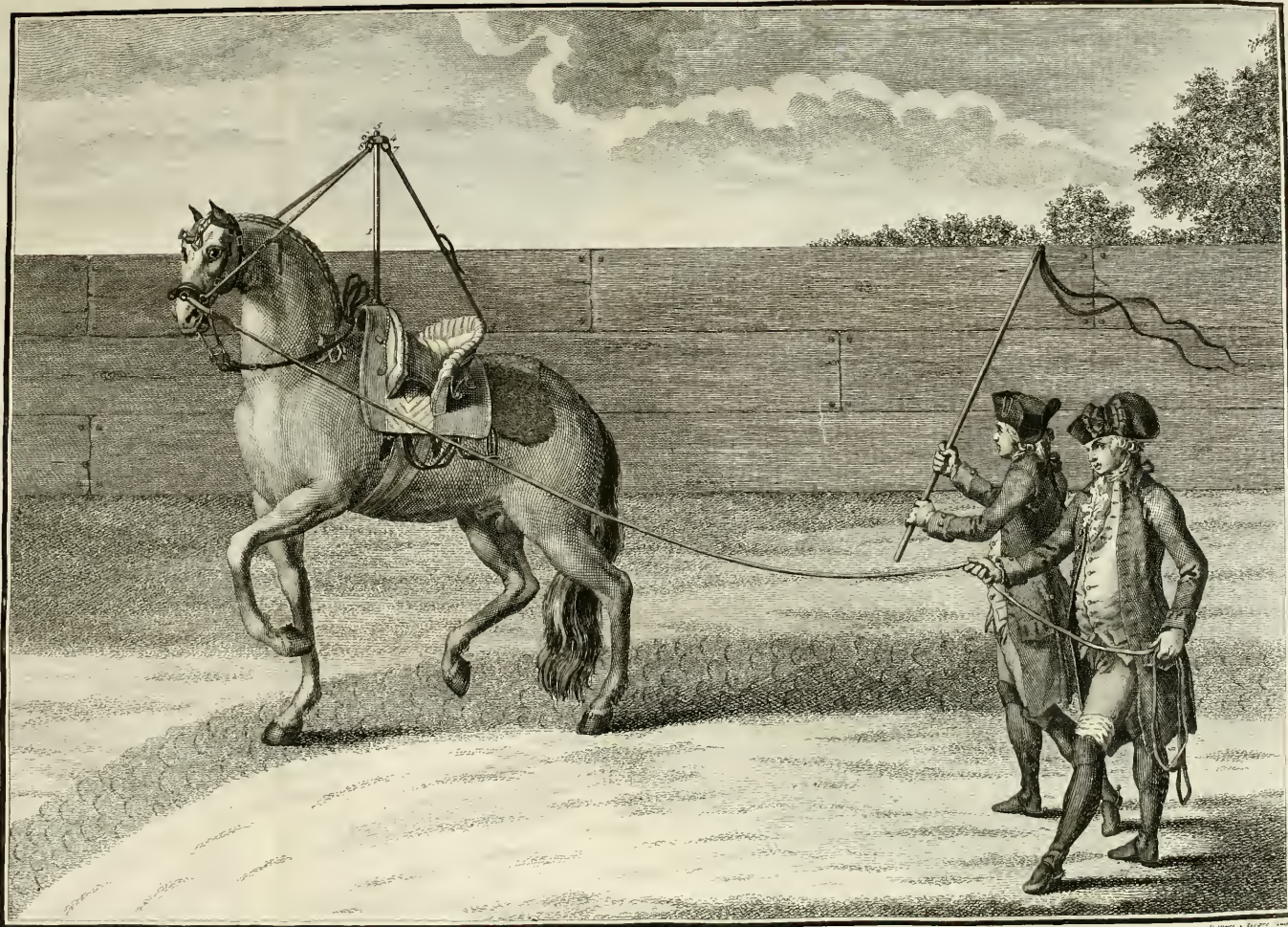
A Cabeça, e o peſcoço do Cavallo com o ſeu pezo, feitio, e movimento fazem hum poderoſo effeito de grandes conſequencias ſobre a facilidade do movimento das eſpaduas, maiormente ſe a cabeça he groſſa, a taboa do peſcoço mal formada, curta, e carnoſa, ſerá muito difficultoſo dar ás eſpaduas daquelles, que tiverem eſtas qualidades, hum movimento facil, e hum deſembaraço brilhante; porque ainda áquelles Cavallos, que tem a cabeça delicada, o peſcoço bem formado, e são dotados de huma ſenſibilidade agil, e deſembaraçada, he difficultoſo facilitar os movimentos das ſuas eſpaduas tanto, que prompta, e facilmente voltem, e ſe dobrem para huma, e outra mão, avançando a parte convexa por effeito da dobra do ſeu corpo, de modo que pareça a quem eſtá no ponto do centro, que a parte concava ſe avança mais que a convexa.

Em o Cavallo trotando ſobre os circulos, ſempre deve com a piſta da mão de dentro ir ganhando terreno do centro para a circumferencia, por ſima, e por diante da piſta da mão de fóra; mas em galopando, elle deve avançar mais viſivelmente a parte de dentro do centro para onde olha, e ſe dobra, que a parte de fóra, porque ſempre deve principiar a caminhar com o ſeu pé, e mão de dentro, como diremos na lição do galope. A perna de dentro he a que fica mais a prumo debaixo do corpo do Cavallo, aſſim trotando, como galopando ſobre os circulos. E a meſma perna, e mão de dentro fazem o primeiro tempo do ſeu movimento por ſima, e por diante do pé, e mão de fóra, trotando, ou galopando.

Trabalhando pelos quatro circulos de Newcaſtle ao paſſo, e trote para andar bem, ha de andar tanto para diante, e dobrar-ſe por effeito do movimento circular, de modo que do ponto do centro do circulo ſe ha de ver ao Potro a ponta da eſpadua de fóra, ainda quando elle nos circulos de Newcaſtle vá cruzando ſobre o ſegundo circulo do centro, como moſtra a Eſt. VI.

Differenças do modo de atar as redeas do cabeção ás cilhas, e ſeus effeitos, eſtando o Cavallo capaz de paſſar á lição do galope.

AS redeas do cabeção atadas ás cilhas iguaes, e curtas, unem conſideravelmente os movimentos das eſpaduas aos Potros. As redeas do cabeção atadas com liberdade deixão mover o Cavallo com mais deſembaraço, e graça nas eſpaduas. Se o Potro ſe deſiguala dos movimentos do peſcoço, e eſpaduas, devem atar-lhe as redeas mais curtas, até elle ſer mais igual nos ſeus movimentos. Se he incerto, por ter raiva ao cabeção, he bom atar as redeas curtas, ſendo o cabeção forrado, até elle ſoffrer com manſidão as ſuas ſenſações. Se for ſenſivel das ventas, ſem ſe deſordenar nos movimentos do ſeu peſcoço, e cabeça, devem atar-lhe as redeas com mais liberdade. Se andar para diante com temor, devem atar-lhe as redeas iguaes, e largas.

Se

Se o Potro, ou Cavallo levantar muito a cabeça, nem por iſſo lhe devem apertar muito as redeas, pois os que tem eſte defeito, ſeja pela ſua conſtrucção ſer má, ſeja por terem eſte coſtume, ſendo deſte modo apertados, os primeiros encoſtão-ſe ao cabeção deſeſperados, e os ſegundos ficão para trás; e quando os obrigão a ir para diante, são muito deſiguaes nos ſeus movimentos.

Quem deitar os Potros á guia, deve obſervar attentamente qual he o modo de atar-lhes as redeas mais conforme a remediar-lhes os ſeus defeitos: advertindo em que os Potros mudão facilmente de coſtume, pois eu tenho viſto hum meſmo Cavallo humas vezes andar com deſigualdade, outras não entrar para o cabeção, e outras entrar nelle com exceſſo; e quando elles tem eſtas incertezas, o melhor he amanſallos muito, não lhes darem com a guia, e atar-lhes as redeas com liberdade, até elles cederem, entrando para diante.

Se o Potro ſe puzer no coſtume de olhar para fóra do centro, em quanto perſiſtir neſte defeito, he bom atar-lhe ſómente a redea de dentro ás cilhas, e a de fóra deixalla de todo larga, ou ſegura na cabeçada; e quando o paſſarem de mão, fazello parar, e todas as vezes deſatar-lhe a redea de dentro, e atar-lhe a daquella parte para onde faz a paſſagem, aliàs poderá ficar para ſempre com o máo coſtume de olhar para fóra, como já tenho viſto alguns.

Finalmente eſtas, e ſemelhantes diligencias ajudão a dobrar bem o Cavallo, e o vão fazendo flexivel, deſembaraçado, e iguál nos movimentos das ſuas eſpaduas: e eu ouſo dizer que em elles eſtando flexiveis, e iguaes dos movimentos dellas, ſeguiráõ com facilidade as acções, que o Cavalleiro quizer.

O Excellentiſſimo Marquez de Marialva, Eſtribeiro Mór do Senhor Rei D. Joſé I., e da Senhora D. Maria I. com os ſeus vaſtos, e profundos conhecimentos na Arte de montar a Cavallo, deſcubrio, e inventou hum inſtrumento, ou ferro muito util, para obrigar os Potros, ou Cavallos a que levantem a cabeça; e ſem romper o peſcoço, os firma iguaes nos movimentos das ſuas eſpaduas, e faz produzir os bons effeitos, e utilidades, que paſſamos a referir.

ESTAMPA VII.

De hum Cavallo andando á guia, trazendo na ſella o Pilar do cepilho.

Deve o *Pilar* do *cepilho* N. 1. ſer de ferro, e ter o comprimento de dous palmos: no cepilho da ſella deve haver huma peça tambem de ferro N. 2. de tamanho tal, que ſe poſſa accommodar bem o pilar no dito cepilho: neſta peça haverá huma roſca chamada *Femea*, em que ſe introduzirá o Pilar, o qual terá outra roſca N. 3. intitulada *Macho*. A haſte, ou Pilar terá a groſſura proporcionada aõ ſeu comprimento: em ſima terá outra peça de huma pollegada N. 4., que embarbará no Pilar: eſte deve ſahir fóra da referida peça N. 5. pelo meio do centro, e ſobre ella ſer de tal ſorte rebatido, que não ſe poſſa ſeparar della, mas que ande á roda.

A peça do Pilar N. 4. deve ter dous buracos com huma argola maior N. 6.,

ou-

outra menor N. 7.: na maior, que he a de diante, como se vê na mesma Est. VII., haverá duas correas, N. 8. e na outra argola huma correa: esta irá afivelar na fivela do chairel N. 9., ou em huma argola, que costuma haver no meio da caixa do fundo da sella. As duas correas da argola de diante viráõ passar pelas argolas dos torneis do cabeção, e afivelar-se junto a ellas, mais, ou menos apertadas, segundo se precisar.

Quando deitarem o Potro, ou Cavallo á guia, devem levantar-lhe a cabeça áquella altura, que elle póde alcançar sem violencia: nesta situação podem afivelar as correas do Pilar do cepilho iguaes; e se elle se lançar mais sobre huma que sobre outra espadua, em tal caso podem fazer-lhe atar as redeas do cabeção ás cilhas, para lhe segurar as espaduas mais direitas, e iguaes.

As correas, que vem do Pilar do cepilho aos torneis do cabeção, não só o obrigão a levantar a cabeça, porém obrigão o Potro, ou Cavallo a que se faça mais attento ao cabeção, a que se desencapote, e firme igual o seu pescoço no lugar das cruzes sobre as mãos. A estas utilidades, que produzem o Pilar do cepilho, se seguem tambem as de se levantar o Cavallo por diante; e á proporção do que elle se levanta das espaduas, se abaixa tambem dos seus quadrís, dobra os curvilhões, e he obrigado a mover-se bem direito, em quanto assim trabalha nas pistas naturaes.

Se o Potro tiver raiva ao cabeção, devem fazer apertar menos as correas de diante, porque elle não commetta alguma desordem, vendo-se muito opprimido. Tambem devo advertir que o devem deitar á guia em huma volta larga; e se puder ser pelo quadrado, melhor, para que o Potro determine os seus movimentos sobre linhas rectas, em que a igualdade das redeas, ou correas do Pilar do cepilho necessariamente hão de fazer melhor o seu dever.

O conductor da guia fará mal em a puchar com força de repente para dentro, e peior em dar com ella cabeçonassos fortes no Cavallo; porque huma, e outra cousa o faz deixar de seguir o seu movimento nas linhas, por que se vai conduzindo.

Para fazer bom uso desta lição, devem muitas vezes, e moderadamente soster a guia, e tocar com ella sobre o cabeção, de sorte que posão vencer que o Potro observe aquella figura, em que o pertendem formar, e render facil na sua determinação para huma, e outra parte.

Não são bons, como deixo notado, os cabeçonassos fortes nesta qualidade de trabalho; porque como o Potro, ou Cavallo deve firmar-se no cabeção, levantar-se por diante, mover as suas espaduas altas, e iguaes, sentar-se sobre a garupa, e ir usando bem della, dobrando com igualdade ambos os seus curvilhões, os puchões fortes pela guia, e os cabeçonassos violentos, embaração os bons effeitos, que são o objecto desta lição.

He tambem excellente o uso do Pilar do cepilho da maneira, e fórma já dita, para embaraçar que os Cavallos brinquem indo á mão, principalmente de jornada: elles não podem abaixar a cabeça; e como assim, conservão mais em equilibrio o seu pescoço, e cabeça sobre as espaduas, ou para melhor dizer, sobre as

suas

ſuas mãos : elles não ficão tão ſujeitos a ter aguamentos , como de ordinario lhes acontece em jornadas grandes, não ſe uſando deſta prevenção.

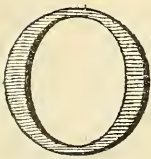
Ha outro modo de atar as redeas ordinarias do cabeção , que he: depois de atadas nas pontas huma á outra , mettellas dentro da ſella. Em o Cavallo principiando a trabalhar , e a guia ficando alguma couſa firme , a redea do cabeção de dentro ſe encurta; porque como ellas eſtão atadas ſómente, e ſeguras entre o coxim, e o arção da ſella, em puchando a guia, e o Cavallo dobrando alguma couſa o peſcoço para o centro, com facilidade correm as redeas, ficando a de dentro curta , e a de fóra larga ; e ainda que o Cavallo ſe dobra por effeito deſta lição, tem o inconveniente de ſahirem as redeas muitas vezes para fóra dos arções da ſella, maiormente quando ſe paſſa de huma para outra mão ; porém em quanto ellas exiſtem entre os arções, e o coxim, forma-ſe o Cavallo dobrado em boa acção: advertindo que eſte modo de atar as redeas, ſendo conveniente aos Cavallos, que lhes cuſta dobrar-ſe do peſcoço , não póde ſervir para remediar o defeito daquelles, que são incertos na mão, iſto he, que humas vezes levantão muito a cabeça, e outras abaixão com o meſmo exceſſo, voltando para dentro humas vezes, e outras para fóra; a eſtes pois, como já diſſemos, he conveniente atar-lhes as redeas ordinarias ſómente curtas , e iguaes.

Se o Cavallo entra na mão com exceſſo , e por conſequencia elle ſe encoſta ao cabeção, devem atar-lhe as redeas iguaes; mas de tal ſorte froxas, que o ferro do cabeção por iſſo , e por eſtar alguma couſa largo ſobre as ventas do Cavallo, lhe vá fazendo huma ſucceſſiva , e branda ſerra, para que elle ſe torne mais ligeiro, e attento ao cabeção. Advertindo que ſe o Cavallo ſe encoſta ao cabeção, por ſer fraco do ſeu eſpinhaço , garupa , e curvilhões, então devem as redeas ſer atadas mais largas , e de ſorte que elle não ſinta o cabeção forte ſobre o focinho, pois eſtes defeitos da natureza não ſe podem remediar.

As redeas do cabeção atadas ás cilhas, eſtando o Cavallo montado, tem ſeus inconvenientes (poſto que alguns ſcientes o tenhão aſſim praticado): a mim me não parece iſto bem, nem ainda eſtando o Cavalleiro bem certo da ſujeição , obediencia , e genio do Cavallo ; porque ſe o Cavalleiro fizer algum movimento com a ſua mão do freio para governar , e emendar o Cavallo , a redea do cabeção oppoſta áquella parte para onde a redea do freio o quer dobrar , embaraça o effeito do freio ; e ainda que a redea do cabeção de fóra atada, ſegura a eſpadua de fóra para o centro, com tudo, ſe o Cavallo duvidar obedecer ao freio, elle ſe aproveitará do effeito da redea do cabeção de fóra para deſobedecer mais á mão , porque a redea do cabeção neſte caſo lhe fica ſervindo de hum caſtigo muito conforme á ſua defeza.

Tambem ſe o Cavallo tropeçar, e cahir , tendo as redeas do cabeção atadas ás cilhas , ellas lhe ſerviráõ de muito embaraço para ſe levantar. Newcaſtle mandava atar ſómente a redea do cabeção de dentro ao cepilho da ſella no tempo, em que o Cavallo eſtava já com ſujeição, e obediencia ao freio, e cabeção: elle affirma que ſerve eſta lição para remediar o defeito de alguns Cavallos, que tirão pela mão, levando a cara do centro para fóra: e a redea aſſim atada os faz dobrar para

o centro com graça, e principiar a dobra do pescoço do lugar do Ezofago até á ponta das ventas.

He bem certo que todas as lições, de que tenho tratado até agora de dispôr os Potros, deitallos á guia, fazellos trotar, e galopar iguaes nos seus movimentos sobre as linhas da muralha, linhas dos quadrados, e sobre os circulos com as redeas do cabeção atadas ás cilhas, e com as correas do Pilar do cepilho afiveladas pelas argolas dos torneis do cabeção, e o fazer outras semelhantes diligencias, como temos ponderado, não servem senão para ir dissipando a grossura, aspereza, e desigualdade dos movimentos dos Cavallos, fazendo-os agradaveis nas acções, em que se fórmão no Picadeiro, para os ir pullindo nos seus mais brilhantes movimentos. O apoio, e governo da boca do Cavallo, a obediencia, e sujeição á mão, e pernas do Cavalleiro só o podem dar as mãos, e as pernas do proprio Cavalleiro, ainda que os modos de que eu tenho tratado, sejão aquelles, pelos quaes todos os scientes mais abalizados costumão reduzir os seus Potros, e Cavallos para se disporem para todas as lições, de que elles são capazes.

Os homens ignorantes desta Arte, e os Campinos he verdade que sem todas estas prevenções montão hum Potro serril no campo; mas primeiro que o montem, o canção muito, fazendo-o andar á roda prezo por huma corda largo tempo. Elles usão disto, porque próvida a natureza lhes suscita este recurso, a fim de que elles possão senhorear-se do Potro, ou Cavallo, que ainda assim o fazem sujeitos a passar por desastres tão grandes, quaes os dos Vaqueiros, quando se lanção a hum Touro de cara a cara. Os Professores porém devem seguir huns caminhos mais racionaveis, e tão livres de perigo para o Cavalleiro, como de ruina para o Cavallo.

LIVRO IV.

ARGUMENTO.

Explica-ſe a fórma com que devem diſpôr os Principiantes para montar a cavallo : e as qualidades, de que devem ſer dotados os homens para ſerem bons Cavalleiros. Moſtrão-ſe tambem as que devem ter os Cavallos, em que principiarem a dar lição aos Principiantes, &c.

OS homens, que fazem profiſsão da Nobre Arte da Cavallaria, já diſſemos são eſtimados, pois os bons Cavalleiros não podem deixar de ſer dotados das ſeguintes qualidades : elles devem ter deſtreza, valor, e prudencia, huma comprehensão penetrante, huma particular intelligencia da Filoſofia, e leis do movimento, inclinação aos excellentes Cavallos, aversão aos de pouco preſtimo, hum genio altivo, e docil, huma alma grande, e hum juizo intelligente, elevado, e diſcurſivo.

Ainda que os Authores, e Profeſſores da Nobre Arte da Cavallaria tenhão tratado com exacção da formalidade, com que hum Principiante deve eſtar montado ſobre hum Cavallo enſinado, e tenhão igualmente ſido todos de commum acordo no ſeu modo de ſentir, elles não ſe recordárão de hum dos mais eſſenciaes pontos ſobre que rola (póde-ſe dizer aſſim) o principal objecto da inſtrucção do Principiante Cavalleiro. Eſte conſiſte em diſpôr, e prevenir o Principiante para ſaber como ha de montar a cavallo : couſa ſem dúvida a mais intereſſante, tanto para os que de novo querem dedicar-ſe ao laborioſo deſte bello exercicio, como para aquelles, que já pelas ſuas fadigas vão alcançando as primeiras noções deſta profiſsão. Ora os principios, e diſpoſições para formar ao Principiante na ſua figura, varião, e mudão, ſegundo os Paizes, e o goſto dos Meſtres, de que naſce diverſidade de opiniões; e ſendo o ſolido principio deſta Arte ſómente hum, não ſe podem deſtruir eſtes reſpeitos.

Os Alemães, os Italianos, os Inglezes, os Francezes, os Heſpanhoes, e todos os Póvos, entre os quaes ainda ſe acha em eſtimação a Arte da Cavallaria, adoptão huma poſtura ſingular na aptitude, ſegundo o goſto da nação. Elles ſeguem, por aſſim dizer, regras differentes para a ſituação dos Principiantes. Eſta variedade, que tem o ſeu principio na preoccupação mais, que nos motivos legitimos, dá lugar a varios diſcurſos, e cada maxima acha ſectarios, como ſe o verda-

deiro não fosse hum, e se pudesse reproduzir sobre fórmas arbitrarias, e oppostas: tão depressa prevalece huma opinião, tão depressa outra se destroe; de modo que desta sorte só podem ficar ao Principiante dúvidas, e perplexidades. Sem embargo de tudo isto, ha methodo com que posso (segundo me parece) destruir todos os systemas pouco solidos, sem que entre em huma superflua relação de pareceres contrarios.

Eu vou delinear os principios, que me parecem mais solidos, para estabelecer a formalidade da boa postura dos Principiantes, e com razões convincentes. Ora para acertar em huma Arte, na qual se faz, e he totalmente necessario o maquinismo do corpo, e onde cada parte da sua máquina tem funções particulares, que lhe são proprias, he incontestavel que estas partes deixem de estar em huma postura natural; pois logo que alguma das partes do corpo do homem está em huma postura desigual, ella se priva da facilidade, e liberdade, que acompanha toda a graça da direcção que a dirige: o movimento forçado, e desigual he incapaz de regularidade; porque a parte desigual, sendo huma dependencia do corpo, não póde alcançar aquelle ponto fixo do contrapezo, e equilibrio, em que consiste a perfeição de huma acção igual.

Não basta para instruir o Principiante na lição da sua boa postura, dizer-lhe unicamente as regras triviaes, e seguidas independentemente: he necessario que o Mestre as saiba dirigir, proporcionando-as pela estructura mais, ou menos avantajada do seu Principiante; porque hum movimento natural póde ser proprio a hum homem, e improprio a outro; e aquelles defeitos, que parecem incorrigiveis em certos sujeitos, não tendo o Principiante muita idade, a prática, e a Theorica bem applicada torna muitas vezes daquelle homem desagradavel hum Cavalleiro capaz de lisongear a vista ainda dos mais abalizados Professores.

Os objectos sobre que os Mestres, zelosos dos progressos dos seus Principiantes, devem applicar a sua attenção, são infinitos: eu estaria continuamente occupado do exame que se deve fazer sobre as partes do seu corpo, e sem descanço buscaria o meio de reparar os diversos defeitos, e sem numero, que se descobrem na postura de cada Principiante, em quanto elle não tem chegado ao conhecimento íntimo da connexão, e jogo, que devem fazer as partes do seu corpo no movimento de humas com outras pela acção sympathica dos musculos que as governão. Finalmente as primeiras lições devem ser bem applicadas, porque dellas depende o bom successo das outras.

Huma das principaes diligencias de hum Cavalleiro, antes de montar a cavallo, he, conforme diz Newcastle Pag. 38., de examinar se todas as cousas, que estão sobre o Cavallo, existem em boa ordem: o mesmo affirma La Guerinieri Pag. 82., e que elle o deve fazer em hum instante: o mesmo diz tambem Pluvinel Pag. 8.; mas parece necessario para hum Principiante fazer huma semelhante observação, que primeiro lhe ensinem como a deve fazer, por isso entendo que o devem prevenir, e dispôr da maneira seguinte.

O Mestre, ou quem fizer montar o Principiante as primeiras vezes, mandará apromptar hum Cavallo com lição sufficiente, e propria para este effeito. Muitos

Ca-

Silva delin. Frois sculp.

Cavalleiros querem que se dê ao Principiante hum Cavallo de lição, outros hum Potro, ou Cavallo com pouco governo: eu porém encontro hum, e outro com suas difficuldades para este fim; porque se o Cavallo tiver hum governo firme, e delicado, ha de por consequencia ser fino, e sensivel aos toques, e movimentos da mão, e pernas do Cavalleiro, e por isto não será bom para dar lição a hum Principiante, que não tem assento de sella, que se péga á mão, ou redeas, e da mesma sorte se segura, chegando demaziadamente as pernas ao ventre do Cavallo, o qual neste caso não conhece o que pertendem que elle faça; e talvez que pelas causas ditas, elle venha a commetter algumas desordens, que o Principiante não possa remediar, posto que o advirtão, por não saber executar ainda o que lhe mandão fazer.

Os que dão ao Principiante Cavallos absolutamente ignorantes, ou viciosos, quanto a mim commettem maior erro, porque he muito difficil ensinar a hum mesmo tempo dous ignorantes; e bem se deixa ver que a ignorancia do Principiante se augmentará, se o Cavallo for ignorante, ou vicioso; e multiplicando-se as suas desordens, ficará o novo Cavalleiro exposto a grandes riscos, por não ter ainda conhecimento dos effeitos das redeas do freio, nem desembaraço, e acordo para usar bem dellas, elle em tal caso se embaraçará, e confundirá infallivelmente. Os Cavallos ignorantes, e os viciosos devem ser montados por Cavalleiros, que os encaminhem, e governem; o Principiante porém não póde fazer isto, porque todo o seu fim he ver por que modo se ha de segurar para não cahir.

Finalmente o Cavallo, em que se der lição ao Principiante, deve ser dotado de hum genio lizo, ter os seus movimentos suaves, e firme governo, voltando facilmente para huma, e outra parte com huma, ou com ambas as redeas. O tamanho do seu corpo deve ser proporcionado pelas disposições do Cavalleiro, isto he: se o Principiante for de huma boa, e arrazoada altura, qualquer Cavallo serve para elle tomar lição. Se elle porém for de pequena estatura, e por consequencia tiver as pernas curtas, o Cavallo, em que lhe principiarem a dar lição, não deve ser muito largo dos lombos, e ventre, antes sim elle será pequeno do corpo, não estofado dos lombos, e hum pouco estreito do ventre, para que o Principiante com mais facilidade se possa firmar sobre elle.

Da mesma fórma se o Principiante for corpulento, o Cavallo, em que lhe derem lição, deve ser de bom tamanho, estofado, e largo do seu lombo, e ventre, para que o Principiante possa mais facilmente formar-se na figura que mostra a seguinte

ESTAMPA VIII.

Do Principiante a cavallo para a esquerda.

DEpois de haverem deitado á guia, e feito apertar, e pôr prompto o Cavallo, em que hão de dar lição ao Principiante, devem deixar a guia na argola do tronel do meio do cabeção, e mandar tirar fóra as redeas ordinarias. Logo o Mestre ensinará ao Principiante a pôr o chapéo, que deve ser proporcionado na

grandeza á ſua altura; e armado para montar a cavallo, deve calçar luvas, e que eſtas ſejão de couro macio; porque ſendo groſſo, e aſpero, tira o bom tacto das mãos: os dedos das luvas não devem ſer curtos, nem muito apertados, ou demaziadamente compridos, para não embaraçarem o movimento dos dedos ao Principiante.

Deve o Meſtre enſinar-lhe a fazer o exame preciſo a todos os arreios, que eſtão ſobre o Cavallo, reparando ſe eſtão o cabeção, e o freio bem poſtos, e a barbella em boa altura, e largura: ſe eſtá a ſella bem apertada, tendo o rabicho antes largo, que juſto, e os eſtribos nos ſeus loros em comprimento proporcionado á perna do Cavalleiro Principiante.

Então o Meſtre (depois de o haver inſtruido a examinar todas eſtas couſas) o deve chegar para ſi, e para junto da eſpadua eſquerda do Cavallo, não ſó para eſtar prompto para montar com mais facilidade, mas tambem para evitar que o Cavallo o poſſa alcançar com alguma patada, ſe o Principiante eſtiver defronte delle, ou com alguma pernada, ſe eſtiver mais junto ao ventre que á eſpadua: deve lembrar ao Principiante (ſe elle o preciſar) tenha a ſua cara alta, e pégue nas redeas junto ao botão com a mão direita, e com a eſquerda junto ás crinas, tendo-as iguaes, e examinando ſe ellas são de couro macio, e delgado para darem melhor tacto á mão.

Havendo o Principiante fechado as redeas na mão eſquerda ſeparadas pelo dedo minimo, como ſe vê na Eſt. VIII., conſervando-as antes mais compridas, do que curtas, para quando montar não dar alguma ſoffreada no Cavallo, que por effeito della ſe poſſa empinar, e cahir para trás; terá na mão eſquerda a vara com a ponta para baixo, e o cabo ſahido fóra da mão huma, ou duas pollegadas, havendo tomado juntamente na mão huma porção da crina do Cavallo, para ficar mais ſeguro, e evitar o acontecimento de lhe cuſtar a montar, por não ſe haver aſſim acautelado. Eſtando aſſim junto ao meio da eſpadua eſquerda do Cavallo, levantará a ſua perna eſquerda, e com a mão direita metterá o pé no eſtribo, para que elle não lhe eſcape, e lhe aconteça cahir, e dar com a cara no arção, ou burrainas da ſella, ſendo que iſto póde tambem acontecer por quebramento do loro, ou de eſtribo.

Deve tambem reparar em que o chato do loro fique direito, quando pegar no eſtribo para o chato da perna; que aſſim he que o loro deixa de ficar torcido, e o eſtribo fica direito no pé. Deve juntamente reparar em que não ſeja tão grande o arco do eſtribo, que poſſa colar-ſe no pé, porque iſto tem ſido gravemente funeſto a muitos Cavalleiros. Faço eſtas advertencias de prevenção, e de cautela para evitar que ſemelhantes deſaſtres acontecão aos Principiantes Cavalleiros.

Finalmente deve montar a cavallo de tres tempos: o primeiro ſe executa, mettendo o pé no eſtribo: o ſegundo levando a mão direita ao vaſo, ou caixa do fundo da ſella, levantando-ſe ſobre o eſtribo eſquerdo até ficar igual ſobre elle: o terceiro, e ultimo tempo ſe executa, levantando a perna direita, extendendo a ponta do pé, e levemente, ſem tocar as ancas do Cavallo, metter-ſe na ſella. Eſte ultimo tempo deve ſer executado com muito deſembaraço, e ficar o Principiante Cavalleiro bem direito na ſella.

Eſ-

Efcrevo todas eftas particularidades, e contínuo motu de acções, para que os Principiantes com hum pequeno eftudo percebão facilmente o que lhes mandão fazer fem fe confundirem. Tambem recommendo que executem todas eftas coufas com tanto defembaraço, e facilidade, que não pareça as praticão com ficções, e vaidade.

Depois de montado o Principiante, deve o Meftre confiderar no feu corpo duas partes móveis, e huma immovel. A primeira das móveis he os braços, e o corpo até á cintura: a fegunda dos joelhos, e curvas até ás pontas dos pés.

As partes, que já mais fe devem mover, são o affento, e coxas das pernas. Eftas partes devem ter hum ponto de apoio tal, e de tal firmeza, que já mais o movimento do Cavallo o pofsão fazer perder. Efte equilibrio, apoio, ou affento de fella he a bafe da melhor fegurança do Cavalleiro, pois que a firmeza não he outra coufa mais que o ponto de apoio, e equilibrio; confequentemente da boa pofição das partes immóveis depende da fegurança, e boa fymmetria da aptitude inteira.

La Brove, Pluvinel, Newcaftle, e outros fcientes dizem, que o Principiante fe deve pôr fobre a forquilha. Eu creio que ifto fe deve entender defta maneira. O Principiante deve fentar-fe no meio da fella fobre as fuas nadegas com hum apoio mediano para fofter todo o pezo do feu corpo, e alcançar hum equilibrio igual. As duas coxas das pernas devem eftar voltadas fobre o feu chato, principiando efta volta do quadril até ao joelho, fendo além difto o equilibrio o gráo unico de força, de que o Cavalleiro deve ufar para a fua fegurança, e para vir a pezar igual fobre os eftribos, e ajudar como bom Cavalleiro o Cavallo com igualdade para huma, e outra parte. Mas fe pelo contrario o Meftre deixar fentar o feu Principiante demaziadamente inclinado para trás, ou para diante, ou mais para hum que para outro lado, elle ganhará huma poftura má, e huma defagradavel figura, e ferá precifo, ficando affim mal pofto na fella para obrigar o feu Cavallo a que lhe obedeça, fazer movimentos muito defagradaveis a quem eftiver de fóra vendo.

Entre o affento do Cavalleiro, e a caixa, ou vafos do fundo da fella, deve mediar (como diz Pignateli Cap. II. Pag. 41.) o intervallo de duas, ou tres pollegadas, e outras duas, ou tres entre o cepilho, e a cintura. Ficando porém o Principiante fentado fóra do meio da fella, elle não póde obfervar eftas diftancias; porque em elle fe affentándo muito inclinado para trás, e fobre a caixa, os feus joelhos irão demaziadamente para diante, e as pernas fe extenderáõ fem graça para as efpaduas do Cavallo, ficando por confequencia fóra daquelle lugar, em que fe deve confervar para o ajudar, e fazer mover igualmente, e o caftigar com facilidade, e promptidão.

Os Cavalleiros, que pelo contrario ficão muito unidos ao cepilho da fella, ou poftos com exceffo fobre a forquilha, entézão as curvas, e os feus joelhos, e pernas para trás, não tem agilidade de movimentos nellas, e chegão fem querer com os calcanhares, e puas ao ventre do Cavallo, fazendo affim hum máo ufo dellas, muitas vezes contra a vontade do proprio Cavalleiro, e o commum fentir de to-

todos os ſabios neſta Arte, os quaes recommendão que as pernas do Principiante, e de qualquer Cavalleiro ſe unão pelo lugar das cilhas ao ventre do Cavallo, tendo ſómente na curva huma pequena dobra, por ficar com mais graça, e facilidade para fazer aquelles movimentos, que o meſmo Cavalleiro quizer, ſem que padeça a menor violencia o aſſento, e a figura do Principiante, ou Cavalleiro; e logo que elle eſtá de fóra do equilibrio, que deve ter no meio da ſella, ſem dúvida eſtá poſto a cavallo contra a melhor opinião.

O apoio da mão, e do aſſento da ſella são a eſtabilidade ſobre que a theorica, e a prática vão inſenſivelmente formando hum viſtoſo Cavalleiro. Elle deve eſtar ſentado, como já diſſemos, no meio da ſella, ſem ſe apoiar com exceſſo ſobre a caixa, e coxim, ou ſobre a forquilha, e cepilho, mas entre huma, e outra acção, para fazer ſentir com facilidade os movimentos do ſeu corpo, mãos, e pernas ao Cavallo, ſem perder o ſeu equilibrio.

Recommendo que a volta das coxas das pernas do Principiante proceda do oſſo do quadril; porque ſó procedendo do encache do quadril, he que a volta da coxa fica ſendo natural; e tambem que o Cavalleiro não deve pôr força nas ſuas coxas, porque quanto mais as fortalecer, tanto mais o aſſento ſe levantará do coxim, quando os movimentos do animal forem mais violentos, por iſſo os Cavalleiros não devem já mais perder o equilibrio, que ſe adquire no meio, e fundo da ſella.

O Meſtre, ou quem trouxer a guia, e der lição ao Principiante, em elle eſtando dentro do meio da ſella, deve fazello pegar com a mão direita na redea direita do freio, e com a mão eſquerda na redea eſquerda do meſmo freio, para que dos braços ambos ſe vá deſembaraçando com igualdade. Depois de elle ſer mais deſembaraçado, ſe lhe podem mandar unir as redeas do freio na mão eſquerda, ſómente ſeparadas pelo dedo minimo, para que vá adquirindo o movimento de render, e ſuſter a mão com facilidade.

Devem tambem recommendar-lhe que recolha o eſpinhaço no lugar dos rins para dentro, tendo-o firme, para elle poder reſiſtir aos movimentos mais fortes, e violentos, que o Cavallo faz, quando tem a garupa alta, ou procura defender-ſe.

Huma das partes móveis he, como diſſemos, o corpo até á cintura. Eu comprehendo neſta parte a cabeça, o peſcoço, as eſpaduas, o peito, os braços, as mãos, os rins, e cintura, &c. Se o principiante for mal formado de alguma das partes do ſeu corpo, e não puder conſervar a boa figura que ſe pertende, elle já mais ſerá bom Cavalleiro, tendo impoſſibilidade para ſegurar-ſe no perfeito equilibrio.

O Principiante deve conſervar a cabeça firme, livre, e facil: deve eſtar livre para ſeguir todos os movimentos naturaes, que o corpo faz: deve eſtar firme para não pender para diante, para trás, para huma, ou outra parte, e deve eſtar facil, ſem que a firmeza o faça irto; porque ſe ao contrario a cabeça do Cavalleiro eſtiver teza, e ſem facilidade, todas as partes do corpo terão huns movimentos violentos, e conſtrangidos, principalmente o eſpinhaço, o peito, e os hombros.

Deve o Cavalleiro conſervar a ſua cara alta, e direita, o peſcoço firme, e prompto, para que poſſa olhar por entre as orelhas do Cavallo, ou elle vá direito,

to, ou vá dobrado, de forte que fe elle for marchando direito, a cabeça do Cavalleiro deve olhar por entre as orelhas do Cavallo, fem pender mais para huma, que para outra parte, mas fem affectação; e logo que elle obrigar o feu Cavallo a marchar dobrado, deve tambem á proporção do que o faz dobrar, atrazar a fua efpadua, da parte para onde o dobra, para a fua cabeça fem violencia olhar por entre as orelhas do Cavallo, que de outra forte não fica o Cavalleiro bem pofto, e conforme com a acção, em que elle vai formando o feu Cavallo.

O Meftre deve ter cuidado em recommendar ao Principiante que abaixe os hombros, e os firme para trás igualmente direitos: as efpaduas dirigem com o feu movimento o do peito, dos rins, e da cintura. O Cavalleiro deve deitar o feu peito para fóra, mas fem affectação, porque por eftes meios elle facilita a fua mais perfeita aptitude: deve-lhe fazer firmar para dentro o efpinhaço no lugar dos rins, para que efta fituação o deixe alcançar mais o equilibrio, e fegurança fobre os movimentos do Cavallo: affim, firmando a cabeça, os hombros, as efpaduas, e o efpinhaço, confeguirá o Principiante os bons effeitos que temos dito, e o irão conduzindo ao ponto do equilibrio.

O Principiante, deitando o feu peito para fóra, deve retirar os cotovellos para trás, de forte que elles fiquem perpendiculares com o feu corpo, fem chegallos tanto a elle, que fique como encolhido, e fem defembaraço. Da mefma forte, eftando os cotovelos muito affaftados do corpo, elles ficão fem graça, e com pouca força. Os fangradouros devem fim eftar dobrados, mas naquella natural largura, que a conftrucção do Principiante fem affectação permittem; e quem lhe der lição, deve defta forte fazer-lhe procurar a aptitude particular, e univerfal das differentes partes do feu corpo, examinando bem a connexão que tem os movimentos de humas com os movimentos de outros.

Os cotovelos, como já diffemos, devem ter por huma linha perpendicular a fua direcção dos hombros aos offos dos encaixes dos quadris, para que as mãos nem fiquem muito baixas, nem muito affaftadas do feu proprio lugar; pois eftando os cotovelos mal fituados, dão ás mãos huma defigualdade grande: logo não produzirão as mãos hum governo igual, e firme na boca do Cavallo, em quanto os cotovelos tiverem má direcção. He bem verdade que fempre parece que a mão da redea, ou efquerda, o braço, e o cotovello eftá mais alguma coufa avançado que o direito; porém toda a figura deve fer regular na fymmetria das partes do corpo, feja fazendo o Cavalleiro determinar os movimentos do feu Cavallo fobre linhas rectas, feja fazendo-o trabalhar fobre linhas curvas; e logo que hum braço do Cavalleiro fe une mais ao corpo do que o outro, a fua figura he defagradavel, por aprefentar á vifta hum efpectaculo defigual.

Devem lembrar ao Principiante conferve a fua mão da redea, quatro pollegadas pouco mais, ou menos, mais alta que o cepilho da fella, a fim de poder ufar bem dos effeitos das redeas do freio. Andando para a mão direita, deve a mão da vara, ou direita eftar mais baixa, e a mão da redea mais alta; andando para a mão efquerda, deve a mão da vara eftar mais alta, e a efquerda, ou da redea mais baixa; mas fempre a mão efquerda, tanto andando para huma, como para outra parte,

de-

deve conſervar-ſe na altura do cotovelo, de ſorte que o oſſo do dedo minimo, e o oſſo do cotovelo fiquem ſobre huma linha horizontal, para que a mão fique voltada, de ſorte que o pulſo com graça, e ſem violencia dirija as ſuas acções, e movimentos.

Eu pertendo que a aptitude da mão de dentro para a parte do centro ſeja mais baixa, tres, ou quatro pollegadas, pouco mais, ou menos; porque andando de nivel com a de fóra, não embarace huma os movimentos da outra, principalmente quando fizerem marchar o Cavallo ſobre linhas curvas. A mão de dentro, ou do centro, ſendo, como temos dito, mais baixa, e defronte do corpo do Cavalleiro, faz boa poſição na ſymmetria da ſua figura. Os pulſos (quer as mãos trabalhem direitas, ou de unhas abaixo, ou de unhas aſſima) devem ſempre ſer ligeiros, direitos, e flexiveis. As unhas dos dedos das mãos do Principiante devem ſempre eſtar bem fechadas para a palma da mão em todas as acções, em que a puzerem, para ſegurar bem as redeas, e conſervar a igualdade das articulações dos pulſos: para huma, e outra parte o dedo pollegar deve extender-ſe bem ſobre as redeas para as ſegurar, e evitar que lhe ſaião pela mão fóra, e para que não andem deſiguaes. O dedo minimo deve ſeparar as redeas por baixo da palma da mão; aſſim como o dedo pollegar as deve unir, e ſegurar por ſima dellas para as dividir, e fazer alargar, ou encurtar mais huma do que a outra.

Logo que ſe ſervirem da redea direita mais que da redea eſquerda, dobrando o Cavallo para aquella parte, he neceſſario que a mão direita puche pela redea do cabeção, e ainda do freio mais para trás, e alguma couſa mais baixa que a eſquerda, o que tambem ſe faz tirando a mão para a roupa da caixa do fundo da ſella; ſendo que Newcaſtle, e outros ſcientes, quando dobravão os ſeus Cavallos para a direita, querião que a mão direita do Cavalleiro ſuſtentaſſe a redea, ou correa da parte direita alguma couſa de unhas aſſima, e mais alta, que a eſquerda, para a dobra do peſcoço do Cavallo ſer mais alta, e elle dar a cara para o centro mais obliquamente, e com mais graça.

Newcaſtle, e os mais recommendavão aos ſeus diſcipulos trouxeſſem a mão de fóra para dentro da volta, logo que o Cavallo unia a eſpadua de dentro á eſpadua de fóra, e ſe inclinava para ſima da linha da mão de fóra: preſentemente coſtumão os Cavalleiros trazer ſempre a mão de dentro mais baixa, porque pertendem que o Cavallo dobre o peſcoço, trazendo o focinho mais perpendicular. Qualquer deſtes dous modos de trazer as mãos, e uſar das redeas do freio, e cabeção he bom; e hum, e outro ſerve com mais propriedade a huns, que a outros Cavallos, e por iſſo o Cavalleiro os deve applicar ſegundo a utilidade que exigirem do animal. A vâra póde cruzar-ſe ſobre o peſcoço do Cavallo, de ſorte que não embarace os movimentos da mão ao Cavalleiro, inclinando-ſe ſempre a ponta para a orelha do Cavallo da parte de fóra.

Não devem os Cavallos voltar por medo da vara, ſim por obediencia que elles devem ter á mão do Cavalleiro; e andando para a mão eſquerda, podem trazer a vara alta, e direita para diante, ou pela parte de fóra, para ajudar com ella ſobre a garupa, ou levemente ſobre huma, ou ſobre outra eſpadua, e iſto tanto quan-

quando andarem ſobre a mão direita, como ſobre a mão eſquerda, pois que de todas eſtas fórmas ſe uſa bem da vara.

Devem enſinar ao Principiante como deve igualar as redeas, dar, e ſoſter a mão, levalla para a direita, e trazella para a eſquerda: da meſma ſorte lhe devem fazer conhecer quaes são os effeitos, que produzem as redeas do freio, e cabeção, como diremos em outro lugar.

Se o Principiante cerrar, e unir os cotovellos ao corpo, e por eſte motivo elle tiver os ſeus braços, e pulſos fortes, e com pouco movimento, devem fazerlhe alargar os cotovelos do ſeu corpo, para que neſta figura, em que os braços eſtão fóra da linha perpendicular do hombro, e do corpo em huma linha obliqua, e por conſequencia fóra da ſua força, o Principiante delles ſe vá rendendo mais ſuave, e mais flexivel: advertindo que em o Meſtre vendo que o ſeu Principiante com o tempo, lição, e trabalho ſe acha livre dos ſeus defeitos, iſto he, com as ſuas mãos, e os ſeus pulſos ſuaves, flexiveis, deſembaraçados, e firmes, deixará os recurſos, ou remedio, de que temos dito que póde uſar para o render, capaz de ſeguir a lição como a Arte manda.

As pernas, joelhos, e os pés do Cavalleiro fórmão a ſegunda das partes móveis. Ellas tem dous uſos, e huma poſição: o primeiro uſo he para ajudar o Cavallo, o ſegundo he para o caſtigar, e a ſua principal poſição deve ſer junto ás cilhas, perto do ventre, para dalli ajudar, encaminhar, e caſtigar o Cavallo, quando elle o preciſar; e como as pernas são huma dependencia do corpo, ſe eſtiverem, como deixamos notado, com as coxas ſobre o ſeu chato, ellas eſtarão por conſequencia bem voltadas, e em boa poſtura, e communicaráõ eſta boa volta, e poſtura aos pés, porque eſtes dependem dellas.

As pontas dos pés devem eſtar hum pouco mais altas que os calcanhares na linha horizontal, em quanto o Principiante não traz eſtribos; mas ſem fazer força nos tornozelos para fóra, e ſem encolher os calcanhares para ſima; pois que ſe os encolher, facilmente póde, ſem querer, chegar os calcanhares ao ventre do Cavallo, e ficar neſte máo coſtume, pois em trazendo eſporas, andará ſempre com a rozeta beliſcando o ventre ao animal. Não deve empregar a força dos muſculos das ſuas pernas para mover os ſeus pés, porque o homem tem a articulação do peito do pé, que a natureza lhe deo para determinar os movimentos do pé, tanto para ſima, como para hum, e outro lado.

Principiando a volta das coxas das pernas, como já diſſemos, dos quadrís, e verilhas até ao joelho, não ſó ficão as pernas em boa acção, mas com o ſucceſſivo exercicio vão adquirindo aquella vigoroſa firmeza, que caracteriza os bons Cavalleiros, e aquella flexibilidade, e equilibrio, a que em termos da Arte chamão aſſento de ſella.

Se o Principiante cerrar, ou apertar com força os joelhos, não poderá ſituarſe bem na ſella, terá os joelhos fortes, ou, como dizem os ſabios, de ferro, e nas ſuas pernas pouco, e máo movimento; e por conſequencia os Cavallos, em que andarem os Cavalleiros, que tiverem eſte defeito, ſerão rudes ás ſenſações das pernas, e das eſporas. Por iſſo eu recommendo que o Principiante eſteja ligado á

fella defde as verilhas até aos joelhos, porém fem força : e por efta caufa me parece tambem que fe principie a dar lição ao novo Cavalleiro em Cavallos obedientes, e proprios para elle firmar a fua figura com perfeição.

As pernas do Cavalleiro devem eftar direitas, e livres, ifto he, com defembaraço nos feus movimentos do joelho para baixo, e junto ao lugar das cilhas, para dalli ajudar, e caftigar o Cavallo, fe for precifo: o que não fe póde bem executar fe as pernas eftão muito avançadas, ou pelo contrario muito atrazadas, e tezas; porque fe eftão muito avançadas, quando querem ajudar, e caftigar os Cavallos, he precifo fazerem os Cavalleiros com ellas grandes movimentos, que fervem mais de defordenar os Cavallos, do que de os emendar dos feus defeitos.

Se as pernas do Cavalleiro eftão muito atrazadas, ou muito encolhidas, e juntas ao ventre do Cavallo, as efporas não fó tocão a barriga ao Cavallo, fem o Cavalleiro o querer, mas vão ajudar, e caftigar junto ás verilhas, e aos ilhaes. Ora fendo ordinariamente nos Cavallos eftas partes do feu corpo mais fenfiveis, que o lugar do ventre, em que fe devem applicar as efporadas, efte caftigo fem dúvida fará nellas máo effeito.

Os mais abalizados Profeffores nefta Arte recommendão que fação os Meftres diligencia, porque os feus difcipulos deixem cahir as pernas direitas, e unidas pelo lugar das cilhas : a mim me parece que as diligencias que temos referido, os conduzirão a confeguir efta perfeição ; e fenão obftante fer o Principiante advertido pelo methodo que temos dito, entezar as fuas pernas para diante, affaftando-as do feu devido lugar, o Meftre quando lhe der lição, lhe fará dobrar as curvas, levantar as pontas dos pés para fima, e trazer as pernas perto do ventre do Cavallo junto á ultima cilha, até que perca a demaziada força das curvas, e fe torne dellas brando, e flexivel dos joelhos.

Se pelo contrario tiver o Principiante as pernas froxas (o que ordinariamente fuccede aos rapazes) devem obrigallo a que enteze os joelhos, e as curvas das pernas para trás, baixando ao mefmo tempo as pontas dos pés para baixo, porque todos eftes movimentos fortificão as pernas, e tornão fortes os joelhos, e curvas.

Vendo o Meftre que o Principiante eftá mais remediado dos feus defeitos, deve fugir deftes recurfos, fazendo-o obfervar huma figura perfeita; pois o Principiante deve confervar as fuas pernas naquella diftancia que a fua difpofição permitte : ex. gr. Se elle for de huma avultada eftatura, e confequentemente comprido de pernas, nefte cafo as deve, e póde trazer então direitas, e juntas ao lugar das cilhas, como fica dito ; e fe for de pequena eftatura, e á proporção tiver as pernas curtas, então elle as deve avançar alguma coufa mais para diante, para os calcanhares, e efporas não andarem tocando o ventre do Cavallo : as pernas do Principiante fempre devem fer flexiveis, e ao mefmo tempo firmes; e fallando com propriedade nos termos da Arte, o chato das coxas das pernas deve voltar-fe para o coxim, e roupas da fella, e ifto do offo do encaxe do quadril, e verilhas até aos joelhos; porque logo que as coxas fe voltão como devem, as pernas tomão a fua boa, e devida fituação. Tal he o concerto mecanico deftas partes do corpo do homem

mem a cavallo : materia, que tem ſido amplamente tratada por muitos Authores deſta Arte.

Os Cavallos quando andão trabalhando ſobre a volta, obrigados da força centrifuga, avanção a meia parte do ſeu corpo da parte do centro á proporção da maior, ou menor grandeza do circulo, em que ſe movem, e atrazão a meia parte de fóra. Eſte he o motivo, por que os Meſtres devem cuidar muito em que o ſeu principiante avance a ſua eſpadua de fóra para diante, e atraze á proporção a de dentro para trás, pois que de outra ſorte elle não vencerá eſta difficuldade, não ſe conſervará bem no meio da ſella, não ſerá igual na perſpectiva da ſua figura, nem acordará os movimentos das ajudas do ſeu corpo, mãos, e pernas conformes humas com outras, quando o Cavallo o preciſar, obrigando-o com a preciſa propriedade. Ora eu creio por eſtes motivos que o Principiante preciſa ſer muitas vezes advertido, maiormente quando faz voltar o ſeu Cavallo para adquirir o coſtume, e facilidade de avançar a eſpadua de fóra, e atrazar a de dentro, conforme as linhas circulares por onde ſe determina o movimento do Cavallo, attendendo á proporção da eſtreiteza do terreno, em que o fazem trabalhar.

Se o hombro, e a eſpadua do Cavalleiro da parte de fóra ſe víra para fóra da volta do corpo do Cavallo, não ſó fica o Cavalleiro torcido, e em má figura, mas em quanto elle aſſim vai, o Cavallo não volta com facilidade, nem ſe dobra bem para dentro.

Depois do Meſtre haver feito eſtas advertencias ao diſcipulo, o fará trabalhar o ſeu Cavallo pelas linhas da muralha, e no quadrado, até elle adquirir algum deſembaraço, e firmeza na ſua figura; porque ainda que quem anda com a guia dê menos paſſos, fazendo andar o Principiante ſobre a volta, do que ſe o faz andar ſobre as linhas do comprimento da muralha, e ſobre as linhas do quadrado: com tudo devem ao principio fazello andar mais ſobre o direito, e quadrado, porque ſe firme, e adiante mais na ſua figura. Nos circulos foge o aſſento da ſella muito para fóra; e pelo direito, e quadrado, ſó foge mais nos cantos, quando o Cavallo volta: por iſſo recommendo tambem o não mandem obrigar a dobrar muito os Cavallos, em quanto elle não eſtá pelo direito ſeguro na ſua figura, e capaz de reſiſtir aos movimentos mais fortes do animal.

A maior perfeição do Cavalleiro conſiſte no acordo, união, e conformidade, com que elle faz ſentir ao ſeu Cavallo as ſenſações com que o obriga, e eſtas ſó podem emanar com facilidade de hum Cavalleiro, que eſtá bem aſſentado na ſella, e poſto no ponto do equilibrio, e por conſequencia em boa figura, pois ſem eſta harmonia, e propriedade as ſenſações do corpo, mãos, e pernas não produzem hum bom effeito, e o Cavallo não póde com ſenſações mal applicadas obſervar a igualdade de hum ar ſuſtido, ou diligente na determinação dos ſeus movimentos. Eſtes principios moſtrão com evidencia que os toques, ou movimentos do corpo, mãos, e pernas do Cavalleiro contribuem, e podem conduzir para a boa determinação dos movimentos dos Cavallos.

Vendo o Meſtre que o Principiante eſtá capaz de fazer trotar bem o Cavallo pelas linhas rectas, e linhas do quadrado, o póde fazer trotar ſobre huma volta

larga em hum trote curto, ſuave, e unido, para que poſſa firmar a ſua figura, ganhando o aſſento da ſella, e adquirindo na mão bem o tacto, que produz a embocadura pelas caimbas, e redeas do freio, reciprocamente na mão do Cavalleiro, e boca do Cavallo: digo iſto, porque ſe quizerem fazer trotar o Cavallo no grande trote ſobre a volta, o Principiante nos ſeus principios irá ſaltando na ſella como hum boneco, e não poderá firmar a ſua figura, agarrar-ſe-ha á mão, tendo-a aſpera, e mal poſta, quando todos os cuidados do Meſtre devem dirigir-ſe a conduzir o ſeu Principiante, de modo que elle ſe firme em boa figura com perfeição, e faça a ſegurança no equilibrio do ſeu corpo, e não na ſua mão.

Recommendo muito que mandem ao Principiante repetidas vezes renda a mão ao Cavallo para não cahir no terrivel defeito de lhe engroſſar a ſenſibilidade da boca, e tambem porque iſto o fará deſembaraçado dos ſeus braços, e pulſos. Quando quizerem que o Principiante faça paſſar o ſeu Cavallo de mão, devem as primeiras vezes fazello parar em parte, onde elle ſem difficuldade poſſa logo ir para a outra mão. Exemplo: Se o fizerem paſſar no meio do comprimento das linhas da muralha, devem enſinar-lhe a formar a parada, tendo o corpo, e as mãos firmes; e apôs iſſo, tendo o Cavallo parado, devem enſinar-lhe a mudar a acção da ſua figura, para o obrigar aſſim a que ſe dobre para aquella mão, em que vai continuar o ſeu trabalho com a meſma graça, com que ſe dobrava em toda a acção do corpo antes de paſſar de mão; e quando o Meſtre obſervar ao ſeu Principiante em eſtado de paſſar de mão, ſem parar na paſſagem, o deve fazer principiar a paſſar da direita para a eſquerda pela maneira ſeguinte.

Logo que eſtiver o Cavallo direito ſobre as linhas da muralha, deve o Meſtre mandar firmar o corpo ao Principiante alguma couſa para trás, mas ſem força: e da meſma ſorte ſegurar, principalmente a mão eſquerda diante de ſi firme, deixando vir a perna de dentro, que he a direita, perto da primeira cilha, para ſegurar as eſpaduas ao Cavallo, e obrigallo a que vá direito para diante, e não volte rapidamente para dentro, conſervando a perna de fóra junto á ultima cilha, para que lhe não fuja com a garupa muito para fóra, e vá igual na ſua acção, e movimento entre ambas as mãos, e pernas até ao fim da paſſagem, que as primeiras vezes deve ſer executada de paſſo: depois em o Principiante as executando bem, devem mandallo formar as paſſagens do trote, e ultimamente o podem fazer paſſar galopando.

Quando hum Principiante ſegura a mão eſquerda adiante de ſi, dando geito ao pulſo, para que a mão fique de unhas aſſima, e o dedo minimo ſe incline para defronte da ſua eſpadua eſquerda, o movimento da mão, em paſſando a eſta figura, faz ſentir a ſenſação de ambas as redeas na mão do Cavalleiro, e na boca do Cavallo ao meſmo tempo, e mais a direita que a eſquerda. Deſta ſorte deve ir até ao fim da paſſagem, que deve ſer feita cortando o terreno; e quando o Cavalleiro formar a acção da paſſagem, ha de fazer ſentir ao ſeu Cavallo a redea eſquerda, inclinando o dedo minimo para defronte da eſpadua direita, para fazer ſentir na boca do Cavallo a ſenſação da redea eſquerda mais activa pelo aperto, que faz a barbella ſobre o aſſento, e barbada da parte direita: então deve fazer-lhe ſentir

as

as pernas igualmente, a fim de o obrigar a paſſar no primeiro tempo do balanço com as eſpaduas, por effeito das ſenſações das mãos, e no ſegundo com a garupa, tambem por lhe fortalecer a ajuda da perna de fóra; e depois, affroxando a perna de dentro, o fará completar a paſſagem, advertindo que todas eſtas ſenſações devem ſer continuadas, e reguladas pela velocidade, e ſenſibilidade do Cavallo para fazerem bom effeito.

Quando o Principiante faz paſſar qualquer Cavallo de mão, ou execute a paſſagem de paſſo, de trote, ou de galope, deve avançar a ſua eſpadua direita para diante, tanto quanto antes da paſſagem avançava para a mão direita a eſpadua eſquerda, ſendo que iſto he difficultoſo para eſta mão, em que a eſpadua de fóra he a direita. O Meſtre neſte caſo repetidas vezes lhe mandará ter a mão eſquerda para ſi, e o dedo minimo para a ſua eſpadua direita, o que o Principiante não póde fazer ſem ter a mão de unhas aſſima.

Tambem deve lembrar-lhe não leve a mão eſquerda da linha da cernelha para a parte de fóra em o Cavallo, unindo a eſpadua de dentro á de fóra, pois quanto mais a eſpadua eſquerda do Cavallo ſe unir á direita, tanto mais a eſquerda do Cavalleiro ſe avançará para diante, e a direita ficará para trás.

Depois do Principiante formar bem as paſſagens de mão, cortando o terreno, como ſe vê na Eſt. XV. das linhas N. 5. para as linhas N. 4. principiará a formar as paſſagens da mão no fim da linha da muralha ſobre angulos rectos, como ſe vê da Fig. 4. Eſt. IV. Quando fizer paſſar o ſeu Cavallo de mão da eſquerda para a direita, logo que o obrigar a deixar a linha recta da muralha, tiver paſſado o canto, e eſtiver direito ſobre a linha do quadrado, lhe deve principiar a formar a paſſagem; então firmando o ſeu corpo alguma couſa para trás, deve ſuſter muito principalmente bem a mão eſquerda adiante de ſi firme, deixando unir a ſua perna eſquerda á primeira cilha, não de repente, para que o Cavallo não ſe deſmanche da ſua figura, e acção, voltando rapidamente para dentro. Após iſſo deve chegar-lhe a perna de fóra, que he a direita, á ultima cilha, para que não fuja com as ancas para fóra, antes ſim elle vá igual no ſeu movimento para diante ſeguro entre as mãos, e as pernas até ao fim da paſſagem: então para a completar, o Cavalleiro voltará a ſua mão eſquerda de unhas aſſima com o dedo minimo inclinado para a ſua eſpadua eſquerda, e o obrigará com a redea direita, e a perna eſquerda a paſſar de mão para a direita. O Principiante no tempo da paſſagem deve mudar toda a acção da ſua figura, como já diſſemos, para o Cavallo tambem com facilidade ſe deſdobrar da eſquerda para a direita; e logo que por meio das expoſtas diligencias o animal tiver mudado de acção, e completado a paſſagem, o Cavalleiro com ambas as redeas, e ambas as pernas o deve encaminhar para diante.

A cauſa de eu recommendar que mandem ao Principiante que fórme ao ſeu Cavallo as paſſagens de mão ſobre os angulos rectos, e pelo direito, cortando o terreno, he porque ſão mais faceis, e ſão igualmente aquellas, em que o Cavalleiro, e o Cavallo ſe deſmanchão menos na ſua figura, e acção, como tambem em o Cavallo ſe dobrando, ſe põe em direcção com mais facilidade.

Aſſim que o Principiante com deſembaraço fizer trotar, e galopar hum Caval-

vallo pelo direito, ſobre o quadrado, e ſobre os circulos, paſſando-o de mão da direita para a eſquerda, e da eſquerda para a direita, o devem fazer montar em Cavallos, que ſuſpendão, ou fação o piafé entre os Pilões, para aprender a ſentir eſtes movimentos, e ir pondo em prática as ſenſações proprias a eſte ar, ou trabalho. Depois o devem fazer montar em Cavallos, que ſaibão fazer as pouſadas; e tendo mais deſembaraço, em Cavallos, que fação as curvetas, mas entre os Pilões, enſinando-lhe todas as ajudas, e caſtigos, ou ſenſações proprias para os fazer determinar aos movimentos proprios deſtas lições.

Eſtando o Diſcipulo mais adiantado, o Meſtre o deve mandar montar nos Cavallos das Garupadas, Balotadas, e Cabriolas, não ſómente para que elle perca o medo, mas para que vá tomando conhecimento das ſenſações com que deve ajudar, e caſtigar os Cavallos em todos eſtes ares, e lições.

Se os Meſtres ſeguirem eſte methodo, os Principiantes com tempo competente ſerão firmes, e direitos na ſella, faceis, e promptos em ajudar os ſeus Cavallos em toda a ſorte de ares, e lições, e conſervarão a aptitude da ſua figura na melhor ſituação, que a conſtrucção, e poſſibilidade delles o permittirem.

Diſpoſto aſſim o Diſcipulo, o deve o Meſtre fazer trotar varios Cavallos em hum trote vivo, e depois em hum trote bem avançado, e muito continuadamente, para que poſſa adquirir bem o equilibrio, e aſſento da ſella, cuidando ſempre o Meſtre, e tendo toda a attenção a que o ſeu Principiante não ſe deſmanche em trabalho algum da bem ſymmetriada acção da ſua figura.

He certo que o trote he o movimento mais deſagradavel que os Cavallos fazem para a commodidade do Cavalleiro; mas elle he ao meſmo tempo o movimento, que o faz mais forte, e o diſpõe para melhor firmar a ſua figura deſembaraçada, e facil no ponto do equilibrio. Além diſto ſerve tambem o trote para o Cavallo ſe igualar nos movimentos, para ſe deſembaraçar, e aperfeiçoar em todos os ares, e trabalhos do manejo, tanto naturaes, como artificiaes.

De nenhum modo deve o Meſtre conſentir que o ſeu Diſcipulo enteze demaziadamente o corpo, nem que á proporção elle ſe affroxe, ou abandone com exceſſo, e de que venha a ter a ſua mão aſpera, e mal ſituada, como tambem de que ſe pégue mais a huma que a outra redea, vindo por eſte motivo a dobrar o Cavallo com deſigualdade, que não cerre os joelhos, e os faça tão fortes, que fiquem ſendo, como dizem os Sabios, de ferro: que não una por coſtume ao ventre do Cavallo os calcanhares: que não traga as pernas em hum contínuo movimento: que não lhe ande ſempre dando com a vara: que não lhe ande fazendo cocegas com as roſetas das eſporas: que não lhe dê as eſporadas raſgadas, como fazem os arreeiros: que não deixe pender o ſeu corpo, e aſſento da ſella mais para huma, que para outra parte: que não lhe falle continuadamente; e finalmente que não ponha em prática acção alguma com ficção, e vaidade, porque todas eſtas couſas são defeitos reprehenſiveis em hum homem Cavalleiro: logo todo o fim, e objecto dos Profeſſores deſta Arte deve encaminhar-ſe a conſervar os Cavallos no ſeu vigor, rendendo-os ſenſiveis, e obedientes em todos os ares, e trabalhos, de que elles forem ſuſceptiveis.

He

He certo que em todas as regras ha excepção, assim ha occasiões, em que o Cavalleiro deve cerrar os joelhos, tendo-os fortes, e as pernas, e da mesma sorte o corpo firme quanto puder, para evitar que o Cavallo, quando se defender, furiosamente, o arroje fóra de si, quer elle se defenda por ignorante, raivoso, ou por maligno. Mas logo que cessar esta causa, deve o Cavalleiro tornar-se flexivel para trabalhar com o equilibrio, e facilidade por meio dos preceitos, que a Arte ensina.

Em todas as Academias devem haver Cavallos ensinados em toda a qualidade de ares, e trabalhos do manejo, não só para os Discipulos verem, sentirem, e aprenderem, mas para o Mestre fazer ver a sua pericia, e sciencia. Eu creio que todos os Cavalleiros sabem que para aperfeiçoar bem hum Cavallo em qualquer trabalho, ou lição, que lhe he propria, segundo a sua construcção, devem seguir-lhe a sua natural inclinação, para que possa servir bem, e não se arruine facilmente de alguma das partes do corpo pelo haverem applicado a trabalhos, ou lições que lhe são improprios.

Não he menos necessario ao Mestre observar attentamente se o Principiante (estando firme na sella) tem nas suas pernas hum desembaraço igual ao que vai adquirindo por meio da lição nas mais partes do corpo, ou se se conserva, tendo fortes as curvas, e os joelhos, porque neste caso o deve dispôr de maneira que vá adquirindo nas pernas facilidade, e igualdade dos joelhos até á ponta do pé, fazendo-lhe (além das diligencias que temos dito) affroxar os joelhos, e curvas das pernas alguns espaços ao trote pelo direito, para que sem perder o equilibrio perca o defeito de se agarrar á sella por costume, antes sim se torne facil dos joelhos, e tenha bom movimento nas curvas, e pernas, aliàs se o Principiante se agarrar, o Cavallo será rude aos movimentos das barrigas das pernas, calcanhares, e esporas; pois huma das grandes perfeições dos Cavallos de manejo consiste em serem sensiveis a todos os movimentos das pernas do Cavalleiro.

Vendo o Mestre que o seu discipulo está desembaraçado, e facil (conforme fica recommendado) póde, quando o julgar conveniente, fazello montar com estribos; advertindo que a medida dos loros deve ser bem á proporção da perna do Cavalleiro; mas o loro sempre mais curto que a perna, isto he, o calcanhar do pé do Cavalleiro deve ficar mais baixo que a ponta do pé na linha horizontal huma pollegada pouco mais, ou menos.

Pignateli Cap. III. Pag. 27. mandava aos seus discipulos extender a perna para baixo, e então collocar o loro em tal medida, ou comprimento, que a soleira do estribo ficasse tocando ao Cavalleiro no meio do seu peito do pé, por ser esta sem dúvida a boa, e justa medida, em que deve ficar o loro, e o estribo. E ainda que pareça estar o loro curto, he engano, pois em o Cavallo andando, fica o loro no seu devido comprimento; e aquelles, que fizerem experiencia, ella lhe mostrará esta verdade; e se pelo contrario puzerem o loro no comprimento da perna, logo que o Cavallo se principiar a mover, o calcanhar do Cavalleiro subirá para sima, a ponta do pé descerá para baixo, e na ponta do mesmo pé andará o estribo dançando, maiormente se o Cavallo for estreito do ventre.

Os

Os arcos dos eſtribos não devem ſer muito altos, nem muito baixos, nem tambem muito largos, porque huma, e outra couſa os póde deixar colar no pé do Cavalleiro. A ſoleira não deve ſer muito larga, nem muito eſtreita, porque de huma, e de outra fórma dá máo commodo ao pé. Os dentes da grade devem ſer vivos, ou agudos, e não muito grandes, para que a ſola da bota não eſcorregue ſobre elles, o que facilmente ſuccede ſe o eſtribo tem a grade liza; e cada vez que iſto acontecer, o Cavallo ſe perturbará no ſeu movimento, e ſe incommodará com o temor do caſtigo.

Devem os Meſtres fazer preparar todas eſtas commodidades aos diſcipulos, para lhes dar boas noções, porque no principio eſtá o ficarem bem, ou mal ſituados para ſempre. Se ſeguirem em todas as eſcolas eſta ordem, os ſeus Diſcipulos ſerão poſtos a cavallo com a melhor graça, e deſembaraço, que a ſua diſpoſição, conſtrucção, e talentos o permittirem: e eu não affirmára aſſim huma couſa de tanta conſideração, ſenão eſtiveſſe bem certo nos effeitos. Vi Principiantes inflexiveis de mãos aſperas, os braços cerrados ao corpo, os joelhos de ferro, o eſpinhaço irto, e toda a ſua figura mal ſituada; e por meio das diſpoſições, que ficão ditas, os vi depois flexiveis, bem ſituados, e com aquelle equilibrio, que todos os Sabios mandão obſervar aos ſeus Principiantes para chegarem a ſer bons Cavalleiros.

Pignateli Cap. XI. Pag. 61. diz, que bem póde o homem ſer viſtoſo, e agradavel a cavallo, e com tudo não ſer bom Cavalleiro; mas que não póde ſer bom Cavalleiro, ſem eſtar bem poſto a cavallo. O meſmo affirma Le Brove Cap. V. Pag. 50., e outros muitos Sabios Cavalleiros, cujos ſentimentos são neſta materia uniformes. As reflexões de Pignateli bem appropriadas nos fazem conhecer de quanta importancia são as primeiras noções da Arte. Se o Cavalleiro eſtiver torto, e mal ſituado na ſella, não ſómente ſerá deſagradavel a quem o vir trabalhar, mas tambem não poderá conſeguir que o Cavallo lhe obedeça conforme a Arte.

Ainda que os mais dos homens ſejão naturalmente cheios de deſejo, e goſto de andar a cavallo, nem por iſſo ſe ſegue que ſejão todos igualmente proprios para eſte exercicio. Os mais recommendaveis para eſte fim são aquelles, a quem o Omnipotente Creador, além de hum bom juizo, confiou baſtantes forças acompanhadas de agilidade, e hum corpo bem proporcionado. Os Homens de eſtatura mediana são firmes, e ao meſmo tempo ſe ajudão com mais promptidão, do que os que são muito corpulentos. Os que são demaziadamente pequenos, não ſó não são viſtoſos, mas nem ainda ajudão os Cavallos como devem, e muito principalmente com as pernas. Neceſſita-ſe pois de que o Cavalleiro, para ſer agradavel á viſta, ſeja dotado de huma figura bem proporcionada, e de preſença agradavel: elle tendo ſido conduzido debaixo dos principios, que ficão eſtabelecidos, e ſendo dotado tambem das qualidades ponderadas, com facilidade fará bom uſo da lição.

Finalmente o que pertender ſer bom Cavalleiro, deve empregar-ſe no exercicio da picaria o tempo competente para adquirir o equilibrio, e o deſembaraço preciſo, não ſó para ſer viſtoſo, e agradavel a quem o vê trabalhar, mas tambem para que os Cavallos lhe obedeção, debaixo dos preceitos da Arte, a todas as ſenſações com que os obrigar.

LI-

LIVRO V.

ARGUMENTO.

Definição dos nomes, que são proprios nesta Arte, para com o soccorro delles poderem os Discipulos, livres de confusão, perceber facilmente o que lhes mandão fazer. Nomes das partes de que se compõem alguns arreios, e o modo de usar delles. Mostra-se qual he a origem dos sentidos naturaes dos Cavallos, e a fórma com que os Cavalleiros devem servir-se das ajudas, e castigos, para a sensação ser perceptivel aos sentidos do animal: e tambem que cousa he passo natural, que cousa he andadura, que cousa he o movimento do trote: modo de formar a lição dos quatro circulos para a direita, e para a esquerda, ao passo, e trote.

NADA contribue mais para a comprehensão, e conhecimento de qualquer Arte, e de qualquer sciencia, que a boa noção, e intelligencia dos nomes, que lhe são proprios, por serem estes bem como o indice, ou ponteiro de hum relogio, cuja ponta aguda nos mostra os admiraveis effeitos, que continuamente nelle se observão: assim tambem aquelles pelo seu conhecimento nos fazem como tocar nos fins do que os Professores pertendem persuadir-nos. Daqui nasce que sem huma perfeita applicação ao maquinismo (por assim fallar) de toda, e qualquer Arte, sempre se andaria com dúvida na sua total intelligencia. Por isso persuadido eu desta verdade, me dou ao cuidado de mostrar as definições, significações, e propriedades dos nomes proprios desta Arte, segundo o parecer dos melhores Authores que della tratão.

A palavra *Manejo* tem duas significações, e se póde entender por nome proprio do terreno, ou Picadeiro, em que se exercitão os Cavallos, ou como ar, ou trabalho, que por meio da lição lhes fazem aprender.

Bom Ar. Quando os Cavallos se movem com boa graça, levantando os braços, e movendo todas as partes do seu corpo com hum desembaraço agradavel, dizemos que elles tem *Bom Ar.* Isto mesmo se costuma entender tambem pelo proprio, e igual movimento, que os Cavalleiros, segundo a Arte, fórmão aos Cavallos, que ensinão em cada andar, seja natural, ou seja artificial, como diz Brogelat Cap. VIII. Pag. 77.

Paſſagem. Quando o Cavalleiro faz mudar de terreno ao ſeu Cavallo, desdobrando-o da acção em que andava, e fazendo avançar o pé, e mão daquella parte para onde novamente o dobra, dizemos *Paſſou de mão*, ſeja paſſando-o da direita para a eſquerda, ſeja da eſquerda para a direita.

Cortar o Terreno. Não ſe deve entender que o Cavalleiro fez paſſar de mão o Cavallo, quando repartindo o terreno do manejo de huma das linhas da muralha por huma linha curva, ou obliqua, elle vai buſcar outra linha da muralha fronteira; e ſem deſdobrar o Cavallo da acção em que andava, fórma em differentes terrenos o meſmo trabalho; mas ſim dizemos que elle *cortou o terreno*, porque o Cavallo ſempre anda para aquella parte, para que olha, e ſe dobra, ou elle fique trabalhando nos reverſos, em que ſempre olha para fóra do centro, ou fique trabalhando ſobre a circumferencia, e ſobre o quadrado, em que ſempre olha para o centro.

Logo que o Cavalleiro obriga o ſeu Cavallo a que deixe a linha, em que trabalhava, e o faz partir por huma linha obliqua, atraveſſando o terreno para buſcar a linha oppoſta, ſeja trabalhando ſobre a circumferencia, ou ſobre o quadrado, ſem o deſdobrar, e mudar de acção, tambem ſe deve entender que *cortou o terreno.*

Quando o Cavalleiro faz cortar o terreno ao Cavallo pela largura do Manejo, e elle ſe vai unindo á linha da muralha para voltar ſobre a meſma mão, em que anda, deve formar hum meio circulo para paſſar da linha obliqua do centro para a linha recta da muralha: elle então ſe levanta mais das ſuas eſpaduas, e ſegura a ſua garupa mais, para voltar para a meſma mão para que trabalhava.

Se o Cavalleiro pertende que o ſeu Cavallo corte o terreno por todo o comprimento do Picadeiro de huma das linhas da frente, ou do fundo do manejo, o fará partir pelo centro do terreno, e aſſim por huma linha obliqua, ſahindo ſempre para fóra, ir buſcar a linha da muralha oppoſta; e quando o Cavallo ſe vai unindo a ella, o Cavalleiro lhe deve ir ſegurando a mão de dentro, e a perna de fóra, para que elle encruzado entre as redeas, e a perna, ſe levante mais das ſuas eſpaduas, quando volta para a meſma mão, em que andava antes de cortar o terreno. Iſto o obriga tambem a ſer facil na mão, quando volta, e aſſegurar a ſua garupa, quando ſe obriga mais com a mão de dentro, e a perna de fóra.

Cortar o terreno curto. Trabalhando ſobre o circulo, tambem ſe corta o terreno, fazendo marchar o Cavallo ſobre as cordas delle; (como ſe vê na Eſt. IV. Fig. 11.) e para que elle poſſa andar ſempre para diante, e uſar bem da ſua garupa, o que não póde fazer ſem ſahir de huma linha curva para a recta, que he a corda deſſe circulo: para ſe conſeguir iſto, o obrigará o Cavalleiro com a redea de dentro, e ambas as pernas a atraveſſar o circulo de huma para outra extremidade do arco, a fim de que a garupa ſiga a linha da mão de fóra: iſto facilita o Cavallo muito para ſeguir com as eſpaduas os movimentos das redeas. A recommendação de lhe ſegurar a garupa para dentro, he, porque ordinariamente neſta lição todos os Cavallos fogem com a garupa para fóra, para ſe deſdobrarem da acção que ſuſtentão ſobre o circulo antes de cortar o terreno: elles fogem da obediencia, e ſujeição da mão do Cavalleiro, quando os faz cortar o terreno, obrigados da força centri-

fu-

fuga, que na dobra do ſeu corpo os faz ſahir do centro, quando andão para a mão direita, ſobre a perna eſquerda.

Da volta ao revés. Havendo eu já dito como ſe corta o terreno, voltando ſempre ſobre a meſma mão no ponto, em que ſe unem á extremidade da linha ſobre que voltão para ſeguir a meſma lição em que andavão, direi tambem como ſe corta o terreno para ficar trabalhando na lição *da volta ao revés.*

O Cavalleiro deſde a linha da muralha, em que trabalhar, deve por huma linha obliqua fazer ir o ſeu Cavallo buſcar a linha da muralha oppoſta; e em chegando a ella, tendo formado hum angulo obtuſo Eſt. IV. Fig. 6. do vertice do angulo, deve ſeguir a linha do prolongo da muralha, ſem o deſdobrar da acção, em que andava antes de principiar a cortar o terreno. Ora ſe elle anda dobrado para a direita, deve ſeguir a linha ſobre o prolongo para a eſquerda, e neſte caſo fica o centro do terreno da parte eſquerda, e por iſſo eſta lição ſe deve propriamente chamar *Volta ao revés*, tanto quando o Cavallo fica neſta acção ſobre o quadrado longo Eſt. XV., como ficando ſobre os circulos de duas piſtas Eſt. VI. Fig. 1. N. 5., ſeja que as eſpaduas do Cavallo entrem para o centro, e a garupa ſaia para fóra das linhas das eſpaduas, e elle forme quatro piſtas, ou linhas, como ſe vê na Eſt. XXXVI. Fig. 1., ſeja que elle ſiga com as piſtas dos ſeus pés as piſtas das mãos, determinando os ſeus movimentos ſobre linhas parallelas, formando duas piſtas; porque logo que olha para a direita, e vence com as eſpaduas o terreno para a eſquerda, a garupa anda para ſima da parte concava, e elle trabalha aſſim no reverſo da acção, em que andava ſobre o quadrado, ou ſobre a circumferencia, antes de cortar o terreno.

Das Piſtas. Chamão-ſe *Piſtas* aquelles ſignaes, que os Cavallos com os ſeus pés, e mãos imprimem na terra. Ora quando hum Cavallo trabalha por linhas rectas, iſto he, quando as piſtas dos pés ſeguem as piſtas das mãos, cada huma por ſua linha recta, indo parallelas as piſtas da mão, e pé direito com as piſtas da mão, e pé eſquerdo, o Cavallo fórma aſſim duas piſtas, ou linhas, porque os ſeus pés ſeguem igualmente as mãos; e ainda que alguns Cavalleiros dizem que o Cavallo anda de huma ſó piſta, com tudo, elles ſe enganão; porque tendo hum Cavallo duas mãos, elle não póde andar, ſem que ellas marquem ao menos duas piſtas, ou linhas, as quaes os pés vão ſeguindo parallelamente.

Dos quatro circulos. Trabalhando o Cavallo ſobre a volta, ou nos reverſos, ſeja da circumferencia, ſeja do quadrado, ou linhas de todo o comprimento do manejo, em entrando com as eſpaduas para o centro, e ſahindo com a garupa para fóra das linhas das eſpaduas, fórma quatro piſtas diſtinctas, porque neſtas acções elle marca duas linhas com as piſtas das mãos, e outras duas com as piſtas dos pés: advertindo que quando vai ao paſſo, ou trote nos reverſos, a mão, e perna da parte convexa, por effeito do movimento circular, e força centripeta, cruzão por ſima, e por diante da mão, e pé da parte concava, e por conſequencia a perna, a mão, a meia anca, e eſpadua da parte convexa ſe unem á meia anca, e eſpadua da parte concava por força do ſeu movimento circular, ſem o qual a parte convexa não póde vencer para ſima da concava a maior porção de terreno, que tem de caminhar.

Volta ao revés galopando. Quando o Cavallo galopa nos reversos, a parte de dentro, ou concava se avança, e a de fóra, ou convexa se une a ella, porque elle se move no seu galope com hum balanço das espaduas, e outro da garupa, e ao passo, e trote faz quatro movimentos, cada hum distincto sobre si na respectiva parte, isto he, hum com cada espadua, e outro com cada anca, e por isso o braço, e perna de fóra cruzão por sima, e por diante do braço, e perna de dentro. E esta he a unica lição tambem em que o Cavallo ao passo, ao trote, e ao galope recolhe a sua perna de fóra da volta, e de dentro do centro para baixo do seu corpo.

Dos occultos movimentos com que se ajuda o Cavallo.

OS occultos movimentos de que se servem os Cavalleiros para fazerem determinar os movimentos dos Cavallos a ir para diante, para trás, para a direita, e para a esquerda, em termos da Arte chamão-se *Ajudas.* Estas consistem nos differentes movimentos das mãos, e equilibrio do corpo, joelhos, pernas, vara, e falla, de que necessariamente o Cavalleiro se serve para avivar, animar, e conservar os Cavallos no seu melhor, e mais perfeito movimento. Ora estas ajudas devem ser postas em prática com tanta promptidão, e delicadeza, que se fação imperceptiveis aos Expectadores. Deve o Cavalleiro fazer hum bom, e perfeito uso de todas ellas, por serem precisas para obrigar bem ao Cavallo, e ao Cavallo para bem obedecer ao Cavalleiro, pois sem estas boas qualidades já mais lhe será possivel fazer determinar os movimentos de toda a máquina do corpo do Cavallo com perfeição, e igualdade.

Dos Castigos. Quando o Cavalleiro com promptidão, vivacidade, e fortaleza se serve das esporas, vara, freio, e cabeção, dando com algum destes instrumentos no Cavallo, chamão a isto *Castigo*; e se o Cavallo desobedecer, e he preciso usar dos referidos meios para o remediar, forçosamente se ha de perceber de fóra.

Render a mão. A'quelle movimento, que se faz, abaixando, e adiantando a mão da redea para diante, se chama *Render a mão*, seja para deixar sahir o Cavallo para diante, seja para lhe alliviar o sentimento que lhe produz o freio na boca sobre os assentos, e a barbella sobre a barbada: advertindo que a mão esquerda he que se deve sempre entender por mão da redea; porque ainda que a mão direita tire, e trabalhe algumas vezes com a redea direita, com tudo, isto não he mais que hum remedio para ajudar, e facilitar o Cavallo, que duvída voltar, e dobrar-se para a parte direita, e quando o Cavallo péga mal no freio ao voltar, e tambem para obrigar aquelles, que puchão pela mão para a parte de fóra com excesso. Vale-se o Cavalleiro em taes casos dos soccorros da mão direita para obrigar o Cavallo a que volte para dentro; porém logo que elle obedece, e está flexivel, devem as redeas sómente ser trabalhadas pela mão esquerda.

Segurar-se as redeas. Quando o Cavalleiro tem pouco assento de sella, e por consequencia pouco equilibrio, e pouca firmeza, elle se vale ordinariamente de *segurar-se nas redeas*: neste caso dizemos, que o Cavalleiro *se péga á mão*, ou tem a *mão forte.* Este he o peior defeito que elle póde ter, pois com este máo costume ate-

atenua a ſenſibilidade da boca do Cavallo, coſtumão a deter-ſe, e ſe tiver a boca fina, a empinar-ſe, pondo-o no riſco de cahir para trás : incidente de que podem reſultar grandes fatalidades não ſó pelos vicios que diſto podem ſobrevir ao Cavallo, mas tambem pelas evidentes deſgraças, que podem acontecer ao Cavalleiro.

Tirar pela mão. Quando o Cavallo tem o defeito de extender vigoroſamente o focinho para ſima, ou para aquella parte, para onde elle eſtá mais facil, dizemos que *tira pela mão*: neſte caſo entéza a boca contra a mão do Cavalleiro, e iſto he muito máo, ou elle o faça por ignorante, ou por maligno, e reçabiado.

Ser rude á mão. Quando elle deſcança ſobre a embocadura do freio, ſem acudir ao governo que o Cavalleiro lhe quer dar por meio das ſenſações do freio, dizemos que *péza na mão.* Eſta qualidade de Cavallos não ſente as ſenſações da embocadura ſobre os aſſentos, ſenão quando ellas são impellidas de huma grande força.

Incerteza da boca. Quando o Cavallo tem eſte defeito, extende amiudadas vezes o focinho para diante; e ſentindo que a embocadura do freio lhe aſſenta ſobre os aſſentos, eſtranha a ſenſação, e torna com o focinho para trás, indo neſte ſucceſſivo movimento ſem apoio : em tal caſo dizemos que *bate no freio.* Eſte defeito he muito ordinario pela maior parte nos Cavallos, que não tem ainda governo algum, e muitos o fazem tambem por bravos, e inſoffridos: eſtes ſe diſtinguem daquelles, porque ſacodem muitas vezes o freio para hum, e outro lado, e dão cabeçadas.

Ter bom apoio. Ao ſentimento que reciprocamente produz a embocadura do freio por effeito das caimbas, e redeas na mão do Cavalleiro, e boca do Cavallo, chama-ſe *Apoio.* Cavallos ha, que não tem apoio algum, e em quanto eſtão neſte eſtado, não dão bom commodo a quem anda nelles. Outros tem apoio tão demaziado, que fatigão muito o braço ao Cavalleiro: os que não tem apoio, temem, como deixamos notado, a embocadura do freio, não querendo que ella lhe ſente ſobre os aſſentos, ou queixos ; e as ſuas defezas conſiſtem não ſó em tirar pela mão, e dar cabeçadas, mas tambem em ſe deſigualar nos ſeus movimentos, e não voltar facilmente, quando a mão os obriga. Ora os que tem muito apoio, deſcanção ſobre a mão, violentando com exceſſo o braço do Cavalleiro: elles ſim ſe igualão mais nos ſeus movimentos, do que os que temem a embocadura ; mas além de fatigarem o braço, elles são rudes á maior parte das ſenſações com que o Cavalleiro os quer obrigar.

Boa boca. Chama-ſe *Boa boca* á daquelle Cavallo, que ſegue ſem violencia os movimentos da mão, participados della pelas redeas, e caimbas á embocadura, obedecendo com ſuavidade, ligeireza, e firmeza ás ſenſações da mão do Cavalleiro, unindo-ſe brandamente á dita embocadura do freio, bem aſſim como huma mola, que obrigada de hum leve impulſo, ſe vai facilmente dobrando, e comprimindo.

Da parada. Parada, ou *Parar* ſignifica acabar a lição : ſendo que tambem ha paradas, e meias paradas, ſeguindo a meſma lição, do que em outros lugares tratarei. Tambem ſe entende por parada o intervallo que o Cavalleiro faz, parando o ſeu

ſeu Cavallo, para que tome folgo, e torne a repetir a lição. As paradas, e as meias paradas, ſeguindo a lição, ſervem communmente para obrigar o Cavallo a que ſe levante das eſpaduas, e a que tome apoio, e governo: e ellas tambem o obrigão muito a que traga firme a cabeça no ſeu proprio, e devido lugar.

União dos movimentos. Unir, e ajuſtar o Cavallo he fazello igualar os ſeus movimentos por meio da lição, dando-lhe nelles deſembaraço, e flexibilidade tal que o poſsão formar, e conſtituir perfeito naquelle ar, ou andar que lhe he proprio.

Cavallo obediente. Chama-ſe *Obediente* aquelle, que eſtá deſembaraçado, e igual nos ſeus movimentos, que eſtá facil, e bem plantado no chão; que ſegue todas as ſenſações da mão participadas pela embocadura, que obedece promptamente ás ajudas das barrigas das pernas do Cavalleiro, como tambem ás dos joelhos, calcanhares, e eſporas, fugindo ás impreſsões das ſuas ſenſações com deſembaraço, e obediencia, ſeja determinando o ſeu movimento ſobre linhas rectas para diante, ou para trás, ſeja obliquando para a direita, ou para a eſquerda, ſem ſe atraveſſar, ou deſconcertar na ſua acção.

Entortar no Terreno. Atraveſſar-ſe he metter a garupa demaziadamente para o centro, ou deitalla com o meſmo extremo para a circumferencia, ou para fóra, fazendo pouco caſo das ſenſações das mãos, e pernas do Cavalleiro, faltando á regularidade, que deve ſempre conſervar na determinação dos ſeus movimentos, ou elle trabalhe nos circulos, nos quadrados, ou por todo o comprimento da muralha, porque em todos os ares, e trabalhos deve o Cavallo determinar-ſe pelas ſenſações, que lhe faz o Cavalleiro, para ſer prompto, e ſe poſtar bem ſituado, e bem direito no chão.

Deter-ſe. Deter-ſe he a repugnancia que o Cavallo tem de andar para diante. Elle ſe detem, quando fica ſobre as linhas rectas para trás: quando ſe lança mais ſobre huma, que ſobre outra eſpadua: quando entra com a garupa demaziadamente para o centro, ou da meſma ſorte foge com ella para fóra, ſem obedecer ás diligencias, que o Cavalleiro emprega por meio das ſenſações das ſuas mãos, pernas, e corpo, a fim de que ande para diante. Eſta he a peior defeza que elle póde buſcar, para ſe fortalecer em todos os ſeus máos coſtumes, ou vicios: e já mais ſe poderá obrigar hum tal Cavallo a que obedeça, em quanto elle perſiſtir em ficar para trás.

Piaſer. Suſpender, ou *Piaſer* ſe chama a hum movimento que os Cavallos fazem ao paſſo, dobrando os ſeus braços altos, e com bom ar, ſem ſe atraveſſar, e tambem ſem avançar, nem recuar, determinando os ſeus movimentos com obediencia, e regularidade pelas ſenſações, ou ajudas das mãos, e pernas do Cavalleiro: advertindo tambem que póde ſuſpender, marchando para diante, recuſando, ou tirando atrás, e obliquando para huma, e outra parte.

Patear. Os Cavallos, que em lugar de ſuſter os ſeus braços altos, e as pernas na regular figura, que devem obſervar, quando ſuſpendem, antes ſim elles precipitão o ſeu movimento com acceleração, e ſem igualdade, ſe diz que *pateião.* Os que são muito colericos, e que tem muita vivacidade, são ſujeitos a eſte defeito. O meſmo ſuccede a alguns, por terem má lição; e a outros, porque já não podem.

Falcada. A' parada que o Cavallo faz, abaixando, rebatendo, e recolhendo ás pernas para baixo do feu corpo ao paffo, ao trote, ou ao galope, fe chama *Falcada.* Defta palavra fe fervia La Brove, quando queria dizer que o feu Cavallo havia ufado de huns movimentos curtos, unidos, e promptos para recolher as fuas pernas, e garupa bem para baixo do corpo.

Obliquar. Cruzar he aquelle movimento, que os Cavallos fazem em paffando a mão, e pé de dentro por fima, e por diante da mão, e pé de fóra, por effeito do movimento circular. Da mefma forte elles cruzão, quando trabalhão na lição da volta ao revés, ao paffo, e trote, paffando a fua mão, e pé de fóra por fima, e por diante da fua mão, e pé de dentro, como fe diz nos lugares a que pertencem eftas lições.

Fallar ao Cavallo. Todos fabem que he hum fom, que o Cavalleiro fórma com a fua lingua, unindo-a á parte fuperior da boca, retirando-fe de golpe, e abrindo hum pouco a boca, a ifto, como dizemos, fe chama *fallar ao Cavallo*: e ferve para o avivar no feu movimento, e trabalho, fazello attento ás ajudas, e caftigos, e tambem para o divertir, fe elle vai de má tenção. Devem os Cavalleiros fervir-fe defta falla as menos vezes que puder fer, pelo mal que foa a quem ouve; e tambem porque fe o Cavalleiro continuamente fallar ao Cavallo, elle pelo coftume, em que eftá de ouvir a falla a cada inftante, virá a fazer pouco cafo della. Não deve tambem fer efta falla muito forte, pois bafta fómente que o Cavallo a ouça.

Vara. Todos fabem que as varas são humas haftes delgadas de Marmelleiro, ou de alamos brancos, as quaes fervem para compoftura do Cavalleiro, e para lhe fazer adquirir hum movimento livre no braço, e mão direita, a que commummente fe chama *a mão da efpada*, e fervem tambem para ajudar, e caftigar o Cavallo. He ajuda quando o Cavalleiro a faz ciflar para avivar, e animar o Cavallo; e quando lhe tocão com ella fobre huma, ou fobre outra efpadua, ou tambem fobre a garupa, a fim de o obrigar a que fique direito no chão, e a que fe alargue della quando recua. He caftigo, quando o Cavalleiro lhe dá com ella fortemente fobre os braços, fobre as efpaduas, fobre o ventre, e fobre a garupa, e em cada huma deftas partes o caftigo da vara caufa effeitos differentes, como dizemos nos lugares, em que tratamos dos feus inconvenientes, e utilidades.

Dous são os melhores modos de tocar com a vara fobre a garupa: o primeiro he mais viftofo, e de melhor effeito. Elle fe faz, elevando o Cavalleiro o feu braço no cotovello á altura do hombro, tocando então por fima delle com a ponta da vara levemente fobre a garupa do Cavallo.

O fegundo modo de tocar com a vara fe faz, voltando-a na mão com a ponta para baixo, fahindo por entre o dedo minimo, e a palma por baixo do braço, para a ponta alcançar a tocar fobre a garupa: fe bem que ordinariamente os Cavallos não correfpondem a efta ajuda da vara por baixo do braço com tanta graça, como fendo applicada por fima do hombro.

Ora fendo o ufo da vara util, elle não ferve para os Cavallos deftinados para a guerra, porque elles não devem temer de fórma alguma os movimentos da mão da efpada, para os Cavalleiros nas acções das batalhas fe poderem fervir

bem

bem della: he porém preciſa a ajuda, e o caſtigo da vara para animar os Cavallos, que ſervem para os trabalhos da Eſcola, tanto eſtando montados, como entre os Pilões: ſeja para lhes fazer levantar as eſpaduas, endireitallas, e dobrar os braços, e joelhos, ſeja para lhes ajudar a marcar iguaes os tempos da garupa no galope, no terra a terra, e nos ares altos.

Nomes dos andares naturaes.

HA *Paſſo natural*, ha *Paſſo travado*, e ha hum movimento chamado *Andadura*, e outro quaſi ſemelhante a ella, chamado *Entrepaſſo traquinado.* Ha *Trote proprio*, ou *natural*, ha *Trote unido*, e ha *Trote avançado*: ha *Galope natural*, ha *Galope avançado*, ha *Galope diligente*, ha *Galope unido*, e ha *Galope relevado*, a que chamão *Meio ar*: ha finalmente nos ares perto da terra hum movimento ſemelhante ao galope muito viſtoſo, que ſe chama *Terra a terra.* Ha tambem a *Volta*, a *meia Volta*, a *meia Pirueta*, e a *Pirueta.*

Nomes dos movimentos artificiaes.

OS movimentos, ou ares artificiaes são a *Pouſada*, as *Paſſadas*, a *Curveta*, a *Garupada*, a *Balotada*, a *Cabriola*, e o *Paſſo*, e *Salto.*

O Paſſo, o Trote, e o Galope são os movimentos naturaes, com que a mão ſuprema do Creador diſpoz a eſtructura da máquina do corpo do Cavallo com huma diſpoſição admiravel, e eſtupenda para determinar os ſeus movimentos em ſerviço do homem, pois elles tem origem, ſem neceſſidade da Arte, na ſua propria natureza.

Os movimentos artificiaes são aquelles, que hum ſciente Cavalleiro ſabe formar aos Cavallos, que enſina para os aperfeiçoar nos differentes ares naturaes, e artificiaes, de que elles são capazes, e ſe devem praticar nas Academias bem reguladas.

Explicações da Eſtampa V.

OS inſtrumentos, que commummente ſervem nos Cavallos, são o *Freio*, e a *Sella* com os ſeus pertences, o *Cabeção ordinario*, o *Cabeção dos Pilões*, o *Filete*, o *Bridão*, as *Cabeçadas do freio*, *Cabeções*, e *Bridões*, com as redeas, que lhes correſpondem, as *Correas*, os *Antolhos*, e a *Rabeira*, como ſe vê nas figuras da Eſt. V., e nas da Eſt. IX., &c.

Ha Freios com differentes fórmas nas caimbas, nas embocaduras, e nas barbellas; e o ſeu preſtimo todo ſe encaminha a fazer governar os Cavallos, dandolhes apoio, e obediencia ás determinações das mãos do Cavalleiro para elles ſerem uteis no ſeu preſtimo para o manejo, para a caça, e para a guerra.

Já diſſe que couſa he guia, chambrié, e açoute, e qual o ſeu preſtimo: agora explicarei os nomes das mais figuras da Eſtampa V., e as partes de que ellas ſe compõem.

Do

Do Fiador.

A Fig. 1. chama-se *Fiador*: compõe-se de seis partes, a primeira he huma verga de ferro delgada, ou de latão, commummente dourada, e torcida, ou facetada, como letra C.

A segunda parte he huma Cabeçada simples, que se põe por sima da cabeçada do freio com huma só fivela, e passador, como letra D.

A terceira he huma Sugigola letra M.

A quarta he hum Passador, que faz apertar a sugigola por sima das redeas do freio, como letra O.

A quinta parte he o Tornel letra E; a argola menor, em que se afivela a correa de levar a mão, deve andar á roda no referido tornel, para não se retrocer a correa, ou cordão com as voltas que o Cavallo der.

A sexta he a Correa, ou cordões de levar a mão, que deve ter no fim huma prezilha, como letra A. Costuma-se usar dos fiadores para levar os Cavallos á mão, e para evitar que os moços lhes dem pancadas fortes com o cabeção sobre o focinho, e sobre a barbada.

Do Pilão do centro.

A Fig. 2. já disse que se chama *Pilão do centro.* Dos seus prestimos tratarei em diversas partes desta obra.

Do cabeção dos Pilões.

A Fig. 3. chama-se *Cabeção dos Pilões*: compõe-se de tres partes, a saber, Cabeçada, Cabeção, e Latigos.

A cabeçada compõe-se de dous couros fortes bem cozidos pelas extremidades hum no outro, e tem suas fivelas de ferro, que devem ser fortes, e assim a sugigola do Ezofago letra C, e a sugigola da barbada letra H.

A segunda he o ferro chamado *Do cabeção* letra B, o qual he huma chapa de ferro arqueada, em que haverá dous torneis, que tambem devem ser fortes, como se vê na letra O, e em cada hum sua argola para atar os Latigos: nas extremidades da referida chapa do cabeção faz dous ésses, como letra S, para segurar as argolas da cabeçada.

A terceira parte são dous Latigos de canhamo, e servem de prender nas argolas dos Pilões: costuma-se furar o ferro do cabeção para não magoar tanto ao Cavallo.

Do Bridão.

A Fig. 4. compõe-se de quatro partes, Embocadura, Hasteas, Cabeçada simples, e Redeas.

A primeira he a Embocadura ordinaria do Bridão: compõe-se de duas peças de ferro delgadas, e lizas, como se vê na letra I, unidas com seu annel no meio.

A segunda parte do Bridão são as Hasteas letra N, que se articulão com a embocadura huma de cada lado, para não sahir o bocado para fóra da boca do Potro.

A terceira he a Cabeçada letra M, que prende pelos guarda-faceiras nas argolas dos olhos do Bridão.

A quarta são as redeas do Bridão letra L.

Do Cabeção ordinario.

A Fig. 5. chama-se *Cabeção ordinario*: compõe-se de tres partes, a saber, o ferro letra A, cabeçada letra C, e as redeas ordinarias letra B.

A primeira parte he huma peça de ferro concava pela parte interior, e pela exterior convexa, e liza: as suas extremidades interiores chamão-se serras do cabeção, cujas serras são com dentes em huns cabeções mais, em outros menos agudos: os mais agudos servem para castigar os Cavallos menos sensiveis, os menos agudos para os Cavallos mais sensiveis. Tem o referido cabeção hum tornel de cada lado com sua argola, em que se afivelão as redeas ordinarias, ou por onde passão as correas de vencer, e outro tornel mais curto no meio com sua argola, em que se afivela a guia.

A segunda parte he a cabeçada letra C: compõe-se esta de duas correas chamadas *Guarda-faceiras do cabeção* letra N, que prendem nas argolas dos ésses do cabeção letra S, e de huma correa chamada *Sugigola da barbada*, que serve para ajustar o ferro do cabeção sobre as ventas do Cavallo. Tambem costumão alguns ter sugigola do Ezofago letra O, que se aperta na parte superior das queixadas, e serve para não deixar sahir a cabeçada da cabeça do Cavallo.

A terceira parte são as redeas ordinarias do cabeção letra B: costumão ter seis palmos de comprimento, e huma pollegada de largo: são tecidas de canhamo, e tem sua fivela, e passador, com que prendem nas argolas dos torneis dos lados do cabeção.

Dos Pilões.

A Fig. 6. chama-se *Pilão das extremidades do parapeito.* Nos lugares a que pertencem tratarei do seu feitio, lugar, e prestimo.

Do Açoute.

A Fig. 7. chama-se *Açoute.* Já fica dito o seu feitio, prestimo, e o modo de usar delle.

Do Freio.

A Fig. 8. chama-se *Freio*: compõe-se de cabeçada, freio, e redeas.

A cabeçada do freio consta de sinco partes, a saber, Cabeçada letra A, Testeira letra B, Sugigola letra C, Guardas-faceiras letra D, e Fucinheira letra E.

Tem as partes do freio 11 nomes, a saber, *Embocadura* letra M, *Guarda-faceira*, ou *Banqueta* letra P, *Gancho da barbella* letra O, *Barbella* letra S, *Arco do olho do freio* letra I, *Arco do guarda-faceira* letra G, *Gostadouro* letra V, *Caimbas* letra N, *Cadeias* letra X, *Torneis* letra Z, *Argolas das redeas* letra F.

As redeas do freio letra H devem ter de comprido seis até sete palmos, e huma pollegada de largo: devem ter fivelas nas pontas, e seus passadores para afive-

velar nas argolas dos torneis do freio letra F : devem tambem ter dous paſſadores , hum firme nas pontas letra L , e outro que corra para baixo , e para ſima letra Q.

Do Correão do Pilão.

A Fig. 9. chama-ſe *Correão do gancho do Pilão*: compõe-ſe de dous couros fortes bem cozidos hum no outro pelas extremidades : tem huma fivela forte, que aperta nas cavidades do Pilão do centro para os uſos , que direi nos ſeus reſpectivos lugares.

Do Gancho do Correão.

A Fig. 10. chama-ſe *Gancho do Correão* do Pilão : compõe-ſe de duas peças , a ſaber, hum tornel com ſua chapa, que entra dentro do correão, em que eſtá bem ſeguro. Tambem póde o tornel ſer apertado com hum parafuſo , e porca por dentro do correão, e hum gancho Fig. 10. pendente do tornel, em que muitas vezes ſe prende, ou deſcança a guia.

Da Guia.

A Fig. 11. chamada *Guia.* Já diſſemos a ſua formalidade , e explicámos o ſeu preſtimo em diverſas partes.

Da Rabeira.

A Fig. 12. chama-ſe *Rabeira das Cabriolas* : eſte he de marroquim á maneira de hum cano redondo letra O com ſinco , ou ſeis agulhetas de cada lado letra A: tem na ultima hum cordão, que ſe enleia pelas agulhetas para apertar a rabeira. Na parte ſuperior letra O tem huma correa , que afivela no chouriço do rabicho ; e na inferior letra O tem outra correa , que paſſando por entre as pernas do Cavallo, vai afivelar por baixo da barriga no paſſador das cilhas.

Do Chambrié.

A Fig. 13. chama-ſe *Chambrié.* Do ſeu feitio, e uſo já tratámos.

Das Çapatilhas.

A Fig. 14. chama-ſe *Çapatilhas* : coſtumão ſer de couro com tres fivelas , cujo couro cobre a quartela do travadouro do jarrete : as fivelas ſe ajuſtão com as pontas , de modo que o couro não ſe tire daquelle lugar em que o puzerão, e o Cavallo ande á ſua vontade : ſervem as referidas çapatilhas para defender as quartelas dos eſtrepes, quando correm pelo mato.

Do Peitoral do mato.

A Fig. 15. chama-ſe *Peitoral do mato*: he hum couro, que cobre o peito do Cavallo do lugar do Ezofago até aos joelhos; e pelas duas fivelas, que ſe moſtrão em hum, e outro lado, e duas correas, vão afivelar na ſella as fivelas do peitoral, ficando todo o referido couro ſolto pelos lados para não embaraçar os movimentos das eſpaduas, e braços ao animal. Serve tambem para correr no mato, e o Cavallo trazer o peito mais defendido.

Do Páo de eſpora.

A Fig. 16. chama-ſe *Páo de eſpora.* Do ſeu preſtimo ſe trata em alguns lugares deſta Obra.

Das Mangas.

A Fig. 17. chama-ſe *Manga* : he hum couro , que alcança em roda o braço do Cavallo : tem duas correas na parte alta , que vão afivelar na fivela do Peitoral ; e as quatro pontas que ſe moſtrão , deſcendo pela manga abaixo , afivelão nas fivelas, que lhes correſpondem, não muito apertadas, para o animal poder mover o braço. No meio tem a manga hum buraco, a que chamão *Joelheira*, aonde ſe articula o joelho , cujo buraco ſerve para a manga deixar dobrar o braço , e tem hum pedaço de couro letra O ſómente pegado á manga na parte ſuperior para evitar que o Cavallo alcance alguns eſtrepes. As quartelas das mãos tambem ſe cobrem com outras çapatilhas (ſemelhantes ás que já diſſemos), que ſervem nos pés. Iſto ſuppoſto, paſſaremos a moſtrar os nomes, e preſtimos das Figuras da Eſt. IX.

ESTAMPA IX.

Explicações das Embocaduras, e Caimbas.

A Fig. 1. chama-ſe *Caimba de affirmar* : a ſua embocadura conſta de dous canhões inteiros, e firmes nos varões letra A: advertindo que *Varão* ſe chama áquelle ferro, que atraveſſa a embocadura da banqueta á caimba, que póde ſer movel.

A Fig. 2., a Fig. 3., e a Fig. 4. chamão-ſe *Caimbas de volta*: as partes de que ellas ſe compõem , tem os meſmos nomes , que já diſſe que tem as caimbas da Fig. 8. Eſt. V.; mas no ſeu preſtimo tem algumas differenças das caimbas de affirmar, como digo nos lugares a que pertencem os ſeus uſos.

A Fig. 5. chama-ſe *Embocadura de canhões* letra E; e a volta com que ſe unem os canhões, chama-ſe *Meia montada* letra O, póde ſer maior, e menor.

A Fig. 6. chama-ſe *Embocadura da eſcarcha*: he hum canhão com alguns riſcos, ou meias canas ao comprido , como ſe vê na letra C : póde ſer direita , como o canhão da Fig. 2., e ſer de meia montada, como ſe moſtra na Fig. 6. letra O.

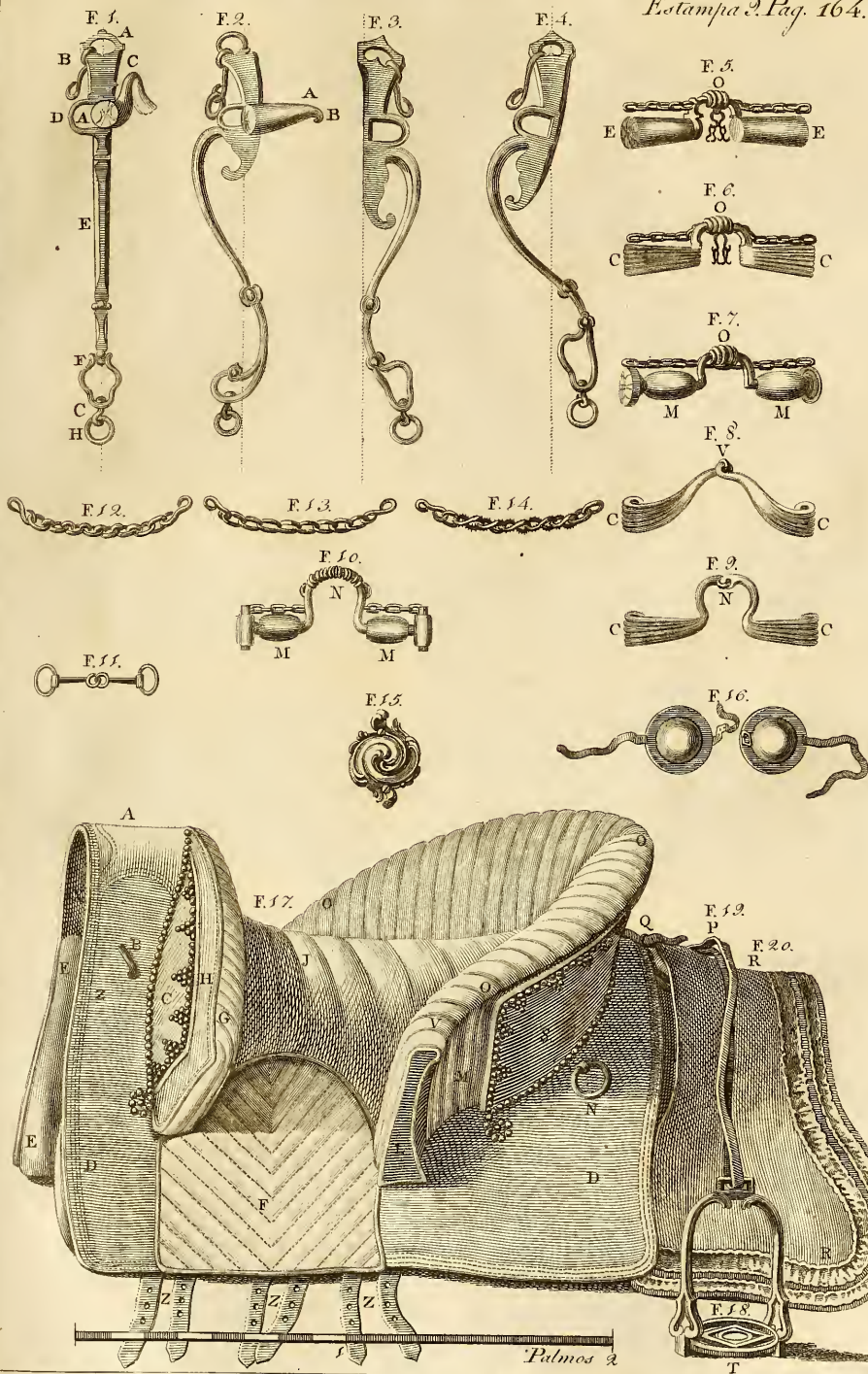
A Fig. 7. chama-ſe *Embocadura de malões* letra M , e póde ter meia montada, como ſe vê na letra O, ou ſer direita.

A Fig. 8. chama-ſe *Embocadura de ponta de cabra*: póde ſer de eſcarcha, como ſe moſtra na letra C, e póde ſer toda liza para ſer mais branda; as duas partes da embocadura ſe unem com dous éſſes na letra V.

A Fig. 9. chama-ſe *Embocadura de eſcarcha* letra C; e a volta que ha no fim dos cubos chama-ſe *Montada de peſcoço de ganço*, que tambem ſe une por éſſes na letra N.

A Fig. 10. chama-ſe *Embocadura de malões* letra M com montada letra N, que póde ſer firme , e póde unir de annel os anneis que tem na parte ſuperior da montada, e das meias montadas: devem mover-ſe á roda, e da meſma ſorte os malões, ſejão eſtes maiores, ou menores.

Do

Silva delin. *Frois sculp.*

Do Fiel.

A Fig. 11. chama-se vulgarmente *Bridão*; mas os Freeiros lhe chamão *Fiel* por servir juntamente com o freio, e poder supprir na falta delle.

Das Barbellas.

A Fig. 12. chama-se *Barbella de ésses*: sendo estes redondos, e lizos, depois de encadeados, fórmão tres faces: estas barbellas sendo grossas não magoão muito a barbada.

A Fig. 13. chama-se *Barbella de anneis*: compõe-se dos referidos anneis fundidos de maneira, que ficão intrusos huns nos outros; sendo delgada, he aspera; e sendo grossa, não tem prestimo.

A Fig. 14. chama-se *Barbella de sarrilha*: compõe-se de ésses quadrados com certas cortaduras de lima, que lhe fazem pela parte de dentro, como continuação de bicos: he forte, e magôa a barbada muito.

Dos Copos.

A Fig. 15. chama-se *Copo dos olhos do freio*: huns se fazem de latão dourado, outros de latão prateado: servem para ornar os olhos da embocadura do freio prezos com dous parafusos na banqüeta, e na caimba.

Dos Antolhos.

A Fig. 16. chama-se *Antolhos*: serve de cubrir os olhos dos Cavallos. Tem duas cavidades para não sentar nos olhos, e magoallos: tem hum delles huma ponta de correa, e outro huma fivela para os apertar, ou alargar á proporção da maior, ou menor largura da testa do Cavallo; e finalmente as outras duas correas mais compridas servem para os atar por baixo das queixadas.

Da Sella, e suas explicações.

A Fig. 17. denominada *Sella* compõe-se de differentes partes unidas, que tem diversos nomes, posto que todos se encaminhão ao fim de preparar huma boa commodidade para o homem andar á sua vontade sobre o Cavallo.

Nós chamaremos no decurso de toda a Obra *Cepilho da Sella* ao lugar da letra A, posto que os selleiros lhe chamem *Bochecha*, pois elles só dão o nome de cepilho áquella pinha, ou maçaneta, que costumão ter as sellas dos boleeiros, ou cocheiros das carruagens, por lhes ficar mais facil nas mudas para passar os estribos de huma para outra sella, sem a necessidade de os pôr á medida da perna em cada muda.

A prezilha, que está no lugar da letra B, chama-se *Garupa da Sella.* Letra C *Espelho.* H *Vaso dianteiro.* G de hum, e outro lado *Arções.* D *Roupas da Sella.* F *Entre-pernas.* L *Fundilho.* M *Contraburraina.* N *Argola das garupas.* O *Golilha.* V *Arsoeira.* S *Caixa da Sella.* Q *Chapa da almofadinha do rabicho.* E *Suadouros.* X *Alfaque.* As correias da letra Z *Pontas da Sella.*

De-

Debaixo das roupas da ſella no lugar da letra Z ha huma fivela forte de cada lado, que ſe chamão *Fivelas do peitoral.*

Debaixo da roupa da caixa da ſella Letra D ha huma prizão de cada lado, a que chamão *Porte eſtribo*, em que ſe coſtumão pendurar os eſtribos, para não baterem nos codilhos dos braços dos Cavallos.

Tem as ſellas algumas partes interiores de que não tratamos, porque todos os ſelleiros as ſabem; e para os Picadores ſe ſaberem explicar, quando mandarem fazer, ou concertar ſellas, baſta ſaberem os nomes de que fizemos menção.

Tambem não trataremos dos ſellins, e das ſellas de correr a poſta das meias ſellas á Ingleza, e Franceza, pois ſó as ſellas Alemans ſervem bem para o manejo da Picaria, para a caça, e para a guerra.

As cilhas coſtumão ter duas pontas de cada lado com ſuas fivelas fortes, que afivelão nas pontas da ſella letra Z para a ajuſtar, e apertar ao corpo do Cavallo.

A cilha meſtra deve ſer de canhamo bem tecida, e forte com huma fivela de ferro de huma parte, e da outra huma ponta de couro forte, que paſſando por entre as chapas do coxim, aperta, e ſegura bem a ſella.

Dos Eſtribos.

OS eſtribos Fig. 18. letra F já deixamos dito como devem ſer conſtruidos.

Dos Loros.

OS loros Fig. 19. letra P são humas correas, que ſuſtentão os eſtribos: tem cada huma na ponta interior huma fivela, e na exterior alguns furos: eſta correa, ou cada loro vai paſſar por huma fivela, que eſtá ſegura na chapa do coxim, ou por huma prezilha, que ha nas chapas delle, com huma corrediça tambem de ferro, para o loro correr bem quando ſobe, ou deſce.

Do Chairel.

A Fig. 20. letra R chama-ſe *Chairel*: ſerve para ornar parte da ſella, quadrís, e ilhaes ao Cavallo, e para evitar que o Cavalleiro çuje a caſaca no ſuor do Cavallo, ou alguma couſa que ponha á garupa.

Do Rabicho.

O Rabicho, ainda que ſe não moſtra a ſua figura, todos ſabem qual he o ſeu feitio: e o ſeu preſtimo he não deixar correr a ſella muito para diante.

Do modo de enfrear os Cavallos.

HA diverſas fórmas de freios, e embocaduras; mas não trataremos de todas, porque as de que fazemos menção na Eſt. V., e na Eſt. IX. baſtão para enfrear muitas, e diverſas bocas dos Cavallos, &c.

Os Potros devem ſer trabalhados nos ſeus principios com hum ſimples bridão,

dão, como se mostra na Est. V. Fig. 4., porque o Potro não tem força para soffrer hum freio pezado, e forte; pois ainda que a boca seja das daquella qualidade que vem a ser duras, todos os Potros tem os assentos sensiveis ao principio; e sendo o freio forte, elles obrigados da dor andão tristes, e com repugnancia, e fazem géstos desagradaveis, commettendo varias desordens, como tambem alguns ficão com máos costumes para sempre.

Estando o Potro manso ao bridão, e cabeção, deve-se-lhe pôr hum freio macio, que a mão do Cavalleiro deve reger sempre com força moderada, rendendolhe muitas vezes o freio, maiormente quando o Cavallo se apaixonar, ou se mover com muita celeridade.

A embocadura do freio deve sempre não ser larga, nem apertada, mas sim á medida da boca do Cavallo.

Da qualidade de freios, que servem aos Cavallos, que tem a boca sensivel.

PAra os Cavallos muito sensiveis da boca he bom o freio de affirmar Est. V. Fig. 8., sendo leve, e de cubos grossos, e ocos, prezos no meio com ésses, e seu gostadouro. A barbella deve ser de ésses lisa, como se vê na Est. IX. Fig. 12.

Dos freios, que servem aos Cavallos, que tem a boca grossa.

AOs que são rudes, e tem a boca grossa, e que por isso descanção sobre a mão, serve a embocadura de malões com montada, ésses móveis, e gostadouro, como se vê na Fig. 10. da Est. IX. os malões Letra M: devem ser móveis os ésses letra N, e da mesma sorte tambem o gostadouro, &c. A barbella póde ser delgada, como se vê na Fig. 13., ou da serrilha, como se vê na Fig. 14. Est. IX.

Do freio, que serve para os Cavallos, que tem o pescoço mal formado.

O Cavallo, que tiver o pescoço grosso, e curto, ou carnoso, as agulhas da queixada inferior juntas huma da outra, sendo sensivel dos assentos, e não puder situar bem a cabeça pelos referidos embaraços, será boa para o trabalhar a caimba da Fig. 2. Est. IX., e o bocado, como se vê na Fig. 8., ou na Fig. 10., sendo o comprimento da caimba, e a largura da embocadura proporcionado á mais, ou menos avantajada disposição do Cavallo.

Do freio para os que tem a cabeça grande, e os assentos mais grossos.

PAra os Cavallos, que tiverem a cabeça grande, os assentos carnosos, e por isso forem pouco sensiveis, será boa a caimba de volta, como se vê na Fig. 3. Est. IX., e a embocadura N. 9. com huma barbella de ésses quadrados, ou de serrilha: a escarcha póde ser mais, ou menos forte, e assim a altura da montada conforme o Cavallo o precisar, e tambem o comprimento da caimba deve guardar a mesma proporção.

Do freio que serve para os Cavallos, que se encapotão.

OS Cavallos, que tiverem o pescoço arqueado, isto he, que pelo alto da crina tiverem muito mais comprimento, que pela parte do Ezofago, e por isso se encapotão, ou trazem a barba muito junto ao peito, e a embocadura fica sem prestimo, logo que as caimbas topão no Ezofago, ou peito, em tal caso servirá a caimba, como se vê na Fig. 4. Est. IX.; porque quanto mais o tornel da caimba passar adiante da linha perpendicular tirada do olho para baixo, tanto mais obrigará o Cavallo a obedecer a embocadura; e se elle tiver a boca sensivel, bastará para bem o governar outra embocadura, como se vê na Fig. 5. da Est. IX.

Do freio para os Cavallos, que levantão muito a cabeça.

SE o Cavallo se despapar, levantando muito a cabeça, pelo contrario deve o tornel da caimba, á proporção do que elle alevanta para sima, andar para trás da linha perpendicular; e em tal caso póde servir a caimba da Fig. 3. com embocadura, e montada, como se vê na Fig. 6. letra O: esta póde ser maior, ou menor, como tambem a escarcha, que mostrão a letra C. sendo mais, ou menos vivos, ou lizos os dous canhões, pois a aspereza da embocadura deve regular-se pela sensibilidade da boca do Cavallo, e assim o comprimento, e pezo das caimbas.

Do freio, que serve para o Cavallo, que entizoura os queixos.

SE o Cavallo tiver boa sensibilidade na boca, e barbada, e por lhe custar soffrer o freio, e barbella entortar o queixo repetidas vezes para huma, e outra parte, em tal caso póde a caimba ser de affirmar, e a embocadura de cubos lizos, grossos, ocos, e firmes no varão, como se vê na Fig. 1. da Est. IX., ou tambem ser a embocadura inteiriça (tenha ella montada, ou seja de escarcha, ou de outra qualquer maneira) com a barbella de ésses lizos, e grossos, como se vê na Fig. 12.

Do freio, que ferve para os Cavallos, que forvem os beiços.

SE o Cavallo tem os beiços groffos, e a carne delles fobrepõem fobre o affento do queixo, em tal cafo a caimba deve fer proporcionada ao feu modo de pôr a cabeça, e a embocadura direita, como fe vê na Fig. 9. Eft. IX.: advertindo que póde fer de pefcoço de ganço, fe o Cavallo paffar a lingua por fima, ou apertar os queixos, quando fentir fobre os affentos a fenfação da embocadura, &c. porém fe elle foffrer bem a embocadura, póde não ter montada, e fer unida com annel, pois todos eftes recurfos fervem, bem applicados por hum Cavalleiro prudente, para remediar em parte alguns defeitos defta qualidade.

Se o Cavallo tiver a lingua muito groffa, a montada da embocadura deve fer á medida da lingua, de maneira que a embocadura affente bem fobre os affentos, ou queixos, feja a referida embocadura, como fe vê na Fig. 8. Eft. IX., feja a montada, como fe vê na Fig. 10., ou tambem feja mais afpera, ou mais branda, &c.

Dos freios para os Cavallos, que tem a boca muito rafgada.

OS Cavallos, que tem a boca muito rafgada, commummente a abrem muito, recolhem o freio para fima, e fica a embocadura governando mal. Efte defeito he cuftofo de remediar, e nefte cafo he bom fer a banqueta comprida, a embocadura direita, feja de efcarcha, ou liza, os éffes da barbella lizos, groffos, e curtos, os ganchos, que fegurão a dita barbella compridos, os olhos do *guarda-faceira* letra G pequenos, de modo que a correa das *guarda-faceiras* não fe andem movendo nelles: eftas prevenções, e a boa mão do Cavalleiro muitas vezes remedeão bem eftes defeitos.

Dos freios para os Cavallos, que tem a boca pouco rafgada.

OS Cavallos, que tem a boca demaziadamente pequena, commummente precisão de embocadura propria para a largura della, e de malões compridos, como fe vê na Fig. 7. Eft. IX.; e fe a boca he fenfivel, huma embocadura de cubos, ou de canhões lhes bafta: advertindo que ella affente fobre os affentos com igualdade, e que as caimbas fejão compridas á proporção da volta do pefcoço, &c.

Os freios, por macios que fejão, fempre moleftão; e os Cavallos para fe livrarem da fua oppresfão, huns fe valem de metter os beiços por entre os queixos, e a embocadura, e outros a lingua: a muitos Cavallos a embocadura não faz o melhor effeito por afpera, mas fim por affentar bem nos queixos, fendo a banqueta Eft. V. letra P comprida, ou tambem curta, de forte que a embocadura fique junta ao lugar do colmilho, pois he efta a parte que o Cavallo não póde occupar tanto com os beiços, e com a lingua.

Finalmente as caimbas de toda a forte de freios devem fer no feu compri-

mento proporcionadas a remediar as difficuldades dos Cavallos, &c. e assim as embocaduras, de que damos estas breves noções: o prudente Cavalleiro as regulará com estas, ou mais circumstancias, conforme o Cavallo o precisar.

Dos sentidos naturaes dos Cavallos.

A Alma do Cavallo (segundo o systema de alguns Filosofos) consiste nos espiritos animaes, que diffundidos pelos membros de todo o corpo, os anima, e os governa, sendo estes espiritos animaes aquelle sangue mais espirituoso, e subtil, que discorrendo por toda a máquina, se communica ao cerebro: e a estes espiritos se fazem presentes todos os movimentos externos, chamados commummente sensações. Os Cavallos (bem como os mais reptís) participão do dote dos sinco sentidos naturaes, o que passamos a explicar.

Do sentido de Ver.

O Sentido de *Ver* consiste em huma certa impressão, que se faz no orgão proprio deste sentido com a actividade, e força precisa para nelle se excitar a sensação, e a impressão daquelle objecto, que se apresenta á vista.

Dos objectos emanão raios de luz, que entrando pelos olhos, isto he, pelo meio das pupillas, e tocando os orgãos, ou eixos opticos, por elles se communicão do meio da retina pelo centro da pupilla até ao objecto, que está presente á vista: e por esta fórma se faz a pintura dos objectos nos centros das retinas.

Hum objecto ficando em hum lugar correspondente a ambas as retinas, representa-se sómente hum; e quando se pintão os objectos em lugares differentes, ha nas retinas diversidade, tanto na multiplicidade, como nas circumstancias, e qualidades dos objectos.

Do sentido de Ouvir.

A Sensação dos *Ouvidos* he tambem huma certa impressão do estampido, ou rumor, que faz vibrar o ar, em que consiste, e se fórma o som que se communica aos orgãos, e membrana espiral dentro dos ouvidos.

Do sentido do Olfacto.

O Sentido do *Cheiro*, ou *Olfacto* se excita pelo ar, que infartado de differentes effluvios, toca os nervos, e membranas, que ha nas partes interiores das ventas.

Do sentido do Tacto.

O Sentido do *Tacto* de todas as partes externas dos corpos dos Cavallos tem huma sensação simplesmente material, pela qual se fazem presentes ao cerebro dos Cavallos os toques externos, que se imprimem nas máquinas dos seus corpos,

pos, e por efta maneira fe lhes fazem prefentes as fenfações, que fórmão o toque da vara, das pernas, e das efporas, ou de outro qualquer inftrumento. Seja pois qual for a alma dos Cavallos, todas as imprefsões exteriores, que fe fizerem por toda a cutis do feu corpo, e a fua fenfação, lhe hão de fer neceffariamente prefentes aos fentidos.

De todos os mufculos fe encaminhão nervos ao cerebro (como dizemos em outro lugar), por onde fe movem os efpiritos animaes; e pela imprefsão que fobre elles fentem, fe verifica a maior, ou menor fenfibilidade, e fentimento que os Cavallos experimentão: o que fe dá bem a conhecer em muitas acções, e géftos, que os mefmos nos patenteão, fegundo a fortaleza dos eftimulos, de que são dotados, fendo inconteftavel que todos, ou á maior parte dos conhecimentos, que os Cavallos adquirem, lhes são communicados pelos fentidos externos, e todas as determinações dos feus movimentos são originadas das imprefsões, que fe fazem nos fentidos exteriores. Logo pelos paniculos nervofos, que fe diffundem por toda a região da cutis, fe communicão ao cerebro todos os efpiritos animaes. O Cavallo vê a primeira vez o homem, que o affaga; e para o perceber, ha de fazer efte affago imprefsão nos fentidos exteriores, e por elles communicar-fe ao cerebro, cuja imprefsão adquire pela continuação de ver quem o affaga, e o trata.

Ha no cerebro huma fubftancia (como diffe no Livro II.), que fe communica pela medulla efpinhal a todos os nervos, e por elles a ella, e ao cerebro fe conduzem, e communicão os veftigios, e imprefsões, que fez a vifta do homem; e o affago, ou o caftigo de forte fe imprimem no cerebro, que tornando o Cavallo a ver aquelle, que o trata, e o affaga, fe lhe excitão as imprefsões do caftigo, ou do affago que fe lhe tem feito; porque eftas efpecies fazendo novamente aquelle effeito, que experimentou a primeira vez que as ouvio, vio, e fentio, fe excitão de novo no cerebro, onde confervão hum tal depofito, pelo qual fe póde dizer, que hum Cavallo tambem tem, e conferva fua memoria; pois que nós obfervamos nelle, á vifta de quem lhe caufa, ou o affago com final de agrado, ou o odio com o caftigo, humas vivas emoções já de alegria, ou já de fufto, e eftremecimento.

As operações maravilhofas de toda a máquina do feu corpo nafcem da fua admiravel difpofição de orgãos, e por iffo tanto mais he pafmofa a delicadeza, e a ordem nelles diftribuida pela fábia mão do feu Author. E ainda que em tal genero de animaes fe admitta (affim como em outros) memoria, e fagacidade, provenientes do conhecimento de huma alma material, ou da imprefsão dos acontecimentos, que fe communicão ao cerebro (que he quafi o mefmo que a alma), com tudo as fuas acções são limitadas, e com difficuldade elles produzirão coufa, ou acção, que feja além do feu genero.

Que as fenfações, que fe fazem nas partes externas, ou nos ramos delicadifsimos dos nervos exteriores dos corpos dos Cavallos, fe diffundem por toda a máquina, e lhes communicão huma imprefsão, ou conhecimento da fenfação de effeitos correfpondentes; nós o percebemos pelos fignaes que obfervamos, como já fica moftrado: devemos porém advertir, que entre os finco fentidos, de que são dota-

dos os Cavallos, o da vista, ouvida, e tacto são aquelles, pelos quaes os Cavalleiros lhes podem fazer perceber mais facilmente o modo, com que pertendem a determinação dos seus movimentos, e acções, e por elles juntamente applicar-lhes os castigos, e meios proprios para o conhecimento das manobras, que delles possão exigir.

Ensina-se o Cavallo pelo sentido da vista, porque as impressões da alma, por ser simplesmente material, dependem de que o costumem a soffrer animoso, e socegado os movimentos, e impressões, que se apresentão aos seus olhos, quando lhe fazem ver, e conhecer aquellas cousas, que promovem o seu temor.

Se elle se assusta, duvída do conhecimento daquelles objectos, que elle vê, ou se representão á sua vista; porque o ver inclue duas cousas, movimento dos orgãos da vista, e impressão do cerebro: as retinas dos olhos são formadas de humas fibras delicadissimas, que se diffundem do nervo optico, o qual tem no cerebro, como os outros, a sua origem com a sua propriedade. Por entre estas fibras estão os espiritos animaes; e quando se faz a impressão nas fibras, por ellas, e pelos referidos espiritos se communicão ao cerebro.

Não ha animal com tanto presentimento daquelles objectos, que não costuma ver, como o Cavallo. Por isso pois deve o Cavalleiro com paciencia fazer conhecer ao seu Cavallo tudo o que lhe faz temor, ou este seja produzido delle ter pouco conhecimento, e costume de andar na rua, e campo; ou porque padeça algum defeito na vista, que lhe representa as cousas muito differentes do que são. Por isto deve armar-se de paciencia para conduzir o Cavallo ao conhecimento dos objectos, que lhe suscitão a dita desconfiança, ou receio originado, já por falta de vista, que não deixa de ser enfermidade, ou já por causa do concebido temor, que em taes casos he defeito natural, que se remedea alguma cousa com as diligencias ponderadas.

Ensina-se o Cavallo a ouvir, ou a conhecer; ouvindo, não só fazendo-lhe perceber os sons com que se lhes falla, e os estalos, e écos, que se fórmão; porém costumando-o tambem ao estrepito das armas, ao estrondo da artilheria, e mosqueteria, tambores, timbales, trombetas, clarins, e mais instrumentos béllicos, ou acções, e movimentos marciaes, e guerreiros.

Mostra-se em que consiste o sentido de Ouvir.

Consiste pois o sentido de ouvir na percepção da alma, dependente da impressão, que se faz em toda a construcção do ouvido. Consta este de orelha, timpano, e labyrintho. As orelhas são duas membranas largas, e concavas pelos lados, as quaes tem a sua existencia local na parte superior da cabeça Est. III. N. 19., donde se dirigem dous canaes, que vão até ao timpano. He este huma concavidade cuberta com huma pelle delicada, que pela parte mais interior se communica ao labyrintho, o qual consta de hum vestibulo de osso á maneira de caracol, todo em roda cheio de cartilagens de osso muito delicadas: a pelle do timpano está firme sobre quatro pontos, que se unem ao labyrintho. Por dentro deste conducto vai

o nervo auditorio, eſpalhando-ſe em miudiſſimas fibras por todo o labyrintho até á boca da tuba, em que ſe firma a pelle do timpano.

As membranas exteriores, por que recebem grande quantidade de particulas do eſtampido, ou ſom, que faz vibrar o ar, e eſtas ſe juntão ao canal auditorio, fórmão hum ſom mais forte, e por iſſo capaz de ſer pelo Cavallo ſentido.

Alguns Cavalleiros fazem conſervar o pello, que naſce dentro das orelhas dos Cavallos, para as particulas do ar, e o ſom fazer menos impreſsão nas orelhas, e o Cavallo ouvir menos. Outros porém lho mandão cortar, a fim de que o Cavallo ouça melhor. E he ſem dúvida que ſe elle não tiveſſe as referidas membranas, ſentiria huma conſideravel diminuição no ſentido de ouvir, por iſſo os nervos do ſetimo par dão movimento ás orelhas do Cavallo; e nós vemos que elle, quando pertende ouvir, não ſó volta para a parte, em que ſe faz o eſtrondo, mas ficta as referidas membranas com as cavidades bem abertas para a parte, em que ſe fórma o ſom.

Logo que o eſtampido, ou o ſom ſe introduz pela membrana exterior, chega ao timpano, faz tremer a membrana, que eſtá preza a elle, e pelo movimento da membrana ſe communica o ſom, que vai ferindo o ar, e as fibras do timpano ao labyrintho. Neſte ha huma membrana chamada *Eſpiral*, á qual ſe unem ramos do nervo auditorio, por quem ſe communicão do timpano, do veſtibulo, e do labyrinto á membrana eſpiral, e ao cerebro, e aſſim rebenta o ar dentro nos ouvidos com huma velocidade indizivel para o ſom ſer perceptivel, não obſtante a diſtancia, e muitos embaraços, que póde haver para ſe deixar perceber no cerebro.

A eſta admiravel fábrica dos ouvidos são muitas vezes extranhas as diverſas ondulações, que fazem vibrar, e mover o ar que ſe communica aos ouvidos do Cavallo, e por iſſo ſe eſpanta, e atemoriza. Por eſte motivo deve o Cavalleiro ir pouco a pouco coſtumando-o a ſoffrer toda a qualidade de ſom, que lhe he extranho, e a ſer obediente á falla, ao ciflar da vara, e algumas vezes a hum brando ſom de voz, de que o homem uſa para affagallo, ou de hum tom aſpero, e forte, de que ſe vale para intimidallo, quando elle duvidoſo, ou furioſo ſe defende.

Moſtra-ſe o modo, por que ſe communica o Tacto ás partes nervoſas da cutis.

POr todo o corpo do Cavallo ſe extendem duas membranas eſpermaticas, vulgarmente chamadas *Pelle*, huma exterior, outra interior: a exterior chama-ſe *Cutis*, e a interior *Cuticula*. Por entre huma, e outra eſtá intertecida huma rede poroſa, cheia de miudiſſimos buracos, que dão paſſagem aos cabellos, ou pellos, de que ſe reveſte toda a membrana externa, ou pelle que lhe cobre o corpo. Os cabellos, ou pello tem a ſua raiz na Cuticula, e os poros da rede Cutanea lhes dão paſſagem tambem, e á ſubſtancia de que elles são nutridos. As extremidades das fibras nerveas, de que em muita parte he compoſta a cutis, ſahem por eſtes poros até á extremidade externa da referida cutis: além diſto os poros, por onde tranſpira o ſuor da cuticula, vem pelos poros deſta rede cutanea á cutis externa.

A

A rede porosa, que medeia entre a cutis, e a cuticula, he pelo temperamento do animal origem da diversidade de cores, que ha nos Cavallos, porque ellas se produzem daquelle humor, que mais domina nestes animaes, como se póde experimentar; porque abrindo a pelle de hum Cavallo, achar-se-ha que ella se compõe das duas membranas, e rede porosa que temos dito; e bem averiguada a rede porosa, ella he conforme á cor do Cavallo, sendo a cutis, e a cuticula brancas, ainda que esta segunda o he mais que a primeira.

O orgão do tacto, em que os Cavallos sentem a impressão dos corpos exteriores, he a extremidade das fibras nerveas, que traspassão a rede porosa, e penetrão até á superficie externa, porque todas as sensações se fazem nas extremidades nerveas, e pelos nervos se communica a sensação ao cerebro, tanto as que são asperas, como macias, como tambem o calor, e o frio, &c.

Nos lugares, em que a pelle do Cavallo he menos grossa, são as fibras mais juntas, e escarnadas, e por consequencia tem nestas partes o tacto mais delicado, e vivo: pelo contrario nos lugares, em que a pelle he mais grossa, já por ser o pello mais forte, e grosso, já por estar a pelle calejada do trabalho, tem o Cavallo menos sensibilidade: e bem se vê que em tocando na cutis destes animaes hum corpo brando, delicado, e lizo, elles não mostrão tanta sensibilidade, como quando a sua cutis he molestada por hum corpo duro, como a espora, ou outro semelhante, que o fere com huma sensação ingrata.

O sentido do Tacto he sem dúvida o mais preciso para render os Cavallos obedientes, e por meio delle he que se lhes communica melhor a promptidão, a facilidade, o desembaraço, e o prestimo em todos os seus movimentos, assim naturaes, como artificiaes: por meio delle se ensina a obedecer aos mais leves movimentos das mãos, e pernas do Cavalleiro: por elle se dá sensibilidade na boca, e ventre ao Cavallo, ainda quando elle he dotado de hum mediano tacto; e se o Cavalleiro fizer bom uso das ajudas, e castigos, o Cavallo se fará no seu tacto mais sensivel. Finalmente por este sentido do tacto se fazem as mais delicadas sensações aos Cavallos, a quem a natureza formou mais fortes, promptos, e flexiveis: para estes são bons os soccorros delicados da mão do Cavalleiro, da falla, do ciflar da vara, do movimento dos joelhos, das barrigas das pernas, do contrapezar sobre os estribos, e de tocar com os calcanhares, e puas das esporas subtilmente o ventre do Cavallo, sem penetrar-lhe a cutis.

Os Cavalleiros infallivelmente se devem servir das ajudas, e castigos, de que temos tratado, para prevenir, e evitar com as ajudas as faltas, em que os Cavallos incorrem por ignorantes; e dos castigos, para reduzir os que são teimosos, e querem ostentar o seu capricho. Isto supposto, passo a mostrar como se fórma a lição do passo.

Silva delin.   Frois sculp.

Lição do Paſſo natural, e origem deſte movimento.

HE o Paſſo hum andar natural: nelle os movimentos são menos elevados, e mais ſuaves que o trote, e galope, &c. Logo que o Cavallo vai ao paſſo, he obrigado a levantar ſucceſſiva, e inſtantaneamente a ſua mão, e pé oppoſtos: quando, por exemplo, a mão direita eſtá no ar, o pé eſquerdo ſe levanta immediatamente, ſeguindo o movimento da mão direita, e da meſma fórma ſegue o pé direito o movimento da mão eſquerda. Ha no paſſo quatro movimentos: o primeiro he levantar a mão direita, o ſegundo o pé eſquerdo, o terceiro a mão eſquerda, e o quarto o pé direito.

Cada mão do Cavallo tem quatro movimentos, ou vibrações principaes dos ſeus muſculos, e nervos: em cada paſſo que dá, o primeiro movimento he comprimir, e levantar para ſima o omoplato: o ſegundo he avançar para diante: o terceiro desdobrar a compreſsão, com que os muſculos, e nervos fizerão curvar, e dobrar todas as juntas do codilho, joelho, travadouro, e quartela; e o quarto he o de ſe firmar ſobre a mão que ſe move, para a outra mão formar outro ſemelhante movimento; e ainda que o Cavallo ſe mova com mais, ou menos velocidade para diante, para trás, para huma, ou para outra parte, com mais, ou menos brevidade, ſempre as mãos paſsão por todas eſtas funções.

Os pés do Cavallo principião a fazer a ſua poſição, tocando a terra com a ponta do caſco, ou do lume da ferradura; porém a junta da quartela do jarrete, e travadouro ſómente ſe desdobrão, quando o caſco toca o chão, paſſando o reſto dos nervos, e muſculos das articulações das juntas das pernas pelas meſmas funções, pelas quaes paſsão as mãos, á excepção de fazerem os nervos principaes do jarrete para a junta do travadouro a ſua ultima extensão, quando ſe desdobrão as juntas antes de ſe pôr o pé no chão; porque a mão desdobra-ſe toda do codilho até á ultima junta da coroa do caſco, antes de tocar a terra, e a junta do travadouro ſómente ſe desdobra de todo, em o pé acabando de ſe aſſentar por direito no chão; e quanto maior he o eſpirito, e velocidade, com que o Cavallo ſe move, tanto mais iſto he ſenſivel á noſſa viſta.

ESTAMPA X.

Do Cavalleiro, fazendo marchar o Cavallo a paſſo para a direita.

OS Cavallos novos devem ſer tratados com mimo, e cuidado; porque ſe póde eſperar que (ſe elles neſta idade não são defeituoſos) venhão a ter bom preſtimo. Alguns não conſervão, ou conhecem a lição que lhes dão, ſenão depois de terem ſete annos, e antes diſſo continuamente olhão para diverſas partes, já como abſtractos, já com movimentos irregulares.

Os Cavallos novos reſiſtem mais por ignorantes, desconfiados, e bravos, que por malignidade, ou máo coſtume; e elles tem, para as diſpoſições da lição, os

ner-

nervos, e ligamentos menos endurecidos, e tezos que os Cavallos velhos. Os que paſsão de oito annos, eſtando ſãos, tendo boa boca, baſtantes forças, e agilidade, não tendo algum dos máos coſtumes, difficeis de tirar, aprendem com facilidade, porque já eſtão acoſtumados á ſella, já tem o ſeu andar formado, e conhecem o caſtigo.

Não ha tempo fixo para enſinar hum Cavallo, porque iſſo depende da ſua percepção, e das ſuas diſpoſições. Aos Potros (não moſtrando elles má tenção) não he neceſſario interromper as lições, que lhes são proprias, com trabalhos eſtranhos, e oppoſtos aos que ordinariamente a Arte enſina.

O melhor methodo, para que o Cavallo, depois de ter ſete annos, faça bons progreſſos em pouco tempo, he trabalhallo de manhã, e de tarde meia hora; mas he preciſo obſervar ſe elle abraça a lição com boa vontade; porque ſe tiver muita ardencia, e máo genio, produzirá nelle máo effeito o exercicio frequente, ainda que tenhão cuidado em o poupar.

A lição de manhã (depois de deitar o Potro á Guia) deve ſer a paſſo, fazendo-lhe conhecer os movimentos da mão pelas redeas, e embocadura do freio, fazendo-o trazer a cabeça firme, e depois devem parallo, e tirallo atrás, á proporção da repugnancia que elle tiver a eſta lição. Apôs iſſo devem dobrar-lhe inſenſivelmente o peſcoço, e corpo com as redeas de dentro, e com a perna de dentro, para o coſtumar, ou diſpôr a fugir aos calcanhares, e cruzar. Eſtas operações não fatigão nada o Cavallo, e a repetição de tarde contribue muito para lhe fazer conſervar lembrança do que ſe lhe enſinar. No fim de ſeis mezes pouco mais, ou menos, deve o Cavallo, ſendo aſſim trabalhado, moſtrar algum conhecimento da lição; e ſe eſtas diligencias não fazem nelle bom effeito, dá poucas eſperanças de ter preſtimo.

Devem os Cavalleiros pois dividir os Cavallos para a lição em quatro claſſes. Os da primeira claſſe são os Potros, e Cavallos ignorantes; e as lições, que ſe lhes devem dar, são amanſallos, determinallos, e deſembaraçallos, tornando-os de ferozes, e indomitos trataveis, e manſos. Os da ſegunda claſſe são os Cavallos já domeſticados, que ſe enſinão (como diremos) para a caça, e para a guerra. Os da terceira claſſe são os que ſe applicão ao manejo da Eſcola, e ſervem para as occaſiões de feſtas, e cavalhadas, &c. Os Cavallos da quarta claſſe são aquelles, que ſe deſtinão para os ares altos, ou relevados.

Cada claſſe de Cavallos deve ſer conduzida por diverſos gráos, como ſe ha de ver pelo decurſo da lição, ſegundo o uſo, para que os diſtinarem: advertindo que não he neceſſario paſſar por todas as lições, para ſervir bem em cada huma das claſſes, a que o deſtinão, ſegundo a ſua poſſibilidade; porém ſuccedendo aſſim com os Cavallos dos ares altos, elles ſerão univerſaes na ſua deſtreza, e diſpoſição.

Os Picadores devem manſamente fazer com que os Potros não ſe eſpantem de ver o homem, nem de outros objectos. Devem fazellos andar para diante, ſoffrer o cabeção, o freio, o bridão, ſella, &c. Devem fazellos manſos ao montar, chegallos ao degráo, ou montadouro; e em o Potro, ou Cavallo eſtando aſſim diſpoſto ao paſſo, elle ſerá facil a reduzir promptamente á lição do trote.

Moſ-

Moſtra-ſe que couſa he paſſo travado.

JA' fica dito o modo com que ſe move o Cavallo, quando marcha de paſſo pelo direito, ſendo a determinação dos ſeus movimentos naturalmente contraposta, e atraveſſada; porém o paſſo travado não tem differença ſem artificio do paſſo natural, ainda que tem alguma ſemelhança com o movimento da andadura. O Cavallo, que anda de paſſo travado, naturalmente anda mais do que aquelles, que andão ſimplesmente a paſſo; e com tudo o paſſo travado não tem dous tempos como a andadura, antes o ſeu tempo he quadernario, como o paſſo natural, com a differença porém de ſer mais diligente; porque o Cavallo, que anda de paſſo travado, entra com as ſuas pernas muito para baixo do corpo, ou porque elle he alguma couſa curvo, ou porque ſe move com muita agilidade, e deſembaraço.

Eſte modo de andar ainda que ao primeiro golpe de viſta parece ter ſua ſemelhança com a andadura, com tudo, como os ſeus tempos são contrapoſtos, e quadernarios, ſempre o Cavallo eſtá bem ſituado no chão, porque dirige os ſeus movimentos com a ſua mão, e pé oppoſtos, como quando anda ao trote.

Quando (por exemplo) os Cavallos neſte andar levantão a mão direita, ſegue-a o pé eſquerdo; e quando levantão a mão eſquerda, ſegue-a o pé direito; porém quando o Cavallo anda de andadura, levanta a mão direita, e ſegue-a o pé direito; e pondo-ſe ambos na terra, levanta-ſe a mão eſquerda, e ſegue-a o pé eſquerdo, movendo-ſe metade do corpo do Cavallo em cada paſſo que elle dá. No paſſo natural, e no paſſo travado fica elle em todos os ſeus movimentos ſuſtentando o pezo do corpo na ſua mão, e pé oppoſtos, e mais prompto por eſte motivo a regular bem os ſeus movimentos, e ſoccorrer-ſe em todos os accidentes, que lhe acontecem com mais ſegurança. O Cavallo de andadura, como havemos de provar, eſtá mais ſujeito a cahir, porque ſuſtenta o pezo do ſeu corpo ſobre huma meia parte delle, e muda de lado em cada paſſo que dá.

Pelo paſſo natural ſe diſpõe o Cavallo para determinar bem os movimentos ao trote, e por eſte ſe diſpõe tambem para galopar, e para todas as acções, em que elle ſe póde mover. Pignateli, e Verné diz punhão os ſeus Cavallos ao paſſo pelo direito no circulo de duas piſtas, e na lição da cara contra a muralha: bem perſuadidos de que he bom formar o Cavallo, andando a paſſo nas acções que elle póde executar, porque anda livre de paixão, anda em hum movimento, em que não ſe violenta, e por iſſo ſe deixa mais facilmente dominar.

O Marquez Duque de Newcaſtle, além das lições deſcubertas por Pignateli, Le Brove, e Pluvinel, formava os ſeus Cavallos ao paſſo na lição das eſpaduas ao centro, ou eſpaduas contra o Pilão, ou volta ao revés, e nos circulos do ſeu comprimento com a garupa ao centro, não ſó para lhes dar conhecimento das acções, em que os formava, quando elles eſtavão livres de paixão, mas para aſſim lhes introduzir o coſtume de obedecer ás mãos, e pernas do Cavalleiro mais facilmente.

Ainda que o Cavallo em todas eſtas lições ſe mova a paſſo, com tudo, elle

fórma differentes acções, e em cada huma dellas por consequencia devem ser diversas as sensações, com que se obriga á fazer esta differença de figuras. Logo necessariamente ha de pôr em prática com mais facilidade humas acções do que outras, e por este motivo tratarei de cada huma dellas nos seus respectivos lugares para não as confundir, e para que o Cavallo as aprenda successivamente, e corresponda a ellas com facilidade.

Lição da andadura, ou furtapasso.

O Movimento da *andadura* he baixo, e perto da terra; porém he mais avançado do que o passo natural, e ainda do que o passo travado. Esta andadura não tem mais que dous tempos, hum para cada lado: de sorte que a mão, e pé da mesma parte se levantão, e avanção para diante igualmente juntos; e pondo-se ambos juntamente na terra, são seguidos da mão, e pé da outra parte, que fazem o mesmo semelhante movimento.

La Guerinieri Pag. 77. diz, que a andadura he hum movimento ordinario nos Cavallos fracos, arruinados, e mal formados. O Cavallo quando anda de andadura, ordinariamente determina os seus movimentos mais perto da terra, do que andando a passo; mas avança mais terreno, andando de andadura. O mesmo La Guerinieri affirma, que para o Cavallo andar bem de andadura, deve andar com as ancas baixas, e dobradas, pondo os pés hum grande espaço mais adiante das pistas das mãos; porque isto he que faz com que elle, andando de andadura, possa avançar muito terreno. Pelo contrario, aquelles, que andão com as ancas altas, e tezas não avanção tanto terreno, como os que recolhem as pernas bem para baixo do ventre, e além disso fatigão mais o Cavalleiro.

Os Cavallos de andadura não são bons senão para andar por terrenos planos: elles em terras alagadiças, asperas, e montuosas não podem sustentar muito tempo este movimento. Por esta razão em Inglaterra, e outros paizes, em que o terreno he mais plano, durão mais os Cavallos, que andão de andadura, do que elles costumão durar nos terrenos alagadiços, asperos, e montosos.

Ha muitos Cavallos excellentes, que depois de haverem servido muito bem, tomão este movimento, porque as suas juntas estão damnificadas pelo trabalho, e pelas molestias, e de tal sorte usadas, que não podem sustentar aquelles movimentos, que antes lhes erão proprios, e naturaes.

Todas as vezes que o Cavallo de andadura não passa com os seus pés as pistas das mãos, não se póde dizer que elle anda bem, supposto que ande com boa commodidade para o Cavalleiro; porque póde andar com bom commodo, e não andar bem. Se elle tiver huns movimentos baixos, fracos, e por consequencia suaves, dará bom commodo na sua andadura, ainda que não avance tanto, como diz La Guerinieri: basta que elle ponha o seu pé junto á pista da mão, com tanto que o movimento seja igual; e sendo isto o que basta para andar com boa commodidade, com tudo, não he o que basta para andar bem; pois he necessario (como deixamos notado) que elle passe com as pistas dos pés as pistas das mãos, pelo me-

Silva delin. *Frois sculp.*

nos o eſpaço de hum pé geometrico; e quanto mais elle paſſar com a piſta do ſeu pé além da piſta da mão, tanto melhor andará.

O movimento da andadura não ſerve para os Cavallos deſtinados para a eſcola, e para o manejo, porque todos os ares altos são extrahidos dos andares naturaes, e da proporção do animal; os ares perto da terra, como são o paſſo natural, o paſſo travado, e o trote, não tem ſemelhança com a andadura, pois ſó neſte movimento o Cavallo muda de lado em cada paſſo que dá, como ſe vê na ſeguinte

ESTAMPA XI.

Do Cavalleiro, fazendo marchar hum Cavallo de andadura.

EM todos os ares, e lições do manejo trabalhão fortemente os Cavalleiros; porque os Cavallos que enſinão tenhão apoio, governo, e obediencia ao freio, e cabeção, ſendo firmes, flexiveis, e promptos a todos os movimentos da mão, e pernas do Cavalleiro, ſó para os enſinar a andar de andadura os obrigão a ſer incertos na mão, levantando-lhes muito a cabeça para ſima; e ſe elles não a levantão, então lhes põe hum cabeção no lugar da barbella; e por effeito de huma continuada ſerra os obrigão a levantar a cabeça com extremo, e a olhar para ſima, ſem reparar no terreno por onde andão. Tambem coſtumão travar o Cavallo com huma ſolta do pé á mão da meſma parte, para lhe introduzir eſte bom movimento, e com eſpecialidade o fazem os curioſos creadores dos campos de Coimbra, e os Heſpanhoes, os quaes goſtão muito de fazer andar os Cavallos de andadura, cortando-lhes aſſim logo na ſua primeira idade toda a nobreza dos ſeus movimentos naturaes.

Sem o movimento do trote não ſe podem deſembaraçar perfeitamente as eſpaduas, e mais partes do corpo do Cavallo, fazendo determinar os ſeus movimentos com igualdade em todos os andares naturaes, e artificiaes: perfeição eſta, que ſe não póde alcançar por meio do movimento da andadura, ainda que elle ande muito, e bem.

A andadura he hum movimento, que tão ſómente ſerve para andar de jornada por hum terreno plano, e por huma boa eſtrada: os Cavallos, que ſem os enſinarem andão de andadura, ou furtapaſſo, tomão ordinariamente eſte andar por fraqueza, e por ſerem mal formados: tambem os Potros tomão no campo eſte movimento, em quanto as ſuas forças não os ajudão para bem trotar, e galopar.

Eu não duvido que alguns Cavalleiros digão que a andadura ſe acha tambem em muitos Cavallos fortes, e ſãos; porém para os contradizer, baſtará arguillos com a ſua propria experiencia, e que notem que aquelles Cavallos, que depois de haverem ſido fortes, e terem ſervido bem, principião a tomar eſte movimento: então creio que a ſua opinião ſe deſvanecerá, e elles ſerão obrigados a conhecer, e confeſſar, que hum tal andar, além de não ſer natural, he produzido da fraqueza das juntas, que por muito fracas não podem ſuſtentar em todas as ſuas articulações os ſeus movimentos naturaes, que lhes erão proprios antes de enfraquecidas.

Quando se quizerem observar Cavallos, seja para os comprar, seja para ver o estado em que se achão, nunca em taes casos se deve consentir que elles andem de andadura, mas sim de passo, ou trote; porque em quanto hum Cavallo anda de andadura, não deixa perceber toda a desigualdade, e defeitos dos seus movimentos.

Mostra-se que cousa he o movimento chamado Traquinar.

O *Entrepasso*, ou *Traquinado* parece ter alguma cousa de andadura. Os Cavallos, que não tem forças nos rins, que estão sobre as espaduas, e tem nellas más articulações, ou tem as suas pernas arruinadas de molestias, que lhes embaração as juntas dos quadrís, das curvas, e dos curvilhões, tomão este máo andar, o qual fazem movendo, ou indo com as mãos de andadura, e com as pernas humas vezes de galope, outras de trote. Na miaor parte dos Cavallos de posta estropeados se vê este movimento; e tambem alguns Potros, se os obrigão a galopar, e elles não podem, tomão este máo movimento, ou andar.

Continua-se a mostrar mais alguns effeitos da andadura.

SE galoparem hum Cavallo, e elle se desunir, e perturbar (senão andar de andadura, ou entre passo) todas as vezes que o ajudarem com a mão de dentro, isto he, com as redeas de dentro, e a perna de fóra, a que leve as espaduas para a circumferencia, e entre para o centro com a garupa, elle se unirá, e galopará certo; e se desobedecer ás sensações das ajudas, e castigos, sendo applicados (como dissemos) em o remettendo ao trote, elle se disporá para se firmar no galope: se porém andar de andadura, será preciso parallo repentinamente, e depois ajudallo a que vá ao galope; e ainda assim elles se embrulhão, e vão confundidos na sua andadura, sem poderem trotar, nem galopar com promptidão, e igualdade. Os Cavallos, que andão de andadura, não querem determinar os seus movimentos sobre linhas rectas ao trote: neste caso para os fazer trotar, he preciso voltallos em hum pequeno circulo; e tanto que os fizerem ir mais largo, ou pelo recto, elles perderáõ o trote, maiormente sendo fracos na andadura.

Os Cavallos de andadura são defeituosos; porque sendo ardentes, e vivos, podem embrulhar-se, ou confundir-se no seu movimento, e cahir, porque os ligamentos do corpo não se determinão nos seus movimentos por aquella ordem, com que o Creador os formou; e sendo preguiçosos, não dão bom commodo, e são huns máos rocins: esta he a razão, por que os Cavallos de andadura sómente servem para andar na estrada, sendo plana (se elles andão como devem) pelo bom commodo que dão ao Cavalleiro.

Lição do trote.

O Trote he hum movimento que o Cavallo faz, levantando a hum mesmo tempo a mão direita, e pé esquerdo, e depois a mão esquerda, e pé direito. Entre o passo, e o trote se considerão duas differenças. A primeira he ser o movimento do trote mais veloz, e mais violento para o Cavallo, e para o Cavalleiro, por consequencia he mais aspero do que o passo, por ser este menos levantado, e aquelle mais diligente, e menos perto da terra. A segunda he; porque ainda que as mãos, e pés do Cavallo, quando vai a passo, sejão oppostos, e atravessados, como são quando vai ao trote, a posição de mãos, e pés se faz em quatro tempos ao passo, e ao trote só em dous, porque o Cavallo levanta quasi ao mesmo tempo a mão, e pé, oppostos, pondo-os tambem da mesma sorte na terra, como se vê na Est. XII.

Depois do Espotreador haver determinado o Potro ao trote pelo direito, e sobre os circulos de duas pistas, fazendo-o marcar o terreno, como se vê na Est. VI. Fig. 1. N. 4. para huma, e outra mão com o bridão, e cabeção, deve fazer-lhe pôr hum freio, proprio para a boca delle, e hum Cavalleiro dahi por diante o deve principiar a dispôr, já sobre as linhas do parallelogramo Est. XV. por todo o comprimento do terreno, já sobre as linhas do mesmo quadrado longo N. 2., ou tambem sobre o quadrado regular Est. IV. Fig. 16., &c.

A primeira lição, em que os Potros se devem formar, he a do trote pelas linhas de todo o comprimento do manejo, marcando por consequencia com as pistas das mãos, e pés duas linhas parallelas, conduzindo-lhe direitas as suas espaduas, pescoço, cabeça, espinhaço, e ancas. O methodo de montar de degráo, de poio, ou de outra qualquer elevação, he bom para os Cavallos novos, por ser mais commodo para o Cavalleiro passar com a perna direita por sima dos arções, e se metter na sella.

As primeiras vezes que se montar o Potro, deve só ter de prevenção a guia posta na argola do tornel do meio do cabeção. O moço deve saber segurar a sella sem fazer força para baixo, ou puchar pelo arção, mas sómente quanto baste para a não deixar entortar. O Cavalleiro deve no fim da lição muitas vezes repetir as tentativas de se apear, e montar, affagando muito o Potro, para que elle não tema, ou estranhe estes movimentos.

No meio do seu passeio (que sem dúvida as primeiras vezes será mais forçado que voluntario) com a mão, e com a voz o farão parar, rendendo-lhe logo a mão, para lhe dar folgo, e repousar com liberdade: em quanto dura este intervallo, ou descanço, póde o Cavalleiro mover o corpo, affagar o Cavallo, e repetir-lhe a lição do trote, e no fim de algumas voltas, parallo, e amimallo. Depois se deve chegar para o montadouro, e apear-se da mesma sorte que se montou, pois isto contribue muito a fazer-lhe aquelle lugar familiar da mesma sorte que a lição.

Se o Cavallo fizer saltos extravagantes, he impossivel indicar tudo o que se deve fazer em semelhantes lances, em que a experiencia do Cavalleiro deve recorrer

rer ao que for mais prompto, e conveniente. O conductor da guia deve ſeguralla bem, quando for preciſo, rendella com facilidade, e andar de maneira que o Potro tenha liberdade de ir para diante, e ſenão embrulhe com ella.

Em quanto os Potros moſtrarem ferocidade, devem ſer trabalhados debaixo da guia, para que ſaltando, não ſe defendão, e augmentem mais as difficuldades. Moſtrando elles já ſujeição, podem tirar-lhes a guia, e pelo largo fazellos trotar, e paſſar alternativamente de mão, cortando o terreno para a direita, e para a eſquerda; porém mais ordinariamente ao trote que ao galope.

Em quanto durão ſemelhantes lições (ande hum, ou mais Potros), devem eſtar pelo meio do terreno do Picadeiro alguns Picadores com açoutes, ou chambriés para ajudarem os Potros a determinar com mais facilidade os ſeus movimentos: advertindo que ſe elles ſe defenderem, ficando para trás, devem logo pôr-lhes a guia, e dar-lhes a primeira lição dos circulos de Pignateli.

Depois o irão vencendo para huma, e outra mão, fazendo-lhe ſentir ambas as pernas, porque ellas são as que fazem andar o Cavallo para diante: quando porém o obrigão com as pernas, devem ter o corpo atrás, e render-lhe a mão. Se com tudo não obedecer a eſtas ajudas, he neceſſario fazer-lhe ſentir as barrigas das pernas com mais actividade, para que elle tenha reſpeito ás ſuas ſenſações; que de outro modo he impoſſivel que o animal ſiga bem os movimentos, e com igualdade, conforme á vontade do Cavalleiro.

O trote he o fundamento em que ſe eſtabelecem os principios da boa lição, e o caminho, pelo qual o Potro, ou Cavallo ſe entra a deſembaraçar, e a ſuaviſar a aſpereza, e deſigualdade dos ſeus movimentos.

Por meio da lição do trote adquire o Potro flexibilidade nas eſpaduas, nos rins, garupa, curvilhões, joelhos, travadouros, e finalmente em todas as articulações das juntas do corpo, deſembaraçando-ſe por elle bem em todos os movimentos, tanto naturaes, como artificiaes.

São eſtes principios geralmente recebidos por todos os Profeſſores deſta Arte; e quando o Cavalleiro trota o ſeu Cavallo ſobre as linhas rectas da muralha, e linhas do quadrado, ou ſobre os circulos de Pignateli, o animal adquire ſinco movimentos nos braços, e pernas; a ſaber: hum para diante, quando o trotão ſobre as linhas rectas da muralha, e linhas do quadrado; outro para trás, quando o fazem recuar; outro para ſima, quando o fazem levantar, ſeja por effeito das paradas, e das meias paradas, ou curvetas; outro alguma couſa obliquo, quando o trotão ſobre os circulos de Pignateli para a direita, e o ultimo tambem obliquo, quando ſobre os circulos o trotão para a eſquerda.

Newcaſtle affirma que a lição dos circulos de Pignateli he efficaz para deſembaraçar os pés, e mãos dos Potros, e Cavallos, porque com os ſeus movimentos faz neceſſariamente duas piſtas, ou circulos, e vai nas linhas naturaes adquirindo nos ſeus braços, e pernas os movimentos obliquos.

He igualmente neceſſario que o Potro obedeça ás mãos, e pernas do Cavalleiro, pois ſem eſta ſujeição nem elle obedecerá bem, nem ſerá igual, e deſembaraçado. Por todos eſtes motivos he que ſe faz indiſpenſavel a neceſſidade das

paſ-

paſſagens de mão, logo que trabalhão o Cavallo na lição de duas piſtas, como paſſamos a moſtrar.

Modo facil de fazer paſſar os Potros de mão ao paſſo, e trote.

PAra o Cavalleiro formar as paſſagens de mão, trabalhando o ſeu Cavallo ſobre os circulos de Pignateli Eſt. VI., quando ſe vai approximando ao lugar da paſſagem, deve pelas linhas da letra A fazello determinar os ſeus movimentos com mais moderação, e igualdade, indireitando-o bem entre ambas as mãos, ou redeas, e ambas as pernas: então no canto Fig. 2., em que dá principio á paſſagem, deve o Cavalleiro affroxar a perna de fóra, para que o Cavallo mais livremente poſſa ſeguir as eſpaduas com a garupa no lugar da paſſagem, obrigando-o com a redea de fóra a que una a eſpadua de fóra á eſpadua de dentro, e traga a piſta da linha da mão de fóra no vertice do angulo letra B para a linha da mão de dentro, ſeguindo com ambas as ancas os movimentos de ambas as eſpaduas; e tambem de B para C lhe podem obrigar a entrar a garupa para a letra H da meſma Fig. 1.

A maior parte dos Cavallos em lugar de determinarem bem a paſſagem no vertice do angulo, e com exactidão, elles avanção, ou adiantão a garupa mais que as eſpaduas, e ſe arremeſsão com impaciencia da linha da muralha, e vertice do angulo letra B, entrando com a garupa muito velozmente para as linhas da letra C, e por iſſo não fórmão com as eſpaduas bem o meio circulo para completar a paſſagem. O meio de os emendar he obrigallos com ambas as pernas a que ſigão com a garupa as eſpaduas, fazendo-lhes marcar huma meia volta, ou ſemicirculo de duas piſtas, como ſe vê na meſma Eſt. VI. Fig. 3. para os arredondar dos movimentros das eſpaduas, e garupa, marcando o terreno pelas linhas da letra E para a letra F, indo acabar de completar a paſſagem das linhas da letra D para a Fig. 1., ou o fação ſeguir as linhas do prolongo da muralha, ou fique trabalhando ſobre as linhas dos circulos do centro.

Deſta ſorte ſe caſtigão os Cavallos com moderação, e ſe diſpõem para depois formarem as paſſagens com mais facilidade, e exactidão.

Se o Cavalleiro faz paſſar o Cavallo de mão da direita para a eſquerda, em chegando ao vertice do angulo aſſignado com pontinhos da letra F para a letra D, em que o ha de fazer mudar de acção para ſeguir as linhas do prolongo, ou dos circulos, deve inclinar a mão eſquerda para fóra de unhas aſſima, com o dedo minimo voltado para a eſpadua direita, a mão direita avançar-ſe para diante, a perna eſquerda affroxar-ſe, e a direita unir-ſe ao ventre do Cavallo, mudando todo o corpo do Cavalleiro a ſua acção da direita para a eſquerda, para o Cavalleiro tambem ſe deſdobrar de fóra para o centro, iſto he, da direita para a eſquerda. Pelos meſmos modos ſe devem diſpôr, e formar as paſſagens de mão da eſquerda para a direita.

He certo não poder o Cavallo na paſſagem levantar juntamente a mão, e pé da

da mefma parte ; pois logo que fe defdobra da direita para a efquerda , o braço efquerdo fe alarga para dentro no primeiro tempo , e cruza por diante do braço direito. Efte movimento he confequentemente fuftido da anca , e perna de fóra; porque o pé efquerdo , quando a efpadua direita fe une á efpadua efquerda , eftá no ar, e no ponto da paffagem entra para o centro, e cruza por fima da perna direita para todo o corpo do Cavallo adquirir a determinação circular para a efquerda. Sendo ifto affim, querendo-fe fazer levantar a mão, e pé ao Cavallo de huma mefma parte, quando paffa de mão, ou vá de paffo, ou de trote, fe imprehende huma coufa impoffivel.

Para o Cavallo fe formar bem fobre o circulo de duas piftas , não fómente deve marcar com as piftas das fuas mãos os circulos (como fe vê na Eft. VI. Fig. 1. N. 4.) , mas deve feguir com as ancas igualmente as efpaduas, indo fempre bem unido deftas partes, como tambem do pefcoço, e cabeça.

Ainda que eu digo que elle deve eftar bem unido das fuas efpaduas , e ancas, nem por iffo pertendo que quando fahir do circulo por humas linhas tangentes para formar hum angulo com a paffagem, tendo a garupa alguma coufa fegura para dentro, as piftas das mãos devem alcançar mais terreno, maiormente quando formar a paffagem pelo meio circulo do angulo; porque he innegavel que já nefta lição o Cavallo deve levar as fuas efpaduas ao menos adiante da fua meia garupa, ou meia anca de dentro, para que as piftas dos pés figão as das mãos, e fe recolha a garupa para baixo do corpo , levantando-fe as efpaduas fobre ella, para o Cavallo voltar mais em pé , e obedecer á mão , e pernas do Cavalleiro com mais facilidade , e graça , feja formando o angulo da Fig. 2. , feja marcando os meios circulos da Fig. 3. Eft. VI.

Quando os meios circulos do angulo , que vão marcando as piftas das mãos (por fe mover a garupa em menor terreno) he maior que o que vão marcando as piftas dos pés , deve forçofamente a efpadua , e o braço de fóra da volta fazer o feu movimento muito livre, e avançado ao paffo, e trote, para em todos os feus movimentos cruzar por fima do braço de dentro , e abraçar mais facilmente o terreno fem faltar á linha circular: o pé de fóra deve tambem cruzar, e paffar por fima , e por diante do pé de dentro ; mas não com movimento tão largo , como a mão de fóra , porque elle tem menos terreno para caminhar , e tambem para que as efpaduas, e garupa não fe defordenem no movimento circular.

Deve o Cavallo fempre dar tantos paffos com os pés , como com as mãos; pois em dando menos paffos com as efpaduas, que dá com a garupa, ou pelo contrario, dando menos paffos com a garupa, do que dá com as efpaduas, perde infallivelmente o movimento do animal a fua igualdade.

O Cavallo na lição do trote fobre o circulo de duas piftas póde defigualar-fe dos feus movimentos das efpaduas , e garupa , por fugir muito com as efpaduas para fóra, e da mefma forte com a garupa, ou ao contrario, por entrar muito para o centro. Quando o Cavallo foge com a garupa muito para fóra, vai muito fobre a perna; e quando entra muito para o centro, vai muito fobre a mão.

Eu diffe que a mão, e braço de fóra devem cruzar por fima do braço de dentro

tro pelo meio circulo do angulo, e neste caso deve o Cavalleiro, logo que o Cavallo se encostar sobre a espadua de fóra, trazer as mãos para dentro, mas não de repente, para que o Cavallo não se perturbe, de sorte que se enteze sobre a garupa, desobedeça á mão, e se lance sobre a volta, ou fuja para fóra, obrigado já da sujeição violenta da mão, já da oppressão em que fica a garupa. Neste genero de trabalho: quando as mãos trazem as redeas de fóra para o centro, e as pernas do Cavalleiro não ajudão a direcção das mãos, o Cavallo não póde determinar-se bem.

Ha tambem Cavallos, que tem o movimento da garupa incerto: estes, logo que tem feito os primeiros passos sobre o meio circulo do angulo para entrar á passagem, faltão com a garupa, alargando as pernas para fóra de si, e do meio circulo, sobre que vão formar a passagem. Então o Cavalleiro em hum trote mais diligente os deve ajudar, tendo-lhe a perna de fóra alguns espaços mais forte, e a mão, ou redeas de dentro do mesmo modo, e para fóra, porque por meio das redeas de dentro, e da perna de fóra he que se ha de conseguir o segurar-lhe a garupa, e fazer-lhe entrar a pista do pé de fóra para a pista do pé de dentro; mas todas estas sensações devem ser dirigidas á proporção do desembaraço, e obediencia dos Cavallos, dispondo-os assim, sem teimar com elle tenazmente.

Muitas vezes succede tambem deitar o Cavallo para fóra a garupa, quando fórma o meio circulo do angulo, por ser mais diligente dos movimentos das espaduas, que dos movimentos da garupa. Neste caso o devem ajudar repetidas vezes com as pernas, e ainda tocar-lhe com a vara sobre as ancas, sustendo a mão com mais apoio para minorar o seu defeito, lembrando-se sempre o Cavalleiro de que todos os movimentos da sua mão, e corpo, que tirão a cabeça do Cavallo para dentro do centro, lhe obrigão a deitar a garupa para fóra da circumferencia das espaduas.

Quando o Cavallo passa das linhas rectas da muralha no canto para as linhas do quadrado, ou largura do terreno, fórma hum angulo recto; e para entrar com as espaduas no canto, ou vertice do angulo, he necessario ao Cavalleiro levar a sua mão de fóra de unhas abaixo para o canto, e a mão de dentro de unhas assima para fóra: logo para fazer entrar as espaduas do vertice do angulo para o centro, he preciso trazer a mão de fóra para o centro de unhas assima, e a de dentro para o centro de unhas abaixo; e para segurar a garupa, he necessario segurar a perna da parte opposta áquella para onde levão a mão, isto he, se obrigão com as redeas direitas, levando as mãos para a esquerda, a espadua direita se unirá á esquerda: neste caso as espaduas sahem para a esquerda, e então he que se deve contrapôr a perna esquerda com sensações mais fortes para segurar a garupa para a direita: o mesmo se deve entender, quando as redeas esquerdas o obrigão, e a perna direita se contrapõe, a fim de segurar-lhe a garupa para o centro.

Sendo isto assim, qualquer movimento máo do corpo do Cavalleiro basta para desigualar a exacção do corpo do Cavallo nas suas acções. Se o Cavalleiro em lugar de levar a sua mão para fóra, e de suster com a perna de fóra a garupa do Cavallo para o centro, avançar a sua espadua de fóra para diante, e por conse-

quencia atrazar a eſpadua de dentro para trás, em voltando o corpo para o centro, as mãos, que são huma dependencia do corpo, obrigaráõ o Cavallo a entrar com as eſpaduas para o centro; e a perna da parte para onde o corpo ſe voltar, ferá apertada contra a perna, e anca do Cavallo da parte de dentro, dando-lhe ao meſmo tempo a perna do Cavalleiro da parte de fóra liberdade tal, que a garupa vá paſſando pelo terreno, por onde paſsárão as eſpaduas.

A uniformidade das ajudas do corpo, mãos, e pernas do Cavalleiro obrigaráõ o Cavallo com mais promptidão, do que ſe o corpo eſtiveſſe immovel; por iſſo qualquer coſtume que tenha de empregar as ajudas, e movimentos das ſuas mãos, e pernas, ſem que humas, e outras ſejão acordes entre ſi, e conduzidas pelos movimentos do corpo, ellas produziráõ menos effeito, e ſerão infinitamente menos ligadas, e menos medidas, do que ſe partiſſem dos movimentos do corpo do Cavalleiro: advertindo que o movimento do corpo não deve ſer deſconcertado, nem deve fazer ſahir o tronco do equilibrio: deve ſim o Cavalleiro, quando quer voltar o Cavallo para a direita, ou para a eſquerda, mover o corpo imperceptivelmente, para que o ſeu pezo, a força, o equilibrio, e o movimento fação conduzir as mãos, e as pernas, de ſorte que obriguem o Cavallo com mais facilidade a formar-ſe na viſtoſa acção, que ſe moſtra na ſeguinte

ESTAMPA XII.

Do Cavalleiro, fazendo trotar o Cavallo ſobre linhas parallelas a largura do Picadeiro.

SE o Cavallo na paſſagem de mão, logo que principia o angulo, entra com a garupa para o centro, neſte caſo deve o Cavalleiro voltar o ſeu corpo bem para o centro, porque então a ſua perna da parte de dentro lhe deitará ás ancas para fóra; e a mão de fóra, ſeguindo o corpo com as redeas de fóra, determinará a eſpadua de fóra a que entre para o centro, e ſe una á eſpadua de dentro.

Tambem recommendo que ſeja imperceptivel o movimento do tronco do corpo do Cavalleiro deſde o principio do oſſo do encache do quadril para ſima, para que inſenſivelmente ſe volte o corpo todo: que ſem iſto muito longe de ſe aproveitar da vantagem do ſeu equilibrio, o perderá, e da meſma ſorte a boa ſymmetria da ſua figura; e perdido o equilibrio, não poderá conſeguir huma igual exactidão dos movimentos do Cavallo?

Modo de emendar com as mãos, e pernas algumas defezas, de que os Cavallos uſão.

SE o Potro vai trotando ſobre as eſpaduas, deve o Cavalleiro ter o ſeu corpo atrás, e as mãos altas. Se o Potro anda com pouca vontade para diante, deve o Cavalleiro buſcar com o ſeu corpo o ponto do equilibrio, apoiando toda a ſua aptitude hum pouco viva ſobre o aſſento, para não lhe cuſtar a obrigar o Cavallo

(por

Silva delin. *Frois sculp.*

(por alguns eſpaços vivamente) com as pernas a que vá bem para diante. Se o Potro ſe demorar, por ſe levantar muito das eſpaduas, deve o corpo do Cavalleiro pender alguma couſa para diante, e adiantar-lhe as mãos repetidas vezes.

Se o Potro ſalta, e tem a garupa alta, deve o corpo do Cavalleiro reſiſtir a eſtes movimentos, unindo a cintura ao cepilho da ſella, forçando o eſpinhaço no lugar dos rins para diante, e ſuſtentando as eſpaduas firmes para trás, ſentando-ſe bem ſobre o coxim, unido á caixa do fundo da ſella, cerrando as coxas, e os joelhos para reſiſtir aos movimentos violentos do Cavallo, e obrigallo, dando-lhe com as mãos altas alguns toques para ſima, para que levante as eſpaduas, e abaixe a garupa.

Modo de emendar o Cavallo com o tronco do corpo.

TRabalhando qualquer Cavalleiro os Potros nos circulos de duas piſtas para as eſpaduas entrarem para o centro, e a garupa ſahir para a circumferencia, deve o corpo do Cavalleiro fazer tambem parte do circulo: não ſó avançando a eſpadua de fóra, e atrazando a de dentro, como fica notado, mas perfilando a frente do peito com o radio do circulo Eſt. IV. Fig. 10. de A para E, trazendo muitas vezes a mão de fóra para o centro, para a eſpadua do Cavallo da parte de fóra (ſobre a qual vai cruzando a mão de dentro) poder unir-ſe á eſpadua de dentro, e vencer o terreno para a linha do circulo do centro, pois a mão de fóra em cada paſſo que dá, ſempre ſe conduz por huma tangente, e ſó ajudando-o repetidas vezes a mão, ou redeas de fóra para dentro, he que a piſta da mão de fóra ſe une á linha da piſta da mão de dentro: ora todas as vezes que o Cavalleiro quizer neſta lição obrigar o Potro a entrar aſſim com as eſpaduas para o centro, deve pezar mais ſobre o eſtribo de dentro, avançando o quadril de fóra para diante, e atrazando á proporção o de dentro.

Eſtas ajudas do corpo, mãos, e pernas do Cavalleiro são preciſas como leis indiſpenſaveis, para fazer que o Cavallo lhe obedeça bem, e fazello manejar, ou trabalhar com mais goſto, e por conſequencia elle irá formando todas as ſuas acções com mais graça, e regularidade; e ſe o Cavalleiro determinar perfeitamente as ajudas todas do ſeu corpo, mãos, e pernas com movimentos acordes, e imperceptiveis, parecerá que o Cavallo determina os ſeus movimentos muito por ſua vontade; porque o corpo do Cavalleiro com eſtas ſenſações o obriga com bom methodo intelligivel para o Cavallo, e para o Cavalleiro mais facil, viſtoſo, e ſeguro.

Por meio deſtas, e ſemelhantes diligencias ſe principia a trotar o Potro, ou Cavallo pelas linhas do quadrado longo Eſt. XV. linhas do quadrado regular Eſt. IV. Fig. 16., e ſobre os circulos de Pignateli Eſt. VI. Fig. 1.

Do movimento dos joelhos, das barrigas das pernas, do contrapezo dos estribos, e do castigo das esporas.

COmo já dissemos quaes são os movimentos das pernas do Cavalleiro, tratar-se-ha agora das utilidades, que se seguem do seu uso, seja servindo-se dellas como ajuda, ou como castigo.

O movimento dos joelhos se faz, apertando-os o Cavalleiro, quando pertende fazer ir o seu Cavallo para diante, ou tambem affroxando-os para elle não se incommodar, e se firmar mais manso, e igual no movimento.

Tambem se affroxão, e fortalecem os joelhos mais de huma que de outra parte, para indireitar o Cavallo, e fazello igual na sua acção. De humas, e outras diligencias se usa, segundo a sensibilidade, e a disposição do Cavallo dão lugar: e creio que he bem visivel que se o Cavallo rolar, ou fugir para fóra, e o joelho do Cavalleiro da parte do centro estiver forte, o Cavallo rolará, ou fugirá mais para fóra; e se ao contrario se metter para o centro, estando o joelho de fóra forte, cada vez entrará o Cavallo mais para o centro.

Os Cavallos, que são coceguentos, os que se detem á espora, e os que não usão bem das suas forças, retendo-as por malicia, mais facilmente se determinão ás impressões dos joelhos, e barrigas das pernas, do que ás dos calcanhares, e esporas, principalmente se o Cavalleiro cahir no terrivel defeito de deter as pernas, e esporas junto á barriga desta casta de Cavallos, sem os deixar sahir para diante.

As sensações das barrigas das pernas se executão, chegando-as ao ventre do Cavallo, de sorte que elle sinta ligeira, e instantaneamente o seu toque, seja para o fazer entrar mais na mão, seja para o indireitar mais para huma, que para outra parte. Este modo de o ajudar he mais forte que o dos joelhos; mas se nem assim obedecer, devem castigallos com huma, ou ambas as esporas, attendendo-se menos á sua desordem, que á sua possibilidade.

O tocar o Cavalleiro com a ponta do pé na espadua do Cavallo não só está reprovado por alguns scientes, como tambem a experiencia tem mostrado que do seu uso não tira utilidade alguma.

A mais suave, e delicada de todas as sensações, que hum sciente Cavalleiro póde fazer ao Cavallo, he a de o emendar com o equilibrio do seu corpo, e pernas, contrapezando sobre os estribos, de sorte que faça uteis as suas applicações; e quando o Cavallo obedece bem a ellas, mostra que a sua sensibilidade, e poder he grande.

Ora logo que elle se indireita bem, obrigado das impressões, de que o Cavalleiro usa, carregando mais sobre hum que sobre outro estribo, mostra que he sensivel, agil, e forte; e esta casta de Cavallos em tendo adquirido desembaraço por meio da lição bem applicada, ainda que fóra da Escola vão dar em mão de sujeito ignorante da Arte, já mais perderáõ a facilidade, a que os ajudou a conduzir o bom costume da lição; e se os tornarem ao trabalho da Escola, facilmente se lhes excitaráõ aquellas especies, que a boa lição lhes havia dado.

Quan-

Quando o Cavallo faz pouco caſo das ajudas, de que temos tratado, neceſſariamente deve ſer caſtigado, porque ellas não são mais que hum aviſo que o Cavalleiro lhe dá para lhe fazer acordar, ou excitar as eſpecies das ſenſações correſpondentes aos ſeus reſpectivos movimentos; e ſe elle não ſe determinar bem, deve corrigir-ſe a deſobediencia com caſtigos: advertindo que tambem he caſtigo (ſem lhe dar pancadas) o dar-lhe dilatadas, e repetidas lições, attendendo ſempre o Cavalleiro ao tempo da lição, que o ſeu Cavallo tiver, ás ſuas forças, conſtrucção, genio, preſtimo, e eſtado; pois ſenão ſe accommodarem a iſſo, entendo que todos os caſtigos, ſejão vigoroſos, ou moderados, produzirão nos Cavallos pouca utilidade.

Devem fazer de huns, e de outros bom uſo, e a tempo; porque ſendo bem applicados, rendem os Cavallos flexiveis, attentos, e obedientes; e pelo contrario os caſtigos mal applicados, os rendem vicioſos, e obſtinados. Quanto mais moderado for o caſtigo, tanto mais ſe conſervará no Cavallo o vigor, e actividade de eſpirito, para depois de enſinado fazer hum bom uſo do ſeu poder naquelle exercicio, para que tiver mais propensão.

O caſtigo das eſporas he hum grande remedio para render os Cavallos obedientes á perna, ſendo bem applicado, iſto he, dado no tempo em que o Cavallo deſobedece; mas ainda então deve ſer de tal ſorte regulado, que por effeito delle ſe emende, e não de modo que deſobedeça, e commetta maiores deſordens. O lugar, em que ſe devem applicar as eſporadas, he logo atrás da terceira cilha ſobre o ventre; porque dada ſobre os ilhaes, recebe o Cavallo mal o caſtigo, tendo a garupa alta, obrigado da activa dor que a eſporada lhe cauſa. Tambem não ſe devem dar as eſporadas ſobre o lugar das cilhas, e raſgallas dahi até debaixo do chairel, fazendo hum ſeguido, e fundo raſgão no ventre do miſeravel Cavallo, porque iſto ſó póde deſculpar-ſe a hum homem deſtituido de todos os conhecimentos deſta Arte.

Para eſte caſtigo ſer util ao Cavallo, que ſe detem, ou pára, mandão todos os Profeſſores dar as eſporadas mais atrás alguma couſa, do que ſe coſtumão applicar aos que ſahem bem á eſpora; mas iſto ſe deve entender por ſerem dadas na barriga: e não ha ſciente algum que diga que com as eſporas ſe raſgue todo o ventre ao Cavallo, como fazem os arreeiros. Eſte coſtume, além de feio, obriga o Cavallo ordinariamente a deter-ſe cada vez mais.

Para dar bem com as eſporas, he preciſo ao Cavalleiro ter as ſuas pernas na aptitude que diſſemos no Livro III., dar a eſporada, e retirar logo a perna, regulando a força do caſtigo pela maior, ou menor ſenſibilidade do Cavallo; e ſe elle não ceder, eſperar pelo tempo, que tambem ſerve para os emendar.

Alguns homens para darem com as eſporas no Cavallo, fazem movimentos, e géſtos deſagradaveis: elles abrem as pernas, lanção o corpo para diante, abrem os braços, e depois he que dão a eſporada, talvez quando ella já tem perdido a ſazão da ſua utilidade, e he conhecidamente intempeſtiva ao Cavallo, que prevenido pelos movimentos, que o Cavalleiro tem feito, não preciſa já de modo algum de violencia, e menos de caſtigo.

Já

Já diſſe que o corpo do Cavalleiro deve ter movimento, ſem deſconcertar-ſe no equilibrio, e neſte caſo devem as ſuas pernas andar flexiveis nas curvas; porém firmes ſobre os eſtribos: as puas das eſporas já mais devem andar continuamente pojando ſobre o pello do Cavallo, para não lhe atenuar a ſenſibilidade do ventre, e obrigallo com eſte máo coſtume a dar, ou rabijar effectivamente com a cauda, quando trabalha, pois que todos os Cavalleiros devem evitar, o mais que puderem, os defeitos dos Cavallos em que andão, e não uſar das ajudas, e caſtigos, de ſorte que delles ſe ſigão máos coſtumes.

Os Cavallos finos, ou ſenſiveis aos movimentos dos joelhos, barrigas das pernas, e calcanhares do Cavalleiro ſentem qualquer deſtas ajudas com tanta attenção, como ſe ellas foſſem rigoroſos caſtigos. Pelo contrario, os que tem huma ſenſibilidade mais ordinaria, e obtuſa, precisão ſer ajudados, e caſtigados com ſenſações, e caſtigos mais fortes: bem entendido, que ſe o Cavallo he froxo, e faz pouco caſo delles para ter algum preſtimo, preciſa uſar o Cavalleiro de ſenſações ainda mais fortes, e caſtigos mais violentos; porque de outra ſorte não determinará os movimentos bem, e conforme com as tenções do Cavalleiro: advertindo porém que não ſe lhe deve continuar o caſtigo, em quanto o bruto eſtiver exaſperado; mas ſim quando eſtiver livre de paixão, e no eſtado de correſponder com movimentos proprios a elles.

Differença dos feitios das eſporas.

HOje eſtão muito em uſo as eſporas de çapatos, ou direitas, por ſentarem bem ſobre os ſaltos das botas: antigamente erão as eſporas arqueadas, e ſentavão ſobre o calcanhar. Ora he certo que a pelle do Cavallo no meio dos dous lados da barriga he mais groſſa; e tanto dahi para baixo, como para ſima vai ſendo mais delgada. Pelas razões já ponderadas fica moſtrado que aonde a pelle do Cavallo he mais delgada, ha maior ſenſibilidade; porém não obſtante iſto ſe faz differença: a ſenſação da eſporada, applicada nos lados da barriga mais alta, ou mais baixa, creio que he muito pouca, por cuja cauſa me remetto ao ſilencio neſta materia.

Os bicos das rozetas das eſporas não devem ſer compridos, nem muito agudos, para não fazerem ferida penetrante. Brogelat, e Newcaſtle dizem, que ſendo as rozetas de prata caſtigão como as de ferro, e não apoſtemão nunca, nem magoão tanto o Cavallo. Ha Cavallos, que ſe fazem rebeldes á eſpora, por ſerem muito ſenſiveis a eſte caſtigo; outros vão ſobre a perna; e quanto mais lhes dão com a eſpora, mais multiplicão os ſeus erros. Ha finalmente outros, que em lhes dando com as eſporas, concebem tão grande paixão, que vão ſem acordo marrar pelas paredes, ou ſe deitão no chão deſeſperados. Por todos eſtes motivos deve o Cavalleiro regular bem os caſtigos aos ſeus Cavallos, para delles conſeguir a pertendida utilidade, &c.

Diſ-

Difpofições para a lição da efpadua dentro, ou garupa ao muro.

HE a lição da Efpadua dentro efficaz, e util para facilitar, e fuavifar os movimentos ao Potro, ou Cavallo em todas as partes do corpo: ella he extrahida da que Pignateli dá nos circulos de duas piftas, e da que Newcaftle dá nos circulos de quatro piftas, e de todas as lições precedentes. Para o Cavalleiro principiar a formar o feu Cavallo na lição da efpadua dentro pelo comprimento do terreno, ou qûadrado longo, deve cuidar muito em o obrigar a que traga as efpaduas para o centro da volta, em cujo cafo deve a garupa fahir para a circumferencia tanto quanto as efpaduas entrão para o ponto do centro, de modo que vá fempre vencendo terreno para diante, conduzindo-o o Cavalleiro com ambas as mãos, ou redeas, e ambas as pernas, ifto he, fe o Cavallo não defobedece com extremo, deitando a garupa muito para fóra, ou mettendo-a com exceffo para o centro; porque duvidando elle, deve ufar dos feguintes modos de o obrigar.

Se deitar a garupa muito para a circumferencia, por fugir de fe formar na acção, devem ajudallo com as pernas ambas a que entre para diante, e depois levar as mãos para fóra do centro, voltando o corpo alguma coufa para fóra alguns efpaços, tendo as mãos firmes, de forte que ellas obriguem as efpaduas a fahir para fóra, e a perna de fóra obrigue a garupa a entrar para o centro, e feguir as linhas parallelas das efpaduas fempre na mefma obliquidade. Na lição dos circulos de Pignateli recommendo fegurem a garupa ao Cavallo nas paffagens, e ainda nos circulos alguns efpaços, para difpôr os Cavallos para efta, e para a lição dos quatro circulos.

Se pelo contrario entrar com a garupa muito para o centro, e por confequencia fahir com as efpaduas muito para fóra, tambem nefta lição fe recommenda volte o Cavalleiro o feu corpo bem para o ponto do centro, e traga as mãos firmes de fóra para dentro repetidas vezes para o Cavallo entrar com as efpaduas para a parte do centro, obrigando-o ao mefmo tempo com as pernas ambas a que ande para diante: que nefte cafo, unindo elle a efpadua de fóra á efpadua de dentro, e determinando-fe bem a ir para diante, feguirá com as piftas dos pés melhor direcção. Por eftes, e femelhantes modos fe obriga o Cavallo nefta lição a que vá alguma coufa circular, avançando fempre terreno para diante, a fim de cruzar o feu braço, e perna de dentro por fima, e por diante do braço, e perna de fóra.

Efte trabalho fe faz difficultofo ao Cavallo, principalmente galopando; mas fe elle o chega a pôr em prática com a perfeição que deve, eftá certamente prompto para obedecer com facilidade a todos os movimentos das mãos, e pernas do Cavalleiro.

Os Efcritores anteriores a Newcaftle tinhão defcuberto nas efpaduas, e braços dos Cavallos finco movimentos, que são: ir para diante, recuar para trás, levantar para fima, obliquar para a direita, e obliquar para a efquerda. Newcaftle porém lhe defcubrio mais dous, com que vem o Cavallo a ter fete movimentos

prin-

principaes nas ſuas eſpaduas, e braços. Dos ſinco já referidos he o primeiro ir para diante, quando ſe determinão os movimentos por huma linha recta. O ſegundo ir para trás, quando recua ſobre linhas tambem rectas. O terceiro, levantando-ſe para ſima, principalmente quando ſuſpende, e faz as curvetas, ou fórma algum dos ares altos. O quarto obliquar para a direita. O quinto obliquar para a eſquerda, indo de chapa, ſeja para hum, ou para outro lado. O ſexto circular para a direita, paſſando a mão direita por ſima, e por diante da mão eſquerda, e da meſma ſorte a perna de dentro, ſeja trabalhando neſta, ou na lição do circulo de quatro piſtas; e o ſetimo, porque he tambem circular, paſſa a mão, e a perna eſquerda por ſima, e por diante da mão, e perna direita.

ESTAMPA XIII.

Do Cavalleiro, dobrando hum Cavallo na lição da eſpadua dentro, ou garupa ao muro, ao paſſo, e ao trote pelo comprimento da muralha para a direita.

QUando o Cavallo na lição da eſpadua dentro eſtá dobrado para a direita, vence o terreno para a eſquerda: a eſpadua eſquerda ſegue a linha, ſobre que o Cavallo vai andando, ou trabalhando, e neſte caſo a direita em cada primeiro tempo do ſeu movimento ſe une a ella: dobrando-ſe elle para a eſquerda, vence o terreno para a direita, e une a eſpadua eſquerda á direita, paſſando a mão, e braço eſquerdo a cada paſſo por ſima, e por diante da mão, e braço direito. A facilidade dos tres primeiros movimentos dos braços, e pernas dos Cavallos de ir para diante, andar para trás, e levantar para ſima, ſe adquirem facilmente por meio das lições do trote, das paradas, das meias paradas, e do recuar; porém os movimentos obliquos, e circulares tem mais difficuldade nas articulações dos braços, e pernas dos Cavallos, e para os vencer, e adquirir he muito util a lição da eſpadua dentro, porque neſte trabalho não ſó he o Cavallo obrigado a paſſar o braço, e a perna de dentro por ſima, e por diante do braço, e perna de fóra, mas tambem a recolher a ſua perna, e meia anca de dentro para baixo do corpo.

Para deſembaraçar as eſpaduas dos Cavallo he muito util eſta lição, maiormente ſe elle faz a paſſagem do braço, e perna de dentro, circulando, e avançando bem por ſima, e por diante do braço, e perna de fóra. Quando elle não anda bem para diante, alcança muitas vezes com a ſua mão, e pé de dentro a mão, e pé de fóra no riſco de fazer alcançaduras, e falſas poſições; porém iſto ſuccede mais vezes áquelles, que não tem ainda adquirido deſembaraço, e facilidade nas eſpaduas, e ancas. O meſmo acontece aos que são mal formados, aos que são fracos, ou eſtão já arruinados de alguma das partes do corpo; pois os que tem eſtes defeitos, commummente ſe deſigualão nos ſeus movimentos para huma, e outra parte.

A difficuldade que todos os Cavallos tem em adquirir o movimento circular de paſſar o braço, e perna de dentro por ſima, e por diante do braço, e perna de

Silva delin
Froy sculp

de fóra; e a falta de encontrar regras certas para dar ás ſuas eſpaduas, braços, e pernas a facilidade dos movimentos obliquos, e circulares, deo ſempre muito em que cuidar aos mais ſcientes Profeſſores deſta Arte; e o Cavallo ſem eſta grande perfeição já mais voltará com facilidade, nem fugirá á perna do Cavalleiro, calcanhares, e eſporas, com boa graça, e liberdade para huma, e outra mão, por iſſo trabalhou tanto Pignateli em deſcubrir o circulo de duas piſtas; e Newcaſtle fez tanta diligencia por deſcubrir, e aperfeiçoar a ſua lição dos quatro circulos, que ſem dúvida são até ao preſente o meio mais efficaz, e util para deſembaraçar, e ſuaviſar aos Cavallos os movimentos de todas as partes do corpo.

Le Brove diz Pag. 113.: „ Nem todos os Cavallos tem compleição, conſ-
„ trucção, e poſſibilidade para ſoffrer a grande ſujeição do trabalho dos circulos.
„ Affirma tambem que deve o Cavalleiro obſervar ſe as forças do ſeu Cavallo per-
„ mittem dar muitas, ou poucas voltas de hum folgo; porque ſenão fizerem eſte
„ reparo, os Cavallos obrigados da violencia do trabalho, em mais não poden-
„ do, ſe deſgoſtão, ſe negão, ſe obſtinão, e ſe defendem. „

Newcaſtle Pag. 53. diz: „ O Cavallo com as eſpaduas dentro, e a garupa
„ fóra ſe facilita muito, e vem ſobre as eſpaduas, deſembaraçando-ſe dellas extre-
„ mamente: entra mais depreſſa na mão, e toma por conſequencia apoio, e go-
„ verno. „

Brogelat Pag. 34. diz tambem: „ Em o Cavallo galopando com as eſpaduas
„ dentro, e a garupa fóra, as eſpaduas devem entrar para o centro, tanto quanto
„ a garupa ſahe para a circumferencia: e neſte caſo as eſpaduas trabalhão no balan-
„ ço do ſeu movimento, levantando-ſe ſempre ſobre o balanço da garupa; mas ao
„ paſſo, e trote neſta lição fica ſómente a meia garupa do centro ſeguindo as linhas
„ das eſpaduas, e por iſſo o Cavallo mais ſobre ellas, que ſobre a garupa. „

O parecer deſtes famigerados Eſcritores nos deixa perceber que o Cavallo não póde ſer perfeitamente deſembaraçado, ſem adquirir o movimento circular, por iſſo hum, e outro julgão o circulo preciſo, e util, ainda quando confeſsão que trabalhando o Cavallo ſobre elle ao paſſo, e trote, fica mais ſobre as eſpaduas, que ſobre a garupa.

Logo o Cavallo ſem o trabalho dos circulos não póde ſer perfeitamente deſembaraçado; e ſem adquirir o movimento circular, não póde com facilidade voltar, e dobrar-ſe para huma, e outra parte, por cuja cauſa todos os ſabios approvão eſta lição, para render os Cavallos flexiveis, deſembaraçados, e obedientes, ou iguaes dos ſeus movimentos, tanto naturaes, como artificiaes. A lição da eſpadua dentro tem a meſma propriedade, como hei de provar.

Por meio dos circulos ſe deſembaraça o Cavallo de todas as partes do corpo, e ſe facilita muito no governo, e apoio, que vai adquirindo na mão do Cavalleiro. Iſto confeſſa Newcaſtle; mas ſe elle fica mais ſobre as eſpaduas que ſobre a garupa, parece-me que neceſſariamente ha de perder o ſeu mais brilhante movimento das eſpaduas. Da parte do Cavalleiro eſtá ſervir-ſe da lição dos circulos, em quanto ella he util ao Cavallo, ſeja para principiar a formar os Potros, e Cavallos para a lição, ſeja para reduzir aquelles, que são caprichoſos, e rebeldes.

Os Cavallos, que forem refabiados, e duvidarem voltar para huma, ou outra mão, não devem fer trabalhados na lição da efpadua dentro, para que elles não fe aproveitem das ajudas da mão de fóra, para a fua defeza; devem fim trabalhar, e render os Cavallos refabiados fobre os circulos, debaixo da guia, e depois fobre as linhas rectas de todo o comprimento da muralha, e linhas do quadrado, até que elles, cedendo dos feus vicios, fe deixem vencer, e dominar.

A lição da efpadua dentro, não fendo o Cavallo refabiado, he muito proveitofa, pois ella he extrahida das lições dos circulos de duas, e de quatro piftas, e para o mefmo fim, para que fervem as lições dos circulos, pois o Cavallo na lição da efpadua dentro tambem fe defembaraça das efpaduas, e braços, e ufa bem da fua meia garupa de dentro.

Não podendo entrar as efpaduas do Cavallo para o centro nefta lição, fem que a perna, e meia anca de dentro fe curve, e entre a perna para baixo do feu corpo, feguindo a linha da mão de fóra, elle ha de não fó baixar a meia anca de dentro, mas dobrar o curvilhão, e travadouro para ufar bem da fua meia garupa de dentro.

Depois de trotar bem naquelle trote, que lhe he proprio (fegundo as fuas qualidades, conftrucção, e difficuldades) fobre as linhas da muralha, linhas do quadrado, e fobrecirculos de duas piftas para huma, e outra parte igual, obediente, e focegado, então fe lhe deve formar a lição da efpadua dentro fobre as linhas da muralha, e do quadrado, fazendo-o marchar fobre ellas obliquamente, como fe moftra na Eft. XIII.

Quando o Cavalleiro pertende conduzir o Cavallo nefta lição para a direita, deve atrazar a fua efpadua direita, avançar a efquerda, fazer-lhe fentir alguma coufa a perna direita, logo atrás das cilhas, a efquerda entre a primeira cilha, e a efpadua, obrigando-o affim com ambas as pernas a que entre para diante, trazendo repetidas vezes a mão de fóra para o centro, para que as redeas de fóra tragão as efpaduas para dentro, e fe una a efpadua de fóra muitas vezes á efpadua de dentro, tornando a mão de unhas abaixo para fóra, não fó para o formar bem na acção, fazello feguir huma, e outra redea com facilidade, mas para o obrigar a entrar com a perna de dentro bem para baixo do feu corpo, e feguir com ella as linhas da mão de fóra. Nefta lição, e acção o Cavallo fe conduz com facilidade dobrado para a direita, foge ao calcanhar, e perna de dentro, indo entre ambas as redeas, e ambas as pernas com fujeição, e obediencia.

Na lição dos quatro circulos, ao paffo, e trote, a garupa marca o terreno por fóra das linhas das efpaduas, e na lição da efpadua dentro eftá fómente a meia anca de fóra das linhas das efpaduas, porque a meia anca de dentro fegue a linha da efpadua de fóra. O Cavalleiro deve obrigar o Cavallo fobre as linhas da muralha Eft. XV. pelas linhas N. 1., e N. 4. fem chegar-fe tanto á parede, que ella lhe firva de embaraço a dobrallo para a parte que deixa; porque nefte trabalho anda dobrado para a direita, e vence o terreno para a efquerda, como fe vê nas piftas A, e B, em que as efpaduas marcão as linhas N. 1., e as ancas as linhas N. 4. Ifto fuppofto, paffemos a moftrar como fe fórmão as paffagens nefta lição.

Mo-

Modo de formar as paſſagens de mão da direita para a eſquerda na lição da eſpadua dentro , ao paſſo , e trote.

AS paſſagens de mão da direita para a eſquerda são muito faceis, cortando o terreno, como ſe moſtra nas linhas E; e chegando ás linhas L , Eſt. XV., devem fazer-lhe entrar as eſpáduas para o centro, e ſahir a garupa para a circumferencia , como ſe vê nas piſtas , que ſe ſeguem pelas linhas Q , e R. Neſtas paſſagens tem o Cavallo hum grande eſpaço de terreno para ſe mover , e por iſſo lhe são muito faceis.

Tambem ſe paſſa de mão no fim das linhas da muralha por hum angulo recto, ou tambem formando hum angulo agudo, e da meſma ſorte ſobre hum angulo curvilineo, marcando o terreno, como na Fig. 4, 5, e 7. da Eſt. IV. Para formar qualquer deſtes angulos da direita para a eſquerda , he preciſo que o Cavalleiro pelo comprimento da linha da muralha conſerve ao Cavallo a dobra do corpo , e volta do ſeu peſcoço , deixando no vertice a linha da muralha , e formando aquelle angulo que lhe parecer mais conveniente ; e pelo meio circulo que fizer do angulo para dentro lhe deve ſegurar alguma couſa a perna de fóra, tendo as mãos, principalmente a direita , de unhas aſſima , com o dedo minimo inclinado para a ſua eſpadua eſquerda, para que o Cavallo encruzado entre a redea de dentro, e a perna de fóra, vá para diante pelo meio circulo até chegar á ſua extremidade, ou lugar da paſſagem.

Quanto mais o Cavalleiro fizer ir aproximando o Cavallo pelo meio circulo do angulo ao fim da paſſagem , tanto mais deve ter o ſeu corpo atrás , endireitar o animal com ambas as redeas , e unir-lhe as pernas ao ventre , a de fóra logo atrás das cilhas, e a de dentro entre a primeira cilha, e a eſpadua para com a de fóra lhe ſegurar a garupa , e com a de dentro as eſpaduas, conſervando as pernas em diſtancia tal, que o Cavallo as ſinta, e por effeito das ſuas ſenſações entre para diante , indo aſſim encruzado entre a redea de dentro , e a perna de fóra até á linha da muralha, em que ha de acabar de completar a paſſagem: então o fará mudar toda a acção da ſua figura, ſe andar (como temos dito) para a direita, deſdobrando-o della, e dobrando-o para a eſquerda. A paſſagem tem os meſmos tempos neſta lição, que em outra qualquer ; e as que ſe fórmão nos angulos já referidos, são muito viſtoſas , e uteis.

Logo que o Cavalleiro na lição da eſpadua dentro paſſar de mão , deve mudar toda a acção da ſua figura da direita para a eſquerda : apôs iſſo deve com as ſuas pernas ambas obrigar o Cavallo a que entre para diante para o poder formar em huma acção igual áquella, em que andava para a direita, antes de paſſar: elle depois de trazer do vertice do angulo V, X as eſpaduas do Cavallo para o centro, deve ter a ſua mão eſquerda de unhas aſſima , e o dedo minimo para a eſpadua direita, voltando o corpo bem para o centro do terreno, avançando a eſpadua direita para diante , atrazando á proporção a eſquerda , e obrigando-o com ambas

as pernas, e com ambas as redeas pelas linhas N. 1., e N. 4. a que marque o terreno, como se vê nas pistas Q, e R.

Se o Cavallo se defender obstinado, não querendo render-se á sujeição, e vontade do Cavalleiro, será bom por algum tempo fazello trabalhar fóra da escola; e se puder ser todos os dias, melhor, até estar menos lembrado do seu erro. Depois o podem fazer tornar á Picaria, e pollo nos principios de que já tratámos pelo direito, seguido, e vivo, até que elle se deixe vencer, e dominar, tanto sobre as linhas da muralha, e do quadrado, como sobre os circulos de duas pistas. Ora quando elle sobre os circulos for obedecendo, o Cavalleiro sem violencia o irá conduzindo para as linhas da muralha, e dellas outra vez aos circulos, formando-lhe nas extremidades das tangentes alguns meios circulos até poder com estas diligencias conseguir o formallo pelas linhas da muralha na acção da seguinte

ESTAMPA XIV.

Do Cavalleiro, formando hum Cavallo na lição da espadua dentro sobre as linhas da muralha, dobrado para a esquerda.

LOgo que o Cavallo principiar a obedecer livre daquella confusão, que de antes lhe servia de embaraço, o podem ir aperfeiçoando na lição da espadua dentro pelo comprimento do terreno; e tanto que der alguns passos com igualdade, parallo, e affagallo, para lhe dar a conhecer que fez bem.

Em seguindo com obediencia as linhas da muralha, sujeito ás sensações das pernas, e das mãos, ou redeas na lição, de que tratamos, o podem ir obrigando a que chegue aos cantos; e ainda que isto he difficultoso neste trabalho, o Cavallo adquire assim muita sujeição, desembaraço, promptidão, e facilidade nas articulações dos braços, pernas, e espaduas.

Todos os Cavallos ordinariamente, quando vão chegando ao fim da linha recta da muralha, fórmão rapidamente o angulo para a linha do quadrado, por fugir á sujeição de chegar a entrar no canto. Para evitar isto, deve o Cavalleiro, quando se for aproximando ao fim da linha da muralha, formar ao Cavallo huma meia parada, para que elle se levante mais sobre a garupa, fique mais leve na mão, e dê tempo a que o possão obrigar a formar o angulo no canto, sem acceleração de movimento. Ora para formar bem esta meia parada sobre a mão esquerda, precisa o Cavalleiro ter a sua mão esquerda de unhas assima, o corpo algum tanto mais atrás, e firme, levando as mãos alguma cousa da cernelha para a direita; e depois do Cavallo chegar ao canto, e passar das linhas da muralha para as linhas do quadrado, então a mão esquerda ha de entrar de unhas abaixo, mais, ou menos inclinada para o centro, a fim de que a espadua da parte de fóra se una á espadua esquerda, ou de dentro, e elle forme o angulo com perfeição.

Silva delin.

Frois sculp.

Modo de passar os Cavallos de mão da esquerda para a direita na lição da espadua dentro.

REcommendo que passem o Cavallo de mão, cortando o terreno, quando elle tem ainda pouco desembaraço nesta lição, por ser este o modo mais facil de formar as passagens, como se vê na Est. XV. Tendo cortado o terreno, como se mostra nas linhas F, L; e chegando ás linhas M, N, podem fazer-lhe entrar as espaduas para o centro, e sahir as ancas para a circumferencia, como se vê nas pistas, que se seguem pelas linhas N. 1., e N. 4., mudando-lhe toda a acção, e dobra do corpo da esquerda para a direita. As passagens nos angulos são mais difficultosas, e por isso mais vistosas, e proprias para quando o Cavallo tiver mais facilidade, e desembaraço.

Se o Cavallo se detiver, levantando-se bem sobre a garupa por effeito da meia parada (a que digo o podem obrigar) para passar das linhas da muralha S no canto para as linhas rectas do quadrado T, então as mãos, entrando para o centro com as redeas de fóra, obrigaráõ a espadua de fóra a unir-se á espadua de dentro; e a pista da mão direita no vertice do angulo, passando por sima, e por diante da esquerda, virá unir-se á linha da pista do centro. Advertindo que no tempo, em que as espaduas entrão para o centro, a perna esquerda deve, ao voltar do Cavallo, affrouxar-se, quanto for preciso, para elle usar bem das espaduas, fazendo-lhe apôs isso sentir ambas as pernas para a meia garupa direita alcançar a precisa liberdade de se alargar para o canto, e passarem as ancas pelas linhas, que marcárão as espaduas.

Logo que o Cavallo tiver formado o angulo para dar principio ao meio circulo, o Cavalleiro deve tornar a sustentar a sua mão esquerda de unhas assima, para lhe conservar a dobra do pescoço, e corpo na acção, em que andava antes de dar principio ao angulo S, T, e se dispôr para passar de mão.

Differença que fazem humas de outras passagens de mão.

SE a garupa seguir pelo meio circulo do angulo as espaduas, marcando as pistás dos pés as linhas, que marcão as pistas das mãos, a passagem he feita sobre duas pistas. Se o Cavalleiro encruzar o Cavallo entre as redeas esquerdas, e a perna direita, e pelo meio circulo do angulo elle marcar duas linhas com as pistas das mãos, e outras duas com as pistas dos pés, as espaduas marcaráõ dous circulos maiores, e as ancas dous menores, e neste caso se diz que o Cavallo formou a passagem de quatro pistas. O mesmo se deve entender, quando por semelhantes modos passão de mão da direita para a esquerda.

Já deixamos notado que se devem formar meias paradas ao Cavallo, que entra rapidamente no angulo das linhas da muralha para as linhas do quadrado: o que faz por escapar ás oppressões de formar o angulo com perfeição; mas se elle se detiver, quando o obrigarem a passar das linhas da muralha para as linhas

do

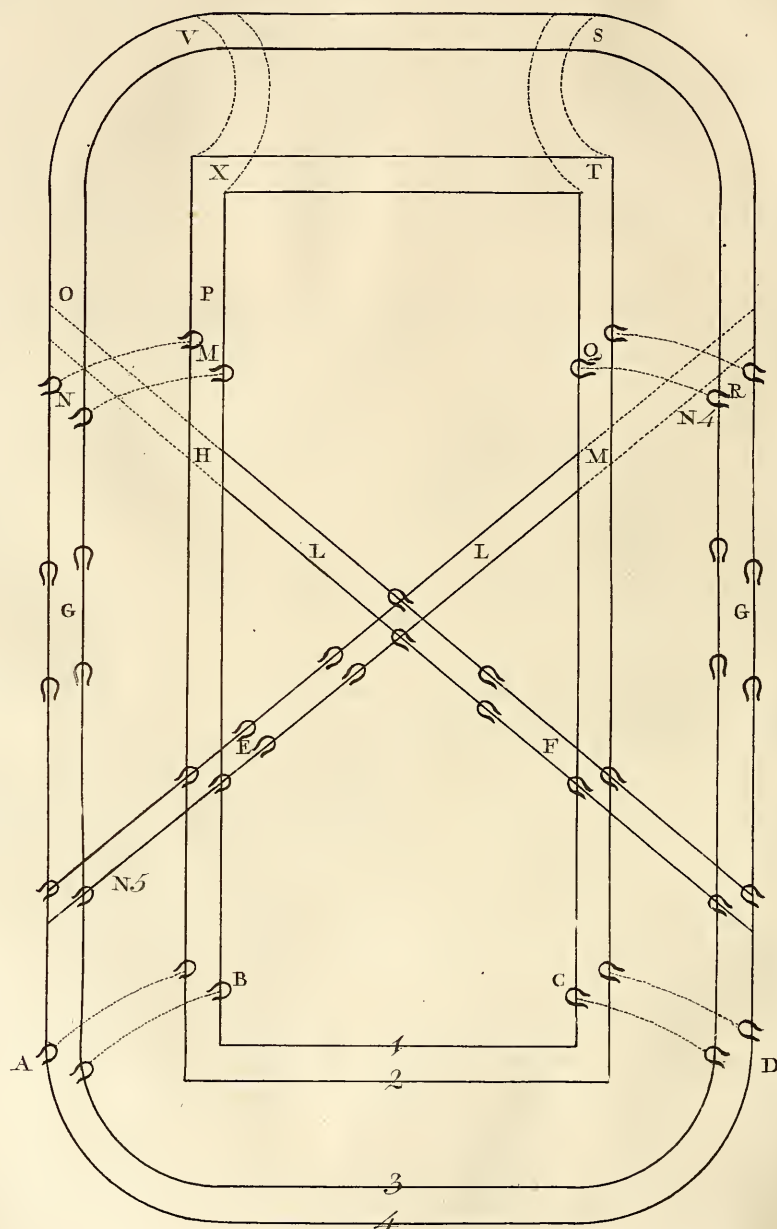
do quadrado, neſte caſo não ſómente não ſe lhe devem formar as meias paradas; mas nem ainda chegallo ao canto, em quanto elle ſe detiver, ou ficar para trás.

Se duvidar recolher a garupa para huma, ou outra mão, bem para baixo do corpo, ſeja formando a paſſagem de duas, ou de quatro piſtas, tendo-a alta, ou tambem pondo os rompões das ferraduras ſobre os caſcos, defeza muito ordinaria daquelles, que ignorão ainda eſta lição, póde o Cavalleiro para os remediar tocar-lhe com a vara ſobre a garupa daquella parte para onde mais ſe encoſta, ou ajudallo com a falla, com as pernas, e ainda com as eſporas primeiramente brandas; e ſe continuar na deſobediencia, mais, ou menos fortes, ſegundo for preciſo.

Quando a garupa marcar as ſuas piſtas por dentro das linhas, que marcão as eſpaduas, ou elle vá trabalhando ſobre as linhas da muralha, ſobre as linhas do quadrado, ou outra qualquer parte do manejo, as eſpaduas perderáõ o ſeu mais brilhante movimento, não ſó entrando ambas as ancas por dentro das linhas das eſpaduas, mas ainda quando a meia anca de fóra for marcando a linha da mão de dentro: neſte caſo as eſpaduas ficaráõ perto da terra, o Cavallo romperá o peſcoço, ou voltará a cara muito para o centro, e por conſequencia ficará torcido, e mal poſto no chão. Deſta fórma elle não ſe dobra, antes ſe enteza ſobre a eſpadua de fóra, de ſorte que nem a redea de fóra, nem a ajuda da vara, e pernas baſtão para remediar eſte defeito; e todos os Cavallos, a quem os Cavalleiros deixarem inveterar neſte máo coſtume, hão de ſim dobrar a cara, e peſcoço muito para dentro, mas hão de levar o bico para fóra, inclinando as orelhas, e a parte local da cabeça para o centro. A embocadura do freio não aſſenta bem ſobre os aſſentos, em quanto elles vão neſta figura, e por eſte modo ficão diſpoſtos para deſobedecer ás diligencias das mãos, e pernas do Cavalleiro, quando contrahem eſtes defeitos, para ſe defenderem da ſujeição.

Neſtes, e nos mais lances que acontecerem, em quanto formarem os Cavallos na lição da eſpadua dentro, devem os Cavalleiros ſempre fugir de que elles nos ſeus movimentos ſejão deſiguaes, de que ſe entortem do peſcoço, e eſpaduas, dando a cara, ou dobrando o peſcoço mais para huma, que para outra parte, de que dem o bico para fóra, e entrem com as orelhas para o centro, e finalmente de que deixem de ſeguir com a ſua piſta do pé de dentro a linha da mão de fóra. As mãos do Cavalleiro devem contrapôr as ſenſações das redeas ás ſenſações das pernas, para lhe introduzir o coſtume de voltar com facilidade, de recolher a meia garupa, e a perna de dentro para baixo do corpo, de cruzar o pé, e mão de dentro por ſima, e por diante do pé, e mão de fóra, entrando ao meſmo tempo na mão, e vencendo ſempre terreno para diante, de ſorte que marchando obliquamente, ſe levante das eſpaduas, baixe a garupa, dobre o peſcoço, e corpo, e ſe forme, tanto indo ſobre a direita, como ſobre a eſquerda nas viſtoſas acções, que ſe moſtrão nas Eſtampas XIII., e XIV. Se porém as diligencias, de que temos tratado, não baſtarem para exigir delle a igualdade dos ſeus movimentos, e a obediencia, devem formar-lhe outra lição das precedentes, até que eſteja diſpoſto para eſta.

Do

Estampa 15 Pag. 199
V
S
X
T
O
P
M
Q
N
R
N4
H
M
L
L
G
G
E
F
N5
B
C
A
D
1
2
3
4

Modo de marcar o terreno, trabalhando nesta lição.

LOgo que o Cavallo se fórma na acção da espadua dentro, marchando dobrado para a direita, marca com a pista da mão direita a linha mais proxima ao centro N. 1. com a da esquerda a linha N. 2. Com a do pé direito a linha N. 3., e com a do pé esquerdo a linha N. 4., como se vê na Est. XV.

Quando elle anda dobrado para a esquerda, marca a pista da mão esquerda a linha N. 1., a direita a do N. 2., o pé esquerdo o N. 3., e o pé direito o N. 4.: succede isto pela passagem que faz sempre com a pista do pé, e mão de dentro do centro por sima, e por diante da pista da mão, e pé de fóra: advertindo que ainda galopando nesta lição, marca o terreno da mesma sorte, como se vê na seguinte

ESTAMPA XV.

Do quadrado longo, em que se mostra o modo, por que os Cavallos marcão o terreno, quando trabalhão na lição da espadua dentro.

Lição da meia garupa dentro ao passo, e trote para a direita.

DEpois do Cavallo desembaraçado na lição da espadua dentro, se póde tambem desembaraçar por meio da lição do trote, fazendo-o determinar os seus movimentos pelas linhas da muralha, seguindo com as pistas do pé de fóra a linha da mão de dentro. O Cavalleiro o deve obrigar com ambas as pernas, e as redeas ambas, a que andè para diante igual no movimento, para o ir formando, e regulando bem na acção da sua figura.

A mão esquerda do Cavalleiro (se o Cavallo andar dobrado para a direita) deve trabalhar de unhas abaixo, e a direita de unhas assima, para que as espaduas sigão as linhas da muralha, e a garupa entre para as linhas do centro. Neste caso a perna esquerda deve ajudar atrás da ultima cilha para o encruzar entre ella, e as redeas direitas.

Esta lição he boa para fazer usar mais da garupa aos Cavallos, que tem muito fortes os rins, ancas, e curvilhões, que tem boa boca, muita viveza, e promptidão; porque entrando a garupa para o centro, a muralha segura alguma cousa as espaduas; e quando o Cavallo volta, necessariamente apoia o seu pezo sobre as ancas, rebate a garupa, e soffre as sensações das mãos, e pernas do Cavalleiro com mais sujeição.

Digo que precisa ter muita agilidade, e boa boca, porque de outra sorte não poderá levantar-se nos angulos, quando volta sobre as ancas. O corpo, as mãos, e as pernas do Cavalleiro o devem ajudar com prompta actividade, principalmente quando fórma o angulo, tanto quando anda sobre a mão direita, como quando anda sobre a esquerda.

Serve tambem para fazer o Cavallo igual na dobra do pefcoço, e efpaduas. Exemplo: Se lhe cufta a dobrar-fe deftas partes para a direita, he bom ufar defte trabalho para o vencer nas fuas difficuldades, porque forçofamente entra na mão, quando lhe fórmão a meia volta, ou femicirculos de quatro piftas, como tambem as paffagens de mão pelos meios circulos dos angulos; e da mefma fórma fe deve entender ifto, quando a difficuldade he para a efquerda.

Porém fe elle não tiver as qualidades, que já diffe, e pelo contrario tiver má boca, pouca força no efpinhaço, quadrís, garupa, e curvilhões, efta lição não fará nelle bom effeito, antes ficará para trás, e será rude ás fenfações das mãos, e das pernas; porque as efpaduas, que fazem o maior gyro, precisão fer foccorridas pelas ancas, entrando as pernas bem para baixo do corpo, aliàs ficaráõ as efpaduas perto da terra, e o Cavallo pela pouca poffibilidade do feu efpinhaço, e garupa fe irá abandonando fobre o freio, e fará nelle máo effeito efta lição.

Modo de paffar de mão na lição da meia garupa dentro.

PAra o Cavalleiro fazer paffar de mão o feu Cavallo da direita para a efquerda, póde ufar das mefmas diligencias, e movimentos das fuas mãos, pernas, e corpo, de que diffemos devem ufar na lição da efpadua dentro, maiormente nos meios circulos dos angulos, ou o obriguem a formar a paffagem de duas, ou de quatro piftas: e tambem fe deve ifto entender, trabalhando-o tanto fobre a direita, como fobre a efquerda. Deve o Cavalleiro conformar-fe com a viveza, poffibilidade, e difficuldades do feu Cavallo, pois nem todos pódem ter velocidade correfpondente ás fenfações que lhes fazem. Ifto fuppofto, paffaremos a moftrar o modo com que o Potro, ou Cavallo fe deve formar na lição dos quatro circulos ao paffo, e trote para a direita.

Difpofições para a lição dos circulos de quatro piftas.

A Lição dos circulos de quatro piftas já temos dito que foi inventada pelo Marquez Duque de Newcaftle; e entre todas as que fe dão aos Cavallos, he grandemente util para os render flexiveis, e obedientes: ella faz bom effeito em toda a forte de Cavallos, reduzindo-os ao bom eftado de voltar facilmente para obedecerem com promptidão ás fenfações do freio, e efporas, produzidas pelas mãos, e pernas do Cavalleiro, não fó nefta, mas em todas as lições, e trabalhos, de que he fufceptivel a fua capacidade.

Os Cavallos nefta lição trabalhão em linhas, ou piftas naturaes, e a direcção circular os vai fempre obrigando a dobrar-fe do principio do ezofago Eft. III. N. 23., e de todo o feu pefcoço, efpaduas, e corpo, como fe vê na Eft. XVI.; a perna de dentro do centro por effeito do movimento circular entra para baixo do corpo, e ponto de gravidade: por confequencia a pifta do pé de dentro vai ao menos feguindo o radio da linha da mão de dentro.

Nefte trabalho o Potro baixa a fua meia anca da parte de dentro da volta, que

que de outra ſorte elle não poderia recolher a ſua perna de dentro bem para baixo do ventre. Eſta lição o facilita tambem muito dos movimentos dos braços, curvilhões, e travadouros; pois em cada paſſo que dá, a eſpadua dentro, e todo o braço pela paſſagem que faz por ſima, e por diante do braço de fóra, infallivelmente ſe vai deſembaraçando; e a garupa á proporção do que as articulações das eſpaduas ſe facilitão, ſe vence, e ſe deſembaraça tambem com o meſmo exceſſo, porque o Cavallo marca o terreno, como ſe moſtra na Eſt. XVII.

As eſpaduas do Cavallo neſta lição entrão preciſamente para o ponto do centro, e a garupa vai ſahindo á proporção para as linhas da maior circumferencia: o pezo da maior parte do corpo do Potro, e o pezo do corpo do Cavalleiro recahe (em quanto o Cavallo ſe conduz neſta acção) mais ſobre as eſpaduas, que ſobre a garupa, como confeſſa o ſeu Author. Iſto não obſtante, ella he util; e para o ſer, baſta a certeza que temos, de que faz entrar bem os Cavallos na mão.

Leis da lição dos quatro circulos pertencentes á determinação dos movimentos do corpo do Cavalleiro.

1 DEve elle ſentar-ſe bem no meio da ſella, pezando com o equilibrio do ſeu corpo mais ſobre o coxim, e eſtribo de dentro, para fazer voltar, indireitar, e entrar com facilidade o Cavallo com as eſpaduas para o centro, ou elle ande para a direita, ou para a eſquerda.

2 Deve (ſe andar para a direita) avançar o ſeu quadril eſquerdo, e por conſequencia tambem a eſpadua de fóra, e ficar o tronco do corpo bem perfilado, e direito com os radios do circulo entre as arias das circumferencias, que vão marcando as piſtas das mãos, e pés do Cavallo.

3 Deve ligar-ſe com as ſuas pernas ao Cavallo bem igual ſobre os eſtribos, quando elle vai bem para diante, para que por meio de todas eſtas diligencias determine bem todos os ſeus movimentos.

Leis pertencentes á direcção dos movimentos dos corpos dos Cavallos neſta lição para a direita.

1 ELles devem marcar o terreno com as piſtas das mãos, e pés em diſtancias iguaes de huma á outra, como ſe vê nas arias de entre as linhas dos circulos da Fig. 1. Eſt. XVII., o que não póde o Cavallo fazer ſem extender a ſua perna de dentro bem para baixo do corpo, e ponto de gravidade.

2 Deve o ſeu movimento ſer igual, ou ande de paſſo, ou de trote, ou de galope, tanto no balanço das eſpaduas, como no balanço da garupa.

3 Deve paſſar a mão, e perna de dentro ao paſſo, e trote bem por ſima, e por diante da mão, e perna de fóra, dobrando-ſe com igualdade para huma, e outra mão. Eſtas Leis ſe devem entender que tem o meſmo vigor tanto para a direita, como para a eſquerda.

Depois do Cavallo por meio das lições precedentes ſe achar que eſtá pelo

ſeu deſembaraço em eſtado de poder trabalhar na lição dos quatro circulos, para o reduzirem a determinar os ſeus movimentos mais igual, e facil de todas as partes do ſeu corpo, ſe o Cavalleiro o principia a formar neſta lição para a direita, póde, para o encaminhar com mais facilidade, ter as redeas do freio ſeparadas: iſto he, a redea direita do freio, e cabeção na mão direita, e a redea eſquerda do freio, e cabeção na mão eſquerda, para que a barbella, e a embocadura do freio com o movimento de huma, e de outra mão façaõ o Cavallo mais facil ás ſenſações produzidas pela meſma embocadura, e barbella nos aſſentos, e na barbada.

Tirando pois o Cavalleiro a ſua mão direita com mais alguma força para dentro, faz dobrar, e olhar o Cavallo para o centro, e mais ſe dobrará ſe com a ſua mão de fóra o ajudar, trazendo-a muitas vezes para o centro: ao meſmo tempo que a mão vem para dentro, lhe devem fazer ſentir as pernas ambas, a de dentro pouco mais atrás das cilhas; e a de fóra entre as cilhas, e a eſpadua eſquerda, para que a de dentro faça ſahir a garupa bem para a circumferencia, e a perna de fóra ajude a ſuſtentar, e trazer as eſpaduas para o centro.

Ordinariamente querendo os Cavalleiros formar os Cavallos na lição dos quatro circulos, coſtumão eſtes buſcar muitos modos de ſe defenderem da ſujeição a que os conduz eſte trabalho: e he preciſo muitas diligencias para elles ſe chegarem a formar na acção, que ſe moſtra na ſeguinte

ESTAMPA XVI.

Do Cavalleiro, formando hum Cavallo na lição dos quatro circulos, dobrado para a direita, com o freio, e cabeção ao paſſo, e trote.

Defezas, que ordinariamente buſcão os Cavallos para fugir deſta lição.

ALguns Cavallos, quando os obrigão a formar-ſe neſta acção, ſeja para huma, ou para outra mão, dobrão o peſcoço, e dão o focinho muito para dentro, por ſe lançarem ſobre a eſpadua de fóra: os que buſcão eſta defeza commummente ſão pouco deſembaraçados, tem pouca força, ou máo feitio de cabeça, peſcoço, e eſpaduas.

Outros entrão com a garupa muito para o centro; e ſem fazer caſo das ſenſações, com que os obrigão as pernas do Cavalleiro, rolão para fóra. Elles ſe conduzem aſſim abandonados ſobre a mão, e pernas, porque ſão fracos dos ſeus ligamentos do eſpinhaço, e quadrís, ou por terem pouca ſenſibilidade no ventre, e na boca.

Ha tambem alguns Cavallos, que obrigando-os os Cavalleiros a formar-ſe neſta lição, entezão o peſcoço; e ſem querer dobrar-ſe, fogem com o focinho para fóra: eſtes ordinariamente ſão ignorantes.

Ou-

Silva delin. *Frois sculp.*

Outros finalmente lhes custa muito dobrar-se bem nesta acção, por serem curtos do pescoço, e terem máo movimento na garupa: as suas defezas commummente são ficar para trás, e rolar muito para fóra: esta he a peior defeza, que elles podem buscar, e ordinariamente os que se valem destes recursos, são mal intencionados.

Modo de evitar que os Cavallos se deixem possuir de alguns destes defeitos.

SE dobrarem o pescoço muito para dentro, quando andão para a direita, por se lançarem sobre a espadua esquerda, deve o Cavalleiro fortalecer-se na acção da sua figura repetidas vezes, conforme a primeira lei desta lição, trazendo amiudadamente a sua mão esquerda de unhas assima para dentro da volta, avançando mais a espadua esquerda com toda a parte do tronco do corpo, e ainda o quadril, e perna de fóra, no tempo em que traz a mão para dentro: neste caso se atraza á proporção a espadua direita, e a mão direita se conduz de unhas abaixo para o centro, apôs isto se reforção instantaneamente as sensações da perna direita logo atrás das cilhas, e as da esquerda entre a primeira cilha, e a espadua de fóra, firmando-se mais sobre o estribo de dentro, para com o pezo do corpo, e força das sensações das mãos, e pernas obrigar o Cavallo a entrar com as espaduas para o centro, e sahir com a garupa igualmente para a circumferencia.

Se entrar com a garupa muito para o centro, seja por usar mal das espaduas, e ancas, seja por ser pouco sensivel da boca, e ventre, além de o obrigarem com a mão esquerda, trazendo-a repetidas vezes de fóra para o centro, devem obrigallo muito pouco com a mão direita, e com ambas as pernas fazello entrar bem para diante, fazendo com o corpo hum quarto de circulo, como se vê na Est. IV. Fig. 10., perfilando o hombro direito com o radio do circulo de A para E, fortalecendo o equilibrio de todo o corpo mais sobre o estribo de dentro da volta, e fazendo-lhe sentir a vara sobre a garupa, tendo alguma cousa o corpo atrás, e firme no tempo em que a mão segura a redea de fóra para dentro, pois que todas estas diligencias o obrigão a usar mais, e melhor da sua garupa, a entrar com a perna direita para baixo do ventre, e a levantar-se por diante, e entrar com as espaduas mais facilmente para o centro.

Se o Cavallo he pouco flexivel do pescoço, e sem querer dobrar-se para dentro, foge com a garupa, ou róla para fóra, deve o Cavalleiro ter as suas mãos ambas muito brandas de unhas assima, a direita alguma cousa mais alta que a esquerda, e do cepilho da sella para fóra, pezando igualmente sobre hum, e sobre outro estribo, unindo-lhe instantaneamente, e repetidas vezes as pernas ambas ao ventre com huma força proporcionada á sua sensibilidade, para o fazer entrar para diante, e obedecer ás mãos, e ás pernas, segundo as diligencias, que o Cavalleiro precisa empregar para o reduzir.

Em taes casos he bom fazello passar muitas vezes de mão, segurando-lhe sempre na passagem a perna de fóra com mais actividade, porque isto o vai facilitan-

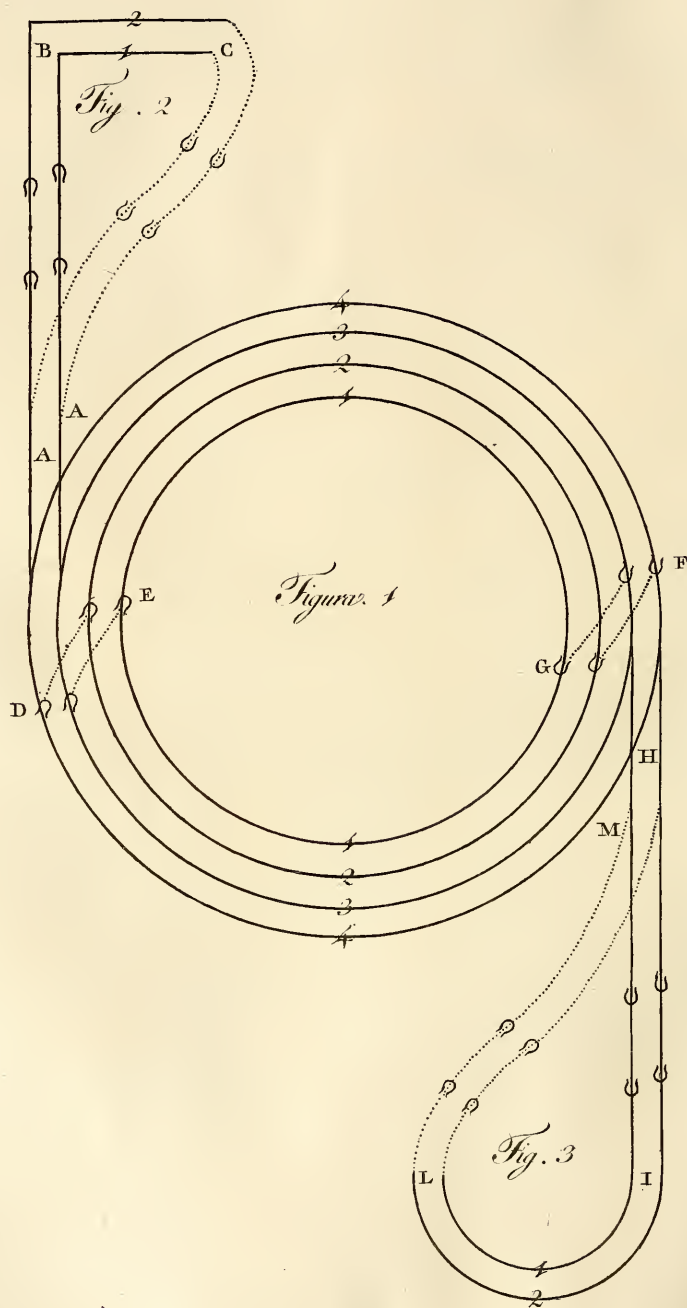
do para obedecer bem á mão, e á perna; e se com effeito he tão obstinado no seu erro, que não bastão para o ir remediando estas diligencias, então nesta casta de Cavallos he bom pôr-lhes a guia, e ajudallos com ella, e com o chambrié, ou com o açoute, a que vão obedecendo ás diligencias que temos espendido, para o fazer entrar na mão, e marcar o terreno, como se mostra nas linhas da Est. XVII. Fig. 1.

Trabalhando o Cavallo na lição dos quatro circulos com perfeição, deve elle alargar-se tanto da garupa, e unir-se de sorte das espaduas, que sem perder tempo no seu movimento volte com tanta facilidade, e tão dobrado, que o Pilão, que lhe serve de ponto de centro, que lhe fique sempre pela parte de fóra da espadua esquerda, em quanto anda para a direita: então elle se formará na boa acção, que se mostra na Est. XVI., e será tão facil em voltar, que se o Cavalleiro lhe der de repente as mãos, ou affrouxar as redeas, sem dúvida voltará sobre a direita, ou para o centro.

Modo de formar as passagens de mão da direita para a esquerda ao passo, e trote nesta lição.

PAra passar de mão da direita para a esquerda, commummente quando o Cavallo se mover com mais facilidade, e for mais disposto para obedecer, então o podem obrigar a partir pelas linhas da letra A, sahindo do terreno, em que formava os circulos, dous, ou tres comprimentos do corpo do Cavallo, ou mais espaço, se for preciso, fazendo-o marchar sobre as linhas rectas da Fig. 1. para a Fig. 2. Est. XVII., e da letra B obrigallo com a mão esquerda, trazendo-a de unhas assima para o centro, para da letra C dar principio ao meio circulo do angulo, e ir completar a passagem sobre as linhas da letra A, em que o devem fazer acabar de desdobrar de toda a acção da direita para a esquerda.

Tendo o Cavalleiro chegado ao vertice do angulo sobre as linhas dos circulos da Fig. 1., deve avançar o seu quadril, e espadua direita, atrazar a espadua, e quadril esquerdo, seguindo com as suas mãos, e pernas promptamente estes movimentos, e logo sustentará a mão esquerda de unhas assima, a direita de unhas abaixo, a perna esquerda mais atrás das cilhas, a direita entre a primeira cilha, e a espadua, fortalecendo, e modificando a actividade de todas estas sensações á proporção da obediencia, què ellas vão conseguindo do animal, para se formar na vistosa acção, que se mostra na Est. XVI.

Fig. 2
B
C
2
1
A
A
Figura 1
4
3
2
1
E
D
F
G
H
M
Fig. 3
L
I
1
2

ESTAMPA XVII.

Do modo com que o Cavallo marca os circulos de quatro piſtas para a direita, e fórma com facilidade as paſſagens de mão ao paſſo, e trote.

MArchando o Cavallo ſobre a direita, marca com a mão direita o circulo N. 1., com a eſquerda o N. 2., com o pé direito o N. 3., e com o pé eſquerdo o N. 4., como ſe vê nas piſtas da Fig. 1. D, E, F, G.

A ſituação, em que trabalha a mão eſquerda do Cavalleiro, e a força centrifuga da dobra do corpo do Cavallo difficultão ao Cavalleiro grandemente avançar a ſua eſpadua direita, e atrazar á proporção a eſquerda ao paſſar de mão para eſta parte; e quanto menor he a circumferencia, em que o Cavallo ſe move, mais creſce eſta difficuldade: igualmente quanto mais a eſpadua direita do Cavalleiro ſe avança, e a eſquerda ſe atraza, tanto mais direito fica o corpo do Cavalleiro no meio da ſella, e o Cavallo obrigado a voltar com facilidade para a eſquerda.

Se quando o fazem paſſar de mão ſobre o angulo recto, e o Cavallo ſe vai anteparando, ſeja por ter vontade de ficar para trás, ſeja por ſe entortar das eſpaduas, e garupa, então o devem arredondar das ſuas eſpaduas, fazendo-o voltar em hum ſemicirculo, ou pequenos circulos, como ſe vê na Fig. 3., tendo-o feito partir dos circulos da Fig. 1. pelas linhas da letra H; e logo que chegar a I, fazello voltar huma, ou mais vezes até elle andar facil, e direito entre as mãos, e pernas do Cavalleiro: então da letra L o irão fazer acabar de completar a paſſagem da Fig. 3. letra H para os circulos da Fig. 1., obſervando a regularidade da paſſagem, como fica notado, no modo de a formar no angulo recto da Fig. 2.

Lição dos quatro circulos para a eſquerda ao paſſo, e trote.

SE o Cavallo duvidar formar-ſe bem neſta acção para a eſquerda, aſſim como elle deve formar-ſe nella para a direita, ſeja por algum dos motivos, de que já tratámos, ſeja por outro qualquer caſo, ſempre o devem ir encaminhando com as mãos, e pernas, equilibrio, e contrapezo do corpo, de ſorte que o fação igual nos ſeus movimentos, facil, e prompto em voltar, logo que ſentir a mais leve ſenſação das mãos, e pernas do Cavalleiro.

He certo que a garupa faz maior circulo que as eſpaduas, em quanto o Cavallo trabalha neſta lição; e não obſtante iſſo, elle em cada ſegundo tempo da garupa unirá a ſua perna, e anca de dentro á perna, e anca de fóra, e aſſim fará hum balanço igual neſtas partes do corpo, de ſorte que os ſeus movimentos irão reduzindo os membros, e ligamentos do eſpinhaço, quadrís, ancas, curvilhões, e travadouros á deſejada igualdade.

As eſpaduas quanto mais entrão para o centro, menos movimento hão de ter, iſto he, mais apertado ha de ſer o ſeu movimento; e por iſſo quando o Ca-

vallo trabalha neſta lição, tem menos ar nas eſpaduas, do que tem quando anda pelo direito, e quadrado; porém como a eſpadua de dentro ſe une á de fóra em cada primeiro tempo, em que o Cavallo ſe move, e a mão, e braço eſquerdo por effeito do movimento circular paſſa por ſima, e por diante da mão, e braço direito, em quanto anda dobrado para a eſquerda, neceſſariamente o Cavallo ha de adquirir muita facilidade nos ſeus movimentos. Eu diſſe neſta lição, que em quanto o Cavallo anda dobrado para a direita, elle paſſa a mão direita por ſima, e por diante da mão eſquerda, e o pé direito por ſima, e por diante do pé eſquerdo; e quando anda para a mão eſquerda, cruza a mão eſquerda por ſima, e por diante da mão direita, e o pé eſquerdo por ſima, e por diante do pé direito: logo por conſequencia o ſucceſſivo balanço, que vai fazendo em cada tempo que ſe move, recahe ſobre os ſeus ligamentos das eſpaduas, eſpinhaço, quadrís, garupa, e curvilhões, de ſorte que os vai deſembaraçando igualmente.

Newcaſtle para diſpôr os Potros, e Cavallos para as mais lições, trabalhava-os nos circulos de Pignateli, e na lição dos quatro circulos, que elle inventou; e logo que eſtavão flexiveis das eſpaduas, uſavão bem da ſua garupa, e por conſequencia principiavão a obedecer, elle os fazia paſſar a outras lições, finalizando-lhe ſempre o trabalho pela lição dos quatro circulos; e ſendo eſte o methodo mais efficaz para diſpôr os Cavallos para as mais lições, antes que moſtremos como elles marcão o terreno, andando ſobre a eſquerda, e devem formar as paſſagens de mão da eſquerda para a direita, diremos o modo, com que ſe deve regular aos Cavallos a velocidade do movimento do trote para elle lhe ſer util.

Da velocidade do movimento do trote.

AInda que eu trato cada huma lição de per ſi, ſem confundir humas com outras, por não fazer dúvida, com tudo muitas vezes he preciſo para o trabalho ſer util aos Potros, ou Cavallos, paſſallos de humas para outras lições, e regular-lhes a velocidade do movimento pela ſua poſſibilidade, e difficuldades: motivos, por que ſe elles nos principios dos Potros trotarem com deſigualdade, ſeja porque os movimentos da ſua garupa são deſiguaes, ſeja porque os movimentos das eſpaduas são prezos, ou tambem por ſer mal formado, ſer froxo, ou padecer alguma moleſtia, deve o Cavalleiro regular-lhe de tal ſorte o trote, que lhe vá ajuſtando a deſigualdade do ſeu movimento, ainda paſſando-o deſta para aquellas lições, que lhe parecerem mais convenientes. Eu confeſſo ha difficuldades, que a Arte não póde remediar, como são a fraqueza, a má conſtrucção, e a moleſtia; mas recommendo que ſeja a lição bem applicada para conſeguir do animal todo o preſtimo que delle ſe póde tirar.

Para formar bem a lição do trote aos Cavallos, que tem froxos os movimentos das eſpaduas, que são compridos, e tem as pernas demaziadamente direitas, ou pelo contrario muito curvas, o peſcoço mal formado (a que commummente chamão peſcoço de cervo, ou ás avéſſas) ou são muito ſellados, e por ſer aſſim não podem firmar-ſe ſobre a ſua garupa, e uſar bem della, e das eſpaduas, eſpinhaço,

e

e pefcoço, fe os trotarem em hum trote muito avançado nos feus principios, em elles não podendo fuftentallo (porque lhe fervem de embaraço as más circumftancias que tenho dito), neceffariamente hão de tomar hum movimento relaxado, fem vigor, e fem graça, e nunca mais fe poderá remediar efte erro, que fe lhe augmentou com a má lição, e coftume, o qual fem dúvida tem hum grande poder, e infiuxão fobre femelhantes animaes.

Os Cavallos, que nos feus principios tiverem todas, ou parte das más circumftancias, que tenho ponderado, devem fer tratados pelo direito, e quadrado em hum trote mais vivo, e diligente, do que fe trotaffem na lição dos quatro circulos; e logo que elles principiarem a entrar na mão, o Cavalleiro lhes deve ir fazendo algumas meias paradas, e paradas, tendo o corpo atrás, e firme, mas fem força, e da mefma fórma as fuas mãos quanto bafte, para que o Potro fe vá brandamente detendo, e igualando nos feus movimentos, e vá feguindo com as fuas ancas as linhas parallelas das efpaduas, e fe vá unindo cada vez mais fobre a garupa.

Principiando elle a obedecer, deve o Cavalleiro render-lhe muitas vezes a mão, e fazer-lhe conhecer, e fentir as pernas quanto for precifo, para que vá para diante; e fem forçar a mão, fe determine a marchar com igualdade.

Não fe devem dar aos Potros as lições muito dilatadas fem lhes dar folgo; e quando os pararem, devem marcar-lhes as paradas de dous, ou mais tempos, fe for precifo, para que o efpinhaço, rins, e curvilhões não padeção os esforços, que de os pararem de hum tempo, e forte, podem refultar, maiormente em quanto elles por ignorantes andão defunidos, e defiguaes.

Faço efta recommendação, porque tenho obfervado que todas as vezes que o Cavalleiro pára o feu Cavallo forte, e de hum tempo nefta lição (fendo ainda Potro, e mal unido) elle, ao marcar da parada no primeiro tempo, entra com as pernas, e parte das ancas para baixo do feu corpo, e faz o fegundo tempo das efpaduas, recuando alguns paffos para trás. Ifto juftifica bem não poder efta qualidade de paradas fer util para difpôr os Potros, que não tem governo, e que são mal formados, e fracos, ainda que ellas firvão bem para render aquelles, que vão á mão, e que além da fufficiente idade, tem baftantes forças na garupa, rins, e curvilhões, e querem fazer dellas máo ufo.

Sendo o Potro defigual, e torto no feu modo de fe mover, o Cavalleiro o deve ir indireitando, principalmente das efpaduas, fazendo-lhe muitas meias paradas, para que figa com as ancas as linhas parallelas das piftas das mãos, e para affim fe ir regulando na igualdade dos feus movimentos, e difpondo para fe firmar na mão, e fobre as ancas. O movimento do trote deve fer firme, e proprio á fua conftrucção, e poffibilidade; mas de forte regulado, que o Potro vá fempre para diante: advertindo que fe elle entrar muito na mão, devem trotallo mais curto, e manfo para fe unir, e fentir com mais attenção as fenfações das mãos, e pernas do Cavalleiro: ifto ferve tambem para lhe fazer recolher a cabeça, ufar melhor da fua garupa, fem fe entezar dos movimentos della, nem relaxar dos movimentos das efpaduas.

He

He verdade que Newcaſtle recommenda não trotem os Potros nos ſeus principios em hum trote curto, unido, e detido, em quanto elles não eſtão flexiveis, deſembaraçados, e iguaes; mas eu creio que eſta flexibilidade, deſembaraço, e igualdade, que elle recommenda, ſe lhe adquire, regulando a lição aos Potros, e Cavallos pela ſua diſpoſição, e circumſtancias, e não dar a toda a ſorte de Cavallos por uſo, e coſtume o meſmo trabalho, e lição, pois a regularidade do movimento que lhe he proprio, he que conſtitue o Cavallo na viſtoſa acção, que ſe moſtra na ſeguinte

ESTAMPA XVIII.

Do Cavalleiro, dobrando hum Cavallo com o freio, e cabeção na lição dos quatro circulos ao paſſo, e trote para a eſquerda.

Advertencias ſobre o modo de regular o trote aos Cavallos deſtinados para a lição dos quatro circulos.

SE o Potro for igualmente largo das ſuas eſpaduas, rins, e garupa, for curto do eſpinhaço, e por conſequencia nervoſo, e forte, então lhe devem formar hum trote diligente, ou bem avançado, ſeja por todo o comprimento do terreno, ſeja ſobre os circulos, mas igual, para que da deſigualdade não vão reſultando aos Potros, ou Cavallos movimentos máos, que muitas vezes declinão em perniciofos vicios bem difficultoſos de remediar.

Digo que ſeja o trote diligente, avançado, e igual a eſta caſta de Cavallos, para que elles ſejão mais engraçados nos ſeus movimentos, repartão as ſuas forças com igualdade, e tenhão o maior deſembaraço que ellas, e a ſua conſtrucção lhes permittem: bem entendido, que ainda a eſtes meſmos, ſe elles ſe apoiarem muito ſobre a mão, deve o Cavalleiro ir unindo, e pondo ſobre a garupa.

Se o Potro, quando trotar, recolher para baixo do ſeu corpo mais huma, do que outra perna, cuidará muito o Cavalleiro em remediar eſte defeito. Se for a perna direita a que mais ſe avance para baixo do ventre do Potro, ou Cavallo, devem trabalhallo para a parte eſquerda ſobre hum curto circulo em hum trote unido, fazendo-o determinar o movimento com muita igualdade, a fim de que a ſua perna direita faça hum circulo maior, e ſe dobre menos no quadril, curvilhão, e travadouro direito, e á proporção vá dobrando mais o quadril, curvilhão, e travadouro eſquerdo.

Devem trabalhar menos para a mão direita o Cavallo que tiver eſte defeito, e ſobre as linhas direitas: o ſeu trote deve ſer mais avançado, ſem o obrigar a que ſe dobre das cilhas para trás, ſem lhe fazer para eſta mão paradas fortes, nem ainda meias paradas; e ſe o Cavallo as preciſar, devem ſer feitas ſobre a mão eſquerda, para pouco a pouco lhe ir minorando o ſeu defeito: digo que ſe deve iſto aſſim praticar, porque em quanto elle tiver eſte coſtume, ou natural, ou adquirido, não ſe-

Silva delin. *Froy Sculp Lx*

ferá duro das efpaduas, e pefcoço para a direita, nem finalmente deixará de voltar com facilidade para aquella parte, para onde elle abaixa, e recolhe a meia anca, e perna para baixo do corpo.

Da mefma forte fe o Cavallo for irto, e tezo da fua perna direita, não a dobrando, e recolhendo bem para baixo do ventre, então lhe ferve muito o trabalho dos circulos, tanto curtos, como largos para a direita, obrigando-o a que fe dobre das cilhas para trás, principalmente para aquella mão, para que elle tem menos movimento.

Se o Potro, ou Cavallo fe lançar mais fobre a efpadua direita, que fobre a efquerda, além de o deitarem á guia para a mão direita, dando-lhe com ella alguns toques para trás, entrando elle para diante, e para o centro: depois de montado o Cavalleiro, deve trabalhar as redeas (feja do freio, e cabeção, ou correas de vencer) com a mão de dentro de unhas affima, e o dedo minimo inclinado para a fua efpadua de fóra da volta, dando-lhe alguns toques para fóra, para que a efpadua direita do Cavallo fe vá unindo á efpadua efquerda: bem entendido, para que vá unindo fempre a de dentro á de fóra. O mefmo fe deve praticar, quando o Potro fe lançar mais fobre a efpadua efquerda que fobre a direita, trabalhando-o para a mão efquerda, da mefma forte que temos dito o trabalhem para a direita; mas em fe vencendo a difficuldade, he neceffario trabalhallo igualmente para huma, e outra parte.

Se o Potro for preguiçofo, e tiver pouca vontade de andar para diante, devem avançallo com hum trote alegre, e vivo; mas não tão comprido, que vá alcançando a cada paffo com os pés as mãos, que ifto he fignal de não poder com movimento de trote tão largo, e tambem delle avançar mais para baixo do corpo huma, do que outra perna, ou por fe alargar muito da garupa, marcando ambas as linhas das piftas dos pés por fóra das linhas das piftas das mãos.

Sendo a fraqueza a caufa de fe alcançar, então lhe devem formar hum trote mais unido, para que efte fique fendo util ao Potro, tanto pelo que refpeita á fua conftrucção, como á fua poffibilidade.

Se o Potro fe alargar das pernas, por não dobrar os curvilhões, o fucceffivo trabalho dos circulos o fará ufar bem dellas, e o feu trote deve fer diligente, fazendo-o tirar muitas vezes atrás (em quanto elle não fe coftumar) com brandura, e manfidão.

Se recolher a perna direita mais para baixo do feu ventre, e por iffo fe alcançar, quando o tirarem atrás, deve fer fobre a efquerda, e da mefma forte o devem trabalhar em circulos mais curtos para a efquerda, e mais largos para a direita; e em quanto trabalhar fobre os circulos para a efquerda, he bom fazer-lhe entrar as efpaduas bem para o ponto do centro, e por confequencia fazer fahir a garupa á proporção para a circumferencia: e antes de o paffarem de mão ferá conveniente fazello trabalhar alguma coufa com a cara contra a muralha, fem ufar defte recurfo, quando o fizerem paffar da direita para a efquerda.

Motivos, por que o movimento das eſpaduas dos Potros podem ſer deſiguaes: e o modo de os remediar.

O Potro póde ter o movimento das ſuas eſpaduas deſigual, e perto da terra, por ſer dellas pouco vigoroſo; por alargar com exceſſo os curvilhões, tendo as pernas tezas para fóra do ventre; por ſer baixo da agulha; por ter o movimento das eſpaduas froxo, e menos activo, e diligente que o da garupa; por ter as eſpaduas carnoſas; por ter as canas, ou as canellas dos braços mais curtas, que os oſſos das tibias, e canellas das pernas; por ter os joelhos encrunhados; e por ſer demaziadamente quarteludo, ou topinho. Neſtes caſos ſempre o devem trotar em hum movimento igual, e o mais proprio ás ſuas difficuldades.

Do Cavallo quarteludo.

SE o Potro tiver as quartelas compridas, o peſcoço comprido, e for alguma couſa ſellado, o ſeu trote deve ſer igual, e mais unido, para que não ſe vença, e relaxe tanto, que chegue a abandonar-ſe ſobre a mão, ou ſe arruine dos rins, canas, e travadouros.

Do Cavallo topinho.

SE o Potro tiver as quartelas curtas, as mãos eſquerdas, e os codilhos juntos, devem trotallo em hum trote igual, ſeguido, e vivo, e mais pelo direito, que ſobre os circulos, fazendo-lhe muitas meias paradas, e fazendo-o trotar pelo largo na lição da eſpadua dentro, e na lição da cara contra a muralha; porque aos Cavallos, que tem eſtes defeitos, he muito difficultoſa a lição dos quatro circulos.

Pignateli, La Brove, e Newcaſtle ſem dúvida fazião trabalhar todo o genero de Potros, e Cavallos em hum trote proporcionado á ſua conſtrucção, e difficuldades; e logo que elles principiavão a obedecer, e a entrar na mão, certamente os mandavão unir por meio das meias paradas, das paradas, e falcadas, da lição do recuar, da lição das curvetas, e das mais diligencias, que ſe tem por meio da Arte deſcuberto mais proprias para unir os Cavallos, e pollos deſembaraçados ſobre a ſua garupa.

Na lição dos quatro circulos mandava Newcaſtle indireitar aos Potros, e Cavallos as eſpaduas, trazendo o Cavalleiro muitas vezes a ſua mão de fóra para o centro, tornando-a a levar ao ſeu lugar, não ſó para as eſpaduas ſe unirem huma á outra, iſto he, a de fóra á de dentro, ſe o Cavallo ſe lançava mais ſobre ella, que ſobre a de dentro; mas tambem para alliviar-lhe o ſentimento, que produz o freio na boca ſobre os aſſentos: iſto he, bom para coſtumar o Cavallo a voltar com facilidade, para as eſpaduas ſe levantarem mais ſobre a garupa, e para acudir melhor a huma, e outra redea.

Do modo de trazer a mão de fóra para o centro na lição dos quatro circulos.

A Mão esquerda, quando entra da direita para a esquerda, deve entrar alguma cousa de unhas abaixo; e quando entra da esquerda para a direita, deve entrar de unhas assima: os mesmos movimentos deve fazer a mão direita; advertindo que as mãos devem entrar da cernelha para o centro sómente quanto baste a fazer entrar, e indireitar o Potro no terreno para se formar bem na acção, em que trabalha.

Se o Cavallo precisar passar da lição dos quatro circulos para a lição do quadrado longo, ou quadrado regular, não he preciso que o Cavalleiro deixe de usar da sua perna de fóra, pois a mudança de ajudas neste caso não facilitão o Cavallo; e só quando voltar nos angulos, deve o joelho, e toda a perna do Cavalleiro da parte de fóra affroxar-se mais, e unir-se entre a primeira cilha, e a espadua, quando as mãos entrão para o centro, para que as ancas fiquem com mais liberdade, e sigão os quadrís as linhas circulares, por que se conduzem as espaduas.

He isto facil para a mão direita; mas para a mão esquerda tem mais difficuldade, maiormente se o Cavalleiro não costuma trabalhar as redeas do freio separadas, quando principia a formar aos Potros estas primeiras lições, pois este bom costume rende os Cavallos, que ainda ignorão, mais depressa flexiveis. Os mesmos Cavalleiros, seguindo a melhor opinião, sendo costumados a trabalhar as redeas separadas, quando são Principiantes, depois são mais iguaes nos seus movimentos para huma, e outra parte, do que sendo dispostos nos seus principios, sustentando sempre as redeas do freio unidas na mão esquerda, em quanto elles tem pouca facilidade, e desembaraço.

Tambem se deve entender que o Cavalleiro tira a sua mão para dentro, quando pucha pelas redeas de dentro, levando a mão até á caixa do fundo da sella. Este modo de tirar a mão para dentro serve para dobrar ao Cavallo o pescoço, cernelha, espaduas, e corpo, tanto para huma, como para outra parte: advertindo que quanto mais a mão de dentro tira a redea, ou redeas para trás da caixa do fundo da sella, tanto mais o Cavallo se dobra, e abaixa a cabeça.

Newcastle mandava aos seus discipulos trazer as redeas separadas, quando principiavão a formar os Potros na lição dos quatro circulos; mas a mão de dentro, além de trabalhar de unhas assima, queria que andasse alguma cousa mais alta, que a de fóra, como se vê nas Estampas da sua Obra, a fim de que o Cavallo se dobrasse, dando o bico para dentro, sem abaixar tanto a cabeça. Porém como a constructura dos Cavallos, as suas disposições, e difficuldades differem sempre muito em huns dos outros, he forçoso ao Cavalleiro suster, e trazer a mão destes dous modos para dentro, e escolher aquelle, que vir he mais util ao Cavallo para o reduzir com mais facilidade, e com mais graça no modo de se mover, e de se dobrar.

Estas, e outras reflexões devem fazer os Cavalleiros para utilizar a lição aos

ſeus Cavallos, e não obſtante o modo de os trotar, em attenção ás ſuas difficuldades, deve ſempre variar ſegundo a occaſião, e o caſo, ou circumſtancias do animal o pedirem.

A' proporção do deſembaraço, e obediencia que o Potro vai tendo á mão, ás pernas, e mais movimentos, e ajudas, que para o render obediente lhe miniſtra o Cavalleiro, o deve eſte ir continuando a diſpôr pela lição dos quatro circulos, trazendo-o muitas vezes de outras a eſta lição, paſſando-o tambem deſta áquella, que lhe parecer mais conveniente, ou tambem parando-o, quando elle faz alguns paſſos bem; pois que ſendo iſto aſſim praticado, he hum modo admiravel de deſembaraçar os Potros, maiormente ſendo applicada eſta lição por hum Cavalleiro, que ſabe conhecer bem as ſuas difficuldades. Finalmente, o Potro quando trabalha na lição dos quatro circulos para a eſquerda, deve formar-ſe na acção, que ſe moſtra na Eſt. XVIII., e marcar o terreno, como ſe vê nas piſtas da

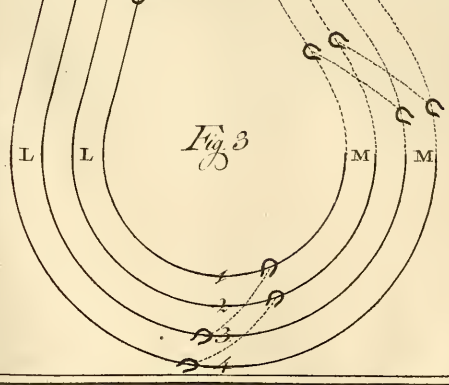
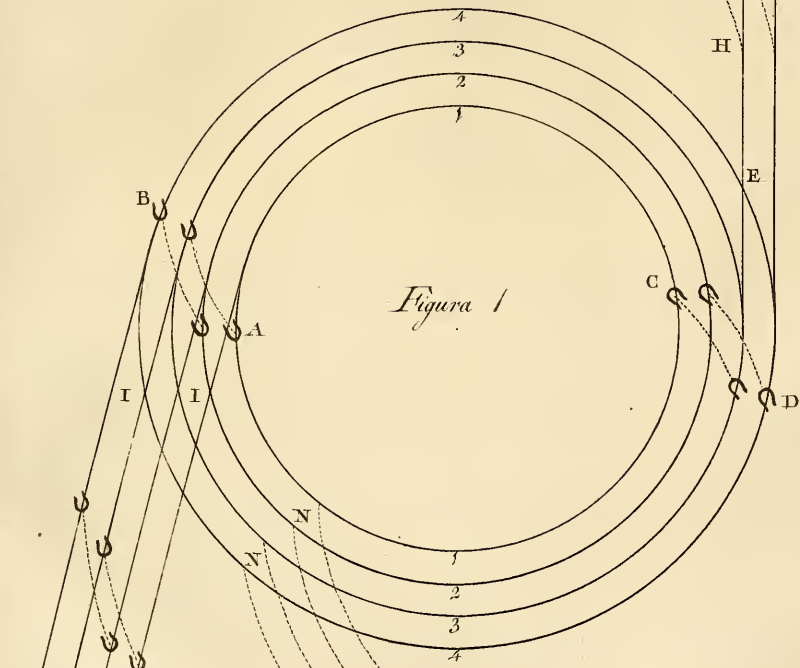
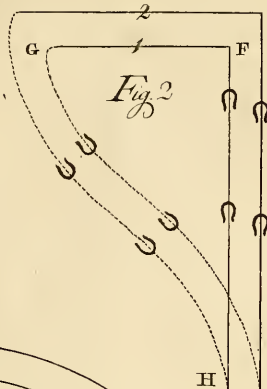
E S T A M P A XIX.

Na qual ſe moſtra o modo, com que o Cavallo marca no terreno com os pés, e mãos os circulos de quatro piſtas para a eſquerda, ao paſſo, e trote: e o modo de formar as paſſagens de mão.

A Piſta da mão eſquerda marca o circulo N. 1. da Fig. 1. a da mão direita o do N. 2., a do pé eſquerdo o N. 3., e a do pé direito o N. 4. da maior circumferencia.

Já diſſe o modo de paſſar de mão da direita para a eſquerda; agora direi como ſe fórmão as paſſagens de mão mais faceis, fazendo paſſar o Cavallo da eſquerda para a direita.

Eſtando o Potro, ou Cavallo com mais facilidade, e obediencia, ſe póde obrigar a partir das linhas da maior circumferencia, que vai marcando com as piſtas da garupa, como ſe vê na Fig. 1., e da letra E ſahir dous, ou tres comprimentos do corpo do meſmo Cavallo pouco mais, ou menos, fazendo-o marchar ſobre linhas rectas da Fig. 1. para a Fig. 2., e da letra F obrigallo com a mão direita, trazendo-a de unhas aſſima para o centro, fazendo-o marchar até á letra G para ir completar pelo meio circulo do angulo, ou linhas de pontinhos a paſſagem ſobre as linhas da letra H, em que lhe deve fazer entrar as eſpaduas para o centro, e continuar a marcar o terreno, como ſe moſtra nas piſtas da Fig. 1. Eſt. XIX.; e chegando ao vertice do angulo ſobre as linhas dos circulos da Fig. 1., deve o Cavalleiro, no tempo em que deſdobra o Cavallo da eſquerda para a direita, trazer a ſua mão eſquerda de fóra para o centro, affroxar as redeas eſquerdas, fortalecer as direitas, pôr a mão eſquerda de unhas abaixo, e a direita de unhas aſſima, avançar o ſeu quadril, e eſpadua eſquerda, atrazar a eſpadua, e quadril direito, fortalecendo (em elle entrando com as eſpaduas para o centro) a ſenſação da perna

2
G
1
F
Fig. 2
H
4
3
2
1
E
B
C
Figura 1
A
I
I
D
N
N
1
2
3
4
L
L
Fig. 3
M
M
1
2
3
4

na direita mais atrás das cilhas, unindo a esquerda entre a primeira cilha, e a espadua, reforçando, e modificando a actividade de todas estas sensações, de sorte que em hum movimento igual vá conduzindo, e formando o Cavallo na acção que se mostra na Est. XVI. A mesma igualdade de acção lhe devem fazer observar, quando o fazem passar de mão da direita para a esquerda, como se vê na Est. XVIII.

Se o Cavallo quando o passão de mão sobre o angulo recto fica muito para trás, ou entra muito para diante, elle se lança mais para huma, que para outra parte, desigualando-se dos movimentos dos braços, e ancas, devem arredondallo das suas espaduas, e garupa sobre hum circulo já de duas, ou de quatro pistas, como se vê na Fig. 3. Est. XIX.; advertindo que logo que dão principio á passagem, devem segurar-lhe as espaduas pelas linhas da letra I bem para o centro, e fazer-lhe sahir a garupa bem para a circumferencia: e logo que elle chega ás linhas da letra L, devem fazello voltar algumas vezes sobre hum pequeno circulo até elle se determinar com mais facilidade, e obediencia ás mãos, e pernas do Cavalleiro, então da letra L, e M o irão fazer completar a passagem N da Fig. 3. para a Fig. 1.

O Cavallo quando fórma esta passagem, ou os semicirculos de que tratamos, marca a linha N. 1. com a pista da mão esquerda o N. 2., com a pista da mão direita o N. 3., com a pista do pé esquerdo, e com a pista do pé direito o N. 4., como se vê nas pistas da Fig. 3.

A garupa faz maior gyro que as espaduas, tanto para a direita, como para a esquerda: logo por consequencia as espaduas terão menos movimento sobre a direita, e sobre a esquerda. O Cavallo por meio desta lição entra na mão, e adquire a facilidade de voltar com promptidão para huma, e outra parte.

Finalmente quando os semicirculos são formados junto a algum dos angulos do Picadeiro, os lados da parede do comprimento, e do quadrado amparão muito as espaduas, e garupa ao Cavallo, e por isso he este sitio melhor para este fim, que o meio do terreno, se bem que em elle estando menos obstinado nos seus erros, quando fórma os semicirculos no meio do terreno, são mais vistosos, e o Cavallo se fórma na acção com mais igualdade, e desembaraço.

O trote he o fundamento do galope; e ainda que o movimento do trote he cruzado, e opposto, e o galope he hum seguimento de dous balanços, formado de movimentos iguaes de braços, e pernas, com tudo o Cavallo, que trotar bem, galopará bem; e sendo isto certo, na segunda Parte continuaremos a mostrar a origem do movimento chamado galope, e o modo de formar as mais lições, que se devem praticar nas Escolas bem reguladas.

LUZ
DA LIBERAL,
E
NOBRE ARTE
DA
CAVALLARIA.

PARTE SEGUNDA.

Silva del. Frois Sculp

LIVRO VI.

ARGUMENTO.

Moſtra-ſe qual he a origem do movimento chamado Galope; e que couſa he a Carreira: Lição dos quatro circulos para a direita, e para a eſquerda: Lição da cara contra a muralha, ou teſta ao muro, ao paſſo, e trote. Que couſa he a Paſſada: Lição da garupa ao pilão, ao paſſo, e trote: Lição da volta ao revéz, ao paſſo, e trote. Trata-ſe de como ſe paſſea o Cavallo no ſeu comprimento, e da Lição de terra a terra com o freio, e cabeção.

OR meio de diverſas ſenſações ſe obrigão os Cavallos a fazer huns movimentos proporcionados á vontade do Cavalleiro; porque a mão ſuprema do increado Ser fez huma tal, e tão propria diſpoſição de orgãos nos Cavallos para ſerviço dos homens, que a huma ſenſação ſe ſeguem huns movimentos proprios a ella, ou ao toque, pelo qual o Cavalleiro a excita; e a humas ſenſações huns movimentos, e a outras outros, &c. como ſe vê em todos os Cavallos, que todos correſpondem de hum meſmo modo ás diverſas ſenſações, e caſtigos, proporcionando o preſtimo, a graça, e promptidão dos ſeus movimentos pelo ſeu poder, e ſenſibilidade; por iſſo he ſem dúvida que as operações admiraveis dos Cavallos são huns movimentos do ſeu corpo, e membros, que maquinalmente ſe communicão huns aos outros.

Os eſpiritos animaes enchem todos os ſeus muſculos, de ſorte que elles ſe vão por effeito dos toques, de que trato, contrahindo, e comprimindo até faze-

rem aquelle determinado movimento, que o Cavalleiro por meio das ſenſações, que lhe applica, pertende que faça o ſeu Cavallo: logo quem obriga a determinar os eſpiritos animaes para fazerem ora huns, ora outros movimentos, são as diverſas ſenſações, que pelos ſentidos externos ſe fazem preſentes ao cerebro.

Na corporea máquina do Cavallo ha huns membros meramente ſenſorios, pelos quaes ſe excitão os movimentos maquinaes; e outros, que ſervem para a determinação dos membros externos, e por todos eſtes membros, ou nervos ſe difſundem, e movem os eſpiritos animaes, de ſorte que pelos membros ſenſorios principia o movimento; e da parte externa ſe vai aſſim communicando até ao cerebro. Então os nervos, que ſervem ao movimento, ſe participão da determinação dos eſpiritos animaes, que do cerebro ſe continuão até ao nervo que ſe move. Logo deſta maneira os movimentos, que ſe communicão aos nervos ſenſorios, são effeitos do toque externo; e o movimento de todos os outros nervos tem a ſua origem no cerebro, por iſſo os animaes de huma meſma eſpecie tem ſemelhança nos orgãos (como digo), e correſpondem a cada diverſa ſenſação com movimentos diverſos; exemplo: Pucha o Cavalleiro pela redea direita, aperta logo a embocadura, e barbela da parte eſquerda da boca do Cavallo, e elle volta para a direita por fugir da oppreſsão, que lhe faz a embocadura do freio ſobre os aſſentos, e a barbela ſobre a barbada da parte eſquerda.

Não ſe deve entender que pertendo provar que ha Cavallos, que tenhão a meſma diſpoſição de orgãos, que tem outros ſem alguma differença; antes quando digo que todos os Cavallos tem as meſmas operações, fallo em commum, ſem attender ás muitas particularidades naturaes, e accidentaes de cada hum.

Os Cavallos, aſſim como todos os mais brutos, fogem do que lhes dá trabalho, e buſcão o deſcanço, por iſſo os Cavalleiros tem deſcuberto o modo, e termos deſta Arte, com que pelo enſino os fazem determinar a varios movimentos; e em todas as operações, que fazem pelo meſmo enſino, fogem de alguma couſa, de que não goſtão, e buſcão aquella, que lhes he menos penoſa. Quando o Cavalleiro dá com a eſpora no Cavallo, eſte ſe move de ſorte que foge não da eſpora, mas ſim do toque com que o ferírão naquella parte do corpo, onde lhe derão com ella.

Muitas vezes repito que os Cavalleiros devem uſar dos caſtigos com muita moderação, e brandura, para conſervarem mais a ſenſibilidade nos Cavallos; e com effeito não poſſo negar que o toque externo excita a ſenſação, e ella os movimentos, e pela ſua diſtribuição he que os Cavallos fórmão aquellas acções, que delles exigem os Cavalleiros. Logo por conſequencia tudo vai á força de pancadas mais, ou menos fortes das redeas, das eſporas, da vara, do açoute, do freio, e do cabeção, &c. como ſabem todos os Picadores; mas a bem applicada modificação deſtas pancadas rende os Cavallos mais ſenſiveis.

Determinando o Cavallo os ſeus movimentos com liberdade, e deſembaraço, elle naturalmente trotando levanta a mão com tal acceleração que a ſegue com o pé da meſma parte, como ſe ſe diſpuzeſſe para formar hum ſalto, e para alcançar mais terreno: elle fórma hum balanço com as eſpaduas, eſtende-ſe ſobre elle, e

apôs

apôs iſſo eſtá a garupa na precisão de ſeguir com o ſeu balanço o das eſpaduas, porque aſſim alternativamente vai formando o movimento do verdadeiro galope.

O movimento do trote, ſendo diligente, procede da docilidade, e igualdade dos membros de todo o corpo do Cavallo: o movimento do galope procede da ligeireza, e união dos muſculos, e ligamentos das eſpaduas, e garupa, da ſua reſolução, da quantidade das ſuas forças, e da ſua natural agilidade. Logo ſendo o trote diligente, participa tambem huma facilidade grande á determinação do galope. Quando os movimentos do Cavallo são livres, fortes, e deſembaraçados, e tem adquirido, por meio da lição do trote, huma boa igualdade para determinar o balanço das eſpaduas, e garupa, eſtes movimentos pela precipitação do balanço das eſpaduas, obrigão o animal a entrar mais no apoio, e obediencia da mão do Cavalleiro.

Se o Cavallo ſe levanta do movimento do paſſo, ao movimento do galope, moſtra que póde exigir das ſuas forças, e reſolução os balanços da ſua galopada; advertindo que todos determinão os movimentos mais facilmente para galopar pelo direito, do que trabalhando ſobre os circulos; mas ſobre elles facilitão-ſe mais do que pelo direito. Ha hum galope chamado *natural*, ha outro a quem denominão *avançado*, ha o galope *detido*, e o galope *levantado*, ou *relevado*, como direi nos ſeus reſpectivos lugares.

Leis pertencentes á determinação dos movimentos do corpo do Cavalleiro, quando faz galopar qualquer Cavallo.

1 DEve o Cavalleiro ſentar-ſe bem no meio da ſella para alcançar melhor o ponto do equilibrio, ſendo em toda a ſua figura deſembaraçado, flexivel, e firme ſem affectação.

2 Deve ter, ou conſervar a ſua cabeça direita por entre as orelhas do Cavallo; e quando eſte ſe conduz ſobre linhas curvas, deve o tronco do corpo do Cavalleiro, e a ſua cabeça voltar-ſe alguma couſa mais ſobre aquella parte, para onde o Cavallo olha, á proporção do que eſte ſe dobra, ou da eſtreiteza do terreno em que ſe move.

3 Deve ter as ſuas mãos adiante de ſi tres pollegadas pouco mais, ou menos diſtante do cepilho da ſella para diante, e outras tantas elevadas delle para ſima: advertindo que ſe o Cavallo não obedecer, devem as mãos levantar-ſe, ou abaixar-ſe de modo que poſsão conſeguir da boca do animal o apoio que ſe pertende.

4 Deve conſervar-ſe o corpo da cintura para ſima flexivel, e da meſma ſorte as pernas do joelho para baixo, para conſentir no balanço, que o Cavallo faz no ſeu galope; mas ſem fazer deſconcertados movimentos com o corpo, mãos, e pernas.

5 Deve ſempre avançar a eſpadua daquella parte, donde o Cavallo atraza a ſua, e por conſequencia atrazar á proporção a daquella parte, donde o animal adianta a ſua para apreſentar á viſta na ſymmetria de toda a figura hum eſpectaculo agradavel.

Leis pertencentes á determinação dos movimentos dos Cavallos, quando se formão na acção da galopada.

1 DEve o Cavallo, quando anda para a mão direita, avançando esta mais que a esquerda, avançar o pé direito mais que o esquerdo.

2 Deve, galopando sobre a esquerda, avançar a mão esquerda mais que a direita, e da mesma sorte o pé esquerdo mais que o direito.

3 Deve sempre olhar, e dobrar-se pelo seu pescoço, e corpo igualmente para aquella parte para onde avança mais a mão, e pé.

4 Deve na determinação do balanço do galope ser igual, marcando dous tempos no balanço das espaduas, e outros dous no balanço da garupa, ou distribua o seu movimento com maior, ou menor velocidade.

5 Deve trazer a sua cabeça de sorte perpendicular, que veja bem o terreno por onde anda.

Tem o Cavallo, quando galopa, dous movimentos principaes, hum das espaduas, outro da garupa: com estes dous movimentos fórma duas acções, huma para a mão direita, outra para a mão esquerda: á primeira chamão *galopar sobre o pé direito*, á segunda *galopar sobre o pé esquerdo*; porém em cada huma destas acções he preciso que a mão da parte, para onde o Cavallo olha, e se dobra, avance, e principie a caminhar seguida do pé da mesma parte.

Quando galopar sobre a direita, depois de haver ajuntado as forças das suas ancas para ajudar a determinação dos movimentos das espaduas, estas se levantaráõ, e a mão direita fará na terra a sua posição mais adiante da esquerda, ella alcançará mais terreno; mas o pezo das espaduas será sustentado mais pela mão esquerda, que pela direita, porque a mão esquerda obrigada do balanço das espaduas, irá fazer a sua posição mais debaixo do ponto de gravidade. A garupa segue as espaduas, e o pé direito vai seguindo o movimento, e acção da mão direita, e faz a sua posição adiante do pé esquerdo: une-se o direito mais ao ponto de gravidade, principalmente quando o Cavallo trabalha sobre os circulos, e por isso sustenta mais o pezo da garupa, e ajuda, quando entra bem para baixo do corpo, a sustentar o pezo do ventre, e do thorax: logo o pé esquerdo, e a mão direita, por ficarem mais fóra do ponto de gravidade, necessariamente devem sustentar menos o pezo, que o pé direito, e a mão esquerda, em quanto o animal anda dobrado para a mão direita.

Quando galopa sobre a esquerda, ajunta as forças das ancas (assim como faz para a mão direita) para ajudar a determinação dos movimentos das espaduas; e depois destas se haverem levantado, a mão esquerda faz a sua posição mais adiante da mão direita, alcança mais terreno; mas o pezo das espaduas he sustentado mais pela mão direita, porque faz a sua posição mais debaixo do ponto de gravidade. A mão direita sahe do ponto de gravidade, ou equilibrio, galopando o Cavallo para a direita, porque a força centrifuga a faz avançar pela dobra do corpo, e levantar mais que a esquerda, de modo que pela dilatação do seu movimento se põe na terra,

quan-

quando já ſe tem firmado a maior parte do pezo das eſpaduas ſobre a mão eſquerda, e eſta fica pela ſua menor elevação, e dilatação de movimento mais perto da terra, e da linha perpendicular, e por iſſo ella he o mais prompto ſuſtentaculo, que o Cavallo acha para ſe firmar, em quanto ſe dobra para a direita.

O pé direito, ainda que ſe levanta, e avança mais que o eſquerdo, como entra para baixo do corpo, e linha perpendicular, ſuſtenta mais o pezo da garupa, e do corpo que o pé eſquerdo, por conſequencia a mão direita fica mais fóra do ponto de gravidade, porque ſe avança além da piſta da mão eſquerda, e o pé eſquerdo, porque ſe não póde avançar.

A mão eſquerda ſahe mais do ponto do equilibrio, galopando o Cavallo para a eſquerda, porque a força centrifuga da dobra do corpo a faz avançar, e levantar mais que a direita, de ſorte que pela elevação, e dilatação do ſeu movimento ſe põe na terra, quando já ſe tem firmado o pezo das eſpaduas ſobre a mão direita, eſta fica mais perto da linha perpendicular, e da terra: motivos, por que elle ſe firma primeiro ſobre ella, que ſobre a eſquerda, quando vai galopando para eſta parte. O pé eſquerdo, ainda que ſe levanta, e avança mais que o direito, como entra mais para baixo do corpo, e linha perpendicular, ſuſtenta mais o pezo, que o direito: por conſequencia a mão eſquerda fica mais diſtante do ponto de gravidade, porque ſe avança, e o pé direito, porque ſe alarga das linhas perpendiculares, e parallelas das mãos; e quanto mais o Cavallo ſe dobra na lição do galope, tanto mais a mão de fóra, e o pé de dentro hão de ſupportar o pezo, ſeja galopando ſobre a direita, ſeja galopando ſobre a eſquerda.

Logo que o Cavallo galopa bem para a direita, preparando-ſe (como já diſſe) para avançar as eſpaduas, e mais partes do corpo, o pé eſquerdo N. 1. Eſt. XX. ſe firma na terra. Segue-o o direito N. 2., dobra-ſe o Cavallo para eſta parte, firma-ſe ſobre as ancas para formar o ſeu ſalto, e depois põe na terra a mão eſquerda N. 3., fazendo finalmente a mão direita N. 4. a ultima poſição. De ſorte que na ſituação das mãos, e pés oppoſtos, como ao trote, não ha ordinariamente ſenão hum balanço das eſpaduas, e outro da garupa ſenſiveis á viſta, poſto que o ouvido perceba fazer o Cavallo em cada ſalto, ou balanço inteiro do ſeu galope, quatro tempos diſtinctos.

O meſmo ſe deve entender, quando elle ſobre o quadrado longo, e ſobre o quadrado regular galopa ſobre a mão eſquerda. Então o pé direito N. 1. Eſt. XXI. marca a primeira piſta, o pé eſquerdo N. 2. a ſegunda, a mão direita N. 3. a terceira; e finalmente a mão eſquerda N. 4., que eſtá mais avançada que a direita, marca a ultima piſta, ou poſição: advertindo que ſempre quando o Cavallo galopar, o pé, e mão de dentro ſe levantão mais do terreno, que o pé, e mão de fóra, como ſe vê na ſeguinte Eſtampa.

ESTAMPA XX.

Do Sereniſſimo Principe D. José, formando hum Cavallo na lição, e acção do galope, alguma couſa dobrado para a direita ſobre as linhas parallelas á largura do Picadeiro.

PAſſo a referir a belleza, e boa ordem, com que Sua Alteza o Senhor D. Joſé Principe do Brazil, por ſenſações adequadas, fazia determinar os movimentos dos Cavallos, em que andava, quando os pertendia formar na lição, e acção do galope ſobre a direita, obrigando-os com o freio, e cabeção, para que, ſeguindo eſte methodo, os Cavalleiros ponhão em prática eſta lição com aquella boa ordem com que Sua Alteza a executava.

Foi S. A. ſummamente applicado á Nobre Arte da Cavallaria, e era o melhor modêlo das virtudes, as mais heroicas de ſeu Auguſto Avô o Senhor Rei D. Joſé I. Foi outro ſemelhante amador das Virtudes, das Sciencias, e das Artes: era dotado de huma viva penetração de diſcurſo, de huma memoria muito feliz, de huma figura, e preſença Mageſtoſa, e Gentil. E elle ſe applicava tanto a eſta bella Arte, porque conhecia na ſua origem as ſuas intereſſantes utilidades.

Eu vi em Salvaterra o Senhor Rei D. Joſé I. pôr a cavallo pela primeira vez a S. A.: que tendo apenas ſete annos, quando todos ſe perſuadião que eſtaria fatigado; querendo Sua Mageſtade fazello apeiar, moſtrou S. A. tanto goſto de continuar, que Sua Mageſtade ſe vio preciſado a deixallo andar a cavallo hum grande eſpaço do dia; e daquelle tempo até ao do ſeu ſempre lamentavel falecimento, continuou com o meſmo fervor, e goſto neſte exercicio verdadeiramente proprio dos Principes, com a mais aſſidua applicação, e de tal ſorte, que os mais abalizados Profeſſores o chegárão a ver manejar eſta Nobre Arte com pública, e geral acclamação de todos; pois S. A. era ſem dúvida mais applicado a ella, do que entre os Perſas, Gregos, e Romanos o forão aquelles Principes, que nella ſe diſtinguírão mais famoſos.

Pelo decurſo deſta Obra eſcrevo algumas memorias do modo com que manejavão eſta Arte o Senhor Rei D. Joſé I., e o Sereniſſimo Senhor D. Joſé Principe do Brazil, como tambem da perfeição com que a pões em prática S. A. o Sereniſſimo Senhor D. João, Principe de Portugal, e o Excellentiſſimo Marquez de Marialva D. Pedro Joſé de Alcantara Antonio Luiz de Menezes, Eſtribeiro Mór de Suas Mageſtades Fideliſſimas, para me poupar ao trabalho de buſcar outros modêlos, e exemplos das doutrinas deſta Arte, quando pelos referidos Senhores vi praticadas as maiores delicadezas até agora deſcubertas, como faço tenção de moſtrar com a clareza que me for poſſivel.

Silva delin. Frois sculp.

Lição do galope, fazendo marchar o Cavallo sobre a direita.

QUando S. A. queria fazer galopar qualquer Cavallo para a direita, firmava a sua mão esquerda tres pollegadas pouco mais, ou menos assima do cepilho da sella, e outras tantas delle avançada para diante com as unhas alguma cousa voltadas para sima, e a mão direita na mesma acção defronte da esquerda, para lhe fazer sentir desta sorte igualmente as sensações de ambas as redeas. Depois disto, tendo o seu corpo atrás, firme, e bem no meio da sella, animava toda a sua bella figura, unia as pernas ao ventre do Cavallo, fortalecia a esquerda mais, de sorte que por effeito de todas estas sensações, o Cavallo se deixava encruzar entre as forças das redeas direitas, e da perna esquerda, e então por meio de todas estas bem appropriadas diligencias, elle se determinava a galopar com a regularidade, e boa ordem que se vê na Est. XX. E S. A. como bom, e perfeito Cavalleiro, se o Cavallo não lhe obedecia bem, tendo as mãos nas referidas distancias, promptamente lhe segurava as redeas, tendo as mãos naquella altura, em que exigião do animal huma obediencia prompta, e hum apoio suave, e firme.

Logo, conforme a segunda Lei desta lição, avançava S. A. a espadua esquerda, atrazava a direita á proporção da dobra, que fazia observar no corpo do seu Cavallo: e assim alternativamente o obrigava a que determinasse o balanço do galope com igualdade, ou elle o fosse distribuindo com maior, ou menor velocidade. Galopando o Cavallo dobrado para a direita, fica o seu corpo desta parte concavo, e da esquerda convexo, e por consequencia ficão o pé, e mão de fóra mais perto da terra: se galopar sobre linhas rectas, naturalmente se moverá com mais liberdade; e se galopar sobre circulos, já de duas, já de quatro pistas, quanto menor for o circulo em que andar, mais lhe custará a avançar, e metter o pé, e a perna de dentro do centro para baixo do seu corpo, como em outros lugares se pondera.

Galopando com as espaduas para o centro, marcando as pistas das mãos os circulos menores, e as da garupa os circulos maiores, precisamente o Cavallo principia a caminhar, avançando a mão, e pé de dentro da volta; porém neste trabalho em marcando quatro pistas, não póde com as dos pés alcançar as pistas das mãos, como faz muitas vezes, determinando os seus movimentos sobre linhas rectas, porque sempre avança o pé, e a mão da parte para onde elle olha, e se dobra com hum movimento mais, ou menos curvo.

S. A. obrigava os Cavallos, de maneira que elles determinavão os seus movimentos, formando o galope da picaria diligente, levantado, unido, e igual, já quando os fazia trabalhar sobre circulos maiores, já trabalhando-os sobre circulos menores, linhas do quadrado, ou por todo o comprimento do terreno, igualando-os cada vez mais nos movimentos das espaduas, e garupa com as sensações das suas mãos, e pernas, como tambem com o equilibrio do corpo, e modo de contrapezar sobre os estribos, fortalecendo, e modificando a actividade de todas as referidas sensações pela disposição com que o animal as recebia: até que pelas re-

pe-

petidas lições o formava no galope mais proprio á sua construcção, e possibilidade. Todos os Cavalleiros devem seguir esta boa ordem, não só porque S. A. assim o praticava, mas porque a boa razão nos persuade ser este o melhor methodo de formar aos Cavallos o verdadeiro galope, adoptado por todos os Authores, e scientes desta Arte.

Modo, pelo qual S. A. fazia passar de mão qualquer Cavallo, galopando da direita para a esquerda.

SUa Alteza fazia passar de mão qualquer Cavallo da direita para a esquerda, quando o achava mais igual no seu movimento, mais facil na mão, e mais bem situado no terreno: então ordinariamente o obrigava a fazer a passagem sobre o tempo das espaduas, por serem estas passagens de mão aquellas, que obrigão menos aos Cavallos as forças dos rins, garupa, e curvilhões. Ora logo que S. A. intentava formar a passagem de mão, animava toda a sua figura á proporção da actividade, com que o Cavallo determinava os seus movimentos; e tendo S. A. o seu corpo mais alguma cousa atrás, e firme, unia as pernas ao ventre do Cavallo, a esquerda mais atrás das cilhas para segurar-lhe a garupa, e a direita entre a primeira cilha, e a espadua, para o indireitar entre ambas as redeas, e ambas as pernas. Depois o obrigava a formar da extremidade da linha do comprimento da muralha para o centro hum angulo obtuso Est. IV. Fig. 6., e da letra O, pelo meio circulo do angulo para a linha Q, no tempo, em que chegava ao lugar da passagem, (ou S. A. a formasse sobre este, ou outro angulo) instantaneamente avançava a sua espadua direita, atrazava a esquerda, affroxava as redeas direitas, voltando a mão direita alguma cousa de unhas abaixo, segurava as redeas esquerdas, tendo a mão esquerda alguma cousa mais de unhas assima, avançava o seu quadril direito, atrazava o esquerdo, affroxava as sensações da perna esquerda, fortalecia as da perna direita, acordando todos estes movimentos com tanta propriedade, e promptidão, que o Cavallo por effeito de todas estas sensações, do vertice do angulo trazia as espaduas no tempo do seu balanço da direita para a esquerda, e elle mudava de acção por ficar obrigado a avançar a parte esquerda, como antes de fazer a passagem avançava a direita.

Obrigado o Cavallo das sensações já referidas, faz todos estes movimentos, em quanto o balanço da garupa se continúa para as espaduas, para que quando ellas descem com o balanço das ancas, se completar a passagem, mudando tambem a acção da sua garupa, a fim de continuar a galopar sobre a esquerda na mesma brilhante acção, em que elle galopava para a direita, antes de passar de mão.

Da razão, por que os Cavallos galopão falso.

O Cavallo, que principia a caminhar, avançando a mão, e pé de fóra daquella parte para onde elle olha, e está dobrado, não vai como deve, e dizemos galopa falso; pois se elle olha, volta, e se dobra para a mão direita, esta, e o pé di-

direito devem cada hum no ſeu tempo avançar-ſe mais que a mão , e o pé eſquerdo. O meſmo ſe deve entender , quando elle anda para a mão eſquerda ; ſendo então eſta a que principie a caminhar, ſeguida do pé da meſma parte, avançando-ſe cada hum no ſeu tempo , como fica ponderado a reſpeito de avançar-ſe para a mão direita.

Logo que o Cavallo olha, e ſe dobra para a direita , e principia a caminhar com a mão, e pé eſquerdo, elle vai falſo ſobre a ſua mão, e pé. E ſe galopar dobrado para a mão eſquerda, e principiar a caminhar com a mão, e pé direito, irá da meſma ſorte falſo ſobre a mão, e pé. A cauſa deſta chamada falſidade procede da deſunião com que o movimento das eſpaduas , e garupa deſmanchão a acção, com que o Cavallo deve formar o balanço do galope , ſeja galopando ſobre a direita, ou ſobre a eſquerda. O pé, e a mão, que trabalhão da parte do centro para onde o Cavallo olha, e ſe dobra, preciſamente devem avançar-ſe mais , a fim de que a mão de dentro poſſa alcançar , ou abraçar mais o terreno para a parte, para a qual anda (conforme a primeira , e ſegunda lei deſta lição) , e a mão de fóra , e o pé de dentro entrem para o ponto de gravidade , e poſsão ſuſtentar o pezo de toda a máquina com mais facilidade. Iſto ſuppoſto, a perna de fóra como não póde alcançar a linha perpendicular do pezo, ou ponto de gravidade, he preciſo esforçar mais o ſeu movimento, que a de dentro, para avançar, e fazer bem o ſeu gyro.

Eſtas regras são geraes para a exactidão do movimento do galope: logo quando o Cavallo vai falſo, ſeja para huma , ou para outra parte , além da irregularidade , vai no riſco de cahir, principalmente quando volta ; porém eſta regra não he rigoroſa para os Cavallos deſtinados para a campanha , e com aquelles , que ſervem para correr fóra do Picadeiro na eſtrada, e campo, antes devem eſtes galopar indifferentemente para huma, e outra mão, como em ſeus lugares digo.

Cauſas, por que os Cavallos facilmente ſe deſunem das eſpaduas.

COm dous movimentos ſe deſunem os Cavallos galopando: hum das eſpaduas, outro da garupa. Deſunem-ſe das eſpaduas, avançando a mão de fóra; deſunem-ſe da garupa, avançando o pé de fóra; e de tal ſorte he deſordenado eſte movimento deſunido, que além de incommodar o Cavalleiro, faz perder a graça, e o bom tempo do balanço do galope, diſpondo o Cavallo para com facilidade cahir, maiormente quando volta , por ſer eſte movimento contra a natureza do verdadeiro galope. He certo que ſe houverem formado os Cavallos na lição do trote nos ſeus principios com movimento , que lhes ſeja improprio pela ſua maior , ou menor velocidade , ou dobrando-os mal , deixando-os romper o peſcoço , elles ſe lançaráõ com deſigualdade de movimentos, e de acção, principalmente ſobre a eſpadua de fóra.

Tambem ſerão deſiguaes os ſeus movimentos das eſpaduas , quando os fizerem galopar, e ainda trotar por coſtume, mais para huma , que para outra parte. Da meſma ſorte ſe os trotarem em hum trote demaziadamente largo, e deſmedido

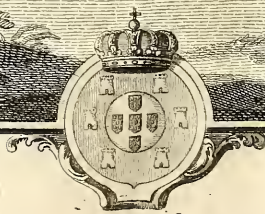
com as ſuas forças, e conſtrucção, em não podendo ſoffrer movimentos tão largos, hão de relaxar-ſe dos das eſpaduas, e hão de adquirir vicios conſideraveis, principalmente, o de ſe deſunirem tambem muitas vezes das eſpaduas, quando devem galopar unidos ſobre o pé, e mão da parte concava, ou do centro no Picadeiro com a graça, e boa ordem que ſe vê na Eſt. XX.

Se o Cavallo for pela eſtrada com a cabeça direita, determinando os ſeus movimentos ſobre linhas rectas, póde dar principio ao galope, ſeja marchando para a mão direita, ſeja para a eſquerda: com tanto porém que ſe avance a mão, e pé daquella parte, para onde elle olha, ou ſe inclina mais na ſua direcção; porque ou avançando a mão direita, e pé direito, ou avançando a mão eſquerda, e o pé eſquerdo, já mais galopa falſo, antes vai em galope certo; mas como pela maior parte ſuccede mais vezes voltar ſobre a direita, que ſobre a eſquerda na eſtrada, na caça, e na guerra, por eſtas razões eſtá mais em uſo galopar mais ſobre a direita, que ſobre a eſquerda. Sem embargo diſſo ha Cavalleiros, que fazem mudar de pé, e mão aos ſeus Cavallos para lhes alliviar a perna de fóra, que he a que ſe esforça mais no ſeu movimento, pela maior diſtancia em que fica do ponto de gravidade, como tenho ponderado.

Os Cavallos tem quatro movimentos, com que fórmão quatro tempos com os pés, e mãos, quando galopão, e he extremamente difficil ſentir eſtes tempos na ſua exactidão, em quanto não ſe deſunem; mas, deſunindo-ſe, ou falſeando, logo o Cavalleiro ſente o encontro do movimento, de ſorte que ſe conhece ſe a deſunião he das eſpaduas, ou da garupa.

Das cauſas, por que os Cavallos ſe deſunem da garupa.

POr muitas cauſas ſe deſunem os Cavallos: huma porque os Cavalleiros ignorão o bom modo com que as juntas das eſpaduas devem jogar bem nas articulações dos omoplatos Eſt. III. Num. 27., ou tambem porque não alcanção a razão, por que os ligamentos (N. 25. até ao N. 32. da referida Eſt.) devem fazer as ſuas funções com hum livre, e igual movimento; outra por eſtar o Cavallo mal coſtumado a determinar bem o ſeu trote, iſto he, pelo haverem diſpoſto mal, trotando-o em hum grande trote, quando elle pela ſua agilidade, poſſibilidade, e conſtrucção devia ſer trotado em hum trote curto, unido, e vivo. Semelhantes effeitos lhes reſultão tambem de os haverem trotado em hum trote curto, e unido, quando elles por ſerem robuſtos, fortes, e nervoſos preciſavão ſer diſpoſtos, e deſembaraçados por meio de hum grande trote. Segue-ſe que o Cavalleiro deve conhecer das difficuldades dos Cavallos bem como S. A., para lhes regular a lição, de fórma que ella lhes ſeja util. Por iſſo tanto recommendo em todas as lições o cuidado que ſe deve ter, em que todos os movimentos dos Cavallos ſejão iguaes na ſua determinação, e dobra, aſſim para huma, como para outra mão.

Só he permittido dobrar o Cavallo com deſigualdade para remediar os ſeus defeitos, principalmente das eſpaduas; pois quando elle chega a ſer igual no movimento, ſituação, e deſembaraço dellas, obedece facilmente á mão, e ás pernas do

Estampa 21. Pag. 227.

Silva del.

do Cavalleiro; e pelo contrario ſe uſa mal das eſpaduas, ainda que dobre muito o peſcoço, e ſegure a garupa, nem ſempre o faz por ſujeição, e obediencia, mas ſim muitas vezes elle ſe dobra com exceſſo por buſcar alguma defeza com que poſſa eximir-ſe da ſujeição de ſe endireitar em todos os ſeus movimentos, com a boa direcção, que o Cavalleiro pertende. Deſunem-ſe tambem muitas vezes por alliviar a parte de fóra: deſunem-ſe por ſe oppôr á vontade do Cavalleiro: deſunem-ſe por não determinar os ſeus movimentos pelas ſenſações que lhes fazem, ſeja por ſerem ellas mal applicadas, ou porque os Cavallos ignorem ainda o ſeu uſo: deſunem-ſe por eſtar arruinados de algumas das partes do corpo, principalmente das moleſtias, que elles com facilidade adquirem nos curvilhões, pois a fraqueza, e a dor que a moleſtia lhes cauſa os faz deſunir muitas vezes da garupa. Tambem ſe deſunem, por ſerem ſenſiveis do focinho, boca, e ventre: deſunem-ſe por ter o Cavalleiro pouco aſſento de ſella, pouca firmeza nas mãos, e pernas, ou porque o jogo das ſenſações de todo o corpo não tem a preciſa connexão com os movimentos, que pertendem exigir dos Cavallos.

Lição para fazer galopar qualquer Cavallo para a eſquerda.

HAvendo eu dito a formalidade, e boa ordem com que S. A. por meio de ſenſações proprias fazia galopar qualquer Cavallo para a direita, direi tambem como ſeu Irmão o Sereniſſimo Principe D. João fórma os Cavallos, em que anda na lição, e acção do galope ſobre a eſquerda; advertindo que S. A. tanto quando os trabalha ſobre a direita, como ſobre a eſquerda, ſempre os obriga com a meſma perfeição.

Todos ſabem que S. A. he muito applicado a eſta bella Arte, e que inſignemente faz manejar os Cavallos com tanto primor em todas as lições, qual ſeu Irmão o Sereniſſimo Principe D. Joſé, e o Senhor Rei D. Joſé o I. ſeu Avô, e elle põe em prática eſta lição com a boa ordem que os melhores Authores recommendão, como paſſo a moſtrar.

ESTAMPA XXI.

Do Sereniſſimo Principe D. João, formando qualquer Cavallo na lição, e acção do galope, fazendo-o trabalhar com o freio, e cabeção dobrado para a eſquedra ſobre linhas parallelas á largura do Picadeiro.

QUerendo S. A. fazer galopar qualquer Cavallo para a eſquerda, ſenta-ſe bem no meio da ſella, e firma todo o ſeu corpo em hum ponto de equilibrio perfeito: após iſſo tem a mão direita duas, ou tres pollegadas pouco mais, ou menos aſſima do cepilho da ſella, e outras tantas avançada delle para diante com as unhas voltadas para ſi, a eſquerda alguma couſa mais baixa de unhas aſſima, com o dedo minimo voltado para a eſpadua direita, para fazer ſentir ao Cavallo as ſen-

façóes das redeas do freio, e cabeção de huma, e de outra banda, ora firmes, ora brandas, e tambem mais de huma, que de outra parte, a fim de o render flexivel, firme, e facil em voltar, avançar, parar, recuar, e obliquar para huma, e outra mão. Aſſim aviva toda a ſua acção, quanto he preciſo, ſegundo dá lugar a maior, ou menor diſpoſição do Cavallo, pois S. A. he dotado das boas qualidades, que o Marquez Duque de Newcaſtle, Pluvinel, e Luiz XIII. o Juſto Rei de França dizião que precisão ſer dotados os bons Cavalleiros. Eſtando pois aſſim diſpoſto, une as pernas ao ventre do Cavallo, fazendo-lhe ſentir a direita do joelho até ao calcanhar com ſenſações mais activas, para que o animal determine bem os ſeus movimentos, e ſe deixe encruzar entre as forças das redeas eſquerdas, e da perna direita, de ſorte que por effeito de todas eſtas bem applicadas ſenſações o chega a fazer galopar ſobre a eſquerda com a perfeição que ſe obſerva na acção da referida Eſt. XXI.

Adianta S. A. a ſua eſpadua direita, atraza a eſquerda, e quanto mais faz dobrar o Cavallo, tanto mais avança huma, e atraza a outra, não ſó para a ſymmetria da ſua figura apreſentar á viſta huma acção brilhante, e hum eſpectaculo agradavel, mas para obrigar bem o Cavallo a que forme o balanço do ſeu galope com igualdade, ou elle o determine com a maior, ou menor velocidade.

Quando o Cavallo ſe dobra para a eſquerda galopando tambem, fica o ſeu corpo deſta parte concavo, e da direita convexo; e quando galopa ſobre linhas rectas, neceſſariamente fica mais em liberdade: logo quando galopar ſobre os circulos, preciſamente lhe ha de cuſtar mais, que pelo direito, a avançar, e metter o pé, e a perna eſquerda para baixo do ſeu corpo, em quanto for aſſim dobrado. O balanço do galope principia das ancas para as eſpaduas, e a piſta do pé direito N. 1. faz o primeiro tempo; e a primeira poſição, a piſta do pé eſquerdo N. 2. faz o ſegundo tempo; e a ſegunda poſição, a piſta da mão direita N. 3. faz o terceiro tempo; e a terceira poſição, e a piſta da mão eſquerda N. 4. faz o quarto tempo, e a quarta poſição.

Modo de formar as paſſagens neſta lição, deſdobrando o Cavallo da eſquerda para a direita.

COſtuma S. A. fazer paſſar de mão qualquer Cavallo, quando o ſente mais igual no ſeu movimento, mais facil na mão, e mais bem ſituado no terreno; e ſe elle ainda he Potro, ou ignorante, ordinariamente o faz paſſar de mão ſobre o tempo das eſpaduas, por ſer eſte modo de paſſar mais facil, como já diſſe: então põe em execução toda a ſua deſtreza, á proporção da actividade, e viveza com que vê determinar os movimentos ao Cavallo. Atraza mais a ſua eſpadua eſquerda, fortalece a ſenſação da perna direita, cada vez mais, já indo pelas linhas rectas, já pelas curvas, ou pelos meios circulos dos angulos até ao lugar da paſſagem, ſeja ella formada ſobre as linhas do quadrado, linhas dos circulos, ou ſobre algum angulo, e aſſim o vai endireitando das eſpaduas, e garupa o mais que póde ſer entre ambas as pernas, e ambas as redeas, até que indo mais ſeguro, e firme ſo-

ſobre o tempo da garupa , S. A. o faz deſdobrar inſtantaneamente da acção , que até alli ſuſtentava da eſquerda para a direita.

No tempo da paſſagem avança S. A. a ſua eſpadua eſquerda, atraza a direita, affroxa a ſenſação da perna direita, fortalece as da perna eſquerda, tem a mão direita de unhas aſſima, a eſquerda de unhas abaixo, quanto baſta , e alguma couſa inclinada para fóra, para as redeas direitas fazerem voltar a cabeça do Cavallo, e dobrar a acção do peſcoço, e eſpaduas para o centro. Advertindo que todos eſtes movimentos faz S. A. como todos os ſcientes mandão , e todos os bons Cavalleiros devem fazer , em quanto o Cavallo continúa o ſeu balanço das ancas para as eſpaduas, para quando eſtas deſcerem no ſeu balanço, voltar o Cavallo para a direita , e avançar a ſua mão , e eſpadua direita , unindo-a á mão , e eſpadua eſquerda.

Faz S. A. tambem repentinamente ſentir ao ventre do Cavallo a ſenſação da perna eſquerda, para que no tempo , ou balanço com que a garupa ſegue as eſpaduas, ſe alargue para o centro a meia anca de dentro , e a perna, e a meia anca de fóra ſe atraze , e ſe una á de dentro. Com a meſma perfeição fórma elle os Cavallos nas paſſagens de mão tranſtornadas, e eſperando o tempo ſeja para a direita, ou para a eſquerda, ſe ellas são convenientes aos Cavallos , como em outros lugares ſe pondera.

Os tempos que fazem aquelles Cavallos , que alcanção , ou abração com as ſuas mãos muito terreno no galope, ſeja marchando ſobre o quadrado, ou ſobre os circulos, e pelos meios circulos dos angulos, são mais ſenſiveis ao Cavalleiro, do que os do Cavallo que abraça, ou ganha menos terreno. Os movimentos dos Cavallos, que alcanção com as mãos pouco terreno, são mais diligentes, e promptos: logo pelo contrario os movimentos dos que abração mais terreno são mais longos, e deſcançados.

Eſtas differenças de movimentos no balanço do galope devem os Cavalleiros conhecer inconteſtavelmente , para lhes ſeguirem a ſua propriedade , e exigirem dos Cavallos os movimentos mais proprios da ſua conſtrucção, e poſſibilidade: aſſim como S. A. que por meio deſtes conhecimentos os fórma bem nas acções , e movimentos, para que elles tem mais propriedade. Se quizerem unir , e encurtar os movimentos aos Cavallos, que avanção muito terreno, por ſer a propriedade do ſeu movimento larga, na eſperança de os ajuntar, e encurtar mais do que elles podem , ſerão deſagradaveis , e forçados nos ſeus movimentos em todas as acções, em que os puzerem. Por ſemelhantes oppoſtos motivos ſe pertenderem alongar os movimentos áquelles , que abração menos terreno , com a eſperança de os dilatar mais do que podem, elles por diverſos modos ſe hão de defender, porque a Arte aperfeiçoa, e remedea, mas não muda abſolutamente a natureza.

Tra-

Trata-se da lição da carreira, e as leis pertencentes á determinação dos movimentos do corpo do Cavalleiro, quando faz partir hum Cavallo a toda a brida.

1 DEve o Cavalleiro sentar-se firme no meio da sella, e o corpo deve imitar o eixo do fiel de huma balança, que he sempre estavel no mesmo lugar, ou tenhão os braços della maior, ou menor movimento, pois já mais elle deve perder a firmeza do assento da sella, e equilibrio, não só para apresentar em toda a figura huma symmetria igual, mas para que se o Cavallo tropeçar, ter o Cavalleiro o seu corpo atrás, e segurar as redeas, de sorte que possa evitar a quéda.

2 Deve a mão fechar bem as redeas, quando se avançar para diante, isto he, para o pescoço do Cavallo: na altura correspondente áquella, em que elle põe a cabeça, para o Cavalleiro o poder governar, voltar, e parar com facilidade.

3 Devem as redeas não só estar bem seguras na mão; porém em tal comprimento, que, em sustendo a mão para voltar, ou parar o Cavallo, não haja a necessidade de estar encurtando, ou alargando as redeas.

Leis pertencentes á determinação dos movimentos dos Cavallos na carreira.

1 DEvem os Cavallos corredores ter muita agilidade nas espaduas, e garupa para os fazerem estender sem receio quando correm.

2 Devem ter a propriedade de correr, levando a cabeça alta com proporção, a frente alguma cousa perpendicular, e direita, sem estender o focinho para sima, ou dar cabeçadas.

3 Devem tambem não se encapotar, principalmente quando os parão; porque os que recolhem demaziadamente a barbada para o peito, fazem chegar as caimbas a elle, e depois não obedecem bem á mão do Cavalleiro.

4 Da mesma sorte não devem ir falseando, isto he, não devem ir mudando de mão, e pé na carreira, porque os que tem este costume, ou defeito, correm pouco, e incommodão muito o Cavalleiro.

5 Na parada devem recolher a garupa bem para baixo do corpo, rebatendo igualmente as suas ancas, a fim de que parem firmes sobre ellas.

Todos sabem que a carreira he hum galope mais apressado, estendido, e violento, do que o galope ordinario: ora quando o Cavallo he sensivel, bem formado, e facil em todas as suas determinações, e articulações, segue a carreira, tendo a cabeça alta, e firme; e sem excesso, distribue os seus movimentos com velocidade igual á impressão com que as sensações das mãos, das pernas, e do corpo do Cavalleiro o obrigão, modificando a velocidade da sua carreira, logo que a mão do Cavalleiro segura as redeas para formar a parada, e as pernas o obrigão com menos actividade; e se elle executar os seus movimentos com a faci-

li-

Silva delin. Martini dir.

lidade que digo, ſem dúvida ſe formará na boa acção, que ſe repreſenta na ſeguinte

ESTAMPA XXII.

Do Cavalleiro, fazendo partir hum Cavallo na acção da carreira a toda a brida para a direita ſobre as linhas parallelas á largura do Picadeiro.

SE o Cavallo, indo na carreira, parar facilmente, he porque tem boa boca, iſto he, tem nella, e nas mais articulações huma ſenſibilidade propria para ſe poder governar, e ſerve bem para correr no mato, e na campanha, elle tem bom preſtimo nos feſtejos para correr lanças, alcanzias, eſcaramuças, parelhas, e outros divertimentos, para que não ſervem bem aquelles, que tem má boca. Ora ſe o Cavallo indo na carreira pára com facilidade, tambem moſtra que tem baſtantes forças, baſtante agilidade, e igualdade de juntas, boa vontade, e huma geral facilidade nas articulações do ſeu eſpinhaço, eſpaduas, ſoldras, e curvilhões.

Pelo contrario, ſe quando o obrigão a correr, elle abaixa a cabeça muito, ou a levanta com exceſſo; e quando o Cavalleiro pertende fazello parar, elle força a mão, e ſe eſtende ſobre as eſpaduas, continuando no ſeu movimento ſem parar, ſenão quando as redeas são ſuſtentadas com grande força, então moſtra ter má boca, iſto he, tem pouca ſenſibilidade nella, e nas mais juntas do ſeu corpo: motivos, por que não ſervirá bem para alguma das acções, para que tenho dito que ſervem os que tem boa boca. Além diſto os Cavallos, que tem má boca, ordinariamente são mal formados, ou são fracos, ou tambem eſtão arruinados do eſpinhaço, eſpaduas, garupa, e curvilhões.

Fórmas exteriores, que devem ter os bons Cavallos corredores.

DEvem ter o eſpinhaço direito, e curto, como ſe vê na Eſt. III. do Num. 53. até á letra B: devem ter as pernas antes alguma couſa direitas do que curvas, mas bem formadas, os beiços delgados, os queixos eſcarnados nos aſſentos, e nas barbadas, as queixadas largas huma da outra junto ao Num. 23., o peſcoço elevado, naſcendo bem ſobre as eſpaduas, e não muito groſſo, principalmente do lugar da ganacha N. 23. até ao N. 21., e do meio da taboa do peſcoço N. 24. para a crina, eſcarnado: as mãos devem ſer direitas, e bem proporcionadas, as cartilagens, e polpas do peito largas, como ſe vê na referida Eſt. III. do N. 28. até ao N. 31., e da meſma ſorte deve ter largas as ventas, e mais orgãos da reſpiração para reſpirar com facilidade. Deve ter o ventre direito, iſto he, não deve ter grande bojo, ou ſer barrigudo, pois de todas eſtas partes devem ſer bem proporcionados os Cavallos corredores; e os que participarem mais das referidas boas qualidades, ſerão melhores para correr.

Em Roma, Inglaterra, Napoles, e outros paizes ha Cavallos deſtinados para correr, os quaes fazem carreiras grandes de hum folego, em que leva o premio aquel-

aquelle, que chega primeiro a huma determinada meta: eſtas carreiras ſe fazem, indo os Cavallos ſoltos humas vezes, outras puchando por carroças proprias para eſte miniſterio, ou tambem com Cavalleiros; mas não correm com a ſujeição, e a obediencia com que eu pertendo que corrão os Cavallos, para ſerem preſtativos para o uſo ordinario, para as feſtas, para a caça, e para a guerra.

Modo de inſtruir os Cavallos na carreira.

QUando galoparem os Cavallos, que forem deſtinados para correr no mato, ou na campanha, devem firmallos em hum movimento igual, e não muito elevado, até eſtarem firmes na mão, e obedientes ás pernas. Devem dar-lhes alguns repelões, quero dizer, devem algumas vezes abaixar-lhes a mão, e fazellos partir ſobre linhas rectas com velocidade, formando-lhes no fim da carreira huma meia parada, e logo voltallos em hum pequeno circulo, ou ſemicirculo, já ſobre hum, já ſobre outro lado.

Sendo os Cavallos deſtinados para a caça, he bom fazellos galopar ſempre unidos ſobre a mão, e pé direitos, para não falſearem, ou ſe deſunirem; mas ſe forem deſtinados para a guerra, devem muito facilmente voltar, ainda na carreira mais veloz, com promptidão para huma, e outra parte, ſem mudar de pé, e mão, a fim de que os muitos obſtaculos, que frequentemente ſe encontrão em ſemelhantes caſos, não lhes ſirvão de embaraço.

Tambem devem os Cavallos corredores ter boa viſta, baſtante folgo, boa conſtrucção, e forças á proporção do ſeu tamanho para fazerem bom uſo dellas: devem ter os movimentos ſuaves para não incommodar muito o Cavalleiro: devem ſer flexiveis, e lizos á eſpora, faceis em voltar, parar, recuar, e obliquar para huma, e outra parte, para ſervirem bem em qualquer acaſo impreviſto. Todas eſtas reflexões devem os Cavalleiros fazer ſobre as qualidades dos Cavallos corredores, não ſó para inveſtigar a propriedade do ſeu preſtimo, e dos ſeus movimentos, mas tambem para os ſaber diſpôr, e formar na lição da carreira com perfeição, pois os repelões, as paradas, e as meias paradas ſem dúvida deſembaração muito os Cavallos de todas as partes do corpo, como affirma Pignateli Pag. 69.

As meias paradas, e paradas, ſeguidas de meias voltas ſobre hum, e outro lado, são formadas por tres operações violentas, produzidas a primeira da força, com que a mão do Cavalleiro ſuſtem as redeas; a ſegunda da força do equilibrio com que tem o corpo atrás; e a terceira das ſenſações com que as pernas do Cavalleiro obrigão o Cavallo ſobre o ventre: e he certo que a união de todas eſtas operações o fazem muito agil, e deſembaraçado nos ſeus movimentos. Em o fazendo correr de tempo em tempo, devem dar-lhe folgo: então as meias paradas, e paradas o tornão prompto a moderar o ſeu movimento para voltar, ſentando-ſe bem ſobre a garupa, e para tornar a ſahir da mão com ligeireza. Advertindo que ſe o Cavallo he mais fraco da garupa, que das eſpaduas, a precipitação da carreira, ſe o parão forte, o obriga muitas vezes a falſear da mão.

Na carreira devem os Cavallos inſenſivelmente paſſar da menor á maior veloci-

cidade, fem que paffem repentinamente de hum a outro extremo, para não fe defordenarem na fua acção. Sendo deftinados para a guerra, em eftando bem exercitados na carreira para a direita, he bom exercitallos da mefma forte para a efquerda. As meias paradas, e paradas firmes fazem tambem adquirir aos Cavallos corredores a propriedade de fentar-fe fobre as ancas, conftituindo-fe por confequencia promptos a partir, e voltar para hum, e outro lado facilmente.

A velocidade do Cavallo quando corre, fufpendida na carreira por huma meia parada, ou falcada, deixa as ancas obrigadas a entrar para o ponto de gravidade, fuftentando fobre fi a maior parte do pezo do corpo, e efpaduas mais pelo equilibrio, do que pela força. Ha Cavallos tão attentos á meia parada, e á parada, que as fazem ao minimo movimento da mão, e ainda do corpo do Cavalleiro; mas fempre fe deve regular a força dos repellões, e das meias paradas pela poffibilidade do Cavallo, de maneira que elle feja prompto a parar, falcar, voltar, tornar a partir, ou tambem inclinar a direcção para huma, ou para outra parte, fem fer precifo ufar o Cavalleiro de muita força nas mãos, e pernas.

Para formar bem as falcadas na carreira, devem os Cavalleiros ir fuftendo a mão por varios gráos fem precipitação; e logo que o Cavallo fe ajuftar fobre as ancas, fegurar a mão, e o corpo repentinamente; e tanto que fe fórma na acção da falcada, devem render-lhe a mão, e fazello partir promptamente, feja para os lados, feja para diante. Duas reflexões fe devem fazer nas falcadas: a primeira não fortalecer repentinamente o movimento da mão, fem efperar o tempo do balanço das efpadas, porque póde fucceder defta afpereza offender-fe a boca do Cavallo, e elle adquirir repugnancia em obedecer á mão: o que fe manifefta por fazer alguns geftos eftranhos com a cabeça; e fe por efte motivo fe entezar do efpinhaço fobre a garupa, elle póde facilmente fazer alguns esforços nas fuas ancas, e curvilhões.

A fegunda reflexão que fe deve fazer nas falcadas, he de indireitar o Cavallo bem naquelle terreno correfpondente á acção, em que o fazem parar, e falcar; exemplo: fe o Cavallo, indo correndo para a direita, fe lançar fobre a efpadua efquerda, fugindo para fóra, e nefte tempo o fizerem parar, ou falcar, elle fará huma muito má parada, ou falcada; fe porém for direito nas parallelas das efpaduas á garupa, ou vá mais, ou menos dobrado, indo affim facil na mão, fem dúvida marcará as meias paradas, e falcadas com mais perfeição. Não obftante deverem os Cavallos fer manfos para fervirem bem, devem com o feu vigor, ardor, e boa vontade de ir para diante, ir-fe convidando para feguir os fignaes das fenfações das mãos, e pernas do Cavalleiro, e efte pelo contrario os deve fazer parar quando elles menos o efperão.

Trabalhando-fe dentro do Picadeiro, tambem fe não devem formar as meias paradas, e falcadas muitas vezes feguidas em huma mefma paragem para o Cavallo fe não deixar poffuir mais do coftume, que da obediencia da mão. Ora quando tiver a inclinação de forçar a mão do Cavalleiro, devem formar-lhe a meia parada, e a falcada com o pulfo muito ligeiro, e flexivel, obrigando-o mais com as fenfações do corpo, e das pernas, do que com a força do pulfo.

Se o Cavallo tem pouca força, e possibilidade, devem resolvello por meio de muitas repetições de meias paradas, e falcadas, costumando-o ao menos a que faça por uso, e costume, o que he pouco capaz de fazer pelos effeitos do seu poder, desembaraço, e possibilidade, se bem que estes não servem senão para hum trabalho ordinario. Os Cavalleiros devem fazer todas estas reflexões sobre os Cavallos destinados para correr, não só para investigar a propriedade dos seus movimentos, como tambem para os dispôr, e formar regularmente nesta lição, pois ella sem dúvida os desembaraça muito de todas as partes do seu corpo, como affirma Pignateli Pag. 73. Tambem a Pag. 78. diz: „ Que as espaduas dos Cavallos são „ as partes do seu corpo mais difficultosas a desembaraçar, e a situar no seu devi- „ do movimento, principalmente quando o Cavallo se move sobre hum, e outro „ lado. Quando determina a sua direcção pelo direito, seja o galope mais, ou „ menos avançado, tambem custa muito o fazello igual em rebater, e levantar os „ movimentos das espaduas para sima das suas ancas; porém isto se vence por ef- „ feito das meias paradas, e das falcadas. „ Logo apenas o Cavallo se vai firmando com excesso sobre o freio, e por consequencia entrando demaziadamente na mão, devem com a continuação das meias paradas, e falcadas obrigallo a desembaraçar-se das espaduas, levantando-as para sima dos movimentos da garupa, segurando-lhe por este modo a cabeça no seu devido lugar. O mesmo Pignateli affirma tambem Pag. 96. „ Que assim se facilitão os Cavallos para obedecer aos „ mais ares, e trabalhos do manejo, da caça, e da guerra: e que ainda não sen- „ do elles bem capazes para o manejo da Escola, por meio destas diligencias che- „ gão a formar-se na acção da carreira com a obediencia, e a facilidade que se „ mostra na seguinte

ESTAMPA XXIII.

Do Cavalleiro, fazendo partir hum Cavallo a toda a brida para a esquerda sobre as linhas parallelas á largura do Picadeiro.

Causas, por que duvidão os Cavallos formarem bem a carreira.

OS Cavallos duvidão correr com velocidade, por terem pouca vista, por serem fracos do espinhaço, dos quadrís, das espaduas, e dos curvilhões, ou tambem por estarem arruinados de alguma destas partes do seu corpo, e por se doerem dos cascos das mãos, e pés. Se determinão a sua direcção, correndo sobre a direita, marcão o primeiro tempo, e a primeira pista com o pé esquerdo N. 1. o segundo tempo, e a segunda pista com o pé direito N. 2. o terceiro tempo, e a terceira pista com a mão esquerda N. 3. e o quarto tempo, e a quarta pista com a mão direita N. 4. Se determinão os seus movimentos, correndo sobre a esquerda com o pé direito N. 1., marcão o primeiro tempo, e a primeira pista com o pé esquerdo N. 2. o segundo tempo, e a segunda pista com a mão direita N. 3. o terceiro-

Silva delin. Martini dir.

ceiro tempo, e a terceira pista; e com a mão esquerda N. 4. o quarto tempo, e a quarta pista.

Finalmente o Cavalleiro deve dispôr, e obrigar os Cavallos na lição da carreira para a esquerda pelos mesmos modos, que tenho dito que os deve obrigar a sahir da mão, parar, voltar, e obliquar para a direita, que elles sem dúvida se formaráõ na vistosa acção, que se representa nas Est. 22. e 23.

Disposições, e Leis pertencentes á determinação dos movimentos do corpo do Cavalleiro, para fazer galopar qualquer Cavallo na lição dos quatro circulos.

1 DEve o Cavalleiro com o equilibrio do seu corpo ajudar a inclinação circular do movimento do corpo do Cavallo para o centro, pezando mais sobre o estribo de dentro, que sobre o estribo de fóra da volta, para mais facilmente unir as forças das ajudas do seu corpo, mãos, e pernas, principalmente quando quizer fazer entrar o Cavallo com as espaduas para o centro.

2 Deve adiantar a espadua de fóra, e atrazar a de dentro, de sorte que se perfile a frente do peito do Cavalleiro com a linha do radio do circulo, como se vê na Est. IV. Fig. 10. na linha que atravessa o terreno de A para E.

Leis pertencentes á determinação dos movimentos dos corpos dos Cavallos, galopando nesta lição.

1. DEvem marcar o terreno com as pistas das mãos, e pés, como se vê nas linhas, e pistas da Est. XXIV. A, B, C, D, e nas da Est. XXV.

2 Devem no balanço da galopada serem iguaes no tempo das espaduas, successivamente com o tempo da garupa, seja o movimento mais, ou menos veloz, e seja menor, ou maior a dobra do corpo do Cavallo. Estas leis tem a mesma intelligencia nesta lição, trabalhando tanto sobre huma, como sobre outra mão.

Havendo o Cavalleiro desembaraçado o Cavallo pelo direito sobre o quadrado, e nos circulos de duas pistas, como tambem na carreira, como deixo notado, o póde ir fazendo galopar na lição dos circulos de quatro pistas. Os circulos, que marcão as pistas das mãos B, D, são menores, ou o Cavallo marche de passo, de trote, ou de galope: logo por consequencia os circulos, que marcão as pistas dos pés A, C, são maiores. Esta lição suavisa os movimentos dos Cavallos no seu espinhaço, e os rende flexiveis das juntas dos quadrís, curvilhões, e espaduas.

Quando o Cavalleiro vê nas lições antecedentes, que o Cavallo principia a galopar com facilidade, então o deve ir encruzando entre as redeas de dentro, e a perna de fóra, formando-lhe frequentes vezes aquellas meias paradas, que julgar serem precisas para o fazer ligeiro na mão, e o ir assim obrigando a pôr-se mais e mais sobre a meia anca de dentro.

Para as paradas, as meias paradas, e falcadas serem bem formadas, e uteis nesta lição, he necessario que as redeas de dentro fação unir a espadua de dentro

á eſpadua de fóra ; e a perna do Cavalleiro da parte de fóra obrigue a perna, e meia anca do Cavallo a unir-ſe á perna, e meia anca da parte do centro, porque na parada, meia parada, e falcada a garupa deve ſeguir as linhas parallelas das eſpaduas, pois que a perna de fóra não póde, como a de dentro, alcançar tanto o ponto de gravidade, ao menos as ancas vão ſeguindo as linhas parallelas, e poſsão, conduzindo-ſe por ellas, entrar para baixo do corpo, e uſar o Cavallo com mais igualdade das ſuas forças de ambas as pernas.

As paradas, meias paradas, e falcadas, trabalhando-o na lição de quatro circulos, ſe fazem, tendo as redeas firmes, quando o Cavallo ſe levanta no tempo do balanço das eſpaduas, para que então pelo movimento natural, e pelas ajudas do equilibrio, aſſento, joelhos, barrigas das pernas, e calcanhares do Cavalleiro, o animal venha a recolher a garupa bem para baixo do corpo, e ſe vá apoiando cada vez mais ſobre as ancas: pelo contrario ſe o Cavalleiro firmar a ſua mão, e corpo, querendo fazer parar, ou falcar o Cavallo, em quanto eſte vai ſobre o tempo, ou balanço que ſe continúa das eſpaduas para a garupa, poſto que elle ſe diſponha bem, o Cavallo correſponde mal, vai ſobre a mão, faz alguns movimentos falſos com a cabeça, perde o apoio, e uſa mal das ſuas eſpaduas, eſpinhaço, e garupa.

De duas fórmas diſtribue o Cavallo mal as ſuas forças neſta lição: primeira, porque quando galopa não entra na mão, e determina os ſeus movimentos em hum galope curto contra a propriedade do ſeu movimento: ſegunda, porque entra demaziadamente na mão, e exige dos ſeus movimentos hum galope muito mais avançado, do que o ſeu poder, e conſtrucção permittem.

Se o Cavallo tem hum movimento demaziadamente detido, devem fazer diligencia de o alongar em hum movimento mais avançado; e ſe o ſeu movimento he muito largo, ou avançado, devem contello em hum movimento mais detido; mas ſem o violentar com exceſſo a que mude, e perca abſolutamente o balanço proprio da ſua galopada, da ſua conſtrucção, e da ſua poſſibilidade, de ſorte, que ſe elle tendo diſpoſição para hum galope ordinario, e por diſtribuir mal as ſuas forças, ou por ſer muito ſenſivel da boca, e focinho, ou ſer muito coceguento, e raivoſo á perna, e eſpora, vai galopando com receio, a eſte devem trabalhallo com as falſas redeas em hum movimento diligente, dando-lhe fóra dos circulos alguns repellões; e quando for com mais facilidade para diante, fazer-lhe ſentir alguma couſa as pernas inſtantaneamente, e retirallas antes de lhe formar com as mãos, e com as pernas muito brandamente as meias paradas, ou as paradas firmes.

Por eſtas, e ſemelhantes diligencias ſe diſpõe o Cavallo para ſe determinar com facilidade a entrar na mão com mais apoio. Advertindo que o devem obrigar muito repentinamente, e repetidas vezes com a mão, e equilibrio; e ſe elle em ſentindo alguma das referidas ſenſações, pára, rabeia muito com a cauda, ou dá couces, e pernadas, devem moderar a força das referidas ſenſações, e mais amiudadamente uſar dellas. Ora para o Cavalleiro metter, e conſervar o Cavallo entre as redeas ambas, e ambas as pernas, deve ſegurar-lhe a perna de dentro atrás das cilhas para o obrigar a ir para diante, e da meſma ſorte a eſquerda, contrapondo-

lhe

lhe as ſenſações das pernas ás das redeas para o fazer galopar na lição dos quatro circulos, entrando ſempre com as eſpaduas bem para o centro.

Determinando todo o movimento obliqua, e circularmente, deve o Cavalleiro ir tendo o corpo bem atrás á proporção do que o Cavallo ſe deixa encruzar entre as redeas de dentro, e a perna de fóra, ter-lhe as mãos ambas hum pouco mais altas, e muito brandas. Advertindo que as mãos são brandas neſta lição, quando ſegurão as redeas com huma força proporcionada á ſenſibilidade da boca do animal, e com huma firmeza inſtantanea, iſto he, dando-lhe, e ſuſtendo as redeas, não ſó para o indireitar, e levantar das eſpaduas, mas para o ir obrigando a colar a meia garupa de dentro bem para baixo do corpo com proporção, ſem ſe encoſtar ao freio, ou rolar ſobre a perna. Deve o Cavalleiro repetidas vezes render, e ſuſter a mão, como deixo notado, a fim de que o Cavallo ſiga com agilidade todos os movimentos das redeas, entre facilmente com as eſpaduas para o centro, e vá galopando direito ſobre os quatro circulos, marcando as ſuas linhas com igual diſtancia humas das outras, aſſim com os pés, como com as mãos.

Os Cavallos, que entrão pouco na mão, ſendo galopados por hum terreno declive, entrão mais para a mão, do que ſe os fazem galopar em hum terreno ingreme, ou ainda plano: logo por conſequencia ſe pezarem na mão, iſto he, ſe carregarem muito na embocadura do freio, devem na determinação do movimento ſer menos avançados, tendo o Cavalleiro muitas vezes nas paradas, e nas meias paradas o ſeu corpo atrás, e firme, ſem que lhe una as pernas muito atrás das cilhas, para não colar tanto a garupa, e as pernas para baixo do corpo, e para que não entrem tanto na mão: logo aſſim como he bom galopar os Cavallos, que não entrão na mão por hum terreno declive, he igualmente util, quando elles entrão muito na mão, fazellos galopar por hum terreno ingreme, porque aſſim na ſubida, como na deſcida, ſegundo a ſua difficuldede, ſe fazem leves na mão.

Todas as partes do corpo do Cavalleiro devem conſentir no balanço, e movimento do Cavallo, quando galopa; com tanta união porém que não o poſſa perceber quem eſtiver de fóra vendo, poſto que o circulo ſobre que o fazem trabalhar ſeja pequeno, não ſó porque a inflexibilidade do corpo, mãos, e pernas parece mal neſta, aſſim como digo em outras lições, mas tambem porque os grandes movimentos do corpo, mãos, e pernas põem o Cavallo em deſordem.

Sendo o movimento do galope mais detido, ſegura a boca de qualquer Cavallo, que he ſenſivel, iſto he, quando o movimento he menos veloz, exalta-ſe menos a colera do animal, e elle he mais attento ás ſenſações das redeas; e quando o galope he mais avançado, a ſua velocidade lhe agita a colera, de modo que elle faz menos caſo das ſenſações das mãos, e pernas do Cavalleiro, e ſe vai endurecendo cada vez mais no ſeu apoio, muito principalmente quando he rude aos movimentos do corpo, das redeas, e das pernas.

Quando a velocidade do movimento he proporcionada ás conſtrucções, e poſſibilidades dos Cavallos, elles (como diz Pignateli Pag. 77.) entrão na mão ſem exceſſo, ſegurão a cabeça, conſervando na boca a ſenſibilidade á proporção do ſeu poder: e tambem aquelles, que tem demaziada impaciencia, ſe fazem attentos á

mão,

mão, fendo trabalhados em hum movimento modificado; mas logo que fe applacar a fua colera, e fe deixarem vencer, e dominar, huns, e outros devem fer formados nos movimentos correfpondentes ás fuas poffibilidades, e conftrucções.

Deve o Cavalleiro reparar fempre qual he a fenfação a que o Cavallo correfponde com actividade, e promptidão para a moderar, ou fortalecer mais até elle ceder, ou a fua actividade proceda da fua natural agilidade, e vigor, ou da impreſsão das fenfações, e de fer propenfo a defender-fe.

Affim como os repellões moderados obrigão os Cavallos por effeito das meias paradas, e paradas a fegurar a cabeça no feu proprio lugar, fuavifando-fe dos movimentos do efpinhaço, quadrís, e curvilhões para obedecer ás mãos, e ás pernas do Cavalleiro, apoiando-fe bem fobre as ancas, do mefmo modo a carreira precipitada exalta a colera aos Cavallos fenfiveis, e impacientes, fendo aliàs propria, e util para fazer determinar os movimentos daquelles, que são cobardes, e que retem as fuas forças por temor, e por preguiça.

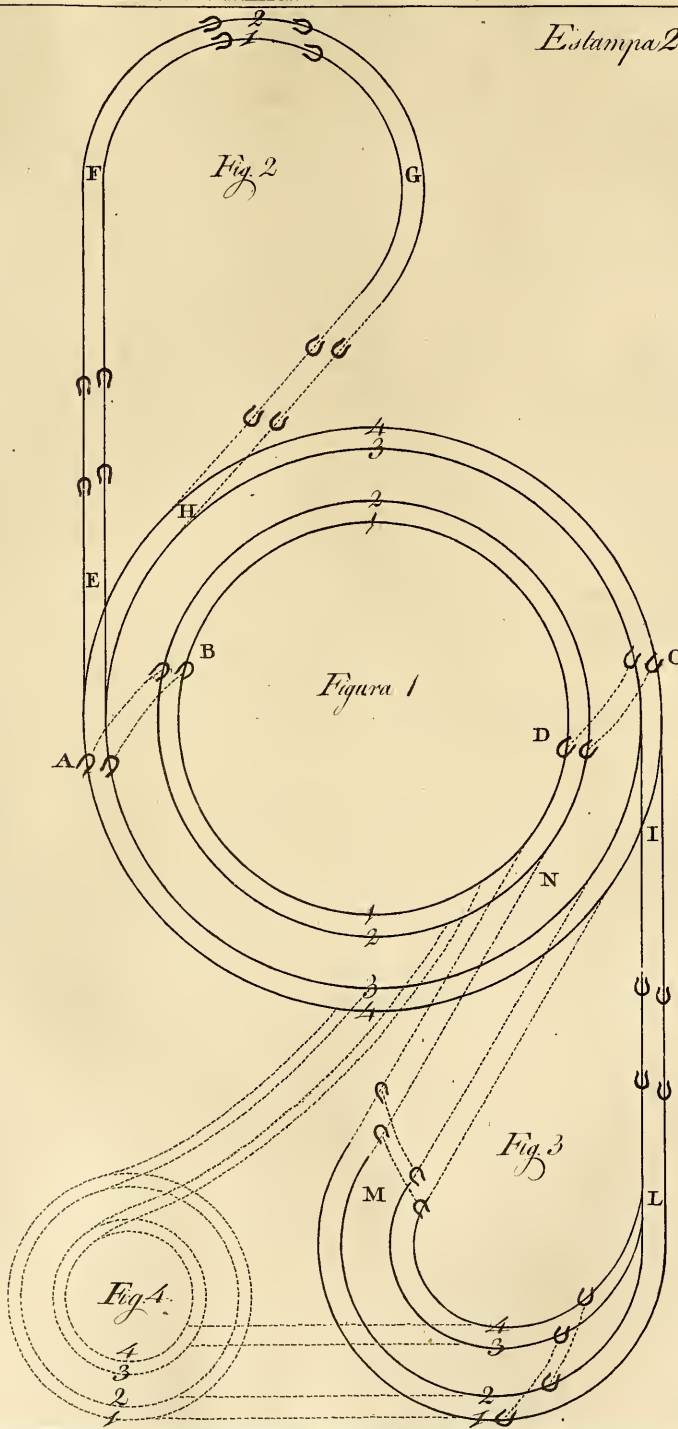
Logo que o Cavallo galopa na lição dos quatro circulos, a força centrifuga obriga pela dobra do corpo o braço direito (que he o de dentro da volta) a que faça a fua pofição por fima, e por diante do braço efquerdo; e como a força centripeta naturalmente conduz o pezo de todos os corpos para o ponto de gravidade, e o Cavallo quando galopa, une a efpadua, e anca de dentro á efpadua, e anca de fóra, lá vão bufcar o ponto de gravidade, o pé de dentro, e a mão de fóra, marcando o terreno, como na feguinte

ESTAMPA XXIV.

Na qual fe moftra o modo, com que o Cavallo marca o terreno, quando fe fórma na lição, e acção dos quatro circulos, galopando fobre a direita.

OS braços, e pernas do Cavallo, quando galopa na lição dos quatro circulos, não tem tanto movimento circular, como tem quando elle fe move de paffo, ou de trote nefta lição, antes com hum fucceffivo balanço das efpaduas, e outro da garupa, fórma o galope: por iffo quando o Cavalleiro o faz trabalhar nefta lição, deve ajudallo com as fuas mãos, pernas, e corpo, conforme a fegunda lei, e muito principalmente com a perna de dentro para o obrigar melhor a formar-fe na acção, e marcar com as piftas das mãos os dous circulos mais perto do centro, e com as piftas dos pés os dous circulos da maior circumferencia, a fim de que a perna, e meia anca de dentro fe poſsão unir mais á de fóra, entrar mais para baixo do corpo, e bufcar o ponto de gravidade, para que o movimento, e balanço da garupa vá feguindo o movimento, e balanço das efpaduas, e poſsão todos os ligamentos do corpo do animal fazer as fuas funções com mais facilidade. Logo galopando nefta lição, a perna do Cavalleiro da parte de fóra fempre lhe deve fegurar a garupa alguma coufa para o centro, não fó para o não deixar fugir

com

Estampa 24 Pag. 238
Fig. 2
F
G
H
E
B
A
C
D
Figura 1
I
N
Fig. 3
M
L
Fig. 4.
4
3
2
1

com as ancas para fóra , mas para ajudar com a fua contrapofição as fenfações da perna de dentro, quando o obriga a entrar bem para diante.

As efpaduas , e todas as partes do corpo do Cavallo por meio defta , e das mais lições, que ficão expendidas, fe defembaração muito , e affim os nervos , e ligamentos da garupa, e mais articulações das fuas juntas fe rendem flexiveis, não obftante dizer Newcaftle Pag. 80. „ que a garupa do Cavallo nefta lição eftá per-„ dida. „ Parece-me pois que os movimentos defta máquina devem precifamente correfponder, ou puchar huns pelos outros com igualdade, pois que as boas lições bem applicadas fazem bom effeito em toda a forte de Cavallos ; e as differentes ruinas, que elles padecem em diverfas partes dos feus corpos, são ordinariamente procedidas de ferem mais debeis, e fracos daquellas mefmas partes que fe damnificão, e de eftarem fujeitos, como os outros mortaes, a infinitas enfermidades.

Eu não pertendo negar que a lição mal applicada difpõe mal o Cavallo, antes fim confeffo que ella faz com que não ufe bem dos feus movimentos, e menos o obriga a poftar-fe bem direito no chão , e daqui póde talvez refultar arruinar-fe de algumas das partes do corpo mais depreffa; mas a lição bem applicada já mais lhe motivará ruina alguma.

As difpofições de fazer paffear , e trotar hum Potro fobre as linhas rectas da muralha, linhas do quadrado, e circulos de Pignateli, e Newcaftle rendem os Cavallos novos, e ignorantes, defembaraçados ao paffo, ao trote, e ao galope, e os faz obedientes para feguirem efta lição dos quatro circulos , como tambem os difpõe muito para feguirem os mais ares, e trabalhos de que elles são capazes.

Modo de formar as paffagens de mão da direita para a efquerda.

Galopando na lição dos quatro circulos , neceffariamente o Cavallo marca o terreno com as piftas dos feus pés, e mãos , como fe moftrão na Fig. 1. da Eft. XXIV. , a pifta da mão direita marca o circulo N. 1. , a da mão efquerda o circulo 2 , a pifta do pé direito o circulo 3 , e a do pé efquerdo o circulo 4 da maior circumferencia. E fempre o tempo do galope he quadrenario, pois em quanto o Cavallo anda affim dobrado para a direita , o pé efquerdo marca o primeiro tempo, o direito o fegundo, a mão efquerda o terceiro, e a direita o quarto.

Para paffar de mão da direita para a efquerda, quando o Cavallo determinar os feus movimentos com maior facilidade, o podem obrigar pelas linhas tangentes da Fig. 1. Eft. XXIV., e da letra E fazello determinar a fua direcção para fóra dos circulos , em que trabalhava aquella diftancia de terreno que parecer conveniente, fegundo o feu tamanho, e defembaraço, fazendo-o marchar fobre linhas parallelas até á letra F , obrigando-o com ambas as redeas pelo meio circulo , trazendo a mão efquerda de unhas affima para o centro, e da letra G, tendo affim formado o meio circulo , fazello ir completar a paffagem fobre a letra H , em que o devem acabar de defdobrar da acção da direita para a efquerda.

Chegando ao vertice H fobre os circulos da Fig. 1. deve o Cavalleiro avançar o feu quadril , e efpadua direita , atrazar a efpadua, e quadril efquerdo , feguin-

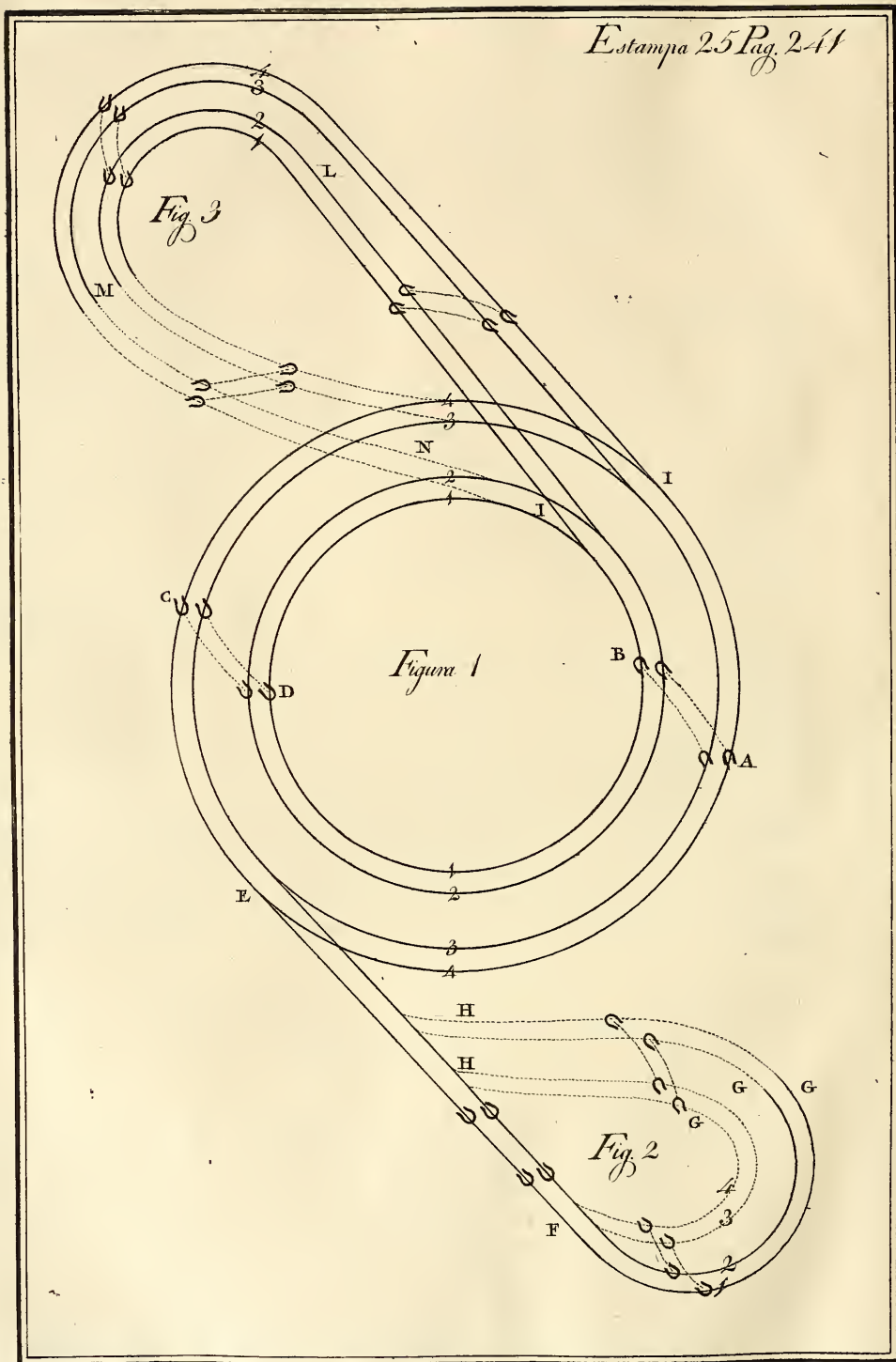
guindo com as mãos , e pernas promptamente estes movimentos : então sustentará a mão esquerda de unhas assima com o dedo minimo inclinado para a espadua direita: a mão direita alguma cousa de unhas abaixo, a perna direita logo atrás das cilhas, a esquerda entre a primeira cilha, e a espadua para com as mãos o desdobrar da acção, em que trabalha da direita para a esquerda, e tambem com a perna esquerda segurar-lhe as espaduas , endireitando-o ao mesmo tempo do pescoço , e cabeça com huma, e outra redea, e da garupa com a perna direita para completar a passagem.

Obriga-se o Cavallo tambem a passar de mão da direita para a esquerda, fazendo-o marcar o terreno, como se mostra na Fig. 3. da mesma Est. XXIV., fazendo-o partir da letra I sobre linhas parallelas até á letra L, chamando-o pelo meio circulo a passadas della até á letra M, trazendo algumas vezes a mão esquerda de unhas assima, de fóra para o centro , e obrigando-o com a mão direita , e a perna esquerda a que forme ao menos o meio circulo de quatro pistas, modificando o Cavalleiro as sensações com que o obriga para do principio das linhas dos pontinhos moderar a sua velocidade , de sorte que chegue já ás linhas dos circulos da Fig. 1. letra N em hum movimento muito modificado, para o Cavalleiro instantaneamente no vertice N o desdobrar da direita para a esquerda, como deixo notado na passagem feita sobre a Fig. 2.

Se o Cavallo for pelo semicirculo, ou elle marque duas, ou quatro pistas, e se entortar das espaduas, e garupa, ou ficar para trás, o Cavalleiro o deve arredondar das espaduas, fazendo-o dar algumas voltas sobre hum pequeno circulo Fig. 4. até elle voltar com facilidade para o ir fazer passar de mão , obrigando-o no fim das linhas da Fig. 2. e 3. a entrar com as espaduas para o centro, fazendo-o endireitar da garupa com a perna de dentro para sahir com as ancas para a maior circumferencia , formando-o na lição dos quatro circulos para a esquerda na mesma brilhante acção, e boa ordem com que se formava nesta lição , e acção para a direita antes da passagem , seja obrigando-o a que forme as passagens sobre o tempo, seja fazendo-o passar, esperando o tempo, ou formando as passagens transtornadas.

Lição dos quatro circulos , galopando hum Cavallo dobrado para a esquerda.

DEpois do Cavalleiro haver galopado o seu Cavallo na lição dos quatro circulos dobrado para a direita , como acabo de dizer , e o haver passado de mão da direita para a esquerda, o deve galopar tambem para esta mão, como passo a explicar. Se o Cavallo depois da passagem por falta de desembaraço duvída obedecer á mão , e pernas do Cavalleiro , seja por estranhar a novidade da lição, ou por não ter ainda o preciso conhecimento das sensações da embocadura do freio, ou tambem por ser desigual dos seus movimentos, podem em tal caso ter as redeas do freio separadas, a esquerda, e a do cabeção, ou correia na mão esquerda, e a direita com a redea do cabeção, ou correia na mão direita; e se ainda assim duvidar

Estampa 25 Pag. 241
Fig. 3
L
M
N
I
I
Figura 1
C
D
B
A
E
H
H
G
G
G
Fig. 2
F
1
2
3
4

dar muito, para a mão esquerda poder tirar mais pela redea do cabeção, ou correia de vencer, podem segurar as redeas do freio unidas na mão direita, para que indo esta da cernelha para fóra, o fação dobrar mais do pescoço, e espaduas para a esquerda; mas tanto que o Cavallo voltar, devem muitas vezes render-lhe a mão. Pois desta sorte a espadua esquerda precisamente se une á direita, e por consequencia o Potro, ou Cavallo se dobra, maiormente se a mão esquerda tira a redea do cabeção, ou correia de vencer para trás da caixa da sella, Est. IX. Fig. 17. letra S.

Deve o Cavalleiro avançar a espadua direita, e atrazar á proporção a esquerda, perfilando a frente do peito, em quanto assim trabalha, com o radio do circulo, Est. IV. Fig. 10. da letra G para C: as pernas ambas com repetidas sensações devem ajudar o Cavallo a entrar bem para diante, como digo nesta lição para a direita, de sorte que elle entre com as espaduas bem para o centro, e distribua facilmente os seus movimentos com igualdade, formando-se no balanço, e acção do galope sobre a esquerda, assim como antes de passar de mão se formava para a direita.

O Cavallo nesta lição tambem deve perfilar a frente das suas espaduas com os radios do circulo tirados do centro para a circumferencia (Est. IV. Fig. 12.) da letra A para N, o que elle não póde fazer sem dobrar o seu pescoço da ganacha, N. 20. Est. III. até ás claviculas N. 28. para voltar para a esquerda, inclinando a orelha de fóra, ou direita para o chão, sem que a dobra de todo o seu corpo o obrigue a rolar para fóra, sem sujeição ás pernas do Cavalleiro, e tambem se não deve lançar sobre a espadua de fóra por faltar á obediencia das redeas, e mais diligencias, de que tenho feito menção.

Para as espaduas do Cavallo entrarem mais facilmente para o ponto do centro, a espadua, e quadril esquerdo do Cavalleiro devem retirar-se bem para trás, porque á proporção do que estas partes se atrazão nesta lição, o Cavallo se dobra para dentro, recolhe a perna de dentro para baixo do corpo, abaixa a meia anca esquerda, determina todos os seus movimentos circularmente, e marca o terreno com as pistas dos pés, e mãos, como mostra a seguinte

ESTAMPA XXV.

Em que se vê a fórma com que os Cavallos marcão o terreno, galopando na lição dos quatro circulos dobrados para a esquerda.

ESta excellente lição rende as espaduas dos Cavallos cada vez mais flexiveis, não obstante serem ellas, como diz Pignateli, a parte do corpo mais difficultosa de desembaraçar, e situar no seu proprio, e devido lugar. E eu creio que em quanto os Cavallos não estiverem flexiveis das espaduas, não obedecerão á mão, ás pernas, e mais ajudas, e sensações, que o Cavalleiro lhes faz com a pertendida facilidade, e promptidão, principalmente galopando sobre os quatro circulos.

Muitos Cavallos por effeito das ſuas boas qualidades , e diligencias da Arte chegão a executar bem muitas lições : poucos porém chegão a galopar com perfeição na dos quatro circulos; porque além de ſerem obrigados a marcar o terreno com as piſtas dos pés, e mãos, como moſtra a Fig. 1. da Eſt. XXV., elles devem dobrar-ſe indo para diante , obliquando com igualdade no balanço do ſeu galope: devem entrar na mão com apoio, facilidade, e obediencia: devem conſervar as eſpaduas por dentro da linha da meia anca do centro , para não ſe lançarem ſobre a parte convexa: devem dobrar mais o curvilhão da parte do centro para recolher a perna de dentro bem para baixo do corpo; e finalmente no balanço da ſua galopada elles devem unir-ſe bem ſobre as ancas para ſe formar neſta acção, como tenho dito, e marcar o terreno, como na Eſt. XXV. Fig. 1., a fim de que o pé eſquerdo , e a mão direita poſsão ir equilibrar o pezo de toda a máquina bem debaixo do ponto de gravidade.

Quando o Cavallo trabalha neſta lição dos quatro circulos , galopando tanto ſobre a direita, como ſobre a eſquerda com todas eſtas perfeições, elle he formoſo na ſua acção , e eſtá diſpoſto pela facilidade das ſuas eſpaduas , e mais partes do corpo para trabalhar mais facilmente em outra qualquer lição.

Em quanto por meio das lições, que ficão expendidas, os Cavalleiros vão diſpondo os Cavallos para obedecer, e entrar na mão, não devem deſcuidar-ſe em os ajudar brandamente, contrapondo a força das ſenſações das redeas á força das ſenſações das pernas, quando os fazem entrar com as eſpaduas para o centro, e para que ſe endireitem entre ambas as redeas , e entre ambas as pernas ; até que por meio deſtas diligencias elles cheguem a dobrar-ſe com tanta facilidade, que a embocadura do freio aſſente por direito ſobre os aſſentos: como tambem para vencer iſto, he preciſo dar-lhe, e ſuſter a mão, e repetidas vezes trazella para a direita, e levalla para a eſquerda , para que o animal não carregue no freio , ſem o obrigar, em quanto anda neſta acção (maiormente ao principio) a que pare forte; e ſe quando o pararem elle carregar na mão , devem tirallo atrás com velocidade proporcionada ao ſeu conhecimento, e poſſibilidade.

Modo, com que o Cavallo marca o terreno , e faz as paſſagens de mão , galopando na lição dos quatro circulos da eſquerda para a direita.

QUando o Cavallo anda igual no movimento , facil na mão , e bem ſituado no terreno, com a piſta da mão eſquerda marca o circulo N. 1. com a direita o N. 2., com a do pé eſquerdo o N. 3., e com a do pé direito o N. 4. da maior circumferencia, como ſe moſtra na Fig. 1. da Eſt. XXV. A, B, C, D.

Sendo o Cavallo ainda ignorante, quero dizer, tendo pouco coſtume deſta lição , he bom fazello paſſar ſobre o tempo das eſpaduas , a qual paſſagem ſe faz, partindo da Fig. 1. para a Fig. 2. pelas linhas da letra E para F, ſegurando-lhe a mão eſquerda de unhas aſſima, e da meſma ſorte a direita, obrigando-o a que marque quatro piſtas pelo ſemicirculo de pontinhos de F para G , fazendo-o completar

tar a paſſagem ſobre as linhas da letra H, entrando da Fig. 2. para a Fig. 1., em que o devem fazer inſtantaneamente deſdobrar da acção, que até alli ſuſtentava da eſquerda para a direita.

No tempo da paſſagem deve o Cavalleiro affroxar a ſenſação da perna direita, fortalecer a da perna eſquerda, ter a mão direita de unhas aſſima, a eſquerda de unhas abaixo, alguma couſa inclinada para fóra da cernelha; e depois de o obrigar com ambas as redeas a entrar com as eſpaduas para o centro, o obrigará com ambas as pernas a entrar para diante, e formar-ſe na meſma boa acção, em que antes da paſſagem galopava para a eſquerda. Todos eſtes movimentos devem ſer feitos em quanto o Cavallo continúa o balanço da galopada das ancas para as eſpaduas, para quando ellas deſcerem para a terra no ſeu balanço voltar para a direita, e avançar a mão, e eſpadua direita, unindo-a á eſquerda.

Tambem ſe formão as paſſagens de mão, ſahindo da Fig. 1. para a Fig. 3., marchando pelas tangentes I, marcando da letra L hum ſemicirculo para a letra M, obrigando-o com a perna eſquerda, e com as redeas eſquerdas a que forme o ſemicirculo de quatro piſtas, como ſe vê na Fig. 3., indo pelas linhas de pontinhos fazello mudar de acção da letra N para as linhas da Fig. 1., em que deve com prompta facilidade, por meio das ſenſações, que o Cavalleiro lhe applica, deſdobrar-ſe da eſquerda para a direita, como já diſſe o devem fazer paſſar da Fig. 2. para a Fig. 1.

Podem tambem formar-ſe as paſſagens de mão, fazendo partir o Cavallo da Fig. 1. para as linhas da muralha, tornando pelo meſmo modo por hum ſemicirculo a completar a paſſagem ſobre as linhas da Fig. 1., ſeja formando a referida paſſagem ſobre angulos rectos, ſeja formando-a ſobre angulos agudos, obtuſos, ou curvilineos, e tambem em outro qualquer lugar, que pareça ao Cavalleiro mais conveniente para facilitar o Cavallo.

As meias paradas, e paradas neſta lição devem ſer feitas com firmeza, e brandura, conduzindo as eſpaduas do Cavallo para parar com ambas as redeas, e ambas as pernas das linhas da circumferencia Fig. 1. Eſt. XXV. para as linhas parallelas, e rectas da garupa: o que ſómente póde fazer-ſe, quando as piſtas das mãos ſahirem dos circulos N. 1. e N. 2. para os circulos N. 3. e N. 4.: então quando o Cavallo ſe acha mais direito no terreno, e mais ſeguro entre ambas as redeas, e ambas as pernas, o Cavalleiro deve tomar-lhe o tempo do balanço das eſpaduas; e quando a garupa continúa a dobrar o ſeu balanço, o devem parar, tendo o Cavalleiro o ſeu corpo atrás, firmando-ſe alguma couſa ſobre o coxim, e eſtribos, mettendo as coſtas no lugar dos rins para dentro, unindo a cintura aos vaſos dos arções do cepilho da ſella, tendo as mãos para ſi; e logo que o Cavallo recolher a garupa bem para baixo do ventre, devem render-lhe a mão para o coſtumar a parar facil na embocadura do freio, e ſem fazer o ſegundo tempo do balanço da garupa, recuando, como poderá acontecer, ſe o Cavalleiro, quando lhe formar eſta caſta de paradas, não uſar das prevenções que tenho recommendado. Por meio deſtas diligencias o Cavallo ſe faz leve na embocadura do freio, e por conſequencia attento á mão do Cavalleiro; e ſendo a lição deſta ſorte praticada, elle

ufa bem dos ligamentos da garupa, dobra-fe nos curvilhões; e levantando cada vez mais as efpaduas, vai rebatendo bem todos os feus movimentos para fima das ancas.

Se o Cavallo for fenfivel, e dotado de grande viveza, ferá por confequencia colerico: e em tal cafo devem formar-lhe as paradas, e meias paradas, principalmente nas paffagens, tendo o Cavalleiro o feu corpo atrás, e as mãos firmes, e brandas. Se elle porém for defanimado, froxo, e rude na fenfibilidade da fua boca, e ventre, as paradas, e meias paradas devem fer feitas a hum tal Cavallo, trabalhando as redeas, huma depois de outra, a que chamão fazer ferra; e a força com que a fizerem, deve regular-fe não fó pela fenfibilidade, que elle tem no feu focinho, boca, e ventre, mas pela fua idade, e poffibilidade.

A' proporção da inclinação com que o corpo do Cavalleiro fahe do equilibrio para trás, obriga com o feu pezo, e direcção o Cavallo a rebater os feus movimentos para fima da garupa: e nefte cafo as pernas do Cavalleiro devem ao mefmo tempo que elle firma o corpo, foccorrer com as fuas fenfações o Cavallo, unindo-lhas ao ventre, logo atrás das cilhas para o fazer ir para a mão.

Tambem quando o Cavalleiro formar as meias paradas, e paradas ao Cavallo, deve fempre ter muito cuidado em prevenir que elle fe não empine; porque não querendo foffrer a fujeição, e apoio do freio, alguns usão levantar-fe por defeza, quando elles devem obedecer, ficando fempre flexiveis: o que não fazem quando ficão irtos, e tezos fobre as garupas, rins, e curvilhões, e mais partes do corpo: motivos, por que podem cahir para trás, quando os obrigão a formar a meia parada, ou a parada. Se o Cavallo recolhe a garupa bem para baixo do corpo, quando o Cavalleiro lhe fórma as meias paradas, e as paradas, a fua continuação o vai fazendo obedecer ao freio, e o faz ufar com igualdade das forças da garupa; e fe quando lhe formão a meia parada, ou a parada, em lugar de obedecer, elle fe avança no feu movimento, devem não fó parallo mais vezes, e mais forte, mas tambem tirallo alguma coufa atrás.

Quando o Cavallo duvída recuar, e fe firma na mão, ou fe entorta, encoftando-fe fobre huma, ou outra efpadua, devem, quando o tirão atrás, puchar ora huma, ora outra redea, (ao que já diffe chamão fazer ferra), porque ifto o obriga a não fe apoiar muito fobre a embocadura do freio, fendo affim caftigado com o cabeção, e tambem com o freio, pois que tão bom he firmar-fe elle fobre o freio, e cabeção, principiando a formar-fe nas primeiras lições, quando anda para diante pelo direito, como he máo firmar-fe fobre o freio, e cabeção, quando depois de haver paffado pelos principios, de que tenho feito menção, duvída parar, ou recuar: e creio que fó repetindo-lhe a lição defta forte, elle poderá perder o máo coftume de violentar, ou forçar a mão, e fe facilitará em parar, e recuar.

Todos fabem que o Cavallo, quando recua, deve fentar-fe bem fobre a garupa, a fim de fe alargar das pernas para fe defembaraçar igualmente dos movimentos de huma, e de outra anca, e recuar, dobrando os curvilhões, e travadouros, ficando ao mefmo tempo ligeiro no freio, e cabeção, feja recuando fobre linhas rectas, fem fe atraveffar, ou recuando fobre linhas circulares, e obliquas, fe el-

elle o neceſſitar; mas ou elle recue de huma, ou de outra ſorte, quando tem obediencia á mão, e pernas do Cavalleiro, deve deixar de recuar, logo que lhe rendem a mão, e unem as pernas, ſeja para o fazer andar para diante, ou para o fazer parar na determinação do ſeu movimento, ou tambem por lhe haverem firmado a mão, e affroxado as ſenſações das pernas.

Modo de formar o Cavallo na lição da cara contra a muralha, ou teſta ao muro, ao paſſo, e trote dobrado para a direita, e as Leis pertencentes ás determinações do corpo do Cavalleiro.

1 O Cavalleiro deve avançar a ſua eſpadua de fóra da volta, e atrazar a da parte concava, ou de dentro, perfilando a frente do peito o mais que puder ſer com as linhas, que o Cavallo vai marcando com as piſtas das mãos.

2 Tambem deve repetidas vezes com ambas as redeas, e ambas as pernas endireitar o Cavallo das eſpaduas, e garupa no terreno, até o encruzar com facilidade entre as ſenſações da perna de dentro, e da perna de fóra.

Leis pertencentes ás determinações dos Cavallos.

1 HE tambem Lei indiſpenſavel neſta lição marcar o Cavallo ſempre o terreno com as piſtas dos ſeus pés, e mãos para ſima das linhas, que lhe ficão da parte concava.

2 Devem com as piſtas das mãos, e pés marcar as linhas do comprimento da muralha, e dos angulos iguaes na diſtancia de huma a outra piſta para equilibrar o pezo do corpo bem ſobre a mão de dentro, e o pé de fóra.

3 A mão, e a perna de fóra devem ſempre cruzar, e paſſar por ſima, e por diante da mão, e perna de dentro ao paſſo, e trote, como ſe moſtra na Eſt. XXVI.

4 Galopando pela união dos balanços do galope, elle avança a mão, e a perna da parte concava, porque nos balanços da galopada não podem a mão, e perna de fóra cruzar, e paſſar por ſima, e por diante da mão, e perna de dentro.

He Lei eſſencial neſta lição, galopando ſobre o quadrado longo, obrigar-lhe mais a garupa com a perna de fóra, e as eſpaduas com a redea de dentro para o Cavallo ſe levantar mais ſobre as ancas; e quando trabalha ſobre circulos, devem ſempre obrigar-lhe as eſpaduas a que ſe movão com mais inclinação para a parte de dentro da linha da piſta do pé de dentro da volta, para não embaraçar com o movimento da garupa o das eſpaduas; e depois de reduzido pelas lições precedentes a ir obedecendo para ſe pôr cada vez mais ſobre as ancas, e ſe fazer mais attento ás mãos, e pernas do Cavalleiro, o podem exercitar na lição da cara contra a muralha, a que vulgarmente chamão *Teſta ao muro*, até o reduzir a formar-ſe na acção, que ſe moſtra na ſeguinte Eſtampa.

ES-

ESTAMPA XXVI.

Do Cavalleiro, formando hum Cavallo na lição, e acção da cara contra a muralha ao passo, e trote para a direita.

LOgo que o Cavalleiro pertende formar esta lição, deve pôr a cabeça do Cavallo defronte da parede, ou muralha, dobrando-o para a mão direita; e se elle duvidar, será bom ter as redeas separadas, as direitas do freio, e cabeção na mão direita; e as esquerdas do cabeção, e freio na esquerda, tirando a mão direita para dentro de unhas assima, com o dedo minimo inclinado para a sua espadua esquerda, tendo pelo contrario a mão esquerda alguma cousa de unhas abaixo, porém mais avançada, e para fóra, a fim de que o Cavallo vá adquirindo maior dobra no pescoço, e corpo, para ser cada vez mais prompto na facilidade, e graça de se dobrar para dentro da volta para onde anda.

A espadua esquerda do Cavalleiro deve avançar-se cada vez mais para diante, e a direita á proporção atrazar-se: a perna esquerda do joelho até ao calcanhar deve ajudar o Cavallo da parte de fóra, para que a meia garupa esquerda vá seguindo a de dentro, e da mesma sorte a espadua, o braço, e a mão do Cavallo da parte de fóra se avance, e passe por sima, e por diante do braço, e mão de dentro; porque neste trabalho, quando o Cavallo se dobra para a direita, e anda para diante, seja sobre o quadrado, ou sobre os circulos, necessariamente a mão, e pé esquerdo, por effeito do movimento circular, fazem a sua posição por sima, e por diante da mão, e pé direito: o que obriga a atrazar a espadua esquerda do Cavallo; e se elle não marcar assim o terreno, movendo-se de passo, e de trote, não andará bem para diante.

Com as redeas direitas, e a perna esquerda se obrigão os Cavallos a trabalhar com facilidade nesta lição, e por effeito destas diligencias voltão a cara, e dobrão o pescoço, as espaduas, o espinhaço, e a garupa bem para a volta, quando são obrigados por este modo. O corpo do Cavalleiro deve com o seu equilibrio pezar mais sobre o estribo direito, ou de dentro, que sobre o estribo de fóra, para que a força centrifuga, que dilata mais a parte convexa, e a obriga a sahir por huma tangente para fóra, se deixe vencer da força centripeta, e o pezo do corpo do Cavalleiro obrigue o do Cavallo a que vá mais para o ponto do centro, e gravidade, que de outro modo elle não póde seguir bem a direcção da linha da mão direita, e do pé esquerdo.

Digo que a mão direita, e o pé esquerdo do Cavallo nesta lição vão buscar o ponto de gravidade, e do centro, porque fazem a sua posição mais debaixo do corpo do Cavallo, e balanço do movimento, que elle vai marcando no terreno sobre que se move; e por estes motivos a mão esquerda, e o pé direito se levantão mais da terra, o que não farião se fossem mais para o ponto de gravidade, e o pezo carregasse mais sobre elles, que sobre a mão direita, e pé esquerdo.

Pezando o corpo do Cavalleiro mais sobre o estribo de dentro, e sendo a sen-

Silva delin. Martini dir.

ſenſação da perna eſquerda, ou de fóra mais activa, logo atrás das cilhas, o Cavallo he obrigado a unir a ſua perna de fóra á de dentro; e ſe ao meſmo tempo a redea direita pucha para a direita, o Cavallo volta; porém em quanto não tem o preciſo deſembaraço, he neceſſario que a redea eſquerda o ajude com a ſua ſenſação a unir a eſpadua eſquerda á direita para adquirir a facilidade do movimento circular, e uſar bem das eſpaduas, e garupa. Principiando a caminhar neſta lição ao paſſo, e trote, marca quatro linhas com as piſtas dos pés, e mãos, ſeja trabalhando pelo comprimento da muralha, linhas do quadrado, ou ſobre os circulos. Por meio de todas eſtas diligencias o Cavalleiro deve ſempre conſervar o ſeu Cavallo igualmente facil, e prompto a obedecer ás ſenſações de ambas as pernas, e das redeas ambas; e por muito que o obrigue a dobrar-ſe, não o deve deixar encoſtar á mão, ás pernas, ou á muralha.

Se o Cavallo ſe lançar ſobre a eſpadua de fóra, deſigualando-ſe do ſeu movimento, o Cavalleiro trazendo repetidas vezes a ſua mão de fóra de unhas aſſima para dentro da volta, o obrigará a endireitar-ſe das eſpaduas: advertindo que quando o Cavalleiro traz a mão para dentro, deve affroxar a ajuda da perna de fóra, para as eſpaduas ſe deixarem vencer das ſenſações das redeas de fóra; e logo que o Cavallo volta, e une a eſpadua de fóra á de dentro, devem render-lhe a mão, e ajudallo a que ande para diante, fortalecendo, e modificando amiudadamente as ſenſações da perna eſquerda para o ir encruzando entre ella, e as redeas de dentro, a fim de que vá paſſando com facilidade a mão, e perna de fóra por ſima, e por diante da mão, e perna de dentro.

Quando elle rolar para fóra com a garupa, não obedecendo ás ſenſações da perna, então o Cavalleiro a deve ſegurar mais, iſto he, com a rozeta da eſpora mais voltada para a barriga, e mais atrás do lugar, em que ordinariamente ſe coſtumão dar as eſporadas, ſegurando-lhe ao meſmo tempo a mão de fóra de unhas aſſima, e mais forte na ſua ſenſação que a de dentro; e ſe iſto não baſtar, he bom dar-lhe alguns toques com a redea do cabeção de fóra para trás, fazendo ſempre diligencia porque o Cavallo, tanto ao paſſo, como ao trote, vá bem para diante em hum movimento igual. E ſe perſiſtir com tenacidade neſta defeza de ficar para trás, e rolar, devem ajudallo com o açoute pela parte de fóra; mas eſte caſtigo deverá ſer applicado por hum ſujeito que o faça util, ajudando, e caſtigando o Cavallo mais, ou menos forte, quando elle deſobedecer, e o Cavalleiro for bem prevenido, e de acordo para o ajudar, e obrigar a formar-ſe na acção, que ſe moſtra na Eſt. XXVI.

Todas as vezes que o Cavallo obedecer ás ſenſações, ſejão das redeas de fóra, por haver entrado a mão da cernelha para dentro, ſejão das redeas de dentro por ſe haver inclinado a mão da cernelha para fóra, devem as mãos tornar logo ao ſeu lugar, e pôr-ſe cada huma na ſua acção; porque aſſim como a eſquerda, trabalhando de unhas abaixo á proporção da diſtancia que vai da cernelha para fóra, pucha pela redea, e caimba do freio da parte direita, e a embocadura, e barbella obrigão com mais força ſobre o aſſento, e barbada da parte eſquerda, e o Cavallo, por fugir do aperto que a embocadura, e barbella lhe fazem da parte de fó-

fóra, dá o bico, e volta para a direita: aſſim quando a mão eſquerda ſe volta de unhas aſſima, entrando da cernelha para a direita, pucha pela redea, e caimba eſquerda, e a embocadura, e barbella apoia mais violentamente da parte direita ſobre o aſſento, e barbada, e obriga por conſequencia o Cavallo a olhar para a eſquerda: pelos meſmos motivos as ſenſações, que tenho dito, o fazem voltar, e olhar para a direita.

Quando a mão do Cavalleiro de unhas aſſima entra de fóra para o centro, perde o Cavallo (á proporção do que ella entra) a dobra da ſua cabeça, cara, peſcoço, e corpo: por iſſo tanto recommendo que logo que a mão de fóra obrigar de unhas aſſima a entrar a eſpadua de fóra para o centro, e o Cavallo obedecer, torne a mão ao ſeu lugar para elle não ſe deſmanchar tanto da ſua acção.

Defezas, de que ordinariamente uſão os Cavallos, quando lhes principião a formar a lição da cara contra a muralha.

SEndo os Cavallos obrigados a formar-ſe na lição, e acção da cara contra a muralha, a ſua principal defeza he ficar para trás, humas vezes lançando-ſe ſobre a eſpadua de fóra, outras unindo as eſpaduas muito á muralha, levantando-ſe outras muito para ſima, deſigualando-ſe, principalmente dos movimentos da garupa, outras indo muito ſobre a perna, ou eſpora, e tambem dando a cabeça muito para dentro, ou levando-a muito para fóra; pois deſtas, e de outras muitas defezas ſe reveſtem para ficarem para trás, e fugir da ſujeição a que os conduz eſte trabalho.

Em taes caſos deve o Cavalleiro tentar primeiro os meios que ficão expendidos para evadir as ſuas defezas, e fazellos andar para diante iguaes nos ſeus movimentos; e ſe elles com tenacidade quizerem fortalecer-ſe na deſobediencia, devem remettellos á lição dos quatro circulos, trabalhando-os brandamente ao paſſo, e trote, ſe elles forem ſenſiveis, por lições mais dilatadas; e ſe forem mais rudes, podem obrigallos com mais actividade, ſendo as lições menores, para que por huma, ou por outra fórma ſe eſqueção das ſuas defezas; e tornando á lição da cara contra a muralha, em dando alguns paſſos bem, devem parallos, e afagallos, para que vão conhecendo o que ſe pertende que elles façaõ.

Lição da cara contra a muralha ao paſſo, e trote para a mão eſquerda.

DEve o Cavalleiro principiar a formar o Cavallo na lição da cara contra a muralha para a mão eſquerda, em quanto elle ignora, duvída, ou não eſtá facil, tendo ſeparadas as redeas do freio, e cabeção eſquerdas na mão eſquerda, e as redeas do freio, e cabeção direitas na mão direita: a mão eſquerda deve ſer mais firme que a direita de unhas aſſima, inclinada com o dedo minimo para a eſpadua direita, atrazando a eſpadua eſquerda tanto, quanto antes de paſſar de mão a avançava para diante, e avançando a direita á proporção do que atrazar a eſquerda, e dobrar o Cavallo para eſſa parte.

A mão esquerda deverá sustentar bem fechadas as redeas, tendo o dedo minimo voltado para a espadua direita, maiormente se trabalharem as redeas unidas na mão esquerda; e a mão direita deve ter apertada a redea do cabeção com as unhas alguma cousa voltadas para baixo. Tambem o Cavalleiro fará sentir ao Cavallo a perna de fóra mais que a de dentro, isto he, a perna direita para o encruzar o mais que puder ser entre ambas as redeas, e entre ambas as pernas, ou calcanhares, não só quando o faz unir, e formar na acção sobre as linhas do comprimento, mas tambem para o obrigar a que siga bem com as ancas os movimentos das espaduas nos angulos, até que por effeito das diligencias da perna direita, e das das redeas esquerdas se deixe encruzar entre as sensações das redeas esquerdas, e da perna direita, para ir passando a perna, e mão de fóra por sima, e por diante da perna, e mão dentro da volta para onde elle anda, a fim de que forme, andando assim dobrado para a mão esquerda, quatro pistas distinctas, como passo a explicar.

Modo, por que o Cavallo marca no terreno quatro pistas, trabalhando na lição da cara contra a muralha, ao passo, e trote sobre huma, e outra mão.

MArchando elle dobrado para a mão direita com a cara contra a muralha, ou vá sobre o quadrado longo, ou sobre o quadrado regular, ou tambem sobre alguns circulos de passo, e de trote, a pista da mão esquerda marca a linha N. 1., a da mão direita a linha N. 2., a do pé esquerdo a linha N. 3., e a do pé direito a linha N. 4., como mostra a Est. XXVI.

Marchando sobre a mão esquerda nesta lição da cara contra a muralha, ao passo, e trote, a pista da mão direita marca a linha N. 1., a da esquerda a linha N. 2., a do pé direito a linha N. 3., e a do pé esquerdo a linha N. 4., como mostra a Est. XXVII.

Modo de marcar o terreno, galopando na lição da cara contra a muralha.

GAlopando qualquer Cavallo na lição da cara contra a muralha dobrado para a direita, a pista da mão direita marca a linha N. 1., a da mão esquerda a linha N. 2., a do pé direito a linha N. 3., e a do pé esquerdo a linha N. 4.

Galopando na mesma lição dobrado para a esquerda, a pista da mão esquerda marca a linha N. 1., a da mão direita a linha N. 2., a do pé esquerdo a linha N. 3., e a do pé direito a linha N. 4.

A differença que os Cavallos fazem no modo de marcar o terreno com as pistas das suas mãos, e pés, quando se movem de passo, e trote, de quando marchão de galope, he procedida do movimento circular, e obliquo, que elles fazem com o braço, e perna de fóra, quando vão de passo, e trote, os quaes passão por sima, e por diante do braço, e perna de dentro. E quando vão galopando, proce-

de a differença do modo de marcar o terreno com as piſtas das mãos, e pés neſta lição da união das eſpaduas, que fórmão hum balanço, e marcão o terreno, ſem o movimento circular, e ſó com a direcção obliqua; e quando no galope as ancas fórmão o ſeu balanço ſómente pela ſua união, tambem as piſtas dos pés marcão o terreno, como tenho ponderado o marcão as das mãos.

ESTAMPA XXVII.

Do Cavalleiro, formando o ſeu Cavallo na lição, e acção da cara contra a muralha ao paſſo, e trote para a eſquerda.

SE o Cavallo ſe lançar mais ſobre a eſpadua direita, que ſobre a eſpadua de dentro da volta, deve o Cavalleiro uſar dos movimentos, e meios ditos neſta lição para a direita; e ſe iſſo não baſtar, deve dar-lhe com as redeas de fóra alguns toques para trás, e para ſima, trazendo a mão direita repetidas vezes de unhas aſſima para dentro da volta, quanto baſte a fazello obedecer.

Quando entrar com a garupa demaziadamente para a eſquerda, o Cavalleiro deve unir-lhe ambas as pernas ao ventre; e ſe for preciſo, a de dentro mais que a de fóra; porém ſómente quando elle entra com a garupa com exceſſo para dentro. A mão eſquerda do Cavalleiro deve conformar-ſe com as ajudas das ſenſações das pernas, entrando de unhas abaixo da cernelha para dentro, quando a mão direita entra da cernelha para dentro de unhas aſſima, e as pernas ſe contrapõem ás redeas com as ſuas ſenſações, para que o Cavallo ſe indireite melhor no chão.

Todas as expoſtas diligencias ſervem para evitar as deſordens, que os Cavallos commettem, trabalhando neſta lição; e ſe elles continuão em romper o peſcoço, conduzindo as ancas com mais velocidade, que as eſpaduas, dobrando muito a cara para dentro, ſem obedecer ás redeas, e ás pernas do Cavalleiro, eſte os deverá fazer paſſar de mão, trabalhando-os na lição do trote, já para hum, já para outro lado; tanto pelo direito, e quadrado, como ſobre os circulos, formando-lhe muitas meias paradas, e paradas firmes, até que por effeito de o avançar no trote ſobre os circulos, entre na mão; e com o uſo das meias paradas, e falcadas elle firme a cabeça, e ſe endireite nos ſeus movimentos das eſpaduas, e ancas; porém ſe a defeza tiver origem na fraqueza, e na moleſtia, não ſe remediará com as referidas diligencias.

Os Cavallos, que por deſobedientes á lição da cara contra a muralha tiverem ſido remettidos á lição do trote, ſeja ella formada ſobre as linhas dos quadrados, ou ſobre as dos circulos, logo que obedecerem á mão com igualdade nos ſeus movimentos, podem fazellos tornar á lição da cara contra a muralha, obrigando-os amiudadas vezes a paſſar de huma para outra mão, ſem lhes obrigar muito a garupa nas paſſagens com a perna de fóra, e a mão de dentro, para que elles inſenſivelmente ſe vão reduzindo faceis para huma, e outra parte, ſem cahirem no inconveniente de que venhão a ateimar na ſua defeza, por odio, ou por capricho; pois ha Cavallos tão caprichoſos, que a pezar de todas as diligencias, que os Caval-

Silva delin. *Martini dir.*

valleiros empregão para os reduzir, e feparar dos feus obftinados caprichos, são tenazes nos feus erros: ifto póde fer porque a fua corporea máquina tenha nos feus ligamentos algum natural, e occulto embaraço, que os prive de fe prefentarem naquella acção, em que o Cavalleiro os pertende formar. Eftes Cavallos não cedem facilmente fenão á força de violentos caftigos, e rigorofos trabalhos: motivos, por que os que tem eftas qualidades, de ordinario fervem mal para o manejo, e para a guerra.

A lição, ou trabalho da cara contra a muralha he utiliffima para conftituir o Cavallo bem fobre a garupa, como affirmava meu Meftre Rodrigo dos Santos Quarefma; que fendo Meftre do Senhor Rei D. Jofé I., lhe moftrou por vezes que efta excellente lição rende os Cavallos igualmente defembaraçados dos movimentos das efpaduas, e garupa; e logo que principião a determinar-fe pelas imprefsões das redeas, e fenfações das pernas do Cavalleiro, elles fe dobrão com graça, com igualdade, com defembaraço, e com promptidão, e obediencia, tanto marchando para huma, como para outra parte.

Fugindo o Cavallo das fenfações das pernas do Cavalleiro com agilidade, firme no feu movimento ao paffo, e trote para huma, e outra parte fobre as linhas do comprimento da muralha, o podem ir obrigando a entrar nos cantos, formando hum angulo recto no fim de cada huma das linhas rectas de todo o comprimento do manejo, quando paffa ás linhas do quadrado; e quando o Cavalleiro fe for aproximando ao canto, fe andar para a direita, irá tendo o feu corpo atrás, unindo-lhe as pernas ambas ao ventre, para que as duas ancas vão feguindo obliquamente as linhas das efpaduas. Eu digo que a mão direita deve inclinar-fe de unhas affima, com o dedo minimo voltado para a efpadua efquerda, em quanto o Cavallo marcha pelas linhas da muralha, e que a perna efquerda deve fegurar a garupa com facilidade para dentro; porque a força das fenfações das pernas, e das mãos do Cavalleiro he que fazem entrar o Cavallo para diante, para que as efpaduas pofsão chegar bem ao canto, e paffar das linhas da muralha, formando o angulo para as linhas do quadrado.

A perna efquerda no vertice do angulo deve affroxar-fe para confentir que a mão efquerda traga as efpaduas das linhas da muralha para as linhas do quadrado; e a perna direita, quando a efquerda fe affroxa, deve fortalecer a fua fenfação, de modo que as forças de ambas fação entrar o Cavallo com facilidade para a mão.

No primeiro tempo as efpaduas pafsão do canto, ou vertice do angulo para as linhas do quadrado obrigadas das fenfações das redeas, e no fegundo pafsão as ancas obrigadas das fenfações das pernas. O movimento do Cavallo vá elle de paffo, de trote, ou de galope, deve fer menos veloz, quando o fazem entrar no canto; porque todos os Cavallos, ou a maior parte delles, fe agitão mais, quando os obrigão a formar nos angulos efta lição: ifto fempre fe deve entender defta forte, ou os trabalhem fobre a mão direita, ou fobre a mão efquerda.

Lição para tirar os Cavallos atrás; e as leis pertencentes á determinação dos ſeus movimentos, formando-os na acção do recuar.

1 DEvem-ſe fazer alargar os Cavallos das ſuas ancas, quando recuão, unindo-os das eſpaduas, de ſorte que formem com os pés, e mãos quatro piſtas, ou linhas rectas, como ſe moſtra na Eſt. LXVII. Fig. 3. e Fig. 4.; e as piſtas das mãos devem marcar as ſuas linhas pelo meio dos intervallos das linhas, que marcão as piſtas dos pés.

2 A velocidade do movimento do Cavallo quando recua, deve ſempre regular-ſe pela ſua poſſibilidade, idade, conſtrucção, e difficuldades.

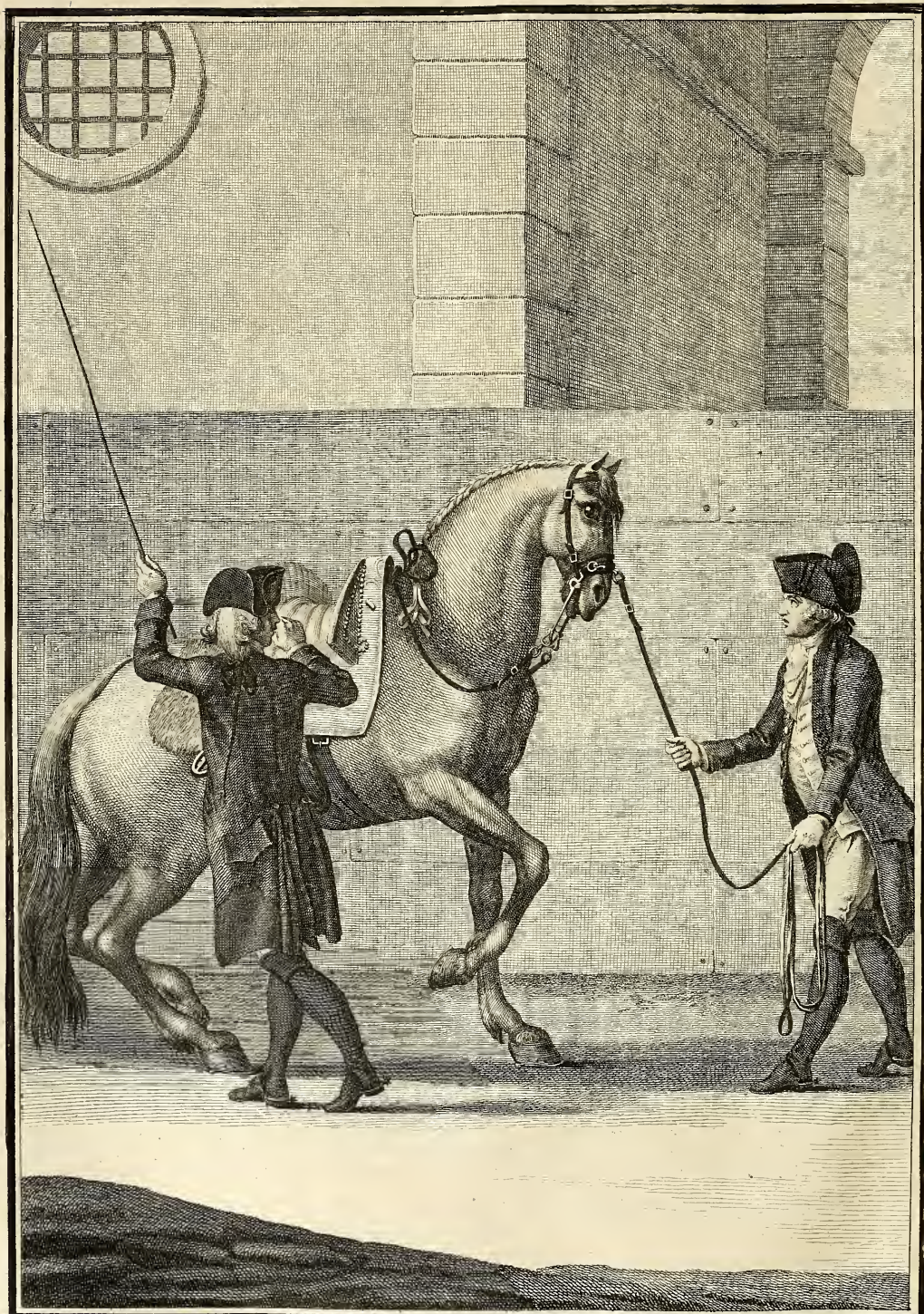
3 Tambem he lei indiſpenſavel fazer dobrar ao Cavallo os curvilhões com igualdade quando recua, para firmar bem o eſpinhaço ſobre as ancas, levantar as eſpaduas, e mover as mãos com facilidade, ſem abaixar muito a cabeça, ou entortar-ſe para os lados, em quanto recua.

4 Se as linhas das piſtas das mãos tem hum palmo de diſtancia de huma á outra, devem as das piſtas dos pés ter dous palmos de diſtancia de huma á outra, de ſorte que da linha da piſta do pé direito N. 1. á linha da piſta da mão direita N. 2. deve haver o intervallo da diſtancia de meio palmo: da piſta da mão direita á da mão eſquerda N. 3. haverá hum palmo; e da piſta da mão eſquerda á piſta do pé eſquerdo N. 4. deve haver meio palmo, e ſempre ſe deve entender que o Cavallo recua para aquella parte, donde lhe fica o centro do terreno, &c.

Para que os movimentos de toda a máquina do corpo do animal ſe determinem com mais igualdade, principalmente no ſeu eſpinhaço, quadrís, ſoldras, curvilhões, e jarretes, he utiliſſima a lição de tirallo atrás; e ainda que as mãos, e pernas do Cavalleiro são as que dão ao Cavallo a preciſa obediencia, e apoio, com tudo he muito bom enſinallo a recuar antes de montado, obrigando-o as primeiras vezes com as ſenſações da guia para o diſpôr a fazer abrir, e alargar as ſuas ancas, curvilhões, e jarretes, ſem a qual facilidade não ſerá bem igual nos movimentos do eſpinhaço.

Sempre he bom deitallo hum pouco á guia para lhe fazer apertar a ſella, e ver ſe tem congocha, ou ſe eſtá deſapaixonado, e capaz de ſe deixar montar. Ora para o tirar atrás, deve quem o deita á guia, fazello chegar á parede do comprimento do Manejo, e fazer-lhe tirar o rabicho, ou ao menos alargallo, de ſorte que o Cavallo poſſa recolher a garupa bem para baixo do corpo, ſem que o aperto do rabicho lhe ſirva de embaraço. Eſtando aſſim junto á muralha, hum Ajudante pela parte do centro do terreno ſe chegará a elle; e ſe o faz recuar para a direita, pegará com a mão direita na arçoeira Eſt. IX. Fig. 17. Letra V, e com a eſquerda na vara, ficando por conſequencia voltado para o terreno, pelo qual o Cavallo ha de recuar, como ſe moſtra na Eſt. XXVIII.; e aſſim, quando elle andar para trás, lhe irá tocando com a vara ſobre a garupa, a fim de o fazer abaixar, dobrar, e recolher as pernas bem para baixo do corpo, como moſtra a ſeguinte Eſtampa.

ES-

Silva delin. Martini dir.

ESTAMPA XXVIII.

De hum Cavallo, recuando ſobre as linhas da muralha, obrigado das ſenſações da guia, e vara, &c.: e as defezas, de que ordinariamente uſão, quando os enſinão a recuar.

O Conductor da guia para fazer recuar o Cavallo, neceſſariamente lhe ha de fazer ſentir com ella as ſenſações do cabeção ſobre o focinho mais, ou menos fortes, e mais, ou menos amiudadas vezes, indireitando-o, quanto puder ſer, das eſpaduas, para que determine os movimentos bem conformes com a ſegunda lei deſta lição; mas por bem applicadas que ſejão as referidas ſenſações, não podem ellas evitar que uſem os Cavallos das ſeguintes defezas.

1 Os Cavallos muito ſenſiveis das ventas, quando os tirão as primeiras vezes atrás, ordinariamente a ſua mais prompta defeza, he, ſentindo as ſenſações do cabeção, recuar com muita celeridade.

2 Os ſenſiveis mal intencionados, quando ſe exaſperão com os toques do cabeção, ficão a viſta em quem lhe dá com a guia, buſcão occaſião de lhe dar patadas, e da meſma ſorte forcejão por dar pernadas em quem os ajuda com o açoute, e com a vara.

3 Os Cavallos, que são ainda ignorantes pela maior parte, levantão muito a cabeça, quando ſentem as ſenſações do cabeção, e temeroſos fogem para huma, e outra parte.

4 Os covardes, e os fracos, quando ſentem os toques do cabeção, fechão os olhos, e dobrão a cara para hum dos lados, recuando muito froxamente.

5 Os coceguentos á vara, quando a guia os obriga, fogem da parede, e vão com velocidade ſobre quem os caſtiga com ella.

6 Os que tem as pernas muito direitas, defendem-ſe dos toques da guia, voltando a cara para hum dos lados, e com muito cuſto recuão, fugindo com a garupa ora para huma, ora para outra parte, por não poderem dobrar os curvilhões.

7 Os que tem pouca ſenſibilidade no focinho, defendem-ſe fazendo pouco caſo das ſenſações do cabeção, indo para diante, e algumas vezes ſobre quem eſtá com a guia; e quando cedem á força dos toques, e pancadas fortes, vão para trás com muito cuſto, e deſigualdade de movimentos.

8 Os que tem as pernas muito curvas, e são muito fracos da garupa, recuão com muita preſſa, pouca graça, e huns movimentos pouco deſembaraçados.

9 Os que são fracos do eſpinhaço, garupa, e curvilhões, ou padecem moleſtias em algumas deſtas partes, para ſe defenderem da ſujeição deſte trabalho, lanção-ſe muitas vezes ſobre huma, ou ſobre outra eſpadua; e tanto que ſe entortão, vão para trás com muita preſſa.

10 Tambem alguns Cavallos buſcão a má defeza de ſe empinarem, logo que as ſenſações da guia os fazem recuar, fugindo com rapidez para hum, e outro la-

lado, e elles usão destes, e outros recursos para se defenderem do trabalho de andar para trás.

Modo de remediar estas, e outras defezas, de que alguns usão, quando os obrigão a recuar.

SEndo os Cavallos muito sensiveis das ventas, deve quem os tirar atrás, postar-se bem adiante delles, e fazer-lhes sentir por meio da guia os toques do cabeção muito brandamente, para não exaltar a sua colera, dispondo-os assim para recuar muito manso. Quem ajudar com a vara, deve usar della á medida da obediencia, e soffrimento com que o Cavallo recebe este castigo, para que por meio das mais brandas sensações vão exigindo delle huns movimentos iguaes ás determinações, e diligencias com que os obrigão, pois que de outro modo o Cavallo não entenderá o que pertendem que elle faça. O castigo da guia deve ser desencontrado do castigo da vara; porque se o castigarem com a guia, e com a vara ao mesmo tempo, elle se confundirá, maiormente em quanto ignora, ou não tem bastante costume desta lição.

Devem tirallo atrás muitas vezes, até que elle se vá contendo na obediencia, e sujeição de recuar direito, manso, e com huma velocidade igual á maior, e menor actividade das sensações com que o obrigão.

Os toques da vara, sendo applicados bem sobre as ancas, obrigão o Cavallo a que abaixe a sua garupa, e dobre igualmente os curvilhões, e travadouros, e isto o faz tambem ir usando cada vez melhor de huma, e de outra anca. Sendo o toque da vara applicado sobre a polpa da perna de dentro, o Cavallo fica obrigado a unir a sua perna de dentro á perna de fóra, para determinar os movimentos com mais igualdade sobre as linhas rectas da muralha. Logo os toques da vara applicados por sima da garupa sobre a perna de fóra, necessariamente o obrigaráõ a que ajunte a perna de fóra á perna de dentro.

Se elle resiste aos toques da vara, sejão elles applicados na garupa em sima de huma, ou outra anca, indo muito sobre o castigo, devem ajudallo com mais attenção ás suas difficuldades, moderando os toques da guia, e vara até elle se desapaïxonar; e então, depois de o endireitar sobre as linhas da muralha, tirallo outra vez atrás, até que se deixe vencer, e dominar. Tendo pouca sensibilidade no focinho, isto he, fazendo o Cavallo pouco caso dos toques da guia, devem tirallo atrás mais depressa, ajudallo menos com a vara sobre a garupa, e usar da guia mais fortemente, a fim de que respeite o cabeção, e recue com facilidade; mas sem o obrigarem a ir bater com a garupa na parede opposta, porque isso sómente serve de lhe magoar com a força da pancada os ligamentos dos quadrís, e curvilhões.

Se o Cavallo for mal formado, e padecer molestias, devem tirallo atrás menos espaço; e as sensações da guia, e vara devem ser menos activas, disfarçando-lhe muitas vezes aquellas defezas, que tem origem nos defeitos occasionados pela sua molestia, e falta de possibilidade.

Ha

Ha Cavallos, que não querem recuar, porque não ſabem o que ſe pertende que elles façaõ: em tal caſo os faráõ mover primeiro para hum, e outro lado, tocando-lhes com a vara nos joelhos brandamente; e no tempo em que elles ſe puzerem direitos, e moverem as mãos, devem tocar-lhes com a guia para trás, e para ſima, até os obrigarem com eſtas repetidas diligencias a recuar; e logo que derem alguns paſſos, parallos, e affagallos, para lhes fazer conhecer o que pertendem que faça.

Outros não ſó recuão, mas puchão para trás: eſtes pela maior parte são deſconfiados por falta de viſta. Ora aos que não querem recuar, e aos que recuão com exceſſo, he util mettellos entre os Pilões; mas com tanta moderação, e paciencia, que lhes vão diminuindo a ſua colera, ou deſconfiança, fazendo-os mais attentos ao cabeção: advertindo que ainda neſtes caſos não ſe devem metter os Cavallos entre os Pilões, em quanto não tem a ſufficiente idade, que digo devem ter, quando trato deſta lição. Tambem quando os fizerem recuar, devem paſſallos muitas vezes de mão para não os conſtituirem no coſtume de recuarem ſómente para huma parte; pois todos os Cavallos devem ſer iguaes na determinação dos ſeus movimentos, aſſim marchando para diante, como recuando para trás.

Ora ſe elle, quando o tirão atrás, ſe encoſta muito ſobre a eſpada do centro; atando-lhe a redea do cabeção da parte de dentro, mais curta que a de fóra, e puchando a guia, conſervando-ſe bem adiante delle, ſe endireitará mais das eſpaduas. Logo por conſequencia ſe elle, quando o tirarem atrás, ſe encoſtar muito á parede, podem fazer-lhe atar mais curta a redea de fóra, e puchar a guia para o centro; e ſe iſto não baſtar, devem tirallo atrás pelo meio do terreno, ſem o caſtigar com a vara ſobre a garupa, até elle facilmente recuar. Tambem ſe recuar, abaixando muito a garupa, já ſe vê que não preciſa ſer tão caſtigado com a vara ſobre as ancas; e quando eu digo que tirem o Cavallo muitas vezes atrás, não pertendo que o tirem atrás muitas vezes cada dia; mas ſim que no fim da lição, quando o deitão á guia, o tirem atrás; e depois do Cavalleiro o montar, o fação tambem recuar alguns paſſos, principalmente no principio, e fim das ultimas lições, pois iſto rende os Cavallos muito flexiveis, e obedientes ás mãos, e pernas do Cavalleiro.

Lição do ſuſpender, e as leis pertencentes á direcção dos movimentos do corpo do Cavalleiro.

1 DEve com ambas as pernas endireitar o Cavallo bem entre ambas as redeas, ſe o fizer marchar direito, conſervando o corpo ſempre bem firme no meio da ſella.

2 Deve, ſe o fizer marchar dobrado, e obliquar para a direita, com a perna eſquerda encruzallo entre ella, e as redeas direitas, ſegurando a mão eſquerda de unhas aſſima com o dedo minimo inclinado para a eſpadua eſquerda.

3 Deve a mão ſegurar as redeas, conſervando-ſe naquella altura correſpondente á conſtrucção do Cavallo, para elle lhe correſponder com aquelle apoio, e firme-

meza de movimento, que deve obſervar neſta lição, ſeja marchando direito, ſeja marchando dobrado.

4 Logo que o fizerem marchar dobrado para a eſquerda, devem encruzallo mais entre a perna direita, e a redea eſquerda, tendo a mão eſquerda de unhas aſſima com o dedo minimo inclinado para a eſpadua direita.

Leis pertencentes á determinação dos movimentos dos Cavallos na lição do piafer, ou ſuſpensão.

1 DEve o Cavallo levantar a mão, e pé oppoſtos, como ao trote, com deſembaraço, e muita igualdade de movimento, ſeja marchando direito, ſeja marchando dobrado para huma, ou outra parte.

2 Deve levantar os braços de tal ſorte, que o caſco da mão, quando o braço chegar á maior altura, eſteja defronte do joelho do braço, que eſtiver firme no chão, vendo-ſe a ponta do lume da ferradura pela linha horizontal do referido joelho.

3 Deve aſſentar-ſe bem ſobre as ancas, levantando o caſco do pé á altura do meio da canela da perna, que eſtá firme no chão, de modo que ſe veja o lume da ferradura do pé pela linha horizontal do meio da canela da perna, que eſtá firme no terreno, &c.

Os Cavallos Perſas, os Arabes, os de Heſpanha, e os de Portugal são os que tem mais propensão para o movimento de ſuſpender; pois entre os de Heſpanha, e Portugal ha muitos bem formados, de figura delicada, ſenſiveis, deſembaraçados, com huns movimentos de eſpaduas brilhantes, e dotados de huma paixão moderada, que ſe deixa vencer, e dominar.

Entre os Pilões deveráõ principiar a formar os Cavallos na lição do ſuſpender; e logo que ſe lhes deſcubrir propensão para eſte movimento, quem os ajudar com o açoute, deve muito manſamente fazellos mover de huma para outra parte, a fim de que não ſe diſponhão para ſaltar, ou patear, mas ſim a que fação huns tempos de paſſo muito detidos, e ſemelhantes aos que fazem quando vão trotando, levantando a mão, e pé oppoſtos com deſembaraço, e boa graça, conforme a ſegunda, e terceira lei deſta lição. E ſe os Pilões forem collocados nos lados do parapeito, devem fazellos paſſar de mão repetidas vezes, até que elles por effeito da lição, e das paſſagens ſe forme neſte movimento com perfeição, e a igualdade, que ſe obſerva na ſeguinte Eſtampa.

ES-

Estampa 29 Pag. 251.

Silva delin *Frois sculp*

ESTAMPA XXIX.

Do Sereniſſimo Principe D. João, formando hum Cavallo na lição, e acção de ſuſpender, dobrando-o para a direita.

PRincipiando pois a formar-ſe na lição, e acção do ſuſpender, e determinando bem os ſeus movimentos, como deixo ponderado, hum Ajudante lhe tocará com huma vara nas canelas dos braços (Eſt. III. N. 35.) para que os levante bem, e ſuſtente mais tempo na acção, affagando-o muito, logo que fizer alguns paſſos bem.

Deſta ſorte irão continuando as lições até o julgarem capaz de obedecer, quando ſe montar: depois devem apertar-lhe as cilhas ſem exceſſo, principalmente ſe for Potro, e hum Cavalleiro o montará entre os Pilões, o qual depois de ſe aſſentar na ſella (conforme a primeira lei deſta lição) fará mover o Cavallo, fazendo-lhe ſentir delicadamente a perna, e redea oppoſta: iſto he, ſe elle eſtiver entre os Pilões da parte direita, lhe farão ſentir mais a perna eſquerda, e a redea direita; e eſtando entre os Pilões da parte eſquerda, lhe farão ſentir mais a perna direita, e a redea eſquerda, até que por effeito deſtas ſenſações elle determine os ſeus movimentos, levantando a mão, e pé oppoſtos, como deixo notado para o paſſo, e trote.

Além das ſenſações miniſtradas pelo Cavalleiro, ſe deve ajudar o Cavallo com o açoute, e com a vara, como ſe ajudou antes de ſer montado, para que ſe anime, e conheça facilmente o que pertendem que faça, continuando-lhe deſte modo as lições; pois eſta he a fórma, por que S. A. diſpõe os Cavallos para a lição do ſuſpender, e eſte methodo he adoptado tambem por Newcaſtle Pag. 96., e por João Baptiſta Pignatelli Pag. 79. Eſtando elle bem inſtruido entre os Pilões, S. A. o faz marchar ſobre linhas rectas no meſmo movimento pelas da muralha, e pelas do centro, ou tambem por outra qualquer parte do manejo, até o conſtituir perfeito neſta lição pelos meios que ficão expendidos.

Modo, pelo qual S. A. faz paſſar de mão qualquer Cavallo, trabalhando-o na lição do ſuſpender da direita para a eſquerda.

QUando S. A. faz paſſar hum Cavallo de mão, trabalhando na lição do ſuſpender, commummente o obriga a formar hum meio circulo, marchando ſobre o lado, para onde elle olha, e ſe dobra, encruzando-o bem entre as redeas direitas, e a perna eſquerda, até chegar á linha, em que trabalhava antes de paſſar de mão; e então o faz completar a paſſagem, deſdobrando-o da direita para a eſquerda pela maneira ſeguinte. Logo que premedita fazer a paſſagem de mão, o encaminha, e conduz com ambas as pernas, e com as redeas ambas, tanto para a paſſagem, como para o fazer mudar de acção, ſem perder o movimento, conti-

nuando para a esquerda, assim como até alli andava para a direita, encruzando-o logo entre as redeas esquerdas, e as sensações da perna direita com huma força de tal sorte applicada, que o constitue para a esquerda na mesma brilhante acção, e movimento, em que andava para a direita antes de passar de mão.

Tambem S. A. o faz passar de mão, e mudar de acção, continuando a mesma linha em que vai marchando, sem mudar de terreno, isto he, desdobrando-o logo que lhe faz sentir sensações oppostas áquellas, com que o obriga sobre a mesma linha, antes de o principiar a desdobrar da direita para a esquerda.

Se o Cavallo duvída, as sensações das mãos, e pernas do Cavalleiro devem muito brandamente encaminhallo, de sorte que o vão desdobrando de huma para outra mão, affroxando a redea direita, se elle marcha dobrado para esta parte, puchando pouco a pouco a esquerda, modificando a sensação da perna esquerda, e fortalecendo a da perna direita, para que lhe vão introduzindo assim o costume da lição, a fim de que a attenção destas successivas diligencias lhe vá dissipando os erros, e purificando os seus movimentos.

Quando o Cavallo duvída sustentar o movimento, e voltar em boa acção, alguma cousa dobrado para a direita, devem fortalecer-se mais as sensações das redeas direitas, dando, e sustendo a mão, trazendo-a muitas vezes da esquerda para a direita; e se isto não bastar, devem tirar muitas vezes para dentro as redeas direitas com a mão direita, consentindo com ambas as pernas, e corpo em que o Cavallo se endireite bem no terreno, e ponha na boa acção de se dobrar, e voltar com facilidade para a direita. S. A. por meio das sensações, e diligencias, que ficão expendidas, os fórma tanto na lição, e acção de suspender, marchando para diante, como andando para trás, obliquando para a direita, ou para a esquerda com a maior perfeição.

Modo, por que o Cavallo marca o terreno com as pistas dos pés, e mãos, quando se fórma na lição, e acção de suspender.

QUando elle marcha para diante, ou para trás, marca com as pistas das mãos, e pés linhas parallelas; e quando obliqua para huma, ou para outra parte, marca quatro linhas obliquas distinctas, porque he obrigado a cruzar a mão, e pé de fóra por sima, e por diante da mão, e pé de dentro, ainda que avance menos terreno, que em outra qualquer lição.

Os Cavallos, para serem proprios para a lição de suspender, devem ser bem formados, vivos, sensiveis, e ter muito ar, e bizarria nos movimentos dos braços, e espaduas: e he certo que não tendo estas qualidades, não faz nelles bom effeito esta lição. Tambem os Cavalleiros, que usarem de lhes pôr ligaduras nas quartelas, ou pezos, já mais obterão de semelhantes diligencias bons effeitos, pois esta lição deve sempre dirigir-se, e applicar-se, como tenho dito que a applica S. A. porque só por este methodo os Cavallos se fórmão na vistosa acção, que se vê na Est. XXIX., e na Est. XXX. Tambem me parece justo tratar de algumas defezas,

de

de que elles ordinariamente usão para fugir da sujeição de se formar na acção de suspender entre os Pilões, e tambem depois de montados, e os géstos, por que se deixão conhecer as suas tenções.

Se o Cavallo, quando o mettem entre os Pilões para o formar nesta lição, olha repetidas vezes para quem o ajuda com o açoute; e batendo com as mãos no chão, escava a terra, e mostra ser colerico, nestes casos devem ajudallo brandamente, e affagallo, em fazendo alguns passos bem, dando-lhe alguma herva. Merecem grande desculpa as desordens que os Cavallos fazem ao principio; porque vendo-se prezos pelo cabeção, sem poderem ir para diante, e vendo que os seguem com o castigo sobre a garupa, he muito natural que exasperados se lancem ao cabeção na esperança de quebrar o embaraço, e fugir do castigo; por isso recommendo tanto que tenhão o maior cuidado no modo de os castigar entre os Pilões, até elles conhecerem o que se pertende que fação.

Quando se ajudão os Cavallos com o açoute entre os Pilões, e elles fictão as orelhas para diante, olhão para quem os ajuda, e não vão para o cabeção, mostrão que se enfurecem contra quem os castiga; e se depois disto mostrão alegria, então precisão ser punidos, ao menos para os divertir; mas ainda neste caso deve ser o castigo moderado. Outros costumão patear, isto he, bater com as mãos muito apressadamente na terra: estes pela maior parte são ardentes, e a sua exasperação os conduz a mover as mãos com mais pressa que os pés: pelo que deve, quem os ajudar com o açoute, não se chegar muito a elles, isto he, deve postar-se em tal distancia, que se não perturbe tanto o Cavallo com o temor do castigo; e quem estiver com a guia, deve a taes Cavallos segurallа mais firme, do que se costuma segurar aos que não tem este defeito, affagando-os muitas vezes, e dando-lhes alguma herva, quando os fazem parar.

A'quelles que precipitão, e desconcertão o movimento por colericos, devem, quando os tirão dos Pilões, fazellos trotar em hum trote muito manso, e do mais largo movimento, que a sua construcção permitte; porque estas, e outras semelhantes diligencias ao passo, ao trote, e ao galope vão dissipando a sua colera, e formando-os em huns movimentos mais largos, de sorte que sendo colericos, devem os Cavalleiros por meio de sensações moderadas ir modificando a sua colera; e sendo froxos, devem por meio de sensações activas obrigallos a que se formem com boa graça, e desembaraço nesta lição.

Trata-se do modo de formar os Cavallos na lição do suspender dobrados para a esquerda.

TEndo adquirido sujeição, e obediencia, como tenho dito, ás mãos, e pernas do Cavalleiro, formando-se na lição, e acção de suspender dobrado para a direita, o podem fazer determinar o seu movimento em hum mesmo lugar dobrado para a esquerda; e querendo-o fazer avançar, recuar, ou obliquar para não perder a graça do seu movimento, deve avançar pouco terreno; pois logo que avança mais de huma pista de distancia entre cada passo que dá, perde a boa or-

dem do movimento do ſuſpender, deixa de curvar as juntas das ancas, e curvilhões, e marcha como ſe foſſe ſimplesmente a paſſo, ou trote: bem entendido que deve avançar ſómente o eſpaço de huma piſta da das ſuas mãos entre cada paſſo que dá. Iſto ſuppoſto, da piſta que a mão direita deixa impreſſa no terreno á que novamente vai marcar, deve medear, quando ſe alargar mais, ſómente hum eſpaço ſemelhante áquelle, que marca cada huma piſta; pois he ſem dúvida que para o Cavallo ſe formar bem aſſim para a mão eſquerda, como já diſſe para a direita, ha de ſuſtentar a acção, que ſe vê na ſeguinte

ESTAMPA XXX.

Do Sereniſſimo Principe D. Joſé, formando hum Cavallo na lição, e acção de ſuſpender, alguma couſa dobrado para a eſquerda.

QUando S. A. formava qualquer Cavallo na lição de ſuſpender, dobrado para a eſquerda, animava com huma inimitavel bizarria toda a ſua Mageſtoſa figura para o Cavallo ſe avivar: apôs iſſo fazia-lhe ſentir a ſenſação da ſua perna direita mais activa, que a da eſquerda, ſuſtentava a mão eſquerda de unhas aſſima com o dedo minimo inclinado para a eſpadua direita; e encruzando-o aſſim entre as forças das ſenſações da perna direita, e da redea eſquerda, o fazia determinar ſempre em hum movimento igual, já ſem avançar, nem recuar, já avançando, ou recuando ſobre linhas rectas, e tambem fazendo-o obliquar para a direita, e para a eſquerda ſobre linhas curvas.

Modo, com que S. A. fazia paſſar de mão da eſquerda para a direita qualquer Cavallo que formava neſta lição.

QUando elle queria fazer paſſar de mão o ſeu Cavallo da eſquerda para a direita, com a perna direita, e as redeas eſquerdas o encruzava bem entre a redea de dentro, e a perna de fóra, obrigando-o a formar hum angulo, conduzindo-o á paſſagem do ſeu ponto, ou vertice para as linhas em que trabalhava, ſobre as quaes o obrigava a que mudaſſe de acção, e ſe deſdobraſſe da eſquerda para a direita, formando primeiramente hum angulo recto, e depois hum quarto de circulo, ſem que o Cavallo perdeſſe a igualdade do movimento, nem ainda no tempo da paſſagem: continuando a lição, depois de ſe deſdobrar da eſquerda, e dobrar para a direita com a meſma boa ordem que diſſe, antes de paſſar de mão, ſe dobrava para a eſquerda; advertindo que S. A. ou dobraſſe o Cavallo na lição, e acção de ſuſpender para a direita, ou para a eſquerda, conſervava a ſua mão de dentro de unhas aſſima, avançava a eſpadua de fóra, atrazava a de dentro, e aſſim encruzava o Cavallo entre a redea de dentro, e a perna de fóra para huma, e outra parte com igual perfeição.

Quando o Cavallo marchar para diante, e para trás, marcará linhas parallelas;

e

Silva delin.

e quando obliquar para a efquerda com as piftas das mãos, e pés, marcará quatro linhas obliquas diftinctas, porque he obrigado a cruzar a mão, e pé direito por fima, e por diante da mão, e pé efquerdo, ou de dentro, ainda que avance pouco terreno no feu movimento.

Moftra-fe que coufa he o movimento das paffadas, e o modo de formar o Cavallo nefta lição, e acção para a direita, e para a efquerda.

AS paffadas derivão a fua denominação dos movimentos, que os Cavallos fazem, quando nos fins das linhas rectas formão os angulos para paffar de mão.

Depois que por meio das lições já expendidas o Cavallo fe mover com facilidade para huma, e para outra parte, voltando com fujeição, e obediencia aos movimentos das mãos, e pernas do Cavalleiro, ao paffo pelo comprimento das linhas da muralha, devem principiar a fazer-lhe conhecer as fenfações proprias, com que as mãos, e pernas do Cavalleiro o devem ir formando nefta lição; e da mefma forte ao comprimento dos lados dos angulos, e a periferia dos circulos, e femicirculos primeiramente, em hum paffo fuftido vivo, e igual; e quando o Cavallo apreffar o movimento das efpaduas com defembaraço, e facilidade, e tiver o movimento das ancas mais unido, e firme para fuftentar o pezo do feu corpo mais fobre a garupa, quando volta do vertice do angulo para o arco de circulo, o podem obrigar com as forças de ambas as redeas, e das pernas ambas a que forme as paffadas, como paffo a explicar.

Com a mão, ou redea de dentro, e a perna de fóra fe encruza a garupa do Cavallo entre huma, e outra força, para o fazer entrar com as ancas para o centro de hum femicirculo, a que communmente chamão fazer a meia volta, de forte que com efte movimento marca quatro piftas, ou femicirculos; e depois de bem confirmado em formar os meios circulos ao paffo, devem formar-lhe a mefma lição ao trote unido, e ao trote diligente, conduzindo-o affim de gráo em gráo até fe conftituir em termos de formar as paffadas fobre o meio circulo, galopando, já indo de duas, já de quatro piftas, fazendo-o refpeitar de qualquer modo que ande, o minimo movimento do corpo, e das mãos, e pèrnas do Cavalleiro.

Fórma-fe o Cavallo na lição, e acção das paffadas logo depois de o fazer galopar fobre as linhas da muralha; e nos angulos, e das fuas extremidades he que fe obriga a formar os meios circulos de quatro piftas em hum galope mais relevado, ou como diz Pignatelli Pag. 47. as meias voltas das paffadas, feja movendo-fe em hum pequeno galope, ou em hum galope muito veloz.

Para o Cavalleiro obrigar bem o feu Cavallo a formar os meios circulos de quatro piftas, quando fe vai approximando ao fim das linhas do comprimento da muralha, deve ir-lhe encruzando a garupa entre as fenfações das redeas de dentro, para que dobre bem o feu pefcoço, fazendo-lhe fentir inftantaneamente alguns toques da perna de fóra, para que entre com as ancas para o centro, obrigan-

gando-o tambem com a perna de dentro a entrar com facilidade para diante, e para o centro, firmando-lhe cada vez mais o corpo atrás, logo que o Cavallo no primeiro vertice do angulo, ou no canto principiar a rebater os seus movimentos para sima da garupa, havendo-lhe marcado huma meia parada, ou falcada; e apôs isso o devem obrigar, trazendo a mão de fóra para o centro, a fim de que as espaduas voltem pelo semicirculo com rapidez; e depois de haver feito quatro, ou sinco tempos do galope bem unido sobre a garupa, o Cavalleiro deve affroxar a actividade das sensações com que o obriga, para elle tambem modificar a sua velocidade, e ir fechar o meio circulo sobre a outra extremidade delle em hum movimento já muito modificado.

Em quanto elle determina os seus movimentos nesta acção pelo meio circulo, sustenta sobre as ancas a maior parte do pezo do corpo, e fornece a meia volta com tempos muito semelhantes ao terra a terra, em que tem infinita graça, como diz Pignatelli Pag. 53.; mas devo advertir que nunca se deve chamar o Cavallo ás passadas, no tempo em que o sentirem desunido, ou muito abandonado sobre as espaduas; antes quando elle incorrer nestes defeitos, o devem unir das espaduas com as redeas, e meias paradas, tirando-o atrás muitas vezes, tocando-lhe com a vara sobre as ancas, para que por meio destas diversões levante a cabeça, aligeire as espaduas, e use bem da garupa.

Das passadas furiosas.

AS passadas furiosas são aquellas, que se fazem, obrigando o Cavallo a partir a toda a brida pelas linhas da muralha; e quando se vai approximando ao canto, ou lugar, em que lhe principião a formar o angulo, fazendo-o marcar huma meia parada, ou falcada, o obrigão a que faça tres, ou quatro passadas, segurando-lhe a garupa bem para o centro, fazendo-o marchar assim pelo semicirculo até fechar a meia volta sobre as linhas rectas da muralha, ou parte em que lhe pertenderem formar a passagem de mão, ou seguir o reverso da acção, em que andava antes de formar o semicirculo. Esta qualidade de passadas serve bem para adestrar os Cavallos destinados para a guerra; pois sendo o Cavalleiro perseguido pelo seu contrario, na carreira mesmo póde ganhar a garupa ao Cavallo do seu inimigo, e offender o seu offensor mais a seu salvo, como digo no Livro X.

Affirmava meu Mestre ao Senhor Rei D. José I., que nas passadas, e falcadas dá o Cavallo huma grande prova da sua bondade; e que pelo modo de as formar, conhece o Cavalleiro, melhor que por outras experiencias, a sua agilidade, quando sahe da mão; e da mesma sorte vê, quando o pára, qual he a qualidade da sua boca; e quando o Cavallo volta pelo meio circulo do angulo na acção das passadas, deixa tambem conhecer ao Cavalleiro a maravilhosa correspondencia do seu vigor.

Pela lição das passadas se principião a dispôr os Cavallos para se formarem na acção das pousadas, que são a primeira disposição para os ares altos, como hei de mostrar. Porém em quanto os Cavalleiros não sentirem os seus Cavallos com obe-

obediencia á mão, ou redeas, e ás pernas, e esporas, não os devem chamar ás passadas, para não se arriscarem a que lhe desobedeção nesta lição por falta de conhecimento, e desembaraço. Obriga-se o Cavallo a recuar, e a formar as passadas, tendo o Cavalleiro as suas mãos firmes para si, unindo-lhe depois as pernas ao ventre, logo atrás das cilhas, tendo o corpo atrás, e firme; porque isto irremediavelmente lhe faz levantar as espaduas, e á proporção abaixar a garupa.

Defezas, de que ordinariamente usão os Cavallos para fugir do trabalho das passadas.

DOs Cavallos pezados, preguiçosos, e fracos só com castigos mais fortes, e sensiveis se obtem delles nesta lição alguma obediencia, porque estes já mais se fórmão na brilhante acção das passadas, rebatendo bem a garupa, e relevando os movimentos das passadas para sima della com facilidade, e perfeição. Pelo contrario, os que tem muita agilidade, e são fortes, e sensiveis, rebatem bem os movimentos da garupa, e determinão toda a máquina do corpo com mais graça, e igualdade.

Ha Cavallos, que para se defenderem da oppressão, a que os conduz o trabalho das espaduas, quando o Cavalleiro no fim das linhas rectas da muralha os vai dispondo para entrar no canto, e formar o angulo, elles se fazem irtos, e tezos do espinhaço, estacão as mãos para diante, e usão mal da garupa. Nestes casos se lhes devem fazer sentir as sensações das pernas mais atrás das cilhas com força proporcionada á determinação dos seus movimentos, tocando-lhes ao mesmo tempo com a vara sobre as espaduas, e sobre os braços moderadamente para os desmanchar por este modo da acção falsa, e formallos na verdadeira.

Outros no movimento, e acção das passadas se aproveitão da sua força, e união para sahirem muito para diante, e se abandonarem excessivamente sobre a mão, ou descançarem com excesso sobre a embocadura: a estes deve o Cavalleiro formar repetidas vezes meias paradas, e paradas firmes, obrigando-os a recuar depois de os haver parado, fazendo-lhes assim nas paradas, como quando duvidarem recuar, sentir o cabeção, tirando huma redea depois da outra, a fim de lhes fazerem perder os referidos máos costumes.

Tambem fogem da sujeição das passadas aquelles, que se encostão mais para huma, que para outra parte, quando formão o meio circulo. Neste caso deve o Cavalleiro com o movimento do corpo, e com o das suas mãos, e sensações das pernas ajudar o Cavallo mais vivamente, para que se endireite no terreno, e vá igual no movimento, e acção. Se elle se lançar sobre a espadua de fóra, já tenho dito que devem trazer as mãos de fóra para dentro da volta: logo por consequencia quando se encostar sobre a espadua de dentro, devem com as mãos de unhas assima sahir do centro para fóra, concorrendo o tronco do corpo, e a força das sensações das pernas, para que as mãos possão endireitar o Cavallo das espaduas; pois todas as lições devem ser de tal sorte combinadas, e applicadas, que lhes evitem os vicios, e fação produzir nos seus movimentos os bons costumes, em que o Cavalleiro os pertende formar.

Não

Não se deve entender que o Cavallo rebate bem a sua garupa, e levanta bem as espaduas na acção das passadas só por se levantar muito por diante, em quanto se não levanta, assentando-se bem sobre a garupa, dobrando os curvilhões, e recolhendo os pés, curvando-os para baixo do seu ventre, a fim de alcançar com elles mais o ponto de gravidade, e sustentar o seu pezo, e verdadeira acção das passadas, tanto, ou mais pelo equilibrio do que pela força.

Tambem se formão outros semicirculos, sahindo das linhas da muralha para dentro do terreno do Manejo, e indo depois buscar as mesmas linhas da muralha para fechar nellas o semicirculo, e passar de mão para a esquerda: logo se obrigarem o Cavallo a formar o angulo no canto para as linhas da muralha, sem passar de mão, ficará trabalhando na acção da volta ao revés. As sensações das mãos, e pernas do Cavalleiro para conduzir o Cavallo por este semicirculo, tem nesta lição grande differença daquellas, de que tenho tratado para o conduzir pelo direito, ou com as espaduas para o centro, porque nesta as mãos, ou redeas direitas, e a perna esquerda o obrigão a marchar, logo que entra das linhas da muralha para o meio do Manejo, dobrado para fóra do semicirculo, que vai formando até á linha do quadrado; e em quanto fórma o semicirculo, necessariamente as redeas ambas lhes fazem entrar as espaduas ambas para o centro delle, ou para a esquerda, e a perna esquerda com sensações mais activas obriga a garupa a entrar mais para a direita, marcando com as pistas dos pés as linhas da maior circumferencia, e com as das mãos as linhas da menor; e quando chega a outra extremidade do semicirculo, se o fazem passar de mão, devem desdobrallo da direita para a esquerda pelo mesmo modo que tenho dito, se fórma outra qualquer passagem sobre o tempo: advertindo que, quando passa de mão, póde seguir as linhas do quadrado para a esquerda direito, e tambem com as espaduas no centro, e a garupa ao muro, ou ficar com a cara contra a muralha para a esquerda. Mas se o não fizerem passar de mão, e mudar de acção, e voltar, chegando á extremidade do semicirculo, sobre o prolongo das linhas da muralha para a direita, ficará com a cara contra a muralha, ou com as espaduas para o centro dobrado para a direita; e de quaesquer destas maneiras que o Cavallo forme os semicirculos, o podem obrigar a que faça algumas passadas. Por semelhante modo se obrigão os Cavallos a passar de mão, formando as passadas dobrados para a esquerda, &c.

Lição da garupa ao Pilão, ou ao centro, ao passo, e trote, dobrando o Cavallo para a direita com o freio, e cabeção.

REduzido elle ao bom estado de ir obedecendo ás sensações das mãos, e pernas do Cavalleiro por meio das lições precedentes, he bom usar das correas de vencer para o dobrar mais, e com mais facilidade. Estas correas de vencer devem ter de comprimento quatorze palmos pouco mais, ou menos, e huma pollegada de largo, com sua fivela, e passador em huma ponta para se afivelar na primeira cilha junto da roupa da sella, como se vê na Est. XXXI. N. 5., e a outra ponta da correa deverá ir, depois de haver passado pela argola do tronel do ca-

Silva delin. Frois sculp.

cabeção á mão do Cavalleiro, para elle uſar dellas, como das redeas ordinarias do cabeção.

A paſſagem que as correias fazem pelas argolas dos torneis do cabeção, dá mais potencia a eſtas correias, do que tem as ordinarias redeas do cabeção; e iſto he bem perceptivel áquelles, que tem conhecimento do modo, com que ſe augmenta nas máquinas a potencia.

Logo que o Cavallo trabalha com a garupa ao Pilão, ſeja ſobre huma maior, ou menor circumferencia, as piſtas das mãos hão de caminhar ſobre as linhas maiores, e as piſtas dos pés ſobre as linhas menores, porque as ancas andão aſſim mais perto do ponto do centro: logo as piſtas das mãos diſtão das linhas, que fórmão as piſtas dos pés quaſi todo o comprimento do corpo do Cavallo; e por eſtes motivos as eſpaduas tem maior, e mais largo movimento, do que as ancas ao paſſo, e trote.

ESTAMPA XXXI.

Do Sereniſſimo Principe D. Joſé, formando hum Cavallo na lição, e acção da garupa ao Pilão, fazendo-o marchar ao paſſo, e trote para a direita.

PAra S. A. obrigar qualquer Cavallo a que ſe formaſſe neſta acção com facilidade, o encaminhava com as ſenſações das ſuas pernas ambas, e com as de ambas as mãos, ou redeas, para que determinaſſe a ſua direcção para diante, obliqua, e circularmente. Para eſte fim ſegurava a ſua mão direita de unhas aſſima, de ſorte que o dedo minimo ſe inclinava para a eſpadua eſquerda, e então lhe fazia ſentir com proporção as ſenſações, ora da redea de dentro, ſuſtentando a mão eſquerda de unhas abaixo, e para fóra, ora da redea de fóra, quando o queria obrigar a unir a eſpadua de dentro á de fóra, ou eſta á de dentro, para andar bem para diante, e dobrar-ſe com mais graça para a direita; e depois de o encaminhar com huma, e outra redea deſte modo, fortalecia S. A. com huma ſufficiente actividade as ſenſações da perna eſquerda, ou de fóra da volta, e o Cavallo não ſó entrava com as ancas para o centro, mas determinava os movimentos da ſua corporea máquina obliqua, e circularmente, como moſtra a Eſt. XXXI.

Depois de ſer deſta ſorte encaminhado para o formar na acção com mais facilidade, e com mais graça, firmava S. A. o corpo alguma couſa para trás, avançava a eſpadua eſquerda, e atrazava á proporção a direita, conſervando-lhe a mão eſquerda hum pouco mais alta, avançada, e firme, para ſuſter as redeas com hum tacto proporcionado á ſenſibilidade da boca do Cavallo, trazia a mão direita cada vez mais baixa, e para ſi, de unhas aſſima, firme, porém com muita liberdade, a fim de que as ſenſações de huma, e outra redea foſſem bem applicadas, e contrapoſtas, aſſim ás do equilibrio, como ás de huma, e de outra perna, para o Cavallo obedecer, e ſe formar cada vez em melhor acção.

Quando o Cavallo trabalha neſta lição, e acção, a dobra do ſeu corpo he da parte direita, por ſer eſta para onde elle olha, e vence o terreno: logo neceſſaria-

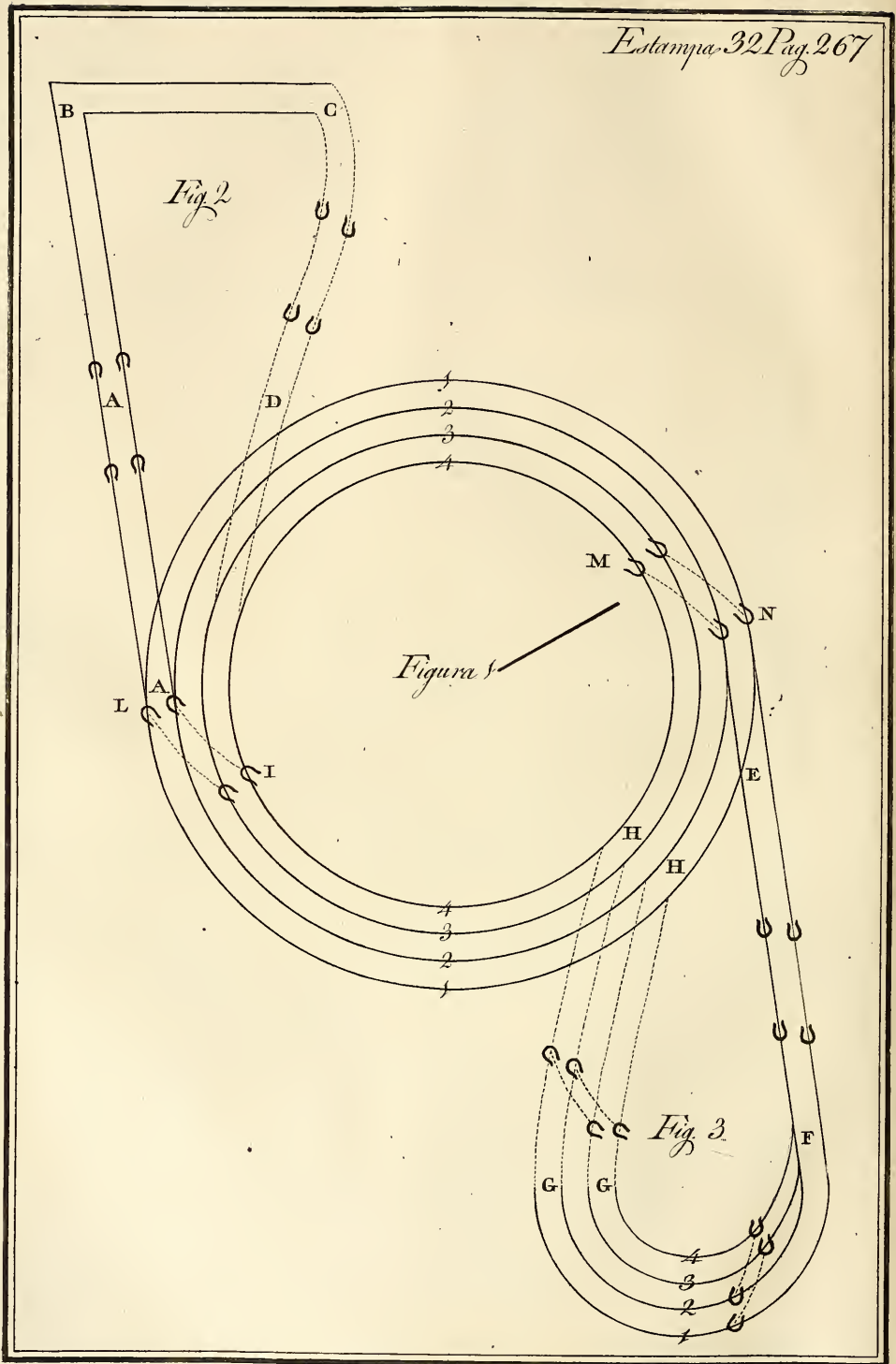
mente fórma quatro circulos com as piſtas das mãos, e pés, como ſe vê na Fig. 1. da Eſt. XXXII. a mão, e pé de fóra para vencer a maior diſtancia de terreno, que tem para tranſitar, devem marcar as ſuas piſtas, ou linhas, avançando-ſe bem por ſima, e por diante da mão, e pé de dentro; e o Cavallo he certo que não póde vencer iſto, ſem que a mão, e pé de fóra marquem deſta ſorte o terreno ao paſſo, e trote. Logo quando elle galopa com a garupa ao Pilão, ou para o centro, tambem he certo que tem outro movimento differente, do que tem marchando de paſſo, e trote, porque no ſeu galope ſe move com hum balanço das eſpaduas, e outro da garupa, ſendo unidas immediatamente todas as determinações dos ſeus movimentos em hum, e outro balanço; porém a paſſo, e de trote marca os quatro tempos dos ſeus movimentos, como deixo notado.

Já diſſe que S. A. quando formava qualquer Cavallo na lição da garupa ao centro, avançava a ſua eſpadua eſquerda, e atrazava á proporção a direita; e he ſem dúvida que elle ſe formava neſta acção, porque tinha hum pleno conhecimento de que a força centrifuga, pela dobra do corpo do Cavallo, faz atrazar a eſpadua eſquerda do Cavalleiro, e toda a meia parte do corpo delle, maiormente neſta lição. O pé, e mão do Cavallo da parte do centro da dobra do ſeu corpo ao paſſo, e trote ſe levantão menos da terra: logo para lhe ajudar a preciſa inclinação circular com que elle ſe deve conduzir para o centro, preciſa o Cavalleiro (para formar o Cavallo com perfeição, e para lhe obrigar cada vez mais as ſuas ancas) ter, e conſervar, como S. A., o ſeu corpo direito da cintura para ſima, e firme no meio da ſella; pois eſte grão de equilibrio he preciſo não ſó para ajudar bem o animal, mas para toda a ſymmetria da figura do Cavalleiro ſeguir bem as linhas, pelas quaes toda a máquina do corpo do Cavallo determina o movimento.

Tambem quando S. A. o formava neſta lição, coſtumava pezar muitas vezes mais ſobre o eſtribo de dentro, que ſobre o de fóra da volta, para com a força centripeta do pezo, e movimento do ſeu corpo o indireitar no terreno, fazendo-o obediente com mais facilidade ás impreſsões de ambas as redeas, e de ambas as pernas; porque ſó por eſte meio ſe alcança que a piſta da mão, e perna de fóra ſigão com mais agilidade a piſta, e a direcção da mão, e perna de dentro, para ſe levantarem com mais facilidade do terreno.

Se o Cavallo ſe lançava com deſigualdade ſobre a eſpadua de fóra, deixando de entrar bem na mão, e andar com facilidade para diante, S. A. não ſó lhe rendia muitas vezes as mãos, mas obrigava-o com a falla, com a vara, e com as ſenſações, já de huma, já de outra perna, a ir para diante; ou tambem abrandava a força das ſenſações da mão direita, levando apôs iſſo a eſquerda de unhas aſſima para dentro da volta: firmava então o ſeu corpo todo em huma acção mais forte, e viva, para que ſentindo o Cavallo todos aquelles movimentos aſſim applicados, determinaſſe os ſeus tambem com a viveza, actividade, e promptidão, que os Cavalleiros devem exigir dos Cavallos em taes caſos, para ſerem mais promptos, e obedientes.

Obrigava-os tambem com ambas as redeas a que marcaſſem o terreno com igual-

Estampa 32 Pag. 267
B
C
Fig. 2
A
D
1
2
3
4
M
N
Figura 1
L
A
I
E
H
H
4
3
2
1
Fig. 3
F
G
G
4
3
2
1

dade, para lhes ir ſituando a direcção das eſpaduas no ſeu devido lugar, e da meſma ſorte a dobra do corpo, e igualdade do movimento da garupa, o que ſe não póde vencer, ſe os Cavallos são trabalhados em hum terreno deſigual; iſto he, entrando humas vezes, e ſahindo outras para fóra da circumferencia. Tambem quando elles não andão com igualdade, hão de fazer algumas alcançaduras com o pé, e mão de fóra ſobre o pé, e mão de dentro, ſendo por eſtas razões deſagradaveis os ſeus movimentos: logo por conſequencia elles terão pouca ſujeição, e obediencia ás mãos, e pernas do Cavalleiro, quando em todos os caſos devem deixar-ſe encruzar entre a força das redeas de dentro, e da perna de fóra, andando ſempre bem para diante em hum movimento, e terreno igual, determinando-ſe pelas ſenſações das mãos, e pernas com velocidade igual á força, com que o corpo, as mãos, e as pernas o obrigão a formar neſta acção para marcar o terreno, como ſe obſerva na ſeguinte

ESTAMPA XXXII.

Do modo, por que os Cavallos marcão o terreno, formando-os na lição da garupa ao centro, ao paſſo, e trote para a direita: e o methodo, por que S. A. obrigava qualquer Cavallo a paſſar de mão da direita para a eſquerda.

A Piſta da mão eſquerda, em quanto o Cavallo anda dobrado para a direita, marca o circulo N. 1., a da mão direita o N. 2., a do pé eſquerdo o N. 3., e a do pé direito o N. 4., como ſe vê na Fig. 1.

Para S. A. lhe formar as paſſagens de mão, quando fazia trabalhar qualquer Cavallo da direita para a eſquerda neſta lição, quando o ſentia marchar com mais facilidade para diante, o fazia partir das linhas da maior circumferencia da Fig. 1. para a Fig. 2. pelas linhas da Letra A para B, e deſta para C, fazendo-o ir pelas linhas aſſignadas com pontinhos completar a paſſagem ſobre D, conduzindo-o pelos lados do angulo, ſempre bem encruzado entre a força das ſenſações das redeas direitas, e da perna eſquerda, até o fazer deſdobrar da direita para a eſquerda: ora quando S. A. tambem o obrigava a que formaſſe a paſſagem, chegando ás linhas da Fig. 1. affroxava as forças das redeas direitas, e da perna eſquerda: fortalecia depois as ſenſações da perna direita, e das redeas eſquerdas, e o Cavallo ſe deſdobrava da direita para a eſquerda, formando-ſe para eſta parte na meſma gracioſa acção, em que antes da paſſagem trabalhava para a direita.

Por ſemelhante modo fazia elle paſſar os Cavallos de mão, formando tambem o ſemicirculo de quatro piſtas: então os encruzava bem entre as forças das redeas direitas, e da perna eſquerda, fazendo-os marcar as linhas da Letra E da Fig. 1. para a Fig. 3., partindo para a Letra F; e chegando ao vertice do angulo, elle os obrigava então mais com as redeas direitas, e a perna eſquerda a que entraſſem com as ancas para o centro, e pelas linhas de pontinhos da Letra G pa-

ra a Letra H os trazia em movimento mais moderado para os ir obrigando cada vez mais a formar o ſemicirculo de quatro piſtas; e para que levantaſſem com mais facilidade as eſpaduas, ou elles determinaſſem os ſeus movimentos ao paſſo, ao trote, ao galope, ou tambem a paſſadas.

Defezas de que usão alguns Cavallos, quando são obrigados a formar as paſſagens de mão, ſahindo dos circulos do centro para as linhas da muralha, e o melhor modo de as emendar.

SE o Cavallo ſe arremeſſa á paſſagem pelo ſemicirculo com velocidade, e paixão, entrando com demaziada força na mão, ſeja por fugir da ſujeição a que o conduz a perna, e eſpora de fóra, e da oppreſsão de ſe formar neſta figura ſobre a garupa, ſeja por ſe querer deſdobrar da acção para uſar mal das eſpaduas, o Cavalleiro então deve firmar o ſeu corpo mais para trás, ſuſtendo, e rendendo amiudadas vezes huma, e outra redea; e já com maior, já com menor actividade o obrigará a formar os ſemicirculos de duas, ou de quatro piſtas, como permittir a agilidade do Cavallo.

Se indo pelo meio circulo, ficar para trás, ou ſe entortar das eſpaduas, então promptamente o devem obrigar a que forme alguns pequenos circulos de duas, ou de quatro piſtas, para ſe arredondar dos movimentos das eſpaduas, e garupa, até ſe deixar diſpôr bem para formar a paſſagem mais livre da ſua dúvida, e má tenção. Logo que o Cavallo duvidando confundir o ſeu movimento, indo com timida incerteza, ora ſobre hum, ora ſobre outro lado, o Cavalleiro promptamente deve contrapôr as ſenſações das ſuas mãos, e pernas ás ſuas deſordens, de ſorte que o ſocegue, e vá pondo na verdadeira acção.

Se elle ſe deſmancha da ſua figura, porque ſe lança ſobre a eſpadua de fóra, quando ſahe da Fig. 1. pelas tangentes A para a Fig. 2. e 3. E, promptamente deve o Cavalleiro affroxar as ſenſações da perna eſquerda, e das redeas direitas, trazendo a mão eſquerda de unhas aſſima, de fóra para o centro, e fortalecendo apôs iſto as ſenſações da perna direita para unir a perna de dentro á de fóra: logo ſe fugir com a garupa muito para fóra, deve o Cavalleiro affroxar totalmente as ſenſações da perna direita, ſem perder a firmeza do pé na ſoleira do eſtribo, fortalecendo as ſenſações da perna eſquerda, unindo-a ao ventre do Cavallo mais de chapa, e hum pouco mais atrás das cilhas, tendo a mão eſquerda de unhas aſſima, trazendo-a, e mais a direita unidas repetidas vezes para ſi, até que o Cavallo, por effeito das ſenſações dellas, e das da perna eſquerda, entre para diante, e ſegure a garupa. Tambem ſe deve muitas vezes fazer paſſar de mão, e deſta para a lição dos quatro circulos, ou para a das eſpaduas dentro, encruzando-o em todas eſtas lições entre as redeas de dentro, e a perna de fóra o mais que puder ſer, principalmente nas paſſagens de mão deſtas lições, conduzindo-o deſtas paſſagens, quando elle andar com mais facilidade, muitas vezes para a

da garupa ao Pilão ; pois eftes são os meios mais proprios de lhe fujeitar a garupa, e defembaraçar as efpaduas.

Fazia S. A. repetidas vezes paffar de mão os Cavallos, que ufavão da defeza de ficar para trás nas paffagens, já para a lição dos quatro circulos, já para a das efpaduas dentro , porque conhecia que defta forte mais infenfivelmente os obrigava a dobrar-fe do pefcoço , e efpaduas para fe renderem flexiveis nas difficuldades da fua garupa. Efta em commum he a boa formalidade, com que S. A. fazia paffar de mão qualquer Cavallo da direita para a efquerda : agora direi alguma parte dos movimentos com que elle fe conduzia , e algumas fenfações , de que ufava, para fazer determinar os Cavallos para as acções, de que tenho tratado nas paffagens defta lição.

Logo que S. A. determinava a direcção do feu Cavallo para fóra dos circulos do centro, o obrigava cada vez mais com as correas , ou redeas do cabeção, em qualquer figura , em que o fizeffe paffar de mão ; e para inftantaneamente o fazer mudar de acção no vertice do angulo , affroxava as redeas direitas do cabeção , e freio , fuftentava as redeas efquerdas com mais apoio , tendo a mão efquerda de unhas affima, e a direita para fi, affroxando tambem as fenfações da perna efquerda, fortalecendo as da direita, atrazando a efpadua efquerda, e avançando á proporção a direita no tempo em que o Cavallo mudava de acção ; pois todas eftas diligencias o fazem dobrar, e confervar para a mão efquerda com a mefma graça, com que antes da paffagem fe dobrava para a direita.

Tambem fe podem formar as paffagens de mão (como S. A. muitas vezes fazia) fem defdobrar o Cavallo da acção , em que andar para a direita , conduzindo-o ao vertice do angulo affim dobrado, e delle para diante , continuar na acção da volta ao revés; mas para vencer ifto, he precifo trazer repetidas vezes as mãos ambas para fóra da volta, e para dentro do centro, até chegar ao lugar da paffagem , obrigando-o cada vez mais com a perna efquerda para marcar a linha N. 1. mais proxima ao centro: com a pifta da mão efquerda , e com a da mão direita a N. 2. ; com a do pé efquerdo a N. 3. ; e com a do pé direito a N. 4. da maior circumferencia, como fe vê na Fig. 1. da Eft. XXXVI., por confequencia então as efpaduas marcão os circulos menores, e o Cavallo fica olhando para fóra do ponto do centro , ou trabalhe em hum pequeno circulo , ou em huma grande volta. A ifto fe chama paffar, ficando fobre a volta ao revés; porque quem eftiver no ponto do centro, neceffariamente fica vendo o reverfo da acção, que antecedentemente via antes da paffagem.

Tendo o Cavallo adquirido facilidade, e defembaraço, o fazia S. A. tambem paffar de mão , quando trabalhava com a garupa ao centro , fahindo da Fig. 1. Eft. XXXII. para as linhas da muralha, obrigando-o a que formaffe algumas paffadas do vertice do angulo por hum femicirculo , fegurando-lhe mais a garupa com a perna de fóra , e dobrando-o cada vez mais do pefcoço, e efpaduas com as redeas de dentro , ajudando-o repetidas vezes com a fua mão de fóra , trazendo-a para dentro da volta, e depois animava todo o feu corpo de maneira, que o Cavallo determinava todos os movimentos ao principio com velocidade , levantando-fe

ſe bem das eſpaduas na acção das paſſadas, marcando o terreno, como ſe vê na Fig. 3. da Eſt. XXXII.; e depois de rebater, e recolher a garupa bem para baixo do ventre, da Letra F para a Letra G, quando pelas linhas de pontinhos ſe hia unindo ás linhas da Fig. 1. Letra H. S. A. affroxava a actividade das ſenſações, com que o obrigava, para o fazer ir por eſte modo finalizar o ſemicirculo, e formar a paſſagem já em hum galope de ſorte modificado, que delle paſſava ao trote, para o mudar de acção, e deſdobrar o corpo na paſſagem com mais facilidade, a fim de continuar ao paſſo, e trote neſta lição para a mão eſquerda com a meſma boa ordem, com que elle a havia formado para a direita antes de principiar a fazer a paſſagem.

Lição da garupa ao Pilão, ao paſſo, e trote para a eſquerda.

HAvendo eu dito a boa ordem, com que S. A. formava os Cavallos, que trabalhava na acção da garupa ao centro para a direita, paſſo a moſtrar como o Sereniſſimo Principe D. João fórma os Cavallos, em que anda, na lição, e acção da garupa ao Pilão para a eſquerda.

Logo que S. A. fórma qualquer Cavallo na lição, e acção da garupa ao Pilão para a mão eſquerda, adianta a eſpadua direita, e da meſma ſorte o braço, e quadril direito, atrazando á proporção a eſpadua, o braço, e o quadril eſquerdo: une-lhe a perna direita mais atrás da terceira cilha, para que ſendo a ſua ſenſação mais activa, ella obrigue a garupa a encruzar-ſe bem entre as redeas eſquerdas, e a perna direita, ficando por tanto a ſenſação da perna eſquerda menos activa, para o Cavallo dar principio a determinar os ſeus movimentos obliqua, e circularmente para a eſquerda, como ſe vê na ſeguinte

ESTAMPA XXXIII.

Do Sereniſſimo Principe D. João, formando qualquer Cavallo na lição, e acção da garupa ao Pilão, obrigando-o com o freio, e cabeção a marchar de paſſo, e trote para a eſquerda.

ANimando S. A. a ſua bella figura, ſegura as redeas do freio, e cabeção eſquerdas, bem fechadas na mão eſquerda, e a redea, ou correa do cabeção direita na mão direita, e aſſim lhe rende, e ſuſtem as mãos, une as pernas, e encaminha o Cavallo, para que ande com facilidade para diante, e ſe vá formando na boa acção, que repreſenta a Eſt. XXXIII.

Se o Cavallo duvída por ignorante formar-ſe bem neſta acção, diz Newcaſtle que em tal caſo póde o Cavalleiro para o encaminhar, e reduzir com mais facilidade, ter as redeas ſeparadas, huma do freio, e cabeção na mão eſquerda, e outra do cabeção, e freio na mão direita. Ou tambem ſe elle duvída mais dobrar-ſe

pa-

Silva del.

para a esquerda, ter as redeas do freio unidas na mão direita, e a redea do cabeção, ou correa de vencer tão sómente na mão esquerda, quando trabalha dobrado para esta parte; pois que além deste modo de usar das redeas ser insinuado por Newcastle, grandes Cavalleiros julgão util este remedio, para vencer ao Cavallo cada vez mais nesta difficuldade, e obrigallo a dobrar-se bem para a esquerda.

Não obstante, S. A. trabalha qualquer Cavallo, sem precisar do recurso de separar as redeas, mas sim tendo as do freio unidas na mão esquerda, e esta de unhas assima com o dedo minimo voltado para a espadua direita, formando-o com estas diligencias na lição, e acção da garupa ao centro para a esquerda com aquella mesma ordem, que já disse que o Serenissimo Principe D. José os dobrava, trabalhando-os sobre a direita; pois com semelhantes sensações se obrigão os Cavallos tanto para a mão direita, como para a esquerda, a formar nas acções, que se mostrão nas Est. XXXI. e XXXIII., quando os Cavalleiros são como SS. AA. iguaes no seu modo de trabalhar os Cavallos, assim para huma, como para outra parte.

Eu disse que S. A. avança a sua espadua direita, e atraza á proporção a esquerda com toda a perfeição, porque na lição da garupa ao centro custa mais ao Cavalleiro avançar a espadua direita, quando o Cavallo anda para a esquerda, principalmente sobre circulos menores com a garupa junto ao Pilão, do que custa a avançar a espadua esquerda, quando elle anda da mesma sorte curto para a direita.

Recommenda Newcastle muitas vezes que separem as redeas do freio, ou as tragão unidas na mão direita, quando nesta lição trabalhem para a esquerda; mas he certo que se os Cavalleiros forem desembaraçados, e iguaes no seu modo de trabalhar para huma, e outra mão, não será necessario separar as redeas do freio, nem passallas para a mão direita; pois eu tenho observado que SS. AA., o Marquez Estribeiro Mór, o Mestre da Picaria Real, e outros Cavalleiros, trabalhão os seus Cavallos para huma, e outra parte com toda a boa ordem, sem usarem de separar as redeas. Porém não pertendo negar que este modo de trabalhar com as redeas separadas he grandemente util, quando o Cavalleiro não he igual no seu modo de usar das redeas, e o Cavallo pecca pela desigualdade dos movimentos das espaduas, e garupa, muito principalmente quando o trabalhão sobre a mão esquerda.

Se o Cavalleiro usar das redeas de dentro, e da perna de fóra, applicando as suas sensações (como tenho dito que as applica S. A., e o Marquez Estribeiro Mór nesta lição) tanto indo sobre huma, como sobre outra mão, o Cavallo determinará todos os movimentos da sua corporea máquina obliqua, e circularmente, e se desembaraçará das suas espaduas, facilitando-se muito destas partes por effeito da passagem, que faz a mão, e pé de fóra por sima, e por diante da mão, e pé de dentro, obrigados de huma, e de outra redea, quando a mão entra para a volta, ou sahe para fóra della.

Da mesma sorte que se ajuda o Cavallo nesta lição para a mão direita, assim tambem se deve governar, e ajudar para a mão esquerda; e posto que huns tenhão mais geito, e propensão para se moverem com desembaraço, e se dobrarem mais

pa-

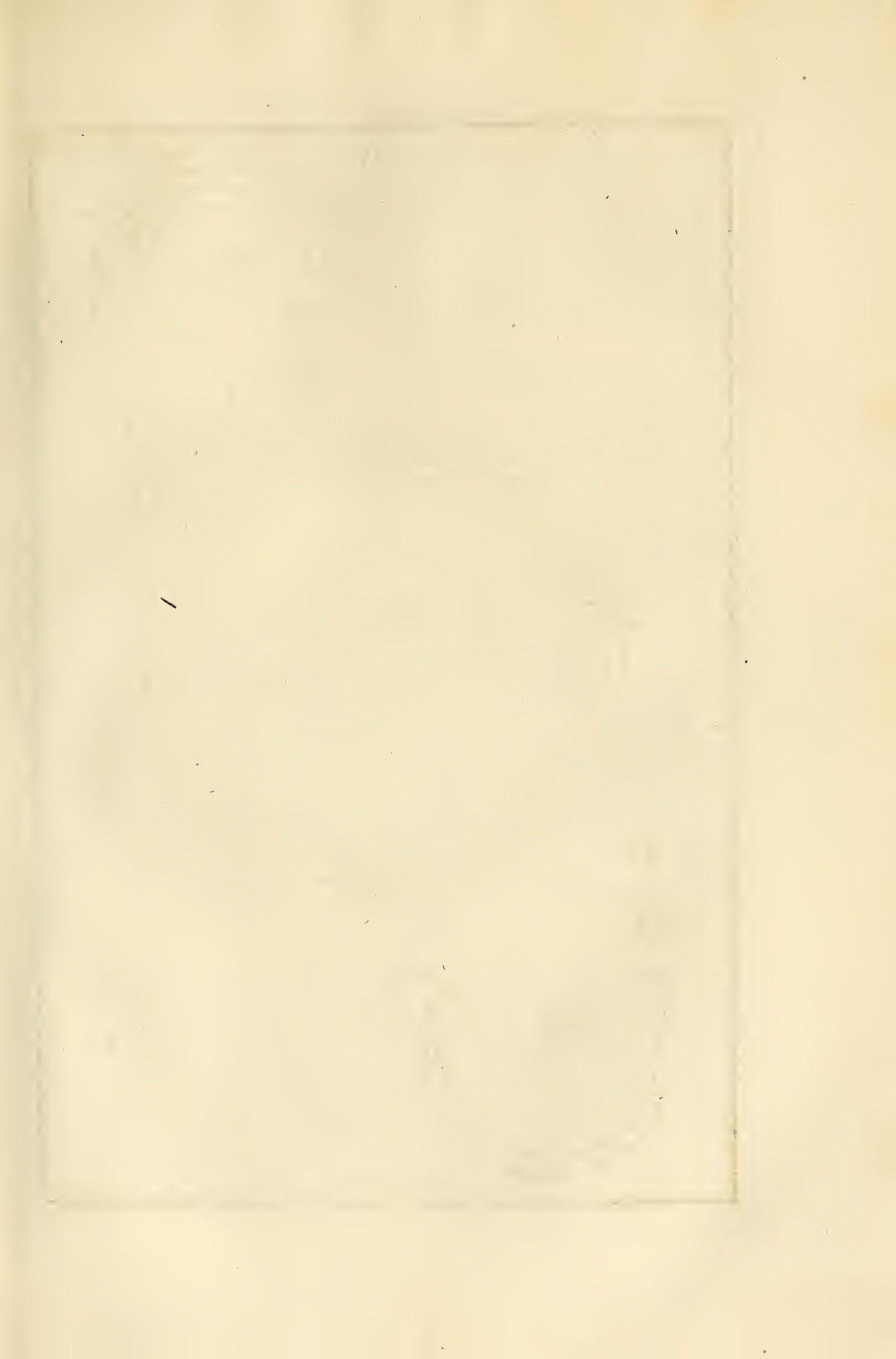
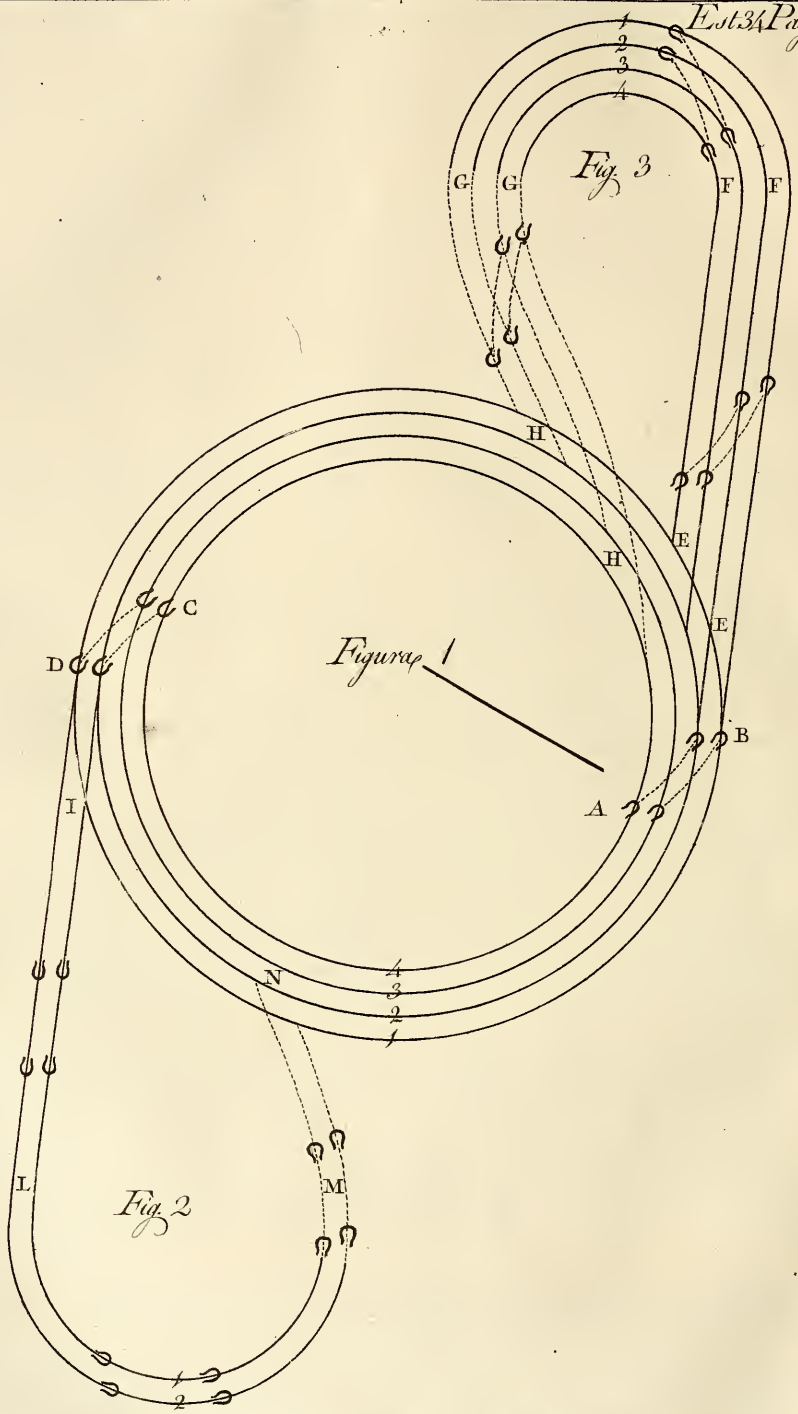
para huma, do que para a outra mão, com tudo, o que tenho dito he o modo mais proprio que se tem descuberto para ir facilitando, e encaminhando os Cavallos; porém de huma, ou de outra sorte o Cavalleiro prudentemente deve regular-lhe, e applicar-lhe o trabalho á proporção da utilidade que ella for produzindo.

Os tempos com que o Cavallo se move ao passo, e trote nesta lição, não mudão de ordem, posto que o Cavallo mude de velocidade, e de figura de terreno, ainda que mude de acção, em quanto não passa ao galope; pois se elle anda de passo, e de trote para a esquerda, principia o primeiro tempo para caminhar com a mão direita N. 1. segue-a o pé esquerdo N. 4., depois se move a mão esquerda N. 2., e ultimamente o pé direito N. 3. (Est. XXXIII.) faz o ultimo tempo, ou posição. E assim alternativamente são todos estes tempos bem perceptiveis á vista, maiormente em quanto o Cavallo anda de passo; pois quando elle anda de trote, pela maior velocidade com que se move, parecem sómente dous; porém oppostos, e atravessados, como o são, quando se move sómente de passo.

Se elle pois deixa de formar o circulo com perfeição, trabalhando dobrado para a esquerda, por se lançar mais sobre a espadua de fóra, S. A. com todo o cuidado, e promptidão traz a mão direita de unhas assima para dentro da volta, e a de dentro de unhas abaixo para si, fazendo-lhe unir por este modo repetidas vezes a sua espadua de fóra á de dentro. E porque o Cavallo não se desmanche na dobra do corpo da sua figura, e acção, em que andava antes de rolar para fóra, S. A. torna logo as mãos ao seu lugar para alternativamente o ir encaminhando, a fim de que determine todos os movimentos das espaduas com perfeição.

Quando o Cavallo róla, ou foge com as ancas para fóra, S. A. segura a mão direita para si, affroxa as sensações das redeas esquerdas, ou de dentro da volta, fortalece as da perna direita, unindo-a mais de chapa, isto he, mais atrás das cilhas com a roseta voltada para a barriga do Cavallo; e se este continúa na desobediencia, com a redea do cabeção de fóra lhe dá alguns toques para sima, e para trás; e quando por meio destas diligencias não obtem delle a pertendida obediencia, então o faz passar de mão para a lição da espadua dentro, e della muitas vezes para a dos quatro circulos junto ao Pilão do centro, obrigando-o successivamente com ambas as redeas, e com ambas as pernas, a que entre com as espaduas bem para o centro. Neste caso fortalece a sensação da perna de dentro mais atrás da terceira cilha, para a garupa sahir para a maior circumferencia, como digo na lição dos quatro circulos ao passo, e trote, segurando-lhe a perna de fóra, ou esquerda entre a primeira cilha, e a espadua, para o endireitar mais no terreno, contrapondo-lhe cada vez mais a força das sensações das pernas á força das sensações das redeas, principalmente quando lhe faz entrar com as redeas de fóra as espaduas para o centro.

Ora se elle, não obstante as ponderadas diligencias, não deita a garupa bem para fóra, tambem lhe serve de grande utilidade, depois de o fazer trabalhar assim dobrado para a direita, passallo de mão para a esquerda, e por todo o terreno fazello trabalhar sem muita violencia na lição da cara contra a muralha; porque as espaduas vão mais seguras pelo embaraço que lhes faz a parede, e pelas aju-

Est 34 Pag 273
Fig. 3
Figura 1
Fig. 2
A
B
C
D
E
F
G
H
I
L
M
N

ajudas da mão direita, e da perna direita, que o podem aſſim obrigar com mais actividade a que ſe encruze cada vez mais entre as redeas eſquerdas, e a perna direita, e deſta ſorte quando vai com mais facilidade, S. A. não ſó o torna a trabalhar na lição da garupa ao Pilão, mas della o faz paſſar de mão para a direita: e pelo angulo, e ſemicirculo o faz marcar o terreno pela maneira ſeguinte. A piſta da mão direita marca a linha N. 1., a da mão eſquerda a N. 2., a piſta do pé direito a N. 3., e a do pé eſquerdo a N. 4. mais perto do centro, como ſe vê na Fig. 1. da ſeguinte

ESTAMPA XXXIV.

Do modo, por que os Cavallos marcão o terreno, e as paſſagens de mão, formando-ſe na acção da garupa ao Pilão para a eſquerda ao paſſo, e trote.

TRabalhando S. A. qualquer Cavallo na lição da garupa ao centro, e querendo-o fazer paſſar da eſquerda para a direita, quando elle vai mais igual no movimento, o faz ſahir dos circulos da Fig. 1. para a Fig. 2. pelas linhas da Letra I para a Letra L, e della para a Letra M, formando hum ſemicirculo de duas piſtas, ſeguindo as ancas as linhas das eſpaduas, e pelas linhas de pontinhos o conduz aſſim dobrado para a eſquerda, para ir completar a paſſagem ſobre os circulos da Fig. 1., obrigando-o ſobre a Letra N a que ſe deſdobre da eſquerda para a direita: e então elle affroxa inſtantaneamente as redeas eſquerdas, fortalece as direitas, ſuſtendo a mão de unhas aſſima, fazendo-lhe ſentir a perna eſquerda mais atrás das cilhas; e modificando as ſenſações da perna direita, o obriga com as forças de ambas as redeas, e de ambas as pernas a que entre para diante, e ſe forme neſta lição para a direita com a boa ordem com que ſe formava para a eſquerda antes de fazer a paſſagem. Eſte modo de paſſar de mão he facil, e por iſſo o primeiro, de que S. A. uſa, para ir diſpondo os Cavallos, que ignorão eſta lição.

Modo de obrigar qualquer Cavallo a formar a paſſagem de quatro piſtas.

QUando o Cavallo eſtá mais deſembaraçado, S. A. o faz tambem paſſar de mão, ſahindo da Fig. 1. para a Fig. 3. pelas linhas da Letra E com hum movimento alguma couſa obliquo até á Letra F, e della para a Letra G o encruza cada vez mais entre as redeas eſquerdas, e a perna direita, a fim de o obrigar a formar o ſemicirculo de quatro piſtas, conduzindo-o pelas linhas de pontinhos bem entre as forças das redeas eſquerdas, e da perna direita até chegar á Letra H, e ſobre ella o faz deſdobrar da eſquerda para a direita, uſando das meſmas ſenſações que uſa, quando o faz deſdobrar da acção na paſſagem da Fig. 2. Eſtas são aquellas paſſagens, a que La Gueriniere Pag. 134. chama de meia volta, ſeja trabalhando para a direita, ou para a eſquerda.

Se o Cavallo accelera, e confunde o ſeu movimento, quando he obrigado a formar o ſemicirculo do angulo, então S. A. promptamente o obriga a que forme alguns pequenos circulos de duas piſtas, para o arredondar dos movimentos das eſpaduas, e vir formar as paſſagens com mais facilidade.

Modo, por que S. A. obriga hum Cavallo a formar o ſemicirculo a paſſadas.

TAmbem o obriga algumas vezes a formar os ſemicirculos a paſſadas, ſahindo das linhas N. 1. da maior circumferencia da Fig. 1. pelas linhas da Letra E; e ſegundo o maior, ou menor deſembaraço do Cavallo, o obriga da Letra F a ir de galope rápido, até fazer pelo ſemicirculo algumas paſſadas, modificando-lhe a velocidade do ſeu galope do meio das linhas de pontinhos para diante, de ſorte que chegue á Letra H nas linhas da Fig. 1., ou lugar da paſſagem, já de trote muito manſo, e então o faz deſdobrar da acção da eſquerda para a direita, como em outra qualquer paſſagem.

Quando S. A. obriga hum Cavallo a formar-ſe na acção das paſſadas, trabalhando-o na lição da garupa ao centro, além de o encruzar bem entre as forças das ſenſações das redeas eſquerdas, e da perna direita, aviva toda a ſua figura, fortalece todo o corpo, mãos, e pernas, dando-lhe com eſtas alguns toques inſtantaneamente, para o Cavallo com elles ſe levantar, e relevar das eſpaduas na acção das paſſadas, de ſorte que por meio deſta lição ſe facilita muito dos movimentos do eſpinhaço, quadrís, e curvilhões, entra menos na mão, iſto he, apoia-ſe menos na embocadura do freio, e cabeção: e logo por conſequencia obedece com mais facilidade ás mãos, e pernas do Cavalleiro, fazendo ao meſmo tempo as paſſadas, e os ſemicirculos dos angulos viſtoſas, e uteis.

Em quanto o Cavallo anda com a garupa ao centro para a eſquerda ao paſſo, e ao trote, marca o terreno, como na Fig. 1. da Eſt. XXXIV., e a mão direita não alcança o ponto de gravidade, porque paſſa com huma articulação circular por ſima, e por diante da mão eſquerda; e poſto que ſe vá unindo a ella com hum movimento obliquo, marca a ſua piſta mais fóra da linha perpendicular, e ponto de equilibrio. O pé eſquerdo vai fazer a ſua poſição fóra do ponto de gravidade, porque a ſua articulação, e de toda a perna até ao quadril ſegue huma linha diagonal, e por iſſo vai fazer a ſua poſição ſobre o circulo N. 4.: logo o pezo de todo o corpo do Cavallo he ſuſtentado pela mão eſquerda, que marca o circulo N. 2.; e pelo pé direito, que marca o circulo N. 3.: ſuccede iſto, porque o pé direito ſe recolhe para baixo do corpo, e por iſſo elle, e a mão eſquerda ſeguem por huma linha menos obliqua ao terreno o movimento das eſpaduas, e garupa, e vão fazer a ſua poſição mais debaixo do ponto dos balanços, que o Cavallo fórma com o corpo neſta lição, vencendo o terreno para o lado eſquerdo, como ſe moſtra na Eſt. XXXIII. e XXXIV. Iſto meſmo acontece por eſtes motivos, quando ſe fórma neſta lição, e acção para a mão direita ao paſſo, e trote; e quando fórma as

paſ-

paſſadas no ſeu reſpectivo lugar, direi o modo, por que o Cavallo ſe move, quando paſſa do paſſo, ou do trote ao galope.

Lição da volta ao revés; e as leis pertencentes á determinação dos movimentos do corpo do Cavalleiro, fazendo trabalhar qualquer Cavallo neſta acção.

1 DEve pezar mais ſobre o eſtribo de dentro da volta, que ſobre o de fóra, para alcançar melhor o ponto do equilibrio, e para uſar dos movimentos de huma, e de outra perna com mais facilidade: iſto ſerve tambem para fazer menos pezo ſobre a parte convexa.

2 Deve com a redea de dentro, e a perna de fóra obrigar o Cavallo a que marque o terreno com igualdade, porque de outra ſorte não moſtra que tem a preciſa ſujeição á perna de fóra, e ás redeas de dentro, como adiante direi.

Leis pertencentes á determinação dos movimentos do Cavallo.

1 NAs lições antecedentes he lei eſſencial marcar o terreno, indo ſempre para diante, ou ſobre a parte convexa; mas na lição da cara contra a muralha, na lição da garupa ao centro, e na lição da volta ao revés, he lei indiſpenſavel marcar o Cavallo o terreno, indo ſempre com as piſtas dos pés, e mãos para ſima do terreno, que lhe fica da parte concava.

2 Deve ao paſſo, e trote marcar o terreno, paſſando ſempre a mão, e pé de dentro do centro por ſima, e por diante da mão, e pé de dentro da volta.

3 Sempre ſe deve entender por parte de dentro da volta aquella, para onde elle ſe curva, e fica mais concavo. Agora paſſo a moſtrar que couſa he andar ſobre a volta, e que couſa he a lição da volta ao revés.

Primeiramente ſe deve advertir, que quando digo que o Cavallo anda ſobre a volta, ou ſobre a circumferencia, he porque elle vence o terreno para ſima dos circulos, que vai formando, e lhe ficão, ou vai deixando da parte concava. E quando digo que anda ſobre a volta ao revés, he porque ſe dobra, principalmente a cabeça para fóra do ponto do centro, anda para ſima do terreno, que lhe fica da parte concava, e os circulos, ou linhas, que marca lhe ficão da parte convexa: logo neceſſariamente elle marca a linha mais interior do centro N. 1. com a piſta da mão eſquerda (ſe anda dobrado para a direita) paſſando a mão eſquerda por ſima, e por diante da mão direita, que marca a linha N. 2., que em tal caſo he de fóra do centro, e de dentro da volta, como ſe vê na Fig. 1. da Eſt. XXXVI.

Tambem digo que ſempre ſe deve ſuppôr que fica a volta daquella parte para onde o Cavallo olha, e ſe dobra: logo por conſequencia com as piſtas das mãos neceſſariamente ha de marcar ſempre as linhas mais proximas ao centro, e com as piſtas dos pés as linhas da maior circumferencia, porque ſó aſſim póde determinar o ſeu movimento, indo para ſima do terreno, que lhe fica da parte concava. Ora ainda que a lição de trabalhar o Cavallo com a cara, e eſpaduas contra o Pi-

lão tem alguma ſemelhança com a dos circulos de Pignateli, e com a dos circulos de Newcaſtle, porque em todas ellas os Cavallos entrão com as eſpaduas para o centro ſobre que trabalhão, com tudo faz huma conſideravel differença huma lição de outra. Trabalha o Cavalleiro hum Cavallo, aſſim que o obriga a formar hum circulo, ſeja de maior, ou menor circumferencia, olhando, e dobrando-ſe para o ponto do centro, trabalha ſobre a volta: ſemelhantemente elle trabalha na lição da volta ao revés, logo que fórma o reverſo da acção que acabo de dizer que fórma, olhando, e dobrando-ſe para o centro: por conſequencia logo que o Cavalleiro trabalha qualquer Cavallo na lição, e acção da volta ao revés para a mão direita, deve ficar o Pilão, que eſtá no ponto, do centro junto á eſpadua eſquerda do Cavallo, como ſe moſtra na ſeguinte

ESTAMPA XXXV.

Do Cavalleiro, formando hum Cavallo na lição, e acção da volta ao revés junto ao Pilão do centro, dobrando para a direita ao paſſo, e trote.

PAra o Cavalleiro dobrar hum Cavallo neſta lição para a direita, deve ter a ſua mão direita de unhas aſſima com o dedo minimo inclinado para a eſpadua eſquerda; e quanto mais conduzir deſta ſorte a mão da cernelha para a parte eſqureda, tanto mais o Cavallo ſe dobrará para a direita. A mão eſquerda deve eſtar alguma couſa mais avançada que a direita: a eſpadua direita do Cavalleiro deve atrazar-ſe, e á proporção adiantar-ſe a eſquerda: a perna eſquerda o deve ajudar com ſenſações mais activas logo atrás das cilhas, e a direita ſe conſervará junto á primeira cilha ao pé do ſovaco para com as ſuas ſenſações fazer (e ajudada do equilibrio) andar o Cavallo para diante, e ajudar a ſegurar-lhe as eſpaduas para o centro.

Eſta lição he aquella, a que commummente chamão *Reverſé* (palavra Franceza, e em Portuguez *Revezada*) por ſe formar o Cavallo no reverſo da acção que obſerva, trabalhando pelos circulos de Pignateli, e de Newcaſtle: he mais violenta que todas as antecedentes, não ſó ao galope, mas ainda de paſſo, e trote: e para a pôr em prática, deve o Cavalleiro ſentir o Cavallo entre as ſenſações das redeas, e das pernas, ſempre igual na determinação do ſeu movimento. As redeas devem eſtar ſempre na mão do Cavalleiro de tal modo ſeguras, e em tal comprimento, que as mãos, ſem ſe deſconcertarem da ſua figura, poſsão ſervir-ſe bem dellas: tanto quando o Cavalleiro levar as mãos para dentro da volta, e para fóra do centro, como levando-as para a parte do centro, e para fóra da volta.

Quando o Cavalleiro carrega, ou leva a mão direita de unhas aſſima, e a eſquerda de unhas abaixo para a parte do centro, o Cavallo une a eſpadua de dentro da volta á da parte do centro, e por conſequencia ſe dobra para fóra á proporção do que as mãos o obrigão, e da eſtreiteza do terreno em que ſe move.

Se logo que ſe encoſtar com exceſſo ſobre a eſpadua da parte do centro,

pó-

Froy delin. et sculp.

póde o Cavalleiro, para o endireitar no terreno, e na acção, levar a mão esquerda de unhas assima, do centro para dentro da volta, que o Cavallo faz no seu corpo, a fim de se endireitar, e unir a espadua de dentro do centro á de dentro da volta; mas logo que obedecer, devem as mãos tornar ao seu lugar, dando-lhe, e sustendo as redeas, para que não perca a dobra do pescoço, e se desmanche da sua figura, e acção.

O corpo do Cavalleiro deve pezar alguma cousa mais para onde o Cavallo olha, e se dobra; porque quanto mais o animal se deixa encruzar entre as redeas de dentro, ou direitas, e a perna de fóra, ou esquerda, tanto mais a força centrifuga faz sahir a parte convexa (que neste caso he a esquerda) para fóra da volta, e para trás: logo se o Cavalleiro não avançar bem a sua espadua esquerda, elle ficará torcido, e em huma figura muito desagradavel.

A mão direita do Cavallo, de dentro da volta, e de fóra do centro, segue com a direcção da sua pista a linha N. 2. da Fig. 1. Est. XXXVI., sempre com huma inclinação circular para o ponto de gravidade, e da mesma sorte he a direcção da pista do pé esquerdo; por isso hum, e outro se levantão menos da terra, e tambem porque a parte de dentro da dobra do corpo, que he a direita, fica mais unida; por isso he incontestavel que o Cavallo sustenta o maior pezo sobre a mão direita, e sobre a meia garupa esquerda, em quanto vai assim dobrado para a direita. Estando nesta lição dobrado para a direita, a parte esquerda de fóra da volta, que olha para o centro, fica muito mais dilatada, e para trás; e a parte direita se une, e levanta mais do terreno: o que he causado pela força centrifuga, pois á proporção da velocidade do movimento faz este atrazar a parte esquerda: por isso recommendo tanto que com o equilibrio do corpo sobre o estribo de dentro, ou direito, endireitem o Cavallo repetidas vezes para dentro da volta, ou parte concava, e tanto quanto elle o precisar; pois he sem dúvida que os movimentos do corpo, e equilibrio do Cavalleiro são grande parte para o Cavallo determinar os seus com obediencia, e facilidade. Logo que o Cavallo se desigualar no seu movimento, sem fazer caso das sensações das mãos, das pernas, e do equilibrio do Cavalleiro, vá elle de passo, de trote, ou de galope, se desobedecer por se desmanchar da acção, ou por ficar para trás, deve-se então ajudar com a falla, com a vara, com as barrigas das pernas, e com as esporas, e isto só no tempo em que elle o precisar, para não lhe atenuar a sensibilidade com o successivo costume, assim das ajudas, como dos castigos.

Da volta ao revés irregular.

FOrma-se a volta ao revés irregular, obrigando o Cavallo a marchar, humas vezes por todo o terreno do Picadeiro, ou parallelogrammo, outras sobre quadrados. Chamão-se estas voltas irregulares, porque nos seus angulos tem differença a velocidade do movimento da garupa, da velocidade do movimento das espaduas: sobre humas, e sobre outras vai o Cavallo sempre dobrado para fóra do centro do Picadeiro; e ou vá elle de passo, ou de trote, ou de galope, sempre o devem

vem ajudar para se dispôr a formar cada vez melhor para os circulos regulares, dobrar-se cada vez mais do seu pescoço, e obedecer com facilidade aos movimentos das mãos, e pernas do Cavalleiro em todos os manejos dobrados, ou de quatro pistas.

O Cavallo, que não se dobra com igualdade, tanto das espaduas, como do pescoço; que está inteiro, ou inflexivel para huma, ou para outra parte; que não obedece á mão das redeas, quando ella entra para dentro, ou sahe para fóra da volta; que resiste ás ajudas das pernas; que se atraza muito com a garupa, atravessando-a demaziadamente para hum, ou para outro lado, ou não tem bastante apoio; que he nimiamente colerico, e impaciente; que quer forçar a mão do Cavalleiro, hum tal Cavallo tem necessidade de ser disposto pela lição da volta ao revés irregular, na qual pelo comprimento em diversas figuras planas vai aprendendo insensivelmente a fugir das sensações da perna, dobrando-se cada vez mais do pescoço, e das espaduas, e voltando para hum, e outro lado com sujeição a huma, e outra redea, para chegar a alcançar hum apoio firme, e seguro.

Effeitos da volta ao revés regular.

A Lição da volta ao revés regular forma-se sobre circulos (Est. XXXVI. Fig. 1.), obrigando o Cavallo, quando marcha, a que marque quatro pistas, e methodicamente se costume a dobrar o seu pescoço, á proporção do que a garupa sahe para fóra do centro, levando as ancas para a direita, bem como se dobra do pescoço para esta parte: e da mesma sorte que se acha o remedio para igualar-lhe os movimentos, e acção na volta ordinaria pelo largo, para vir depois aos circulos cada vez menores, se acha tambem na volta ao revés irregular para o ir facilitando cada vez mais, para trabalhar na lição da volta ao revés regular.

A propriedade da lição dos circulos de duas, e de quatro pistas he de desembaraçar as espaduas do Cavallo, costumando-o a voltar bem sobre hum, e outro lado, adquirindo por este meio o costume de marchar com movimento igual. A propriedade da lição da volta ao revés irregular he de fazer determinar os movimentos da garupa unidos, curvando alguns espaços mais a meia anca de fóra, facil, e unido das espaduas: logo por consequencia na lição dos circulos de duas, ou de quatro pistas, trabalha-se a garupa quanto á necessidade de se igualar com os movimentos das espaduas; mas na da volta ao revés trabalha-se, fazendo-o adquirir a facilidade de sujeitar a garupa, fugindo da impressão das sensações da perna de fóra, reunindo bem a força della com a da espadua de dentro em cada segundo tempo do seu movimento.

Para se comprehender melhor a differença que ha entre a lição da volta ao revés, e a da volta natural, tenho mostrado que trabalhando sobre a volta natural, as pistas das espaduas, e da garupa andão para sima da parte convexa, e as espaduas soffrem mais o pezo de toda a máquina, do que as ancas, e por isso o Cavallo se apoia mais sobre a embocadura; e em quanto assim trabalha, tem menos movimento nas espaduas, e maior movimento na garupa: logo por consequencia

cia na lição da volta ao revés, seja ella irregular, ou regular, a garupa anda pela maior circumferencia, indo sobre a parte concava, e tem muito maior movimento do que as espaduas, porque estas entrão sempre para o centro, e a perna de fóra ajuda a sustentar o pezo das espaduas; porque em cada passo que o Cavallo dá, ella se vai mettendo para baixo do corpo, e seguindo o radio da espadua direita, como se vê na Est. XXXV., donde procede dobrar-se o Cavallo mais facilmente no espinhaço, espaduas, e pescoço, do que se dobra nas lições antecedentes.

Defezas, de que usão alguns Cavallos para fugir do trabalho a que os conduz a lição da volta ao revés.

ALguns tambem se defendem, logo que o Cavalleiro os encruza entre as forças das redeas direitas, e da perna esquerda, entezando-se sobre a mão, ou embocadura do freio, por não se alargarem das ancas, e se unirem das espaduas. Ora para o Cavalleiro lhes vencer estas difficuldades, necessariamente os deve muitas vezes fazer unir, e alargar tanto das espaduas, como da garupa. Isto se vence, levando repetidas vezes a mão esquerda de unhas abaixo da cernelha para a esquerda, contrapondo-lhe a perna esquerda para o fazer dobrar para a direita: logo para se dobrar para a esquerda, deve a mão da redea ir de unhas assima da cernelha para a direita para os fazer unir da garupa, e dobrar para a esquerda; e quando assim os fazem alargar das espaduas, elles semelhantemente se unem dellas, e se alargão da garupa; por isso se lhes devem fazer sentir com mais, e menos actividade as sensações da perna de fóra para os vencer das difficuldades tanto das espaduas, como da garupa.

Outros se defendem, ficando para trás, ou por serem froxos, ou por serem fracos, e tambem por serem muito coceguentos á perna: estes taes he melhor applicallos a outra lição, do que teimar com elles, trabalhando-os nesta; pois por muito que os Cavalleiros os obriguem com as mãos, com o equilibrio, e com as sensações das pernas, elles já mais deixaráõ de ser desagradaveis, e chegaráõ a ser aptos para este exercicio. Porém se os Cavallos tiverem possibilidade, viveza, saude, e desembaraço, ainda que usem destas, e outras semelhantes defezas, trabalhando-os o Cavalleiro por meio das lições, de que tenho feito menção, elles se irão reduzindo, e chegaráõ a formar-se em boa acção; porque estes mudão para outras defezas, e o Cavalleiro em taes casos deve muitas vezes disfarçar-lhes os seus erros para os poder com mais brandura dominar.

Desta sorte se principião a formar os Cavallos na lição, e acção da volta ao revés para a direita, seja trabalhando-os sobre os circulos do centro com as espaduas contra o Pilão ao passo, e trote para a mão direita, seja marchando por todo o comprimento das linhas da muralha, só com a differença de andarem mais sujeitos, em quanto vão sobre os circulos, como se vê na Est. XXXV., do que trabalhando sobre as linhas do parallelogrammo Est. XV.

ESTAMPA XXXVI.

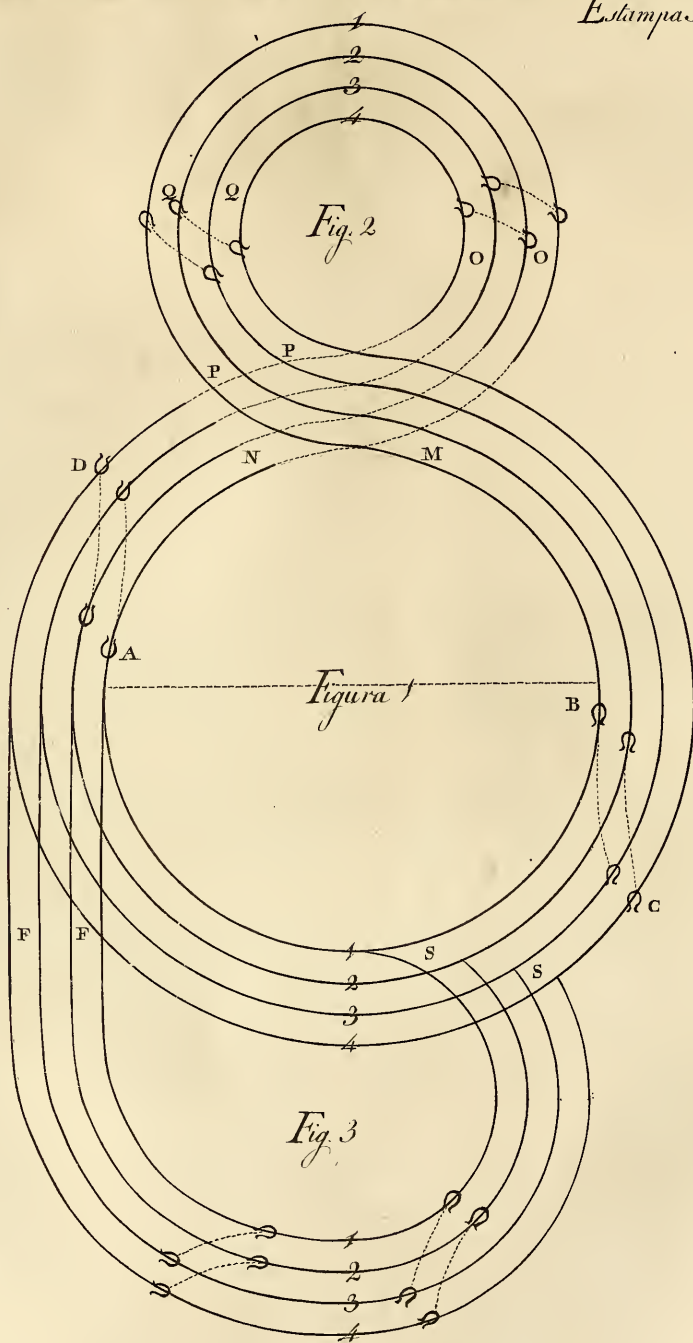
Do modo, por que o Cavallo marca o terreno, formando-ſe na lição, e acção da volta ao revés, ao paſſo, e trote dobrado para a direita, e as paſſagens de mão da direita para a eſquerda, ſahindo dos circulos da Fig. 1. para a Fig. 2., e para a Fig. 3.

PAra fazer paſſar de mão da direita para a eſquerda o Cavallo, que anda trabalhando na lição da volta ao revés regular, deve o Cavalleiro fazello paſſar da Fig. 1. para a Fig. 2., encaminhando-o de M para P, obrigando-o a que marque as linhas da maior circumferencia N. 1., e N. 2. com as piſtas das mãos, e as linhas da menor N. 3., e N. 4. com as dos pés; e chegando da Letra Q a O, fazello entrar pelas linhas de pontinhos para a Letra N da Fig. 1., deſdobrando-o da acção que até alli conſervava, fazendo-o dobrar para a eſquerda, e ſeguir as linhas da Fig. 1., marcando o terreno, como ſe moſtra nas piſtas da Eſt. XXXVIII.

Tambem ſe faz paſſar de mão o Cavallo, que anda trabalhando na lição da volta ao revés, obrigando-o a partir da Fig. 1. para a Fig. 3. pelas linhas da Letra F, fazendo-lhe ſentir mais as ſenſações da perna eſquerda para o obrigar a marcar as linhas N. 4., e N. 3. com as piſtas dos pés, e as linhas N. 2., e N. 1. com as piſtas das mãos. Neſte caſo logo que o Cavallo principia a ſahir pelas tangentes F, F, devem as ſenſações das mãos, e pernas do Cavalleiro ſer bem contrapoſtas humas ás outras, e reguladas com tal actividade, que o obriguem a formar o ſemicirculo da Fig. 3., ſem ſe deſmanchar da acção até chegar á Fig. 1., Letra S, S, em que o devem deſdobrar da direita para a eſquerda.

Modo de fazer paſſar de mão qualquer Cavallo neſta lição, cortando o terreno, Eſt. XXXVI.

PAra ſe formar a paſſagem de mão, cortando o terreno, ſem ſahir da Fig. 1., devem fazello partir pelo diametro do circulo do extremo A para B pelas linhas de pontinhos, que paſsão pelo ponto do centro, deſdobrando-o da direita para a eſquerda deſde o circulo N. 1. até ao circulo N. 4., Letra C, fazendo-o logo obſervar a meſma boa acção, em que antes da paſſagem ſe formava para a direita.

Estampa 36 Pag. 280
1
2
3
4
Fig. 2
Q
Q
O
O
P
P
N
M
D
A
Figura 1
B
C
F
F
1
S
S
2
3
4
Fig. 3
1
2
3
4

Mostra-se como o Cavalleiro deve usar das sensações das suas mãos, pernas, e corpo, quando faz desdobrar o Cavallo em qualquer destas passagens da direita para a esquerda, fazendo-o trabalhar sobre a Fig. 1., Fig. 2., e Fig. 3. da Est. XXXVI.

AS mãos do Cavalleiro devem inclinar-se para a parte de fóra da cernelha, isto he, para a parte esquerda do pescoço do Cavallo, a fim de que elle se dobre cada vez mais para a direita: em tal caso a mão direita deve trabalhar de unhas assima, a esquerda de unhas abaixo, a espadua esquerda deve avançar-se, e da mesma sorte o quadril, posto que a perna esquerda deva ajudar mais atrás da terceira cilha, e mais de chapa, a fim de o conduzir pelas linhas da Letra M para P, Fig. 2., e de Q, e O até N com a garupa ao centro para sobre a Fig. 1., Letra D o fazer desdobrar da direita para a esquerda.

No tempo em que se faz mudar o Cavallo de acção, necessariamente o Cavalleiro ha de affroxar as redeas direitas, fortalecer as esquerdas, avançar a espadua direita, atrazar a esquerda, fazer sentir ao Cavallo as sensações da perna direita mais atrás da terceira cilha, sendo logo as da perna esquerda menos activas, a qual se deve unir entre a primeira cilha, e a espadua, pois que de outro modo o Cavallo não se desdobrará da direita para a esquerda com boa ordem.

Modo, por que o Cavallo com as suas pistas marca os circulos da Fig. 1., Est. XXXVI., como tambem os da Fig. 2., e da Fig. 3. ao passo, e trote.

QUando o fazem marchar dobrado para a direita na lição da volta ao revés (sobre a Fig. 1.) a pista da mão esquerda marca o circulo N. 1., mais proximo ao centro, a da mão direita o circulo N. 2., a do pé esquerdo o do N. 3., e a do pé direito o do N. 4., isto sómente em quanto se move de passo, e de trote; pois logo que passa ao galope, a união dos balanços da galopada o faz avançar a mão direita mais do que a esquerda, e por isso a pista da mão direita marca o circulo N. 1., a da esquerda o do N. 2., a do pé direito o do N. 3., e a do pé esquerdo o do N. 4.

Em quanto as espaduas do Cavallo não passão da Fig. 1. para a Fig. 2. marca elle com as pistas das mãos as linhas mais proximas ao centro N. 1., e N. 2.; mas logo que marca os circulos da Fig. 2., de P para Q, a pista da mão esquerda marca o circulo N. 1. da maior circumferencia, a da mão direita o N. 2., a do pé esquerdo o N. 3., e a do pé direito o N. 4. mais perto do centro; mas se o Cavallo passar da Fig. 1. á segunda, galopando, chegando á Letra P, a pista da mão direita pelo balanço da galopada, com que se movem as espaduas sobre a Fig. 2., marca a linha N. 1., a da esquerda a do N. 2., a do pé direito a do N. 3., e a do esquerdo a do N. 4. mais perto do centro.

Tanto que o Cavallo pelas linhas F paſſa para a Fig. 3., a piſta da mão eſquerda marca a linha N. 1., a da mão direita a do N. 2., a piſta do pé eſquerdo a do N. 3., e a do pé direito a do N. 4., até chegar á Letra S; mas galopando-o ſobre eſta meſma Fig. 3., a piſta da mão direita marca a linha N. 1., a da eſquerda a do N. 2., a do pé direito a do N. 3., e a do pé eſquerdo a do N. 4. da maior circumferencia; e todas eſtas mudanças elle faz ao paſſo, e ao trote pelas diverſidades das figuras planas que marca; e ao galope pela união do balanço da galopada das eſpaduas, e da da garupa.

ESTAMPA XXXVII.

Do Cavalleiro, formando hum Cavallo na lição, e acção da volta ao revés, dobrando-o para a eſquerda ao paſſo, e trote.

TEndo-o o Cavalleiro feito paſſar bem de mão da direita para a eſquerda, o deve dobrar, e encruzar entre a força das redeas eſquerdas, e da perna direita, para o ir formando cada vez melhor na acção da cara, e eſpaduas contra o Pilão para a eſquerda: então deve ſegurar as redeas na mão eſquerda com o dedo minimo inclinado para a eſpadua direita, e a mão direita de unhas abaixo, levando huma, e outra da cernelha para a direita, e ponto do centro; ou tendo (como diz Newcaſtle) as redeas do freio ſeparadas, em quanto o Cavallo tem pouca facilidade. Elle recommenda iſto neſta lição por dous motivos: primeiro, porque a eſpadua eſquerda do Cavallo poſſa obliquar, e a direita unir-ſe a ella, para entrarem ambas para o ponto do centro, e para que a perna direita entre para baixo do corpo, e ſe vá unindo á eſquerda. O ſegundo, porque a eſpadua eſquerda do Cavalleiro, quando o Cavallo trabalha dobrado para eſta parte, cuſta muito a atrazar-ſe, e da meſma ſorte cuſta a direita a avançar-ſe; e ſendo iſto couſa que parece pouco eſſencial, he na verdade de grande conſequencia para ajudar muito o Cavallo a dobrar-ſe bem neſte trabalho, porque o equilibrio do corpo do Cavalleiro com a boa applicação, e força das ſenſações das mãos, e pernas o ajudão muito para unir a perna direita á eſquerda.

As ſenſações da perna direita do Cavalleiro, ou de fóra da parte concava, devem ſer mais activas; mas nem por iſſo pertendo que deixem de ajudar o Cavallo com ambas as pernas, quando elle determinadamente ficar para trás, ou tambem quando ſe deſigualar no movimento, e andar com a garupa, de ſorte que paſſe com exceſſo a piſta do pé de fóra, ou direito, além do radio, da linha da mão de dentro, ou eſquerda: he bem verdade que iſto raras vezes acontece; mas quando ſuccede, deve o Cavalleiro com a perna eſquerda (ſe o Cavallo anda dobrado para eſta parte) ajudar mais atrás da terceira cilha, para elle ſe endireitar, e igualar entre ambas as mãos, ou redeas, e entre ambas as pernas, ou eſporas: o meſmo ſe deve entender pelo que reſpeita ao tronco do corpo do homem, tanto nos ſeus movimentos, como no modo de ſe equilibrar ſobre os eſtribos.

Todos ſabem que os Cavallos deſtinados para eſtes exercicios devem ſer bem for-

Silva del et sculp

formados, promptos, fortes, e fensiveis; e como os que tem estas qualidades ordinariamente são colericos, devem principiar a formallos nesta lição, conduzindo-os ao seu conhecimento com humas sensações, e castigos muito moderados, não só para não lhes atenuar a sensibilidade, mas para que não lhes exaltem a paixão em quanto são ignorantes, de sorte que os obriguem a defender-se, e por isso desobedeção com excesso.

O trabalho desta lição he o mais violento para os Cavallos de quanto nesta Arte se tem inventado nos ares perto da terra, principalmente ao galope; porque por muito que o Cavallo rebata os movimentos das espaduas para sima da garupa, já mais com a perna de dentro da volta, e de fóra do centro alcança o ponto de gravidade, antes o pé de dentro do centro, e de fóra da volta (que he o direito, em quanto o Cavallo se dobra para a esquerda) he o que segue as linhas das espaduas com huma direcção mais obliqua, ainda que quando elle vai galopando se avance sempre mais a mão, e pé de dentro da volta.

Quanto menor he o circulo, ou quadrado, em que o Cavallo se move, tanto maior he a velocidade dos seus movimentos da garupa, e mais apertados os movimentos das espaduas; porque na lição da volta ao revés não só he certo que as espaduas ficão mais unidas, por trabalharem sobre circulos menores, e tem menos movimento do que a garupa, mas que o pezo do Cavallo, e do Cavalleiro recahe mais sobre ellas, e sobre a perna de fóra: e este he o unico trabalho em que as ancas podem sahir ambas para fóra dos radios dos circulos das espaduas; e quanto mais o Cavallo entrar com as ancas das linhas das espaduas para a esquerda (em quanto for dobrado na acção da volta ao revés para esta parte) tanto mais o pezo ha de recahir sobre a espadua de dentro da volta N. 2., ou esquerda, e sobre a perna de fóra, ou direita N. 4.

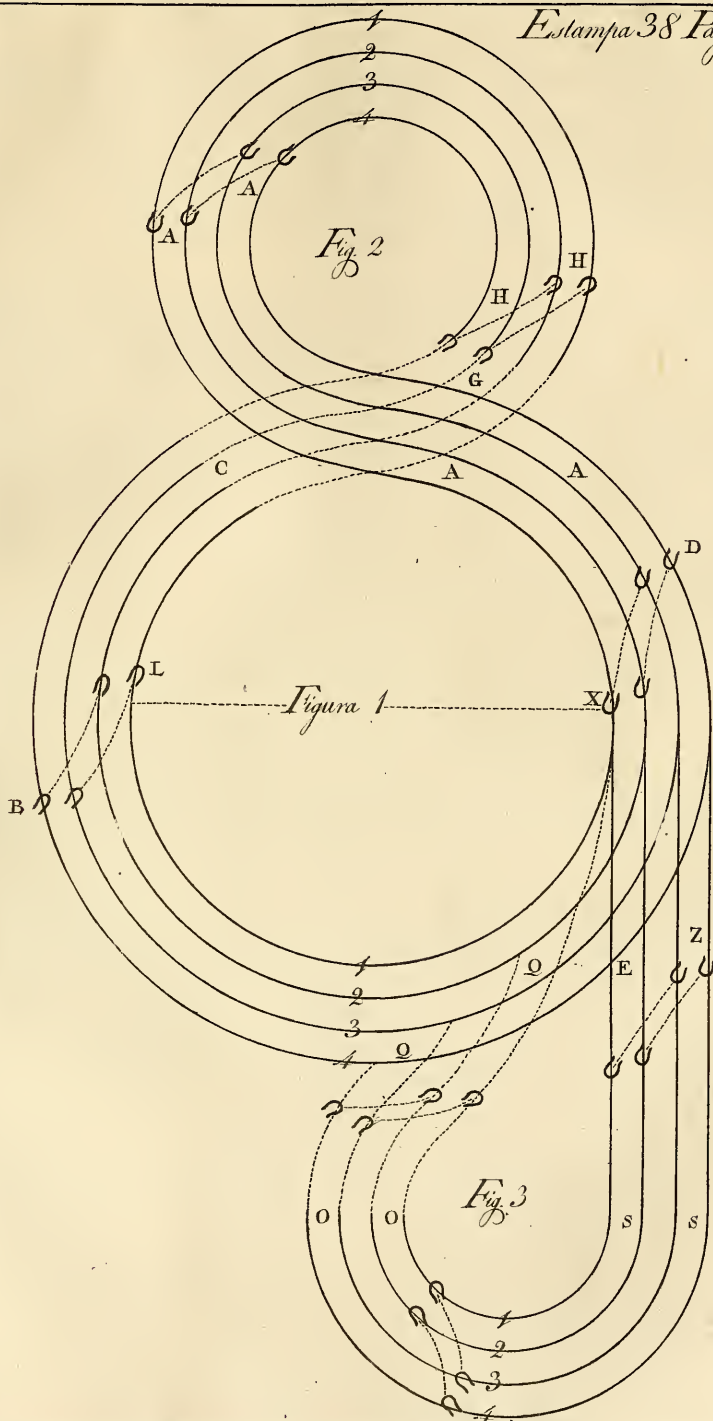
Isto se deve entender sempre da mesma sorte, ou o fação trabalhar nesta lição dobrado para a direita, ou para a esquerda, e ande embora em hum circulo pequeno, ou em huma grande volta, como tambem sobre o quadrado, á excepção de ser maior, ou menor a velocidade com que o movimento se produz nas espaduas, e na garupa. Logo elle na lição da volta ao revés dobrado para a esquerda marca o terreno com as pistas das mãos, e pés, como se demostra na seguinte Estampa.

ESTAMPA XXXVIII.

Do modo, por que o Cavallo marca o terreno com as piſtas das mãos, e pés, trabalhando na lição da volta ao revés dobrado para a eſquerda, marchando de paſſo, e trote ſobre a Fig. 1., ſobre a Fig. 2., e ſobre a Fig. 3.

QUando ſe faz marcha dobrado para a eſquerda na lição da volta ao revés (ſobre a Fig. 1.) a piſta da mão direita marca o circulo N. 1. mais perto do centro, a da mão eſquerda o circulo N. 2., a do pé direito o circulo N. 3., e a do pé eſquerdo o circulo N. 4.: iſto ſe deve entender em quanto elle ſe move de paſſo, ou de trote; mas tanto que paſſa ao galope, a união do balanço da galopada o faz avançar a mão eſquerda no balanço das eſpaduas, e no da garupa avança o pé eſquerdo; por iſſo a piſta da mão eſquerda, galopando ſobre a meſma Fig. 1., marca o circulo N. 1., a da mão direita o N. 2., a do pé eſquerdo o N. 3., e a do pé direito o N. 4., &c.

Tanto que o Cavallo entra ao paſſo, e trote das linhas de pontinhos Letra C, da Fig. 1. para a Fig. 2., marca a linha da maior circumferencia N. 1., com a piſta da mão direita, com a da mão eſquerda a linha N. 2., com a do pé direito a N. 3., e com a do eſquerdo a linha N. 4. mais proxima ao centro; porém logo que elle paſſar do paſſo, ou do trote ao galope, marcará com a piſta da mão eſquerda pela meſma Fig. 2. o circulo N. 1., com a da mão direita o circulo N. 2., com a do pé eſquerdo o circulo N. 3., e com a do pé direito o circulo N. 4. mais chegado ao centro.

Paſſando-o pois da Fig. 1. para a Fig. 3. (de paſſo, e trote) pelas linhas E, Z até S, marca a linha N. 1. mais perto do centro com a piſta da mão direita, com a da mão eſquerda a linha N. 2., com a do pé direito a linha N. 3., e com a do pé eſquerdo a linha N. 4. da maior circumferencia; mas ſe paſſa ao galope pela união do balanço das eſpaduas, a piſta da mão eſquerda (pela meſma Fig. 3.) marca a linha N. 1., a da direita a do N. 2., a do pé eſquerdo a do N. 3., e a do direito a do N. 4. da maior circumferencia.

Mo-

Estampa 38 Pag. 284
Fig. 2
Figura 1
Fig. 3
1
2
3
4
A
A
A
A
H
H
G
C
D
L
X
B
Z
E
Q
Q
O
O
S
S

Modo, por que se formão as passagens de mão, trabalhando-o na lição da volta ao revés da esquerda para a direita; como tambem a ordem, pela qual o Cavalleiro deve determinar os seus movimentos para obrigar qualquer Cavallo a passar de mão.

Deve o Cavalleiro encaminhar o Cavallo da Fig. 1. (Est. XXXVIII.) para a Fig. 2. pelas linhas de pontinhos Letra C para G, H, e A, tendo o seu corpo para trás, e firme, obrigando-o com as sensações das redeas esquerdas, e da perna direita a marcar com as pistas das mãos as linhas da maior circumferencia, e com as dos pés as de menor, encruzando-o bem entre a força de humas, e outras sensações por toda a Fig. 2. até chegar á Letra A da Fig. 1.; e segurando-o então bem sobre a meia garupa esquerda, o desdobrará da acção, como em outra qualquer passagem feita da esquerda para a direita.

Com as sensações das redeas esquerdas, e da perna direita se obriga o Cavallo a passar de mão, quando trabalha na lição da volta ao revés, fazendo-o partir da Fig. 1. para a Fig. 3. pelas linhas das Letras E, e Z: então as sensações da perna direita devem ser mais activas para o obrigar a marcar com as pistas dos pés as linhas da maior circumferencia, e com as das mãos as da menor, e o Cavalleiro o deve ir encruzando cada vez mais entre as forças das redeas esquerdas, e da perna direita, principalmente da Letra S para O, segurando-o bem pelas linhas de pontinhos sobre a espadua direita, para o fazer na passagem desdobrar da esquerda para a direita sobre as linhas da Fig. 1., Letra Q.

Em quanto o Cavallo vai caminhando, seja pelas linhas da Fig. 1., Fig. 2., ou pelas da Fig. 3., deve o Cavalleiro repetidas vezes dar-lhe, e suster as mãos, tendo a esquerda pela maior parte de unhas assima, e a direita de unhas abaixo, affroxando, e fortalecendo as sensações de huma, e de outra redea, como tambem de huma, e de outra perna, de modo que o Cavallo se resolva por ellas a marchar com facilidade, para que não se obstine, e resista a algum dos seus movimentos, não só conduzindo-o com as espaduas pelas linhas da maior circumferencia, como se vê na Fig. 2., como tambem conduzindo-o com a garupa pelos semicirculos maiores, como na Fig. 3. o mostrão as pistas, por onde sempre se deve encaminhar, porque só por este modo se faz obedecer com facilidade ás sensações das mãos, e pernas do Cavalleiro, para se desdobrar bem da esquerda para a direita.

Chegando ao lugar da passagem, seja ella formada de G para C, ou de O para Q, necessariamente o Cavalleiro ha de affroxar as redeas esquerdas, encurtar, e fortalecer as direitas, avançar a espadua esquerda, atrazar a direita, segurar-lhe a perna esquerda atrás da terceira cilha; e se for preciso para lhe obrigar mais a garupa, tella mais de chapa, affroxando a perna direita, unindo-a entre a primeira cilha, e a espadua, obrigando-o ao mesmo tempo com as sensações do equilibrio do corpo, com as de ambas as pernas, e de ambas as redeas a que se desdo-

bre

bre da esquerda para a direita, e determine toda a sua direcção, e movimentos depois da passagem, como se mostra na Est. XXXV.

Por semelhante modo se obriga o Cavallo a formar tambem na lição, e acção da volta ao revés sobre as linhas do parallelogrammo Est. XV. A, G, O, marcando as pistas das mãos as linhas do centro B, H, e as da garupa as linhas da muralha. Não obstante o que tenho dito dos referidos modos de passar de mão, póde o Cavalleiro fazello passar de mão da lição da volta ao revés para aquella, que lhe parecer mais conveniente, e util; pois o meu intento he mostrar unicamente o modo, por que se formão as passagens de mão, trabalhando-o na lição da volta ao revés, tanto distribuindo o Cavallo os seus movimentos das espaduas pelas linhas da maior circumferencia do circulo, e semicirculo, sobre que se fórma a passagem, como tambem obrigando-o a marchar com as pistas da garupa pelas linhas da maior circumferencia: advertindo que quando elle marca as linhas maiores do circulo, ou dos semicirculos com as pistas das mãos, fica apoiando-se o pezo mais sobre a garupa, do que sobre as espaduas; e quando marca o circulo, ou os semicirculos da maior circumferencia com as pistas dos pés, recahe o seu pezo mais sobre as espaduas, do que sobre a garupa.

Modo de ensinar o Cavallo a galopar na lição da volta ao revés.

PAra fazer galopar qualquer Cavallo na lição, e acção da volta ao revés com a testa, e espaduas contra o Pilão, se obriga por meio das mesmas diligencias, que ficão expendidas nesta lição, trabalhando-o de passo, e de trote; mas logo que passa ao galope, infallivelmente perde o movimento que tem de cruzar, e passar ao passo, e trote a sua mão, e pé de dentro do centro por sima, e por diante da mão, e pé de dentro da volta; porque preparando-se para galopar, a espadua, e meia anca da parte do centro se une á espadua, e meia anca de dentro da volta; isto he, logo que anda dobrado para a direita, une a meia parte esquerda, que fica da parte do ponto do centro á direita, que fica da parte de dentro da volta, ou dobra de todo o seu corpo; e quando anda dobrado para a esquerda, une a meia parte direita á esquerda pelo mesmo motivo.

O Cavallo fórma o balanço da galopada na acção da volta ao revés, marcando os mesmos tempos com que fórma o galope em outra qualquer lição, á excepção do terra á terra, com a differença porém de não recolher bem a perna de dentro da volta para baixo do corpo tanto como a de fóra, antes se firma sobre a perna esquerda, quando anda dobrado para a direita, e por consequencia elle se firma sobre a direita mais, andando dobrado para a esquerda. Logo tanto galopando sobre a mão direita, como sobre a esquerda, a mão da parte concava, e a perna da parte convexa vão equilibrar o pezo mais debaixo do ponto de gravidade: a mão, porque o maior pezo do balanço da galopada vai recahir mais sobre ella; e a perna, porque entra mais para baixo do corpo, e do ponto de gravidade.

Mo-

Motivos, por que muitos Cavallos ſe deſigualão dos ſeus movimentos, trabalhando na lição da volta ao revés.

DE quatro cauſas procedem as deſigualdades, que os Cavallos tem nos ſeus movimentos, trabalhando neſta lição. Primeira, por ſerem mal formados: ſegunda, por ſerem fracos: terceira, por eſtarem arruinados com moleſtias nos ligamentos das juntas das pernas, e outras partes do corpo: e a quarta, pelos enſinarem com ruim methodo. Ora ainda que o coſtume tem hum grande poder ſobre os brutos, com tudo hum Cavalleiro póde remediar bem eſte ultimo defeito; porém os tres primeiros não, porque procedem da incapacidade, da falta de ſaude, e da fraqueza do Cavallo. He certo que não tendo elle igualdade no movimento, não póde trabalhar com perfeição em lição alguma, e a da volta ao revés ſerve para reduzir obedientes aquelles, que a natureza conſtituio bem formados, fortes, iguaes, e flexiveis, com huma paixão moderada, e com boa propensão, e memoria: motivos, por que he certo que a Arte aperfeiçoa a natureza; mas não dá aos Cavallos aquellas qualidades, que elles abſolutamente não tem.

Lição para paſſear o Cavallo no ſeu comprimento, dobrando-o para a direita.

QUando o Cavalleiro quizer fazer paſſear hum Cavallo por tão pequeno circulo, que tenha eſte ſómente o radio do comprimento do corpo do animal, deve-ſe ter a correa direita mais firme com a mão direita, voltada de unhas aſſima, e o dedo minimo inclinado para a eſpadua eſquerda; e a mão eſquerda com as unhas voltadas para a barriga, adiante do cepilho da ſella alguma couſa mais alta que a direita, para muitas vezes ajudar a eſpadua de fóra, ou eſquerda a unir-ſe á eſpadua de dentro: o que ſe vence, entrando ella muitas vezes de unhas aſſima de fóra para o centro.

As pernas do Cavalleiro devem unir-ſe ao ventre do Cavallo, e as ſenſações da eſquerda devem ſer mais activas que as da direita; porém de ſorte ſucceſſivas, e as das redeas contrapoſtas humas ás outras, que a actividade aſſim das ſenſações das mãos, como a das pernas fação o Cavallo facil, e attento a ellas; pois os diverſos movimentos das mãos, e pernas do Cavalleiro influem com a ſua applicação, e força para fazerem andar o Cavallo para diante ſobre linhas rectas; e da meſma ſorte o obrigão a marchar ſobre linhas obliquas, ou tambem ſobre linhas curvas, ſeja obliquando na lição das eſpaduas ao centro, na lição da cara contra a muralha, e na da volta ao revés, ou ſeja na lição da garupa junto ao ponto do centro, para que as eſpaduas marquem as linhas da maior circumferencia com movimento facil, deſembaraçado, e igual, não tendo o circulo mais diſtancia na ſua área do que aquella, que diſta das piſtas dos pés ás piſtas das mãos, como ſe moſtra na ſeguinte Eſtampa.

ESTAMPA XXXIX.

O Cavalleiro, paſſeando hum Cavallo ſobre circulos de radio do ſeu comprimento, dobrando-o para a direita.

A Parte direita do corpo do Cavallo, quando eſte ſe dobra para a mão direita, fica mais unida, e mais concava; e a parte eſquerda, ou de fóra, fica neceſſariamente mais dilatada por effeito da ſua convexidade: o pé, e a mão de fóra devem (para vencer a maior porção de terreno, que tem para tranſitar, e para ſe unirem ao pé, e mão de dentro, ou direitos) fazer a ſua poſição por ſima, e bem por diante do pé, e mão direita, porque de outra ſorte neſta lição não póde o Cavallo andar bem, e para diante: e he certo que em perdendo o movimento circular, e não fazendo a poſição do pé, e mão eſquerda bem por ſima, e por diante do pé, e mão direita, elle com o pé, e mão de fóra alcançará o pé, e mão de dentro: pelas quaes razões, ainda que o Cavallo vá pouco dobrado, ſempre que andar neſta lição, deve determinar os ſeus movimentos do pé, e mão de fóra por ſima do pé, e mão de dentro, ou parte concava.

Defezas, de que usão alguns Cavallos para ſe eximir do trabalho deſta lição.

AS defezas, de que elles usão muitas vezes, tem origem na falta de poſſibilidade, na falta de coſtume, na má condição do animal, na falta de ſenſibilidade, na ſua má conſtrucção, no pouco folgo, e em ſer coceguento á perna, ou inſenſivel a ella.

Os Cavallos, que tem pouca força, principalmente no eſpinhaço, curvilhões, e eſpaduas, quando os obrigão a que obliquem ſobre hum, ou ſobre outro lado, correſpondem com huns movimentos de eſpaduas froxos, encolhem-ſe quando os obrigão com a perna, e não fazem caſo das ſenſações das mãos, e corpo do Cavalleiro, ſenão quando ellas são impellidas de huma grande força: eſtes taes a ſua maior defeza he lançar-ſe ſobre a eſpadua de fóra, abandonando-ſe com exceſſo ſobre a embocadura do freio, e ſe diz que *deſcanção ſobre a mão*: em taes caſos deve o Cavalleiro para os remediar fazer-lhes muitas meias paradas firmes, ſem os deixar dobrar muito para dentro, trazendo a mão de fóra muitas vezes para dentro da volta.

Para ſe encaminharem os que não tem uſo neſta lição, e tem incerteza nos movimentos, he preciſo ao Cavalleiro ſer muito agil na applicação do ſeu corpo, mãos, e pernas, maiormente ſe elles são colericos, e confuſos; mas eſtes cuſtão menos a conduzir na acção, que ſe repreſenta na Eſt. XXXIX., do que aquelles, que são fracos. O Cavalleiro deve encaminhar os colericos com ſenſações mais moderadas, amançando-os muito para lhes applacar a colera, e a confusão. Todos elles em quanto são ignorantes ordinariamente ſe defendem por muitos modos;

mas

Silva delin.t Luis Ferñz Piedra sculp.t

mas os que tem as referidas qualidades, não tem tenacidade em huma só defeza, antes mudão de humas para outras, e por isso são mais faceis de vencer por meio de sensações bem applicadas.

Os que tem má condição, pela maior parte se defendem, mordendo a embocadura do freio, sacudindo a cabeça, ou saltando furiosos: estes se duvidão obedecer, he preciso não ateimar com elles rigorosamente, mas sim usar de os fazer passar muitas vezes de mão, e de huma para outra lição, applicando-lhes humas sensações muito moderadas, e instantaneas, obrigando-os a que dem algumas voltas ao revés em differentes terrenos, parando-os muitas vezes, affagando-os, e tornando-lhes a repetir a lição até elles cederem. A'quelles, que resistem por este modo, he tambem conveniente dar-lhes as lições mais dilatadas até obter delles com a maior moderação a pertendida obediencia; pois sendo de outra sorte obrigados, muitas vezes se defendem com os mais vigorosos esforços a que os animaes da sua especie podem alcançar.

Os que tem falta de sensibilidade, ordinariamente custão muito a vencer, e dominar, porque fazem pouco caso das sensações produzidas pelos movimentos das mãos, pernas, e corpo do Cavalleiro: elles por consequencia vão sobre a mão, e sobre a perna, maiormente quando os obrigão a formar na difficil lição de passear sobre os circulos do seu comprimento; e se tomão algum máo costume, ou defeza, custão muito a remediar; por isso o prudente Cavalleiro deve regular-lhes a actividade dos castigos, o tempo da lição, a dobra do pescoço, e corpo, e a capacidade de terreno, em que deve trabalhar com muita attenção ás suas difficuldades.

Os Cavallos defeituosos na construcção necessariamente hão de ser menos vistosos, e na ruim formalidade das suas juntas consiste a mais certa origem das suas difficuldades. Exemplo: Se o Cavallo tiver as pernas muito direitas, ha de defender-se, tendo a garupa alta, quando o obrigarem a que use mais della que das espaduas: se for baixo da agulha, tiver as espaduas carnosas, o pescoço curto, e mal formado, tendo da mesma sorte à cabeça grossa, e carnosa, tambem se ha de defender, não se levantando por diante, quando o obrigarem a que use de levantar os movimentos das espaduas para sima dos da garupa; e commummente a defeza de huns, e de outros he fugir para fóra da volta, ficando para trás: o Cavalleiro pois deve empregar todas as diligencias para os fazer andar para diante. Isto supposto, os Cavallos muitas vezes se defendem, porque a sua organização não os deixa formar na acção, que delles se pertende, e muitas vezes he de tal sorte a causa interna, que se não deixa penetrar. Tendo o Cavalleiro empregado as diligencias da Arte para o ensinar, e o tempo competente, se o Cavallo não he proprio para esta lição, devem passallo a outra, em que possa ser util.

Os Cavallos, que tem pouco folgo, tambem lhes custa muito trabalhar na lição dos circulos do seu comprimento, elles se fatigão, porque tem os orgãos da respiração apertados; e quando trabalhão, de tal modo se agitão, que perdem o vigor, e o acordo: destes a mais ordinaria defeza he extenderem-se com movimentos laxos, e froxos sobre a embocadura do freio, sem corresponderem bem aos

movimentos das mãos, ou ſenſações das caimbas, antes ſe abandonão ſobre a embocadura, e ſobre as eſpaduas, indo ao meſmo tempo para diante com repugnancia : em tal caſo deve o Cavalleiro obſervar qual he a razão, por que o Cavallo he falto de folgo, para lhe regular a applicação das lições, e dilatallas de ſorte, que vá adquirindo mais preſtimo.

Os Cavallos coceguentos, e que tem má ſenſibilidade, detem-ſe á eſpora, e ás vezes á falla, e á vara; e fazendo algumas operações naturaes com os olhos chammijando colera, vão ſobre o caſtigo tranſportados da mais furioſa raiva: elles não são por conſequencia promptos na direcção dos movimentos; e ſe os obrigão, principalmente com o caſtigo da eſpora, e da vara, pegão-ſe, iſto he, ficão determinadamente parados: a eſtes he preciſo, antes que os pertendão formar na lição dos circulos do ſeu comprimento, havellos determinado bem nas lições precedentes pelo quadrado, fazendo-lhe ſentir pelo largo as ſenſações (a que elles repugnão detendo-ſe) muito inſtantaneamente, e as menos vezes que puder ſer, a fim de que obedecendo com facilidade, os poſsão vir a trabalhar na lição dos circulos do ſeu comprimento, bem junto ao Pilão.

Finalmente reveſtem-ſe os Cavallos deſtas, e de outras defezas (para fugir da ſujeição): de humas, porque na eſtructura do ſeu corpo tem natural embaraço; e de outras, porque as ſenſações, com que os obrigão, e a capacidade do terreno, por que os querem conduzir, he incompativel com a propriedade, organização, genio, e poſſibilidade do Cavallo.

Modo, por que o Cavalleiro deve firmar a ſua figura, trabalhando-o para a direita.

DEve conſervar o ſeu corpo aſſentado no meio da ſella para encruzar o Cavallo bem entre as forças das redeas direitas, e da perna eſquerda, tendo a mão direita de unhas aſſima, e o ſeu dedo minimo inclinado para a eſpadua eſquerda, com o pulſo flexivel, e na altura que o Cavallo o preciſar: a eſpadua direita deve atrazar-ſe á proporção da eſtreiteza do circulo, de maneira que o Cavalleiro poſſa ver bem pela parte direita as linhas dos circulos, pelas quaes o faz marchar, para apoiar o ſeu equilibrio mais ſobre o eſtribo direito quantas vezes for preciſo, tanto para o endireitar no terreno, quando as mãos carregão, ou entrão para o centro, ou para fóra delle, como para o igualar nos ſeus movimentos, e acção.

Paſſagens de mão da direita para a eſquerda, trabalhando o Cavallo nos circulos, que tem o radio do comprimento do ſeu corpo, ſem mudar de terreno.

PAra paſſar de mão, ſem que ſe faça ſahir o Cavallo dos circulos, em que trabalha, marchando dobrado para a direita, deve o Cavalleiro obrigallo a que vá igual no movimento, e direcção, contendo-o entre as ſenſações de ambas as redeas, e de ambas as pernas, e detendo-o na velocidade, de ſorte que ſe apoie mais

mais

mais sobre a meia anca direita, que sobre a esquerda, e então desdobrallo para a esquerda, tendo-lhe a mão esquerda de unhas assima, rendendo-lhe a direita de unhas abaixo, affroxando as sensações da perna esquerda, fortalecendo as da perna direita, avançando a espadua direita, atrazando á proporção a esquerda, pois todas estas sensações, e diligencias o fazem mudar de acção; e sendo assim continuadas depois da passagem, ellas o obrigão, e facilitão para continuar o seu trabalho no mesmo terreno com aquella perfeição, com que antes da passagem elle formava os mesmos circulos, só com a differença de haver mudado de acção, e dobra no corpo da direita para a esquerda.

Passagens de mão, fazendo-o sahir da circumferencia, vindo por hum angulo completalla sobre o mesmo terreno em que o trabalhão.

TAmbem se póde fazer passar de mão qualquer Cavallo, fazendo-o sahir da circumferencia por hum angulo mais, ou menos agudo, para vir pelo seu arco, ou semicirculo formar a passagem sobre a periferia, em que andava antes de principiar a formar o angulo; e chegando á primeira linha da circumferencia das espaduas, devem fazello entrar com as ancas para o centro, e desdobrar a sua acção da direita para a esquerda: as sensações das mãos, pernas, e corpo do Cavalleiro são postas em prática, como quando se faz passar o Cavallo sem sahir dos circulos do seu comprimento, e depois da passagem deve continuar-se a fazer trabalhar tão igual na sua figura, e movimento para esta parte, como se deve dobrar, e mover, trabalhando na mesma acção sobre a mão direita.

Póde o Cavalleiro trazer a vara cruzada sobre o pescoço do Cavallo, em quanto o faz marchar sobre a direita; e logo que o faz passar para a esquerda, já deve ter a vara ou levantada, ou da parte direita, para que sendo preciso o ajudallo sobre a parte de fóra esteja prompta: ora se o Cavallo ao leve toque da vara não obedecer, unindo a espadua de fóra á de dentro, menos se unirá, se lhe derem com a vara fortemente, porque esta sensação só faz bom effeito em Cavallos sensiveis, sendo o toque sempre delicado.

Lição para passear o Cavallo no mesmo circulo dobrado para a esquerda.

O Cavalleiro o obrigará a ir para diante, ajudando-o com a perna direita, e com as redeas esquerdas para se formar em boa acção, sustentando-lhe a mão esquerda de unhas assima com o dedo minimo inclinado para a espadua direita, conservando o pulso facil sobre o cepilho da sella, e na altura que o Cavallo precisar: o corpo deve andar bem assentado, e direito no meio da sella para não se desencontrar a acção da figura do corpo do Cavalleiro das linhas circulares, por que o Cavallo determina a sua direcção; e para apoiar o seu pezo mais sobre a parte concava, todas as vezes que for preciso, tanto para o indireitar no terreno,

como para o igualar no movimento por meio da actividade das fenfações, ou da moderação dellas.

A mão efquerda de unhas affima, fahindo da cernelha para a direita, faz unir a efpadua efquerda do Cavallo á efpadua direita, e dá liberdade á perna efquerda para fe alargar mais para o centro: pelos mefmos motivos a redea direita, entrando a mão direita de unhas affima da cernelha para a efquerda, faz unir a efpadua direita á efquerda; e a perna direita do Cavallo pelas mefmas caufas fahe para fóra, e para trás.

Deve o Cavalleiro trazer repetidas vezes a mão de fóra para dentro da volta, para que as efpaduas do Cavallo fe rendão mais flexiveis: e logo que elle fe endireitar dellas, obedecendo ás redeas com facilidade, devem tornar as mãos ao feu lugar, para que no tempo, em que a efpadua de fóra fe une á de dentro, não perca totalmente a acção na dobra do pefcoço, e corpo. O equilibrio do Cavalleiro deve pezar mais fobre o eftribo efquerdo, principalmente quando as mãos entrão para dentro da volta, a fim de ajudar com o feu pezo a direcção circular, e o Cavallo ter mais liberdade na parte de fóra para fe levantar das efpaduas, e rebater igualmente bem os feus movimentos para fima da garupa, e fe formar na acção que fe moftra na feguinte

ESTAMPA XL.

Do Cavalleiro, paffeando o Cavallo no radio do feu comprimento, dobrando-o para a efquerda; e modo, por que elle marca o terreno com as piftas das mãos, e pés ao paffo, e trote.

QUando o fazem paffear pelo circulo, que tem fómente do radio o comprimento do feu corpo, indo dobrado para a direita, a pifta da mão efquerda marca o circulo N. 1., a da direita o N. 2., a do pé efquerdo o N. 3., e a do direito o N. 4. mais proximo ao centro.

Trabalhando dobrado para a efquerda, a pifta da mão direita marca o circulo N. 1., a da efquerda o N. 2., a do pé direito o N. 3., e a do efquerdo o N. 4., como fe moftra na Eft. XXXIX. e XL. As correas de vencer são boas para trabalhar aos Cavallos nefta lição, porque ellas augmentão a potencia do braço do Cavalleiro tres, ou quatro vezes mais do que as redeas ordinarias do cabeção; e quanto mais a mão as puchar para trás das arçoeiras (Eft. IX. Fig. 17. Letra M, e da caixa da fella Letra S) tanto mais o Cavallo fe dobrará do pefcoço, e efpaduas: ifto juftifica fer o feu effeito bom, principalmente na lição da tefta ao muro, ou da cara contra a muralha, na da garupa ao Pilão, ou ao centro, igualmente nos trabalhos reverfos.

Com as redeas ordinarias do cabeção não podem os Cavalleiros dobrar os Cavallos tanto, como fervindo-fe elles das correas de vencer, ainda que com as redeas ordinarias fe levanta o Cavallo melhor para fima, e fe faz mais ligeiro na

mão,

Silva delin.t

Luis Fern.z Piedra sculp.t

mão, por isso devem principiar a usar das correas de vencer, quando elle estiver já alguma cousa facil, e obediente ao cabeção.

Lição do Terra á terra.

Leis pertencentes á determinação dos movimentos do corpo do Cavalleiro, formando o Cavallo nesta lição.

1 DEve o Cavalleiro assentar-se bem no meio da sella para alcançar o ponto do equilibrio, e pezar alguma cousa mais sobre o estribo de dentro que sobre o de fóra da volta, para se conservar em boa acção, e ter melhor movimento nas mãos, e pernas.

2 A frente do peito do Cavalleiro deve perfilar-se com as linhas da circumferencia, por onde o Cavallo segue os movimentos das espaduas.

3 Deve olhar para o ponto do centro de maneira, que veja bem o terreno, por onde faz marchar o Cavallo; e tambem para quando o faz determinar com mais velocidade, poder a espadua de fóra avançar-se huma sexta porção do circulo para dentro da volta, a fim de ajudar o Cavallo a que volte com mais rapidez para o centro della.

4 Com ambas as redeas, e ambas as pernas successivamente deve contrapôr humas a outras sensações, de maneira que encruze o Cavallo bem entre as das redeas de dentro, e da perna de fóra.

5 O Cavalleiro deverá obrigar o Cavallo alternativamente a que marque o terreno com as pistas das mãos, e pés em huma circumferencia igual, seja trabalhando-o sobre o circular, ou sobre o quadrado regular, e parallelogrammo.

Leis pertencentes aos movimentos dos Cavallos.

1 DEvem deixar-se encruzar entre as sensações das redeas de dentro, e da perna de fóra, sem forçar a mão, para se desdobrar da acção, e sem desobedecer á perna.

2 Por effeito da sujeição da perna do Cavalleiro da parte de fóra, e das redeas da parte de dentro, devem rebater os movimentos das espaduas bem para sima dos da garupa, a fim de obter a facilidade de redobrar o movimento das espaduas, sem se desmanchar da dobra do corpo: o que não poderão fazer sem adquirir a precisa inclinação circular para o ponto do centro.

3 Trabalhando tanto sobre a mão direita, como sobre a esquerda, deve dobrar-se com igualdade de acção; e o ponto do centro he sempre da parte, donde o Cavallo está mais concavo.

4 O balanço das espaduas deve continuar-se com dous tempos dellas para a garupa; e o das ancas da mesma sorte para as espaduas, formando tambem hum com cada anca, a fim de que os movimentos do terra á terra sejão quadrenarios, não obstante a sua velocidade.

De-

Depois do Cavallo bem direito no chão, isto he, andando facil sobre linhas rectas para diante, como tambem desembaraçado, e dobrado na lição da garupa á muralha; e das espaduas para o centro para huma, e outra mão, ao passo, ao trote, e ao galope, já na lição da volta ao revés, já na da testa á muralha, trazendo em todas as referidas lições as espaduas bem adiante da garupa, o podem principiar a dispôr para a do terra á terra, humas vezes sobre a circumferencia de hum grande circulo, e outras com a garupa mais junto ao Pilão, ou tambem sobre o quadrado, como passo a mostrar.

Definição do Terra á terra em commum.

O Terra á terra he hum galope, ou seguimento de pequenos saltos, que o Cavallo faz perto da terra, ou determine o seu movimento sobre a circumferencia de huma grande volta, ou de hum pequeno circulo, ou tambem sobre as linhas do parallelogrammo (Est. XV., A, B, G, H, O, P), ou tambem sobre as linhas do quadrado regular (Est. XLV., A, B, C, D), sendo que sobre os circulos (Est. XLII., A, B, C, D, Fig. 1., e Est. XLIV.) he que o Cavallo toma melhor os tempos do terra á terra.

Todos os Cavalleiros devem imitar a SS. AA. para ensinarem, e disporem bem os Cavallos destinados para esta lição, e devem precisamente primeiro que os obriguem a mover-se, dispôr-se a si conforme a primeira lei desta lição, assentando-se bem no meio da sella, pezando com o equilibrio do corpo alguma cousa mais sobre o estribo de dentro da volta para lhe ajudar a inclinação circular do corpo para o centro: devem ter a mão direita de unhas assima, segurando-lhe a redea do cabeção, ou correa de vencer bem fechada nella com o dedo minimo inclinado para a espadua esquerda, e da mesma sorte as redeas do freio devem ser bem fechadas, e seguras na mão esquerda, conservando esta alguma cousa de unhas abaixo, mas prompta a ajudar o Cavallo para dentro, quando elle o precisar: devem atrazar a espadua direita, avançar á proporção a esquerda, tendo todo o corpo em huma acção forte, e viva, de modo que o Cavallo se levante ao galope, e delle por effeito das sensações do corpo, mãos, e pernas passe a marcar de quando em quando alguns tempos do terra á terra.

Encruzando o Cavalleiro o seu Cavallo entre as sensações das redeas direitas, e da perna esquerda, o obrigará a que vá de galope, fazendo-o levantar das espaduas o mais que puder ser para sima dos movimentos do espinhaço, ventre, e quadrís, sem relevar o balanço da galopada. Apôs isso com as sensações das pernas, principalmente com a de fóra, ou esquerda, o obrigará a rebater os movimentos das ancas igualmente; e no tempo em que o tronco do corpo do Cavalleiro se apoiar mais sobre o equilibrio, devem as mãos, e pernas ajudallo com mais actividade, para que não se demore no movimento, ou deixe de entrar bem com as pernas para baixo do corpo, e não perca o movimento do bom terra á terra, que deve ser diligente, unido, perto da terra, desembaraçado, forte, e igual.

De-

Silva del.

Deve o Cavallo aſſentar-ſe ſobre a garupa , dobrando bem os curvilhões , e travadouros, e da meſma ſorte, e com igual facilidade elle ſe deve dobrar das eſpaduas, cernelha, e peſcoço até á ponta das ventas. Conforme Newcaſtle Pag. 73., e La Guerinieri Cap. 3. Pag. 81., elles querem que o Cavallo marque o terreno, marchando com hum movimento igual, diligente, unido, e o mais veloz que puder ſer; e he ſem dúvida que quanto mais veloz he o movimento, mais engraçado he o Cavallo no terra á terra.

ESTAMPA XLI.

Do Sereniſſimo Principe D. Joſé, enſinando, e obrigando hum Cavallo com o freio, e cabeção a que ſe dobre na lição, e acção do Terra á terra para a direita.

TRabalhando S. A. qualquer Cavallo na lição do terra á terra ſobre a direita, o obrigava cada vez mais com as redeas direitas , e a perna eſquerda a que ſe dobraſſe para a direita, por ſer eſta para onde elle andava, olhava, e vencia o terreno : e he certo que o Cavallo neſta lição fórma quatro circulos , ou linhas, (como ſe moſtra na Fig. 1. da Eſt. XLII., A, B, C, D) os dous circulos maiores com as piſtas das mãos, os dous menores com as dos pés : iſto ſuccede aſſim, porque elle avança mais a mão, e pé direito que o eſquerdo, para formar a galopada, e porque no terra á terra ſe move com hum balanço das eſpaduas, e outro da garupa , ſendo immediatamente unidas as determinações dos movimentos das eſpaduas no ſeu balanço, como o são todas as das ancas no balanço da garupa.

Newcaſtle Pag. 71. diz : » O Cavallo na lição do terra á terra eſtá dobrado » como hum arco, e a parte de fóra eſtá convexa, e em tanta liberdade, como a » de dentro eſtá concava , e fortemente opprimida. » Não póde o Cavallo neſta lição andar deſunido, ou falſo, em quanto ſe deixa encruzar bem entre a redea de dentro, e a perna de fóra, antes fica obrigado a recolher a garupa , mettendo as pernas bem para baixo do corpo , e a firmar-ſe ſobre as ancas , apoiando-ſe com facilidade ſobre a embocadura, ſem violentar a mão ao Cavalleiro.

Quando S. A. intentava formar qualquer Cavallo neſta lição do terra á terra, fazia-o galopar unido , e perto da terra com a garupa ao Pilão (Eſt. XLI.) ; e quando ſe conduzia com mais facilidade, então o ajudava mais fortemente com as redeas direitas: elle animava mais todo o ſeu corpo, fortalecia-lhe as ſenſações da perna eſquerda ; e logo que o Cavallo obrigado de todas eſtas diligencias tomava alguns tempos , ou balanços do terra á terra , S. A. affroxava as forças das ſenſações com que o obrigava , para o trazer outra vez ao movimento de hum galope mais modificado, e o ir facilitando muitas vezes a que tomaſſe os tempos do terra á terra , ſem ſe apaixonar, e confundir, repetindo-lhe a lição deſta ſorte , tanto ſobre circulos maiores, como ſobre circulos menores.

Logo para qualquer Cavalleiro formar com perfeição hum Cavallo na lição, e acção do terra á terra para a direita , deve encruzallo bem entre as forças das

ſen-

ſenſações das redeas direitas, e as da perna eſquerda; por iſſo a perna direita ſem ſe avançar muito, deve andar firme, e branda ſobre o eſtribo direito, de ſorte que o equilibrio do corpo ajude a fazer iguaes os balanços da galopada nas eſpaduas, e na garupa do Cavallo, ſendo que a perna eſquerda tambem deve andar firme ſobre o eſtribo, e muito flexivel para animar, e caſtigar o Cavallo mais, ou menos forte, quando ſe fizer preciſo o ſeu uſo.

Não deve o Cavalleiro ter as mãos fortes ſem dar repetidas vezes liberdade ao Cavallo; porque em tal caſo elle ſe agarrará, ou ſe encoſtará á embocadura do freio, antes ſim devem puxar-lhe as redeas até o dobrar, ou ao menos o formar em melhor acção, e logo render-lhe ſubtilmente o freio, e cabeção, aſſim de dentro, como de fóra, até que elle pouco a pouco por meio deſtas repetidas diligencias vá obedecendo. O meſmo deve praticar-ſe com as ſenſações das pernas, tanto de dentro, como de fóra, ſem tirar do Cavallo tantos tempos do ſeu ar, que elle por demaziadamente cançado, e falto de folgo, e de forças deſobedeça.

Aſſim diſpunha S. A. os Cavallos nos principios deſta lição, e á proporção do que elles ſe adiantavão lhes ſegurava cada vez mais a redea direita do freio, e cabeção, encruzando-os deſta ſorte entre as forças das redeas direitas, e da perna eſquerda, como diz Newcaſtle, para que as ſenſações das redeas o obrigaſſem a determinar os movimentos da cara, peſcoço, e eſpaduas, dobrando-ſe bem para dentro da volta, e as da perna de fóra, ou eſquerda lhe obrigaſſem a meia anca eſquerda a unir-ſe á direita para rebater os movimentos das eſpaduas para ſima do ventre, e das ancas; pois que de outro modo não póde elle formar o verdadeiro balanço do bom terra á terra, e marcar o terreno, como ſe moſtra na ſeguinte

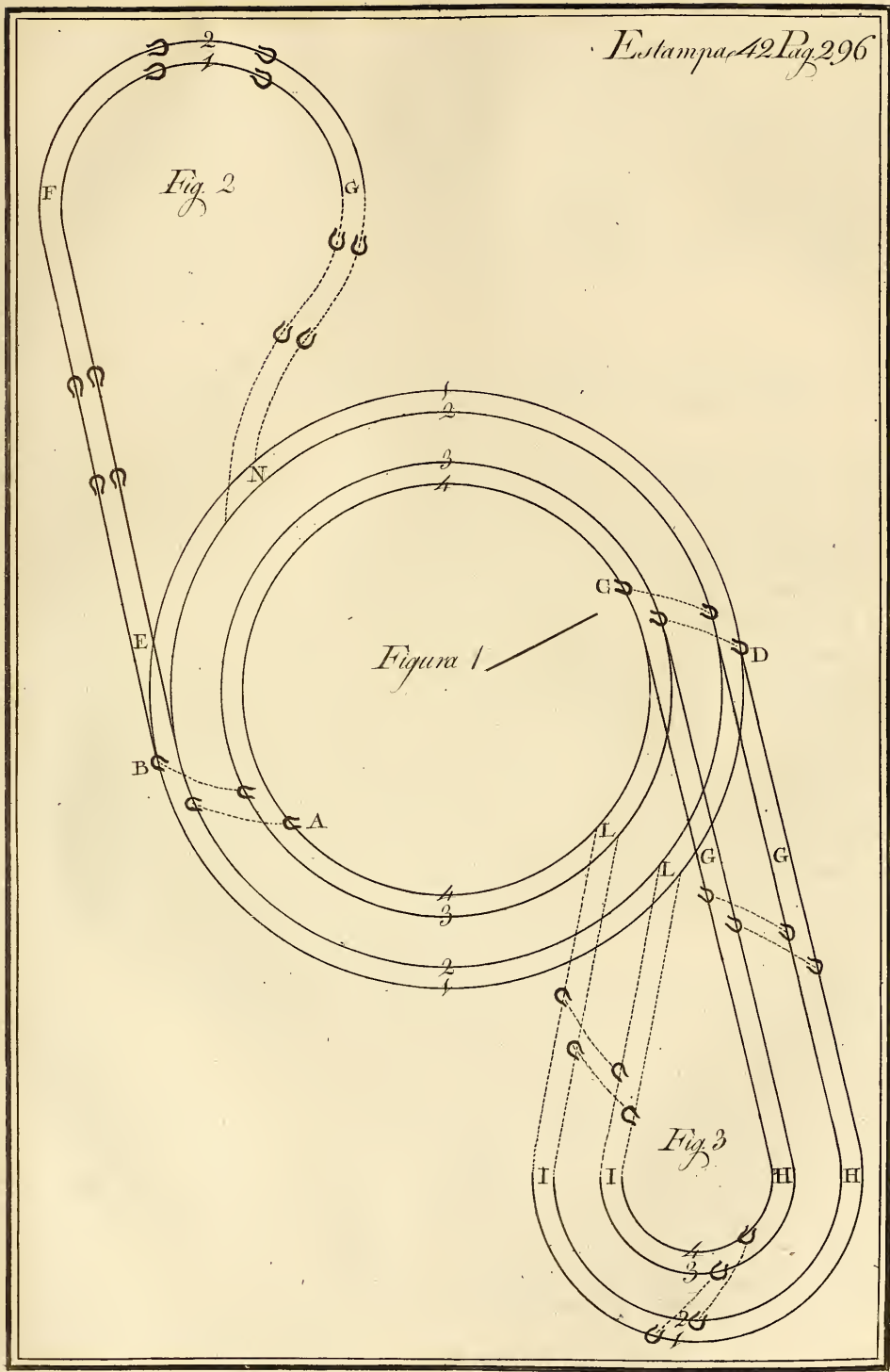
ESTAMPA XLII.

De como os Cavallos marcão o terreno com as piſtas dos pés, e mãos, trabalhando na lição do terra á terra dobrados para a direita: e o modo mais facil, e uſual de os fazer paſſar de mão, ſahindo da Fig. 1. para a 2. por duas tangentes parallelas.

MArchando ſobre a Fig. 1., a piſta da mão direita marca o circulo N. 1., B, e D, a da eſquerda a do N. 2., a piſta do pé direito o N. 3., a do eſquerdo a do N. 4. mais proximo ao centro A, e C.

Para paſſar de mão da direita para a eſquerda na lição do terra á terra, devem os Cavalleiros, bem como S. A., quando o Cavallo andar mais facil, e ſe deixar encruzar bem entre as forças das ſenſações das redeas direitas, ou de dentro, e as da perna de fóra, ou eſquerda, obedecendo com facilidade a humas, e outras, fazello partir do circulo N. 1., B, da Fig. 1. para a Fig. 2. pelas tangentes E, direito de duas piſtas até F, formando hum ſemicirculo ſobre a direita para a Letra G, indo pelas linhas de pontinhos deſdobrallo da direita para a eſquer-

da

Estampa 42 Pag. 296
Fig. 2
Figura 1
Fig. 3
F
G
N
E
B
A
C
D
L
L
G
G
I
I
H
H

da ſobre as linhas da Fig. 1., Letra N, obrigando-o logo a que ſe forme na meſma boa acção em que antes da paſſagem andava para a direita.

Eſta paſſagem de duas piſtas, marchando ſimplesmente ſobre duas parallelas, he facil, e por iſſo a primeira de que S. A. uſava, em quanto o Cavallo tinha pouço conhecimento, e deſembaraço neſta lição. Tambem ſe póde fechar o meio circulo, ou meia volta, indo pelas linhas de pontinhos Fig. 2., Letra G, N, completar a paſſagem ſobre as linhas da muralha; porque em tal caſo a parede lhe ſerve de amparo ás eſpaduas para o ir diſpondo, e facilitando a formar eſtas, e outras paſſagens com perfeição.

Modo, por que ſe devem formar as paſſagens de mão, fazendo ſahir o Cavallo da Fig. 1. *para a* 3., *marcando quatro piſtas.*

QUerendo-o fazer paſſar de mão da direita para a eſquerda na lição, e acção de quatro piſtas, ou terra á terra, devem encruzallo cada vez mais entre as forças da correa, da redea direita, e da perna eſquerda, conduzindo-o aſſim da Fig. 1. para a Fig. 3. pelas linhas da Letra G; e chegando a H, devem fortalecer-lhe a actividade das ſenſações das redeas de dentro, e da perna de fóra, para que vá com mais velocidade pelo ſemicirculo até á Letra I, a qual velocidade ſe deve ir modificando pelas linhas de pontinhos até chegar a L em hum movimento de ſorte modificado, que ſobre os circulos da Fig. 1. o poſsão fazer deſdobrar da acção da direita para a eſquerda: então ſegurando a correa com a mão direita alta, e fortalecendo a ſenſação da perna eſquerda mais, o obrigaráõ a que ſe firme bem ſobre a meia anca direita para render-lhe a mão, ou correa direita, e para lhe ſegurar a mão eſquerda de unhas aſſima, quando o fazem mudar de acção: ao meſmo tempo ſe deve avançar a eſpadua direita, atrazar a eſquerda, affroxar a perna eſquerda, e fortalecer a direita, para o obrigar a que ſiga por meio de todas eſtas diligencias a ſua direcção para a eſquerda com a meſma boa ordem com que elle ſe dobrava para a direita, antes de paſſar de mão.

Tambem paſſando-o de mão ſobre eſta Fig. 3. ſe obriga pelo ſemicirculo a que determine o ſeu movimento a paſſadas: então da Letra H para I deve o Cavalleiro com as ſenſações da perna eſquerda, e das redeas direitas encaminhallo, firmando bem o corpo atrás, para o obrigar deſde o principio do ſemicirculo H a que faça algumas paſſadas, voltando bem dobrado para a direita, e bem aſſentado ſobre a garupa; e logo que tiver formado o ſemicirculo de I até L, o podem ir detendo de ſorte que chegue aos circulos da Fig. 1. em hum galope modificado para o poder obrigar a fazer a paſſagem de mão, ſem que a acceleração do movimento deſperte nelle a paixão, antes brandamente ſe deixe deſdobrar da direita para a eſquerda. Tambem chegando ás linhas da Fig. 1. o podem deixar continuar na lição da volta ao revés ſobre duas, ou ſobre quatro piſtas, a fim de o deſdobrar da direita para a eſquerda, quando for mais unido, para ſeguir melhor o ſeu terra á terra para a eſquerda.

Marchando ſobre a Fig. 1., a piſta da mão direita marca o circulo N. 1. Le-

tra B, a da esquerda o N. 2., a do pé direito o N. 3., e a do esquerdo o N. 4. A, sahindo pelas tangentes E para a Fig. 2.: as pistas do pé, e mão direita marcão a linha N. 1., as da mão, e pé esquerda a linha N. 2., &c. Sahindo da Fig. 1. para a Fig. 3. pelas linhas da Letra G, a pista da mão direita marca a linha N. 1., a da esquerda a do N. 2., a do pé direito a do N. 3., e a do esquerdo a do N. 4., como se mostra nas referidas Figuras da Est. XLII.

Sensações, e movimentos com que se deve obrigar o Cavallo a mudar de acção da direita para a esquerda sobre a Fig. 3., Est. XLII., trabalhando-o na lição do terra á terra.

HE certo que para o Cavalleiro fazer desdobrar o Cavallo de acção da direita para a esquerda, necessariamente o deve unir mais com as redeas direitas, e com a perna esquerda sobre a meia anca direita, ou de dentro, para ter mais tempo de render-lhe a mão, ou redeas direitas, affroxando a perna esquerda para apôs isso suster-lhe as redeas esquerdas com a mão de unhas assima, e o dedo minimo inclinado para a espadua direita, atrazando a espadua esquerda, e adiantando a direita; porque todos estes movimentos o obrigão a desdobrar-se da direita para a esquerda. Tudo isto fazia S. A. em quanto o Cavallo no balanço das espaduas mudava a acção da dobra do seu corpo da direita para a esquerda; e quando continuava o balanço das ancas para as espaduas, S. A. atrazava o quadril esquerdo, avançava o direito, segurava-lhe a perna esquerda brandamente firme sobre o estribo, fazendo-lhe logo sentir a sensação da perna direita mais activa, e atrás da terceira cilha, para lhe obrigar a garupa a encruzar-se entre as forças da perna direita, e das redeas esquerdas, do mesmo modo que se encruzava, e dobrava para a direita antes de fazer a passagem: e he sem dúvida que outro qualquer Cavalleiro (para obrigar bem o Cavallo) necessariamente ha de passar por todas estas funções; e ainda que com summa brevidade, a humas se hão de infallivelmente seguir outras para lhe formar as passagens com perfeição.

Lição do terra á terra para a esquerda, ensinando o Cavallo com o freio, e cabeção.

DEsdobra-se da acção logo que he impellido das forças das redeas esquerdas, e da perna direita, e elle foge das sensações das redeas esquerdas, quando volta para a esquerda, porque a embocadura, e a barbela o apertão da parte direita na boca sobre os assentos, e nos queixos sobre a barbada: e logo que a mão de fóra, e o equilibrio do corpo do Cavalleiro o ajudão para dentro, elle une a espadua direita á esquerda, e da mesma sorte a sensação da perna direita o obriga a unir a meia anca direita á esquerda para voltar, e se dobra por effeito do seguimento, e da união de todos os referidos movimentos, que instantaneamente lhe encontrão a direcção, e por isso da mudança de acção lhe resulta o ficar concavo da parte esquerda, e da direita convexo, assim como antes da passagem era conca-

Silva del.

cavo da direita, e convexo da esquerda, como se observa na Est. XLI., e na seguinte

ESTAMPA XLIII.

Do Sereníssimo Principe D. João, ensinando hum Cavallo a formar-se na lição do terra á terra, dobrando-o para a esquerda.

ENsina-o S. A. a marcar o terra á terra, obrigando-o successivamente com as mãos, pernas, e equilibrio de todo o corpo, a fim de que sustente a acção na dobra do pescoço, espaduas, e ventre, com a boa graça, e ar com que se dobrava para a mão direita antes da passagem: e he certo que isto só póde vencer-se, contrapondo-lhe as sensações do corpo, mãos, e pernas repetidas vezes, humas mais, outras menos instantaneamente applicadas, para que se determine bem, e para diante, quer ande sobre a circumferencia, quer sobre o quadrado.

A mão esquerda voltada de unhas assima com o dedo minimo inclinado para a espadua direita, quanto mais vai da cernelha para a direita, mais obriga com as redeas esquerdas o Cavallo a que se dobre, e olhe para a esquerda, ou para dentro da volta; e consequentemente, quando a perna direita o obriga ao mesmo tempo, a anca direita se une á esquerda, e elle por meio destas diligencias se deixa encruzar entre as sensações da perna direita, e das redeas esquerdas: logo por este modo he que se dispõe bem para a lição do terra á terra para a esquerda.

Galopando elle manso, e igual, S. A. anima todo o seu corpo em huma acção mais espirituosa, e viva, e então instantaneamente lhe dá alguns toques com a perna direita, sustendo ao mesmo tempo a mão esquerda, levando-a alguma cousa de unhas assima firme da cernelha para a direita, a fim de que o Cavallo marque alguns tempos do terra á terra; e tanto que elle obedece, S. A. affroxa logo a actividade das sensações do corpo, mãos, e pernas, para que elle passe do terra á terra a hum galope mais modificado, até outra vez se deixar encruzar bem entre as sensações das redeas esquerdas, e da espora direita; e repetindo-lhe por vezes as mesmas diligencias, obtem delle mais alguns tempos do terra á terra. Esta sem dúvida he a melhor fórma de dispôr os Cavallos para esta lição, trabalhando-os tanto sobre a mão direita, como depois de fazer a passagem sobre a esquerda; e todos os mais distintos Cavalleiros seguem este methodo.

Defezas de que commummente usão os Cavallos para fugir do trabalho desta lição.

AS defezas de que ordinariamente usão, quando os formão na lição do terra á terra, são, quando lhes custa dobrar-se bem, fugir com as ancas para fóra, levantar-se muito das espaduas sem entrar na mão, por usar mal da mesma garupa; e quando se dobrão muito das espaduas, lançar-se com desigualdade sobre a de fóra, á excepção de outras a que recorrem menos custosas de remediar; mas de todas estas fórmas fogem de obedecer ás mãos, e pernas do Cavalleiro; por is-

iſſo as diligencias ponderadas em todas as lições ſe encaminhão a fazellos obedecer, e determinar os ſeus movimentos bem para diante, e com igualdade para huma, e outra mão.

Se foge com a garupa muito para fóra, deve o Cavalleiro ſegurar a mão alguma couſa firme de unhas aſſima, fazendo-lhe ſentir as ſenſações da correa, e redea de fóra inſtantaneamente no tempo, em que lhe ſegura mais forte a perna de fóra, e em tal caſo a pua deve ſer mais voltada para a barriga, e a perna applicada alguma couſa mais atrás das cilhas, tendo a parte de fóra no tronco do ſeu corpo toda mais forte, e a de dentro mais froxa, e da meſma ſorte a perna de dentro, brandamente unida á primeira cilha junto ao codilho (Eſt. III. N. 56. e N. 49.) para ella lhe dar toda a liberdade a poder a garupa entrar para dentro da volta: o corpo do Cavalleiro deve tambem eſtar alguma couſa atrás, e firme, porque o ſeu pezo ajuda a obrigar a garupa a que ſe abaixe mais. Os circulos, em que trabalharem hum tal Cavallo, devem ſer largos, porque nelles ſe move com mais facilidade, em quanto não tem a preciſa obediencia ás mãos, e pernas do Cavalleiro, ou uſa das referidas defezas.

Quando ſucceda defender-ſe, levantando-ſe muito das eſpaduas, e por conſequencia detendo-ſe, não entrando na mão (ou para o freio) devem as mãos governar as redeas com muita brandura, e liberdade, e as pernas repetidas vezes unir-ſe-lhe inſtantaneamente ao ventre, para que entre para a mão com o apoio na embocadura; porque em quanto o Cavallo ſe defende deſte modo, iſto he, não entra na mão, não deve o corpo do Cavalleiro firmar-ſe muito para trás, indo-o ſempre coſtumando com ambas as redeas, e ambas as pernas a que ande com igualdade, tanto no balanço da garupa, como no das eſpaduas, ſem o chamar ao terra á terra, em quanto ſe não deixa encruzar bem entre as forças das redeas de dentro, e da perna de fóra.

Se rompe o peſcoço, iſto he, ſe dobra muito o peſcoço por ſe lançar ſobre a eſpadua de fóra, devem as pernas do Cavalleiro unir-ſe-lhe ao ventre logo atrás das cilhas para o obrigar mais a ir para diante, principalmente quando a mão da redea entra de fóra para dentro da volta; e ſe iſto não baſtar, deve logo affroxar-ſe alguma couſa a perna de fóra, e obrigar-lhe as eſpaduas, trazendo as mãos ambas para dentro da volta, para que elle ande bem para diante, dando-lhe, ſe for preciſo, com a correa de fóra para ſima, ajudando-o ao meſmo tempo com a vara ſobre a eſpadua de fóra, para que a vá unindo á de dentro, e obedeça á mão, dobrando o peſcoço, e conduzindo as eſpaduas bem direitas adiante das ancas, a fim de que as piſtas das mãos vão marcando o terreno, como ſe moſtra na Fig. 1. da Eſt. XLII., e na Eſt. XLIV., ſendo o toque da vara ſempre delicado.

O toque da ponta do pé ſobre a eſpadua eſtá reprovado neſta lição por bons Cavalleiros. Os que adoptão o modo de ſeparar as redeas do freio ao principio, para o Cavallo obedecer com promptidão, e igualdade a huma, e outra redea, marchando tanto ſobre hum, como ſobre outro lado, os rendem mais depreſſa iguaes, e promptos.

Se o Cavallo tem falta de deſembaraço, trabalhando ſobre a mão eſquerda,
he

he bom paſſar as redeas do freio para a mão direita nas lições antecedentes, e trabalhar a correa de vencer, ou redea do cabeção com a mão eſquerda, maiormente ſe o Cavalleiro não he igual no modo de o obrigar para huma, e outra parte.

Muitas vezes deſobedece o Cavallo por não ſaber; e outras, porque o Cavalleiro não he como SS. AA. igual no ſeu deſembaraço, e modo de applicar-lhe toda a ſorte de ſenſações, com que neſta lição, como em todos os mais trabalhos da Eſcola, neceſſariamente ſe enſinão os Cavallos: ſuſtendo-lhe mais as redeas de dentro, avivando todo o corpo; e fazendo-lhe ſentir a perna de fóra por alguns toques mais fortes, ſe obriga a levantar-ſe do galope ao terra á terra; mas eſtas ſenſações do corpo, mãos, e pernas do Cavalleiro fazem ſómente bom effeito, ſendo miniſtradas no tempo, em que o Cavallo ſe deixa encruzar entre a força das redeas de dentro, e da perna de fóra, ſendo-lhe applicadas inſtantaneamente, quando elle ſe levanta do terra na ſua galopada para redobrar o movimento; e quando ſe diſpuzer para ſe tornar a levantar, devem repetir-lhe ſemelhantes toques ſem perder tempo; porque ſe o Cavalleiro encontrar com o movimento das mãos, e pernas os movimentos do Cavallo, eſte ſe confundirá, e perderá o balanço do bom terra á terra.

Muitos logo que tem marcado alguns tempos do terra á terra, obrigados das referidas ſenſações, vão concebendo huma tal cólera, e preoccupação, que deſobedecem, indo humas vezes muito ſobre a perna, e outras ſobre a mão; mas em taes caſos devem logo deixallos tornar outra vez ao galope, modificando-lhes a actividade das ſenſações, com que os obrigão para os formar no terra á terra, quando forem menos preoccupados, continuando alternativamente a enſinallos, ſem tirar delles tantos tempos do ſeu ar, que por faltos de folgo, e de forças ſe defendão, ou aborreção a lição.

Paſſagens de mão, ſahindo dos circulos da Fig. 1. *pelas tangentes A, e I, indo-as depois completar por ſemicirculos ſobre a Fig.* 1. *da Eſt. XLIV., Letra H, e N, como tambem a fórma de enſinar os Cavallos a fazer as paſſadas de L para M.*

PAra os enſinar a paſſar de mão, manejando na lição do terra á terra, da eſquerda para a direita, deve o Cavalleiro encruzallos cada vez mais entre as forças das redeas eſquerdas, e da perna direita, obrigando-os com ambas as mãos, ou redeas, e ambas as pernas, ou eſporas a marchar da Fig. 1., A, B pelas linhas da Letra E para F da Fig. 2., direitos de duas piſtas, indo pelas linhas de pontinhos G, H deſdobrallos ſobre a Fig. 1. da eſquerda para a direita.

Enſina-ſe tambem o Cavallo a que forme a paſſagem de quatro piſtas, ſahindo da Fig. 1., C, e D pelas linhas da Letra I para a Fig. 3., obrigando-o vivamente com a perna direita, e as redeas eſquerdas a que forme quatro piſtas, ou li-

linhas pelo ſemicirculo da Letra L para M, indo pelas linhas de pontinhos fazello mudar de acção ſobre N da eſquerda para a direita, a fim de o enſinar a ſeguir as linhas da Fig. 1. com o meſmo ar, e boa ordem com que ſe formava antes de paſſar de mão.

Para o enſinar a que marque o ſemicirculo de L para M a paſſadas, devem obrigallo com as redeas eſquerdas ainda mais vivamente, e com a perna direita (logo do principio do ſemicirculo) a que forme algumas paſſadas, affroxando a actividade das forças das mãos, pernas, e corpo, logo que por effeito das ſenſações com que o obrigárão, elle correſpondeo, fazendo tres, ou quatro paſſadas, moderando-lhe de M para N a velocidade, de ſorte que chegue á Fig. 1. em hum galope tão moderado, que poſſa fazer a paſſagem ſem acceleração de movimento, e ſem paixão.

No tempo em que o Cavallo ſe deſdobra da acção, deve-ſe fazer unir mais ſobre a meia anca eſquerda, para quando chegar á Linha C, e D, N. 1., Fig. 1. ſe deſdobrar facilmente da eſquerda para a direita. Os movimentos do corpo, mãos, e pernas do Cavalleiro ſe fazem, rendendo-lhe a mão, ou redeas eſquerdas, affroxando a perna direita, e apôs iſſo ſegurando-lhe a redea direita com a mão de unhas aſſima, e o dedo minimo inclinado para a eſpadua eſquerda até elle ſe dobrar bem para a direita. Logo em tal caſo deve a mão eſquerda voltar-ſe alguma couſa de unhas abaixo, atrazando-ſe a eſpadua direita, adiantando-ſe immediatamente a eſquerda, e ſuſtendo-lhe a perna eſquerda para elle ſe dobrar para a direita, e todas eſtas ſenſações ſe devem executar com aquella força ſómente que baſte a fazello deſdobrar de huma para outra mão.

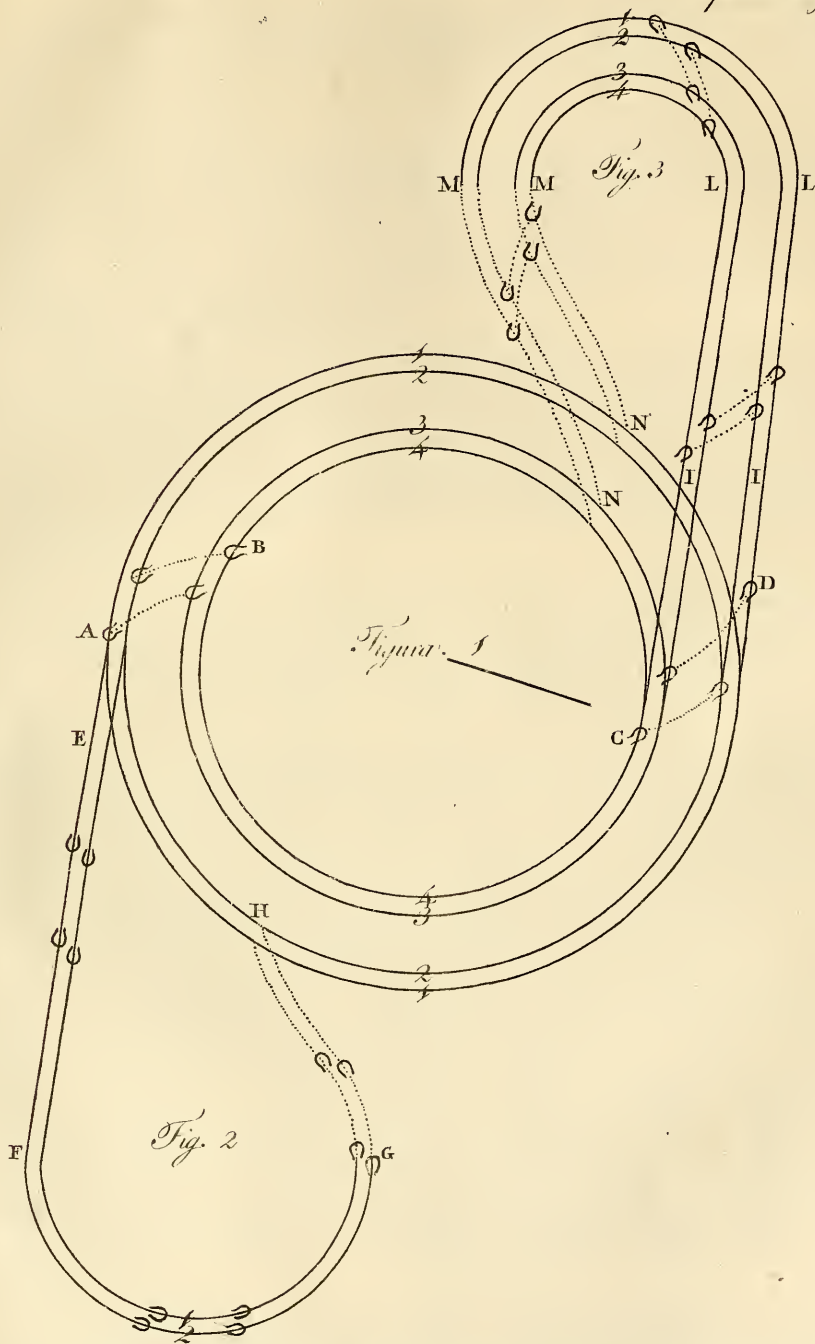
Faz S. A. tudo iſto em quanto o Cavallo no balanço das eſpaduas muda de acção para a direita; pois quando ſe continúa o balanço das ancas para as eſpaduas, atraza o ſeu quadril direito, avança o eſquerdo, ſegura a perna direita firme, e branda ſobre o eſtribo junto á primeira cilha, fazendo-lhe ſentir alguns toques da perna eſquerda com mais actividade logo atrás da terceira cilha, para lhe obrigar a garupa a encruzar-ſe entre a força da redea direita, e da perna eſquerda, do meſmo modo que ſe encruzava, e dobrava obrigado da força das redeas eſquerdas, e da perna direita, antes de fazer a paſſagem: e he ſem dúvida que para os Cavalleiros lhe formarem bem as paſſagens de mão na lição do terra á terra, devem imitar a S. A. para enſinar qualquer Cavallo a fazer a paſſagem com perfeição.

ESTAMPA XLIV.

Do modo, por que os Cavallos marcão o terreno, trabalhando-os dobrados para a eſquerda.

SObre a Fig. 1. marca a piſta A da mão eſquerda a Linha N. 1., a da direita a N. 2., a do pé eſquerdo a N. 3., e a do direito a N. 4. mais proxima ao centro B; e logo que o Cavallo ſahe da Fig. 1. para a Fig. 2. pelas tangentes A, E, as piſtas da mão, e pé eſquerdo marcão a linha N. 1., e as da mão, e pé direito a N. 2.

Quan-

Estampa 44 Pag 302
Fig. 3
M
M
L
L
1
2
3
4
N
N
I
I
B
A
D
C
E
Figura 1
H
F
G
Fig. 2

Quando sahe das linhas da Fig. 1. C , D para a Fig. 3. pelas tangentes I, da Letra L para M, a pista da mão esquerda marca a linha N. 1., a da direita a N. 2., a do pé esquerdo a N. 3., e a do direito a N. 4., mais perto do centro da volta, ou do semicirculo.

Na determinação do movimento do terra á terra (dobrando-se o Cavallo para a esquerda) principia a mão direita , fazendo o primeiro tempo : segue-a a esquerda, fazendo o segundo, depois a pista do pé direito faz o terceiro, e ultimamente a do esquerdo marca o quarto , como se elle galopasse em outra qualquer lição; e movendo-se o Cavallo successivamente, sempre a mão esquerda faz a ultima posição, e o pé direito a primeira.

Move-se o Cavallo com tanta celeridade, que parece que faz hum só tempo no balanço das espaduas, e outro no balanço da garupa; mas o ouvido sente marcar o terreno (como diz Newcastle) fazendo as ferraduras na terra *patá*, *patá*. Se duvidar, ou ficar para trás, quando o pertenderem passar de mão, em tal caso devem sobre pequenos circulos arredondallo das espaduas para o fazer completar a passagem, quando for com mais facilidade para diante, direito no terreno , e firme na mão.

Lição para ensinar o Cavallo de passo, trote, e galope a marcar com as pistas dos pés o quadrado, e com as das mãos as porções dos circulos nos angulos, como se mostra na Est. XLV.

FAz S. A. marchar commummente qualquer Cavallo sobre o quadrado de quatro pistas, como passo a explicar. Formando-o no quadrado com a garupa ao Pilão, as linhas, que marca com as pistas dos pés, são mais proximas ao centro, e necessariamente deve com as das mãos formar outras duas linhas maiores tambem quadradas , e nos quatro angulos oito porções de circulos, duas em cada angulo, como se mostra na Fig. 1. da Est. XLV., e porque as pistas das mãos vão marcando as linhas da maior circumferencia. Principia S. A. a ensinallo nesta lição, fazendo-o marchar com a garupa ao centro, encaminhando-o com ambas as mãos, e pernas, para que marche obliquamente; e como he sem dúvida que sendo menor a velocidade com que o animal se move , elle anda mais livre de paixão , e se faz mais attento ás sensações, e toques das redeas, e esporas para aprender a formar-se na lição do terra á terra com mais facilidade, depois de o trabalhar, o passeia sobre o quadrado regular: logo para o Cavalleiro o encaminhar bem nesta lição, deve seguir este methodo, endireitando-o no terreno com o equilibrio do corpo successivamente , a fim de o poder encruzar entre as redeas de dentro , e a perna de fóra, de maneira que o obrigue a que determine o movimento obliqua, igual, e circularmente.

Para marchar com perfeição, dobrando-se sobre o quadrado para a direita, o pé desta parte no vertice do angulo (Fig. 1., Letra E, Est. XLV.) deve mover-se ao passo , e trote em huma oitava parte do terreno , em que se move a mão esquerda; e o pé esquerdo em ametade da distancia, em que se move a mão esquerda:

da : aſſim tambem a mão direita deve alcançar oito vezes mais terreno do que alcança o pé direito, a fim de marcar as oito porções dos circulos nos quatro angulos com facilidade, e perfeição.

As eſpaduas tem os movimentos (principalmente nos angulos) ao menos oito vezes mais largos do que as ancas, por iſſo as articulações de todas as ſuas juntas precisão ſer muito deſembaraçadas em todos os ſeus jogos, pois que de outra ſorte não podem os Cavallos ſer iguaes nos movimentos, e no terreno, quando fórmão os angulos neſta lição.

Ha muitos, que tem baſtante deſembaraço nas eſpaduas, e muito pouco na garupa : logo os mais deſembaraçados dellas no trabalho que fizerem, marcando com as piſtas das mãos os circulos, ou linhas maiores, ſerão mais agradaveis, e terão mais poſſibilidade para ſemelhantes lições, do que para preencher a maior circumferencia com as piſtas da garupa. O meſmo ſe deve entender, quando ha facilidade nas ancas, e pouco deſembaraço nas eſpaduas.

Para marcar bem com as piſtas das mãos nos angulos as oito porções dos circulos P, deve o Cavalleiro, quando o vai fazendo chegar ao vertice E, e P, fazello alargar das eſpaduas, e unir da garupa: iſto ſe vence, fortalecendo-lhe a ſenſação da perna eſquerda (ſe o Cavallo anda dobrado para a direita) para a garupa entrar para eſta parte, quando as redeas dão liberdade ás eſpaduas para as ancas marcarem o angulo, ſem paſſar adiante das eſpaduas.

Quando o Cavalleiro traz a mão eſquerda de unhas aſſima da cernelha para a direita, e a mão direita de unhas abaixo para dentro, as eſpaduas do Cavallo ſe unem para adquirirem a direcção obliqua de voltar nos vertices dos angulos de humas para outras linhas ; e he preciſamente neceſſario que as mãos, e pernas do Cavalleiro alternativamente (com oppoſtas ſenſações) o vão ajudando a marcar os angulos do quadrado; e iſto ſómente ſe vence bem, levando as mãos para fóra, quando a perna obriga para dentro.

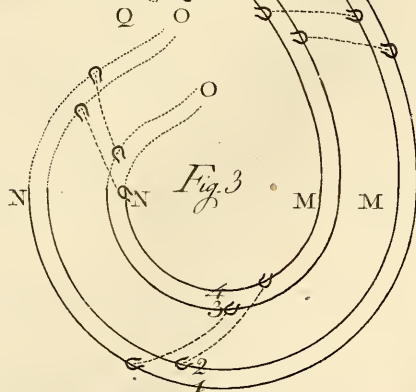
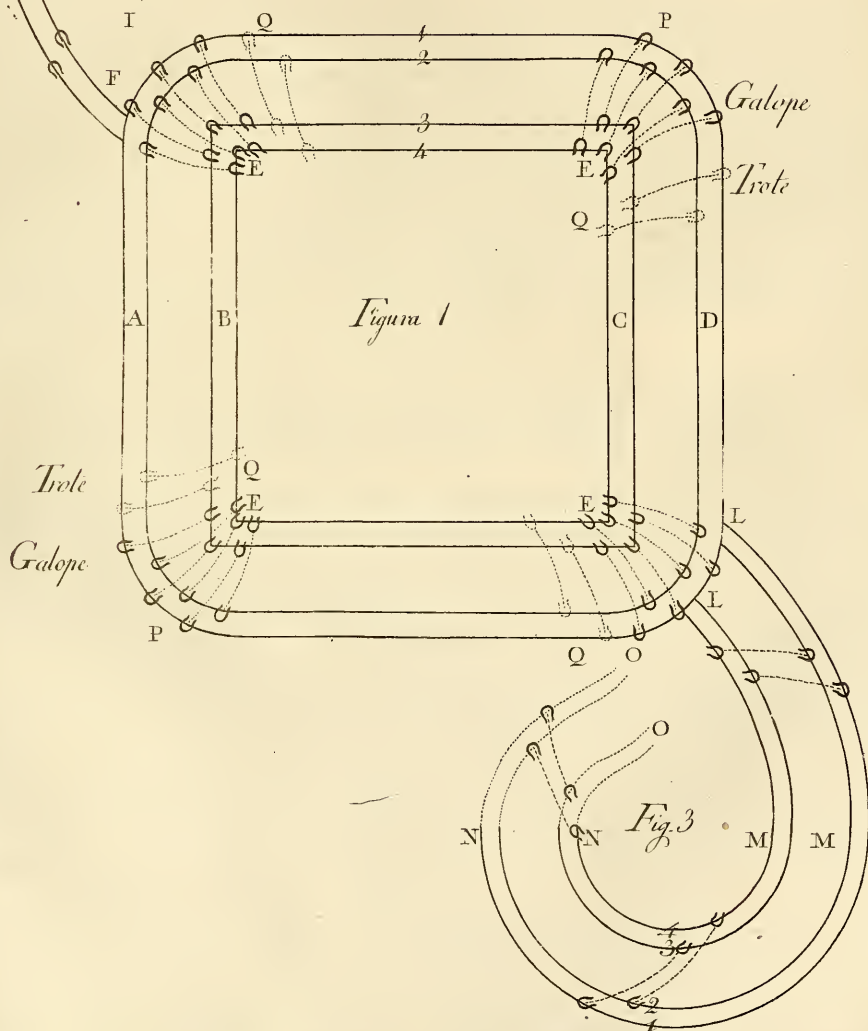
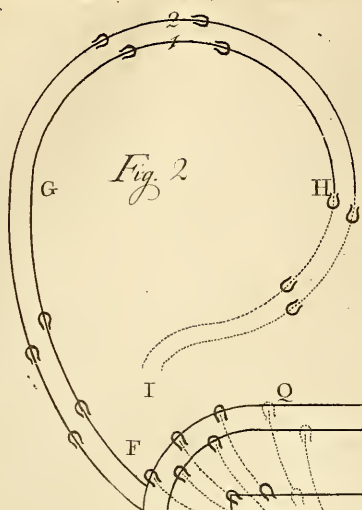
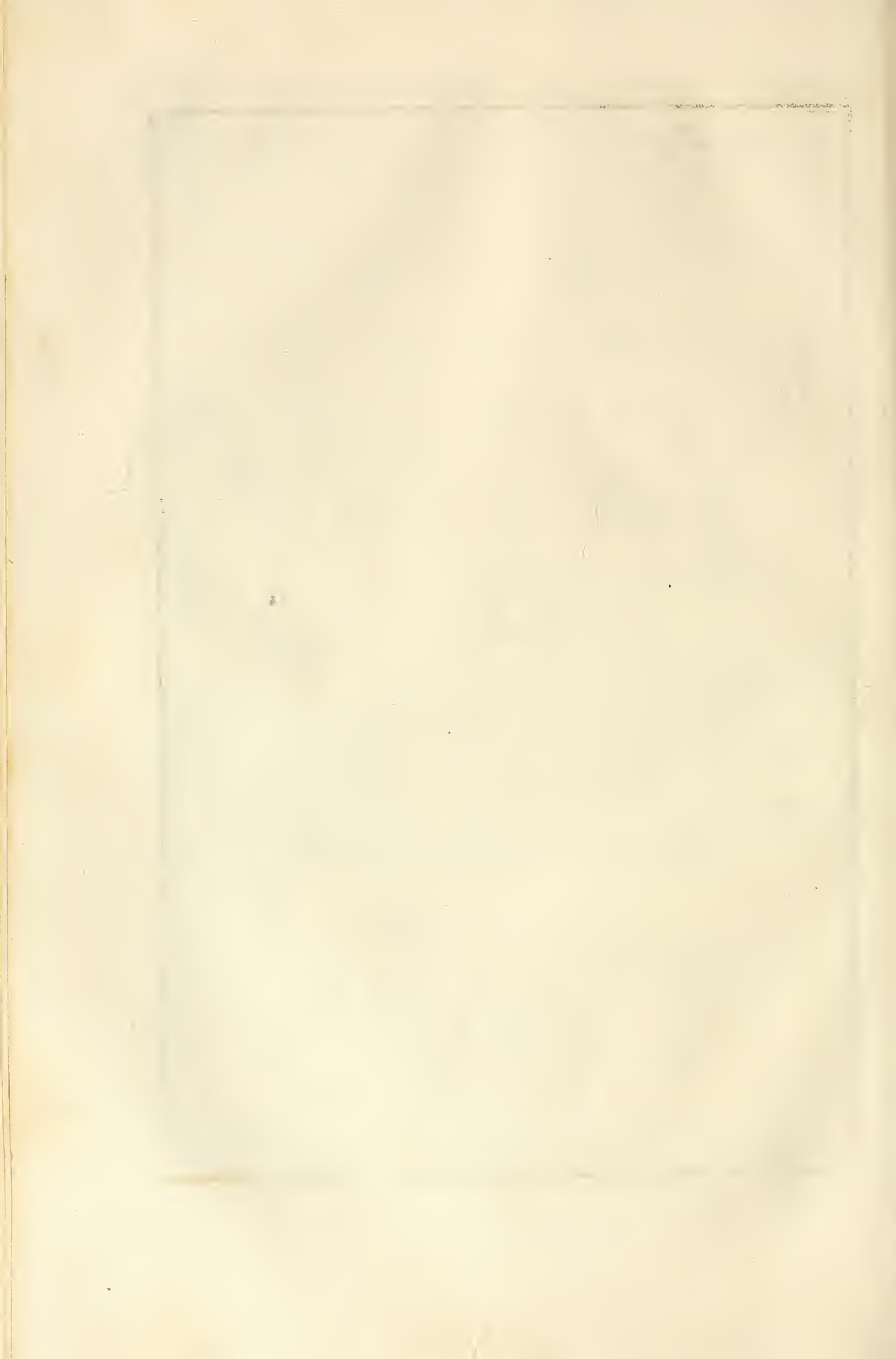
Marchando ſobre a direita ao paſſo, e trote, ſempre marca o terreno, como ſe moſtra nas piſtas de pontinhos Letra Q; mas galopando ſobre o quadrado, marca o terreno, como ſe moſtra nas piſtas em preto da Fig. 1., Letra P.

ESTAMPA XLV.

Quadrado regular, ou modo, por que o Cavallo marca com as piſtas dos pés as linhas do centro N. 3., e N. 4., B, e C; e com as das mãos as da maior circumferencia N. 1., e N. 2., A, D. Trata-ſe tambem do modo de formar as paſſagens de mão.

GAlopando para a direita (ſobre a Fig. 1.) a piſta da mão direita marca a linha N. 1., a da eſquerda a N. 2., a do pé direito a N. 3., e a do eſquerdo a N. 4., mais proxima ao centro, como ſe moſtra nas piſtas em preto.

Mar-

Estampa 45 Pag. 304
Fig. 2
G
H
I
Q
P
F
Galope
Trote
E
Q
A
B
Figura 1
C
D
Trote
Q
E
Galope
P
L
I
Q
O
O
N
N
Fig. 3
M
M

Marchando de paſſo, e trote (ſobre a meſma Fig. 1.) para a direita, a piſta da mão eſquerda marca a linha N. 1., a da direita a N. 2., a do pé eſquerdo a N. 3., e a do direito a N. 4. mais perto do centro.

Para paſſar de mão da direita para a eſquerda, fazendo-o marchar da Fig. 1. para a Fig. 2., quando vai mais livre da má tenção, he que o devem enſinar a que marche pelas linhas da Letra F para G, obrigando-o della para H a marchar de duas piſtas, indo pelas linhas de pontinhos Letra I fazello entrar na Fig. 1. para entre A, e B o deſdobrar da direita para a eſquerda. São eſtas paſſagens de mão faceis, e por iſſo as primeiras, de que ſe deve uſar para diſpôr o Cavallo a aprender a formar as da Fig. 3.

As paſſagens de mão de quatro piſtas, como ſe moſtra na Fig. 3., são mais difficultoſas, e ellas ſe põem em prática ao paſſo, e trote, como ſe moſtra na Fig. 3. da Eſt. XXXII.; e ao galope, como ſe vê na Fig. 3. da Eſt. XLV.: neſta deve-ſe encaminhar o Cavallo pelas linhas de L para M; e então animando o Cavalleiro bem toda a ſua figura, deve ter o corpo atrás, fortalecendo as ſenſações das redeas, e correa direita, como tambem as da perna eſquerda, animando-o bem pelo ſemicirculo, a fim de que marque tres, ou quatro paſſadas de M para N, modificando-lhe logo as ſenſações, para que pelas linhas de pontinhos vá já em hum galope mais modificado completar a paſſagem de O para as linhas da Fig. 1., deſdobrando-o da direita para a eſquerda entre C, e D, pelo meſmo modo que fica dito na lição do terra á terra para a direita.

Defezas, de que usão alguns Cavallos para fugir do trabalho das paſſadas, quando lhes enſinão a formar as paſſagens neſta lição.

OS que são fracos, mal formados, e froxos, para ſe defenderem da ſujeição a que os conduz o trabalho das paſſadas, marcando o ſemicirculo de quatro piſtas, depois de haverem trabalhado no quadrado regular: quando os fazem entrar á paſſagem, ordinariamente ficão para trás, e uſão mal da garupa, entrando humas vezes muito para o centro, e ſahindo outras para fóra da circumferencia do arco do angulo ſobre que ſe fórma a paſſagem: neſtes caſos ſe lhes devem fazer, ſentir as pernas mais atrás das cilhas com força proporcionada á ſua poſſibilidade, deſembaraço, e obediencia, e para os fazer andar para diante ſem confusão: os devem conduzir, ora inſtigados pela continuação das ſenſações com que os obrigão, ora pela modificação com que os encaminhão, conſervão, e enſinão com huma, e outra redea, e com huma, e outra perna, pois que humas, e outras diligencias devem ſer proporcionadas á velocidade com que os pertenderem formar pelas linhas, e ſemicirculos da Fig. 2., e Fig. 3.

Se o Cavallo marcha pelos lados dos angulos, e ſemicirculos com incerteza, he muito bom formar-lhe alguns pequenos circulos até o arredondar, e igualar mais da direcção das eſpaduas, e das ancas para entrar na mão, e o fazer ir depois completar a paſſagem, quando for com mais facilidade para diante.

Tambem entre C, e D o podem fazer unir mais ſobre a meia anca direita

por effeito das forças das redeas direitas, e da perna esquerda, de sorte que tendo-o chegado ás linhas N. 1., e N. 2., devem affroxar-lhe as redeas direitas, fortalecer-lhe as esquerdas, tendo a mão da redea de unhas assima com o dedo minimo inclinado para a espadua direita, de sorte que o fação tornar á lição de quatro pistas com a garupa sobre as linhas interiores do quadrado, para que marchando para a esquerda, possa observar a mesma perfeição de figura, e movimento, com que antes da passagem de mão andava para a direita.

Lição do quadrado regular para a esquerda.

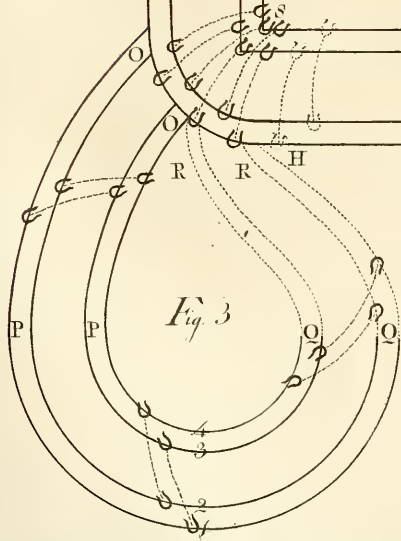
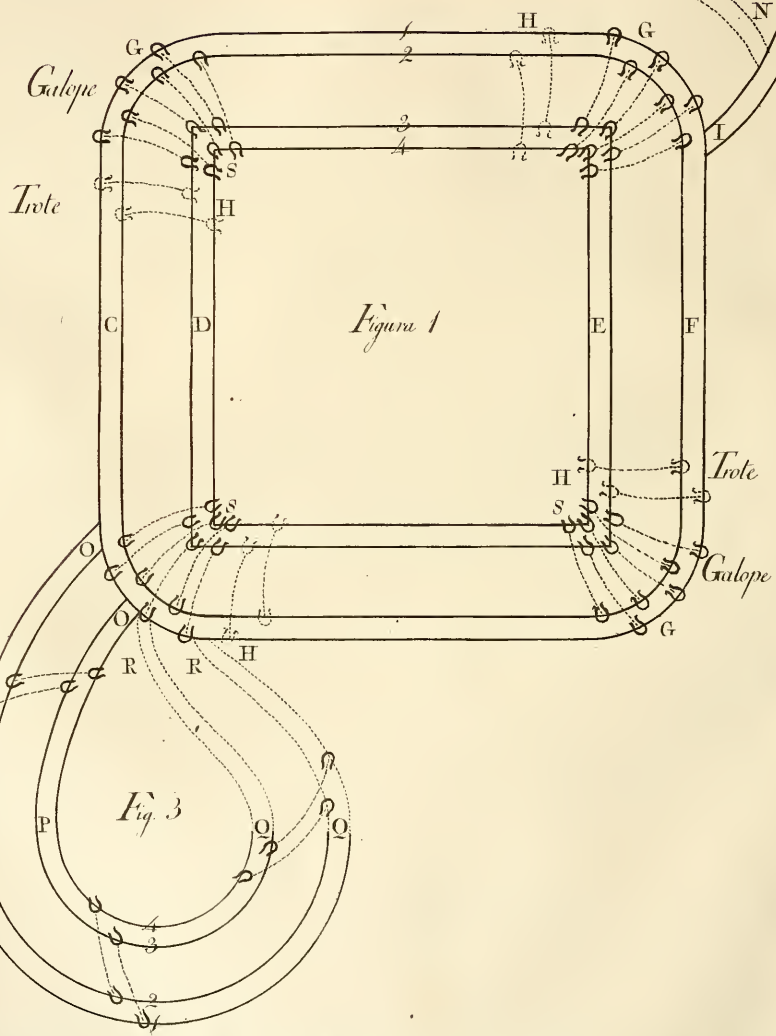
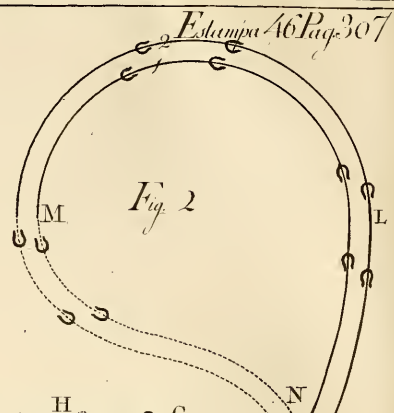
NAs pistas de pontinhos Letra H se vê como elle deve marcar o quadrado, marchando de passo, e trote para a esquerda; e nas pistas em preto Letra G, Est. XLVI., como deve marcar o mesmo quadrado, galopando para a esquerda. Em quanto se ensina a trabalhar sobre a Fig. 1. de passo, e trote, a pista da mão direita marca a linha N. 1., a da esquerda a N. 2., a do pé direito a N. 3., e a do esquerdo a N. 4., como se mostra nas pistas de pontinhos Letra H; mas logo que passa ao galope sobre a esquerda pela união do balanço da galopada, com a pista da mão esquerda marca a linha N. 1., Letra G, com a da direita a N. 2., com a do pé esquerdo a N. 3., e com a do direito a N. 4., Letra S, como se mostra nas pistas em preto.

Passagens de mão sobre a Fig. 2., e Fig. 3. da Est. XLVI.

MArchando com facilidade nesta lição para a esquerda bem encruzado entre as sensações da correa, e da redea esquerda, como tambem da perna direita, podem obrigallo a que passe de mão da esquerda para a direita, fazendo-o partir pelas linhas da Letra I para a Fig. 2., seguindo com as pistas das ancas as das espaduas, marcando o pé esquerdo, e a mão esquerda a linha N. 1., e a mão direita, e pé direito a N. 2., indo pelas linhas de pontinhos M, N fazello chegar á linha N. 1. entre E, e F da Fig. 1., fazendo-o unir bem com as redeas esquerdas, e a perna direita sobre a meia anca esquerda, até as espaduas chegarem á linha N. 1., em que para o fazer desdobrar da acção, devem affroxar-lhe as redeas esquerdas, fortalecer-lhe as direitas, e assim abrandar tambem a força da perna direita, fazer-lhe sentir com mais actividade a da perna esquerda para o dobrar para a direita em huma acção semelhante áquella, em que andava antes de passar de mão.

Tendo o Cavallo bastante sujeição ás sensações das mãos, e pernas do Cavalleiro, póde este ensinallo tambem a fazer as passagens de mão sobre a Fig. 3., obrigando-o a marchar pelas linhas da Letra O para P, bem encruzado entre as forças das redeas esquerdas, e da perna direita, animando-o pelo meio circulo com mais viveza, isto he, fazendo-lhe sentir as sensações do corpo, mãos, e pernas com tanta actividade, que não só o ensine a formar as passagens de quatro pistas, mas que pelo semicirculo da Letra P até á Letra Q faça algumas passadas, modi-

di-

Estampa 46 Pag. 307
Fig. 2
M
L
N
I
G
H
1
2
3
4
Galope
Trote
S
H
C
D
Figura 1
E
F
H
S
Trote
Galope
G
O
O
R
R
H
Fig. 3
P
P
Q
Q
4
3
2
1

dificando-lhe a velocidade, de ſorte que pelas linhas de pontinhos vá completar a paſſagem ſobre R, para entrar para as linhas N. 1., e N. 2. da Fig. 1., a fim de o deſdobrar da eſquerda para a direita entre a Letra C, e D, fazendo-o dobrar para eſta parte pelo meſmo modo que ſe obriga a mudar de acção da direita para a eſquerda.

ESTAMPA XLVI.

Quadrado regular, marcando o Cavallo com as piſtas das eſpaduas as linhas exteriores, e com as da garupa as interiores mais proximas ao centro, &c.

Lição da volta ao revés ſobre o quadrado regular.

TAmbem he grandemente util para o facilitar, enſinallo a trabalhar ſobre hum terreno quadrado, marcando as piſtas das mãos as linhas menores N. 1., e N. 2., e as piſtas dos pés as linhas maiores N. 3., e N. 4. Entende-ſe que o Cavallo vai ſobre a volta ao revés no quadrado regular, logo que vence o terreno, indo para ſima das linhas, que vai marcar com as piſtas das mãos, e pés da parte concava, formando com as das eſpaduas quatro angulos rectos Letra D, Fig. 1., Eſt. XLVII., e com as dos pés por fóra deſtes angulos oito porções de circulos, como ſe vê na Letra F.

Neſta lição deve o Cavalleiro conſervar a mão direita de unhas aſſima (em quanto o trabalha para a direita) com o dedo minimo inclinado para a eſpadua eſquerda; e quanto mais levar a mão da cernelha para a eſquerda, tanto mais o Cavallo ſe dobrará para a direita: a mão eſquerda deve trabalhar de unhas abaixo alguma couſa mais adiantada que a direita, a eſpadua direita deve atrazar-ſe, á proporção do que ſe adianta a eſquerda: a perna eſquerda deve ajudar mais atrás da terceira cilha; e a direita conſervar-ſe brandamente firme ſobre o eſtribo junto á primeira cilha, e o ſovaco para o fazer andar para diante, e ajudar a ſegurar-lhe as eſpaduas para o centro, principalmente nos angulos D, e F.

A lição da volta ao revés ſobre os quadrados he menos violenta, que ſobre os circulos, em quanto o Cavallo marcha pelos quatro lados; mas quando volta nos angulos, neceſſariamente o animal ha de determinar os movimentos da garupa F, com mais velocidade, porque as eſpaduas ficão muito unidas nos vertices dos angulos D; e aſſim ellas, como a garupa, ficão mais em liberdade, logo que paſsão delles para as linhas do quadrado A, B, G, H.

Deve o Cavalleiro enſinallo a que ande em movimento igual, e ainda nos vertices dos angulos o deve fazer andar unido por effeito das ſenſações das redeas ambas, e de ambas as pernas: ſe elle ſe encoſtar com exceſſo ſobre a eſpadua eſquerda (em quanto marcha dobrado para a direita) devem endireitallo, levando a mão eſquerda de unhas aſſima da cernelha para a direita, a fim de que una a eſpadua de fóra á de dentro; mas logo que obedecer, devem as mãos tornar-ſe a

pôr no ſeu lugar, para que não perca a dobra do peſcoço, de ſorte que totalmente ſe deſmanche da ſua figura, e acção.

O corpo do Cavalleiro deve ſempre equilibrar-ſe mais ſobre o eſtribo direito; porque quanto mais o Cavallo ſe dobra, mais a parte convexa (que he a eſquerda) ſoffre o pezo; por iſſo o do corpo do Cavalleiro ſe deve apoiar bem ſobre a parte concava.

Marchando de paſſo, e trote, levantão-ſe mais da terra a mão eſquerda, e o pé direito, porque tem mais movimento circular; e a mão direita, e pé eſquerdo levantão-ſe menos, porque a obliquidade da ſua direcção não lhe permitte dobrar tanto as juntas. Não obſtante ficar o Cavallo neſta lição mais ſobre a meia garupa eſquerda (em quanto anda dobrado para a direita) do que fica ſobre a meia garupa direita, em quanto anda dobrado para eſta parte, por iſſo a mão direita, e o pé eſquerdo he que entrão mais para baixo do ponto de gravidade.

Modo, por que o Cavallo marca o terreno, marchando ſobre a direita.

DE paſſo, e trote na lição da volta ao revés ſobre o quadrado regular para a direita com as eſpaduas ao centro; a piſta da mão eſquerda marca a linha N. 1., Letra D, a direita a N. 2., a do pé eſquerdo a N. 3., e a do direito a N. 4., Letra F, como ſe moſtra nas piſtas em preto da Fig. 1., Eſt. XLVII.; e como as eſpaduas no vertice do angulo ſe unem muito, a mão eſquerda move-ſe em huma oitava porção do terreno, em que ſe move o pé direito; e por conſequencia a mão direita em huma decima parte do terreno, em que ſe move o pé eſquerdo.

Quando galopa neſta lição, a piſta da mão direita marca a linha N. 1., Letra C, a da eſquerda a N. 2., a do pé direito a N. 3., e a do eſquerdo a N. 4., Letra E, como ſe moſtra nas piſtas de pontinhos Fig. 1., &c. O Cavalleiro deve ter muito cuidado em que o Cavallo determine a direcção com igualdade, ou o enſine a andar de paſſo, de trote, ou de galope, ajudando-o promptamente em quanto elle o preciſar, disfarçando-lhe porém aquelles erros, ou defezas, que tiverem origem na ignorancia, na conſtrucção, na moleſtia, e na fraqueza.

Com ſemelhantes oppoſtas ſenſações devem trabalhallos tambem ſobre o quadrado regular na lição da volta ao revés, enſinando-os a dobrar-ſe para a mão eſquerda, como ſe moſtra nas piſtas da Fig. 2. da meſma Eſt. XLVII.

Marchando de paſſo, e trote para a eſquerda ſobre a Fig. 2., a piſta da mão direita marca a linha N. 1., Letra R, a da eſquerda a N. 2., a do pé direito a N. 3., e a do eſquerdo a N. 4., como ſe moſtra nas piſtas de pontinhos Letra R, S.

Galopando ſobre a eſquerda, a piſta da mão eſquerda marca a Linha N. 1., Letra Q, a da direita a N. 2., a do pé eſquerdo a N. 3., e a do direito a N. 4., Letra O, como ſe moſtra nas piſtas em preto da meſma Fig. 2. O Cavallo vai em mais liberdade tambem para eſta parte, em quanto marcha ſobre as linhas dos lados O, P, V, e X, do que em quanto paſſa pelos angulos O, e Q.

Paſ-

Passagens de mão, cortando o terreno.

PAra se ensinar o Cavallo a passar de mão da direita para a esquerda, deve o Cavalleiro, quando o sentir mais direito sobre as linhas do quadrado, fazello entrar para diante sobre linhas perpendiculares ao lado do quadrado, e fóra do terreno em que andava, ensinallo a formar hum semicirculo para o ir fazer passar de mão sobre as linhas dos lados do quadrado em que andava, encruzando-o bem entre as forças das redeas direitas, e da perna esquerda, a fim de que na passagem se levante das espaduas, para ser mais prompto quando se desdobrar da direita para a esquerda. Os angulos da Fig. 9., Letra M, N, O, e os da Fig. 12. Est. IV. tambem podem formar-se sobre a periferia de qualquer Figura, &c.

As passagens de mão, dividindo o quadrado, como se vê na Fig. 16. da mesma Est. IV., formando fóra do quadrado hum angulo curvilineo Fig. 7. da mesma Estampa, indo-o passar de mão sobre as linhas do quadrado, e ficar marcando o terreno, como se mostra na Fig. 1. da Est. XLVII., são muito vistosas, e maiormente são agradaveis, se pelo semicirculo do angulo se obriga o Cavallo a que forme algumas passadas, fazendo-o determinar com mais velocidade no principio do semicirculo, indo-lha depois modificando de sorte que chegue ao vertice do angulo em hum movimento moderado, porque isto concorre para o apromptar com mais facilidade.

Trabalhando-o para a esquerda, se obriga a passar de mão por effeito das sensações das redeas esquerdas, e da perna direita, marcando as Figuras das passagens da esquerda para a direita pelo mesmo modo que tenho dito as deve marcar, e formar da direita para a esquerda.

Movimentos, pelos quaes o Cavallo póde conhecer que o Cavalleiro o pertende desdobrar da direita para a esquerda.

PAra o obrigar a que se desdobre da direita para a esquerda, deve o Cavalleiro affroxar-lhe as redeas direitas, segurar-lhe as esquerdas, tendo a mão esquerda de unhas assima, e o dedo minimo voltado para a espadua direita, a mão direita de unhas abaixo; e ao mesmo tempo a perna esquerda deve brandamente avançar-se, e a direita unir-se-lhe ao ventre logo atrás das cilhas, sendo a actividade de humas, e de outras sensações proporcionada á sensibilidade do animal, para o obrigar no tempo da passagem a ir buscar com o pé direito, e a mão esquerda o ponto de gravidade, e logo equilibrar sobre elle, e sobre a mão o pezo do corpo. Digo que a perna sobre o estribo esquerdo deve unir-se firme entre a primeira cilha, e a espadua, para o conduzir assim depois da passagem para a esquerda com a perfeição com que se conduzia, e marcava o terreno para a direita antes da passagem.

ESTAMPA XLVII.

Em que se vê como o Cavallo deve marcar o quadrado da volta ao revés regular para huma, e outra mão.

Os Cavallos destinados para esta lição devem ser muito promptos, bem formados, fortes, e sensiveis; e como os que tem estas qualidades, ordinariamente são colericos, devem ser ensinados com humas sensações o mais que puder ser moderadas, para não lhes exaltar a paixão, de sorte que se defendão, e desobedeção com excesso, principalmente nas passagens de mão.

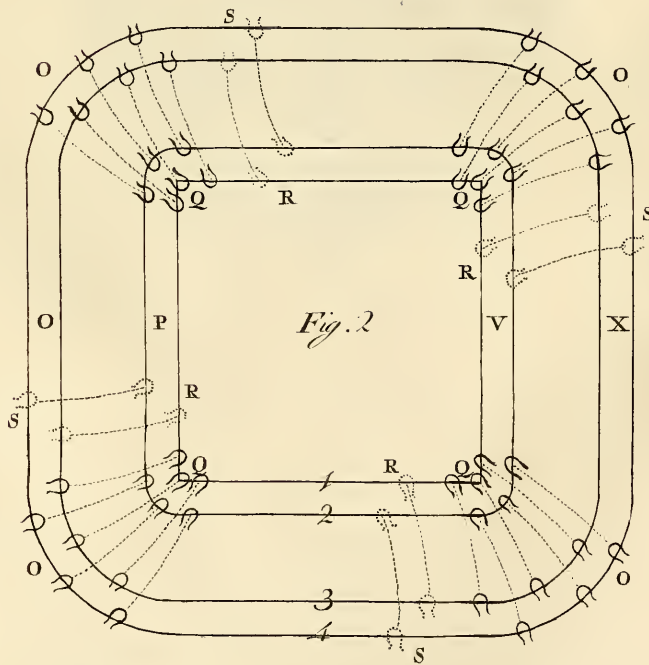
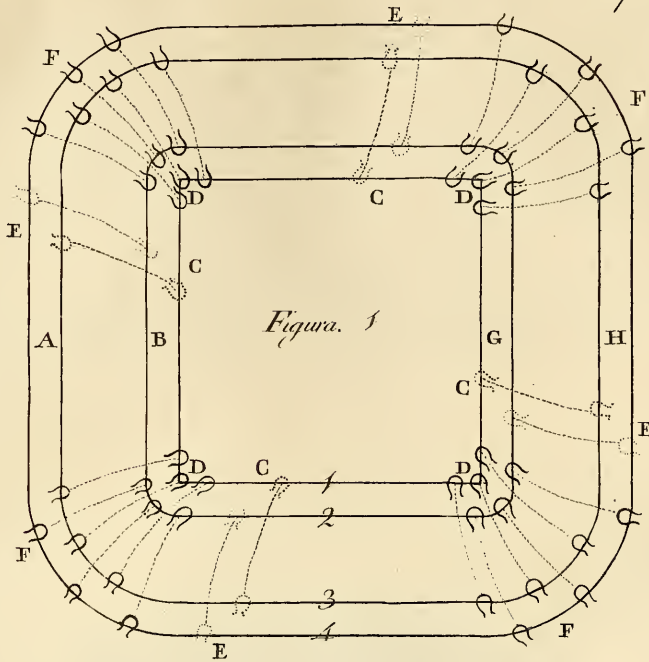
Quando as pistas das mãos vão marcando as linhas do centro Fig. 1., Est. XLVII., N. 1., e N. 2., a garupa anda mais do que as espaduas; e por muito que o Cavallo se alargue das ancas, não póde com as pistas dos pés seguir (principalmente nos angulos F) os radios das pistas das espaduas D, senão estreitando-se dellas para o centro á proporção do que se alarga das ancas para a circumferencia: o mesmo succede, trabalhando-o sobre a Fig. 2.

Sabida a formalidade de ensinar o Cavallo a passar de mão, marcando as pistas das espaduas as linhas da maior circumferencia, devo tambem dizer como se podem formar as passagens de mão, descrevendo a garupa a circumferencia dos circulos, e semicirculos maiores.

Marchando sobre linhas obliquas para fóra do quadrado, deve o Cavalleiro ensinar o Cavallo a marchar direito pelos lados do angulo, e pelo semicirculo, segurar-lhe com as redeas direitas, e com a perna direita as espaduas para o centro, obrigando-o ao mesmo tempo com a perna esquerda a transitar com as ancas por toda a maior circumferencia do angulo, e semicirculo, até pelos seus lados chegar com a garupa ao lugar da passagem: então do vertice sobre as linhas do quadrado em que trabalhava, se ensina a mudar de acção da direita para a esquerda pelo mesmo modo, por que se faz desdobrar na passagem de outra qualquer lição. Não obstante tudo isto, póde o Cavalleiro fazello passar de mão desta para aquella lição, que lhe parecer mais conveniente, e util, pois que o meu intento he unicamente mostrar o modo, por que se fazem as passagens de mão na lição da volta ao revés, tanto descrevendo as espaduas a maior circumferencia do arco do angulo, sobre que se fórma a passagem, como obrigando-o a descrever com as pistas da garupa os arcos, ou semicirculos da maior circumferencia.

Quando as pistas das espaduas marcão os semicirculos maiores, o pezo do corpo do Cavallo, e do Cavalleiro recahe mais sobre a garupa, do que sobre as espaduas; e quando descreve a maior circumferencia do semicirculo com a garupa, recahe a maior parte do pezo do corpo do Cavalleiro, e do Cavallo mais sobre as espaduas do que sobre a garupa.

Trabalhando na lição da volta ao revés sobre os circulos, sempre o Cavallo marca o terreno, como se vê na Fig. 1. da Est. XXXVI., e na Fig. 1. da Est. XXXVIII.; pois ainda que pelas diversas figuras planas, de que faço menção na li-

Figura. 1
A
B
C
D
E
F
G
H
1
2
3
4
Fig. 2
O
P
Q
R
S
V
X
1
2
3
4

lição da volta ao revés ſobre os circulos, e da meſma ſobre o quadrado regular haja as differenças que tenho moſtrado, com tudo os movimentos dos Cavallos não perdem a ſua ordem, por ſer a figura, em que os trabalhão, plana, circular, ou quadrada: bem entendido que ao paſſo, e trote marcão o terreno com as piſtas das mãos, e pés, como ſe moſtra na Fig. 1. da Eſt. XXXVI., marchando dobrados ſobre a direita. Igualmente andando para a eſquerda, da meſma ſorte dobrados ao paſſo, e trote, marcão o terreno, como na Fig. 1. da Eſt. XXXVIII.; por conſequencia, galopando na acção da volta ao revés dobrados para a direita, marcão o terreno, como ſe moſtra nas piſtas de pontinhos da Fig. 1., Eſt. XLVII.: logo, galopando para a eſquerda, marcão o terreno com as piſtas das mãos, e pés, como ſe moſtra nas piſtas em preto Fig. 2. da referida Eſt. XLVII.

LIVRO VII.

ARGUMENTO.

Moſtra-ſe como ſe deve enſinar o Cavallo a galopar com o freio ſó : o modo de lhe enſinar a fazer toda a ſorte de paſſagens de mão : preſtimos das falſas redeas : effeitos, que fazem os differentes movimentos da mão da redea em todo o corpo do Cavallo: lição do Terra á terra, trabalhando-o com o freio ſó : lição da volta ao revés tambem com o freio ſómente: e lição do meio ar ſó com o freio.

Perfeição das Sciencias, e das Artes ſempre neceſſita da protecção dos Principes; e ſó quando elles ſe dignão promovellas, he que ellas florecem á medida dos deſejos com que os meſmos Soberanos as protegem, ſeja para a utilidade dos ſeus vaſſallos, ou para fazer memoravel para os vindouros o luſtre da ſua época.

Ditoſo Portugal, tu o experimentas com o feliz Reinado do Grande, do incomparavel Pai da Patria, Agricultor das Sciencias, e das Artes o Senhor Rei D. Joſé I. Tu viſte melhorar muito entre as mais a Liberal, e Nobre Arte da Cavallaria; e todos conhecemos ainda as vantagens, que ella tem produzido; pois com a juſta protecção deſte Auguſto Soberano a obſervamos reveſtida de huma belleza toda nova, que tranſporta os animos daquelles meſmos, que ſe atrevião a eſcurecella, entendendo que o exercicio da Picaria arruina os Cavallos, e os faz incapazes do uſo ordinario, no que ſe enganavão.

Nós vemos eſta Arte em tão pompoſo gráo de perfeição, como eſteve no tempo de D. João I., e de D. Duarte, e nos dos ſeus progenitores, em que ella fez eſta victorioſa Monarquia émula daquellas felicidades, que por ſeu reſpeito lográrão Perſas, Gregos, e Romanos; e tanta differença lhe conſideramos, que todos os eſtrangeiros admirão a perfeição com que Sua Mageſtade, SS. AA., e outros habeis Cavalleiros hoje a manejão, ou põem em prática neſta Corte.

No Senhor Rei D. Joſé I. deo a Providencia a Portugal hum Principe dotado de tão ſublime entendimento, e de huma tão viva penetração de diſcurſo, que parece tinhão os altos deſignios deſtinado eſte Principe para noſſa felicidade, e augmento das Sciencias, e das Artes. Elle ſe applicou ao eſtudo deſta: e foi o meſ-

mo

mo conhecer as ſuas utilidades, e os ſeus preſtimos que amar, proteger, e honrar aos que a ella ſe applicavão; e quando foi que em Portugal ſe vio (á excepção do Reinado do Senhor D. João II., e D. Duarte) a propria mão, que regiamente ſuſtentava o Sceptro, fazer tanta honra á Arte da Cavallaria, empregando-ſe com tal deſvelo no exercicio della, e no profundo exame dos ſeus maravilhoſos preſtimos, &c.

Trabalhava Sua Mageſtade na Picaria, como inſigne Cavalleiro, com preferencia a muitos, e geral acclamação de todos. Elle era dotado de huma gentil, e mageſtoſa preſença, de talentos penetrantes, e de bella proporção em todo o corpo. Deo-ſe ao eſtudo deſta Arte com goſto exceſſivo, montando a cavallo todos os dias, já para trabalhar no Picadeiro, já para ir á caça, applicações, que ſem contradicção o conſtituírão grande Cavalleiro: por eſta razão me proponho moſtrar a maneira, com que elle enſinava os Cavallos na lição do galope, e outras, obrigando-os ſómente com o freio.

Faço eſta memoria do meu Auguſto Monarca doze annos depois do ſeu falecimento, para ſervir de exemplar aos que deſejarem obter o dom de Cavalleiros: tempo em que ſó me ſervem de eſtimulo para ſeu louvor as ſuas heroicas virtudes, e merecimentos. Ah, e ſe os meus deſvelos foſſem capazes de tão alta empreza! Mas tendo elle nas ſuas virtudes, e no ſeu nome todos os elogios ſó dignos da ſua alta, e de nós ſempre ſaudoſa Mageſtade, eu me contentarei com a facil lembrança que faço, referindo o quanto elle era inſigne no exercicio de montar a cavallo, expondo os ſeus preceitos aos que procurão alcançar os conhecimentos deſta util Arte, como o melhor original do mais perfeito Cavalleiro.

Lição do galope, fazendo marchar o Cavallo ſobre a direita, enſinando-o com o freio ſó.

QUando Sua Mageſtade fazia galopar qualquer Cavallo, dobrando-o ſó com o freio para a direita, foſſe elle ſobre as linhas do parallelogrammo, ou da muralha, linhas do quadrado, ou ſobre os circulos, com ambas as pernas o enſinava a entrar para diante, ou para a mão: firmava o corpo bem no meio da ſella, e com hum perfeito equilibrio ſe animava, e ſuſtentava a mão eſquerda voltada de unhas aſſima, atrazava a eſpadua direita, olhava para a parte para onde o Cavallo hia, e á proporção do que elle ſe dobrava, avançava a eſpadua eſquerda, fazendo-o por meio deſtas diligencias determinar bem para diante, obrigando-o a que levaſſe as eſpaduas bem perfiladas pelas linhas da garupa, iſto he, obrigando-o a conduzir-ſe de maneira direito no terreno, que as ancas ſempre ſeguiſſem as linhas por onde ſe conduzião as eſpaduas; e quer marchaſſe ſobre linhas rectas, ſobre obliquas, ou ſobre curvas, ſempre o encruzava bem entre as forças da redea direita, ou de dentro, e da perna eſquerda, ou de fóra, de ſorte que o formava na acção, que ſe moſtra na ſeguinte Eſtampa.

ESTAMPA XLVIII.

Sua Mageſtade enſinando hum Cavallo a galopar para a direita com o freio ſó, dobrando-o ſobre linhas parallelas á largura do Picadeiro.

POdem os Cavallos galopando ter mais, ou menos velocidade no movimento; mas os tempos com que ſe movem, ſempre são ſemelhantes em cada qualidade de movimentos, ou elles marchem mais, ou menos dobrados; e tanto ſobre a direita, como ſobre a eſquerda. Principiando pois a galopar, determinando a direcção para diante, e para a direita, Sua Mageſtade, conſentindo com todo o ſeu corpo no balanço da galopada (ſem que de fóra ſe pudeſſe perceber) o hia encruzando entre as forças da redea direita, e da perna eſquerda, tendo a mão da redea alguma couſa para fóra da cernelha da parte eſquerda; e logo que a redea direita fazia a ſenſação da embocadura, e da barbela mais activa da parte eſquerda, o Cavallo era obrigado a voltar, e por conſequencia dar a cara para a direita com mais graça, e apôs iſſo repetidas vezes lhe trazia a mão eſquerda de unhas aſſima para dentro, a fim de o conſervar direito no terreno.

Deſta ſorte lhe formava o balanço do galope ſempre igual, e firme entre as ſenſações da redea direita, e da perna eſquerda; e ſe o Cavallo ſe deſigualava do movimento das eſpaduas, lançando-ſe ſobre a de fóra, então Sua Mageſtade, logo que trazia a mão da redea de unhas aſſima para dentro da volta, affroxando as ſenſações da perna eſquerda, e fortalecendo as da perna direita, o fazia igualar dos movimentos das eſpaduas, para a garupa as ſeguir com facilidade (ſe o Cavallo marchava pelo direito ſobre linhas parallelas), e ſe marchava ſobre linhas obliquas, ou curvas, obrigava-o á proporção, ſem perder o tempo do movimento, nem a igualdade das diſtancias do terreno.

Se entrava, ou carregava muito na mão com o pulſo muito ligeiro, e flexivel, lhe formava muitas meias paradas, tendo o corpo atrás, e firme algumas vezes, e outras tirando huma redea depois de outra, ou tambem ſuſtentando a mão da redea para ſi firme, e com força proporcionada á poſſibilidade, e deſordem do Cavallo, para o enſinar com eſtas diligencias a conſervar hum movimento, e acção perfeita, repetindo-lhe deſte modo as lições até o aperfeiçoar no ſeu galope.

Quando o Cavallo ſe quer fortalecer na defeza de não ſahir para diante, ou entrar na mão, deve o Cavalleiro firmar-ſe bem ſobre o ponto de equilibrio; e ſem pender para trás, abrandar-lhe a mão, obrigando-o com ambas as pernas a ir para diante, endireitando-o deſte modo entre ellas, e as redeas ambas, o mais que póde, até o render facil, e prompto a obedecer a ambas as redeas, e ás pernas ambas.

Paſ-

Silva delin.t Manuel Alegre sculp.t

Paſſagens de mão, galopando da direita para a eſquerda.

ANimava Sua Mageſtade qualquer Cavallo ſempre bem igual no movimento do ſeu galope; e quando o principiava a enſinar a paſſar de mão, encruzava-o cada vez mais entre as forças da redea direita, e da perna eſquerda, obrigando-o a marchar humas vezes ſobre linhas rectas, e outras ſobre curvas, fazendo-o ir ſempre bem para diante; e ſahindo pelo angulo que lhe era mais conveniente, o enſinava a paſſar pela maneira ſeguinte.

Quando queria fazello paſſar de mão da direita para a eſquerda, fazia-o partir para fóra do terreno, em que o trabalhava, dous, ou tres comprimentos do corpo do meſmo Cavallo, ou mais, ſe era preciſo, e com ambas as redeas, e as pernas ambas o enſinava a formar o arco do angulo para ir completar a paſſagem no lugar que lhe parecia mais proprio, para o fazer deſdobrar da direita para a eſquerda: então no tempo em que com ambas as redeas, e as pernas ambas o fazia chegar ao vertice do angulo, avançava o quadril, e eſpadua direita, atrazava a eſpadua, e quadril eſquerdo, ſeguindo com as mãos, e pernas promptamente eſtes movimentos, e no ponto da paſſagem ſegurava-lhe mais a mão eſquerda de unhas aſſima, a direita de unhas abaixo: unia-lhe a perna direita logo atrás das cilhas, e a eſquerda entre a primeira cilha, e o codilho; e prevenido aſſim, inſtantaneamente o fazia mudar de acção da direita para a eſquerda, fortalecendo, e modificando a actividade das ſenſações do corpo, mãos, e pernas á proporção da obediencia com que o Cavallo lhe correſpondia até o formar na meſma bella acção para a eſquerda, em que antes da paſſagem andava para a direita.

Modo de formar as paſſadas, enſinando o Cavallo com o freio ſó.

HAvendo ElRei enſinado hum Cavallo a paſſar de mão (quando o achava mais facil) tambem o obrigava a formar as paſſadas pelo arco do angulo: então animava cada vez mais a ſua figura, encruzando-o bem entre as ſenſações da redea direita, e da perna eſquerda, fazendo-lhe ſentir alguns toques da perna de fóra mais activos, e inſtantaneamente até formar tres, ou quatro paſſadas, moderando-lhe logo a força das ſenſações do corpo, mãos, e pernas até chegar ao vertice do angulo em hum movimento mais modificado, para o fazer deſdobrar da direita para a eſquerda, ſem elle ſe apaixonar. Ora no tempo da paſſagem affroxava-lhe as ſenſações da perna eſquerda, e da redea direita, avançava a eſpadua direita, atrazava a eſquerda, fortalecia-lhe as ſenſações da perna direita, e o Cavallo apôs iſſo ſeguia o balanço, e movimentos da galopada para a eſquerda na meſma acção, em que antes da paſſagem ſe preſentava para a direita.

Fórma o Cavallo a galopada com dous balanços, hum das eſpaduas, e outro da garupa, compoſtos de quatro movimentos principaes; e a compreſsão dos muſculos de todo o corpo concorre para os referidos movimentos, aſſim no balanço das eſpaduas, como no da garupa. O primeiro movimento no balanço das eſ-

paduas (em quanto anda para a direita) faz avançar a mão direita: o ſegundo a mão eſquerda: no balanço da garupa o terceiro movimento faz avançar o pé direito, e o quarto o pé eſquerdo. No balanço das ancas marca primeiro a terra a piſta do pé eſquerdo N. 4., depois a do pé direito marca a piſta N. 3.: logo no balanço das eſpaduas marca primeiro a terra a piſta da mão eſquerda N. 2., e depois a piſta da mão direita N. 1. marca a ultima poſição.

Tendo ElRei feito paſſar o Cavallo de mão ſem acceleração de movimento, com ambas as pernas, e as redeas ambas o enſinava a ir para diante, dobrando-o cada vez mais com as forças da perna direita, e da redea eſquerda, virando a mão eſquerda repetidas vezes de unhas aſſima, inclinando-a da cernelha para a direita com o dedo minimo voltado para a eſpadua de fóra, em quanto aſſim caminhava, ſem que iſto lhe ſerviſſe de embaraço a conſentir com toda a ſua bella figura na dobra, e no balanço, que o Cavallo obſervava em todo o corpo, galopando para eſta mão. Iſto ſuppoſto, paſſo a moſtrar a boa ordem com que o Sereniſſimo Principe D. João enſina os Cavallos, em que anda, dobrando-os para a eſquerda.

Lição do galope, fazendo marchar o Cavallo dobrado para a eſquerda ſómente com o freio.

OBriga S. A. qualquer Cavallo a que principie a galopar alguma couſa dobrado para a eſquerda, enſinando-o a entrar para diante com ambas as pernas; e logo com as redeas ambas o encaminha, já momentaneamente, já ſucceſſivamente, ſegundo permitte a ſua ſenſibilidade: rende-lhe repetidas vezes a mão da redea com o pulſo firme, e a mão flexivel, levando-a da cernelha ora para huma, ora para outra parte, endireitando-o por eſte modo dos movimentos das eſpaduas, e das ancas. Tambem com todo o ſeu corpo conſente no movimento que o Cavallo faz para galopar; e apôs iſſo o vai encruzando cada vez mais entre as ſenſações da redea eſquerda, e da perna direita, conſervando a mão da redea de unhas aſſima, com o dedo minimo voltado para a eſpadua direita, e cada vez a ſegura mais tempo inclinada para a direita, a fim de que as ſenſações da embocadura, e barbella ſejão mais activas da parte direita, para obrigarem o Cavallo a voltar, e dar a cara para a eſquerda, como ſe moſtra na ſeguinte

ESTAMPA XLIX.

O Sereniſſimo Principe D. João enſinando hum Cavallo a galopar, dobrando-o para a eſquerda com o freio ſó.

COnſerva S. A. o Cavallo ſempre igual no movimento, e prompto a obedecer ás ſenſações da redea eſquerda, e da perna direita; e logo que elle ſe lança ſobre a eſpadua de fóra, o emenda, levando-lhe a mão da redea de unhas abaixo da cernelha para a eſquerda, ou para dentro da volta, affroxa as ſenſações da per-

na

Silva del. et sculp.

na direita ; e ſe he preciſo , fortalece as da perna eſquerda para o enſinar a indireitar-ſe dos movimentos das eſpaduas , e collocar bem toda a ſua acção ſobre a garupa. Quando o enſina a marchar ſobre linhas rectas, obriga-o a dobrar-ſe pouco do peſcoço , fazendo-lhe menos activas as ſenſações da redea de dentro , e da perna de fóra ; e quando o faz marchar ſobre linhas curvas , obriga-o a dobrar-ſe mais, fortalecendo-lhe as ſenſações das redeas de dentro, e da perna de fóra.

Se o Cavallo péza na mão, iſto he, ſe deſcança ſobre a embocadura do freio, repetidas vezes lhe fórma meias paradas, e paradas mais, e menos firmes, ſegundo o Cavallo as preciſa; e neſte caſo tem o pulſo muito ligeiro, e facil, tem o corpo atrás , ſegura a mão eſquerda para ſi com força , e actividade proporcionada á ſenſibilidade que lhe acha na boca, e no eſpinhaço, repetindo-lhe todas eſtas diligencias as vezes que o preciſa , até o enſinar a obedecer , galopando para a eſquerda com facilidade, e perfeição.

Se ſe detem, e não entra para a mão, ſeja por buſcar a defeza de ficar para trás , ou tambem por ſer coceguento , e raivoſo ao freio , á perna , e á eſpora, S. A. áquelles, que temem as ſenſações da embocadura do freio, rende ſubtilmente a mão, regulando-lhe o ſeu tacto pela ſenſibilidade da boca do animal até conſeguir delle huma obediencia prompta, e facil.

Se buſca a defeza de ficar para trás , por ſer coceguento á perna, e eſpora, firma-lhe então mais o corpo atrás em huma acção forte , e viva , uſa menos das ſenſações das pernas , e eſporas , fazendo-lhas ſómente ſentir , quando elle vai mais facil (mas inſtantaneamente) , e para o enſinar a que ſe determine por meio das ſenſações do corpo, dos joelhos, da falla, e da vara. Tambem he neceſſario fazer-lhe ſentir eſtas ſenſações ſem tenacidade , uſando ora de humas , ora de outras até o aperfeiçoar no movimento do galope, que lhe he mais proprio.

Fórma, com que S. A. enſina qualquer Cavallo a paſſar de mão, galopando da eſquerda para a direita.

QUando S. A. pertende fazer paſſar o Cavallo de mão da eſquerda para a direita ſobre o tempo , encruza-o cada vez mais entre as ſenſações da redea de dentro , e da perna de fóra ; e ſem deſconcertar a ſua bella figura , o obriga a marchar pelas linhas que lhe ficão mais convenientes, e pelo arco, e lados de hum angulo maior , ou menor o faz paſſar de mão , deſdobrando-o com muita facilidade, e deſembaraço da eſquerda para a direita, já fazendo-o paſſar de duas, ou de quatro piſtas, já formando-lhe as paſſagens tranſtornadas, ou eſperando o tempo de as executar.

Se o faz paſſar, eſperando o tempo, quando elle vai com obediencia, ou ao menos com mais facilidade, obriga-o a formar hum angulo; e com a redea eſquerda, e a perna direita, chegando-o ao lugar da paſſagem, o faz unir cada vez mais ſobre a meia anca eſquerda , e então bem no vertice do angulo lhe affroxa a redea eſquerda, e a perna direita, fortalecendo-lhe as ſenſações da redea direita, e da perna eſquerda, até o Cavallo ſe deſdobrar da eſquerda para a direita. No tempo,

po, em que S. A. lhe affroxa a redea esquerda, avança a espadua esquerda, atraza a direita, e finalmente o ensina a formar-se na acção do galope sobre a mão direita com igual perfeição áquella, com que tenho dito o faz galopar sobre a mão esquerda, porque tem a propriedade, e dom de conhecimento de os formar no movimento do galope, que lhe he mais proprio, e assim da mesma sorte para os ensinar nas mais lições.

Não se deve entender que o Cavallo passou bem de mão, sómente por se desdobrar da esquerda para a direita, ou da direita para a esquerda, mas sim pelo movimento que faz com todas as partes do corpo, quando o fazem desdobrar de huma para outra mão. Havendo-o pois disposto na lição do galope (seja Potro, ou Cavallo ainda ignorante) querendo-o fazer passar de mão, deve o Cavalleiro dispôr-se, como tenho referido que vi praticar a Sua Magestade, e SS. AA. (Exemplo.) Se o Cavallo anda galopando sobre a direita, deve o Cavalleiro no principio da passagem animar toda a sua figura á proporção da actividade, e viveza com que o Cavallo se determina para o fazer entrar no apoio do freio com suavidade; e logo que usar bem da garupa no principio do semicirculo, recolhendo as pernas bem para baixo do ventre, então o Cavalleiro lhe deve ter o corpo atrás, e firme, unindo-lhe as pernas á barriga, logo atrás das cilhas, atrazando ao mesmo tempo a espadua direita, avançando a esquerda, situando bem toda a sua figura para contrapôr-lhe a força das redeas á força das sensações das pernas, a fim de que o Cavallo lhe obedeça, e se deixe encruzar o mais que puder ser entre a redea direita, e a perna esquerda pelo arco do angulo, e lados delle até chegar ao vertice, como tambem depois no terreno, em que trabalhar; pois que de outra sorte não se póde ensinar ao Cavallo, como ha de fazer as passagens de huma para outra mão.

Todas estas prevenções, e movimentos deve o Cavalleiro fazer-lhe sentir de sorte, que por effeito da propriedade das sensações com que o ensinão, obedeça com igual facilidade. Se o fizerem passar de mão, cortando o terreno, como se mostra na Est. XV. pelas linhas N. 5., Letra E para L, N. 4., o Cavalleiro o deve endireitar successivamente entre ambas as redeas, e ambas as pernas, o mais que puder ser; e quando o Cavallo chegar com as espaduas ás linhas R no tempo do balanço da garupa, devem desdobrallo da acção, que até alli sustentava, da direita para a esquerda, cuja mudança principia pela redea esquerda, a qual lhe faz voltar a cara, e dobrar o pescoço, e espaduas para a esquerda, principalmente se a perna direita lhe segura logo as ancas para a esquerda. Ora para o Cavallo continuar o seu galope, dobrando-se em boa acção para esta parte, he preciso não só no tempo da passagem avançar o Cavalleiro a espadua direita, e atrazar a esquerda, mas conservar deste modo toda a acção, tendo a mão esquerda de unhas assima com o dedo minimo inclinado para a espadua direita, para que a redea esquerda lhe faça voltar a cara, e dobrar o pescoço, e espaduas do Cavallo para a esquerda: logo em tal caso a mão direita deve conservar-se alguma cousa mais alta, e avançada do que a esquerda, hum pouco de unhas abaixo, para apresentar á vista huma symmetria igual em toda a figura do Cavalleiro.

Se

Se marcha de duas piſtas, marca o terreno, como ſe moſtra nas de G, e N, Eſt. XV.; e ſe galopa com as eſpaduas dentro, ou ao centro, marca o terreno, como ſe vê nas piſtas, e linhas de R, e Q. Todas as funções, e movimentos da paſſagem ſe fazem em quanto o balanço da garupa ſe continúa para as eſpaduas, a fim de que deſcendo ellas no ſeu balanço, volte o Cavallo para dentro, avance, e alargue a mão, e eſpadua eſquerda para o centro da volta em que vai andar, unindo a ella a eſpadua de fóra. Tambem quando o Cavalleiro ſuſtenta a redea eſquerda com mais apoio, trazendo a mão para dentro da volta, deve a perna direita ao meſmo tempo unir-ſe ao ventre do Cavallo, para que no balanço com que as ancas ſeguem as eſpaduas, ſe alargue, e ſe avance a anca, e a perna de dentro para a volta, e para diante; e a perna, e a anca de fóra ſe atrazem, e ſe unão á de dentro. E ſeja qual for o angulo em que ſe formar a paſſagem, ſempre o Cavallo a deve fazer com facilidade, ſendo encaminhado da meſma ſorte ſobre as linhas parallelas ao comprimento, ou á largura do terreno do Picadeiro; e o Cavalleiro ſempre o deve deſdobrar da direita para a eſquerda com a meſma formalidade de ſenſações.

Nas paſſagens cortando o terreno, e ſobre as parallelas á largura, ou ao comprimento do manejo, tanto que a redea eſquerda obriga o Cavallo a voltar para eſta parte, o devem ajudar com a perna direita, logo depois de voltar; mas nas paſſagens ſobre os angulos, principalmente rectos, ſó o devem ajudar com a perna direita, depois da redea eſquerda o fazer voltar para o centro, e avançar a eſpadua eſquerda, a fim de que no ſegundo tempo ſe poſſa unir a ella a direita para vencer o preciſo terreno, e ſe endireitar ſobre as linhas da muralha, e depois he que a perna direita do Cavalleiro o deve ajudar a fazer alargar da garupa para avançar a perna eſquerda, e unir a ella a direita. Eſtas paſſagens de mão são boas para ir diſpondo, e facilitando os Cavallos tambem com o freio ſó, porque lhe obrigão pouco as forças do eſpinhaço, garupa, e curvilhões.

Modos de enſinar os Cavallos, que fogem de formar as paſſagens de mão, ficando para trás.

HA Cavallos, que ſe demorão, quando ſentem que os querem diſpôr para entrar á paſſagem; e huns fogem das ſenſações do freio, e cabeção, outros o fazem por ſerem muito rudes ás ſenſações das pernas: os que o fazem por medo do freio, e cabeção, são ſenſiveis da boca, e do focinho; e os que ſe detem á perna, são rudes a ella, ou demaziadamente coceguentos. Tambem fogem por ſerem fracos, por ſerem mal formados das pernas, por terem pouco deſembaraço para alargar, e avançar a parte de dentro, e por lhes cuſtar mais a dobrar-ſe para huma, do que para outra mão. Se fogem das ſenſações do freio por ſenſiveis, devem ajudallos na paſſagem, tendo a mão da redea branda, ligeira, e firme: ſe ſe demorão por ſerem pouco ſenſiveis da boca, focinho, e ventre, deve o Cavalleiro na paſſagem ter-lhes mais fortemente o corpo atrás, e a mão firme, contrapondo-lhes as ſenſações das redeas ás das pernas com igual força para os fazer entrar para diante,

te, e mudar de acção mais promptamente na paſſagem. Logo neceſſariamente aos que são pouco deſembaraçados, he preciſo fazellos mais faceis com o ſucceſſivo coſtume de os fazer paſſar de mão neſta, e nas lições antecedentes, principalmente ſobre a volta, para os render cada vez mais faceis.

Dos que fogem de formar as paſſagens, arremeſſando-ſe a ellas, entrando muito na mão, ou fugindo para diante; e dos que tomão ſentido no lugar, e modo de os paſſar de mão.

ALguns Cavallos fogem muito para diante, por ſerem demaziadamente ardentes, e colericos; outros porque são muito coceguentos; e huns, e outros o fazem para ſe livrarem da ſujeição a que os conduzem as ſenſações das mãos, e pernas do Cavalleiro: a eſtes devem fazer meias paradas, e paradas firmes nas extremidades das linhas da muralha, e lugar da paſſagem, maiormente ſe elles tem boa garupa, iſto he, ſe tem baſtante força nas ancas, e não querem uſar bem dellas; em tal caſo lhes he tambem util parallos nas paſſagens, e tirallos atrás para os enſinar a que ſe demorem, percão o ſeu máo coſtume, e dem tempo a que os obriguem a formar as paſſagens ſobre huma, ou outra mão regularmente.

Se o Cavallo tomar ſentido no lugar, em que o coſtumão paſſar de mão, e ſe for diſpondo para a paſſagem, quando for chegando áquelle ſitio, então devem conſervallo na figura ſem acceleração de movimento, e formar-lhe alguns pequenos circulos para o arredondar da direcção das eſpaduas, e da garupa, a fim de o ir fazer paſſar de mão em outro lugar, quando for ſem eſſa vontade, para ſeguir as ſenſações, que o enſinão a deſdobrar-ſe na paſſagem de huma para outra parte, quando o Cavalleiro quer.

Logo que ſe deſdobrão, eſta caſta de Cavallos, de hum para outro lado, devem enſinallos pouco a pouco a que ſuſtentem a igualdade de movimentos, e de acção na dobra de toda a ſua figura com aquella graça com que ſe movião, e ſituavão no terreno antes de paſſarem de mão; iſto he, ſe elles antes de paſſar ſe dobrarem na figura correſpondente á acção em que trabalhão, recommendo que os obriguem a pouco e pouco, porque elles ſe não determinem a puxar pela mão.

Contra-paſſagens de mão, e paſſagens tranſtornadas, trabalhando com o freio ſó.

COntrapaſſar de mão para a eſquerda he cortar o terreno mais, ou menos largo, Eſt. XV., pelas linhas F, L; e quando o Cavallo ſe for chegando á Letra O, enſinando-o a unir-ſe, e a indireitar-ſe entre as redeas ambas, e ambas as eſporas, como ſe o quizeſſem paſſar de mão: então o devem encruzar mais entre a força da redea de dentro, e da perna de fóra, para o obrigar a que junto ás linhas da muralha faça hum pequeno ſemicirculo para ſima dellas, e determine a direcção dobrado para a meſma volta, em que trabalhava antes de principiar a cortar o terreno, ou contrapaſſar de mão, ſeguindo ſem dúvida as linhas N, e G, encru-

cruzando-o cada vez mais entre as forças das redeas de dentro, e da perna de fóra: he esta lição boa para segurar a garupa ao Cavallo, alevantallo das espaduas, e fazello obediente ás mãos, e pernas do Cavalleiro; do mesmo modo se faz contrapassar de mão para a direita pelas linhas P, L, M, e N, Est. LIX.

As passagens, a que chamão transtornadas na lição do galope, podem fazer-se em qualquer parte do Manejo (mas eu faço menção dellas, executando-as sobre a meia volta curva, que tem por centro o angulo do quadrado, Est. LIX., Fig. 2., G, H, I); e tanto que se postar sobre as linhas da muralha dous tempos, ou tres das espaduas, e outros tantos da garupa (se anda para a direita), podem carregar-lhe alguma cousa a mão da redea de unhas assima para fóra da cernelha da parte esquerda; e apôs isso fortalecer-lhe a sensação da perna esquerda, que logo por effeito da redea direita, e da perna esquerda elle se dobrará, tendo as espaduas para o centro dous, ou tres balanços da sua galopada, em que por consequencia as ancas se unem á muralha; mas para o fazer desdobrar da acção, devem obrigallo a chegar com as espaduas em outros dous, ou tres balanços da galopada ás linhas da muralha, para entrar com as ancas para o centro, e completar a passagem: então instantaneamente se lhe devem affroxar as sensações da redea direita, e da perna esquerda, fortalecendo-lhe logo as da redea esquerda, e as da perna direita, para lhe transtornar as espaduas bem para o centro, e fazello passar com perfeição: estas passagens são muito vistosas, posto que alguma cousa mais violentas que as que se fazem sobre o tempo das espaduas, e com tudo ellas não violentão muito as forças dos Cavallos nos rins, garupa, e curvilhões, por serem sempre feitas perto da terra.

Por meio das passagens transtornadas se obriga o Cavallo a fazer-se muito agil para voltar sobre humas, e outras partes, e por consequencia obedecer a huma, e outra redea, situar-se bem no terreno, e galopar com facilidade, tanto sobre a volta, e quadrados, como sobre a volta ao revés com o freio só. Tambem para se determinar em toda a qualidade de passagens, deve chegar ao lugar em que o fazem desdobrar de huma para outra acção com a obediencia, e seguro da cabeça, espaduas, e garupa entre as forças com que o obrigão as mãos, e as pernas do Cavalleiro.

Não deve passar, determinando o seu movimento falso, ou desunido, sem observancia de tempo, ou de terreno, antes deve sempre chegar ao vertice do angulo, sobre que se fórma a passagem, em movimento igual, e manso; porque isto serve para o Cavalleiro se fazer obedecer bem do Cavallo, e passallo de mão, quando, e aonde quizer, sem elle ter difficuldade, ou dúvida; e pelo mesmo modo se ensina a fazer a passagem sobre a meia volta da Fig. 4., Est. LIX., D, E, F.

Paſſagens de mão, eſperando o tempo, e o modo de as fazer tambem ſobre a meia parada, e ſobre a meia curveta.

HAvendo-ſe diſpoſto o Cavallo, como tenho dito, e querendo-o fazer paſſar de mão (eſperando o tempo em que ſe for approximando ao lugar da paſſagem), devem animallo com ambas as pernas, tendo-lhe a redea de dentro mais firme, e o corpo alguma couſa atrás, em huma acção forte, e viva, para que pela curvidade do meio circulo ſe levante ás paſſadas, rebatendo bem os movimentos da garupa, até que ſobre o vertice do angulo ſe deſdobre da direita para a eſquerda; e para elle ſe apoiar mais ſobre a meia garupa direita, com a redea direita, e a perna eſquerda, ſe obriga vivamente a levantar-ſe das eſpaduas para mudar de acção para a eſquerda ſobre a Letra I, Fig. 2. Logo a redea eſquerda, e a perna direita he que o fazem deſdobrar de huma para outra mão; e eſtas paſſagens lhe obrigão mais que as precedentes as forças dos rins, garupa, e curvilhões: razão, por que he preciſo ſerem elles bem vigoroſos deſtas partes dos ſeus corpos para as executar com perfeição.

Para lhe enſinar a formar as paſſagens de mão ſobre a meia curveta, deve o Cavalleiro com as mãos, pernas, e corpo obrigallo a eſperar o tempo da paſſagem, quando chega ao lugar, em que o pertendem fazer mudar de acção, fazendo-o levantar em huma meia curveta; e quando for abaixando as eſpaduas (ſe o fazem paſſar da direita para a eſquerda), então he que devem dar-lhe liberdade na redea direita, affroxar-lhe a perna eſquerda, unindo-a á primeira cilha, fazendo-lhe ſentir a direita mais forte logo atrás das cilhas, para ſe deſdobrar da acção da meia curveta, fazendo a paſſagem de ſorte, que quando as piſtas das mãos tocarem a terra, ha de ter mudado toda a ſua acção da direita para a eſquerda; mas não ſe deve pertender que os Cavallos fação eſta caſta de paſſagens, ſem primeiro eſtarem bem adeſtrados na lição das curvetas entre os Pilões, e junto ao Pilão do centro. Eſtas paſſagens de mão são muito viſtoſas, e proprias para os Cavallos bem formados, fortes, e ſenſiveis; e o corpo, mãos, e pernas do Cavalleiro paſsão neſta pelas meſmas funções por que paſsão, quando o formão em outra qualquer paſſagem de mão, ſó com a differença de ſer a paſſagem feita muito de vagar. Eu confeſſo que aos Cavallos, que não tem forças competentes para eſte trabalho, a agilidade do Cavalleiro, e o coſtume da lição podem de alguma ſorte ſubſtituir-lhe a falta que nellas tiver; mas ſe os expectadores forem ſcientes, podem com razão criminar aquelle Cavalleiro, que obriga os Cavallos a formarem eſtes trabalhos, que elles pela ſua debilidade, e conſtrucção não podem executar ſem o riſco de ſe arruinarem com o ſeu uſo.

Os Cavallos mal formados, e fracos, ſendo muito obrigados, commummente ſe arruinão, ou ſe defendem: por iſſo La Guerinieri diz no Cap. V. Art. 1. „ A „ maior parte dos que montão a cavallo não tem mais que huma idéa confuſa „ dos movimentos das mãos, e pernas deſtes animaes: ſendo eſte conhecimento „ aliàs eſſencial para o Cavalleiro fazer bom uſo da lição. „

Ain-

Ainda que ha differentes fórmas de fazer paſſar os Cavallos de mão, e mudar de humas para outras acções, he certo que todas as paſſagens devem ſer feitas ſobre quatro tempos; porque elles quando paſsão de mão, neceſſariamente ſe hão de mover ſobre os ſeus pés, e mãos, ſejão ellas formadas ao paſſo, ao trote, ou de galope; e ainda que faça galopando dous balanços na ſua galopada, he ſem dúvida que tanto o balanço das eſpaduas, como o da garupa ſe compõe cada hum de dous movimentos principaes, ou o Cavallo diſtribua os movimentos com maior, ou menor velocidade: logo por conſequencia com cada braço, e cada perna fórma cada hum dos quatro tempos nas paſſagens, como tenho ponderado.

Effeitos da mão da redea em commum, trabalhando ao Cavallo com o freio ſó: e os movimentos principaes, com que ella faz uteis as ſenſações da embocadura, e da barbella.

OS movimentos da mão da redea ſervem para obrigar os Cavallos a que ſe ſubmettão com igual regularidade a tudo quanto o Cavalleiro quer que elles fação. Pignateli, La Brow, Pluvinel, Newcaſtle, e outros dizem „ O perfeito „ Cavalleiro deve ter a mão da redea ſuave, ligeira, e firme; „ e eu paſſo a moſtrar a razão, por que me parece cuſta a muitos Cavalleiros adquirir eſtas eſſenciaes qualidades.

Se o Principiante nas primeiras lições entrar a trabalhar com as redeas ordinarias do cabeção, terá a mão aſpera, e mal poſta por dous motivos: Primeiro, a maior força que elle faz para trabalhar, tanto as redeas do cabeção, como as correas de vencer, lhe engroſsão a facilidade, e a ligeireza do pulſo: o ſegundo he procedido do primeiro. A maior força, que o Principiante faz para operarem as redeas do cabeção, ſenão tem ainda ganhado equilibrio, ou aſſento da ſella, elle vai fazendo na mão a ſegurança, que não tem obtido do ſeu pouco exercicio, ou tempo de lição, perde a ligeireza do pulſo; e ſendo creado com taes principios, pela maior parte ha de ter a mão aſpera, e o pulſo pouco engraçado na ſua flexibilidade, e movimento.

Se ao contrario o Principiante não for creado neſte erro, e o fizerem ao principio trabalhar ſó com as redeas do freio, naturalmente ha de ſegurar-ſe menos na mão; por iſſo recommendo tanto que não o fação trabalhar com as redeas do cabeção, nem ainda quando andar ſobre os circulos, meias voltas, lição da garupa ao Pilão, ou nos reverſos da cara contra a muralha, teſta, e eſpaduas contra o Pilão, &c. ſem que primeiro obſervem os Meſtres ſe elle eſtá capaz de vencer as difficuldades, que de ordinario lhe ſervem de obſtaculo para ſituar-ſe em boa figura, trabalhando em qualquer deſtas lições.

Senão fizerem eſtas advertencias, jámais os Cavalleiros terão boa igualdade de equilibrio, e poderão adquirir aquellas perfeições, que não procedem ſómente dos differentes movimentos da mão: e bem ſe deixa ver que ſe o Cavalleiro não tiver bom aſſento da ſella, e por conſequencia tiver a mão da redea aſpera, e o pulſo pouco flexivel, não conſervará nem a ſenſibilidade na boca do Cavallo,

nem a igualdade do ſeu movimento natural, conſiſtindo niſto a ſua maior perfeição.

Tem o Cavallo na conſtrucção de todo o corpo quatro determinações eſſenciaes, e naturaes, que vem a ſer: ir para diante, andar para trás, obliquar para a direita, e obliquar para a eſquerda. A mão da redea tem á proporção quatro movimentos tambem principaes, que são, render a mão, ou adiantalla, ſuſtella, ou ſeguralla mais, ou menos alta, levalla para a eſquerda, e trazella para a direita. O principal ſentimento da mão procede da maior, ou menor delicadeza do tacto. Ora ſendo os homens todos provídos de partes nervoſas, em as quaes ſe fórma eſte ſentido, elle neceſſariamente ha de ſer mais delicado em huns, do que em oútros homens.

O conhecimento dos differentes genios naturaes dos Cavallos, e das proporções bem ſymmetriadas, de que ſe compõem os ſeus corpos, são a baſe ſobre que ſe funda a theorica deſta Arte: a ſua prática porém ſe faz inutil, ſe o Cavalleiro com boa ordem não a emprega, diſtribue, e executa. Não ſe póde definir o ponto certo do tacto da mão do Cavalleiro, que deve correſponder ao tacto da boca do Cavallo, poſto que eſta ſeja bem feita; porque o ſentimento nas mãos he tão differente nos homens, como da meſma ſorte o he nas bocas dos Cavallos: logo o homem Cavalleiro para julgar theorica, e praticamente da qualidade da boca de qualquer Cavallo, deve ter o tacto da mão ſubtil, pois que eſte, ſegundo a melhor opinião, contribue muito para as ſuas melhores operações.

O Cavallo anda para diante, e para trás, anda, e volta para a direita, e para a eſquerda; porém eſtes movimentos não podem ſer poſtos em prática da parte do animal, ſem que a mão da redea contribua com outros tantos movimentos que lhe são correſpondentes, como paſſo a demoſtrar. Eſtando a mão da redea (iſto he, a eſquerda) em boa ſituação, e diſtancia do corpo do Cavalleiro, e do cepilho da ſella (de que já tratei), quando quizerem voltar o Cavallo para a direita, devem ter a mão de unhas aſſima com o dedo minimo inclinado para a eſpadua eſquerda, porque aſſim fica ſendo mais forte a redea direita, do que a eſquerda.

Quando a mão da redea vai da cernelha para a direita de unhas aſſima, inclinando o dedo minimo para a eſpadua direita, a redea eſquerda fica mais forte, e obriga o Cavallo a que volte para a eſquerda. Logo por conſequencia, quando a mão ſe adianta, lhe dá a liberdade para avançar; e quando ſegura as redeas, o faz não ſó parar, mas até o obriga a andar para trás. Com tudo, eſtas differentes ſituações da mão da redea não baſtão ſómente para dobrar, e fazer andar bem hum Cavallo, he neceſſario paſſar de humas a outras ſituações em lições diverſas com methodo, e arte.

A mão da redea deve ter as qualidades de ſuave, ligeira, e firme: a ſuave he aquella que mitiga, e modifica a força das ſenſações na boca do Cavallo, que he muito ſenſivel, de ſorte que o vai reduzindo ao eſtado de ter prompta, e facil obediencia. Tambem quando he incerto, ou tira pela mão, e ſacode o freio, a mão ſuave o rende facil, e firme: logo ella he boa para remediar-lhe tambem a incerteza.

A

A mão da redea ligeira diminue a groſſura do ponto do apoio na boca do Cavallo, que he dotado de huma ſenſibilidade, que ſe deixa modificar pela ligeireza do pulſo, e da mão, reduzindo-o prompto, e facil em avançar, parar, voltar, recuar, e obliquar para huma, e outra parte, levando ſempre a cabeça no ſeu devido lugar.

A mão da redea firme he a que tem no ſeu tacto huma connexão perfeita com o tacto, que reſide nas bocas dos Cavallos. Ora eſtando eſte tacto por effeito das ſucceſſivas ſenſações em hum grão de apoio tal, ou com huma igualdade de força perfeita para o conduzir em todas as ſuas direcções, ſem dúvida caracteriza o bom apoio, que todos os Cavalleiros devem aperfeiçoar pelas ſenſações das redeas nas bocas dos Cavallos, tanto aos deſtinados para o manejo, como aos que ſe applicão para a caça, e para a guerra.

Não ſe deve ſubitamente paſſar do uſo da mão ligeira para o da mão firme, ou para o da mão ſuave, para que o Cavallo não falte á igualdade do apoio, e movimento. Tambem ſe a mão eſtiver mais voltada do que deve ſer, ou ſeja de unhas aſſima, ou de unhas abaixo, não poderá gozar bem dos movimentos do braço, e parecerá todo o ſeu movimento defeituoſo.

Não ſe devem dar ſoffreadas aos Cavallos, que tem a boca ſenſivel; porque eſte coſtume, ou caſtigo não ſó não lhes dá o apoio proprio dos que tem boa ſenſibilidade, mas falſifica, e deſtroe a melhor boca, e o melhor apoio; por iſſo he indiſpenſavel applicar, e regular as ſenſações da mão pelas redeas ás caimbas, e embocadura, para deſta ſe communicar á barbada, e aos aſſentos da boca do Cavallo huma força, que lhe vá produzindo hum governo firme, e igual.

Se o dedo pollegar não ſegura bem ſobre o chato das redeas, ellas ſahem pela mão fóra, e em tal caſo he preciſo andar a todo o inſtante abaixando, e levantando o braço, perdendo aſſim a boa regularidade do tacto, ſem o qual o Cavallo não póde ſer perfeitamente igual no apoio, e movimento. Quando a mão ſegura as redeas, ſempre com o meſmo grão de força, ſem lhe dar repetidas vezes a devida liberdade, o Cavallo ſe vai fazendo cada vez mais inſenſivel, e rude ás ſenſações da embocadura, donde procede a neceſſidade de lhe render, e ſuſter a mão, para lhe regular mais o apoio, e conſervar a ſenſibilidade.

He certo que ha Cavallos, a quem he preciſo dar-lhes com o freio alguns toques para ſima, e para trás, quando elles ſe encoſtão á embocadura, ou eſtendem amiudadas vezes o bico para diante, por ter a boca groſſa, não ſó para os fazer deſencoſtar do freio, mas para os caſtigar, quando ſe eſtendem ſobre elle; porém a força do toque deve ſer proporcionada á ſenſibilidade; e ſenão tem eſtes defeitos, deve a mão ſer firme, e facil para os formar nas acções de que elles ſão capazes. Dos principios indicados ſe vê que a delicadeza da ſenſibilidade de alguns Cavallos não póde ſer bem conhecida de todos os Cavalleiros, e de todas as mãos.

A mão da redea poſta de unhas aſſima, inclinando o dedo minimo para a eſquerda, ſuſtenta a redea direita com mais apoio, e mais firmeza, principalmente ſe vai alguma couſa da cernelha para a parte eſquerda. Ora ſe os dedos da mão

ſe

ſe affroxão, e abrem mais, quando o Cavallo volta para a direita, diminue-ſe, e modifica-ſe a ſenſação cauſada pela redea direita; por conſequencia, logo que a mão ſe fecha de unhas affima, tendo o pulſo firme, inclinando-ſe o dedo minimo para a eſpadua direita (ſe o Cavallo anda dobrado para a eſquerda) a caimba eſquerda cobra o ſeu ponto de apoio, e neceſſariamente o faz voltar para a eſquerda, maiormente ſe ella ſe inclina da cernelha para a direita: logo tanto que o dedo minimo, e os mais ſe affroxão, torna o Cavallo a ſentir as ſenſações da redea eſquerda menos activas.

Todos os Cavalleiros devem trabalhar por obter que a ſua mão da redea tenha as tres qualidades de ſuave, ligeira, e firme, para com a primeira diſpôr os Potros, com a ſegunda aperfeiçoallos nas lições, para que os deſtinão, e com a terceira remediar os que tirão pela mão, fazem forças, ou batem no freio: finalmente ſe o Cavalleiro ſe ſervir bem dos differentes movimentos da mão da redea, obrigará, renderá, e conſervará toda a ſorte de Cavallos, dando-lhes governo, apoio, e ſegurança.

Pela vibração das redeas faz a mão do Cavalleiro communicar a força das ſenſações das caimbas á embocadura do freio, e deſta á boca do Cavallo, e á barbella, que faz ſucceſſivamente o ponto de apoio ſobre a barbada.

Effeitos da força da embocadura do freio, e da barbella.

A Mão do Cavalleiro faz mover as redeas, as redeas fazem mover as caimbas, e eſtas a embocadura ſobre os aſſentos, ou queixos do Cavallo, como tambem a barbella ſobre a barbada: bem entendido, que a redea direita determina, e obriga o Cavallo a voltar para a direita; e a eſquerda o faz voltar para eſta parte. Ora quando a redea direita puxa, faz com que a embocadura, e a barbella fação hum grande effeito da parte oppoſta; e igualmente quando a redea eſquerda eſtá mais forte, a embocadura, e a barbella apertão mais da parte direita ſobre o queixo, e ſobre a barbada.

As ſenſações que a embocadura, e a barbella produz ſobre os aſſentos, e ſobre a barbada, depende das caimbas, e das redeas; e he certo que logo que a mão puxa pelas redeas, as caimbas ſobem, e a embocadura deſce, apoiando-ſe ſobre os aſſentos, á proporção da força com que as caimbas ſobem; e o meſmo effeito pela meſma razão faz a barbella ſobre a barbada: logo por conſequencia tanto que a mão affroxa a força com que puxa pelas redeas, as caimbas deſcem, a embocadura ſóbe, e a barbella não faz effeito.

Marchando o Cavallo direito ſobre linhas rectas para diante, ſe o Cavalleiro tem repentinamente a mão da redea forte, e para ſi, a embocadura deſce, e faz ſobre os aſſentos e queixos, e a barbella ſobre a barbada, huma ſenſação ingrata, e dura, a qual faz hum poderoſo effeito em todas as juntas do corpo do Cavallo para ſe dobrarem, e comprimirem, por iſſo todos os ſeus movimentos ſe detem, ou abſolutamente parão.

Quando a mão ſegura as redeas hum pouco mais alta, e avançada para diante,

te, approximando-ſe ás linhas perpendiculares dos torneis das caimbas do freio, então as redeas fazem a ſenſação da embocadura, e barbella activas para o Cavallo ſe levantar para ſima; mas não ſe obriga aſſim a parar firme, porque o braço do Cavalleiro não ſe une ao tronco do corpo para com o ſeu pezo, e união fazer apoiar o Cavallo ſobre as ancas.

Para elle recolher a cabeça, he preciſo ſegurar o Cavalleiro a mão da redea para ſi, e baixa com proporção; por conſequencia para o Cavallo que péza na mão, que abaixa a cabeça, ou ſe encapota, governar, e ſituar melhor a cabeça, he neceſſario ter o Cavalleiro a mão da redea para ſi mais alta, e hum pouco avançada do que ſe coſtuma ſuſter aos Cavallos, que não tem eſtes defeitos.

He certo que unida a força das duas redeas igualmente, quando o Cavalleiro ſuſtem para ſi a mão, o Cavallo pára, ainda quando vai na mais violenta carreira. Se for galopando, e lhe puxarem pela redea direita ſó, elle dará o bico para a direita, unirá a eſpadua direita á eſquerda, e formará a parada mais ſobre a perna eſquerda, do que ſobre a direita.

Para o fazer recuar ſobre linhas rectas alguma couſa dobrado para a direita, he preciſo obrigallo muito com a perna eſquerda, ou ao menos proporcionar a força com que o obriga a perna, á força com que o obriga a redea oppoſta. O meſmo ſerá preciſo, quando ſe uſar aſſim da redea eſquerda, e da perna direita para o fazer recuar para a eſquerda.

Quando ſe trabalha hum Cavallo com a cara contra a muralha, ou ſobre os circulos, quanto mais ſe puxa pela redea direita, mais a eſpadua deſta parte ſe une á eſquerda, de ſorte que elle ſe lança ás vezes ſobre ella com exceſſo; mas logo que ſe affroxar a redea direita, e o Cavallo ſentir mais forte a eſquerda, elle ſe endireitará das eſpaduas, e unirá pela força da redea de fóra, a eſpadua eſquerda á direita: por iſſo recommendo tantas vezes tragão os Cavalleiros a mão de fóra para dentro da volta.

Niſto não quero dizer que ſe traga a mão com extremo para dentro, porque em tal caſo voltará o Cavallo para fóra: o que ſó pertendo, he que ſe volte a mão de unhas aſſima, e a tragão para dentro, ſem entrar da cernelha do peſcoço (Eſt. III. N. 21.) para a direita mais que tão ſómente quanto baſte para a ſenſação da redea eſquerda lhe fazer unir a eſpadua de fóra á de dentro, e o animal ſe endireitar no terreno com facilidade naquella acção, em que anda trabalhando.

Deve o Cavalleiro (tanto, quando o trabalha para a direita, como trabalhando-o para a eſquerda) contrapôr-lhe com o corpo, com o aſſento, mãos, e pernas a força das ajudas, ou ſenſações todas acordadas na ſua oppoſição humas ás outras para os Cavallos lhe obedecerem mais facilmente, pois que de outra ſorte, além de ſer impoſſivel dar-lhes apoio, e governo, elles o perderáõ pelas ſeguintes cauſas.

Se o Cavallo for totalmente ignorante, e o quizerem encaminhar nas primeiras lições ſó com huma redea, elle não tomará apoio, e governo com tanta facilidade; e ſe for mal intencionado, ſem dúvida ſe aproveitará dos movimentos da redea de dentro para defender-ſe. Os movimentos das mãos, e pernas devem ſempre

pre

pre forcejar acordes na ſua contrapoſição para fazer produzir as ſenſações, principalmente das redeas, com propriedade, para os Cavallos lhes correſponderem com promptidão nas differentes acções em que o obrigão a formar-ſe.

Quando ſe trabalhão as redeas iguaes, a embocadura aſſenta por direito ſobre os aſſentos, e então o Cavallo não ſó tem a cabeça mais livre, direita, e alta, mas póde voltar promptamente para huma, e outra parte. O modo de trabalhar com as redeas iguaes he bom para enſinar pelo direito os ignorantes, e tambem para render, e trabalhar os deſtinados para a caça, e para a guerra; porque os que ſervem para a campanha, devem com preſteza voltar com huma, ou com ambas as redeas, cuja facilidade lhes reſulta de os haverem trabalhado com as redeas iguaes: o que concorre tambem para trazerem a cabeça livre para reſpirar com deſafogo, ſeguindo promptamente as ſenſações da embocadura, voltando tanto ſobre hum, como ſobre outro lado.

A mão da redea trabalha humas vezes de unhas abaixo, outras de unhas aſſima: quando trabalha de unhas aſſima, puxa pela redea da parte para onde o Cavallo olha, e ſe dobra; e quando trabalha de unhas abaixo, faz unir huma á outra eſpadua; por iſſo a ſenſação da embocadura, e da barbella obriga mais violentamente da parte oppoſta: logo o Cavallo, por fugir da ſenſação que o magôa, volta com mais graça para onde determina a direcção, ou eſtá dobrado.

A força com que o Cavalleiro puxa pelas redeas, deve ſempre ſer proporcionada ao deſembaraço, ſenſibilidade, governo, conſtrucção, e difficuldades do Cavallo: as ſenſações do equilibrio do corpo, como tambem as das pernas, devem encaminhallo a entrar para a mão com força igual áquella com que o obrigão as redeas, iſto he, ſe elle entrar para a mão, de ſorte que não obedece com facilidade a huma, e outra redea, não o devem obrigar com as pernas para o não excitar á deſobediencia; mas ſim quando eſtiver capaz de ſe deixar vencer da redea de dentro, o podem ir obrigando mais vivamente com a perna, e equilibrio do corpo, trazendo-o, o mais que puder ſer, facil entre a força de huma, e outra redea, e da meſma ſorte entre a de huma, e de outra eſpora, para que não ſe lhe falſifique o governo da boca, e ſe deſmanche da ſua figura, por ſerem as forças das ſenſações das mãos, pernas, e corpo do Cavalleiro deſproporcionadas humas das outras.

He difficultoſo dobrar o Cavallo com o freio ſó, maiormente para a direita; por iſſo he preciſo acoſtumallo com o cabeção a ſoffrer o freio, e com as correias de vencer a dobrar-ſe para huma, e outra parte. Trabalhando-o com o freio ſó, muitas vezes he neceſſario puxar a redea direita com a mão direita, quando a eſquerda vem de unhas aſſima para dentro, já para o advertir do ſeu erro, ſe elle duvída voltar, e unir a eſpadua de fóra á de dentro, já para o caſtigar, ſe vai de má tenção.

Explicão-se os modos de render a mão, trabalhando o Cavallo com o freio só.

AS maneiras de render o freio, que eſtão mais em uſo, fazem-ſe humas vezes abaixando a mão da redea de unhas abaixo, outras avançando-a para o peſcoço do Cavallo, ſem que perca a acção, em que trabalha de unhas aſſima; ou tambem abaixando-a ſómente para o cepilho da ſella, e todos eſtes movimentos ſervem para lhe aliviar o ſentimento da embocadura, e barbella ſobre a barbada, e boca, maiormente no tempo em que ſe lhe formão as meias paradas, as paradas firmes, as falcadas, e as paradas fortes. Os movimentos de render a mão ſempre devem ſeguir-ſe aos de ſuſter a mão no tempo, em que o Cavallo vai ſobre o balanço das ancas; pois eſta he a occaſião, em que ſe faz muito util o render-lhe o freio para o fazer prompto, e facil na parada; e ainda que ſeja difficultoſo tomar bem eſte tempo, ou balanço, he ſem dúvida huma das lições de maior utilidade, que ſe lhe póde dar para o fazer prompto, e obediente á mão, e ás pernas em toda a ſorte de paradas, e falcadas.

Trata-ſe do modo de formar a meia parada, e dos effeitos da parada firme, trabalhando-o com o freio ſó.

QUando o Cavalleiro premedita diſpôr-ſe para formar o Cavallo na acção da meia parada, deve firmar o ſeu corpo bem para trás, ſem pender com exceſſo ſobre a garupa: o pulſo eſquerdo devé eſtar direito pela linha horizontal do cotovelo, e a mão de nivel com elle, tendo firme, e forte o eſpinhaço no lugar dos rins; e quando as pontas dos pés ſe ſegurão ſobre os eſtribos, os hombros, e as eſpaduas igualmente ſe firmão para trás; porque ſó eſtando aſſim diſpoſto com a firmeza do eſpinhaço, do aſſento, e das pernas, ſe obriga o Cavallo para diante, quando ſe continúa o balanço das eſpaduas para a garupa, porque então he que ſe devem ſuſter as redeas, e obrigallo a parar: a força dos movimentos do corpo, mãos, e pernas do Cavalleiro deve ſer proporcionada á velocidade do movimento, e á ſenſibilidade que o Cavallo tem a humas, e outras ſenſações; pois que de outro modo não póde elle recolher as ancas, e as pernas bem para baixo do ſeu ventre, iſto he: ſe puxarem com muita força, poderá entrar com a garupa demaziadamente, no riſco de cahir para trás; e ſe puxarem com menos força do que he preciſo, não fará a parada o pertendido effeito.

A parada firme, ſeja embora mais, ou menos forte, ſempre ſe executa com as meſmas ſenſações com que ſe fórma a meia parada, ſó com a differença de ſerem todas as forças della mais unidas, inſtantaneas, e fortes; e ainda que alguns cuidão que o Cavallo ſe arruina, quando entra muito com as pernas para baixo do ventre, elles ſe enganão; pois quando os muſculos principaes, e os ligamentos do eſpinhaço, garupa, e curvilhões até aos jarretes fazem a ultima extensão a que podem alcançar, por ſe haverem recolhido as pernas para baixo do corpo, as ver-

tebras serviçaes, e lombaes do espinhaço do lugar dos rins junto aos quadrís se elevão para sima, e por este motivo o mesmo espinhaço, quadrís, garupa, e curvilhões se fazem fortes, e ficão bem dispostos para resistir ao pezo, e á força do equilibrio, do assento das mãos, e das pernas do Cavalleiro, formando-se assim o Cavallo em huma acção vistosa, e ao mesmo tempo commoda em todos os seus movimentos. Logo que houver formado a meia parada, ou a parada forte, recolhendo as pernas, e a garupa bem para baixo do corpo, o Cavalleiro deve render-lhe a mão, para elle vir a parar ligeiro, e facil no freio; pois he esta huma das grandes perfeições, que elles podem ter, ou sejão destinados para o manejo, para a caça, ou para a guerra.

Pelo contrario se elle, quando he obrigado a formar a parada, não recolhe as pernas, e une as ancas bem para baixo do corpo, apresentando-se na parada froxo do espinhaço, abatendo-o do meio das vertebras serviçaes até aos quadrís, ficando irto dos curvilhões, facilmente póde arruinar-se de alguma destas partes, além de ficar tambem desta sorte em má acção, e ser muito incommodo com estes movimentos para o Cavalleiro: succede isto, porque deste modo não está a máquina de todo o corpo bem disposta, e situada conforme a sua construcção.

Devem pois ter muito cuidado em o indireitar successivamente entre ambas as redeas, e ambas as pernas, para a garupa determinar os movimentos, seguindo as linhas parallelas das espaduas, maiormente se o Cavallo tiver ainda pouca idade. Taes são os principios, que aperfeiçoão o tacto, e apoio pelos movimentos, e ajudas da redea na boca do Cavallo, quando lhe formão as meias paradas, as paradas, as paradas fortes, e as falcadas; e qualquer outro methodo fará nelles muito máo effeito, e huma continuada irresolução nas suas direcções.

Effeitos da lição das falsas redeas.

LOgo que o Cavalleiro fizer afivelar huma redea do cabeção, ou passar huma correa de vencer pelo olho, ou arco de cada banqueta do freio, (Est. V. Fig. 8., Letra I) elle trabalha o Cavallo com falsas redeas, e a embocadura do freio neste caso tem o prestimo de hum simples bridão, porque a barbella não faz sensação activa sobre a barbada: serve isto para principiar a dar governo aos Potros, e para remediar o defeito daquelles Cavallos, que tem os assentos, ou lugar, aonde assenta a embocadura, e a barbella muito sensiveis.

Com o uso das falsas redeas se faz soffrer aos muito sensiveis, as sensações da embocadura sobre os assentos, para depois irem soffrendo as da barbella sobre a barbada: tambem as falsas redeas os determinão muito a voltar facilmente para huma, e outra parte; mas não deve o Cavalleiro esperar que o uso desta lição caleje, e engrosse demaziadamente os assentos na boca do Cavallo, e lhe faça atenuar a sensibilidade, de sorte que venha a ter a boca grossa.

Quando a mão puxa pela redea direita, que está preza no arco do olho do freio, a embocadura assenta mais forte sobre o assento, ou queixo da parte direita, porque a barbella não faz effeito sobre a barbada. O Cavallo por fugir desta op-

oppresſão, ſim volta para a direita; mas como a barbella não o obriga ſobre a barbada da parte eſquerda, elle dá a cara para dentro, ſem a graça de voltar o bico, inclinando a orelha de fóra para o chão. Semelhantemente quando ſe lhe puxa pela falſa redea eſquerda, volta para a eſquerda, por fugir de ſenſações ſemelhantes áquellas, de que foge, quando deſte modo o obrigão a voltar para a direita.

Eu creio que tenho provado, que, quando o Cavalleiro abaixa a mão da redea, tem o Cavallo liberdade para andar para diante. Quando lhe ſuſtenta a mão para ſi, obriga-o a parar, e pôr-ſe cada vez mais ſobre a garupa. Quando a mão ſe levanta, e ſe lhe avança para a cernelha, levanta-lhe a cabeça. Quando a mão ſe abaixa, tendo-a de unhas aſſima para ſi, o Cavallo abaixa a cabeça, e recolhe o bico. Quando ſe leva a mão da redea com arte da cernelha para a eſquerda, elle volta para a direita. Logo por conſequencia, quando a mão ſe leva de unhas aſſima da cernelha para a direita, o Cavallo volta para a eſquerda.

Por eſtes differentes movimentos da mão, e das redeas ſe vê que o governo della faz mover todo o corpo do Cavallo: por conſequencia os Cavalleiros devem ter hum total conhecimento de todos os movimentos das mãos, e dos effeitos das redeas do freio, das ſuas caimbas, embocadura, e barbella; porque de outra ſorte não ſó não trabalharáõ conforme os preceitos deſta Arte, mas obrigaráõ os Cavallos ſem actividade, e contra o bom ar, que lhes permitte a ſua natural conſtrucção.

Lição das redeas de vencer cruzadas.

DEitar os Cavallos á guia, ainda que não lhes dá apoio, e governo, com tudo os diſpõem grandemente para ſe deixarem vencer, e dominar: por iſſo me proponho dizer como ſe devem deitar á guia com as correas de vencer cruzadas, ou paſſadas pelas argolas dos torneis do cabeção; e ainda que elles por meio deſte trabalho não adquirem tão bem na ſua boca apoio, e governo, porque iſſo ſó o póde dar a mão com o ſeu tacto, e diverſas ſenſações, movimentos do corpo, do equilibrio, e ſoccorros das pernas do Cavalleiro, com tudo, os Cavallos por eſte modo ſe vão pulindo, e fazendo mais manſos, promptos, e iguaes na dobra do peſcoço, nos movimentos das eſpaduas, e nos do eſpinhaço, e da garupa.

Para ſe uſar pois das correas de vencer cruzadas, devem afivelar huma das redeas ordinarias do cabeção na argola do tornel do meio, em que ſe coſtuma pôr a guia; (Eſt. V., Fig. 5., Letra A) e depois das correas de vencer afiveladas de hum, e outro lado na primeira cilha junto da roupa da ſella, fazer paſſar a ponta da correa direita pela argola do tornel eſquerdo Fig. 5., Letra Q, e a ponta da correa eſquerda pela argola do tornel do cabeção da parte direita Letra Q: deſta ſorte ſe obrigará a que volte, e ande para diante em hum circulo, que de ordinario, ſegundo o comprimento das correas, não póde ſer muito largo; como ſe moſtra na ſeguinte Eſtampa.

ESTAMPA L.

De hum Cavallo, andando á guia para a direita com as correas de vencer cruzadas.

QUem ajudar com o chambrié, açoute, ou vara, deve uſar delles, como fica recommendado que uſem, quando o ajudão a deitar á guia pelo largo, cuidando ſempre muito em que elle ande para diante em hum movimento igual, e proprio á ſua conſtrucção, para que o conductor da guia poſſa regella, e as correas, conforme o Cavallo o preciſar.

He certo que huma redea do cabeção poſta na argola do tornel do meio embaraça menos as mãos do que huma guia, e ſerve para puxar o Cavallo para diante; pois como as correas eſtão prezas ás cilhas, podem obrigallo a dobrar-ſe para hum, e outro lado; mas não póde obrigar-ſe com ellas a que venha para diante, quando duvída, e fica para trás. Igualmente ſerve a redea do cabeção no tornel do meio para o deter, ou obrigallo a que ſaia para fóra, ſe elle entra muito para o centro, ou para diante; pois logo que ſe lhe dá com a redea do cabeção mais, ou menos forte, elle ſe detem, e ſe alarga para fóra; e ſe pelo contrario ſahe muito para fóra, ou fica para trás, ſegurando-ſe-lhe a meſma redea, ſe obriga a entrar para diante, e para o centro.

Quando elle entra bem para diante ſobre a circumferencia, e quem o deita á guia puxa com mais força pela correa, que eſtá paſſada pela argola do tornel de fóra, o Cavallo olha com os olhos ambos para o centro da volta, dobra o peſcoço da ganacha, (Eſt. III., N. 20.) e principio do ezofago N. 23. até ás claviculas N. 28.: então elle volta a cabeça, cruza a mão, e pé de dentro por ſima, e por diante da mão, e pé de fóra, para ir uſando bem dos movimentos das eſpaduas, e meia garupa de dentro.

Quando ſe puxa pela correa, que eſtá paſſada pela argola do tornel de dentro da volta, o Cavallo perde a dobra do ſeu peſcoço, e corpo da parte do centro, entra com as eſpaduas para dentro, e no tempo, em que une a de fóra á de dentro, deixa de entrar com a perna de dentro para baixo do corpo, e de ordinario elle ſe alevanta mais por diante, porque tem neſte tempo menos inclinação no movimento circular, e fica mais para trás. Ora ſendo eſta lição bem applicada, ella neceſſariamente o diſpõe muito na ſua direcção.

Tambem ſerve para lhe fazer conhecer, e ſoffrer as ſenſações do cabeção ſobre o focinho, e da vara ſobre a garupa, e ſobre o ventre, para ſer manſo a humas, e outras, porque tudo iſto o diſpõe muito para o Cavalleiro mais facilmente o vencer, quando montado o obrigão a formar-ſe naquella acção, e lição, para que tem mais propriedade. Lembra-me eſte modo de deitar os Cavallos á guia com as correas de vencer cruzadas neſte lugar, porque me perſuado ſe deve uſar deſte trabalho, quando elles eſtão já com algum deſembaraço, para não ſe confundirem com a ſujeição das correas.

De-

Defezas, de que muitas vezes usão os Cavallos, e meios de as remediar.

AS defezas, de que usão a maior parte dos Cavallos, ou os trabalhem mais, ou menos curto, procedem muitas vezes mais da ignorancia dos Cavalleiros, que dos defeitos naturaes dos mesmos Cavallos. Com tudo, tres cousas concorrem muito para elles se defenderem. A primeira, procede da ignorancia do animal, falta de uso, e conhecimento da lição. A segunda, do aborrecimento que elles tem concebido ao trabalho, e ao homem, já por haver sido o castigo, e as sensações, com que o tem obrigado, mal applicadas, já pelo trabalho ser improprio á possibilidade do animal. A terceira, procede de terem defeitos naturaes, isto he, de serem mal formados, faltos de memoria, folgo, e forças, e em todos, porque muitas vezes as lições, e toques, com que os obrigão, não tem a precisa propriedade para obter delles os movimentos, e acções, com que se pertende, que elles lhes correspondão.

Se as lições, e toques não tem propriedade, he certo que a desobediencia procede da falta do conhecimento do Cavalleiro, mais do que das defezas do Cavallo: logo por meio de sensações proprias, repetidas vezes devem introduzir-lhe o costume de se formar nas acções, e lições, em que os querem conduzir, reduzindo-os assim debaixo das leis da obediencia a mais exacta. Ora se o Cavallo resiste ás sensações bem applicadas, procede a desobediencia dos seus defeitos, da malignidade do seu genio, de ser covarde, de ser fraco, de ter má construcção, e de ser doente: muitas vezes procede a desobediencia de huma destas causas; outras vezes de duas, ou tambem de possuir todas juntas: porém em cada hum destes casos devem os Cavalleiros prudentemente lembrar-se, de que a esperança da recompensa he tão poderosa sobre a memoria dos Cavallos, como o medo dos castigos; e por isso recommendo tantas vezes que os affaguem, ou lhes dem alguma herva, e se use com elles primeiro da moderação, que da violencia.

Quando o Cavallo não quer executar huma acção, devem examinar se concorrem para a sua defeza a ignorancia, ou os defeitos do seu corpo: se for a falta de conhecimento, devem por sensações proprias á acção que pertendem que elle faça, ensinallo com o costume, e com a paciencia; e só quando não houver outro remedio, se obrigará com o castigo. Se he falto de agilidade, folgo, e forças, devem, por meio dos preceitos, que ficão expendidos, muito mansamente trabalhallo, de sorte que elle se vá formando nesta, assim como nas precedentes lições. Ha tambem alguns que sabem, podem, e não querem, abusando tenazmente da brandura, e paciencia, com que o Cavalleiro pertende emendar-lhes os seus erros: estes he certo que devem ser obrigados com o castigo, e com o rigor, antes que se fação absolutamente rebeldes.

Mo-

Modos de corrigir os Cavallos, que se defendem da sujeição das correas de vencer cruzadas.

SE o Cavallo, quando o trabalhão com as correas de vencer cruzadas, sentindo mais forte a correa, que faz a passagem pela argola do tornel de fóra, dá a cara muito para dentro, e se lança com excesso sobre a espadua de fóra, elle se defende deste modo para não recolher a perna de dentro para baixo do ventre. Ora o meio de remediar-lhe este defeito he affroxar-lhe alguma cousa a correa, que passa pelo tornel de fóra, e fortalecer a que faz a passagem pela argola do tornel de dentro, obrigando-o o Ajudante mais vivamente com a vara sobre a garupa a que entre para diante, dando-lhe alguns toques sobre as ancas.

Quando róla com as ancas muito para fóra, defende-se de se dobrar, e dar a cara para dentro: neste caso lhe devem segurar a redea do cabeção, para que venha para dentro, e para diante, e após isso a correa passada pela argola do tornel de fóra, para que pouco a pouco se dobre para o centro. Quem andar ajudando, o obrigará a que ande igual na distancia do terreno, e no movimento, applicando-lhe o castigo mais sobre a meia anca de fóra; porque em não ficando para trás, necessariamente ha de adquirir mais inclinação circular, e ha de dobrar-se para o centro com mais facilidade, do que se dobra em quanto se lança sobre a espadua de fóra; e aos que tem huma, e outra difficuldade, he conveniente o fazellos muitas vezes passar de mão, para que se obstinem menos nos seus vicios.

Se o Cavallo volta para fóra, e recua para trás, defende-se da sujeição do cabeção, e esta he a peior defeza que elle póde buscar: neste caso deve segurar-se-lhe a redea do cabeção brandamente, affroxando-a, e tornando a sustella muitas vezes, sem o dobrar com as correas, em quanto não entra bem para diante. Ora em quanto fica para trás, he bom deitallo á guia por este modo junto a hum canto do Picadeiro, para que amparado com as paredes do angulo, se possa fazer andar mais para diante; e nas passagens de mão devem fazello sahir para fóra da circumferencia pelas linhas da muralha, para que não fuja tanto com a garupa, e o possão ir indireitando no terreno, para formar o meio circulo do angulo na passagem com perfeição.

Todos os Cavallos tem mais difficuldade em se dobrar para huma, que para outra mão; e quem os deita á guia, deve attentamente observar para onde lhes custa mais dobrar-se, entrarem para o centro, e andarem para diante, para os fazer dar mais alguns passos, para onde tem mais dúvida; mas tanto que derem alguma volta bem, devem parallos, e affagallos, fazendo-lhes dar alguma herva, para que elles vão conhecendo que fazem bem, e algumas vezes he conveniente fazellos desapertar, e mandallos embora.

Deve o Cavalleiro ter muita experiencia para conhecer se as difficuldades procedem da ignorancia do animal, se dos defeitos do seu corpo, da sua obstinação, e capricho, ou tambem da impropriedade das sensações com que o obrigão, para o fazer ajudar, e castigar, de maneira que vá obedecendo.

A

A natural condição dos Cavallos tem diverſidades innumeraveis, e os genios particulares ſe reveſtem ſempre das defezas geraes, por iſſo os Cavallos são deſagradaveis por quatro motivos; por ſerem fracos, e faltos de eſpirito; por ſerem froxos, e faltos de folgo; por ſerem preguiçoſos, e terem má conſtrucção; e por ſerem faltos de memoria.

Quatro couſas tambem os fazem agradaveis: a força igual, a ligeireza facil, a memoria, ou lembrança do que ſe lhes enſina, e a ſua bem proporcionada conſtrucção: a combinação deſtas qualidades os formão mais, ou menos proprios para huns, do que para outros exercicios; e o ſeu temperamento, e harmonia das partes organicas de que ſe compõem os ſeus córpos, ordinariamente decidem do ſeu bom, ou máo preſtimo.

Trabalhando-ſe o Cavallo com o freio, e cabeção, podem-ſe ir com hum, e outro remediando as ſuas difficuldades; porque o caſtigo das redeas do cabeção, ou das correas de vencer unido á força com que o trabalhão as redeas do freio, o obrigão muito a ſujeitar-ſe; porém quando trabalha com o freio ſó, he neceſſario diſpollo bem, não ſó por meio das diligencias expendidas, mas tambem por effeito das meias paradas, e paradas feitas ſobre huma, e outra mão, e por meio das repetidas lições do recuar, para ſe unir cada vez mais dos movimentos do peſcoço, eſpaduas, e garupa.

Os que tem a ſenſibilidade dos aſſentos da boca muito delicada, além da lição das falſas redeas, devem formar-lhes as paradas, e meias paradas, ajudando-os com huma, e outra perna a que entrem na mão ſem violencia: os que são faltos de ſenſibilidade, por terem a lingua groſſa, os beiços, e aſſentos carnoſos, o canal das queixadas apertado, o peſcoço ás avéſſas, ou muito curto, e carnoſo, os movimentos das mãos, e das eſpaduas baixos, ou debaixo do corpo, ordinariamente são faltos de exactidão nas paradas, e da meſma ſorte os que são demaziadamente froxos, preguiçoſos, e compridos do eſpinhaço.

Aſſim como a todas eſtas qualidades de Cavallos cuſta o parar bem, ſe elles tiverem as eſpaduas bem formadas, os movimentos dellas, e dos braços altos, e deſembaraçados, o eſpinhaço, e a garupa fortes, e bem proporcionados, a boca de boa ſenſação, o canal das queixadas largo, a volta do peſcoço ás direitas, ou relevada, elles tem as preciſas qualidades para fazer bem as paradas.

Dos que parão mal, por ſerem compridos, e pouco ſenſiveis.

SE o Cavallo he muito comprido, ordinariamente pára ſem graça, e com a cabeça mal ſegura; e he muito ſujeito, ſe o obrigão com violencia, a arruinar-ſe, principalmente dos quadrís, e curvilhões. Se he pouco ſenſivel dos aſſentos da boca, e tem as eſpaduas mal formadas, e carnoſas, commummente pára mal, e ſobre a mão: de ſorte que os que são muito compridos, tem difficuldade em ſe unir, e ajuntar as forças para fazer bem as paradas; e os que são muito curtos, tambem tem difficuldade em diſtribuir bem as ſuas forças para uſar bem dellas, quando os obrigão a parar.

Os

Os que pelas causas ditas não podem formar bem as paradas, empregão, e distribuem mal as forças na carreira, seja correndo por terreno plano, ou desigual; por isso quem experimenta Cavallos para os comprar, deve dar-lhes alguns repelões, para ver se elles podem parar firmes, porque assim se investiga mais o seu prestimo, e qualidades. Os Cavalleiros devem applicar-se ao conhecimento íntimo da disposição da boca, pescoço, espaduas, braços, lombos, quadrís, garupa, curvilhões, e finalmente de toda a estructura do corpo do Cavallo para julgar com mais acerto do seu prestimo.

Dos que não parão bem, porque se encapotão: dos que parão mal, por se doerem de alguma das partes do corpo: dos que não usão bem das forças, por serem sellados, como tambem dos que se levantão na parada.

OS Cavallos, que se encapotão, commummente o fazem por ter o pescoço muito arqueado, e tambem por terem a cabeça grande, as espaduas grossas, e carnosas, os beiços de sorte grossos, que a muitos sobrepõem sobre os assentos dos queixos: estes, e os que tem a boca muito pequena, ordinariamente são rudes das sensações da boca, e se encapotão: isto he, recolhem a barba demaziadamente para o peito, fazem as paradas muito sobre a mão, e com huns movimentos muito incommodos ao Cavalleiro.

Os que tem curvilhões doridos, os travadouros dos jarretes compridos, e fracos, ou padecem nelles alguma enfermidade, quasi sempre fazem as paradas com receio. Os que são muito sellados, que tem a volta de pescoço ás avéssas, de ordinario, quando lhes formão as paradas, batem na mão, e se despapão, isto he, levantão o focinho para sima com excesso, porque a força dos ligamentos da nuca, e da primeira vertebra cervical (Est. III. N. 19.) dependem muito da boa construcção do espinhaço, espaduas, e pescoço, pois todas estas partes se devem unir com proporção para o Cavallo parar bem.

Ha Cavallos, que para se livrarem da sujeição das paradas, quando sentem que o Cavalleiro se vai dispondo para os parar, elles se levantão sem obediencia á mão. Neste caso deve prevenir-se-lhes a defeza, sustendo-lhes a mão baixa, e firme, o corpo alguma cousa inclinado para diante, unindo-lhes as pernas á barriga junto ás cilhas só no tempo da parada. Ora não obstante serem as meias paradas, e paradas uteis pelo decurso da lição, não deve o Cavalleiro usar dellas sem reflectir prudencialmente nas difficuldades dos Cavallos, sejão ellas naturaes, ou adquiridas para as emendar, diminuindo-lhes, ou augmentando a quantidade das meias paradas, e paradas, ou deixando absolutamente de usar dellas; pois elle deve antecipadamente precaver-se para os defeitos não chegarem a ser irremediaveis.

Silva delin.t

Manuel Alegre sculp.t

Motivos, que fazem a parada intempestiva. Causas, por que alguns Cavallos na parada forção a mão do Cavalleiro, e dão bicadas; e as razões, por que outros temem as paradas.

OS Cavallos muitas vezes fazem as paradas mal, obrigados dos seus defeitos naturaes, e accidentaes; e outras o fazem obrigados da ignorancia, e das lições mal applicadas. O bom methodo não só ajuda, mas refórma em grande parte a natureza: logo a má lição, e falta de cuidado necessariamente lhes motivará defezas, que poderão chegar a ser irremediaveis. Exemplo: se o Cavallo vai mal situado no terreno, e o obrigão a parar, faz a parada mal. Se foge de algum objecto, que lhe faz medo, e ao mesmo tempo o parão, sem que primeiro o endireitem no terreno, de ordinario não pára bem. Obrigallo a parar com regularidade, usando do freio só antes de o haver desembaraçado para huma, e outra parte por meio do trote, e do galope, e antes de o chegar ao bom estado de entrar na mão, he querello perder, ou suscitar-lhe muitos vicios.

Os que forção, ou tirão pelo freio na parada, estendem o focinho, e dão cabeçadas: fazem isto commummente, porque são fracos das espaduas, ou sellados, e fracos do espinhaço, quadrís, garupa, e curvilhões: em taes casos devem parallos muitas vezes ao passo, e trote, fazendo-lhes sentir as sensações do freio, tendo a mão firme para lhes segurar a cabeça, e ir pouco a pouco minorando o seu defeito: advertindo que ha tambem Cavallos, que pela fraqueza de todo o seu corpo não podem já mais parar bem.

Alguns parão subitamente, por não soffrer sobre os ligamentos das espaduas, e da garupa a violencia das paradas fortes; outros, porque são faltos de vista, parão tambem de repente, com o temor de estarem proximos a algum perigo: da mesma sorte acontece áquelles, que são inteiramente cegos: finalmente as meias paradas, e paradas são boas para obrigar os Cavallos a abaixar, e rebater a garupa, isto he, para os ensinar com ellas a levantar as espaduas para sima das ancas, firmar a cabeça, e adquirir obediencia á mão, e pernas do Cavalleiro; mas he preciso que elles tenhão possibilidade, e disposição para se formar na acção, que se mostra na seguinte

ESTAMPA LI.

Do Cavalleiro formando hum Cavallo na acção da parada firme para a direita: e a lição para o tirar atrás, depois de montado.

PAra elle se igualar nos movimentos do espinhaço, quadrís, soldras, curvilhões, e jarretes, he tambem muito util a lição de o tirar atrás, porque ella serve tambem para o fazer abrir, e alargar-se dos mesmos curvilhões, e soldras, para usar de todos os movimentos do seu corpo com mais perfeição, e desembaraço.

Depois de os haverem adestrado por meio das diligencias ponderadas, os devem tambem formar na lição do recuar. Eu disse o modo, por que os devem dis-

pôr para efte fim antes de montados ; agora moftrarei como fe devem fazer recuar depois de os montarem, quando os trabalhão com o freio fó.

Tendo o Cavalleiro a mão efquerda defronte da barriga fobre o cepilho da fella com as unhas voltadas para fi, terá alguma coufa o corpo atrás, puxando, e rendendo-lhe as redeas, a fim de que o Cavallo, obrigado das fenfações do freio, e acção da mão, e corpo, ande para trás: fe elle determinar os movimentos com mais preffa do que fe pertende, em tal cafo devem não fó render-lhe a mão, e firmar o corpo menos para trás; mas fe ateimar, devem unir-lhe as pernas alguma coufa á barriga, para que recue menos apreffadamente, dobre os curvilhões, alargue as pernas, e fe vá igualando dos movimentos das ancas, e foldras, que he o fim, e objecto defta lição.

Se recua com impaciencia, não obftante haverem-no obrigado defte modo, então devem ter-lhe menos o corpo atrás, abrandar mais a mão, unir-lhe as pernas ao ventre, caftigando-o mais forte com a vara fobre a garupa, tanto para fe ir formando em boa acção, como para que vá foffrendo as fenfações da perna, da vara, e corpo, &c. e diftribua as fuas forças, e movimentos fem acceleração, e á medida da vontade do Cavalleiro: tambem depois de recuar he bom fazello andar para diante alguns paffos, para que aborreça menos efte trabalho.

Se não moftra fentimentos de colera, e recua facil na mão com igualdade de movimentos, quando o pararem, devem render-lhe o freio, e affagallo, para lhe moftrar que faz bem: eftas diligencias o difpõe muito para fer facil na parada, ligeiro ás imprefsões da embocadura do freio, e por confequencia obediente á mão, e ás pernas do Cavalleiro; e efte deve conhecer fe elle tem a força, e defembaraço competente para recuar mais, ou menos efpaço, a fim de que não defobedeça, ou fe arruine por effeito das defezas de que usão, quando não podem.

Quando elle he froxo, ou comprido de efpinhaço, tem as efpaduas carnofas, as pernas muito direitas, e juntas, he fellado, tem os curvilhões unidos, as foldras apertadas para as verilhas, he topinho dos pés; e fe defpapa, ou fe encapota, faz com eftes defeitos efta lição difficultofa, porque lhe cufta alargar-fe das ancas, e dobrar os curvilhões, para obedecer ás mãos, e pernas do Cavalleiro, marcando o terreno (como fe moftra na Eft. LXVII., Fig. 3., e Fig. 4.) Quando recua para a direita, a pifta do pé direito marca a linha N. 1., a da mão direita a N. 2., a da efquerda a N. 3., e a do pé efquerdo a N. 4. Recuando para a efquerda, a pifta do pé efquerdo marca a linha N. 1., a da mão efquerda a N. 2., a da mão direita a N. 3., e a do pé direito a N. 4., &c.

A regularidade do movimento do recuar faz tambem diftribuir as forças do animal por todos os feus mufculos principaes : e por elles fe participa com igualdade, maiormente ás ancas, e pés: os Cavallos usão das fuas forças por meio da lição do recuar, reunindo, e comprimindo os mufculos da garupa igualmente, a fim de que os movimentos de todo o corpo tenhão a ligeireza, e a força precifa para elles fe formarem bem em muitas lições.

ES-

Silva delin. *Queiroz sculp.*

ESTAMPA LII.

Do Cavalleiro, fazendo recuar hum Cavallo ſobre linhas parallelas á largura do manejo, obrigando-o com o freio ſó.

PAra diſtribuir as forças bem, déve andar para diante, e para trás, igual, e manſo: logo he certo que por meio da lição do recuar firma a cabeça, aligeira igualmente as eſpaduas, e braços, obedece á mão; e os muſculos, que lhe governão as articulações de toda a eſtructura do corpo, ſupportão com mais igualdade o ſeu pezo; e por meio deſtas diligencias ſe conſegue, fazerem todos os movimentos do corpo do Cavallo huma correſpondencia maravilhoſa.

Em quanto por meio do enſino ſe não obriga o Cavallo a ir rebatendo os movimentos das eſpaduas para ſima da garupa, ſupportão os braços a maior parte do pezo; porque na ſua poſtura vertical carrega ſobre elles a cabeça, o peſcoço, e as eſpaduas, por mais bem proporcionado que elle ſeja; por iſſo he neceſſario fazer com arte repartir o pezo da máquina, enſinando o animal a uſar bem das ſuas ancas, para aliviar artificialmente as eſpaduas, como parte a mais opprimida; e he certo que não ſe repartindo o pezo com igualdade ſobre as mãos, e pés, não poderá o Cavallo ſaltar, ou galopar, nem correr com agilidade, ſem o riſco de precipitar-ſe, e ao Cavalleiro, em quanto não reparte o pezo entre ſi, equilibrando-ſe ſempre: logo por iſſo he mais uſual tropeçarem os Cavallos com as mãos, do que com os pés.

A mão ſuprema do Creador diſpoz a máquina do corpo do Cavallo com equilibrio conſtante, e eſta conſtrucção eſtá fundada ſobre os ſeus braços, e pernas; mas a natural diſpoſição não baſta ſó, depois das reflexões que tenho feito, para me capacitar, que ſem ſe ſituar o Cavallo bem ſobre a garupa, elle ſe poſſa mover nas lições artificiaes com igualdade, depois de ter (além do pezo da ſua cabeça, peſcoço, e eſpaduas) na boca hum freio, ſobre ſi huma ſella bem apertada, e o pezo de hum homem, que ſe move ſobre ella: por cujos motivos he innegavel que faz bem conſideravel differença aquelle, que he exercitado com as diligencias da Arte: daquelle, que ſem artificio tem ſómente movimentos naturaes, e que não ſoffre ſobre ſi a oppreſsão, e o pezo.

Se duvída recuar, he bom mettello com brandura entre os Pilões, porque a lição deſtes une muito o Cavallo ſobre as ancas, obrigando-o juntamente a levantar-ſe das eſpaduas, dobrando bem os braços, quadrís, e jarretes, porque por eſte modo ſe alarga da garupa conſideravelmente, e por conſequencia elle ſe diſpõe para recuar.

A lição dos Pilões foi inventada por Pignateli; e poſto que La Brow, e Pluvinel a aperfeiçoárão, com tudo não trato do modo que elles ſeguírão no ſeu uſo, e prefiro o methodo de os metter entre os Pilões adoptado pelo Senhor Rei D. Duarte, o Eloquente, na ſua Arte da Cavallaria Pag. 179.: elle diz „ He bom „ metter os Cavallos entre os Pilões com o cabeção que inventei, as primeiras

„ vezes fem fella, e muito brandamente fazellos mover para hum, e outro lado, a „ fim de que fe fuavifem dos movimentos das ancas, pondo-fe bem fobre ellas, „ para que foffrão os caftigos, e deixem conhecer bem qual he a fua mais natural „ propensão, &c. „ Efte parecer fe une mais com a razão, do que a violencia antigamente praticada por muitos Cavalleiros.

Difpofições para a lição do terra á terra, trabalhando o Cavallo com o freio fó.

FAz o Cavallo, em quanto affim trabalha, hum feguimento de pequenos faltos perto da terra, movendo-fe obliquamente, já para a direita, ou para a efquerda; e mettello entre os Pilões, e tirallo atrás repetidas vezes fobre hum, e outro lado, tambem o facilita cada vez mais para fer prompto, e facil nefta lição: ora quando fe mette hum Cavallo ignorante entre os Pilões, elle neceffariamente vendo que não póde efcapar do caftigo, impellido do temor, e da oppresſão do cabeção dos páos, commette grandes exceffos: por iffo recommendo que o preparem para o metter as primeiras vezes entre elles, alargando-lhe a fella, o rabicho, as redeas do cabeção, as do freio, e a barbella, &c. obrigando-o a conhecer efta lição por meio de brandas fenfações, e proprias para o conduzir áquella acção que delle fe exige: ifto fe entende, fe tiver propensão para algum dos ares do manejo.

Tendo propriedade para o terra á terra, e fendo precifo para o unir mais fobre a garupa, (mettello entre os Pilões) pouco a pouco lhe farão fentir delicadamente o açoute fobre ella, para que vá para o cabeção; e logo que fe aprefentar em alguma acção, ufando bem da garupa, devem affagallo, e fazello paffar de mão, ou tambem tirallo dos Pilões, augmentando-lhe affim de dia em dia as lições á proporção do feu adiantamento, e obediencia.

Modo, por que o Cavallo equilibra o feu pezo entre os Pilões; e a variedade com que o devem ajudar, e caftigar.

DEvem, quando fe alevantão das efpaduas, ter os pés firmes, curvando, e dobrando as foldras, e curvilhões, porque fe arruinão muito deftas partes do corpo, fenão fe formão na acção, firmando com as piftas dos pés o ponto de gravidade. Os braços dos Cavallos tem o jogo dos joelhos para diante, como a perna do homem; e as pernas tem o jogo dos curvilhões, como os braços do homem tem os cotovellos. Defta forte quando o Cavallo alevanta as efpaduas, e braços, dobra os joelhos; e quando fe affenta fobre a garupa, dobra os curvilhões; e fó no tempo, em que fe dobrão os joelhos, e curvilhões, póde alcançar com os pés o ponto de gravidade. Finalmente a lição do recuar, e de os metter entre os Pilões he proveitofa a toda a forte de Cavallos; e fómente perniciofa, quando quem a dirige a faz praticar com demaziada afpereza, ou ignorancia.

As ajudas, e caftigos varião, fegundo a occafião, e o cafo; e nefta; como em

to-

todas as mais lições, fervem para lhe acompanhar a fua difpofição, ajudallos a tempo opportuno, e confirmallos na lição: a força dellas fempre deve fer proporcionada pela maior, ou menor fenfibilidade do Cavallo; porque fendo efte fenfivel, principalmente nas lições formadas entre os páos, com a violencia, longe de o fazer correfponder bem, o porão cada vez em maior defordem.

Tratando da lição do galope, diffe que o Senhor Rei D. Jofé I. formava qualquer Cavallo na acção do galope com perfeição: agora continuarei a moftrar como elle os formava tambem na lição do terra á terra, obrigando-os com o freio fó. Conhecia elle a ordem das leis do movimento, com a qual, por meio do exercicio da Nobre Arte da Cavallaria, fe aperfeiçoão os Cavallos nos feus andares, affim naturaes, como artificiaes: fabia que elles na acção do terra á terra são mais unidos, e juftos nos feus movimentos, do que no ordinario galope; e que os balanços do terra á terra procedem de jogo natural dos quadrís, garupa, e curvilhões do animal: não ignorava que os que tem propriedade para fe formar na acção do terra á terra, fe os obrigão a deter-fe, e levantar-fe mais das efpaduas, elles fe formão na acção, e balanço do meio ar; e quanto mais fe levantão, e fe demorão, mais detidos, e brilhantes são no feu meio ar.

Ora o falto do galope no terra á terra, e no meio ar he femelhante; mas a determinação do movimento he diverfa na obliquidade, no balanço, e no tempo. O Cavallo precifa no terra á terra recolher as ancas bem para baixo do feu corpo, collando as foldras para baixo da barriga com velocidade tal, que parece que o ventre fe une a ellas em cada balanço que elle faz: e no meio ar toma hum balanço nas efpaduas detido, relevado, e largo, repartindo igualmente as fuas forças com as efpaduas, e garupa, e affim marca na lição do meio ar com as piftas dos pés, e mãos quatro tempos iguaes, ou elle ande fobre os circulos, ou fobre o quadrado. Os tempos porém do terra á terra não tem tanta igualdade, nem são tão perceptiveis como os do meio ar, por eftar o Cavallo mais unido fobre a garupa, e fer o movimento mais veloz; ou elle marque o terreno, como fe moftra na Fig. 1. da Eft. XLII., ou na da Eft. XLIV. A linha que fahe do centro de huma, e outra Figura, moftra como o Cavalleiro deve fituar o Cavallo junto ao Pilão, para não fe embaraçar com elle.

Quando ElRei obrigava o Cavallo a formar-fe na acção do terra á terra, fentava-fe bem no meio da fella, fem pender para huma, ou outra parte; firmava as coftas bem para dentro do lugar dos rins até ás efpaduas, e era firme fobre os eftribos, ao mefmo tempo que modificava a firmeza com proporção á maior, ou menor facilidade com que o Cavallo igualava os movimentos, ou tempos do terra á terra: apôs iffo unia-lhe as pernas ao ventre; e fem lhe atenuar a fenfibilidade, fortalecia a fenfação da perna de fóra, ou efquerda, e affroxava a da perna de dentro, fem perder o equilibrio, apoiando-fe fempre bem fobre o eftribo de dentro, e defte modo ajudava os Cavallos com a perna de fóra, fem que os efpectadores, que o vião trabalhar, percebeffem donde emanava a violencia, ou a moderação com que o conduzia, e obrigava, antes fim parecia que o animal trabalhava mais por fua vontade, que por effeito das diligencias com que era inftigado.

En-

Entre a força das ſenſações da redea direita, e da perna eſquerda o hia encruzando cada vez mais, tendo a mão da redea de unhas aſſima, e o dedo minimo alguma couſa voltado para a eſpadua eſquerda; mas ſe o Cavallo unia com exceſſo a eſpadua direita á eſquerda, então com o pulſo muito ligeiro, trazendo a mão para dentro, elevando-a para fóra, lhe collocava as eſpaduas bem adiante da garupa, a fim de o obrigar a ſeguir a acção, e balanço do bom terra á terra com a igualdade de movimentos de eſpaduas, e ancas, que ſe moſtra na ſeguinte

ESTAMPA LIII.

De Sua Mageſtade, trabalhando hum Cavallo na acção do terra á terra para a direita ſómente com o freio.

QUando principiava a enſinar qualquer Cavallo neſta lição, havendo-o diſpoſto pelas de que tenho tratado, fazia-o galopar unido, e perto da terra; e logo que elle hia com mais facilidade, o ajudava mais fortemente com a redea direita, fortalecia apôs iſſo as ſenſações da perna eſquerda, e aſſim animava toda a ſua aptitude, de ſorte que o animal, obrigado de todas eſtas diligencias, tomava o balanço do terra á terra; e tendo-lhe feito marcar tres, ou quatro tempos delle, modificava-lhe as forças das ſenſações com que o obrigava, para o trazer outra vez ao galope, e o ir facilitando a que tomaſſe os tempos do bom terra á terra, ſem ſe apaixonar, e confundir; repetindo-lhe deſta ſorte a lição, ou o trabalhaſſe no circulo com a garupa ao Pilão, ou ſobre o quadrado.

Aſſim o encaminhava ao principio, já com as redeas ſeparadas (ſe elle deſobedecia) já com ellas unidas, (ſe ſe ſujeitava, e deixava dominar) elle o encruzava deſta ſorte entre as forças da redea de dentro, e a da perna de fóra, para que a ſenſação da redea direita o obrigaſſe a dirigir os movimentos da cara, peſcoço, e eſpaduas, dobrando-ſe bem para dentro da volta, e as da perna eſquerda lhe obrigaſſem a meia anca eſquerda a unir-ſe á meia anca direita, para elle rebater os movimentos das eſpaduas bem para ſima do ventre, quadrís, ancas, e curvilhões; pois que ſó deſte modo póde formar a verdadeira cadencia do terra á terra.

Ainda que eſte movimento procede em grande parte do jogo das articulações das juntas das ancas dos Cavallos, he certo que movendo-ſe a garupa no centro, as eſpaduas neceſſariamente caminhão pelo grande eſpaço da maior circumferencia, e tem para tranſitar mais terreno que a garupa dez, ou doze vezes, e ainda mais, ſe anda muito curto: neſta lição não póde jámais obliquar de chapa, ſem que as eſpaduas vão ao menos adiante da meia garupa de dentro da volta, pois elle preciſa ligar o balanço das eſpaduas com o da garupa em todos os tempos, que faz no ſeu terra á terra, de ſorte que parece cahir no chão com os pés, e mãos quaſi ao meſmo tempo, como faz nos ares altos; mas executa ſempre iſto com movimento quadernario, a que dá principio em quanto ſe dobra para a mão direita, pondo primeiro na terra o pé eſquerdo, depois o direito, logo a mão eſquerda, e ul-

Estancia 33 pag. 342

Silva delin. *Frois sculp.*

ultimamente faz a mão direita a ultima posição, posto que todas ellas se executão com summa brevidade.

Newcastle diz, que o terra á terra he hum seguimento de pequenos saltos, os quaes o Cavallo faz perto da terra; e tambem he certo ser elle o fundamento das passadas, das pousadas, e de todos os ares altos, ou relevados, porque em quasi todos elles os Cavallos finalizão os seus saltos, cahindo com os pés, e mãos ao mesmo tempo na terra.

Modos, por que Sua Magestade fazia passar de mão qualquer Cavallo sobre a Fig. 2., e Fig. 3. da Est. XLII., trabalhando-o com o freio só. Methodo, com que acordava toda a sua bella figura para o fazer mudar de acção, e unir-se bem sobre a garupa na passagem.

OBrigava-o a passar de mão, trabalhando-o na lição, e acção do terra á terra da direita para a esquerda com o freio só, quando elle hia em movimento mais igual, e se deixava encruzar bem entre as forças da redea direita, e da perna esquerda, obedecendo com facilidade a humas, e outras sensações, e então o ajudava com ambas as pernas, e as redeas ambas a sahir da linha da maior circumferencia (N. 1. da Fig. 1., Est. XLII.) para a Fig. 2. pelas linhas da Letra E hum espaço de terreno correspondente á grandeza dos circulos sobre que trabalhava na Fig. 1., e ás difficuldades do Cavallo, ensinando-o a marchar direito de duas pistas até á Letra F, formando-lhe hum semicirculo della para G, indo-o fazer passar de mão pelas linhas de pontinhos de N para a Fig. 1., desdobrando-o sobre ella da direita para a esquerda; e tanto pelas linhas, como pelo meio circulo E, F, G, a pista da mão, e pé direito marcava a linha N. 1., e a da mão, e pé esquerdo a N. 2.

Tambem com igual facilidade elle obrigava qualquer Cavallo a passar de mão, fazendo-o sahir da Fig. 1. para a Fig. 3., já de quatro pistas, já obrigando-o por hum semicirculo, a que determinasse o movimento a passadas: então pelas linhas da Letra G o fazia sahir bem encruzado entre as sensações da redea direita, e da perna esquerda para a Letra H, e della para I, avivando mais pelo semicirculo toda a sua figura, fortalecendo mais, ou menos, quando era precisa, as sensações da redea direita, e da perna esquerda, tendo o seu corpo atrás, para que o Cavallo fizesse tres, ou quatro passadas; e logo que este lhe obedecia, lhe affroxava a actividade do corpo, mãos, e pernas, a fim de o trazer das passadas ao pequeno galope, e o ir facilitando deste modo a que formasse o semicirculo, sem se apaixonar, sem se atravessar, e sem se confundir no seu trabalho até chegar á linha N. 1. da Fig. 1., em que manejava, antes de principiar a formar a passagem; e do vertice do angulo mistilineo L o fazia passar de mão, obrigando-o a desdobrar-se da direita para a esquerda, com huma bizarria, e promptidão summamente agradavel; e em quanto o Cavallo hia marchando pelas linhas rectas, e circulares,

res, a pifta da mão direita marcava a linha N. 1., a da efquerda a N. 2., a do pé direito a N. 3., e a do efquerdo a N. 4.

Na paffagem mudava Sua Mageftade a acção da fua figura, e apôs iffo fazia mudar a acção, e dobra do corpo do Cavallo: então inftantaneamente fobre a Fig. 1. o fazia defdobrar da direita para a efquerda; e tanto que elle mudava de acção, obrigava-o com ambas as redeas, e as pernas ambas, primeiramente a entrar para diante; e logo pezando hum pouco mais fobre o eftribo efquerdo, ajudava-o na inclinação circular para o centro da volta: e o Cavallo por effeito de todas eftas fenfações, não fó obliquava circularmente para o centro, mas tomava a determinação do balanço do galope igual, e firme no feu movimento, e acção para a mão efquerda, como o era para a direita, antes de fazer a paffagem, ou o trabalhaffe com a garupa ao Pilão, ou com a cara contra a muralha. Efta boa ordem que Sua Mageftade praticava, fem dúvida a devem feguir os mais abalizados Cavalleiros; e tanto quando lhe formarem as paffagens de duas, como de quatro piftas.

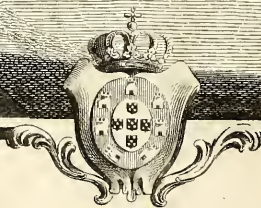
Antes de fazer defdobrar o Cavallo da direita para a efquerda com a redea direita, e a perna efquerda, o fazia unir mais fobre a meia garupa direita, e no vertice do angulo L, Fig. 1.: logo que eftava unido, lhe affroxava a redea direita, e a fenfação da perna efquerda; e fegurando-lhe a redea efquerda com a mão de unhas affima, e o dedo minimo inclinado para a efpadua direita, atrazava a efpadua efquerda, adiantava a mão, e efpadua direita, e affim alternativamente o fazia determinar a direcção para a efquerda, &c. fazia elle eftes movimentos em quanto o Cavallo no balanço das efpaduas mudava a acção, e dobra do corpo da direita para a efquerda, em que por effeito da paffagem o obrigava a feguir a mefma lição, e acção, em que o formava para a direita antes de o fazer paffar de mão.

Lição da volta ao revés para a direita ao paffo, e trote com o freio fó.

DEpois de Sua Mageftade trabalhar o Cavallo na lição do terra á terra, commummente o paffeava na da volta ao revés com a tefta contra o Pilão, ou com as efpaduas ao centro, para o obrigar a completar o feu trabalho fujeito na obediencia da redea de dentro da volta, e de fóra do centro, e da perna da parte do centro, e de fóra da volta para a mão direita, como fe moftra na feguinte Eftampa.

ES-

Rei D. José I - Insignia de Cristo ao peçoço

Silva delin.

ESTAMPA LIV.

De Sua Mageſtade, formando hum Cavallo na acção da volta ao revés para a direita com o freio ſó.

OBrigava ElRei qualquer Cavallo a formar-ſe na acção da volta ao revés, dobrando-o para a direita, fazendo-lhe ſentir as ſenſações de ambas as pernas, para que ſe moveſſe obliqua, e circularmente para fóra, avançando ſempre terreno, o que ſe não póde fazer ſem o encruzar bem entre as forças da redea direita, e da perna eſquerda; e deſte modo he que elle o fazia entrar com as eſpaduas para o centro, á proporção do que a garupa ſahia para a circumferencia: ora em tal caſo, quando a mão do Cavalleiro de unhas abaixo ſahe para a eſquerda, e a perna eſquerda ſe une mais atrás das cilhas, obriga a garupa a entrar para a direita: e a ſenſação da emboca dura, e barbela he mais activa da parte eſquerda, e por iſſo o Cavallo volta para a direita dobrado com maior curvidade, e com mais graça.

Em quanto formava o Cavallo neſta acção, avançava a eſpadua eſquerda á proporção da dobra que lhe fazia obſervar no peſcoço, e corpo, e da meſma ſorte atrazava a eſpadua direita, ſem já mais perder o equilibrio, que ſe deve conſervar ſempre no meio da ſella, para o corpo, mãos, e pernas gozarem dos ſeus movimentos com perfeição.

He a lição da volta ao revés aſpera aos Cavallos, porque a perna de dentro da ſua dobra do corpo a cada paſſo vai para fóra do circulo, em que elle anda: ſahe do ponto de gravidade, e marca o circulo da maior circumferencia, aſſim ao paſſo, como ao trote; e a perna eſquerda neſte caſo, ſendo a de fóra deſta volta, he a que entra para baixo do ventre, e ponto de gravidade: e aſſim como trabalhando elle ſobre a volta, olha, e ſe dobra para o ponto do centro, e neſte caſo o pé de dentro, e a mão de fóra vão buſcar o ponto de gravidade; e trabalhando dobrado para a direita, ſe reparte o pezo ſobre a mão eſquerda, e pé direito. Quando ſe dobra para a direita na acção da volta ao revés, a mão direita, e pé eſquerdo he que vão buſcar o ponto de gravidade, e por conſequencia elles ſoffrem mais o pezo, do que o pé direito, como ſe vê na Eſt. XXXVI., Fig. 1., na Eſt. XLVII., e na Eſt. LIV.

Quanto menor he o circulo em que trabalhão as eſpaduas, menos, e mais apertado he o ſeu movimento; aſſim como tambem á proporção he mais largo o movimento da garupa, quando ella deſcreve a maior circumferencia: logo pelas meſmas cauſas, entrando as ancas para o centro, ellas tem menos movimento que as eſpaduas.

Se o Cavallo ſe encoſtava com exceſſo ſobre a eſpadua eſquerda, ou de dentro do centro, ElRei promptamente levava a mão eſquerda de unhas aſſima para dentro da volta, a fim de que o animal ſe indireitaſſe, e uniſſe a eſpadua eſquerda á eſpadua direita, e concava; mas logo que lhe obedecia, tornava a levar a mão da redea ao ſeu lugar, para que o Cavallo ſe não deſmanchaſſe da ſua acção.

Ora quando elle determinava os feus movimentos com defigualdade ao paffo, e trote, e ao galope, tambem promptamente para o remediar o ajudava com o equilibrio do corpo, com a mão, com os joelhos, barrigas das pernas, e efporas no tempo em que elle o precifava, encaminhando-o depois com muita moderação para não lhe atenuar a fenfibilidade com o fucceffivo coftume das fenfações, e caftigos violentos.

Defta forte os enfinava, e aperfeiçoava na lição, e acção da volta ao revés com as efpaduas ao centro, e cara contra o Pilão ao paffo, e trote para a direita, obrigando-os a marcar o terreno com as piftas das mãos, e pés, como fe vê na Fig. 1. da Eft. XXXVI.

Fórmas de fazer paffar de mão os Cavallos, trabalhando-os na lição da volta ao revés, ao paffo, e trote com o freio fó, marcando as efpaduas os femicirculos da maior circumferencia, e a garupa os da menor, Fig. 2., Eft. XXXVI.; como tambem marcando as piftas dos pés as linhas da maior circumferencia, e as das efpaduas a menor, como fe vê na Fig. 3. da mefma Eftampa.

QUerendo-o Sua Mageftade fazer paffar de mão da direita para a efquerda, trabalhando-o na lição da volta ao revés, fazia-o fahir da Fig. 1. para a Fig. 2. pelas linhas da Letra M para P, obrigando-o a que marcaffe os circulos maiores N. 1., e N. 2. com as piftas das mãos, e os circulos do centro N. 3., e N. 4. com as piftas dos pés; e chegando á Letra O pelas linhas de pontinhos, o paffava para a Fig. 1.: então fobre a Letra N affroxava a redea direita, e a perna efquerda, fortalecia a fenfação da redea efquerda, e da perna direita, e affim o fazia defdobrar da acção, e paffar para a lição da volta ao revés fobre a efquerda.

Tambem o obrigava a paffar de mão, fazendo-o partir da Fig. 1. para a Fig. 3.; e pelas linhas F o obrigava mais com a perna efquerda a que marcaffe com as piftas dos pés as linhas da maior circumferencia N. 3., e N. 4., e com as piftas das mãos as da menor N. 1., e N. 2.: nefte cafo lhe hia contrapondo cada vez mais as fenfações da redea direita ás da perna efquerda, levando a mão da redea de unhas abaixo para o centro do femicirculo que hia formando com huma força tão proporcionada ás fenfações com que o obrigava com a perna efquerda, e á determinação da maior, ou menor velocidade do movimento do Cavallo, que o obrigava a formar-fe em boa acção, e defcrever com as piftas da garupa as linhas da maior circumferencia até chegar á Fig. 1., Letra S, em que o fazia paffar de mão, e mudar de acção da direita para a efquerda, ufando dos mefmos movimentos do corpo, mãos, e pernas, de que já diffe ufava para o fazer paffar fobre a Fig. 2.

Efta lição da volta ao revés difpõe grandemente os Cavallos para fe dobrarem com facilidade, e fegurarem tanto na igualdade dos movimentos, como na obe-

obediencia da mão, e pernas do Cavalleiro: por isso Sua Magestade os passeava por este modo, quando os pertendia aprompţar para a lição do terra á terra.

Lição do terra á terra para a esquerda.

TEndo eu a honra de assistir, e ver andar a cavallo o Excellentissimo Marquez de Marialva D. Pedro frequentemente, levanto a fraca voz para fallar deste Genio extraordinario, que além de insigne Cavalleiro, com as suas virtudes exemplares tem ennobrecido a especie humana. Os seus maravilhosos talentos, as suas gloriosas acções o tem muito distinguido do commum dos Homens da sua classe; e a inexhaurivel Natureza tem mostrado que sempre póde produzir homens grandes, e raros.

Os Persas, os Gregos, e á sua imitação os Romanos, fazião esculpir em marmore, e bronze as distintas acções dos seus Heroes, para que estes monomentos da sua gloria viessem a ser estimulos de honra ás futuras gerações.

Eu não podendo levantar Padrões, nem erigir estatuas a Sua Excellencia, escrevo esta memoria, desejando perpetuar na lembrança dos Homens as suas raras qualidades: este pois que por estirpe dos Heroes famosos he legitimo descendente dos Monarcas Lusitanos, e dos invenciveis Menezes, Grandes Generaes, perfeitos Politicos, Cidadãos zelosos, Grandes em virtudes, em qualidades Grandes, Illustres em Sciencias, em acções famosos. Este Neto do grande General D. Antonio Luiz de Menezes existe entre nós para felicidade da Patria, e lustre das Artes, e das Sciencias. As sublimes qualidades, de que he adornado o seu espirito, sómente as deve á sua profunda meditação, e ao seu genio feliz. Se aqui fora lugar proprio para tecer-lhe hum elogio, sómente me contentára com a eloquencia com que Cicero, e Plinio fizerão immortaes Pompeo, e Trajano: merecêrão tanto louvor aquelles dous Conquistadores, que se empenhárão em fazer nadar em sangue humano a tantos Homens; e Sua Excellencia com objecto mais nobre, como bom politico, se empenha em conservar a paz entre os Homens, e em proteger as Sciencias, e as Artes; porém ainda que eu conheço a debilidade dos meus talentos, não devo deixar em silencio a pericia com que elle maneja a Liberal, e Nobre Arte da Cavallaria.

Trabalha qualquer Cavallo, assim pelo direito, como com a garupa ao Pilão, com a cara contra a muralha, e espaduas ao centro, e em todos os mais reversos, que elle póde fazer no manejo ao passo, ao trote, ao galope no terra á terra, e nos ares altos, ou relevados com tanta perfeição, como ainda não vi outro algum Cavalleiro: elle determina todos os movimentos do seu corpo, mãos, e pernas com tal propriedade, e tão acordemente, já para ajudar, já para castigar o Cavallo, que lhe obedece o animal até onde alcança a sua possibilidade.

He certo que sendo raros os Cavalleiros, que podem ajudar, e obrigar nestes trabalhos os Cavallos (com o equilibrio, joelhos, e pernas) a que entrem para diante, e para o freio com perfeição, a elle he isto tão facil, quanto aos mais difficultoso; e maiormente custa se o Cavalleiro tem sempre as curvas das pernas flexi-

xiveis, e firmes, como Sua Excellencia, que ainda quando contrapéza para dentro, ou para fóra da volta, fempre o faz, ajudando-fe dos feus joelhos, e pernas, fem perder a firmeza do equilibrio, e a flexibilidade das curvas, e por iffo os encaminha com huma indizivel promptidão.

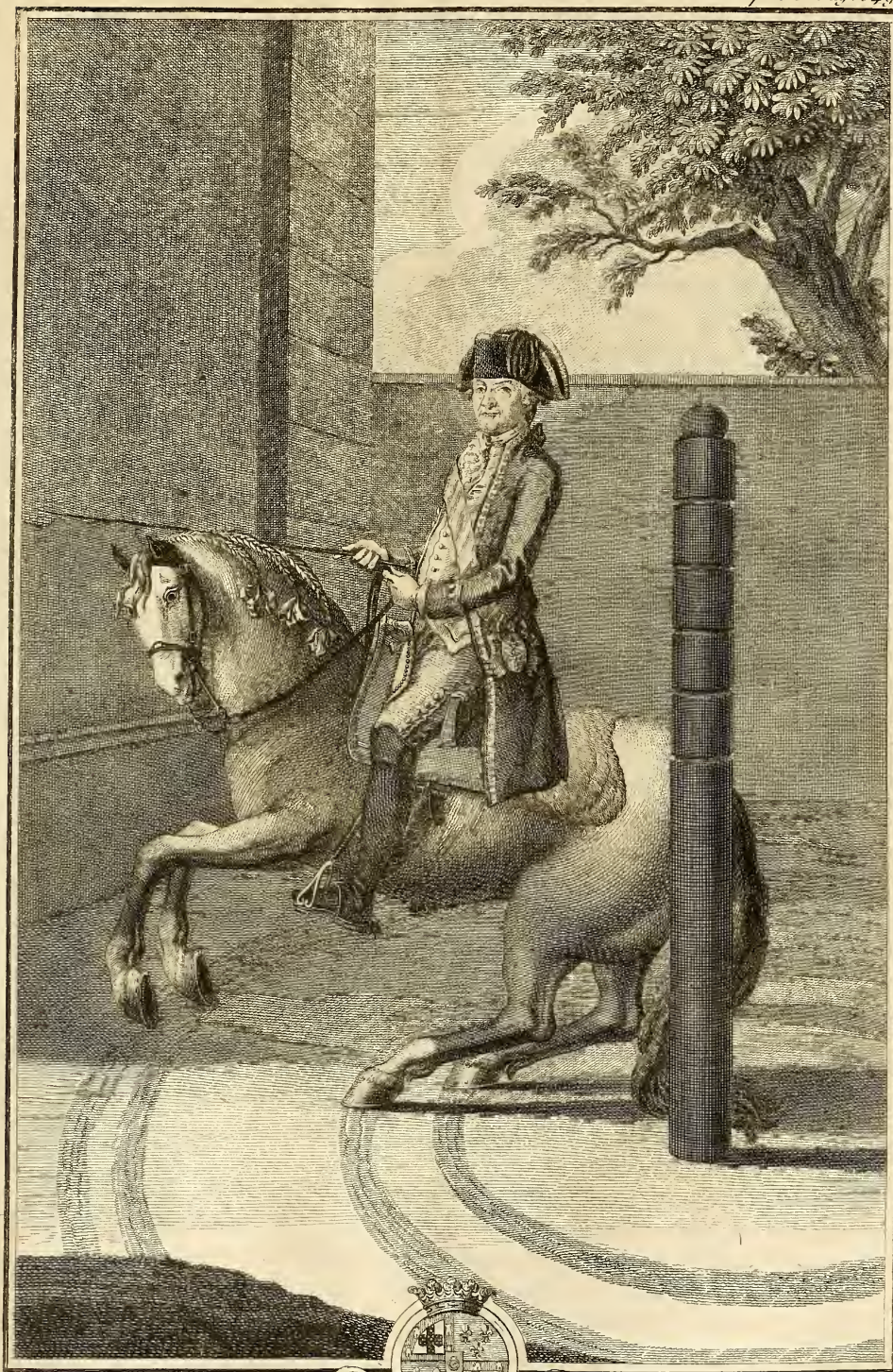
Os Cavallos, que elle enfina, andão fempre bem para diante, e ao mefmo tempo fe dobrão muito, e com graça, e igualdade, tanto marchando para a direita, como para a efquerda, porque lhes bufca o apoio, onde elles o tem, fegundo a fua conftructura; e por iffo he que os póde dobrar com tanta perfeição em toda a forte de trabalhos, affim naturaes, como artificiaes.

Applica-fe á Nobre Arte da Cavallaria de forte, que tendo de idade mais de fetenta e feis annos, todos os dias prefide á Picaria, trabalhando muitos Cavallos, e Potros com tanto defembaraço, e promptidão, como fe eftiveffe em idade juvenil, para exemplo, e confusão da culpavel indolencia a que infinitos Homens fe entregão; porque não fó nefta, mas em outras Artes, e Sciencias deo a Providencia a efte grande Homem aquellas diftinctas qualidades, que raras vezes participa aos feus femelhantes.

Ha Cavalleiros, que andão bem fobre Cavallos enfinados por outros: e ha Homens, que tem propriedade, conhecimento, e talentos para os difpôr, encaminhar, e enfinar defde os feus primeiros principios, debaixo do methodo regular da Arte, até os formar bem em todas as lições, que lhes são proprias. Ora entre os mais diftinctos Profeffores elle he o que poffue efta propriedade, conhecimento, e talentos com mais perfeição: eu o vi trabalhar hum Cavallo, além de outros muitos, chamado Aventureiro, ao qual difpoz defde os primeiros rudimentos debaixo do methodo regular que a Arte enfina, e o chegou a tanta obediencia, que para moftrar quanto o coftume, e as fenfações bem applicadas rendem os Cavallos faceis, e promptos na prefença de Suas Mageftades a Senhora D. Maria I., D. Pedro III., e Suas Altezas, o chegou a trabalhar nas feguintes lições.

Primeiramente o trotou pelas linhas da muralha com a meia garupa ao centro, depois o fez trabalhar na lição das efpaduas dentro por todo o terreno, já ao trote, já ao galope: defta o paffou á lição da cara contra a muralha, ou efpaduas ao muro, ao paffo, ao trote, e ao galope, fazendo-o paffar de mão nas extremidades das linhas rectas da muralha, obrigando-o pelos femicirculos dos angulos a formar as paffadas com a maior perfeição: apôs iffo o fez paffar á lição dos quatro circulos, como tambem á da volta ao revés, junto ao Pilão do centro, e por todo o terreno, e ultimamente á lição do terra á terra, tanto com a garupa ao Pilão, como fobre o quadrado, e por todo o terreno, formando-lhe nas extremidades das linhas da muralha, humas vezes angulos rectos, outras angulos agudos, e obtufos, ou tambem meftilineos, e curvilineos, chamando-o pelos feus arcos, ou femicirculos, já ás paffadas relevadas, deixando-o no fim dellas, humas vezes com a garupa ao centro dos femicirculos, outras formando-lhe pequenos circulos, ora com as efpaduas, ora com a garupa ao centro, fem que para o obrigar a tudo ifto tiveffe o Cavallo na boca mais que huma fitta, com a qual fe deixava governar: e foi tão exacta a obediencia do animal, que já mais faltou em alguma def-

Marquez de Marialva
Grã Cruz de Santiago
(As Grã Cruzes foram criadas a 2 Julho 17..

Estampa 55. Pag. 349.

Silva del.

deftas acções a obedecer a tudo quanto fe lhe determinava. Ah! que fe Newcaftle o víra trabalhar affim, talvez que efquecido do feu Capitão Mafem teria mais que admirar.

Por femelhante modo fez ver ao Sereniffimo Infante D. Antonio que o equilibrio do corpo do Cavalleiro no meio da fella he fem contradicção util para o Cavallo fe collocar com igualdade, e obediencia nas differentes acções, em que fe move: em hum Cavallo chamado Arrogante, que elle enfinou, pofta a fella, fem coufa alguma que a apertaffe, Sua Excellencia do montadouro fe poz a cavallo, e o trabalhou depois em varias lições até á do terra á terra, com tanta firmeza, e fegurança, como fe a fella eftiveffe bem apertada. Ifto juftifica o feu perfeito equilibrio, e tambem que delle procedem muito as leis, que determinão os movimentos dos Cavallos em todas as lições que podem executar: e por iffo os da fua lição trazem as efpaduas bem no feu devido lugar, de forte que por muito que fe dobrem, são infinitamente fenfiveis ás mãos, e pernas, porque elle os encruza bem entre as fenfações da redea de dentro, e da perna de fóra, como paffo a ponderar.

Senta-fe bem no meio da fella para o formar nefta lição; e apôs iffo he que o encaminha com ambas as pernas, e as redeas ambas, para que ande bem para diante; e fe he rude, ou pouco facil de alguma parte do corpo, elle lhe conhece a origem do feu defeito, e promptamente lhe applica lições convenientes a vencer-lhe as difficuldades, obrigando-o com toques proprios, de forte que o animal fe lhe fujeita quanto póde; e ifto he em que confifte o fer bom Cavalleiro.

He difficultofo levar a mão efquerda de unhas affima da cernelha para fóra, fem que fe atraveffe, ou atraze a efpadua direita do Cavalleiro contra a linha circular da efpadua efquerda do Cavallo; mas fua Excellencia o faz, confervando fempre a boa fymmetria da fua figura, e por iffo o ajuda, e encaminha, unindo-lhe a perna de fóra (feja mais, ou menos veloz o feu movimento) com a actividade, e viveza precifa a fazello obedecer, de forte que parece fe determina, e fe fórma na acção do terra á terra muito por fua vontade, como fe obferva na feguinte

ESTAMPA LV.

Do Excellentiffimo Marquez de Marialva, formando hum Cavallo na lição, e acção do terra á terra, obrigando-o a dobrar-fe para a efquerda com o freio fó.

DAs boas articulações das ancas dos Cavallos procede muito a exactidão dos movimentos do terra á terra; e da boa difpofição com que Sua Excellencia os fórma logo defde as primeiras lições, lhes refulta tanta facilidade, e tanto defembaraço, que ainda não tendo elles toda a precifa propriedade, lhe obedecem até onde as fuas forças podem alcançar. Tem Sua Excellencia facilmente a mão efquerda para a parte de fóra da cernelha do pefcoço do Cavallo, (ifto he, para a direita) voltando-a com o pulfo ligeiro, e firme de unhas affima, e o dedo minimo in-

inclinado para a efpadua direita, fómente quanto bafta, a fazer com a fenfação da redea efquerda, ou de dentro da volta, que o Cavallo lhe obedeça, e volte para a efquerda, quanto elle quer. Nefte cafo firma os cotovellos pelas linhas perpendiculares dos hombros, e dos offos dos feus quadrís, para defta forte conduzir as mãos unidas, e fazer feguir huma á outra redea, a fim de o obrigar affim unido a que volte circularmente, e a que determine os movimentos, e a direcção com igualdade.

Galopando-o com a garupa ao Pilão bem encruzado entre as forças da redea efquerda, e da perna direita, por meio das diligencias já notadas, Sua Excellencia aviva mais toda a fua figura, tem o corpo mais firme, e para trás, faz-lhe fentir a redea de dentro mais forte, dando-lhe no tempo, em que elle fórma o balanço, para fe levantar das efpaduas, hum toque mais forte com a perna direita, ou de fóra da volta, confentindo com a mão da redea, e com o feu corpo, em que o Cavallo, por effeito daquellas fenfações, tome alguns tempos do terra á terra; e tanto que elle lhe obedece, affroxa-lhe as fenfações com que o obriga, fazendo-o fómente feguir a acção de hum galope mais modificado, feja para lhe repetir outra vez a mefma lição até fe confirmar no terra á terra, feja para o indireitar no terreno entre a redea de dentro, e a perna de fóra.

Paffagens de mão da efquerda para a direita.

DEpois de o haver trabalhado na lição do terra á terra, para lhe aliviar a parte de fóra, o obriga a paffar de mão da efquerda para a direita. Se o faz marchar fómente de duas piftas, quando fahe da circumferencia para fóra, logo o vai indireitando bem no terreno com as redeas ambas, e ambas as pernas; e affim o faz partir (fe anda trabalhando fobre o circulo) da linha N. 1., como fe moftra na Fig. 1., Eft. XLIV. para a Fig. 2. pelas linhas de E para F, fazendo-o marchar direito de duas piftas, affim pelas linhas E, F, como pelos femicirculos F, G até H, em que o faz mudar de acção. No tempo da paffagem aviva toda a fua figura, tem a mão efquerda de unhas affima, e o dedo minimo voltado para a efpadua direita, retira para trás a efpadua efquerda, fortalece a fenfação da perna direita, para o Cavallo fe unir bem fobre a meia anca efquerda; e logo que elle fe une defta forte fobre a linha N. 4., o faz marcar com as piftas das mãos as linhas N. 1., e N. 2. para fobre ellas o fazer paffar de mão, defdobrando-o com a redea direita (em toda a fua acção) da efquerda para a direita. Ora no tempo do balanço das efpaduas, em que lhe fortalece a redea direita, affroxa-lhe a efquerda; e apôs iffo no balanço da garupa, quando lhe affroxa as fenfações da perna direita, fortalece-lhe as da perna efquerda para avançar o pé direito no balanço da garupa; e logo que o Cavallo (fendo encaminhado defte modo) determina a fua direcção para diante, fortalecendo-lhe, e modificando humas, e outras fenfações, o obriga a formar-fe na mefma boa acção para a direita, como antes da paffagem andava para a efquerda.

Modo de obrigar o Cavallo a paſſar de mão da eſquerda para a direita, marcando quatro piſtas, como ſe moſtra na Fig. 3.

TAmbem o obriga muitas vezes a que forme a paſſagem de mão, ſahindo das linhas da Fig. 1., Eſt. XLIV., pelas linhas I: então o aviva, e obriga mais com a perna direita, e com a redea eſquerda, para que forme quatro piſtas; e pelo ſemicirculo L, e M o encruza cada vez mais entre as forças da redea eſquerda, e da perna direita, modificando-lhe pelas linhas de pontinhos a força com que o obriga, para o fazer mudar de acção ſobre N, e ſeguir as linhas do circulo da Fig. 1. com a meſma boa ordem com que o faz paſſar de mão, formando-lhe a Fig. 2.

Se o enſina pelos ſemicirculos a fazer algumas paſſadas, tendo-o chegado a L, anima, e fortalece mais toda a ſua figura, tem a mão eſquerda mais de unhas aſſima, e o dedo minimo voltado para a eſpadua direita, retira para trás com mais actividade a eſpadua eſquerda; e fortalecendo as ſenſações da perna direita cada vez mais, obriga o Cavallo a que faça quatro, ou ſinco paſſadas, rebatendo bem todos os movimentos das eſpaduas, e corpo para ſima da garupa; e logo que elle lhe obedece, Sua Excellencia lhe affroxa as ſenſações com que o anima, e o faz ſeguir a acção de hum galope mais modificado, encruzando-o ſempre bem entre as forças da redea de dentro, e da perna de fóra, até o fazer paſſar de mão da eſquerda para a direita.

Logo que o faz chegar ao vertice do angulo, ſeja ſobre H, ou ſobre N, com a redea eſquerda, e a perna direita o obriga a unir-ſe bem ſobre a meia anca eſquerda, para o fazer mudar toda a acção da ſua figura; e ſeja a paſſagem de duas, ou de quatro piſtas, tendo aſſim chegado ao vertice do angulo, lhe affroxa as ſenſações da redea eſquerda, e da perna direita, fortalece as da redea direita, e da perna eſquerda, e da meſma ſorte muda a acção em todo o tronco do ſeu corpo, para o Cavallo ſe deſdobrar da eſquerda para a direita, e ſeguir a direcção do ſeu movimento com a meſma brilhante graça para a direita, com que manejava para a eſquerda, antes de paſſar de mão.

Com as meſmas diligencias com que ſe obriga o Cavallo a mover-ſe para ſe formar na lição, e acção do terra á terra, ſe obriga tambem a trabalhar na lição do meio ar; porque eſta ſó differe da do terra á terra em elle rebater menos os movimentos para ſima da garupa, ou em determinar os movimentos mais detidos, e mais lentos das eſpaduas, e garupa, do que na lição do terra á terra.

Eu creio ter bem provado que Sua Mageſtade obrigava os Cavallos na lição do terra á terra para a direita com ambas as pernas, e com as redeas ambas, para marcharem para diante, applicando-lhe apôs iſſo alguns toques da perna eſquerda mais, e menos activos para os ir encruzando entre as forças da redea direita, e da perna eſquerda, a fim de os fazer rebater os movimentos das eſpaduas para ſima dos da garupa. E igualmente digo o modo, por que o Excellentiſſimo Marquez de Marialva lhe faz determinar os movimentos para diante, quando os faz trabalhar neſta lição para a eſquerda: logo creio tambem que eſtá provado que

com

com a redea de dentro, e a perna de fóra se obrigão os Cavallos a dobrar-se para dentro da sua volta, e que isso os faz levantar das espaduas, sujeitar da garupa, e rebater os seus movimentos para sima do ventre, e das ancas; e desta sorte se obrigão a abraçar, ou alcançar pelos circulos, e semicirculos com as pistas das mãos bem o terreno, que tem para caminhar, seja trabalhando sobre a circumferencia, ou sobre o quadrado longo, ou regular: por consequencia estas diligencias lhe fazem determinar o balanço do galope com igualdade de tempo, movimento, acção, e dobra, tanto para huma, como para outra parte.

Lição da volta ao revés, trabalhando o Cavallo dobrado para a esquerda com o freio só.

HAvendo-o Sua Excellencia trabalhado na acção do terra á terra para a esquerda, como venho de dizer, para finalizar-lhe a lição, o costuma passear na acção da volta ao revés com as espaduas ao centro, e a testa contra o Pilão, a fim de o confirmar na obediencia da redea de dentro, e da perna de fóra; e ainda que eu digo que elle encruza o Cavallo sempre entre as forças da redea esquerda, e da perna direita, nem por isso se deve entender que deixa de o ajudar com ambas as redeas, e ambas as pernas, quando elle lhe duvída, ou determinadamente fica para trás; e tambem quando se desiguala no movimento, e anda mais com a garupa, do que anda com as espaduas; pois havendo semelhantes acontecimentos, (posto que o faça andar para a esquerda) não só o ajuda com a perna esquerda, mas se he preciso, usa da redea direita para o indireitar bem no terreno, a fim de o vir a chegar a encruzar com perfeição entre as forças da redea esquerda, e da perna direita, como todos os Authores recommendão. O mesmo se deve entender, trabalhando-o nesta lição para a direita.

He difficultoso sustentar o Cavalleiro a acção da sua figura com huma symmetria igual para a mão esquerda, maiormente quando se trabalha nesta lição; e sem esta igualdade, não costuma o Cavallo obedecer bem; mas como para o Excellentissimo Marquez não ha nesta Arte difficuldades, e he igual no seu modo de trabalhar, tanto fazendo marchar o Cavallo sobre a direita, como sobre a esquerda, elle lhe une as pernas ao ventre com huns toques instantaneos, e promptos, fazendo-lhe (sempre que elle se deixa dominar) os da perna direita mais activos; e as sensações da redea esquerda, tendo o corpo bem no meio da sella, ou ponto de equilibrio, avançando a espadua direita (não obstante a força centrifuga da dobra do corpo do Cavallo fazer-lhe grande opposição) atraza a esquerda, tem a mão da redea de unhas assima, e o dedo minimo inclinado para a espadua direita, a fim de o encruzar cada vez mais entre as forças da redea esquerda, e da perna direita; e he certo que trabalha assim qualquer Cavallo, ajudando-o sempre com muita actividade ao passo, ao trote, e ao galope, conservando toda a sua figura na acção que se mostra na seguinte Estampa.

Froiș. de lin. et sc. Lx.ª

ESTAMPA LVI.

Do Excellentissimo Marquez Estribeiro mór, formando hum Cavallo na acção da volta ao revés, dobrando-o para a esquerda com o freio só.

OS movimentos dos Cavallos nesta lição ao passo, e trote são violentos; mas ao galope he o mais rigoroso castigo, que o Cavalleiro lhes póde dar; porque os obriga a formar nesta acção o reverso daquellas, em que elles propria, e naturalmente se movem. Ensina-os Sua Excellencia a determinar o movimento sempre igualmente; e vence isto, segurando-lhes as redeas em tal comprimento, que sem desconcertar-se, ou fazer grandes movimentos, os faz obedecer, já levando-lhes a mão da redea para dentro da sua volta, logo que elles se desigualão dos movimentos das espaduas, por se lançarem mais sobre a direita de dentro do centro; já levando a mão de dentro da volta para o ponto do centro, quando se desigualão do movimento, e acção, por se lançar muito sobre a espadua esquerda de fóra do centro, e de dentro da sua volta.

Com os movimentos das mãos acorda os dos joelhos, barrigas das pernas, calcanhares, e esporas, de sorte que no tempo, em que traz a mão de unhas assima para a direita, fortalece a sensação da perna direita; e quando leva a mão da redea da cernelha para a esquerda, fortalece as sensações da perna esquerda para o obrigar a descrever com as pistas dos pés as linhas da maior circumferencia com tanta facilidade, que parece o animal determina os seus movimentos mais por sua vontade, que pela força dos toques com que he obrigado.

Para Sua Excellencia conseguir isto, he que se assenta bem no meio da sella, e ponto do equilibrio, pezando sempre alguma cousa mais sobre o estribo da parte, para onde o Cavallo olha, e se dobra, que he a que sempre fica sendo de dentro da volta: elle se conserva naquella posição para com a força centripeta do pezo do seu corpo aliviar ao Cavallo aquelle pezo, que, por effeito da força centrifuga, lhe recahe mais sobre a perna direita de fóra da volta, e de dentro do centro, a qual sempre se levanta menos do terreno, que a esquerda de dentro da volta nesta lição, para se poder curvar da soldra até ao travadouro.

Passagens de mão da esquerda para a direita, formando o Cavallo na acção da volta ao revés.

QUando o pertende fazer, passa de mão, trabalhando-o na lição da volta ao revés da esquerda para a direita: dos circulos da Fig. 1., Est. XXXVIII., o encaminha, já com a redea esquerda, e a perna direita, já com as redeas ambas, e ambas as pernas, para a Fig. 2., pelas linhas de pontinhos de C para G: então com a redea esquerda, e a perna direita o obriga cada vez mais a marcar com as pistas da mão direita, e esquerda os circulos N. 1., e N. 2.; e com as

do pé direito, e esquerdo, os circulos N. 3., e N. 4. mais juntos do centro, encruzando-o assim cada vez mais entre as forças da redea esquerda, e da perna direita, até chegar á Letra A, Fig. 1., em que o faz passar de mão, desdobrando-o da esquerda para a direita. No tempo da passagem affroxa a força das redeas esquerdas, e da perna direita, fortalece as da redea direita, e da perna esquerda, quanto basta a formallo na acção da volta ao revés para a direita com tanta perfeição, como antes da passagem o formava para a esquerda.

Modo de obrigar o Cavallo a formar as passagens de mão, marcando as pistas dos pés as linhas maiores, e as das mãos as linhas menores, sendo obrigado com o freio só.

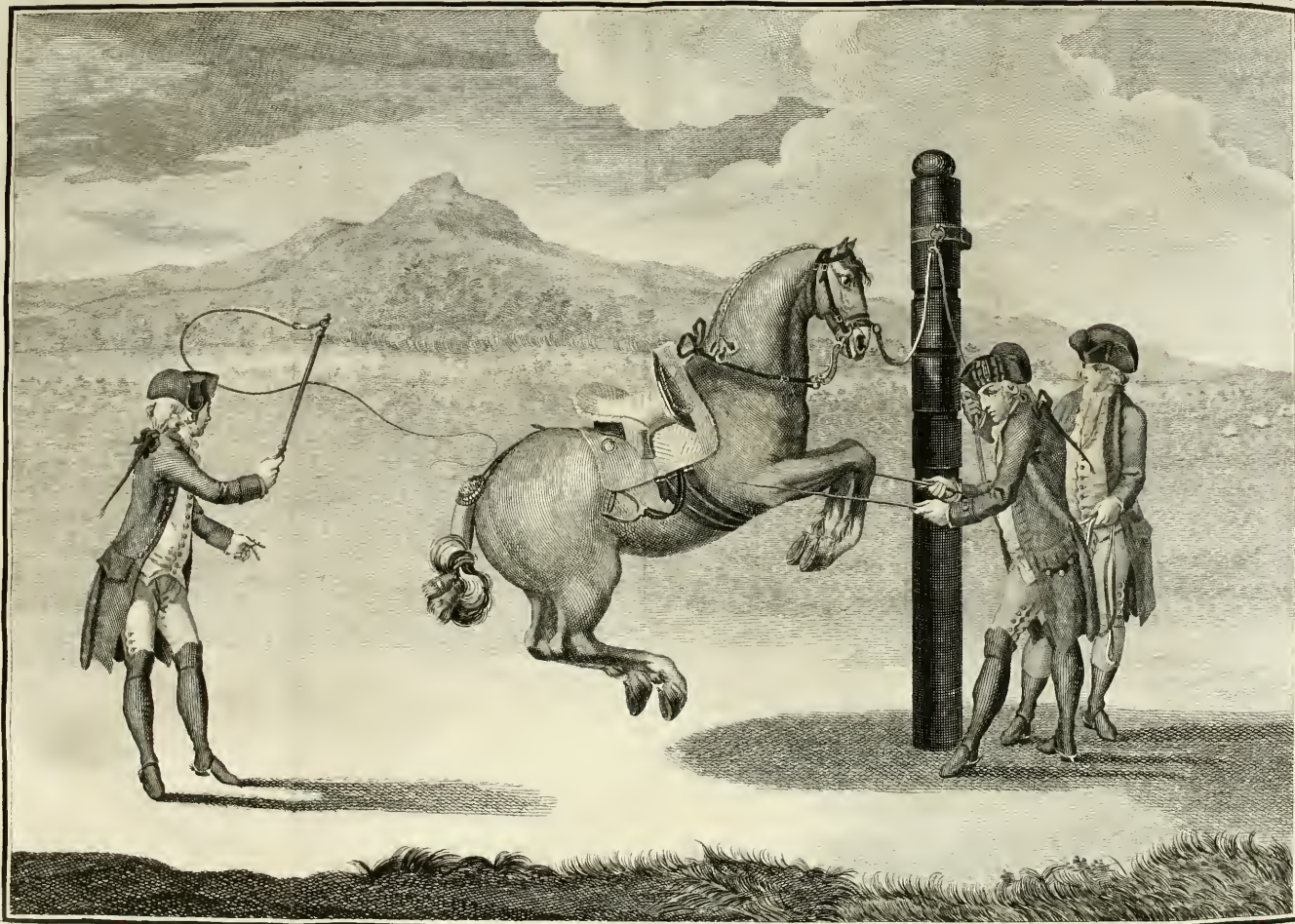
FAz tambem passar o Cavallo de mão, obrigando-o a partir, (da Fig. 1., Est. XXXVIII. para a Fig. 3.) e pelas linhas de Letra E, e Z o faz marcar com as pistas da mão direita a linha N. 1., com a da esquerda a N. 2., com a do pé direito a N. 3., e com a do pé esquerdo a N. 4. da maior circumferencia, encruzando-o cada vez mais entre a força da redea esquerda, e da perna direita desde S até O, obrigando-o pelas linhas de pontinhos a ir fazer a passagem sobre as linhas da Fig. 1., Q, onde tambem com a redea direita, e a perna esquerda o desdobra da acção para a direita.

Em quanto o vai encaminhando pelas tangentes E, e Z da Fig. 1., e pelo semicirculo S, e O, lhe rende, e sustem a mão da redea, levando-a de unhas assima para a direita, e frequentes vezes tambem para a esquerda, affroxando, e fortalecendo alternativamente as sensações de huma, e de outra perna, de tal sorte oppostas ás de huma, e de outra redea, que o Cavallo se conduz, descrevendo com as pistas dos pés os semicirculos N. 3., e N. 4., S, e O, e com os das mãos os semicirculos N. 1., e N. 2., até pelas linhas de pontinhos chegar ao vertice da passagem Q: não obstante Sua Excellencia o faz tambem passar de mão da lição da volta ao revés para aquella, que lhe parece mais conveniente. Eu aqui unicamente mostro o modo, por que o faz passar de mão pelos circulos, e semicirculos com a garupa ao centro Fig. 2., ou tambem marcando o terreno, como se vê na Fig. 3., do que faço menção para dar alguma idéa de formar humas, e outras passagens nesta lição da volta ao revés, tanto fazendo-os marchar dobrados para a direita, como para a esquerda.

Lição do meio ar para a direita.

AInda que a brilhante acção do meio ar seja muito semelhante á do terra á terra, com tudo os movimentos do Cavallo são em grande parte differentes, e por isso se ensinão a formar nesta acção junto ao Pilão do centro, como se mostra na seguinte Estampa.

ES-

Silva delin.t Manuel Alegre sculp.

ESTAMPA LVII.

De hum Cavallo junto ao Pilão do centro na acção do meio ar de firme a firme.

TEndo o Cavallo propriedade para se formar na acção do meio ar, logo que elle galopar, deve ser muito leve na embocadura do freio; deve ter hum apoio firme, e facil; deve ter muita sensibilidade ás impressões dos joelhos, barrigas das pernas, e calcanhares do Cavalleiro, sahindo bem da mão, parando com facilidade, e voltando promptamente para huma, e outra parte; deve ter na sua galopada hum balanço relevado, facil das espaduas, e muito igual da garupa; deve dobrar-se do pescoço para onde olha, e anda com facilidade; e da mesma sorte deve dobrar os joelhos, e as juntas, e travadouros das quartelas, de maneira que mostre as ferraduras das mãos, dobrando igualmente os travadouros dos jarretes, mostrando alguma cousa as ferraduras dos pés, logo depois de deixar ver as das mãos.

Tendo as referidas propriedades, devem mettello entre os Pilões para o fazer unir sobre a garupa, e levantar-se cada vez mais sobre ella igual no movimento, e acção do meio ar; tendo porém larga a sella, o rabicho, as redeas do freio, e cabeção, quando lhe principião a formar este trabalho. Ora sendo tudo assim disposto, muito mansamente o irão fazendo mover para hum, e outro lado, a fim de que se levante, sem que precise ser muito castigado com a guia, açoute, ou vara: neste caso he bom ajudallo, ora de hum, ora de outro lado: sendo os Pilões no meio do parapeito, e sendo nos lados delle (como se mostra na Est. I., N. 4., e N. 5.) junto á parede, devem fazello passar muitas vezes de mão para o ajudar por huma, e por outra parte, sem lhe segurar a guia fortemente para baixo, para que não se levante mais da garupa que das espaduas, e se desmanche da acção, para que tem propriedade, antes sim devem fazello unir sobre as ancas; e logo que fizer alguns tempos bem, formando-se na acção, que se mostra na Est. LVII., devem parallo, e affagallo, para lhe mostrar que faz bem, repetindo-lhe de dia em dia a lição por este modo, até se levantar com facilidade entre os Pilões, para o passar a formar-se na mesma lição do meio ar de firme a firme, como passo a explicar.

Fazendo-o conduzir ao Pilão do centro, a Guia do tornel do meio do cabeção vai ao gancho do correão, (Est. V., Fig. 10.) e dahi á mão do Ajudante Fig. C, que a deve segurar em distancia tão proporcionada delle, que possa ajudar o Cavallo, sem que este o possa alcançar com alguma patada, quando se levanta, sustendo-lhe a guia firme, e ao mesmo tempo branda para o facilitar a que se levante, sem que fuja do Pilão. Quem ajuda com as varas Fig. 3. deve amparar-lhe as espaduas em quanto está levantado na acção; e quando abaixar, pondo as mãos na terra, deve tocar-lhe sobre as canelas dos braços, para que torne a levantar-se, dobre os braços com igualdade, e una huma á outra a espadua.

Não muito longe da garupa deve eftar o Meftre, Fig. A, com o açoute para o fazer entrar para a acção, tendo cuidado em fe poftar daquella parte, para onde o Cavallo fe encofta mais: fendo tudo affim difpofto, o irão fucceffivamente encaminhando, como tenho dito, para que nos feus faltos recolha as pernas bem para baixo do ventre; e por effeito dos toques da vara fobre as canelas dos braços, recolha, e dobre as mãos para baixo da barriga; e logo que fizer algum tempo bem, proferindo a palavra *hó*, *hó*, devem affagallo; e depois de defcançar algum efpaço, o devem fazer dar algumas voltas á roda do Pilão, fem o Meftre o feguir muito com o açoute, a fim de que não fe agite com exceffo, em quanto o fazem paffear, para o tornar a fazer levantar pelo mefmo modo.

He efta acção muito viftofa, quando os movimentos do animal fe determinão em balanço igual das efpaduas, e das ancas; pois quando galopa na acção do meio ar, fempre faz huns movimentos altos, e lentos, ou detidos das efpaduas, comprimindo toda a fua acção para fima da garupa; mas fem dobrar, tanto os curvilhões, e jarretes, como quando fe fórma na acção do terra á terra. Tambem differe o meio ar do terra á terra em fazer o Cavallo quatro tempos diftinctos nos dous balanços da fua galopada, porque no terra á terra faz os dous tempos de cada balanço, de forte unidos, que parece que fómente fe move com hum tempo no balanço das efpaduas, e outro no balanço da garupa, ainda que o ouvido percebe fazer em huma, e outra acção quatro tempos diftinctos. Tanto difpondo os Cavallos entre os Pilões, como junto ao Pilão do centro, (fe elles tem propensão para fe formarem na acção do meio ar) devem fer conduzidos com muita moderação, até que executem o que fe pertende que elles fação, fem fe apaixonarem com o caftigo, a fim de que, depois de montados, o Cavalleiro os poffa confirmar nefta lição com mais facilidade.

Eu paffo a referir a boa ordem, com que S. A., por meio de fenfações adequadas, faz determinar os movimentos dos Cavallos, em que anda, na acção do meio ar, para que os Cavalleiros, feguindo efte methodo, ponhão em prática efta lição com boa ordem.

Com as forças da redea de dentro, e da perna de fóra o obriga, quando o principia a fazer galopar, a fim de que determine o balanço do galope unido, para fe ir firmando fobre o efpinhaço, e quadrís, rebatendo os movimentos bem para fima das ancas, e curvilhões, vai-lhe fuftendo cada vez mais o corpo atrás, e a mão para fi, confentindo fempre na fua galopada com toda a firmeza do feu corpo, mãos, e pernas, porque fó defta forte he que fe obriga a formar o feu falto quafi femelhante á Balotada hum pouco menos elevado do que ella, e algum tanto mais levantado, e detido do que o terra á terra. Differe tambem de hum, e de outro em o Cavallo pôr as mãos no chão primeiro que os pés: e na Balotada, e terra á terra determina os feus movimentos com tanta celeridade, que parece elle põe na terra pés, e mãos ao mefmo tempo.

O meio ar tira a fua denominação de fer hum falto, que elle fórma entre o terra á terra, mais alto na fua elevação de efpaduas que elle, e menos elevado que a Balotada. São poucos os Cavallos, que tem propensão para o movimento do

meio

Silva delin. *Froiz sculp.*

meio ar pela qualidade do balanço, que devem fazer com as eſpaduas, e garupa, a fim de rebater, e fazer recahir ſobre as ancas a maior parte do pezo do ſeu corpo pela força, e diſpoſição de orgãos, e muſculos de que neceſſitão, quando ſe levantão no balanço das eſpaduas, para ſe indireitar do ventre, ſoldras, e curvilhões, relevar-ſe ſobre elle, e tornar-ſe a comprimir ſucceſſivamente, em quanto ſe continúa o balanço das ancas para as eſpaduas; e pelo muito que ſe detem, e dobrão os travadouros, quando formão o ſalto deſte galope, elles moſtrão as ferraduras dos pés, e mãos.

ESTAMPA LVIII.

Do Sereniſſimo Principe D. João, enſinando hum Cavallo na lição do meio ar, dobrando-o para a direita com o freio ſó.

COm os movimentos da mão, equilibrio, aſſento, joelhos, pernas, e finalmente com toda a ſua bem ſymmetriada figura, acorda S. A. humas com outras ſenſações, em tudo proprias, e conformes á determinação dos movimentos, que neſta lição exige do Cavallo, tanto fazendo-o trabalhar ſobre linhas rectas, como ſobre circulos, conſervando-o de huma, e de outra ſorte no balanço, e movimento do meio ar ſempre diligente, relevado, e igual.

Por effeito das ſenſações da redea direita, ou de dentro, e da perna eſquerda, ou de fóra, o encruza cada vez mais entre as forças da redea, e da perna, conduzindo a mão de unhas aſſima com o dedo minimo voltado para a ſua eſpadua eſquerda, conſervando a perna eſquerda junto ao ventre do Cavallo, fazendo-lhe ſentir as ſuas ſenſações com toques mais, e menos activos, e inſtantaneamente applicados, quando redobra o movimento, para aſſim o igualar entre as determinações da redea direita, e da perna eſquerda; e quando o ſente mais igual na direcção, e movimento, fazendo-lhe algumas ſenſações mais activas com a redea de dentro, e a perna de fóra, o obriga a ſublimar na ſua acção: apôs iſſo, aníma S. A. cada vez mais toda a ſua figura, para que o Cavallo tome com mais graça o balanço do ſeu meio ar.

Paſſagens de mão da direita para a eſquerda.

QUerendo-o fazer paſſar de mão (ordinariamente ſe tem pouco deſembaraço) das linhas do quadrado, Eſt. LIX., Fig. 1., o faz partir pelas linhas da Letra B para C: então depois de o encaminhar com ambas as pernas, e as redeas ambas a entrar para diante ſobre o vertice C, quando ſe continúa o balanço das eſpaduas para a garupa, unindo-o bem com a perna eſquerda, e a redea direita ſobre a anca direita, inſtantaneamente o faz mudar de acção da direita para a eſquerda.

No tempo, em que S. A. o deſdobra da acção, avança a ſua eſpadua direita, atraza a eſquerda, ſuſtenta mais firme a redea eſquerda, affroxa a direita, e apoia

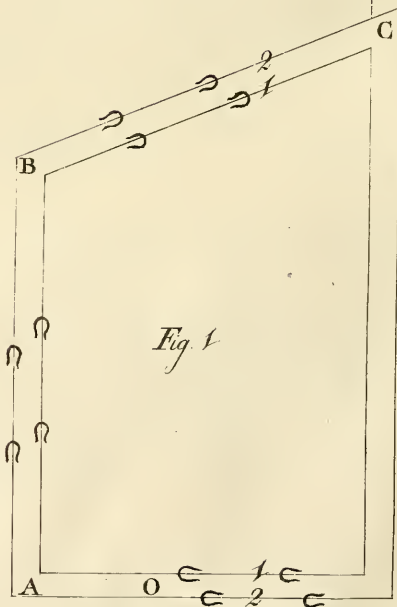
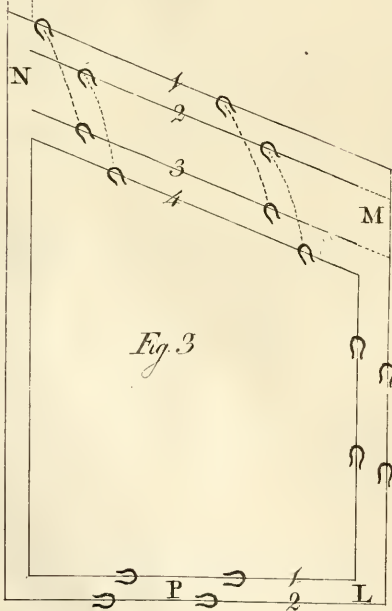
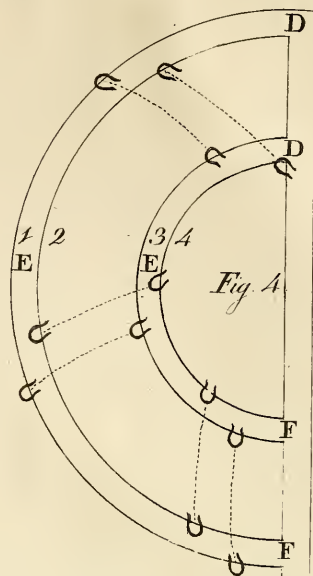
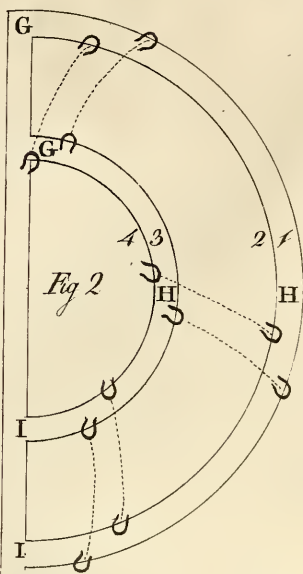
o ſeu pezo ſobre o eſtribo eſquerdo, para o Cavallo adquirir a inclinação circular na anca eſquerda, avançar no balanço das eſpaduas a mão eſquerda, e no da garupa o pé eſquerdo; e elle ſe determina aſſim por effeito das ſenſações mais, e menos activas, com que S. A. lhe faz ſentir a redea eſquerda, e a perna direita, quando o deſdobra de huma, e fórma em outra acção.

Os Cavallos, que ſe deſtinão para a lição do meio ar, devem (além da natural propensão) ſer muito animados, e ter bom rim; iſto he, devem ter baſtante força no eſpinhaço, garupa, e curvilhões; mas a ſua força, e actividade deve ſer de tal ſorte ligada, que elle ſe deixe vencer, e dominar; e aquelles, que não tiverem eſtas qualidades, já mais hão de ſervir bem para formar com perfeição eſte ar, nem marcaráõ o terreno, como tenho recommendado. Tambem os que ſe deſtinão para a lição do meio ar, não devem ſer ſómente com o artificio detidos no balanço do ſeu galope, ſe elles não tem propensão; nem tão pouco os devem formar em hum galope muito largo, ſe elles são propenſos ao movimento do meio ar; mas ſim devem os Cavalleiros conſervar-lhe aquelle balanço do galope mais proprio á ſua conſtrucção, e poſſibilidade, para exigir delles, como S. A., a pertendida obediencia.

As lições do terra á terra, e do meio ar, além de viſtoſas, tem o preſtimo de diſpôr os Cavallos para os ares altos, e para que ſe fação menos aſperos dos movimentos dos quadrís, e curvilhões: advertindo que todos os Cavalleiros devem formar-lhes aquelles exercicios, e movimentos correſpondentes á ſua compleição, forças, e conſtrucção; porque tendo as qualidades, que ſe requerem para os ares, em que os formão, elles ſe enfeitão, e conſervão com ſaude, quando o exercicio, que he oppoſto á ſua inclinação, e poſſibilidade, os fatiga, os deſgoſta, e os conduz a huma infinita multidão de deſordens.

Modo de os obrigar a paſſar de mão ſobre a meia volta da direita para a eſquerda.

OBriga S. A. tambem o Cavallo a paſſar de mão ſobre a meia volta da direita para a eſquerda, fazendo-o partir pelas linhas dos meios circulos G: (Fig. 2. Eſt. LIX.:) então lhe ſuſtenta a redea direita com a mão de unhas aſſima; e tendo o corpo atrás, e firme, fortalece a ſenſação da perna eſquerda, obrigando-o deſta ſorte pela meia volta, não ſó a que marque quatro piſtas, mas a que faça algumas paſſadas, rebatendo bem a garupa, e determinando os movimentos das eſpaduas com velocidade activa para ſima della, a fim de que faça pelo eſpaço da meia volta as paſſadas mais viſtoſas; e logo que tem obedecido, S. A. da Letra H até I lhe vai modificando a actividade do movimento, de ſorte que chega ao lugar da paſſagem em hum galope moderado.

Para ſer menos veloz no movimento, depois de haver formado as paſſadas, affroxa S. A. a actividade das ſenſações de todo o ſeu corpo, mãos, e pernas, de ſorte que chega ao vertice do angulo I, já em hum galope modificado; e então com huma promptidão ſummamente agradavel, muda toda a acção da ſua Figura

pa-

G
G
4 3
2 1
Fig 2
H
H
I
I
D
D
1 2
3 4
E
E
Fig. 4
F
F
N
1
2
3
4
M
C
2
1
B
Fig 3
Fig 1
P
1
2
L
A
O
1
2

para o desdobrar da direita para a esquerda, fortalecendo-lhe as sensações da redea esquerda, e da perna direita, acordando a opposição de humas, e de outras pelo consentimento de todo o seu corpo com tanta igualdade, que o Cavallo he obrigado não só a desdobrar-se da direita para a esquerda, mas a mover-se com a mesma igualdade, graça, e acção, com que formava os tempos, ou balanços do seu meio ar antes de passar de mão. Em quanto elle marcha pelas linhas da meia volta, a pista da mão direita marca o meio circulo N. 1., a da esquerda o N. 2., a do pé direito o N. 3., e a do esquerdo a N. 4., como se mostra na referida Fig. 2. da seguinte

ESTAMPA LIX.

Dos modos de repartir o terreno para formar as passagens de mão sobre o quarto, e sobre a meia volta para huma, e outra mão.

DEpois de S. A. o fazer passar de mão, obriga-o a determinar a sua direcção por meio de sensações proprias, porque em toda a sua figura se fórma na acção, que se mostra na Est. LVIII., e Est. LX., de modo que por todos os motivos, que tenho ponderado, respeita o Cavallo as bem appropriadas diligencias, com que he obrigado, tanto para a direita, como para a esquerda, como huma ordem absoluta.

Lição do meio ar para a esquerda.

SEndo incontestavel que os movimentos com que os Cavallos se vão conduzindo para a lição, e acção do meio ar, os vão unindo para se aligeirar das espaduas, e se firmar sobre o espinhaço, e quadrís, rebatendo ao mesmo tempo a garupa, e curvilhões para formar bem o seu salto, devem os toques da perna direita, e as sensações da redea esquerda com o seu uso, e applicação ir conduzindo o animal á vistosa acção do meio ar para a esquerda, como deixo notado nesta lição para a direita: logo necessariamente semelhantes movimentos, e forças da redea esquerda, e da perna direita o hão de conduzir, e formar no mesmo ar, e acção para a esquerda, conforme a boa ordem, que S. A. segue, quando os obriga a formar-se nesta lição, e acção do meio ar para a direita: isto supposto, eu passo a referir tambem como o Serenissimo Principe D. José formava os Cavallos na lição do meio ar para a esquerda, e os obrigava a passar de mão da esquerda para a direita.

Fortalecia, e animava S. A. toda a sua figura á proporção da viveza, agilidade, e igualdade com que via determinar a direcção, e movimentos do Cavallo, avançava a espadua direita, atrazava á proporção a esquerda, sustentava a mão da redea de unhas assima com o dedo minimo inclinado para a espadua direita, punha a mão direita quatro pollegadas pouco mais, ou menos mais alta, e avançada do que a esquerda; e para diante do cepilho da sella firmava o corpo bem no ponto do equilibrio, unia-lhe as pernas ao ventre, fortalecia a direita mais, de sorte que huma jogava com a outra, acordando a ligeireza das sensações das redeas com a

dos

dos joelhos, barrigas das pernas, calcanhares, e efporas, de forte que fem coftume permanente com o feu ufo inftantaneo mais, e menos activo o obrigava a formar-fe com toda a perfeição no balanço, e tempo do feu meio ar.

Se o Cavallo defcançava na embocadura do freio, ou pezava na mão, S. A. com o pulfo muito ligeiro, e firme, trazendo a mão para dentro do centro, ou levando-a para fóra da volta, fuftendo-lhe, e rendendo o freio, lhe formava algumas meias paradas mais, e menos fortes, fegundo a occafião, e a poffibilidade do Cavallo permittia, para o chegar a render firme, e facil ás imprefsões da embocadura do freio, e igual ás determinações de ambas as pernas.

Defeitos, que fervem de embaraço para os Cavallos fe formarem bem na acção do meio ar; e os modos, por que alguns fe remedeão.

COftumão alguns deter-fe, quando os vão formando na acção do meio ar, por ferem muito fenfiveis, e temerem que a embocadura do freio lhes affente fobre os affentos, ou tambem por terem os ligamentos das queixadas fracos; e outros fe demorão, quando os formão na acção do meio ar, por ferem demaziadamente froxos. Ora para remediar os que são muito fenfiveis, he precifo conduzillos com a mão fuave, e firme, indireitando-os com ambas as redeas, e as pernas ambas, foccorrendo-os com todos os movimentos do equilibrio, fendo a força de todas as fenfações proporcionada á direcção dos movimentos do Cavallo. Logo os que são froxos, devem fer enfinados com a força de toques mais activos, e da mefma forte as meias paradas, e paradas firmes, devem fer-lhes feitas com mais força; e tanto que elles pararem, devem render-lhes a mão.

Ha tambem outros, que fe demorão no balanço da galopada, por dobrarem muito as juntas dos travadouros das mãos, Eft. III., N. 36., e principalmente perdem o tempo do meio ar, fe dobrão muito as juntas dos travadouros dos pés N. 77.: elles por eftes motivos redobrão os feus movimentos com defigualdade, maiormente no balanço da garupa.

Tambem alguns não querem, nem podem dobrar as juntas dos quadrís, dos curvilhões, e dos travadouros, por terem as pernas muito direitas, e terem má correfpondencia nas articulações deftas partes, ou tambem por ferem mal formados do efpinhaço, e pefcoço: logo os que tiverem eftes defeitos naturaes, ferão mais difficultofos de remediar.

O remedio mais proprio para emendar os defeitos dos Cavallos, que dobrão muito as juntas dos travadouros das mãos, e pés, he fazellos determinar todos os movimentos com mais velocidade, tanto quando os fazem recuar, como quando os obrigão a marchar para diante: a eftes, e aos que são defanimados, he bom dar-lhes tambem alguns pequenos repelões. Sendo que os que tem eftas caftas de movimentos não chegão a formar-fe bem na acção do meio ar, pofto que fejão conduzidos com muito cuidado, e boa lição, porque lhes ferve de embaraço a impoffibilidade que tem na eftructura do feu corpo.

Não devem os Cavallos deftinados para a lição do meio ar fer muito barri-

gu-

gudos, nem muito faltos de ventre, devem ter boa boca, e boa vontade, fendo tambem dotados de huma paixão moderada, que fe deixa vencer, e dominar: os movimentos de todas as partes do feu corpo devem fer iguaes, e os Cavalleiros devem todos enfinar, difpôr, e ajudar os Cavallos, como tenho dito que os difpõe, ajuda, e obriga S. A. para obterem delles, tanto para a direita, como para a efquerda, os mais bellos movimentos, em que fe podem formar neftas lições.

O Cavallo na lição do meio ar marca duas linhas, como fe moftra na Eft. LIX. O, e P: quando vai fobre a direita, marca a pifta da mão direita a linha N. 1., e a da efquerda a N. 2.: por confequencia marchando fobre a efquerda, marca a pifta da mão efquerda a linha N. 1., a da direita a N. 2. Na direcção do movimento para a direita marca o pé efquerdo o primeiro tempo, o direito o fegundo, a mão efquerda o terceiro, e a direita o quarto, como fe moftra nas linhas N. 1., e N. 2. da Fig. 1.: logo na direcção fobre a efquerda, o pé direito marca o primeiro tempo, o efquerdo o fegundo, a mão direita o terceiro, e a efquerda o quarto, como fe moftra no N. 1., e N. 2. da Fig. 3.

Paffagens de mão da efquerda para a direita.

Logo que S. A. meditava em fazer paffar o Cavallo de mão da efquerda para a direita, das linhas da Fig. 3., Eft. LIX., da Letra L para M, e della para N, o hia encruzando cada vez mais entre as forças da redea efquerda, e da perna direita, de modo que o fazia marcar a linha N. 1. com a pifta da mão efquerda, com a da direita a N. 2., com a do pé efquerdo a N. 3., e com a do direito a N. 4.; e do vertice do angulo N fobre as linhas da muralha, quando fe continuava o balanço das efpaduas para a garupa, o unia cada vez mais com a redea efquerda, e a perna direita fobre a meia garupa efquerda, para inftantaneamente o fazer mudar de acção da efquerda para a direita.

No tempo que S. A. o defdobrava da acção, ifto he, da efquerda para a direita, avançava a fua efpadua efquerda, atrazava a direita, fuftentava a redea direita com a mão efquerda de unhas affima, e o dedo minimo inclinado para a efpadua efquerda: apoiava mais o feu pezo fobre o eftribo direito, para o Cavallo adquirir a inclinação circular da parte direita, e avançar no balanço das efpaduas a mão direita, e no das ancas a perna direita, mudando para efta parte a acção, e dobra de todo o corpo. E he certo que elle fazia efta mudança por effeito das proprias fenfações com que S. A. lhe encontrava o movimento com a redea direita, e a perna efquerda, como tambem feguia a fua direcção fempre igual pelo bem que era encaminhado entre a força da redea de dentro, e da perna de fóra, trabalhando tanto fobre a direita, como fobre a efquerda.

Modo, por que S. A. fazia paſſar de mão qualquer Cavallo ſobre a meia volta, da eſquerda para a direita.

QUando S. A. obrigava hum Cavallo a formar a paſſagem ſobre a meia volta da eſquerda para a direita, fazia-o marcar o terreno, como ſe moſtra na Fig. 4. da Eſt. LIX. : obrigando-o a partir pelas linhas da Letra D, e do vertice do angulo para E, lhe ſuſtentava mais a redea eſquerda, e a perna direita, obrigando-o pela meia volta a que fizeſſe algumas paſſadas, rebatendo bem os movimentos da garupa, e determinando o balanço das eſpaduas com huma velocidade activa para ſima das ancas; e logo que havia formado tres, ou quatro paſſadas, o fazia ir modificando a velocidade com affroxar-lhe as forças dos movimentos de todo o corpo, mãos, e pernas, a fim de que chegaſſe á Letra F, já em hum galope menos veloz : e então he que S. A. com grande deſembaraço mudava toda a acção da ſua figura para o deſdobrar da eſquerda para a direita.

Sobre o ponto do angulo miſtilineo F, em que fechava a meia volta, lhe fortalecia mais inſtantaneamente a redea direita, e a perna eſquerda com tanta promptidão, e propriedade, que o Cavallo era obrigado não ſó a deſdobrar-ſe da eſquerda para a direita, mas a formar-ſe para eſta parte na acção do meio ar com a meſma igualdade, e graça com que formava o balanço do ſeu movimento antes de paſſar de mão, e ficar trabalhando dobrado para a direita. Eſte he o methodo de formar tambem qualquer Cavallo na lição, e acção do meio ar para a eſquerda, e de paſſar de mão della para a direita, o qual devem ſeguir os Cavalleiros para os formar bem, tanto pelo largo, ou parallelogrammo, como ſobre eſtas, ou outras paſſagens de mão nas viſtoſas acções, que ſe obſervão na Eſt. LVIII., e na ſeguinte

ESTAMPA LX.

Do Sereniſſimo Principe D. Joſé, formando hum Cavallo na lição, e acção do meio ar, dobrando-o para a eſquerda com o freio ſó.

MArchando o Cavallo pela meia volta, (Eſt. LIX., Fig. 4.) com a piſta da mão eſquerda marca a linha N. 1., com a da direita a N. 2., com a do pé eſquerdo a N. 3., e com a do pé direito a N. 4. mais proxima ao centro; e em qualquer parte do manejo, que elle forme ſemicirculos, ou circulos ſobre a direita, ou ſobre a eſquerda, galopando com a garupa ao centro, marca o terreno, como tenho expoſto, e moſtro nas Figuras da Eſt. LIX.

Silva delin.

LIVRO VIII.

ARGUMENTO.

Trata-se do modo com que se deve obrigar qualquer Cavallo a formar na lição, e acção da Pirueta, e da meia Pirueta para a direita, e para a esquerda. Fórma com que se devem continuar a ajudar os Cavallos entre os Pilões, para se disporem para os ares altos. Mostra-se que cousa he o ar das Pousadas, e qual o melhor methodo de fazer recuar os Cavallos, obrigando-os o Cavalleiro com o freio só: a mesma lição das pousadas de firme a firme junto ao Pilão do centro. Volta ao revés na acção das Curvetas sobre a direita, e a esquerda, tanto sem Cavalleiro, como depois de montados os Cavallos.

OS Cavallos usão de muitas defezas, como tenho ponderado nas lições precedentes; e todas as vezes que se não sujeitão promptamente ás sensações, que o Cavalleiro lhes faz, sendo ellas proprias para os determinar aos movimentos, que delles se exigem, he certo que desobedecem, e se defendem. He bem verdade que humas vezes o fazem por ignorantes, e outras porque as forças dos ligamentos dos seus córpos não tem a precisa possibilidade, e agilidade nas articulações de todas as juntas para serem bons todos os seus movimentos. Porém de qualquer modo que o fação, deve o Cavalleiro encontrar-lhes, e destruir-lhes, quanto for possivel, os seus máos costumes: e senão bastarem para rendellos obedientes as expendidas diligencias, segundo a melhor opinião, devem remettellos áquellas lições, para que elles mostrão mais propensão; pois nem a todos os Cavallos se podem formar as lições, seguindo-se regularmente humas a outras sem alguma interrupção, isto he, se elles não tem propensão para o terra á terra, e se confunde com as sensações proprias para os fazer trabalhar nesta lição, e tem propriedade para fazer as meias Piruetas, e as Piruetas, ou para algum dos ares altos, he melhor passallos áquella, em que elles se deixão vencer, e dominar, do que obrigallos a sujeitar-se á força de violentos castigos, para que executem aquellas, que talvez por impossibilidade natural não podem pôr em prática, a fim que não aconteça com o rigor fazellos absolutamente rebeldes.

Lição da Pirueta para a direita.

A Pirueta he huma eſpecie de volta que o Cavallo faz no terreno, que occupa o ſeu comprimento; a garupa deve ficar ſegura, e firme no centro; porque elle quando volta, firma no chão hum pé, ſobre o qual fórma com as eſpaduas hum circulo perfeito, ſem tocar a terra com as mãos; e tanto quando volta ſobre hum, como ſobre outro lado, deve obſervar iſto com igual regularidade.

As ſenſações das mãos, do corpo, e das pernas do Cavalleiro devem ſer activas, quando obrigão o Cavallo a fazer eſte movimento. Exemplo: ſe o obrigão a voltar para a direita, deve a mão eſquerda ſegurar as redeas, eſtando voltada de unhas aſſima, com o dedo minimo inclinado para a eſpadua eſquerda, unindo-ſe as forças das ſenſações do tronco do corpo, das mãos, das pernas, do equilibrio, da vara, e da falla, para com todas inſtantaneamente obrigar o Cavallo a que volte com velocidade para a direita; porém a força, e rapidez das ſenſações para fazer bom effeito, deve ſer proporcionada á viveza, deſembaraço, e poſſibilidade do animal.

Para elle fazer bem as Piruetas, deve ſer prompto em parar, e voltar, deve ſer forte, e igual nas forças do eſpinhaço, e ancas, ſendo facil nos movimentos dos braços, e pernas, tanto voltando ſobre hum, como ſobre outro lado com forças correſpondentes no thorax, e curvilhões; pois de outra ſorte não póde correſponder com facilidade ás impreſsões do corpo, mãos, e pernas do Cavalleiro. Ora ordinariamente quando ſe pertende que o Cavallo faça a Pirueta, devem obrigallo a galopar; ſendo a ſua direcção pelo meio do terreno do manejo, e no lugar em que o chamarem á Pirueta, deve ir bem facil, e diſpoſto entre as forças de ambas as redeas, e de ambas as pernas, ou eſporas: então depois da meia parada, ou falcada deve o Cavalleiro rapidamente retirar para trás a parte direita do tronco do ſeu corpo, a fim de que o Cavallo volte com facilidade: as ſenſações da redea direita, e da perna eſquerda ao meſmo tempo devem ſer unidas, e activas, para o obrigar a que volte com rapidez no terreno que occupa o ſeu comprimento: deſta maneira creio que todos ſabem que o Cavallo neceſſariamente he obrigado a voltar, firmando-ſe ſobre o ſeu pé direito de dentro da volta, para onde elle ſe dobra, ou faz a Pirueta, (N. 3., Eſt. LXI.) e depois ſegue a ſua direcção ſobre as linhas, pelas quaes ſe determinava o ſeu galope antes de dar principio á Pirueta, de ſorte que no tempo em que fórma o circulo, elle ſe une, e dobra na acção, que ſe moſtra na ſeguinte Eſtampa.

Frois delin. esculp. Lx.ª

ESTAMPA LXI.

Do Cavalleiro, formando hum Cavallo na acção da Pirueta para a direita; e o modo, por que marca o terreno com as pistas dos seus pès, e mãos.

NA Est. LXII. se mostra o modo, pelo qual o Cavallo marca o terreno, formando a Pirueta, e a meia Pirueta para huma, e outra parte, de sorte que partindo das extremidades A pelas linhas A, B para a Fig. 2., tendo o Cavalleiro em C o seu corpo atrás, e firme no lugar dos rins, então o deve obrigar com ambas as redeas, e as pernas ambas a que volte sobre o seu pé direito para esta parte: neste caso as ferraduras das mãos, sem tocar a terra, se conduzem pelas linhas circulares D, E, F, descrevendo com as espaduas hum circulo inteiro; e seguindo a sua direcção, finaliza a Pirueta em G, seja fazendo-o passar de mão da direita para a esquerda, seja fazendo-o seguir a mesma direcção sobre as linhas da muralha dobrado para a direita.

Em quanto o Cavallo fórma o circulo da Pirueta, firma o pé direito no ponto do centro N. 4.; e quando dá principio á volta, e da mesma sorte quando a finaliza, marca o primeiro tempo a pista do pé esquerdo no circulo N. 3., porque a este tempo já se move para diante; a pista da mão esquerda faz o terceiro tempo, marcando o circulo N. 2.: logo a pista da mão direita, que marca o circulo N. 1., faz o quarto tempo.

Modos de remediar algumas defezas, de que usão os Cavallos para se eximirem de fazer as Piruetas.

TEndo boa lição, e as qualidades, que se requerem para as fazer, senão as executão, he porque se valem de alguma defeza, e as usuaes são quatro: primeira, entezar-se sobre a mão; segunda, levantar-se muito das espaduas; terceira, não voltar com rapidez; e quarta, não sobrepôr bem o pé, e mão de fóra por sima, e por diante do pé, e mão de dentro.

Entezão-se sobre a mão humas vezes por estarem já faltos de folgo, ou cançados; outras por irem de tal modo dobrados, que lhes custa a voltar; e tambem porque a rapidez com que o tronco do corpo, mãos, e pernas do Cavalleiro, quando se volta para o centro, não os obrigão com a precisa actividade: logo não o devem chamar á Pirueta, quando forem faltos de folgo, ou muito cançados: e da mesma sorte se não devem obrigar a que a fação, quando vão mal dobrados; por isso todas as vezes que os chamarem á Pirueta, deve a força das sensações com que os obrigarem, regular-se pelas circumstancias dos Cavallos.

Se se levantão muito das espaduas, devem fazer-lhes sentir alguma cousa tambem a perna de dentro, não levantando a mão da redea muito para sima, avançando-a alguma cousa para diante, e não sustendo o corpo tanto para trás.

Se-

Senão voltão com rapidez , porque eſtão pouco faceis das eſpaduas , não ſe aſſentando bem ſobre a garupa, tendo pouca obediencia á mão, e ás pernas, neſte caſo devem facilitallos na ſujeição do freio , principalmente por meio da lição dos circulos de quatro piſtas, obrigando-os tambem depois a ſentar-ſe ſobre as ancas por meio da lição do recuar, de muitas meias paradas, paradas firmes, falcadas, e paſſadas, fazendo-os voltar muitas vezes ſobre hum , e outro lado , a fim de que voltem com obediencia á mão, e ás pernas do Cavalleiro, quando fórmão a Pirueta, &c.

Lição da meia Pirueta para a direita; e o modo , pelo qual o Cavallo marca o terreno para formar eſta acção.

AS meias Piruetas mais viſtoſas são aquellas, que ſe fazem no meio, ou centro do manejo ; porém as mais faceis são as que ſe executão nos cantos do Picadeiro, porque os dous lados da parede, que formão o angulo, ſegurão muito as eſpaduas do Cavallo, e o ajudão para voltar com mais facilidade, de modo que partindo da extremidade H, Fig. 3., pelas linhas H, I, firmando o pé direito no ponto do centro N. 4., o obrigaráõ a formar o ſemicirculo I, L, M, uſando dos movimentos, e ſenſações do corpo, mãos, e pernas, como já diſſe que ſe uſe, para o obrigar a formar a Pirueta. O Cavallo em tal caſo , tendo a piſta do pé direito firme no ponto do centro N. 4., marcará com a piſta do pé eſquerdo a linha do ſemicirculo N. 3., com a da mão eſquerda a linha N. 2., e com a da mão direita a linha N. 1.

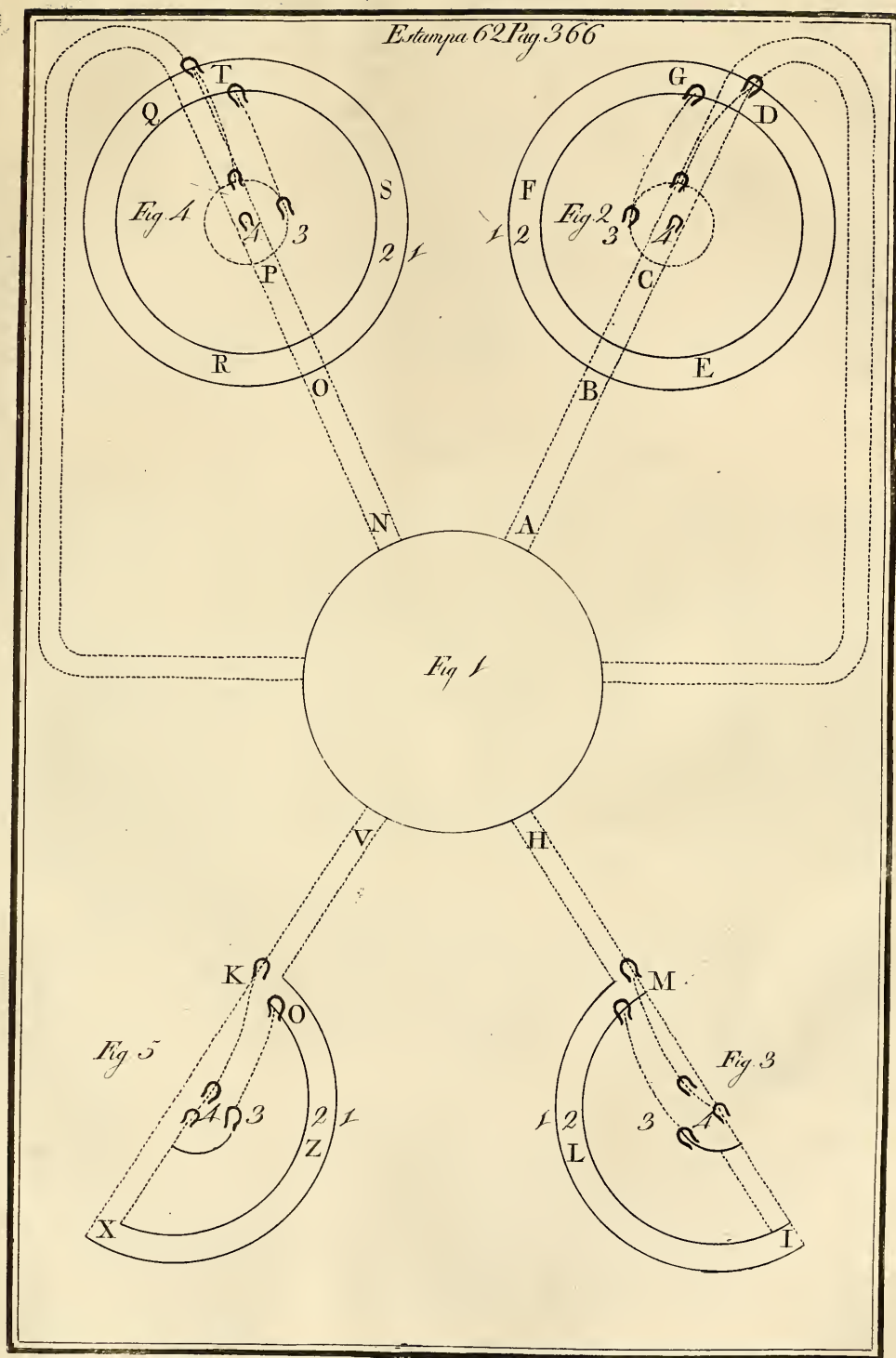
A piſta do pé direito N. 4., na Pirueta, e na meia Pirueta, fica no ponto do centro firme atrás da piſta do pé eſquerdo N. 3., em quanto o Cavallo fórma tanto o circulo , como o ſemicirculo da Pirueta , e da meia Pirueta ſobre a direita; porque he neceſſario para voltar com a preciſa rapidez ſobrepôr o pé, e a mão eſquerdos bem por ſima, e por diante do pé, e mão direita, em quanto as eſpaduas vão no ar, voltando pelo circulo, e ſemicirculo ; mas em tocando a terra com as piſtas das mãos, neceſſariamente marca o terreno , como na lição do galope ordinario.

ESTAMPA LXII.

Do modo, por que o Cavallo marca o terreno, quando fórma a Pirueta para a direita, e para a eſquerda, como tambem os ſemicirculos : do modo de marcar o terreno da meia Pirueta, marchando ſobre hum, e outro lado , e a lição da Pirueta para a eſquerda.

PAra obrigar, ou enſinar o Cavallo a fazer a Pirueta ſobre a eſquerda, deve o Cavalleiro ſegurar a mão da redea de unhas aſſima com o dedo minimo inclinado para a eſpadua direita. Ora ſe o obriga a marchar das extremidades N para

O

Estampa 62 Pag. 366
Fig. 1
Fig. 2
Fig. 3
Fig. 4
Fig. 5
A
B
C
D
E
F
G
H
I
K
L
M
N
O
P
Q
R
S
T
V
X
Z

O, Est. LXII., Fig. 4., chegando a P, deve o Cavalleiro prevenir-se, firmando o corpo mais, retirando bem a espadua, e toda a parte esquerda do tronco do corpo para trás, obrigando-o instantaneamente com a redea esquerda, tendo a mão de unhas assima, e o dedo minimo inclinado para a espadua direita, encostando-lhe ao mesmo tempo a perna direita com actividade tal, que o fação voltar sobre o pé esquerdo N. 4.; e sem tocar a terra com as ferraduras das mãos, sobrepondo o pé direito N. 3. por sima, e por diante do pé esquerdo, que está firme no chão (como se mostra na Est. LXIII.) se devem conduzir as espaduas pelas linhas circulares Q, R, S, sem tocar a terra, até fechar o circulo sobre T, seguindo o galope sobre as linhas da muralha para a mesma mão esquerda, ou fazendo-o passar della para a direita; e se o não fazem desdobrar de acção, tambem póde ficar na da volta ao revés sobre a esquerda.

Lição da meia Pirueta para a esquerda.

TAmbem se costuma obrigar a partir da extremidade V, Fig. 5., para X; e firmando o pé esquerdo no ponto do centro N. 4., o ensinaráõ a formar o meio circulo X, Z, O, usando o Cavalleiro dos movimentos do corpo, mãos, e pernas, como quando o ensinão a formar a Pirueta para a esquerda; isto he, quando o Cavallo vai mais bem situado no terreno, e facil na mão, o Cavalleiro instantaneamente deve retirar bem para trás a espadua esquerda, avançando a direita, segurando a mão da redea bem de unhas assima, e o dedo minimo inclinado para a espadua direita, fazendo-lhe sentir ao mesmo tempo as sensações da perna direita mais activas, a fim de o obrigar a que volte com rapidez sobre o pé esquerdo; e sem tocar a terra com as ferraduras das mãos, sobrepondo o pé direito N. 3. por sima, e por diante do esquerdo, como se mostra na Est. LXIII., e na Fig. 5. da Est. LXII., finalizará a meia Pirueta em K, seguindo depois a sua direcção de K para V.

Quando o Cavallo fórma a Pirueta, ou meia Pirueta sobre o circulo, ou semicirculo para a direita, no tempo em que põe a mão, e pé esquerdo na terra, a mão direita marca o circulo N. 1., Letra D, a esquerda o N. 2., Letra G, Fig. 2., o pé esquerdo o N. 3., e o direito o N. 4.: e logo que tem feito a meia Pirueta, marca as linhas I, L, M; o pé direito para se firmar no N. 4., marca o primeiro tempo, o esquerdo N. 3. o segundo, a mão esquerda N. 2. o terceiro, e a direita N. 1. o quarto.

Differe a Pirueta da meia Pirueta em fazer o Cavallo hum circulo perfeito na Pirueta, voltando sobre o seu pé de dentro, vindo a ficar com a cabeça voltada para a mesma parte, para que se acha, quando elle dá principio á Pirueta, ficando por consequencia com as pistas das mãos, e pés sobre as linhas, por que marchava antes de dar principio ao circulo. Logo na meia Pirueta necessariamente faz hum semicirculo, como se mostra na Fig. 3., e na Fig. 5., voltando tambem sobre o pé de dentro, e no fim do semicirculo se acha com a cabeça voltada para o lugar, para onde estava a garupa, antes de elle dar principio á meia Pirueta.

Tam-

Tambem quando fórma a Pirueta para a esquerda no tempo, em que põe a mão, e pé direito na terra, a mão esquerda marca o circulo N. 1., Letra Q, Fig. 4., a direita o N. 2., Letra T, o pé direito o N. 3., e o esquerdo o N. 4.; e quando faz a meia Pirueta pelas linhas X, Z, O, o pé esquerdo para se firmar no ponto do centro N. 4., marca o primeiro tempo, o direito N. 3. o segundo, a mão direita N. 2. o terceiro, e a esquerda N. 1. o quarto, como se mostra na seguinte

ESTAMPA LXIII.

Do Cavalleiro, formando hum Cavallo na acção da meia Pirueta para a esquerda.

Lição das Pousadas.

AS Pousadas tirão a sua denominação das passadas, e tem muita semelhança com aquelle ar, que os Cavallos tomão nas paradas firmes, á excepção de dobrarem mais os braços, e se levantarem mais das espaduas nas pousadas, do que nas passadas, e paradas: elle toma aquelle ar entre os Pilões, e junto á parede sobre as linhas do parallelogrammo, como passo a mostrar.

Mettendo o Cavallo entre os Pilões com as cordas do cabeção dos páos, largas, e altas, elle naturalmente se convida para o ar das pousadas, e delle para aquelle ar, para o qual tem mais propensão. Logo he certo que faz a pousada natural, e artificialmente, a qual consiste em se levantar muito alto das espaduas, ficando com os pés firmes na terra, e por isso me parece não merece este movimento o nome de ar alto, porque a garupa não acompanha com os seus movimentos os das espaduas, como acontece em todos os ares altos, e relevados, antes he sómente huma boa disposição para elles.

Serve esta lição commummente para o ensinar a levantar-se das espaduas com ligeireza, e dobrar os braços altos, e com graça; porque desta sorte se prepara para se levantar com mais facilidade, e promptidão aos ares altos. He boa tambem a lição das pousadas para remediar o defeito daquelles, que pateão, ou se movem perto da terra, quando os pertendem formar nos ares altos, ou relevados; e tambem são boas para fazer o Cavallo ligeiro na mão, e para o fazer usar bem da garupa, se elle costuma por malicia levantalla, ou tella alta.

Principia-se a ensinar a lição das pousadas ao Cavallo entre os Pilões, animando-o com o açoute sobre a garupa, tocando-se-lhe com huma, ou duas varas sobre as canelas dos braços, para que os dobre com mais graça; e se depois de levantar-se lhe derem com a vara alguns toques sobre o peito, elle sustentará mais o seu ar no tempo, em que se suspende das espaduas para entrar para o cabeção: por effeito de todas estas diligencias se ensina a dobrar os braços, levantar as espaduas, recolher a garupa, isto he, as pernas bem para baixo do corpo, dobrando os curvilhões; e logo quando se suspender mais, devem parallo, e affagallo para lhe mostrar que fez bem.

Se

Cavaleiro desconhecido
Comendador (?) ou Cavaleiro de Cristo (não se distingue se a insignia tem ou não o coração de Jesus.

Silva del.

Se elle quando ſentir o toque da vara, ou do açoute, froxamente ſe encolher, ficar para trás, e ſe entriſtecer, e olhar para quem o ajuda, moſtrando alguns ſentimentos de colera, já eſcavando a terra, quando o ajudão mais forte, já pondo as mãos, e pés firmes eſtacados no chão, ſem ſe determinar a levantar-ſe, vertendo aguas repetidas vezes, quanto mais o obrigarem, mais ſe ha de abater, e por fim não ſervirá para eſta lição.

Não ſe deve confundir o ar das pouſadas com aquelles contratempos, que fazem os Cavallos, que ſe empinão, ainda que eſtes ſe levantem muito das eſpaduas, porque a differença he muito grande: na pouſada eſtá com obediencia á mão, ou redeas do freio, e pernas do Cavalleiro, dobra os braços dos joelhos para os codilhos, recolhe o peſcoço para ſima das eſpaduas, e finalmente uſa bem do ſeu eſpinhaço, garupa, e curvilhões; e quando ſe empina, eſtende o peſcoço, entéza o eſpinhaço, os quadrís, e os curvilhões, e pela ſua deſobediencia fica no riſco de cahir para trás, como varias vezes tem acontecido com grande perjuizo, não ſó do Cavalleiro, como tambem do Cavallo.

Para o enſinar a levantar-ſe, e obrigallo a que forme a lição da pouſada, depois de montado, deve o Cavalleiro ter o ſeu corpo atrás, ſegurar a mão da redea para ſi, unir-lhe as pernas alguma couſa mais ao ventre, para que por effeito de todas eſtas diligencias vá comprimindo os muſculos de todo o corpo, a fim de ſe poder levantar com ſujeição, e obediencia: e ſe na acção da pouſada ſe levanta mais do que o Cavalleiro pertende, para remediar-lhe eſte defeito, he preciſo fazer-lhe atar as cordas do cabeção dos páos mais juſtas, e mais baixas, quando o mettem entre os Pilões, obrigando-o a que forme a lição do ſuſpender, ainda que para ella tenha pouca propensão, até o enſinar a ſoffrer as ſenſações, e caſtigos, ſem commetter a violenta deſordem de ſe empinar. Ora vencido neſta difficuldade, podem tornar a enſinallo a ſeguir a lição das pouſadas; mas fazendo-o paſſar muitas vezes de mão, a fim de que vá ſendo cada vez mais igual na ſua direcção.

Deſta ſorte o devem enſinar a formar-ſe neſta lição, ſe elle tiver propriedade para ella: e devo tambem lembrar que a ſella deve eſtar larga, em quanto o Cavallo não he montado; e quando o montarem, não devem fazer-lhe apertar as cilhas com exceſſo, nem deixallas de tal ſorte largas, que venha a ſella a pender para huma, ou para outra parte, ou da meſma maneira a eſcorregar para trás, porque huma, e outra couſa ſerve de embaraço a firmar-ſe o Cavalleiro, e o Cavallo em boa acção.

Obedecendo elle bem entre os Pilões, podem, debaixo da guia ſobre as linhas rectas da muralha, enſinallo a que faça huma, ou duas pouſadas firmes, iſto he, ſem ſe atraveſſar, ou recuar; e em fazendo alguma bem, devem parallo; e depois que o tiverem deixado ſocegar, ſe lhe fará dar alguns paſſos para diante, fazendo-o paſſar de mão para o enſinar a marcar a pouſada ſobre o outro lado, obſervando attentamente ſe quando abaixa do ſeu ar, ſe apoia muito ſobre a embocadura do freio, ou tira pela mão, para lhe applicar os remedios, que tenho dito ſão proprios para lhe evitar que elle commetta eſtes defeitos, e antes ſim venha a formar a pouſada com perfeição.

ESTAMPA LXIV.

Do Cavalleiro, ensinando hum Cavallo a fazer as pousadas para a direita: e o modo, pelo qual marca o terreno nesta lição.

QUando se ensina a formar-se na acção das pousadas sobre as linhas parallelas á largura do Picadeiro, marca o terreno para a direita, como se vê na Fig. 3. da Est. LXVII., a pista do pé direito marca a linha N. 1., a da mão direita a N. 2., a da mão esquerda a N. 3., e a do pé esquerdo a N. 4., por consequencia formando-se na lição, e acção das pousadas para a esquerda, a pista do pé esquerdo marca a linha N. 1., Fig. 4., a da mão esquerda a N. 2., a da direita a N. 3., e a do pé direito a N. 4.

Se elle se apoia muito sobre a mão, quando abaixa da pousada, he bom tocar-lhe o cabeção para sima, sem lhe faltar com as sensações das pernas de repente, em quanto elle desce; e logo que puzer as mãos na terra, tirallo atrás, fazendo-lhe sentir o cabeção, de sorte que elle respeite os toques de huma, e outra redea com cuidado pelo decurso da lição: pelo contrario se se detiver, não entrando na mão, entre os Pilões devem ajudallo successivamente, mas com brandura; e quando o fizerem galopar sobre o quadrado longo, e sobre os circulos, devem dar-lhe alguns repellões, e usar das falsas redeas, e dos meios que ficão expendidos na lição dos quatro circulos, para o fazer ir, apoiando-se cada vez mais sobre a embocadura, regulando-lhe sempre a força com que o obrigarem pela sua possibilidade, e conhecimento desta lição, não lhe formando as pousadas, em quanto duvída sahir para diante, e levantar-se entre os Pilões com facilidade; pois quanto mais sagazes são os Cavallos, mais sentimentos de colera mostrão para defender-se, logo que os principião a ensinar a formar-se nas primeiras disposições dos ares altos.

Nesta lição, como tenho dito em outras, ainda sendo o Cavallo fiel, não se devem tirar delle tantos tempos do seu ar, que se atenue com excesso, e abatido perca a flexibilidade, ou a facilidade de voltar, e acudir, ou seguir com promptidão ás sensações com que o obrigão, e se sirva do seu vigor para defender-se.

Se a desigualdade procede dos movimentos das ancas, (o que se conhece por elle se não mover bem, ou ter zigandé, não querendo por isso ir para trás) depois de ter formado a pousada, será muito bom ensinallo tambem a recuar, sem Cavalleiro, fazendo-lhe sentir o cabeção por effeito dos repetidos toques da guia, fortalecendo, e modificando-lhe a sua força, não só á proporção das difficuldades do Cavallo, mas pela sujeição com que elle acceita este castigo.

Se o destinado para esta lição, quando o fazem recuar, for para trás com muita velocidade, sem recolher as pernas bem para baixo do corpo, em tal caso devem endireitallo com a guia, sem lhe dar com ella fortemente, castigando-o com a vara sobre as ancas até elle ser menos veloz, e recolher as pernas para o corpo, dobrando com igualdade as juntas dos quadrís, curvilhões, e travadouros,

porque todos eftes recurfos o vão conduzindo ao bom eftado de obedecer ás mãos, e ás pernas do Cavalleiro com facilidade: advertindo que quando eu digo lhe dem até elle ceder, não pertendo lhe dem por huma vez fómente, mas fim de dia em dia o vão tirando por vezes atrás, para que feja mais facil, e mais igual em todos os feus movimentos.

Difpofições para a lição das Curvetas.

O Ar das Curvetas he o trabalho, para que os Cavallos fe deixão conduzir com mais facilidade; porque as meias paradas, as paradas, falcadas, paffadas, poufadas, e ainda o movimento do galope, os tem difpofto muito para fe formarem na acção das curvetas; pois todas aquellas lições os vão pondo no coftume de fe levantarem das efpaduas, e de fe pôrem cada vez mais fobre as ancas, porque em todas ellas neceffariamente os fazem determinar para diante, para trás, e para os lados, fazendo-lhe conhecer as fenfações, e toques das mãos, e pernas do Cavalleiro, de forte que para os chegar á lição das curvetas, não lhe falta mais do que comprehender a medida, e a cadencia defte ar.

Por meio da lição das poufadas fe habilitão para a das curvetas. O ar das poufadas he alto, e muito brando das efpaduas, e por iffo elle não acompanha efta acção com movimento algum da garupa, antes quando fórma as poufadas procura fuftentar-fe nefta acção pelo equilibrio; e quando fórma o ar das curvetas, por fer efte mais baixo do que o das poufadas, elle fe ajuda mais, que do equilibrio, da força dos curvilhões: logo nas curvetas, quando as efpaduas fobem para fima, as juntas dos quadrís, curvilhões, e travadouros fe dobrão, e fe rebatem para baixo, a fim de elle fe poder formar na acção com hum movimento jufto, e igual; mas para fe formar na acção das poufadas, apruma-fe bem fobre as juntas dos quadrís, e das pernas para poder fuftentar a acção mais pelo equilibrio, do que pela força.

Efta lição bem enfinada, e appropriada á força, e conftrucção do Cavallo não he fómente bella, e viftofa; porém he neceffaria para o fegurar, e firmar na fujeição das fenfações, e toques das mãos, ou redeas, e das pernas, ou efporas; e logo que elle apoia as fuas forças, e pezo fobre as ancas, alivia o padecimento ás efpaduas, e á boca. Todos fabem que fe devem regular as lições, e trabalhos ao Cavallo pela fua difpofição; e fendo ifto innegavel, póde-fe tambem conhecer a fua aptidão pelo trabalho que tem dado para o defembaraçar. Exemplo: quando elle tem difpofição natural para o ar das curvetas, não he inimigo da fujeição que o conduz a ellas, antes fe deixa encaminhar facilmente para efta lição, porque tem propriedade para ella.

Newcaftle para preparar os feus Cavallos para os ares altos, moftra fervir-fe pouco dos dous Pilões, e faz ver que junto ao Pilão do centro os difpunha, e confirmava naquelles ares, para que moftravão ter mais propensão; mas com tudo a lição dos dous Pilões, e o feu ufo he excellente para lhes formar as lições dos ares das curvetas, das garupadas, das balotadas, e das capriolas; e ainda para fe

lhe remediarem alguns defeitos, e vicios, como em outros lugares se pondera, não obstante não me agradar o modo, com que antigamente fazião metter os Cavallos entre os Pilões com as falsas redeas, ou as redeas do cabeção afiveladas nos arcos dos olhos do freio, e atadas ás argolas dos Pilões; porque isto infallivelmente ha de engrossar-lhe as bocas com excesso, e ha de fazer incerto o governo daquelles Cavallos, que forem mais sensiveis.

Causas, por que muitos Cavallos não fazem bem as Curvetas.

TEndo elles os pés, as mãos, e os curvilhões doridos, ou por serem fracos destas partes, ou por padecerem nellas molestias, fogem da lição das curvetas; por isso quem os dirige, deve usar de toques moderados, regulando-lhes o tempo da lição com muita attenção ás suas difficuldades, para que a impaciencia não os precipite na desesperação. Tambem se elles não conhecem o porque os castigão, elles se abatem, se confundem, e se defendem; maiormente se o Mestre não conhece bem as suas qualidades: pelo contrario os que são fortes, e bem formados, quando por meio da lição das curvetas se dispõem para os ares altos, elles se unem das articulações da garupa, alargando-se ao mesmo tempo das soldras, dos curvilhões, e dos jarretes, como se mostra na seguinte

ESTAMPA LXV.

De hum Cavallo na acção das Curvetas entre os Pilões para a direita.

ANtes de o fazer metter entre os Pilões para se formar na acção das curvetas, devem fazello deitar algumas voltas á guia, sem lhe apertar as cilhas, tendo o rabicho tambem largo, ou tirando-lho fóra; porque ha Cavallos a quem o aperto do rabicho, e cilhas opprimem tanto, que em quanto sentem o seu aperto, e não tem conhecimento do trabalho, em que os vão exercitar, elles não querem recolher as pernas bem para baixo do corpo, nem fazer algum movimento, com que se levantem das espaduas.

Pondo-se-lhe o cabeção dos páos (assim chamado) por servir só para metter os Cavallos entre os Pilões (Est. V., Fig. 3.) muito brandamente lhe irão dirigindo os toques do chambrié, ou do açoute ao alto da garupa, a fim de que entrando para diante, e achando o embaraço do cabeção dos páos, se levante das espaduas; e por effeito de toques correspondentes a formar-se na acção das curvetas, recolha a garupa bem para baixo do corpo, e se forme na acção.

Junto aos Pilões devem estar hum, ou dous homens, isto he, hum a cada Pilão, para lhe tocar com huma, ou duas varas delgadas levemente sobre os braços; pois por effeito destas sensações os Cavallos os dobrão, levantão, e recolhem para baixo do corpo; e semelhantemente quando os toques das varas se lhe applicão sobre o peito, elles sustentão mais tempo a acção levantados no ar.

Os

Estampa 65. pag. 372.

Estampa 66. pag. 33.

Os Cavallos communmente ſe inclinão a deſcançar mais ſobre hum, do que ſobre outro braço, tendo mais tempo huma das mãos firme na terra: então devem tocar-lhe com a vara no braço, que eſtá firme por huma, e outra parte brandamente, para que levante huma, e outra mão igual no tempo do ſeu movimento, e altura; mas não deve a pancada ſer tão forte que o obrigue a ir com os joelhos ao chão: e logo que fizer alguns tempos no ſeu ar, ao menos moſtrando ſujeição, devem parallo, e affagallo para lhe moſtrar que fez bem.

Devem fazello paſſar de mão repetidas vezes, ſe os Pilões forem nas extremidades do parapeito junto á muralha, como ſe moſtra na Eſt. I., N. 4., e N. 5., e nas Eſt. LXV., e Eſt. LXVI.; mas ſe forem no meio do parapeito, aonde quem eſtá com o açoute poſſa ajudar o Cavallo igualmente de hum, e de outro lado, então não ſe faz preciſo paſſallo de mão, mas ſim ajudallo com igualdade, para não ſe conſtituir no coſtume de ſe entortar mais para huma, do que para outra parte; pois o coſtume he certo que tem hum grande poder ſobre os brutos, que ſendo habituados a dobrar-ſe mais para huma, do que para outra mão, de tal modo ſe coſtumão a determinar os movimentos para aquella acção, que lhe fica mais conforme á ſua vontade, que depois he difficultoſo reſtituillos ao bom coſtume que devem ſeguir.

A maior parte dos Cavallos, quando os principião a metter entre os Pilões, ficão para trás: por iſſo he muito bom pôr-lhes a guia na argola do tornel do meio do cabeção para os ajudar, ou elles fiquem para trás, ou ſe levantem para ſima, e entrem para diante com exceſſo; mas ſempre os devem ajudar com a guia muito brandamente, não ſó para não lhes atenuar a ſenſibilidade do focinho, mas tambem para que por meio do caſtigo da guia não fiquem muito para trás, e deixem de moſtrar a ſua natural propensão.

As primeiras vezes que metterem o Cavallo entre os Pilões, devem as cordas do cabeção ficar largas, de ſorte que entrando elle para diante ſe deixem ver as ſuas eſpaduas pela frente dos Pilões. A altura, em que ſe atarem as cordas nas argolas, tambem deve regular-ſe pela grandeza, e altura do Cavallo, de ſorte que elle não fique demaziadamente opprimido, por lhe ſerem atadas muito altas, ou muito curtas; advertindo que tambem he igualmente máo atallas largas com tanta deſproporção, que elle paſſe por baixo do cabeção para a outra parte dos Pilões.

ESTAMPA LXVI.

De hum Cavallo entre os Pilões na acção das Curvetas para a eſquerda.

LOgo que elle pelo coſtume das repetidas lições ſe apreſentar bem na acção, que ſe moſtra na Eſt. LXV., e na Eſt. LXVI., podem mandar-lhe apertar a ſella, e fazello montar por hum Cavalleiro, que não ſeja muito corpolento, para não fatigar muito o Cavallo, e então enſinallo a que faça algumas curvetas, para adquirir a obediencia á mão, e ás pernas do Cavalleiro; e tanto que obedecer,

fa-

fazendo-as bem ſobre huma, e outra mão, o podem conduzir ao Pilão do centro da primeira volta para aprender a fazer algumas curvetas de firme a firme.

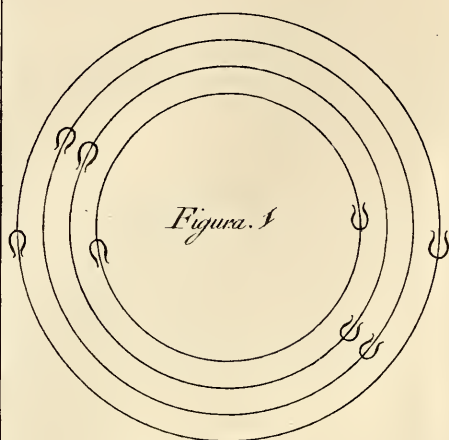
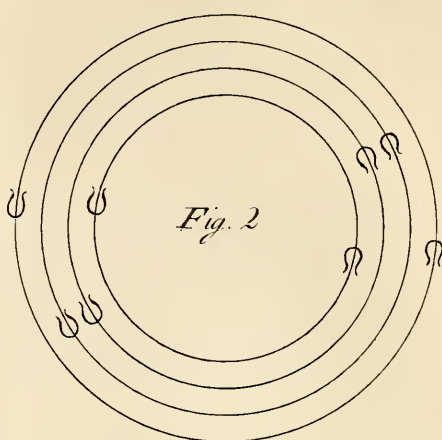
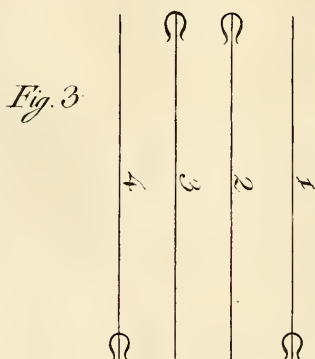
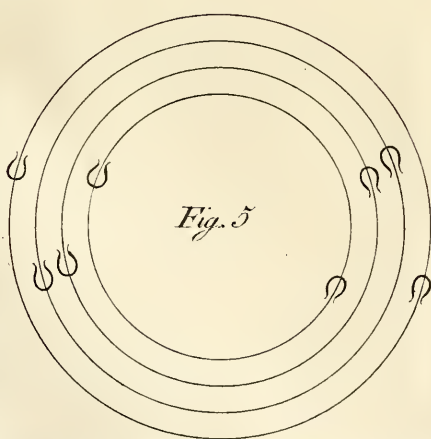
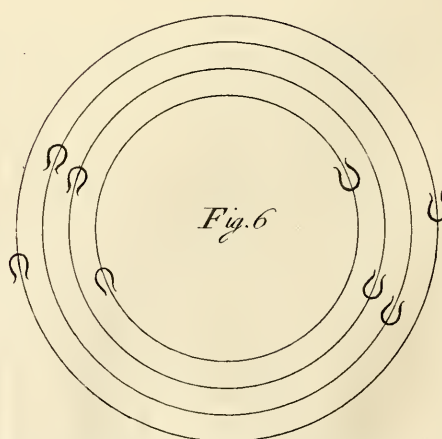
Lição das Curvetas antes do Cavallo ſer montado, junto ao Pilão do centro de firme a firme.

JA' ſe ſabe que o Pilão do centro da primeira volta deve ter algumas cavidades, (como ſe vê na Fig. 2. da Eſt. V.) em que ſe poſſa apertar o correão de gancho do Pilão: a primeira cavidade deve ſer alta, para que eſtando a guia afivelada na argola do tornel do meio do cabeção ordinario, vá ella deſcançar no gancho do correão em altura tal que o Cavallo ſe poſſa levantar para aprender a fazer bem as curvetas, ficando a guia de ſorte comprida, que elle tenha liberdade para ſe levantar.

Se foge com a garupa mais para huma, do que para outra parte, dous Ajudantes com as redeas do cabeção o podem enſinar a indireitar-ſe das eſpaduas, para a garupa ſeguir melhor direcção. Tambem outro Ajudante com duas varas defronte do Cavallo junto ao Pilão o entalará entre ellas, tendo-lhe huma pela parte da eſpadua eſquerda, e outra pela da eſpadua direita, para com os toques de huma, e de outra o render mais facil, e mais igual na acção das curvetas.

Eſtando tudo aſſim diſpoſto, então quem o ajudar com o açoute, fará com elle algum moderado movimento, para enſinar o Cavallo a que ſe levante ao ar das curvetas: e da meſma ſorte quem eſtiver com as varas, muito brandamente com huma, e outra o ajudará, tocando-lhe ſobre as ancas, e polpas dos braços, e eſpaduas, animando-o tambem com a voz, para elle conhecer que pertendem que ſe levante: recommendo que o ajudem com manſidão, porque as pancadas fortes, em quanto elles ignorão, ſervem mais para ſuſcitar-lhe a deſobediencia, do que a ſujeição; e logo que ſe levantar para obedecer, devem parallo, e affagallo para lhe moſtrar que fez bem.

Se elle ſegue com a garupa aquelle que o ajuda com o açoute, dando couces, e moſtrando paixão, e colera, então o devem enſinar com mais moderação logo do principio, para não lhe exaltar a colera, e pouco a pouco o ir conſtituindo perfeito, e igual no ſeu ar, e movimento. Os Cavallos tem ordinariamente mais geito para ſe defender com a garupa para huma, do que para outra parte: por iſſo o Meſtre, que ajuda com o açoute, deve ſeguillo, e poſtar-ſe daquella parte, donde elle tem menos geito para defender-ſe: pela meſma razão quem ajuda com as varas, deve poſtar-ſe, e ſeguir mais o Cavallo daquella parte, donde elle tem menos agilidade, e huns, e outros devem regular-lhe o caſtigo, tanto o das eſpaduas, como o da garupa muito brandamente pelas diſpoſições com que elle o acceita; porque de ordinario a paciencia do Cavalleiro he mais poderoſa para lhe fazer conhecer o que pertendem, do que os demaziados caſtigos.

He ſem dúvida que á proporção do que elle ſe une das eſpaduas neſta lição, formando-ſe na acção ſobre as linhas rectas do centro, elle ſe alarga da garupa; e que para vencer iſto, deve dobrar, e encurvar os ligamentos dos quadrís, e curvilhões,

Estampa.67 Pag.375
Figura.1
Fig. 2
Fig. 3
Fig. 4
4
3
2
1
1
2
3
4
Fig. 5
Fig.6

lhões, como tambem alargar as coxas das pernas para os lados do ventre, e firmar-se sobre os jarretes, levantando os braços, apertando os joelhos hum para o outro, dobrando os travadouros, unindo quasi os rompões, ou talões dos cascos das mãos aos codilhos dos seus braços, e até no ezofago se dobra; por isso marca o terreno, como se mostra na Fig. 3., e Fig. 4. da Est. LXVII., a pista do pé direito (se o Cavallo se dobra para esta parte) marca a linha N. 1., a da mão direita a N. 2., a da mão esquerda a N. 3., e a do pé esquerdo a N. 4.; e se elle se dobra alguma cousa para a esquerda, a pista do pé esquerdo marca a linha N. 1., a da mão esquerda a N. 2., a da direita a N. 3., e a do pé direito a N. 4., como se mostra nas referidas Figuras da seguinte

ESTAMPA LXVII.

Do modo, por que os Cavallos marcão o terreno, formando-se na acção das Curvetas sobre linhas parallelas ao centro do manejo, marchando tanto para diante, como para a direita, e para a esquerda: modo, pelo qual marcão os circulos de quatro pistas junto ao Pilão do centro sobre a volta a Curvetas para a direita, e para a esquerda, como tambem os circulos de quatro pistas junto ao Pilão do centro, formando-se na acção das Curvetas sobre a volta ao revés para hum, e outro lado.

DEve-se observar attentamente se o Cavallo nas primeiras lições das curvetas se extende sobre o freio, ou se abaixa as espaduas de repente; porque huma, e outra cousa he de temer, pois elle fórma estas duas acções por effeito de colera, de má construcção, e de fraqueza. Ora quando se extende sobre a embocadura, he bom, em quanto aprende sem Cavalleiro, fazer-lhe atar as redeas do freio tão curtas, que no tempo, em que commette o erro, elle mesmo se castigue; e se fizer o mesmo depois de montado, deve o Cavalleiro ter o seu corpo atrás, e a mão esquerda alguma cousa mais avançada de unhas assima, e mais alta, como tambem unir-lhe as pernas ao mesmo tempo logo atrás das cilhas, e tocar-lhe a vara sobre a garupa, a fim de o obrigar a que use bem de huma, e de outra anca para se levantar mais das espaduas. Quem ajudar com o açoute, deve no tempo em que elle vai abaixar as espaduas tocar-lhe na garupa, divertindo-o por este modo de sua má vontade, ensinando-o com estas diligencias a indireitar-se no terreno com perfeição.

Quem o ajudar com as varas, tanto que vir que elle violenta a mão do Cavalleiro, deve tocar-lhe com ellas mais forte; e tambem o Ajudante, que segura a guia, deve tocar-lhe com ella para sima; porém huns, e outros toques devem ser conduzidos, de maneira que não obriguem o Cavallo a ficar para trás, ou a entortar-se mais para hum, do que para outro lado. Se elle porém se levanta livre, e facil das espaduas, sem se extender sobre a embocadura, e sem precipitar o seu movimento dellas, será facil o formar-se bem na lição das curvetas.

Dis-

Diſpoſições para eſta lição, marchando o Cavallo ſobre a volta para a direita.

HAvendo moſtrado como ſe devem preparar, enſinar, prevenir, e caſtigar os Cavallos entre os Pilões, e junto ao Pilão do centro para a lição das curvetas de firme a firme, paſſo tambem a moſtrar a ſua continuação junto ao Pilão do centro, formando-ſe na acção das curvetas ſobre a volta para a direita.

Eſtando elle pelas lições precedentes diſpoſto, e facil em formar as curvetas de firme a firme junto ao Pilão do centro, podem tambem fazer-lhe atar a redea direita do cabeção (eſtando ella afivelada na argola do tornel direito) ao gancho do correão do Pilão, ſendo o ſobredito correão bem facil em andar á roda na ſua cavidade correſpondente á altura da cabeça do Cavallo. Então o Ajudante C pegará na redea eſquerda do cabeção, a qual deve eſtar afivelada na argola do tornel eſquerdo, ficando pela parte de fóra dos circulos em que o Cavallo ſe move; e o Meſtre A com o açoute deve poſtar-ſe da parte do centro, ou donde o Cavallo tem mais geito para defender-ſe, porque neceſſariamente para o fazer marchar pelos circulos devem enſinallo a ſahir do centro para fóra, mas com brandura, aliàs elle ſe encoſtará ao Pilão; e ſe ſe defender, todos os Profeſſores ſabem que neceſſariamente o devem ſeguir com o açoute da parte para a qual foge, ou ſe encoſta mais, conſentindo porém em que elle ſe vá arredondando dos movimentos da garupa, e das eſpaduas para fazer o gyro, marcando o terreno em torno do Pilão, como ſe moſtra na Fig. 1. da Eſt. LXVII.

Da meſma ſorte quem ajudar com a vara, deve fazer oppoſição ás difficuldades do Cavallo; iſto he, quando elle entra com as eſpaduas para o centro, deve o Ajudante B chegar-ſe ao Pilão, ajudallo com a vara ſobre a eſpadua de dentro, e fazello ſahir para fóra: logo quando fugir com as eſpaduas para fóra, deve o Ajudante ſeguillo com a vara pela parte de fóra do Pilão, tocar-lhe ſobre a eſpadua de fóra, e obrigallo a ir para diante, para o enſinar a entrar com ellas para o centro: tambem ſe lhe deve tocar com a vara ſobre os braços, e ſobre o peito, quando ſe demora com as mãos firmes na terra, ou duvída levantar-ſe.

Se foge muito com a garupa do centro para fóra, o Ajudante C, que eſtá ſegurando a redea do cabeção de fóra, (ou a guia, ſe uſarem della afivelada na argola do tornel de fóra, por ſer a redea ordinaria curta) deve levantar a mão, e dar-lhe alguns toques para ſima, e para trás, a fim de o obrigar a levantar-ſe das eſpaduas, e ir-ſe apoiando cada vez mais ſobre as ancas: á proporção todos os Ajudantes o devem ſeguir, e ajudar, de maneira que o fação arredondar dos movimentos das eſpaduas, e garupa, ſem que elle (ſe ſe defender) poſſa alcançar a algum delles com patadas, couces, ou pernadas; e logo que fizer algumas curvetas bem, devem affagallo, e deixallo dar algumas voltas ao paſſo bem de vagar, ſem o Meſtre A o ſeguir com o açoute, nem o Ajudante B com a vara, para quando for bem manſo parallo, e chamallo á curveta, diſtribuindo-lhe aſſim de dia em dia as lições até o enſinar a formar bem na acção, que ſe moſtra na ſeguinte Eſtampa.

ES-

Estampa 08 tao 3

ESTAMPA LXVIII.

De hum Cavallo na acção das Curvetas junto ao Pilão do centro sobre a volta simples para a direita.

DEvem dispollos, e ensinallos por este modo a formar-se na acção das curvetas sobre os circulos junto ao Pilão do centro sobre a direita, sempre com muita moderação, fazendo-os parar ao principio todas as vezes que se levantarem alguma cousa das espaduas, affagando-os muito, e dando-lhes alguma herva para moderar-lhes a colera; e ainda que alguns por serem raivosos a não comão, sempre os devem affagar, pondo-lha sobre o focinho; advertindo que tambem ha muitos que não gostão (por exemplo) da anafa, e gostão de chicoria, ou folhas de parreira, e neste caso se deve buscar aquellas de que elles mais gostarem.

Marchando em torno do Pilão, marca o terreno com as pistas das mãos, e pés, quando se fórma na acção das curvetas, como se mostra nos circulos da Fig. 1., Est. LXVII.; a pista do pé direito marca a linha N. 1., a da mão direita a N. 2., a da mão esquerda a N. 3., e a do pé esquerdo a N. 4., pelo muito que o animal nesta acção precisamente se alarga das ancas, e se une das espaduas.

Disposições para a lição das Curvetas sobre a volta simples para a esquerda junto ao Pilão do centro.

PEla mesma ordem, ou methodo se obriga, e ensina o Cavallo a formar na acção das curvetas para a esquerda sobre a volta junto ao Pilão do centro. O Mestre deve mandar atar a redea do cabeção da parte esquerda ao gancho do correão do Pilão, ficando o Ajudante C com a redea, ou guia da parte direita por fóra dos circulos, em que o Cavallo ha de trabalhar: e quem ajudar com a vara B junto ao Pilão pela parte esquerda, para o ajudar sobre as canas dos braços, caso que elle assente as mãos firmes na terra, ou tambem sobre o peito, senão se levanta bem das espaduas: sendo tudo assim disposto, o Mestre A com o açoute o deve seguir, e ensinar a que se levante, usando-lhe elle, e os seus ajudantes das prevenções, e cautelas, que ficão ponderadas nesta lição para a direita, a fim de o ensinarem a formar-se nesta acção das curvetas sobre a volta para a esquerda com a mesma brilhante graça com que as deve formar para a direita.

O ar das curvetas, quando o Cavallo está levantado na acção, he firme da garupa; mas quando elle abaixa deste ar entre cada huma curveta, devem deixallo avançar alguns passos o terreno preciso para formar o circulo á roda do Pilão, e logo tornallo a chamar á curveta para lhe fazer adquirir alternativamente a facilidade do movimento circular, diminuindo-lhe os tempos do passo, ou trote, de sorte que faça hum só tempo de passo entre cada huma curveta. Ora se os Cavallos desobedecem porfiadamente a esta lição junto ao Pilão do centro, para os corrigir podem fazellos metter entre os Pilões, e depois tornallos á mesma lição, usando

defte methodo para os enfinar a formar-fe nefta acção junto ao Pilão do centro com facilidade. Para o Cavallo fe aprefentar bem na acção das curvetas junto ao Pilão do centro, deve ter huma igual promptidão de movimentos natural, e adquirida para fe formar no feu ar, dobrando-fe do ezofago (Eft. III., N. 3.) até ás claviculas N. 28., e nas articulações dos braços (N. 32., N. 34., N. 36., e N. 38.) quadrís N. 63., foldras N. 73., curvilhões N. 74., e N. 82., e travadouros N. 77., com a perfeição, que fe moftra na feguinte

ESTAMPA LXIX.

De hum Cavallo na acção das Curvetas fobre a volta para a efquerda junto ao Pilão do centro.

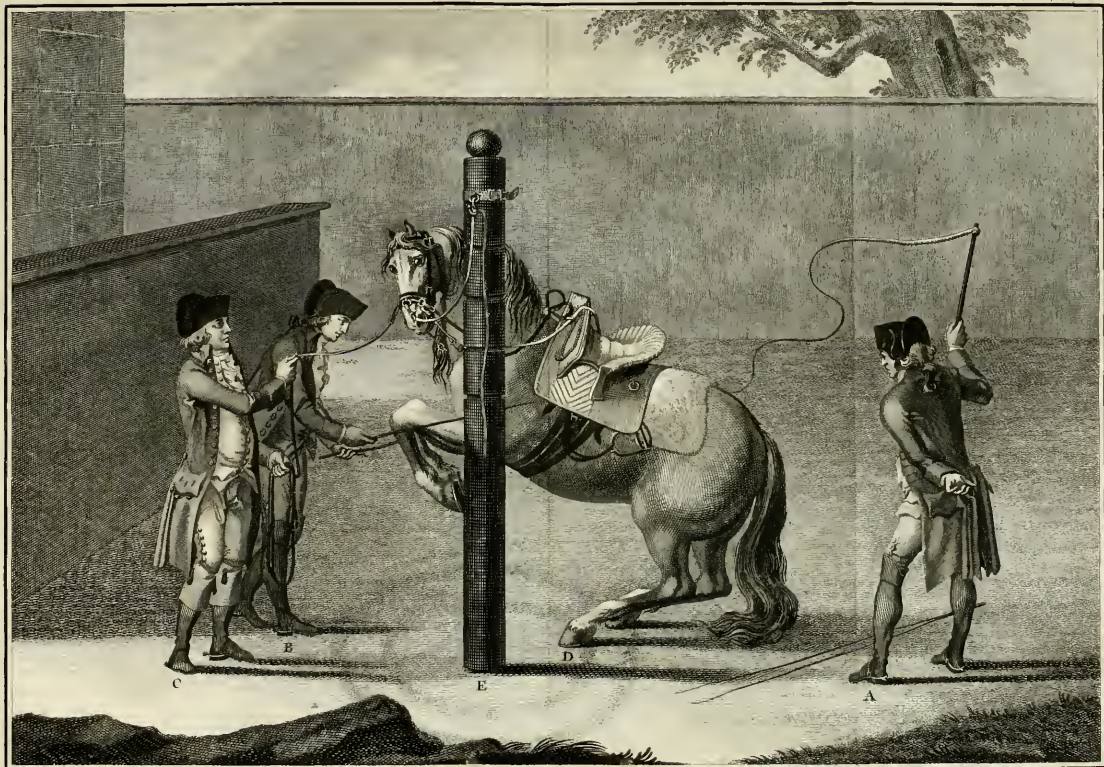
MArchando elle fobre a volta para a efquerda, marca o terreno, como fe moftra na Fig. 2. da Eft. LXVII., a pifta do pé efquerdo marca a linha N. 1. mais proxima ao centro, a da mão efquerda a N. 2., a da mão direita a N. 3., e a do pé direito N. 4. da maior circumferencia.

Difpofições para a lição das Curvetas fobre a volta compofta ao revés, dobrando-fe para a direita.

QUando os Cavallos fe formão na acção das curvetas fobre a volta, neceffariamente olhão para o ponto do centro; e á proporção da eftreiteza do circulo ficão da parte de dentro concavos, e convexos da parte de fóra da volta: logo quando fe formão na acção das curvetas fobre a volta ao revés, elles neceffariamente olhão para fóra do ponto do centro, e por confequencia ficão concavos da parte de fóra, e convexos da parte do centro: para ifto fe confeguir, deve o Meftre mandar-lhe atar a redea ordinaria do cabeção ao gancho do correão do Pilão N. 1., eftando afivelada na argola do tornel efquerdo N. 2., pôr-lhe huma guia na argola do tornel do meio N. 3., e a redea direita N. 4., e afivelada na argola do tornel direito, fazella atar alguma coufa curta ao grampo do cepilho da fella N. 5., ou á fivela do Peitoral N. 6., para lhe fazer dobrar o pefcoço para a direita, como fe moftra na Eft. LXX. Quem ajudar com a vara, ou ponção Fig. B, deve feguir o Cavallo pela parte efquerda da efpadua junto ao Pilão, para com os toques do ponção, e vara, mais, e menos activos, o indireitar da garupa, e unir das efpaduas no tempo em que fe levanta o mais que puder fer.

O conductor da guia Fig. C deve marchar por fóra dos circulos, que o Cavallo vai marcando no terreno, enfinando-o, e ajudando-o com liberdade, para que as efpaduas pofsão andar unidas nos circulos N. 2., e N. 3., á proporção do que as ancas fe alargão para os circulos N. 1., e N. 4., Fig. 5., Eft. LXVII.

O Meftre Fig. A com o açoute deve feguir a garupa do Cavallo mais pela parte do centro, para que elle com o pé direito marque o circulo N. 1., &c. Deve ficar o Ajudante Fig. B pela parte do centro entre a efpadua efquerda, e o Pilão,

C B E D A

lão, para quando for precifo lhe tocar com o ponção fobre o lugar em que fe applicão as efporadas; e eftando tudo affim difpofto, com muita manfidão o irão todos encaminhando com repetidas fenfações brandamente applicadas, e bem acordes humas com outras, para que chegue a formar bem a curveta. O ponção com que o ajuda a Fig. B, em lugar de bico, deve ter na hafte huma rofeta, e todo o feu feitio, como fe moftra na Fig. 16. da Eft. V.; porque fe for de pua, fará ás vezes grande ferida, fem o Ajudante querer. O comprimento da hafte bafta que tenha fete, ou oito palmos, porque a Fig. B deve confervar-fe em tal diftancia do Cavallo, que efte a não poffa offender, pofto que na Eft. LXX. parece eftar junto á efpadua.

Efta lição não fó fica fendo o reverfo da antecedente, em a qual fica moftrado que elle póde fazer as curvetas fobre a volta; mas nefta elle fica na acção da galopada ao revés, porque avança o feu pé, e mão direitos, e marca o terreno, como fe moftra na Fig. 5., Eft. LXVII., a pifta do pé efquerdo marca a linha N. 4. mais perto do centro, a da mão efquerda a N. 3., a da mão direita a N. 2., e a do pé direito N. 1. da maior circumferencia.

As difficuldades defta lição a fazem afpera, ainda aos Cavallos mais finos, e mais fenfiveis; mas póde-fe confeguir que elles cheguem a fazer as curvetas ao revés, não fó porque affim o diz Pignateli folh. 248., como tambem porque eu vi Cavallos, que fe formavão bem nefta acção; he porém muito neceffario enfinallos até perceberem o que fe pertende que elles fação, com muita moderação, e paciencia, obrigando-os com fenfações proprias ao movimento, e acção, que lhes pertendem enfinar.

Digo que o Cavallo fuftenta efta acção, como ao galope, em quanto as efpaduas eftão no ar; mas não fe deve entender que elle marca o terreno, quando faz as curvetas, como quando galopa na acção da volta ao revés; porque a differença he muito grande, quando galopa dobrado para a direita fobre a volta ao revés, a meia garupa, e perna efquerda vai feguindo a meia garupa, e a perna direita; porém em quanto affim trabalha, a perna efquerda he a que entra para baixo do corpo, e marca a linha N. 3., como fe moftra na lição dos quatro circulos da volta ao revés, galopando fobre a direita; e quando fórma as curvetas fobre a volta ao revés, alarga-fe igualmente de huma, e de outra anca, determinando os movimentos das efpaduas, e braços lentamente unidos, e por iffo marca o terreno, como fe moftra na feguinte Eftampa.

ESTAMPA LXX.

De hum Cavallo na acção das Curvetas, dobrando-se sobre a volta composta ao revés para a direita.

Disposições para a lição das Curvetas, dobrando-se o Cavallo para a esquerda.

PAra o ensinar, e obrigar a dobrar-se nesta acção para a esquerda, devem fazer-lhe atar a redea do cabeção da parte direita ao gancho do correão do Pilão, a qual deve estar afivelada na argola do tornel direito do cabeção, e da mesma sorte (o Ajudante C) afivelar a guia, ou redea na argola do tornel do meio do cabeção, e a redea esquerda do mesmo cabeção fazella atar ao grampo do cepilho da sella (Est. IX., Fig. 17., Letra B, ou á fivela do peitoral Z) alguma cousa curta, para que o Cavallo olhe, e se dobre para a esquerda. O Ajudante C, que segurar, e conduzir a guia, deve sempre andar por fóra do circulo maior, porque o Cavallo se conduz alguma cousa defronte da espadua de fóra do centro, para a garupa ter a liberdade de sahir para a circumferencia, como se mostra na Fig. 6. da Est. LXVII. O Ajudante B com a vara, ou ponção deve postar-se pela parte direita da espadua do Cavallo junto ao Pilão, a fim de o unir, e fazer igual dos movimentos das espaduas.

O Mestre A o ajudará com o açoute pela parte de dentro do circulo, para lhe encaminhar a garupa a que saia do centro para a circumferencia, á proporção do que as espaduas se unem, e entrão para o centro. Quem ajudar com o ponção, deve seguir o Cavallo em tal distancia que o possa ajudar, e castigar, sem que elle o possa offender; e sómente o deve castigar no tempo em que desobedecer com tenacidade, regulando-lhe a força do castigo pela disposição com que o animal o sente.

Nesta lição, em quanto as espaduas estão no ar, o Cavallo se fórma na acção, como se galopasse para a esquerda, só com a differença de se alargar muito da garupa, quando se levanta das espaduas, como deixo ponderado para a direita: por isso em abaixando da acção, marca o terreno, como se mostra na Fig. 6. da Est. LXVII.: a pista do pé direito marca o circulo N. 4. mais proximo ao centro, a da mão direita o N. 3., a da mão esquerda o N. 2., e a do pé esquerdo o N. 1. da maior circumferencia; e só deste modo elle se fórma bem na acção das curvetas sobre a volta ao revés para a esquerda com regularidade semelhante áquella com que as deve formar para a direita.

Eu mostro na Fig. 1., Fig. 2., Fig. 5., e Fig. 6. da Est. LXVII. em circulos o modo, por que os Cavallos marcão o terreno, formando-se na lição das curvetas sobre a volta dobrados para o centro, e sobre a volta ao revés dobrados para fóra delle; e mostro as figuras dos Cavallos nas Est. LXVIII., Est. LXIX., Est. LXX., Est. LXXI. sobre elipses por causa da perspectiva dos circulos, e para os accommodar mais ás suas acções.

ES-

Silva delin. Froes sculp.

ESTAMPA LXXI.

De hum Cavallo na acção das Curvetas ſobre a volta compoſta ao revés dobrado para a eſquerda.

Continua-ſe a lição das Curvetas de firme a firme, depois do Cavallo montado.

HAvendo-ſe enſinado, e trabalhado o Cavallo em todas as differentes acções de curvetas, preparando-o ſem Cavalleiro, quando elle ſe apreſentar bem em qualquer das referidas acções, devem parallo, affagallo, e apôs iſſo mandar-lhe apertar a ſella, e fazello trabalhar naquella lição correſpondente ao ſeu conhecimento, e preſtimo, dilatando-lhe o trabalho á proporção do ſeu poder, e folgo: e no dia ſeguinte, depois de o deitarem á guia, devem principiar-lhe o trabalho pela lição das curvetas, já entre os Pilões, já ſobre linhas rectas junto ao Pilão do centro, como tambem ſobre a volta para huma, e outra parte, e ſobre a volta ao revés. E ſendo eſtes os movimentos com que os devem principiar a enſinar nas acções das curvetas entre os Pilões, e junto ao Pilão do centro, ajudando-os, e enſinando-os por effeito de toques miniſtrados ſem Cavalleiro: direi tambem como ſe lhes podem enſinar as lições das curvetas, depois de montados junto ao Pilão do centro de firme a firme.

Deitando o Cavallo á guia, e preparando-o entre os Pilões, depois de o ter montado, e feito conhecer a lição das curvetas, o podem conduzir ao Pilão do centro; e hum Cavalleiro de mediana eſtatura, não muito pezado, o montará, tendo os eſtribos alguma couſa mais compridos, do que ſe coſtumão trazer nas mais lições, de que tenho tratado, para quando o Cavallo ſe levantar não pezar o Cavalleiro muito forte ſobre elles; advertindo que eſta recommendação he ſómente para aquelles, que tem pouca firmeza, e pouco uſo de ajudar os Cavallos, quando ſe principião a formar na acção das curvetas; porque os Cavalleiros he certo que ajudão os Cavallos bem em todas as lições, tendo os eſtribos na ſua medida; e recommendo que não ſe apoie muito ſobre elles, para que o Cavallo não perca por eſte motivo parte do ſeu ar.

Se o trabalharem com as correas de vencer para o dobrarem com mais facilidade, além de eſtarem poſtas, como ſe coſtuma uſar dellas em outra qualquer lição, neceſſariamente deve o Cavalleiro ſegurar a correa direita bem fechada na mão direita com as unhas voltadas para ſi, e a correa eſquerda na mão eſquerda, como tambem as redeas do freio, ſendo ella com as unhas voltadas para a barriga, da meſma ſorte que a direita, á excepção de ficar alguma couſa mais alta, e avançada; e ſe o Cavallo eſtiver já no eſtado de trabalhar com o freio ſó, devem as redeas eſtar fechadas na mão eſquerda, ſeparadas pelo dedo minimo, &c.

O tronco do corpo do Cavalleiro deve eſtar bem ſentado no meio da ſella; e para obrigar o Cavallo a levantar as eſpaduas, e abaixar a garupa, deve incli-

nar-

nar-se alguma cousa no equilibrio dos rins até ao pescoço para trás, mas sem excesso, unindo-lhe as pernas ao ventre, e ajudando-o desta sorte com huma, e outra redea quanto baste a fazello levantar ao ar das curvetas; e depois de levantado, deve o corpo todo consentir em que o Cavallo se conserve algum tempo na acção, já pendendo alguma cousa para trás, se elle se apoia muito sobre a embocadura, já pendendo algum tanto para diante, quando se levanta muito das espaduas, e se enteza sobre os curvilhões, fugindo do apoio da embocadura: isto se faz não só rendendo-lhe o freio, mas unindo-lhe as pernas ao ventre para o fazer agradavel na sua aptitude: finalmente não deve o tronco do corpo já mais perder o equilibrio, por pender com excesso para trás, ou por se inclinar muito para diante; mas deve sim conservar-se nelle, e na situação, que se mostra na Est. LXXII.

Os Ajudantes (A, B, C) do açoute, guia, e vara devem acordar humas, e outras sensações, de maneira que ellas, e as que lhe fizer o Cavalleiro lhe fação perceber o que pertendem que elle faça, aliàs a má, ou intempestiva applicação de humas sensações destruirá a boa direcção das outras, e farão confusão ao Cavallo.

ESTAMPA LXXII.

Do Cavalleiro, formando hum Cavallo na acção das Curvetas de firme a firme para a direita.

FAzendo alguma curveta bem, devem parallo, e nesse intervallo deixallo descançar, e tomar folgo, affagando-o, como tenho dito em outros lugares desta Obra, e depois fazello trabalhar por todo o terreno na lição, que julgarem mais conveniente para o dispôr, e instruir no conhecimento da que lhe for mais coadunada com o seu prestimo.

Se em quanto se lhe continúa a lição das curvetas duvída levantar-se, o Ajudante, que segura a guia, deve tella mais firme, como tambem o que ajuda com a vara aos braços, e espaduas deve distribuir, e applicar-lhe as sensações acordes com as do Cavalleiro, e assim quem ajudar com o açoute, conservando-se huns, e outros em tal distancia que possão alcançar o Cavallo, sem que este os possa offender; e por consequencia as sensações applicadas pelos Ajudantes, pelo Mestre, e pelo Cavalleiro todas devem ao principio ser moderadas, e successivas, para introduzir no animal, com a sua propriedade, o costume, e conhecimento; mas de sorte que lhe atenuem o menos que puder ser a sensibilidade, principalmente com o som da falla, movimentos das redeas, e sensações das pernas.

O Cavallo na acção das curvetas de firme a firme com as suas pistas das mãos fórma linhas naturaes, e com as dos pés já marca linhas artificiaes pelo muito que se alarga da garupa, como se observa nas linhas da Fig. 3., e Fig. 4. da Est. LXVII., em que se vê o modo, por que elle marca o terreno, quando fórma o ar das curvetas de firme a firme sobre linhas parallelas ao centro.

Para se levantar ao ar das curvetas de firme a firme sobre linhas parallelas, tanto junto ao Pilão do centro, como em outra qualquer parte do manejo, sabem to-

Estampa 72 Pag. 383.

Silva delin. Frois sculp. Lx.

Silva del. et sculp.

todos os Cavalleiros devem firmar o ſeu eſpinhaço, e eſpaduas alguma couſa para trás, ſuſtendo-lhe a mão eſquerda de unhas aſſima, com o dedo minimo voltado para a eſpadua eſquerda, unindo-lhe as pernas ao ventre, e ſe he preciſo, ajudando-o com a falla, vara, e mais diligencias já inſinuadas neſta lição, até elle ſe levantar á curveta em qualquer parte do manejo, em que o obriguem que a faça.

Continua-ſe a lição das Curvetas, enſinando o Cavalleiro o ſeu Cavallo a formar-ſe neſta acção ſobre a volta ſimples para a direita.

TEndo moſtrado como ſe fórmão as curvetas ſobre as linhas do centro de firme a firme, depois do Cavalleiro montar o Cavallo para o enſinar a obedecer ás mãos, e ás pernas por ſemelhante modo, vou dizer tambem como ſe coſtumão enſinar, e aperfeiçoar na meſma acção das curvetas ſobre a volta para a direita, montando-os junto ao Pilão do centro.

Vendo que o Cavallo fórma a acção das curvetas ſobre linhas rectas com ſujeição á mão, ou redeas, e ás pernas, ou eſporas, levantando as eſpaduas com facilidade, e que no tempo em que vai levantando as mãos, vai igualmente comprimindo as juntas dos braços, das vertebras cervicaes, do principio do ezofago até ás claviculas, e da meſma ſorte as dos quadrís, e dos curvilhões, elle o póde conſiderar capaz de fazer as curvetas, quando o encaminhar a formar os circulos, ou voltas ſimples em torno do Pilão.

Então o devem conduzir do centro áquella diſtancia dos circulos, em que ha de trabalhar, unindo-lhe apôs iſſo mais as pernas ao ventre, ſegurando-lhe as redeas mais firmes, e animando o Cavalleiro toda a ſua figura para o fazer levantar á curvéta, fortalecendo-lhe, e modificando as ſenſações do corpo, mãos, e pernas, em quanto o Cavallo eſtá levantado, á proporção da ſua maior, ou menor ſenſibilidade até abaixar, pondo as mãos na terra, e então o devem obrigar a que avance algum terreno, movendo-ſe de paſſo, ou de trote para o tornar a conduzir á curveta, a fim de que alternativamente vá deſcrevendo toda a volta a curvetas, formando-ſe na acção, que ſe moſtra na ſeguinte

ESTAMPA LXXIII.

Do Cavalleiro, formando hum Cavallo na acção das Curvetas ſobre a volta ſimples para a direita.

EU digo que tendo o Cavalleiro o ſeu corpo firme, e alguma couſa atrás, animando o Cavallo com as mãos, com as pernas, com a falla, e pela união dos joelhos, e do aſſento da ſella, o fará levantar ás curvetas; e quem o ajudar com o açoute, deve com todo o cuidado fazer-lhe relevar, e rebater os movimentos do peſcoço, eſpaduas, e corpo bem para ſima da garupa, ou ao menos o mais que puder ſer; e quando o Cavalleiro eſtá bem prevenido, e as ſuas ſenſações concorrem para o meſmo fim a que ſe dirigem as do açoute, para que a ſua união fa-

faça produzir de todas bom effeito, he que recommendo fejão acordes humas com outras fenfações. Ora tambem devo advertir que as curvetas limpamente rebatidas não confiftem na preffa com que alguns Cavallos as fazem; mas fim no tempo, e igualdade com que fe levantão das efpaduas, e fe unem fobre a garupa.

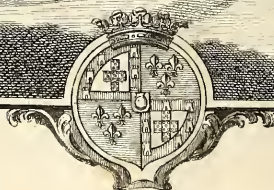
Efta lição os rende muito obedientes, e iguaes dos movimentos dos quadrís, curvilhões, e travadouros, como os mais diftinctos Authores dizem. Quando o Cavallo tem chegado ao bom eftado de determinar a fua direcção com facilidade por meio das referidas diligencias, já não he precifo ajudallo tanto com o açoute fobre as ancas, porque o Cavalleiro o póde fupprir, tocando-lhe com a vara por fima do hombro, ou por baixo do braço fobre a garupa; e creio que todos fabem que os Cavallos commummente correfpondem melhor ao toque da vara, fendo-lhe applicada por fima do hombro, e tem mais graça, do que fe fe ufa della fómente por baixo do braço, ao mefmo tempo que o homem tambem fica mais viftofo.

Deve-fe confervar o Cavallo no terreno, de maneira que marque a circumferencia igual, e da mefma forte a determinação do movimento, para que fe deixe encaminhar bem com as redeas ambas entre a fujeição de ambas as redeas; que fó defte modo póde marchar fobre linhas circulares, vencendo fempre terreno para diante, como fe moftra na Fig. 1. da Eft. LXVII.; pois tanto antes, como depois de montado, a pifta do pé direito marca o circulo N. 1., a da mão direita o N. 2., a da efquerda o N. 3., e a do pé efquerdo o N. 4. da maior circumferencia. Efte he o melhor modo de enfinar ao Cavallo a formar a acção das curvetas fobre a volta para a direita; e por iffo paffo a referir tambem o modo, com que o Excellentiffimo Marquez Eftribeiro Mór lhe enfina a lição das curvetas fobre a volta, dobrando os Cavallos para a efquerda.

Quando efte infigne Cavalleiro enfina qualquer Cavallo a formar-fe nefta acção das curvetas fobre a volta, não obftante o fer difficultofo avançar a efpadua direita para fe perfilar a efquerda com o radio do circulo, que marca a pifta do pé efquerdo no circulo N. 1., e na periferia N. 4., confentindo bem nos movimentos, por que fe determina o corpo do Cavallo. Sua Excellencia o faz, porque he igual em toda a fua bem fymmetriada figura: e elle trabalha nefta, e nas mais lições com perfeição, porque fempre fe affenta bem no meio da fella, por iffo avança quanto quer a efpadua direita, confervando a mão direita de nivel com a efquerda, (porque fó defte modo fe póde fazer entrar o Cavallo para diante, e para a mão) firma o feu corpo atrás, fegura a mão da redea de unhas affima com o dedo minimo inclinado para a efpadua direita, a fim de que a redea tire bem pela caimba da parte efquerda, e o Cavallo olhe, e fe volte cada vez mais para o centro, a fim de lhe encruzar a garupa entre as forças da redea de dentro, e das pernas, principalmente da de fóra, ou direita, para o fazer feguir melhor os gyros, ou circulos das efpaduas.

Obriga-o a levantar-fe á curveta, fuftendo-lhe as redeas, principalmente a efquerda, chegando-lhe as pernas maiormente a direita, e tendo o feu corpo atrás, e firme proporcionalmente; e logo que o animal fe levanta das efpaduas, Sua Excellencia pende para diante, á proporção do que elle as levanta, fegura as curvas,

e

Silva delin.

e os joelhos firmes, mas froxos; e por este modo lhe liga, e une as pernas ao ventre, ajudando-o com huma viveza proporcionada á actividade do animal, sem já mais pezar com excesso sobre os estribos; porque só desta sorte he que se ensinão a formar as curvetas com huma medida igual, e com hum apoio justo, e firme.

Ora quando os Cavallos sentem o Cavalleiro nesta aptitude, formão-se na acção das curvetas com facilidade, se elles tem agilidade para este ar; e pelo contrario, quando não tem propensão, e possibilidade, em os obrigando a levantar-se, (posto que sejão ensinados com esta ordem) elles se atravessão, e se levantão com mais agilidade para huma, do que para outra parte. O mesmo acontece se não podem, se tropinhão, isto he, se põem mal no chão os cascos dos pés, ou são duridos dos curvilhões, e jarretes.

Não he necessario que estejão inteiramente perfeitos na lição das curvetas sobre as linhas rectas de firme a firme para os fazer passar á lição das curvetas sobre a volta: antes para elles não estranharem, e fugirem da sujeição circular, he bom, logo que tem algum conhecimento das curvetas de firme a firme, principiallos tambem a formar nas linhas obliquas, e proporções da volta.

Quando se levantão na acção das curvetas, os musculos dos seus corpos todos se comprimem para se ajustar, e suster o seu pezo pelo equilibrio sobre as ancas, da mesma sorte que se unem, e se ajustão sobre ellas no tempo em que os obrigão a recuar, Est. XXVIII., e Est. LII. Sua Excellencia nesta, como em todas as mais lições, os ensina, e os obriga bem, porque as sensações com que os encaminha, todas são conformes ás determinações, e direcção dos movimentos que delles pertende, por isso lhes correspondem acordes em cada diversa qualidade de acções, como se mostra na seguinte

ESTAMPA LXXIV.

Do Excellentissimo Marquez de Marialva, ensinando hum Cavallo a fazer as Curvetas sobre a volta para a esquerda.

PEla mesma maneira que o Cavallo marca o terreno, quando faz as curvetas sobre a volta para a direita, o marca tambem, quando fórma as curvetas sobre a volta para a esquerda, seja sem Cavalleiro, (Est. LXVIII.) ou depois de montado, (Est. LXXIII.) como se mostra nas pistas marcadas na Est. LXVII., Fig. 2.: nesta a pista do pé esquerdo marca a linha N. 1., a da mão esquerda a N. 2., a da direita a N. 3., e a do pé direito a N. 4.

Quando ensina a passar de mão as primeiras vezes qualquer Cavallo que trabalha neste exercicio, obriga-o a marchar por duas tangentes para fóra da circumferencia, no fim das quaes o faz descrever hum semicirculo de duas pistas; e se elle se entorta das espaduas, ou da garupa, então o faz mover sobre huma volta bastantemente larga em hum movimento igual, ou marche de passo, ou de trote, para lhe fazer conduzir a cabeça, e espaduas bem circularmente adiante da ga-

rupa; e então, depois de o ter vencido com a redea de dentro, e a perna de dentro nos ſegundos tempos, que vai formando no balanço das eſpaduas, o obriga cada vez mais a ficar direito ſobre o radio do circulo, porque ſó deſta ſorte ſe enſina a diſtribuir os ſeus movimentos com igualdade para obedecer ás redeas, e ás pernas facilmente.

Os movimentos que o Cavallo faz com a garupa na lição das curvetas são oppoſtos aos que faz com as eſpaduas; pois logo que eſtas principião a levantar-ſe á proporção do que ſe elevão para ſima, elle vai abaixando, e comprimindo as juntas do eſpinhaço, dos quadrís, dos curvilhões, e dos jarretes, ficando deſta ſorte aſſim dobrado para ſuſtentar a acção do ſeu ar firme ſobre a garupa; e do meſmo modo, á proporção do que as eſpaduas entrão para o centro, a garupa deve ſahir para a circumferencia.

Ainda que eu digo que o Cavallo póde fazer as curvetas, marchando ſobre a volta ſimples, não ſe deve entender (poſto que elle eſteja montado) que póde eſtar firme neſta acção ſobre a garupa, e avançar o terreno preciſo para formar o circulo, (Eſt. LXVII., Fig. 1., e Fig. 2.) como tambem as tangentes, e o angulo da paſſagem; mas ſim que abaixando da curveta, de paſſo, ou de trote, vá deſcrevendo o gyro dos circulos, como tambem as linhas do angulo, e ſemicirculos da paſſagem até o chamarem, ou o obrigarem a que continue a formar a acção das curvetas; pois iſto ſe deve entender da meſma ſorte, tanto quando ſe enſina ſem Cavalleiro, como depois de o haverem montado. Quando Sua Excellencia lhe fórma as paſſagens de mão, deſdobra-o da acção das curvetas com a meſma regularidade, e boa ordem com que os enſina, e obriga nas mais lições, por ſer eſte methodo ſem dúvida melhor.

Continua-ſe a lição das Curvetas ſobre a volta compoſta ao revés para a direita.

NA lição das curvetas ſobre a volta ſimples, ſe o Cavallo olha, e ſe dobra para a direita, fica-lhe o ponto do centro, ou o Pilão da parte direita Fig. 1. Eſt. LXVII. Na lição das curvetas ſobre a volta compoſta ao revés, quando olha, e ſe dobra para a direita, fica-lhe o Pilão, ou ponto do centro da parte eſquerda, Fig. 5.

Quando paſſa de mão da volta ſimples, enſina-ſe a ſahir dos circulos Fig. 1., obrigando-o mais com a redea direita, e a perna eſquerda; e ſe o tornão a vir trabalhar ſobre os meſmos circulos, ſem o deſdobrar da direita para a eſquerda, fica trabalhando na lição da volta compoſta ao revés para a direita, e marca o terreno, como ſe moſtra na Fig. 5.: logo ſe o fazem paſſar de mão, quando trabalha ſobre a volta compoſta ao revés para a direita, ſe o não fazem deſdobrar da direita para a eſquerda, fica trabalhando ſobre os circulos da volta ſimples, e marca o terreno, como ſe moſtra na Fig. 1.

Na lição das curvetas ſobre a volta ſimples, ſe o Cavallo olha, e ſe dobra para a eſquerda, fica-lhe o Pilão, ou ponto do centro da parte eſquerda Fig. 2.

Na

Na lição das curvetas ſobre a volta compoſta ao revés, quando o Cavallo olha para a eſquerda, fica-lhe o Pilão, ou ponto do centro da parte direita Fig. 6.

Quando o fazem paſſar de mão da volta ſimples Fig. 2., enſina-ſe a ſahir dos circulos, obrigando-o mais com a redea eſquerda, e a perna direita; e ſe o tornão a vir trabalhar ſobre os meſmos circulos, ſem o deſdobrar da eſquerda para a direita, fica trabalhando na lição da volta compoſta ao revés para a eſquerda, e marca o terreno, como ſe moſtra na Fig. 6.: logo ſe o fazem paſſar de mão, quando trabalha ſobre a volta compoſta ao revés para a direita, ſe o não fazem deſdobrar da acção, fica trabalhando ſobre a volta ſimples, e marca o terreno, como ſe moſtra na Fig. 2.

Para o Cavalleiro formar o Cavallo na lição, e acção das curvetas ſobre a volta compoſta ao revés para a direita, deve ter a ſua mão eſquerda de unhas abaixo, e a direita de unhas aſſima, com o dedo minimo inclinado para a eſpadua eſquerda, algum tanto mais para trás de nivel com a eſquerda, e por conſequencia a poſtura de todo o tronco do corpo até aos joelhos ſegue a ſymmetria das mãos, porque ſe deve avançar a eſpadua eſquerda, atrazar a direita; e da meſma ſorte deve o Cavalleiro ſituar os ſeus quadrís para olhar, ou poder ver as linhas dos circulos, que o Cavallo vai marcando, principalmente com as piſtas do pé, e mão direita.

O Cavallo obrigado das ſenſações da redea direita, dá a cara, e o bico para eſta parte, e as orelhas, e a cernelha ſe inclinão á proporção para a eſquerda, de ſorte que andando dobrado para a direita, a orelha eſquerda neceſſariamente deve inclinar-ſe para o ponto do centro, que lhe fica deſta parte; e quando o Cavalleiro o trabalha neſta lição com o freio ſó, deve a mão eſquerda ſuſtentar as redeas com o dedo minimo inclinado para a eſpadua eſquerda.

He certo que ſempre ſe entende que elle anda para aquella parte para onde olha, e dá o bico, ou eſtá dobrado, já nas lições ſobre linhas rectas, já nos circulos, ou tambem nos reverſos ſobre linhas curvas: logo olhando para a direita, fica dobrado, e concavo para eſta parte, por conſequencia elle fica convexo da parte eſquerda pela dobra, e direcção do ſeu peſcoço, eſpaduas, ventre, e ancas: e ſó a perna de dentro da ſua volta, ou direita, em quanto o animal trabalha dobrado para eſta parte, não ſe póde dobrar, e entrar para baixo do corpo, antes perde a fórma concava do principio da coxa para baixo, quando o Cavallo ſe move aſſim dobrado: por iſſo o Cavalleiro, trabalhando neſta acção, deve apoiar o equilibrio do ſeu corpo hum pouco mais para a direita, ou para dentro da volta, do que nas mais lições, para aliviar o pezo á parte de fóra, a fim de que ſe forme com mais facilidade na acção.

Se o Cavallo ſe abandona ſobre as eſpaduas, o primeiro movimento para o corrigir deve emanar da mão do Cavalleiro, ſegurando as redeas mais firmes, levantando mais a mão, tendo ao meſmo tempo o corpo atrás, e firme, para elle ſe levantar, e ſuſtentar a acção das ſuas eſpaduas, e unir, e ajuſtar-ſe bem ſobre as ancas com igualdade.

Ao paſſo, e trote ſuſtenta a ſua acção igualmente ſobre a mão, e pé oppoſ-

tos, marcando o terreno com as piſtas da mão, e pé, quaſi ao meſmo tempo; mas quando releva as eſpaduas na acção das curvetas, ſeja ſobre a volta ſimples, ou compoſta, muda os ſeus movimentos, como ſe galopaſſe; e neſtes caſos toda a ſua acção ſe apoia ſobre a garupa, a fim de fortificar a aptitude, pela qual ſuſtem, e acompanha a diſpoſição das curvetas, alargando as pernas, e tendo os pés affaſtados, ou longe hum do outro, ao menos duas vezes mais do que ſe elle paſſea, trota, ou galopa ſobre a volta, e por iſſo marca piſtas differentes, como ſe moſtra nas Fig. 1., Fig. 2., Fig. 5., e Fig. 6. da Eſt. LXVII.

ESTAMPA LXXV.

Do Cavalleiro, formando hum Cavallo na acção das Curvetas ſobre a volta ao revés para a direita.

HA tres acções de curvetas diverſas, em cada huma das quaes determina o Cavallo os ſeus movimentos, marcando o terreno com differença, como ſe moſtra nas ſeis Figuras da Eſt. LXVII.; e em cada huma deſtas acções he preciſo que o obriguem a que ſe levante, e ſuſtente o ſeu ar á proporção do ſeu poder, por meio das ajudas, e ſenſações, que lhe correſpondem, para depois de abaixar da curveta, fazello avançar de trote, ou de paſſo, a fim de o ſocegar, dar-lhe folgo, e fazello deſcrever, e marcar os circulos, ou linhas ſobre que trabalha, com perfeição, tanto quando marcha ſobre hum, como ſobre outro lado.

Levantar o Cavallo na acção das curvetas, he enſinar-lhe eſta lição entre os Pilões, e pouco a pouco pelas repetidas ſenſações, de que tenho tratado, introduzir-lhe o coſtume, para que chegue a rebater os ſeus movimentos bem para ſima da garupa.

Segurallo na acção, he por meio de toques, e diligencias proprias impedillo que ponha com muita brevidade as mãos na terra, ſem com tudo o pertender demorar tanto, que elle aborrecido perca a propriedade do movimento, para que tem mais propensão.

Fazello ir para diante, he enſinallo, e obrigallo com ambas as pernas, e com o equilibrio do corpo a que ſe apoie entre as ſenſações dellas, e das redeas ambas, ſem violentar a mão, por ſe extender ſobre a embocadura, e ſem ficar para trás, por fazer pouco caſo dos toques das pernas, e das eſporas. Ora quando o Cavallo deſta ſorte faz as curvetas ſobre a volta ao revés dobrado para a direita, ſe ſe deixa encruzar bem entre as forças da redea direita, e da perna eſquerda, não ſó moſtra que tem propriedade para eſta lição, mas não lhe he penoſo ſujeitar-ſe ás diligencias, que o vão conduzindo a ella. Quando unir muito a eſpadua direita á eſquerda, o que poucas vezes acontece: promptamente o Cavalleiro deve levar a mão da redea do centro para a volta, iſto he, da eſquerda para a direita, e tornalla outra vez com promptidão ao ſeu lugar, ſervindo-ſe deſtes movimentos de maneira, que ſempre ſe conſervem as eſpaduas do Cavallo bem adiante da garupa.

Pelas meſmas razões, ſe anda trabalhando na lição da volta ao revés ſobre a

eſ-

Silva delin. *Frois sculp.*

esquerda, e une muito a espadua esquerda á direita, para o fazer plantar, e marcar bem o terreno, deve a mão do freio de unhas abaixo entrar do centro para a volta, isto he, da direita para a esquerda; e as pernas, e o tronco do corpo do Cavalleiro devem consentir nos movimentos da mão para o indireitar com igualdade entre ambas as redeas. Logo por consequencia, quando as espaduas entrão muito para aquella parte para onde o Cavallo olha, e se dobra, carregando-lhe a mão para fóra da dobra, que elle observa no pescoço, e corpo, a redea de dentro lhe obrigará as espaduas a ir marcar as linhas obliquas, que lhe correspondem de huma á outra periferia da circumferencia, como se mostra na Fig. 11. da Est. IV.

Para o ensinar, e obrigar a que faça as curvetas debaixo de tempos regulares, depois de seguro na acção que deve observar, logo que fizer duas, ou tres curvetas, acabando de fazer a ultima, e estando com as mãos, e pés igualmente firmes no chão com os toques da perna esquerda, e sensações da redea direita, o podem obrigar a que determine a direcção sobre linhas curvas tres, ou quatro tempos ao passo, ou trote para vencer o terreno preciso, e depois devem parallo, e obrigallo outra vez mais com a redea direita, e perna esquerda a que faça outras tantas curvetas; e tornando-o a parar, devem ir-lhe diminuindo pouco a pouco os tempos do passo, ou do trote, e augmentando-lhe o numero das curvetas, ajustando-o cada vez mais, a fim de que, sem interrupção de tempo, vá formando as linhas da sua direcção, seja obliquando do centro para a circumferencia, seja descrevendo os circulos a curvetas, sem mediar entre huma, e outra curveta mais que hum só tempo de passo, ou de trote.

Deve-se ensinar, e obrigar a que marque o terreno com as pistas das mãos, e pés, como se mostra na Fig. 5. da Est. LXVII.: a pista do pé direito marca a linha N. 1., a da mão direita a N. 2., a da mão esquerda a N. 3., e a do pé esquerdo a N. 4. do circulo menor.

Lição das Curvetas sobre a volta composta ao revés para a esquerda.

DEve-se formar, e ensinar o Cavallo na acção das curvetas sobre a volta ao revés para a esquerda pelo mesmo methodo, e ordem que tenho dito o devem trabalhar, e formar nesta lição, e acção para a direita. Logo necessariamente quando ajusta as forças das ancas para se levantar das espaduas na acção das curvetas sobre a volta ao revés para a esquerda, elle fica situado na acção, como quando galopa unido para a esquerda: a parte esquerda de dentro da volta para onde elle olha, e se dobra, se levanta mais do terreno, e se avança, por isso a direita, que fica da parte do centro, necessariamente se dilata, se atraza, e fica mais em liberdade, e perto da terra nesta lição; e com as pistas dos pés, e mãos marca o terreno, como se mostra na Fig. 6. da Est. LXVII.: a pista do pé esquerdo marca a linha N. 1., a da mão esquerda a N. 2., a da direita a N. 3., e a do pé direito a N. 4. mais perto do centro.

O circulo N. 1. he o da maior circumferencia nesta lição; porque o Cavallo quando está dobrado para a mão direita, avança o seu pé, e mão direita, que ficão

da

da parte de fóra do ponto do centro, que he o para onde elle ſe dobra, olha, e anda Fig. 5. Logo marchando ſobre a mão eſquerda, pelas meſmas razões avança o pé, e a mão eſquerda, e ſe dobra, olha, e anda para fóra do ponto do centro, como ſe moſtra na Fig. 6. da referida Eſtampa.

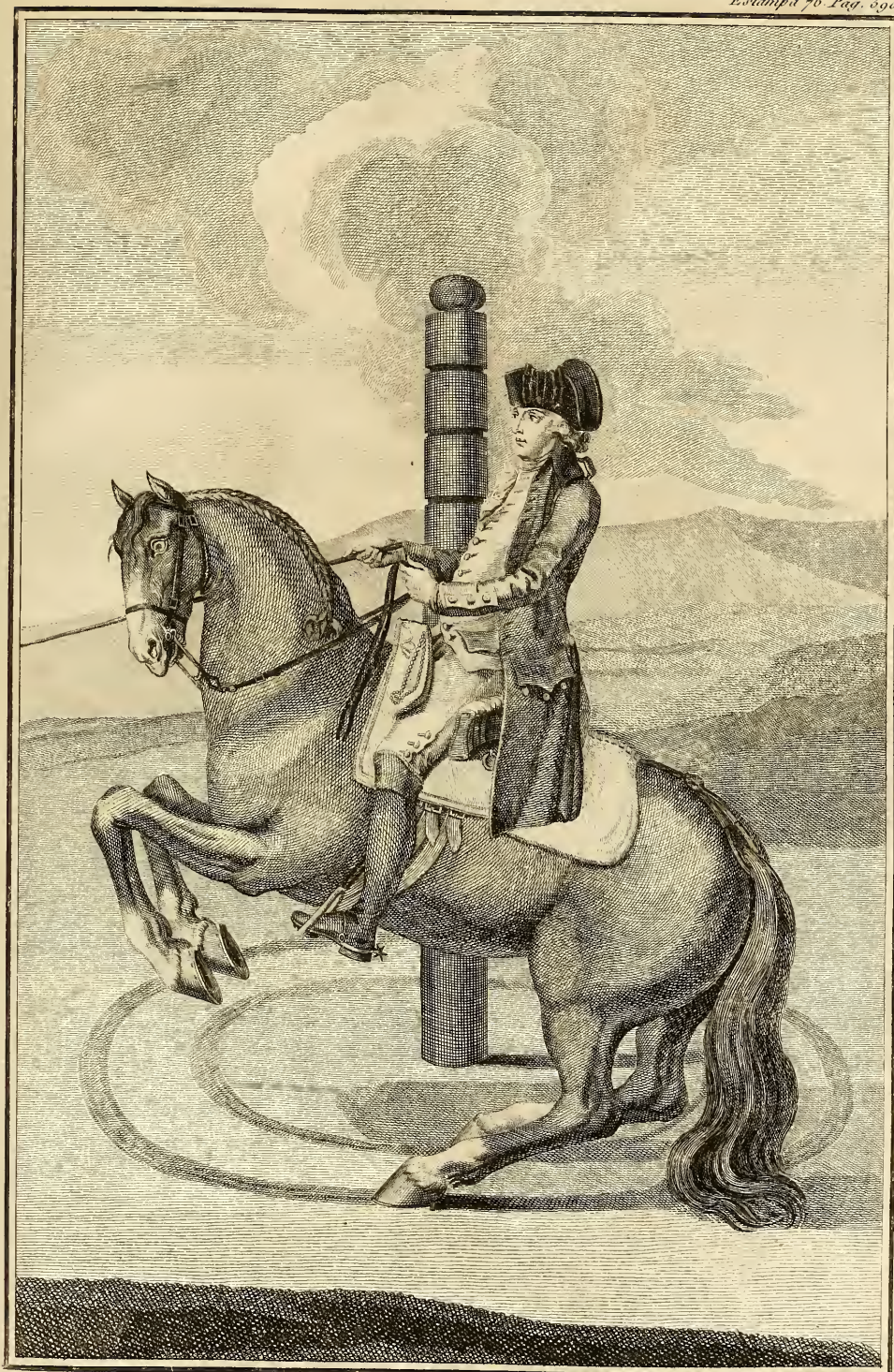
O equilibrio do corpo do Cavalleiro deve apoiar-ſe mais alguma couſa ſobre o eſtribo eſquerdo, quando o Cavallo ſe dobra para eſta parte, para com o ſeu pezo, e movimento do tronco do corpo lhe aliviar mais a parte direita de fóra da ſua volta, e de dentro do centro, a fim de que elle ſe forme na brilhante acção, que ſe repreſenta na Eſt. LXXVI., para o dobrar bem da cabeça, e peſcoço: neſta acção devem ſegurar-lhe a mão eſquerda de unhas aſſima com o dedo minimo inclinado para a eſpadua direita; deve atrazar-ſe a eſpadua eſquerda, avançando á proporção a direita, e da meſma ſorte os quadrís, e coxas até ao joelho, ſegurando-lhe a perna direita logo atrás da ultima cilha, para lhe applicar com ella as preciſas ſenſações com que ſe faz obedecer: a perna eſquerda neceſſariamente deve apoiar-ſe firme ſobre o eſtribo com huns movimentos menos actívos para o encruzar bem entre as forças da perna direita, e da redea eſquerda, pois ſó deſta ſorte ſe lhe enſina a formar as curvetas ſobre a volta ao revés, dobrando-o para a eſquerda.

O Cavallo em quanto aſſim trabalha, deve inclinar a orelha direita alguma couſa para o Pilão, ou ponto do centro da circumferencia, que lhe fica pela parte direita; e as eſpaduas devem ſeguir bem o meio das linhas, por onde caminhão os pés, a fim de marcar as piſtas no terreno com a igualdade, que ſe moſtra nos circulos da Fig. 6., Eſt. LXVII., e na ſeguinte

ESTAMPA LXXVI.

De hum Cavalleiro, formando hum Cavallo na acção das Curvetas ſobre a volta compoſta ao revés, dobrando-o para a eſquerda.

LA Guerinieri diz que o trote he fundamento do galope, e que eſte he o fundamento do terra á terra. Pelas meſmas cauſas, que elle ſuppõe ſer iſto aſſim, me parece tambem que as curvetas, as paſſadas, e as pouſadas são o fundamento dos ares altos, das garupadas, das balotadas, e das capriolas; e poſto que Newcaſtle diga que a curveta he hum pequeno ſalto, que o Cavallo faz perto da terra, com tudo a mim me parece ter moſtrado que no tempo, em que o animal ſe fórma no ar das curvetas, firma os pés inconteſtavelmente no terreno, em quanto as eſpaduas eſtão no ar: nos ſaltos porém he ſem dúvida que levantão os Cavallos as mãos, e pés da terra em huns mais, em outros menos, e que na curveta unicamente ſe move a ſua garupa, para ſe rebater, e ſuſtentar todo o pezo do corpo. Logo os ſeus movimentos das ancas ſó tem outra direcção, quando as eſpaduas abaixão do ar das curvetas, e ſe põem as mãos na terra, como tenho ponderado: motivos, por que não ſe deve chamar á curveta ſalto.

As curvetas são o fundamento dos ares altos; porque os Cavallos deſtinados

ás garupadas, ás balotadas, e ás capriolas, primeiro que fe levantem para faltar em algum deftes ares, principião a levantar-fe das efpaduas, e por confequencia fe firmão, e dobrão fobre os quadrís, curvilhões, ou jarretes mais, ou menos efpaço á proporção da velocidade do falto que pertendem formar: o que elles fazem tambem para fe conduzir á acção das curvetas, tanto de firme a firme, como fobre a volta fimples, ou na volta compofta ao revés; e he tambem certo que elles avanção a meia parte do corpo na curveta, como quando fe preparão para galopar; mas as piftas dos pés não fe movem, em quanto fuftentão a acção da curveta; e quando fe preparão para faltar, elles fe levantão das efpaduas, ajudando-fe immediatamente das forças das fuas ancas, movendo os pés quanto bafta para formar a acção do falto, feja da garupada, da balotada, ou da capriola; e ainda que todos os movimentos das ancas não fejão bem perceptiveis á vifta pela brevidade com que o Cavallo fe fufpende, e move para faltar, he fem dúvida que por todos elles fe difpõem para formar os faltos; e nas acções, em que fe aprefentão, nos deixão bem perceber o quanto ifto he certo.

Pignateli, Newcaftle, Brogelat, e outros vão conformes com o modo de acordar toda a fymmetria do corpo do Cavalleiro nos trabalhos, ou lições expendidas, como fica dito, feja para a direita, ou para a efquerda, e da mefma forte com as outras fenfações, de que tenho tratado, para os enfinar, e obrigar a levantar-fe á acção das curvetas. Logo neceffariamente quando o Cavalleiro trabalha fobre a efquerda não deve pender com exceffo para trás, nem para diante, antes fim conforvar o equilibrio á proporção do que o Cavallo fe levanta, ou fe abaixa, mettendo as coftas para dentro do lugar dos rins até ás efpaduas, deitando o peito para fóra, abaixando, e retirando os hombros para trás, confervando a cabeça direita, e firme, alguma coufa voltada a cara para onde o Cavallo olha, e fe dobra.

Nefta lição de firme a firme fobre a volta fimples, e fobre a volta compofta ao revés, devem as coxas das pernas fer brandamente unidas ao coxim, e roupas da fella, principiando a fua volta dos offos dos encaixes dos quadrís até ás curvas, fem pezar muito forte fobre os eftribos, principalmente fobre o de fóra da volta, e ifto á proporção do que o Cavallo fe adianta.

Deve a mão da redea trabalhar fempre de unhas affima, inclinando o dedo minimo para a efpadua da parte de fóra da volta, que o Cavallo obferva no feu corpo; e quando a fenfação da perna de fóra precifar fer mais activa para lhe fegurar a garupa, já para o fazer determinar os movimentos della fobre a volta, ou na volta ao revés, já para o acordar com igualdade nos movimentos das efpaduas, e mais partes do corpo, deve affroxar-fe a força da mão da redea para elle obedecer melhor á perna.

Deve a de dentro apoiar-fe firme fobre o eftribo, e avançar-fe para a primeira cilha, como tambem affroxar-fe, e unir-fe ao fovaco, junto ao codilho, affroxando-fe mais, quando a de fóra fegura as efpaduas para a volta, a fim de dar liberdade á garupa.

Na lição das curvetas fobre a volta fimples, quanto menor he o circulo, em que o Cavallo fe move, menos, e mais apertado he o feu movimento da parte con-

ca-

cava; e na lição da volta composta ao revés, quanto mais largo he o circulo, mais violentos são os movimentos da parte concava, principalmente quando se obriga a passar de mão, descrevendo a garupa os circulos maiores.

As curvetas feitas sobre linhas rectas da muralha, sendo bem executadas, não tem differença das curvetas formadas sobre linhas rectas de firme a firme junto ao Pilão do centro, posto que sugeitos de bom sentir nesta Arte digão o contrario. Pignateli Cap. VII., Pag. 85. diz que o Cavalleiro deve ajudar o Cavallo, quando o ensina a formar as curvetas, fazendo-lhe sentir ambas as pernas, e as redeas ambas, tendo a mão esquerda hum pouco de unhas assima, inclinando o dedo minimo para fóra da volta, fazendo-lhe sentir mais a perna de fóra do que a de dentro, para que, encruzado entre a redea, e a perna opposta, deixe ver alguma dobra no seu corpo, &c. E igualmente deve isto entender-se, ou o Cavallo ande sobre linhas rectas, ou sobre curvas, tanto sobre a direita, como sobre a esquerda, e do mesmo modo sobre a volta ao revés para huma, e outra parte.

Newcastle fazia obliquar os seus Cavallos com a cara contra a muralha a curvetas, como elle diz no Cap. XXII.; porém como todas as sensações, que o Cavalleiro lhe faz para o obrigar a que determine as suas direcções, são as de que tenho tratado para os formar na acção das curvetas sobre a volta simples, e composta; só digo que assim como se podem formar as curvetas sobre huma, e sobre outra, assim tambem podem formar-se com a cara contra a muralha para huma, e outra mão, só com a distinção do Cavallo ficar mais em liberdade junto á muralha, e ao Pilão do centro, do que sobre os circulos da volta simples, e sobre os da volta composta ao revés.

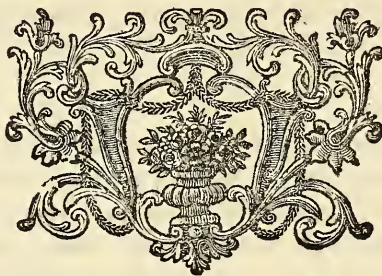
Lição das Curvetas, recuando.

PAra lhe fazer determinar os movimentos, formando-se na acção das curvetas, recuando, deve o Cavalleiro ter a mão da redea de unhas assima, com o dedo minimo inclinado para a sua espadua opposta á dobra do pescoço, e do corpo do Cavallo, tendo-lhe o corpo firme para trás, quanto baste a fazello recuar, segurando-lhe a mão da redea até elle dar alguns passos; e então depois de parar, fazer-lhe sentir com mais actividade as sensações da mão, do corpo, e das pernas, (como digo nas mais curvetas) de maneira que por meio de todas ellas se levante á curveta, e faça duas, ou tres em hum mesmo lugar, para depois o fazerem pelo mesmo modo recuar alguns passos, e tornallo a chamar á curveta, obrigando-o alternativamente a que se costume levantar, o tirem atrás, e o chamem, diminuindo-lhe a quantidade dos tempos do passo, de sorte que entre cada dous tempos que recuar faça duas, ou tres curvetas.

Fazendo a primeira, quando fizer a segunda, e abaixar as espaduas para a terra, então deve o Cavalleiro preparar-se para o tirar outra vez atrás, sustendo-lhe, e rendendo a mão, tendo o corpo atrás, e firme, quanto baste a exigir do animal a pertendida obediencia, fazendo-o recuar mais, ou menos forte, segundo elle resistir, ou obedecer, diminuindo-lhe os tempos do recuar, e augmentando-lhe os

das

das curvetas á medida do feu defembaraço, até que fem interrupção de tempo, tirando-o dous paffos atrás, faça duas curvetas. Efta lição he boa para lhe enfinar a unir as efpaduas, e alargar a garupa, como fe moftra na Fig. 3., e Fig. 4. da Eft. LXVII.

Se elle arraftrar os pés pelo chão quando recuar, então deve o Cavalleiro pender com o corpo alguma coufa para diante, fufter a mão da redea mais forte, baixa, e para fi, unir-lhe as pernas ao ventre bem atrás das cilhas, tocando-lhe com a vara por fima do hombro, ou por baixo do braço fobre huma, e outra anca, a fim de que vá rebatendo bem todos os feus movimentos para fima da garupa com igualdade, e promptidão. Finalmente eftes são os modos de enfinar os Cavallos a toda a forte de curvetas, que, fegundo a commum opinião, são o fundamento dos ares altos, de que paffo a tratar, &c.

LIVRO IX.

ARGUMENTO.

Moſtra-ſe o modo, por que ſe devem enſinar, e diſpôr os Cavallos entre os Pilões, para os formar nas lições dos ares altos; e como ſe preparão junto ao Pilão do centro de firme a firme para aprender a fazer as Garupadas, as Balotadas, e as Capriolas: qualidades, que devem ter os Cavallos deſtinados para eſtes exercicios: e o modo, por que ſe devem fazer toda a ſorte de eſcaramuças, e mais feſtejos pertencentes a eſta Arte.

NAõ ha Cavallo algum, cujo preſtimo ſeja univerſal, e com propriedade na força, e determinação dos ſeus movimentos para toda a ſorte de ares, e trabalhos do manejo: antes pelo contrario cada hum tem ſua diſpoſição particular para huma, ou para outra lição; e ſe o tirão daquelle ar, para que tem propriedade, elle conſtrangido, e nimiamente affectado nas ſuas acções, correſponde com menos graça áquellas, para que, a pezar de todas as invenções da Arte, e diligencias dos Profeſſores, lhe falta a propriedade.

Aquelles, cuja propensão he toda para os ares altos, ou relevados, ordinariamente são colericos, e por eſta cauſa devem ſer tratados com muita brandura, e manſidão, maiormente em quanto os enſinão entre os páos a fazer as acções da garupada, da balotada, e da capriola; porque todo o Cavallo que tem poder excitado da alegria, ou já da aduſta cólera, não ſoffre bem o caſtigo entre os Pilões, maiormente em quanto ignora.

Todos ſabem que os Cavallos colericos, em ſe preoccupando com os caſtigos, hão de neceſſariamente uſar mal das ſuas forças: bem aſſim como os covardes ſe hão de abater, ſendo muito obrigados do caſtigo: por iſſo huns exaſperados fazem violentos esforços, e outros abatidos decahem em moleſtias, e defezas irremediaveis: eſtes os motivos, por que digo que a paciencia do Cavalleiro he muito mais poderoſa para enſinar, e vencer eſte genero de animaes, do que os mais violentos caſtigos.

Tam-

Tambem não he abſolutamente neceſſario para os formar nos ares altos da garupada, da balotada, e da capriola havellos paſſado por todas as lições, que ficão ſubſtanciadas; porque ha Cavallos, que tem naturalmente mais propensão, e qualidades para ſaltadores, do que para os mais trabalhos do manejo; porém he inconteſtavelmente certo que ſe elles puderem ir ſeguindo por ordem as lições, e trabalhos dos ſeus principios com o methodo regular que a Arte enſina, infallivelmente enfraqueceráõ menos, e ſe confirmaráõ com mais facilidade nos ſeus ſaltos, do que os que forem conduzidos, ſeguindo-lhes ſómente a ſua natural propensão; porque a determinação dos movimentos dos Cavallos nos ares altos faz em huns conſideravel differença dos outros: ſendo que para formar bem qualquer deſtes tres ares de garupada, balotada, e capriola ſempre os devem principiar a enſinar entre os Pilões; e eu creio que o ſeguinte methodo he o melhor.

Diſpoſições para a lição das Garupadas.

PReparado o Cavallo entre os Pilões, como já diſſe, o Meſtre o ajudará com o açoute muito moderadamente, e com a maior attenção deve obſervar todos os movimentos, e géſtos que elle fizer, para lhe dirigir as ſenſações com propriedade aos movimentos que tomar; pois que ſó deſte modo o póde enſinar a formar-ſe naquella acção que lhe he mais propria.

As primeiras vezes que metterem os Cavallos deſtinados ás garupadas entre os Pilões, devem fazellos mover para huma, e outra parte alguns paſſos, mandallos paſſar de mão, e tornallos a obrigar da meſma ſorte, affagando-os muito, e fazendo-os muito manſamente indireitar, não ſó quando ſe levantão, mas quando eſtão parados, e aſſim continuar-lhes a lição alguns dias até que deixem perceber o ar, para que tem mais propensão; e logo que iſto ſe conhecer com evidencia, por elle ter formado alguns tempos da acção, para que tem mais propriedade, o devem parar, e affagar, dando-lhe alguma herva para lhe moſtrar que fez bem. Já diſſe que o uſo, e as repetidas ſenſações he que enſinão o animal; mas para ſe lhe introduzir o coſtume, e fazer-lhe bom effeito o caſtigo, he preciſo ao Cavalleiro ir prudentemente diſpondo-o com induſtria, e com Arte.

He certo que quando moſtrão propensão para ſe formar na acção das curvetas, logo ao principio tomão os tempos do ſeu ar, ſem acceleração, ſem ſe levantar muito das eſpaduas, e ſem fazer muitos movimentos com a garupa: e então o Meſtre com o açoute, e os Ajudantes com a guia, e com a vara o vão ajudando, e enſinando á proporção do ſeu poder, adiantamento, e idade, para o ir augmentando nos tempos do ſeu ar: aſſim os que tem propensão para as garupadas, levantão-ſe, como ſe quizeſſem formar as curvetas; mas em eſtando com as eſpaduas altas, firmão-ſe nas pernas, e ſaltão para ſima, ſem moſtrar as ferraduras dos pés.

Lição das Garupadas junto ao Pilão do centro, dobrando-se o Cavallo alguma cousa para a direita.

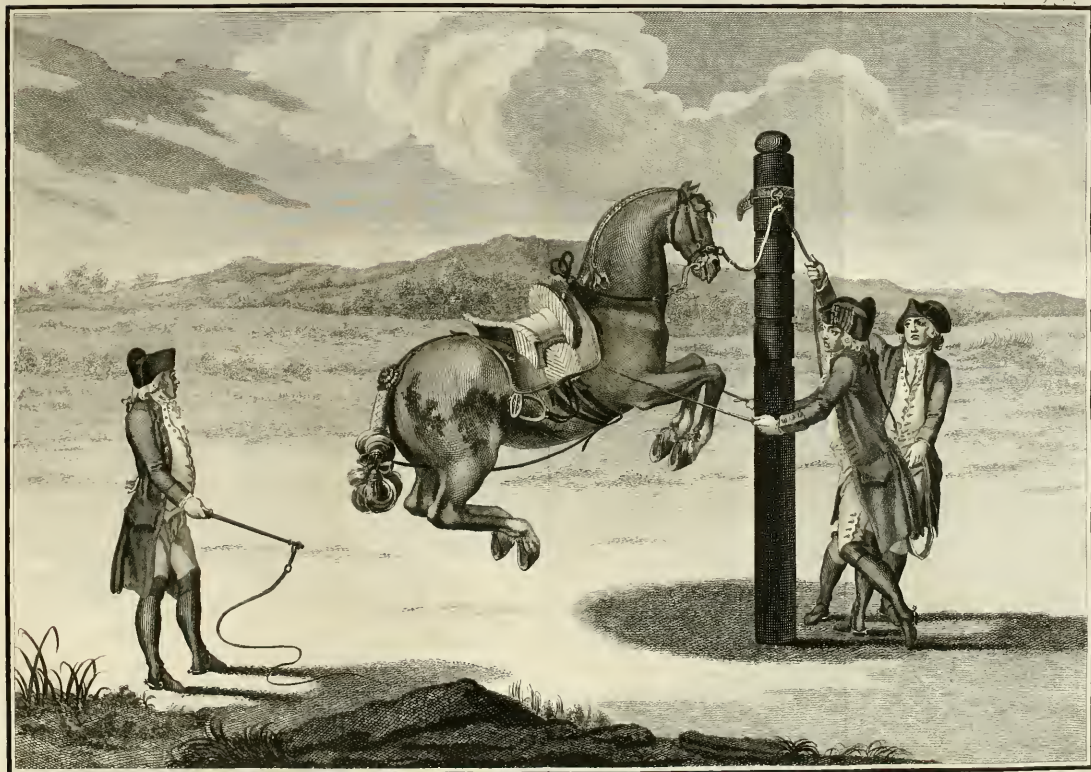
PAra se mover com propriedade para a lição das garupadas, deve levantar-se das espaduas mais que para a lição das curvetas; e tambem devem ajudallo á proporção da obediencia, e conhecimento que vai adquirindo com mais, ou menos actividade para lhe seguirem a propensão. Ora quando se levanta, comprimindo-se igualmente das espaduas, e das ancas, recolhendo os pés, e as mãos para baixo do corpo, elle tem propensão para as garupadas: por meio desta lição segura a cabeça, aligeira todas as determinações dos movimentos dos braços, e apoia-se bem sobre as ancas; porém se pelo decurso da lição formar outra qualidade de saltos, e nelles se desconcertar, ou por ficar no ar em má acção, ou por cahir mal no chão ao desmanchar do salto, nesse caso não o deveráõ parar, senão quando se apresentar na acção da garupa, como se mostra na seguinte

ESTAMPA LXXVII.

De hum Cavallo na acção das Garupadas de firme a firme junto ao Pilão do centro.

DEpois de costumado a fazer as garupadas entre os Pilões, o farão conduzir ao Pilão do centro; e o Ajudante, que estiver com a guia, depois de a descançar no gancho do correão do Pilão, a deve segurar mais, ou menos curta, segundo a grandeza, e disposição do Cavallo der lugar, sem puchar muito por ella; (principalmente quando o montarem para não o fazer desobedecer á mão, e ás redeas) mas não se deve entender que eu pertendo que as affroxem de maneira, que elle não sinta, quando for preciso, o seu effeito: em quanto não as faz com Cavalleiro, devem as ordinarias redeas do cabeção ser atadas ás cilhas: se levantar muito a cabeça, e se a abaixar, podem ser-lhe atadas aos grampos da sella, ou ás fivelas do peitoral, para de huma, ou de outra sorte o ajudarem a indireitar-se, e unir-se igualmente dos movimentos das espaduas, e do pescoço.

Junto ao Pilão deve postar-se o Ajudante B para o ajudar com as varas a endireitar-se, e fazer-se mais igual dos movimentos das mãos, tocando-lhe com a vara mais sobre aquella, que elle dobrar, e levantar menos, para que venha a levantar-se igualmente de huma, e outra parte.

Quem estiver ajudando com o açoute Fig. A, deve postar-se em boa distancia da garupa, de modo que o Cavallo o não possa maltratar, e elle o faça entrar para a acção: o que se consegue, dirigindo-lhe o açoute ao alto da garupa. Tambem os Ajudantes B, C devem concorrer uniformemente, para que o Cavallo por meio de humas, e de outras diligencias se levante á garupada; e logo que fizer algum tempo com mais propriedade, devem, proferindo a palavra *hó*, *hó*, parallo, e affagallo, maiormente se estiverem na idéa de suster-lhe a lição por este dia: e sempre

pre as lições dos ares altos lhes devem ser dadas, tanto entre os Pilões, como junto ao Pilão do centro, deitando-os á guia antes de lhes pôr o cabeção dos páos, para depois os apertarem, e os trabalhar montados nesta, ou em outra qualquer lição.

Estando assim bem costumados a fazer as garupadas de firme a firme sem Cavalleiro, devem fazer-lhes apertar a sella, montando-os primeiro entre os Pilões, para os ir obrigando a que executem esta lição com obediencia á mão, e ás pernas do Cavalleiro, a fim de os conduzir depois ao Pilão do centro para fazer as garupadas de firme a firme.

Defezas, de que usão alguns Cavallos, quando os principião a formar para a lição das Garupadas entre os Pilões, e junto ao Pilão do centro sem Cavalleiro.

1 SE o Cavallo, quando o obrigão entre os Pilões a dispôr-se para a lição das garupadas, se move com celeridade, e olha para quem o ajuda, ficta as orelhas para diante, e pára, he isto final de haver concebido medo ou do castigo do açoute, e da vara, ou das sensações do cabeção, e commummente se defende de levantar-se, encolhendo-se, ficando para trás, e chegando-se muito á parede. Neste caso deve quem o ajuda investigar qual he a causa do seu temor para a evitar, modificando as diligencias com que o obrigão, a fim de que não commetta violentas desordens.

2 Alguns tambem se defendem, movendo-se com mais pressa para huma do que para outra mão, e nem por isso he bom deixar de os fazer passar muitas vezes, e ajudallos de hum, e de outro lado; pois basta para os vencer que da parte para onde tem menos agilidade os obriguem a formar hum, ou dous tempos mais, do que para onde tem mais desembaraço; porque isto os irá facilitando da parte, donde tem mais difficuldade, sem que por capricho, ou por odio venhão a obstinar-se no seu erro. Tambem se deve observar se a desobediencia tem origem na molestia, ou na fraqueza, porque estes defeitos não os póde a lição remediar.

3 Se o Cavallo, quando o Ajudante C pucha pela guia com mais força para o obrigar a que se levante, elle firma os pés, estaca as mãos, e pucha para trás, defende-se das sensações que faz a guia sobre o cabeção, neste caso devem fazer-lhe atar logo as cordas mais compridas, e altas com proporção, para não lhe serem tão penosos os toques da guia produzidos pelo cabeção sobre o focinho; e quem ajudar com a guia, deve repetidas vezes seguralla para diante com brandura, e da mesma sorte para sima, dando-lhe logo liberdade para o ir facilitando a que se vá movendo igualmente para huma, e outra parte, de sorte que se indireite bem das espaduas, e das ancas; pois em quanto o não fizer, não se ha de levantar bem.

4 Se o Cavallo olha para quem está com o açoute, e da mesma sorte para quem está com a guia, e vara, e com as suas mãos, e pés bate na terra, escavando o chão, mostra com isto não só que tem concebido grande cólera contra hum,

e outro caſtigo , mas que eſtá diſpoſto a defender-ſe : logo quem os ajudar neſte caſo, deve fazer-lhe ſentir as ſenſações do cabeção, das varas , e do açoute com muito cuidado, e muito brandamente, affagando-o muitas vezes; porém ſe moſtrar alegria, quando ſe vai diſpondo para continuar no ſeu coſtume obſtinado, quando ſe vai preparando para continuar na deſobediencia , podem caſtigallo com a guia, açoute, e vara; e apôs iſſo fazello eſtar parado, e direito.

Depois de ſe levantar entre os Pilões, bem direito, e facil das eſpaduas, devem obrigallo a que ſe vá movendo da garupa com mais actividade : o Meſtre A lhe deve fazer ver o açoute por hum, e outro lado, e algumas vezes tocar-lhe com elle brandamente ſobre as ancas no tempo, em que eſtá ſuſpenſo das eſpaduas; e logo que ſe diſpuzer bem, fazendo alguns tempos dos ſeus movimentos conformes á acção das garupadas, devem parallo, e affagallo para lhe moſtrar que fez bem, continuando-lhe deſta ſorte as lições de dia em dia, ſem o fazer repetir ſucceſſivamente grande porção de ſaltos violentos, para que pouco a pouco ſe vá diſpondo, ſem aborrecer a lição.

ESTAMPA LXXVIII.

Do Excellentiſſimo Marquez de Marialva, formando hum Cavallo na acção das Garupadas para a direita.

EU paſſo a referir a belleza , e boa ordem com que eſte inſigne Cavalleiro ſempre coſtuma enſinar os Cavallos á acção das garupadas para a direita. Logo que premedita chamallos á acção da garupada, anima toda a ſua figura, ſegura-lhe a mão da redea duas , ou tres pollegadas pouco mais , ou menos avançada, e elevada do cepilho da ſella, de unhas aſſima para ſi, com o dedo minimo inclinado para a eſpadua eſquerda , une-lhe as pernas ao ventre igualmente logo atrás da terceira cilha , e deſta ſorte , ſegurando-lhe a mão , unindo-lhe as pernas, e tendo o corpo atrás, e firme, fallando-lhe, ou abanando-lhe a vara, o faz levantar á garupada , ajudando-o aſſim alternativamente com as ſenſações do corpo, mãos, pernas, vara, e falla, em quanto o Cavallo tem folgo, e forças para redobrar o ſalto, e formar-ſe na acção, que ſe moſtra na Eſt. LXXVIII.

Quando o Cavallo ſe fórma na acção da garupada , levanta-ſe mais alto do que para ſe formar na do meio ar , tanto das eſpaduas , como da garupa ; e logo que eſtá no mais ſubido cume do ſeu ſalto , dobra , e arregaça os braços para baixo do ſeu corpo , moſtrando por hum , e outro lado as ferraduras das mãos junto aos codilhos das eſpaduas , retirando ao meſmo tempo os pés , e as pernas bem curvadas para baixo do ventre com igual proporção; mas não deve moſtrar as ferraduras dos pés, ainda que redobre muitas vezes os ſeus ſaltos, em quanto elle tem forças para os repetir.

Vendo Sua Excellencia que o Cavallo entre os Pilões faz as garupadas , facilmente o manda tambem conduzir ao Pilão do centro para as fazer ſobre as linhas rectas de firme a firme ; e então o obriga a dobrar-ſe para a direita pela manei-

Grã-Cruz

Silva delin.

neira feguinte: fegura a fua mão efquerda de unhas affima com o dedo minimo inclinado para a efpadua efquerda, levando-a da cernelha para fóra fómente quanto bafta a fazello obedecer, e dobrar-fe do pefcoço para a direita; mas fe o Cavallo fe dobra muito, e carrega fobre a efpadua efquerda, promptamente lhe affroxa o pulfo, e traz a mão para a direita, quanto he precifo para o indireitar: apôs iffo lhe faz fentir a perna efquerda mais forte que a direita, e volta o feu corpo alguma coufa mais para a direita, á proporção do que elle fe deixa encruzar entre as forças da redea direita, e da perna efquerda; e affim alternativamente o obriga a formar as garupadas dobrado nefta acção para a mão direita, fazendo-lhe repetidas vezes fentir as fenfações das redeas, das pernas, e as de todo o tronco do corpo efpirituofas, e vivas, de maneira que o obriguem a levantar-fe com agilidade.

Lição das Garupadas para a efquerda, e noticia de algumas defèzas, de que ordinariamente usão os Cavallos, quando os obrigão a formar-fe nefta acção.

DEfendem-fe os Cavallos de fe formar na acção das garupadas depois de montados tambem por diverfos modos; e os mais ufuaes são finco. Primeiro: encoftar-fe á mão, ou pezar no freio. Segundo: fugir com a garupa mais para huma, do que para outra parte. Terceiro: entortar-fe das efpaduas, carregando mais fobre a de fóra. Quarto: puchar algumas vezes para trás antes de fe levantar. Quinto: demorar-fe em pé fobre as pernas fem faltar.

1 Se fe encofta fobre a embocadura, pezando na mão, precifa o Cavalleiro, quando o chama á garupada, tocar-lhe com as redeas para fima; e logo que fe levantar, com o pulfo muito ligeiro, render-lhe o freio, ajudando-o inftantaneamente com todos os mais movimentos do corpo, das mãos, e das pernas; mas de forte que elle forme o falto fem acceleração: advertindo que fe não deve ufar dos referidos toques do freio, fenão quando o Cavallo fe encofta á embocadura, por fugir de fe levantar á acção, ou por fe abandonar de repente, depois de fe haver levantado a ella: em taes cafos, quando fe ufa defte caftigo, o Ajudante C deve tocar-lhe com a guia para fima; e quem ajudar com as varas, deve ao mefmo tempo tocar-lhe com ellas fobre o peito, e fobre os braços até elle fe emendar.

2 A'quelle, que fugir com a garupa mais para huma, do que para outra parte, devem, fe elle foge para a direita, fegurar-lhe a perna direita, atrazar bem a efpadua direita, avançar a efquerda, não levar a mão da redea da cernelha para a efquerda, indireitando-o repetidas vezes com ambas as redeas, e com ambos os joelhos, fortalecendo-lhe ora hum, ora outro, para lhe ir vencendo a fua difficuldade. Quem ajudar com a guia, deve feguralla alguma coufa firme para a direita, quando o Cavallo fobe; e affroxalla, quando elle defce; mas fem violencia. Quem ajudar com as varas, deve poftar-fe mais defronte da efpadua efquerda, fazendo-lhe fentir as fenfações da vara mais vezes fobre ella, que fobre a direita. E quem o enfinar com o açoute, deve tambem poftar-fe mais da parte da meia anca direita, para com todas eftas diligencias o ir indireitando cada vez mais fobre linhas rectas.

Se

3 Se se entortar, lançando-se muito sobre a espadua de fóra, deve o Cavalleiro trazer a mão repetidas vezes para dentro da volta, ou dobra do pescoço do Cavallo; e logo que elle obedecer, render-lhe a mão, tornando-a ao seu lugar, contrapondo-lhe as sensações das redeas ás das pernas, pezando mais sobre o estribo direito, quando a mão entra da cernelha para a direita. Finalmente quem ajudar com a vara, com a guia, e com o açoute, deve conhecer bem o effeito que faz o uso dos movimentos do corpo, mãos, e pernas do Cavalleiro, para os toques do açoute, vara, e guia se acordarem com ellas, de maneira que a sua propria uniformidade faça perceber ao animal o que se pertende que elle execute.

4 Se pucha para trás antes de se levantar, deve, quem o ajuda com o açoute, postar-se bem pelas linhas rectas da garupa; e quem está com a guia, não lhe dar com ella para trás, nem para sima, segurando-a para diante; e tanto que o animal obedecer, dar-lhe logo liberdade. Neste caso quem está com a vara, deve ajudallo mansamente sobre as espaduas só depois delle se levantar, e daquella parte para onde se encosta mais: se se demorar com huma das mãos firme no chão, devem tocar-lhe com a vara sobre ella, posto que seja a mão daquella parte donde elle foge: se ficar para trás por temor do cabeção, devem não só não lhe dar com elle fortemente, mas forrallo, e fazer-lho alargar de modo que o possa soffrer: se conceber raiva contra quem o ajuda com o açoute, deve o Cavalleiro, quando lhe tocarem com elle, fazer-lhe sentir as pernas, e esporas, como tambem a vara, e a falla, para que a diversidade dos toques de humas, e de outras o divirtão mais da sua má tenção.

Se costumão demorar-se em pé sobre as pernas, sem formar o salto, he bom render-lhe a guia, não se postar quem o ajuda com a vara muito perto das espaduas, e o Mestre dar-lhe com o açoute por baixo da barriga nas mãos, já de hum, já de outro lado, a fim de que se mova, e levante com mais facilidade.

Para o Cavallo se dobrar na acção das garupadas para a esquerda, deve o Cavalleiro ter a mão da redea perto do cepilho da sella de unhas assima, e o dedo minimo inclinado para a espadua direita, levando a mão da cernelha para a direita, ou para fóra quanto baste, para que a redea do freio esquerda o obrigue a dobrar-se para esta parte: ao mesmo tempo devem unir-lhe as pernas ao ventre, fortalecendo-lhe as sensações da direita alguma cousa mais atrás das cilhas, para o encruzar cada vez mais entre ellas, e as da redea esquerda, como se mostra na seguinte

ESTAMPA LXXIX.

Do Cavalleiro, formando hum Cavallo na acção das Garupadas para a esquerda.

QUando principia a formar-se nesta acção, não devem dar-lhe fortemente com a vara, ou com o açoute, e menos com o ponção sobre a garupa depois de montado, antes sim devem ajudallo nos lados do ventre, e das ancas para não se desmancharem da boa acção, e dar com a garupa para sima; porque assim co-

Silva delin.t Manuel Alegre sculpsit.

como o Cavallo abaixa a garupa, quando anda á guia, se o castigão sobre ella, depois de montado, e applicado aos ares altos, logo que lhe tocão sobre as ancas, salta mais alto, e dá com ellas para sima.

Em quanto elle fórma a acção das garupadas entre os Pilões, tem o seu corpo, espaduas, e garupa mais direito, que quando fórma esta acção junto ao Pilão do centro; porém não se eleva a tanta altura entre os referidos Pilões, como junto ao do centro de firme a firme.

Os coceguentos á espora todos se encolhem, e sentem ainda os mais ligeiros movimentos das pernas, e esporas, comprimindo-se de toda a sua acção com tenacidade, e por isso não tem propriedade para a lição das garupadas, em que os toques das pernas, e das esporas são commummente precisos para os ensinar a comprimir-se, quando se fórmão na acção instantaneamente.

Lição das balotadas para a direita, e algumas explicações de varias defezas, de que usão muitos Cavallos, ordinariamente quando os principião a formar nesta acção.

PRincipião-se-lhe a ensinar a fazer as balotadas entre os Pilões, e as primeiras vezes devem fazello deitar poucas voltas á guia para hum, e outro lado, sem lhe fazer apertar a sella, o rabicho, e as redeas do freio, e cabeção ordinario, pondo-lhe o dos páos com as cordas largas, e altas, de modo que elle se possa levantar á balotada sem sentir muito a sua oppresão.

O Mestre Fig. A o deve ajudar a entrar para entre os Pilões: o Ajudante C ao mesmo tempo com a guia deve fazer diligencia pelo indireitar das espaduas, sem puchar muito forte por ella, principalmente em quanto o Cavallo está suspenso no ar, para que o temor da guia não lhe faça perder a vontade de levantar-se com promptidão. O Ajudante B com a vara o deve acompanhar, sem lhe dar com grande força; pois basta só tocar-lhe, para que sustente mais tempo a acção.

Devem muitas vezes fazello passar de mão; e logo que fizer algum salto conforme á balotada, affagando-o, parallo, e dar-lhe alguma herva para lhe fazer conhecer o que pertendem que faça; e tanto que pelo costume das repetidas lições fizer bem algumas balotadas, podem fazer-lhe apertar a sella, e montar por hum Cavalleiro, que não seja muito corpulento, para não se fatigar o Cavallo com excesso, e então obrigallo a que faça algumas balotadas; e quando mostrar sujeição ás mãos, e pernas, podem conduzillo ao Pilão do centro, para fazer as balotadas de firme a firme em liberdade; porém as primeiras vezes que o ensinarem, e obrigarem junto ao Pilão, não deve ser montado, nem ter a sella apertada, mas sim como se principia a ensinar entre os Pilões.

Disposto, como tenho ponderado, para o aperfeiçoar na lição das balotadas, devem todos os dias, que elle for ao Picadeiro, principiar-lhe a lição pelo deitar poucas voltas á guia, e depois conduzillo aos Pilões, tendo-lhe as cordas do cabeção dos páos em tal comprimento, que se lhe posão ver as espaduas pela linha da frente dos Pilões, e parapeito; e tanto que se mover com igualdade para hum,

e outro lado, tendo adquirido o coſtume de eſtar bem direito, e bem unido ao cabeção, podem ajudallo com o açoute ſobre as ancas, e ao meſmo tempo com a vara, e com a guia, e acordar as ſenſações humas com outras, para o obrigar a que ſe levante, ſem já mais o caſtigar por baixo da barriga, para não ſe comprimir por effeito das ſenſações do açoute, e vara applicadas a eſta parte, porque o Cavallo deve eſtender-ſe mais das pernas, quando faz a balotada, do que quando faz a garupada: logo neceſſariamente devem todas as ſenſações neſta lição ſer applicadas ſobre a garupa, ſem o caſtigar forte com a vara no tempo, em que o caſtigão, e obrigão com o açoute. Iſto ſuppoſto, eu paſſo a referir a boa ordem, com que o Excellentiſſimo Marquez de Marialva enſina qualquer Cavallo a fazer a acção das balotadas.

Tendo-o enſinado a fazer as balotadas entre os Pilões, e eſtando o Cavallo facil, como tenho dito, elle lhe manda tirar o cabeção dos páos, e o faz conduzir ao Pilão do centro: ora neſte caſo o Ajudante C introduz, e deſcança a guia no gancho do correão do Pilão, ſegurando-a á proporção do que o Cavallo ſe levanta, ſempre com liberdade: apôs iſſo Sua Excellencia o faz mover, deitando-lhe o açoute ao alto da garupa; e logo os Ajudantes B, e C com a vara, e com a guia o devem encaminhar, de maneira que no tempo que as ancas ſe moverem por effeito das ſenſações do açoute, as eſpaduas ſe elevem para ſima por meio dos toques da vara, e guia: e elle fórme toda a acção da balotada de firme a firme, como ſe moſtra na ſeguinte

ESTAMPA LXXX.

De hum Cavallo na acção da Balotada junto ao Pilão do centro de firme a firme.

DEfendem-ſe elles de ſe formar na acção das balotadas por tres modos. Primeiro: entortando-ſe das eſpaduas, e peſcoço. Segundo: encoſtando-ſe á parede, ou não chegando ao Pilão. Terceiro: cahindo de repente ſobre as mãos.

1 Se o Cavallo ſe entorta, por ſe lançar mais ſobre huma, do que ſobre outra eſpadua, devem em todas as lições, em que o inſtruirem, ſeja de paſſo, de trote, ou de galope, obrigallo a dar a cara mais para a parte para onde elle ſe dobra menos: logo entre os Pilões, ſe ſe encoſta ſobre a eſpadua eſquerda, deve o Cavalleiro obrigar-lhe as eſpaduas com as redeas a que ſe incline para a direita, e a garupa com a perna direita a que ſe incline para a eſquerda, &c. O Meſtre Fig. A com o açoute deve poſtar-ſe mais pela parte direita, e da meſma ſorte o Ajudante B deve poſtar-ſe com a vara pela parte da eſpadua eſquerda, tanto junto aos Pilões do parapeito, como junto ao Pilão do centro: logo ſe a difficuldade conſiſtir em ſe encoſtar ſobre a eſpadua direita, devem obrigallo pelos meſmos oppoſtos modos, ſem o deixar dobrar o peſcoço ſenão para a parte, para onde elle ſe encoſta ſobre a eſpadua, aliàs quanto mais dobrar o peſcoço para a eſquerda, mais rolará ſobre a eſpadua direita.

Se

2 Se ſe encoſta á parede, he bom fazello formar na acção mais junto ao Pilão do centro, do que entre os Pilões; e ſe foge de huns, ou de outro, devem moderar-lhe os caſtigos, de modo que perca o receio principalmente da guia, e da vara. Tambem alguns fogem de ſe chegar a elles, porque são faltos de viſta.

3 Se cahem de repente ſobre as mãos, devem dilatar-lhe as lições mais entre os páos, do que junto ao Pilão do centro, ſendo as cordas atadas altas, e curtas com proporção. O Cavalleiro deve ter o ſeu corpo bem atrás, não lhe fazendo ſentir muito as pernas, e eſporas, ſegurando-lhe a mão da redea mais firme no tempo, em que elle eſtá no ar, iſto he, (no mais ſubido cume do ſeu ſalto) rendendo-lhe logo o freio, para o não fazer inſenſivel aos ſeus movimentos: recommendo iſto, porque ſe elle ſe coſtuma a cahir de repente ſobre as mãos, não ſómente deſce do ſalto em má acção, mas de ordinario ſe arruina dos braços, e eſpaduas: logo para ſe conſervar, e ſer viſtoſo, deve cahir igualmente no terreno com os pés, e mãos ao meſmo tempo.

Dirigido aſſim tanto entre os Pilões, como junto ao Pilão do centro, vem a ſer facil em ſe levantar, e formar promptamente na acção das balotadas. Ora quando Sua Excellencia o obriga a formar-ſe neſta acção, depois de o montar, ſegura a mão eſquerda de unhas aſſima para ſi, anima com actividade todo o ſeu corpo, une as pernas ao ventre do Cavallo, ſem pezar muito forte ſobre os eſtribos; e aſſim ligado, e bem unido, o ajuda com as pernas, mãos, vara, e falla a que ſe levante á acção da balotada: então o animal por effeito de todas eſtas diligencias ſe levanta; e no tempo, em que chega ao cume do ſalto, Sua Excellencia lhe toca ligeiramente com a ponta da vara por ſima do hombro ſobre a garupa, fazendo-o por eſte modo acabar de completar a balotada.

Quando o Cavallo termina eſta acção, eſtá com os pés, e mãos no ar em linha horizontal das eſpaduas á garupa: e em lugar de metter os pés, e pernas para baixo do ventre, arregaça as mãos para os codilhos, como quando fórma a garupada; mas extende alguma couſa as pernas, e volta os travadouros dos jarretes, conſervando os curvilhões comprimidos, e aſſim moſtra as ferraduras, ficando curvado ſem diſparar os couces; e tanto obrigando-o a fazer as balotadas entre os Pilões, como junto ao Pilão do centro, ou em outra qualquer parte do manejo, ſempre ſe conſerva bem no meio da ſella, e ponto de equilibrio, e a ſua mão da redea neſta, e nas mais lições ſempre he ſuave, ligeira, e firme, como tambem as ſuas pernas são ligadas ao ventre do animal ſó com aquella propriedade de força, que baſta para o obrigar a formar-ſe na acção, ſem lhe atenuar a ſenſibilidade, nem exaltar a paixão.

Para o dobrar para a direita na acção das balotadas, ſegura a mão eſquerda de unhas aſſima, com o dedo minimo inclinado para a eſpadua eſquerda: apôs iſſo lhe faz ſentir com mais actividade as ſenſações da perna eſquerda, para o encruzar cada vez mais entre a força della, e da redea direita, e finalmente olha para onde elle ſe dobra, para em todas as acções que faz o obrigar tambem por meio do equilibrio, que ſe moſtra na ſeguinte Eſtampa.

ESTAMPA LXXXI.

Do Excellentiſſimo Marquez de Marialva, enſinando o Cavallo a formar a acção da Balotada, dobrando-o para a direita.

HAvendo-o enſinado a formar a acção das balotadas dobrado para a direita, como tenho ponderado, depois de fazer bem alguns ſaltos, o faz parar, principalmente ſe elle ſe vai inflammando; e depois de o affagar, e ſocegar, o faz tambem paſſar de mão a paſſo, e muito manſo o enſina a deſdobrar-ſe da direita para a eſquerda, como fica ponderado nas mais lições.

Lição das Balotadas para a eſquerda.

DEpois do Cavalleiro fazer paſſar o Cavallo de mão da direita para a eſquerda, todos ſabem que deve preparar-ſe a ſi meſmo promptamente, ſegurando a mão eſquerda de unhas aſſima com o dedo minimo inclinado para a eſpadua direita, avivando toda a ſua figura, unindo-lhe as pernas ao ventre para aſſim o deſdobrar, e ajudar a que ſe forme na acção das balotadas para a eſquerda.

Eu recommendo que o obriguem deſta maneira para ſe levantar ás balotadas dobrado para a eſquerda, e que o Cavalleiro ſegure a ſua mão eſquerda perto do cepilho da ſella de unhas aſſima com o dedo minimo inclinado para a eſpadua direita, para a redea, e a caimba eſquerda obrigar o Cavallo a dobrar-ſe para a eſquerda. Igualmente deve toda a figura do Cavalleiro voltar-ſe para eſta parte, á proporção do que o animal ſe dobrar, encruzando-o cada vez mais entre as forças da redea eſquerda, e da perna direita; e cada vez que pertenderem que elle faça as balotadas, devem obrigallo, ſegurando-lhe a mão, unindo-lhe as pernas, tendo o corpo firme, e apôs iſſo com a falla, e mais toques, de que tenho feito menção, devem enſinallo todas as vezes quẽ pertenderem que redobre o ſalto, e a acção da balotada; e tanto que eſtiver na maior altura do ſalto, devem tocar-lhe com a vara ſobre a garupa, a fim de conſeguir que elle ſe forme na acção dobrado para a eſquerda, como ſe moſtra na Eſt. LXXXII.

Quando o Cavallo ſe prepara para formar a balotada, no primeiro tempo move as eſpaduas como para ſe levantar á curveta, e depois, firmando-ſe igualmente nos curvilhões, ſalta de ſorte, que no tempo, em que chega á maior altura do ſeu ſalto, e ſe acha direito ſobre a linha horizontal das eſpaduas á garupa, he que regaça os braços, e move as pernas, extendendo-as alguma couſa, ſem acabar de diſparar os couces: he eſta acção viſtoſa; mas ſempre o ſalto he menos elevado, do que o da capriola, poſto que mais alto do que o da garupada, como ſe obſerva na ſeguinte Eſtampa.

Estamp. 81. pag. 404.

Silva delin. *Frois sculp.*

Silva delin. Frois sculp.

ESTAMPA LXXXII.

De hum Cavalleiro, formando o Cavallo na acção das Balotadas, dobrando-o para a esquerda.

TOdas as vezes que o Cavallo se desigualar do seu movimento, e acção, o Cavalleiro promptamente o deve remediar por meio das diligencias, que ficão expendidas, trabalhando-o nesta, e nas mais lições, tanto para a direita, como para a esquerda; e se elle resistir com tenacidade, podem para o corrigir fazello metter entre os Pilões do parapeito, e obrigallo, assim pelo que respeita ao Cavalleiro, como pelo que pertence aos Ajudantes A, B, C, sem o trabalhar em liberdade, em quanto elle não ceder do seu erro.

Lição das Capriolas entre os Pilões, e a mesma de firme a firme.

AS primeiras disposições dos Cavallos das capriolas principião a formar-se-lhes entre os Pilões, ensinando-os com a mesma ordem com que os devem formar para as lições das garupadas, e balotadas; e assim que o Cavallo mostrar propensão para fazer as capriolas, devem ajudallo com mais mimo, e cuidado, do que aos que tem sómente propensão para as mais lições; porque os que se convidão para as capriolas ordinariamente são mais colericos.

Aos que se defendem furiosos por timoratos, por exasperados, ou por caprichosos, ha dous modos de os corrigir: hum he o tempo, se elles tem pouca idade; e o outro he a lição, ou o castigo bem applicado. Logo para os fazerem ceder da sua defeza, e capricho, (se elles se não deixão formar nas lições dos ares altos pela sua propensão) he preciso castigallos; mas moderadamente, porque já mais se apresentão bem nos ares altos, principalmente das capriolas, sendo obrigados com violencia.

Mostrando elles propriedade para esta casta de saltos, devem fazellos metter entre os Pilões com as cordas proporcionalmente compridas, não só para não conceberem tanto temor do cabeção, mas tambem para terem mais desembaraço, quando chegão a completar a capriola.

Os que se apresentão na acção da garupada, e da balotada, ordinariamente o fazem por fugir da oppressão da capriola, ou por não poder alcançar a ella; e sendo os ares da garupada, e da balotada proprios para segurar-lhes a cabeça, e boca, aligeirando-os ao mesmo tempo das espaduas, porque nestes trabalhos devem apoiar-se mais sobre as pernas, do que sobre as mãos: nas capriolas porém, quando elles disparão os couces, e descem da mais forte acção do salto, sempre se vão apoiar muito sobre as espaduas, e sobre a mão: logo he preciso artificialmente aligeirallos muito das espaduas, para se apresentar com bem facilidade na acção das capriolas.

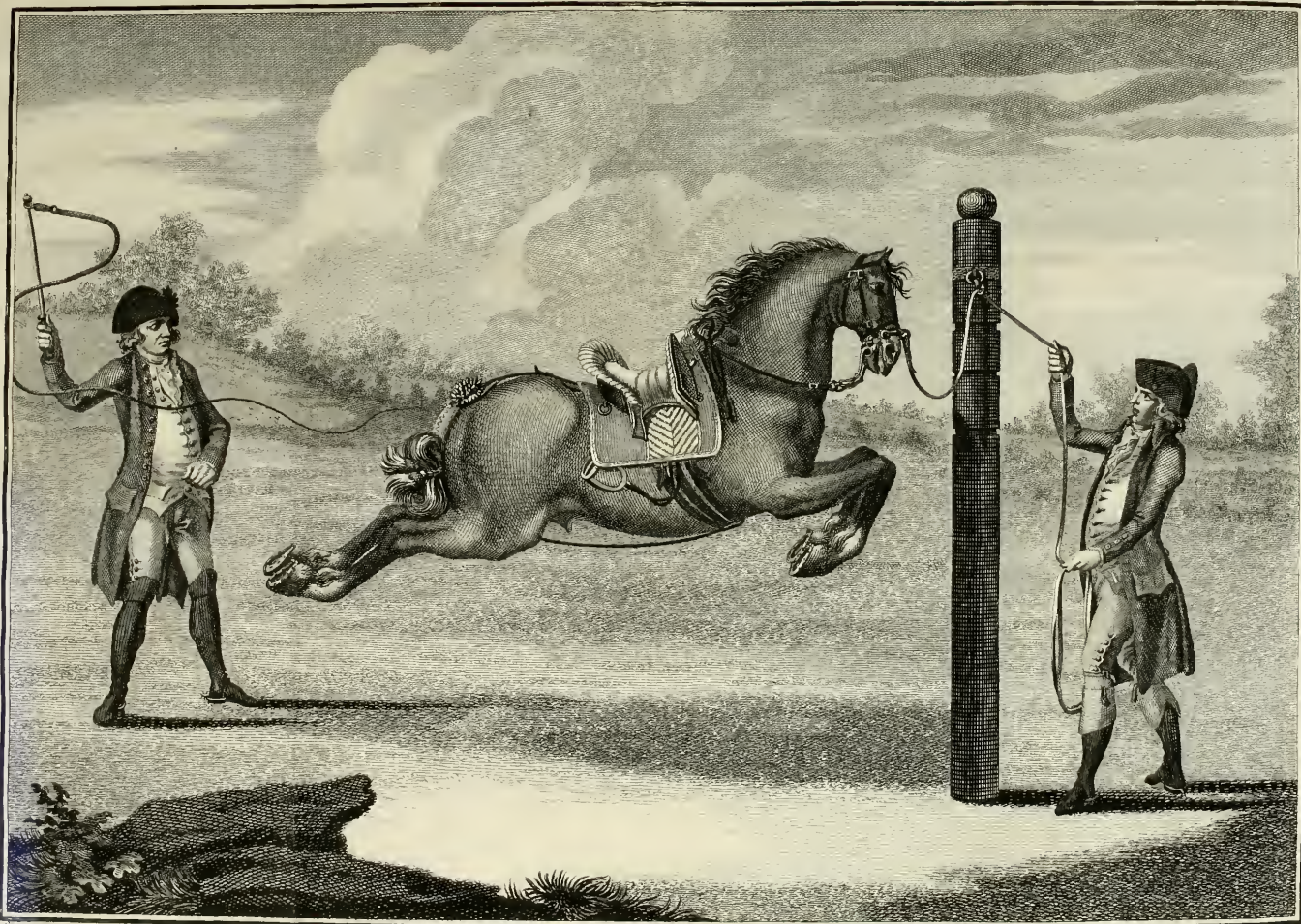
De-

Depois do Cavallo coſtumado a levantar-ſe bem das eſpaduas, lhe irão fazendo encurtar alguma couſa mais as cordas do cabeção para ſe poder unir, e ſegurar a elle, quando deſce do ſeu ſalto; e quando o virem mais livre dos raivaços, que coſtumão ter ao cabeção dos páos, o podem ir enſinando a dar os couces: o que elle com facilidade fará, logo que lhe roſſarem o Ponção ſobre a garupa, quando eſtá no mais ſubido ponto do ſeu ſalto.

Os Cavallos deſtinados para os ares altos da garupada, balotada, e capriola devem trazer rabeira (Fig. 12., Eſt. V.) não ſó para não cortarem as ſedas do cabo, ou cauda, quando diſparão os couces, ſe as encontrão entre as ferraduras, e a parede; mas tambem porque a correa, que vai das cilhas por baixo da barriga prender na correa, que vai do rabicho afivelar na rabeira, lhe faz cocegas entre as pernas, e elles agitados por ellas diſparão os couces com mais força.

Tambem deve o Meſtre A, Eſt. LXXXIII., reparar não ſe coſtume o Cavallo a dar os couces, extendendo mais huma do que outra perna, para o fazer paſſar de mão, a fim de que venha a diſparar os couces com ambas as pernas igualmente: ſendo que neſte exercicio todos extendem mais a perna da parte do centro, do que a da parte da muralha, talvez na eſperança de alcançar o Meſtre, ou quem eſtá ajudando com o açoute: iſto ſuppoſto, para o enſinar a que dê os couces com igualdade, he bom que o Meſtre com o açoute ſe lhe poſte bem pelas linhas rectas da garupa, ainda que fica ſujeito ſe alguma das ferraduras ſe deſprega a poder ella maltratallo. Se tem menos movimento na perna direita, do que na eſquerda, o Ajudante C deve ſegurar-lhe a guia mais para a parte eſquerda, para a perna direita ſe dilatar mais, e o Cavallo adquirir nella maior movimento.

Formando-ſe bem na acção da capriola entre os Pilões, podem conduzillo á primeira volta; e junto ao Pilão do centro ſobre linhas rectas, enſinallo a que faça a capriola de firme a firme: então o Ajudante C, que eſtá com a guia, depois de a deſcançar no gancho do correão do Pilão, deve em diſtancia proporcionada ſegurar o reſto della com o poſſivel apoio, e deſembaraço.

Junto ao Pilão, deve eſtar o Ajudante B com a vara, de que deve uſar para o fazer unir, indireitar, e levantar das eſpaduas, como ſe eſtiveſſe entre os Pilões, poſtando-ſe mais ſempre daquella parte para onde o Cavallo ſe encoſta mais ſobre a eſpadua, entalando-o entre as varas, e obrigando-o a que mova as mãos com igualdade: o que ſe vence, tocando-lhe mais, ou menos forte ſobre aquella mão, que ſe demora firme na terra. O Meſtre deve tambem poſtar-ſe de modo que com a maior manſidão o indireite da garupa, a fim de que, por effeito das repetidas lições, o enſine a fazer as capriolas com a facilidade, e perfeição, que ſe moſtra na ſeguinte Eſtampa.

ESTAMPA LXXXIII.

O Cavallo na acção das Capriolas de firme a firme junto ao Pilão do centro para a direita.

DEpois delle fe unir, quando o enfinarem a fazer as capriolas fobre as linhas rectas, podem tambem enfinallo a que as faça fobre a circumferencia: então he precifo fazer-lhe atar a redea do cabeção da parte do centro ao gancho do Pilão, e no tornel da parte de fóra afivelar-lhe huma guia; e quem ajudar com ella, ha de neceffariamente andar por fóra dos circulos, que o Cavallo defcreve com as piftas das mãos, e pés em torno do Pilão. O Meftre o irá moderadamente feguindo, obrigando-o com o açoute a que vá fazendo algumas capriolas, paffando-o muitas vezes alternativamente de huma para outra mão; e as fenfações do açoute, guia, e vara, tanto junto ao Pilão de firme a firme, como fobre as elipfes, que fe moftrão na Eft. LXXXIV., devem fer praticadas, como digo fe executem, enfinando-o entre os Pilões, parando-o, e affagando-o todas as vezes que fizer algum falto bem.

Com efta ordem fe lhe devem enfinar as lições das capriolas, quando entre os Pilões, e junto ao Pilão do centro principia a obedecer fem Cavalleiro. Digo que devem muitas vezes parallo, e affagallo, tanto para lhe repetir a lição, como tambem para o fazer paffar áquelle trabalho, que lhe julgarem mais conveniente, augmentando-lhe de dia em dia as lições das capriolas, até que as chegue a fazer bem em liberdade, ifto he, fem os foccorros da guia, vara, e açoute; mas fim por effeito fómente das fenfações, que lhe miniftra o Cavalleiro.

Efta lição deve principiar todos os dias pelo deitarem poucas voltas á guia; e apôs iffo mettello entre os Pilões, conduzindo-o depois ao do centro, como deixo ponderado: fe elle porém quando o deitão á guia, falta muito fobre as mãos, deve o Meftre reparar fe lhe póde refultar difto o fazer alguns esforços nos braços, e efpaduas, porque então he melhor tirallo atrás, e mettello entre os Pilões: por eftas, e femelhantes diligencias difpõe, e enfina o Excellentiffimo Marquez de Marialva os Cavallos deftinados ás capriolas, tanto entre os Pilões, e junto ao Pilão do centro, como tambem fobre as linhas da muralha. Depois fazendo-lhe apertar a fella, os monta para lhes enfinar a conhecer o governo do freio, o apoio da mão, o ufo das fenfações dos joelhos, das barrigas das pernas, dos calcanhares, e efporas, e ainda o delicado movimento de contrapezar fobre os eftribos.

Modo, por que fe deve montar o Cavallo das Capriolas entre os Pilões.

AS primeiras vezes hum Cavalleiro pouco corpulento o montará; e para o obrigar, deve fufter a mão da redea perto do cepilho da fella com as unhas voltadas para fi; logo fortalecendo toda a fua figura, lhe ligará bem as pernas á bar-

riga; e tendo ao mesmo tempo o corpo atrás, firme, e vivo, segurará a mão para si, e para sima, fallando-lhe com actividade; porque por effeito de todas estas diligencias he que se chama á capriola; e no tempo em que elle chega ao mais subido cume do seu salto, então he que o devem ajudar com a ponta da vara, ou com o ponção sobre a garupa, a fim de o fazer disparar os couces para acabar de completar a capriola.

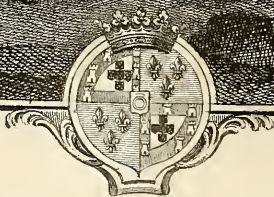
Se for preciso haver quem o ajude com o açoute, guia, e vara, todas as sensações com que o obrigarem, devem acordar-se unidas no tempo, em que elle commette o erro, e o Cavalleiro o insinua, para que pela propriedade, e união de humas, e de outras diligencias, elle siga as determinações, tanto do Cavalleiro, como dos Ajudantes, sem dúvida, ou embaraço.

A capriola he o mais alto de todos os saltos; e para o animal poder em tão breve tempo incluir nelle os movimentos precisos para a formar, he necessario levantar-se a grande altura: por isso eu tenho mostrado que por meio da sujeição adquirida pelas primeiras lições, e pelas das curvetas, garupadas, e balotadas se prepara bem para a das capriolas.

Modo de formar o Cavallo na acção das Capriolas, dobrando-o para a direita.

PAra o dobrar para a direita na acção das capriolas, costuma o Excellentissimo Marquez de Marialva segurar as redeas bem fechadas na mão esquerda, separadas pelo dedo minimo, e este alguma cousa inclinado para a espadua esquerda: firma com viveza todo o corpo atrás, une-lhe as pernas ao ventre, logo atrás da terceira cilha; (sendo por consequencia as sensações da esquerda mais activas) e depois de se haver assim disposto, com a voz, e com as redeas o chama á capriola, encruzando-o cada vez mais entre as forças da redea direita, e da perna opposta, a fim de o confirmar nesta lição bem dobrado por este modo para a direita.

Prepara-se o Cavallo no movimento das espaduas para se formar na acção das capriolas, dobrando-se para a direita, como para se apresentar na acção das curvetas; e depois firmando-se nos curvilhões, he que fórma o salto, de sorte que no tempo, em que chega á maior altura delle, e se acha direito sobre a linha horizontal das espaduas á garupa, he que dispara os couces com tanta velocidade, e força, como se quizesse separar as pernas do corpo: então (ainda que por breve tempo) recolhe os braços, dobrando-os para baixo dos codilhos, dobra os travadouros, e mostra as ferraduras das mãos, e pés, como se vê na seguinte Estampa.

Silva del.

ESTAMPA LXXXIV.

Do Excellentiſſimo Marquez de Marialva, enſinando o Cavallo a completar a acção das Capriolas, dobrando-o para a direita: e o modo de continuar a meſma lição, dobrando-o para a eſquerda.

HAvendo eu dito como Sua Excellencia fórma os Cavallos na acção das capriolas, dobrando-os para a direita, vou tambem dizer como ſe enſinão a executar a meſma acção, dobrando-os para a eſquerda.

Deve o Cavalleiro ter a mão da redea para ſi perto do cepilho da ſélla de unhas aſſima, com o dedo minimo inclinado para a eſpadua direita, ſegurando o corpo firme, e toda a ſua figura voltada (á proporção do que o Cavallo ſe dobra) para a eſquerda: deve unir-lhe ao meſmo tempo as pernas ao ventre, fortalecendo-lhe apôs iſſo a redea de dentro mais activamente, para o encruzar bem entre a força da perna direita, e da redea eſquerda. Logo tambem para as fazer para eſta parte com a viveza dos movimentos do corpo, com a voz, e com os toques das pernas, devem chamallo á capriola, a fim de que por effeito de todas eſtas diligencias a faça, dobrando-ſe para a eſquerda, com graça igual áquella, com que já diſſe elle as deve fazer, quando por ſemelhante modo he obrigado a fazer as capriolas, dobrando-o para a direita.

Ainda que eu digo que os Cavallos, por meio das lições das curvetas, garupadas, e balotadas, ſe preparão para a das capriolas, com tudo devo advertir que ha muitos, que tendo propensão para as curvetas, não a tem para as garupadas; e fazendo outros as balotadas, não podem alcançar a fazer as capriolas; e he certo que ſe os obrigão a formar aquelles ares, e ſaltos, para que não tem propensão, e poſſibilidade, elles ſe deſgoſtão, ſe abatem, e ſe arruinão.

Os ares da garupada, balotada, e capriola fazem entre ſi as ſeguintes differenças: na garupada, quando o Cavallo ſe levanta á maior altura do ſeu ſalto, recolhe as pernas, e os pés, dobrando-os para baixo do ventre, e moſtra as ferraduras das mãos, ſómente por baixo dos codilhos, por hum, e outro lado das eſpaduas, como ſe vê na Eſt. LXXVIII.

Na balotada, logo que eſtá no mais ſubido do ſeu ſalto, recolhe as mãos dobradas para baixo dos codilhos, como faz na garupada; porém ſem curvar tanto as pernas para baixo do ventre: moſtra as ferraduras dos pés, e fica bem diſpoſto para diſparar os couces, ſem acabar totalmente de ſe extender das juntas dos ſeus quadrís, e curvilhões, como faz na capriola, e ſe obſerva na Eſt. LXXIX.

Nas capriolas porém ſobe para ſima o mais que póde; e quando chega á maior elevação do ſalto, diſpara os couces, extendendo-ſe das juntas dos quadrís, e curvilhões, como ſe quizeſſe ſeparar as pernas do ſeu corpo, como ſe moſtra na Eſt. LXXXIV.

Todos os Cavalleiros para enſinarem os Cavallos com perfeição em todas as

lições, de que tenho tratado, depois de praticadas as primeiras inſtrucções, devem diſpôr-ſe a ſi pelo methodo que tenho referido, o qual praticárão, e praticão os inſignes Cavalleiros, de que tenho feito menção; porque ſó pelas expoſtas diligencias ſe conſegue ſujeitarem-ſe elles, como obedecião, e obedecem a eſtes tão grandes, como não vulgares exemplares, de que me tenho valido para a inſtrucção dos que ſe quizerem applicar a eſta Arte; e ouſo dizer, que, ſeguindo outro methodo, jámais os Cavallos ſe formaráõ bem nas brilhantes acções, que ſe moſtrão nas Eſtampas deſta collecção, e na ſeguinte

ESTAMPA LXXXV.

O Cavalleiro formando hum Cavallo na acção das Capriolas, dobrando-o para a eſquerda.

O Paſſo, e ſalto he formado de tres tempos. O primeiro, he de galope curto, junto, e unido, como o terra á terra: o ſegundo, he huma curveta: e o terceiro huma capriola. Newcaſtle no Cap. 25. Pag. 138. reprova eſte ar; e he certo que os mais vigoroſos ſalteadores das capriolas, tendo continuado por muito tempo neſte exercicio, fórmão o paſſo, e ſalto, para entre a galopada, e curveta deſcançarem, e tomarem depois melhor o tempo da capriola.

Todos ſabem, e eu tenho por muitas vezes repetido, que os Cavallos ſalteadores são colericos: logo poſſuindo elles eſtas qualidades, devem ſer tratados com muito cuidado, para que a ſua cólera não deſtrua o ſeu preſtimo. Para os Cavalleiros vencerem as difficuldades, principalmente aos colericos, precisão obſervar com exacção todo o comportamento dos ſeus géſtos, e movimentos; e tanto que por elles ſe lhes conhecerem ſentimentos de cólera, principalmente nas lições dos ares altos, devem modificar-lhes os caſtigos, e reduzillos brandamente por lições mais dilatadas, e ſucceſſivas.

Finalmente os Cavallos deſtinados para as capriolas, além de fortes, ſenſiveis, ſagazes, e promptos, devem ter boa conſtrucção, iſto he, o peſcoço bem formado, e antes comprido do que curto junto á ganacha Eſt. III., N. 23., a cabeça pequena, e eſcarnada, a boca ſenſivel com boa proporção. Não devem ſer compridos de eſpinhaço, nem demaziadamente altos de pernas, ou muito curtos, e baixos dellas, as canas dos braços devem ſer iguaes com as canelas delles, devem ſer iguaes no ſeu poder, tendo boa propensão, ou huma indole, que ſe deixe vencer, e dominar, &c.

Tra-

Silva delin.t Luis Ferñz. Piedra sculp.t

Trata-se de como se costumão formar as Escaramuças, e outros divertimentos proprios para se adestrarem os Cavallos na Arte da Cavallaria, e no modo de manejar as armas.

SAõ as Escaramuças, como tambem as Parelhas, e os desafios das Lanças decontoadas, os das Alcanzias, e outras carreiras, de que vou tratar, muito agradaveis, e festivas para o público nas praças; mas he preciso em todas haver sempre a boa ordem, que ao diante se dirá.

A' hora determinada, estando patente o objecto a quem se tributão os festejos, devem fazer-se as entradas, as quaes podem constar de diversos divertimentos, como são Danças, Musicas, Batimentos militares, Carros Triunfaes, Mascaras, e outros, &c.

Depois de todos haverem feito o seu dever, e sahido para fóra da praça, devem entrar nella os Pagens, que hão de servir aos Cavalleiros, os quaes costumão fazer tres cortezias para a tribuna, ou camarote principal, trazendo sempre os chapéos na mão, maiormente se as festas forem Reaes, posto que os que servirem de Pagens sejão Fidalgos.

Se os Pagens forem poucos em numero, devem perfilar-se em frente; mas se forem muitos, então devem formar-se em huma columna de duas fileiras; e parando no meio da praça, (quer vão formados de huma, ou de outra sorte) devem todos ao mesmo tempo fazer a continencia, pondo o joelho esquerdo em terra, sendo mecanicos; e sendo Fidalgos, só costumão curvar o joelho direito por detrás do esquerdo. Feitas do mesmo modo a segunda, e terceira cortezia, marcharáõ para diante, dividindo-se em duas fileiras junto á trincheira, para cada huma discorrer por seu lado da praça até á porta, em que se costumão unir a pares; e depois de perfilados, fazerem huma cortezia geral a todos os espectadores; e neste caso, sendo mecanicos, só costumão curvar o joelho direito; e sendo Fidalgos, fazem esta ultima continencia só com o chapéo, e sahem para fóra da praça.

Quando estão presentes Suas Magestades, e Altezas, costumão os Pagens fazer-lhes as cortezias, e logo passar a fazellas ás Damas do Paço, indo defronte do seu camarote junto á trincheira dividir-se, como está recommendado. Sendo os Pagens mecanicos, costumão as Damas sómente levantar-se em quanto as cortejão; mas sendo elles Fidalgos, logo que entrão na praça, as Damas se levantão em quanto se fazem as cortezias a Suas Magestades, e Altezas, ficando em pé até se lhes fazer a continencia, á qual correspondem, fazendo misura, e não se assentão em quanto elles não sahem da praça.

Logo que sahem os Pagens, immediatamente devem entrar as azemolas, que trazem os caixotes, em que se conduzem os escudos, as lanças de correr Pombos, Argolinha, Estafermo, os Vasos, Alcanzias, Pombos, Bilhas, &c. os quaes caixotes devem os Pagens acompanhar, fazendo-os pôr com ordem nos lugares, que lhes pertencem em cada castello, para servirem aos Cavalleiros com presteza. Sendo os Pagens Fidalgos, não acompanhão os caixotes, mandão fazer esta diligencia por su-

jeitos que elegem para este fim, os quaes costumão vestir com diverso uniforme daquelle, que vestem os Pagens, e Cavalleiros, ficando sempre ao pé dos caixotes para tirar, e guardar nelles quanto os Pagens Fidalgos houverem de ministrar aos Cavalleiros.

Os vestidos dos que servem de Pagens devem ser uniformes, isto he, os de cada esquadra deveráõ vestir de sua côr; porque ainda que as Cavalhadas sejão feitas por Fidalgos, e elles possão usar de vestuarios, e mascaras ricas, he mais vistoso serem vestidos deste modo uniforme, do que ser cada hum de sua côr.

· He bom haver hum terreno murado em roda junto á porta, aonde he a entrada da praça, para os Cavalleiros montarem a cavallo, e verem se os arreios estão postos em boa ordem, principalmente o freio, e a sella, como tambem se os loros tem os estribos em bom comprimento, se estão as cilhas bem apertadas, o rabicho em boa proporção, e o Cavallo livre de congocha, &c.

Nos ensaios devem os Cavalleiros observar se os Cavallos tem medo dos Peitoraes de guizos, das lanças decontoadas, dos arremeções dos dardos, ou das canas, do estrondo dos Timbales, do éco dos Clarins, e mais instrumentos béllicos, como tambem se se incommodão com os enfeites do pescoço, e cauda, ou com os toques da espada na barriga, e garupa, e finalmente se duvidão chegar-se aos candieiros dos Pombos, Argolinha, Estafermo, &c. para não se arriscarem a negar-se-lhe o Cavallo por medo de alguma daquellas cousas, de que se ha de usar nos festejos.

Devem os Cavalleiros formar-se em columna para entrar na praça, ao menos de seis cada fileira, os do lado direito costumão vestir-se de huma côr, e os do esquerdo de outra, isto he, se os da fileira direita vestem de encarnado, os da esquerda devem vestir de outra côr, sendo as plumas dos chapéos brancas, e os fiadores das espadas da côr dos vestidos.

Só na mão esquerda se deve calçar luva, a qual deve ser branca, as pulainas de todos os Cavalleiros devem ser brancas, atacadas com fittas da côr do vestido; e senão forem os ditos Cavalleiros penteados de rabo de raposa, devem ser feitos os chicotes com fittas da côr do vestido.

Os Cavallos costumão ser enfeitados nas clinas, e nas caudas com fittas, que lhes fiquem bem, segundo a côr de cada hum: as sellas devem ser as de huma fileira amarellas, e as de outra encarnadas, como tambem as redeas, as cabeçadas, os rabichos, e as pontas das cilhas, &c. os chareis devem ser uniformes com os peitoraes, e enfeites, as ferragens de huma esquadra costumão ser prateadas, como tambem os cópos dos freios, e os estribos: logo por consequencia as ferragens dos jaezes da outra esquadra devem ser dourados, e da mesma sorte os cópos dos freios, e os estribos.

Re-

Regras geraes das Escaramuças, usando os Cavalleiros nellas das lanças decontoadas.

SEndo tudo em boa ordem, (se entrão na praça com as lanças decontoadas para fazer a primeira Escaramuça) costumão os Cavalleiros conservar os Cavallos na marcha, alguma cousa distantes huns dos outros, para não se maltratarem com as lanças, ou se apertarem, e fazerem os da retaguarda alcançaduras nos pés dos Cavallos da vanguarda.

Costumão os Cavalleiros, formados em columna dous a dous, entrarem de passo até ao meio da praça; e sem tirar os chapéos, fazer com as lanças as continencias de sete tempos.

O primeiro se executa, parando os Cavallos firmes, e bem iguaes todos os pares, emparelhados, ou perfilados hum com outro Cavalleiro.

O segundo pegando bem pelo meio da lança com a mão direita, de maneira que o braço fique alguma cousa arcado, e a mão voltada com as unhas para sima (Est. LXXXVI., Fig. 1., Letra A) descançando sobre o osso do quadril direito Letra B.

O terceiro he affastar o braço para fóra, e levantallo até á altura a que elle póde alcançar Fig. 2., Letra C, brandindo a lança duas, ou tres vezes.

O quarto apresentar a lança, extendendo o braço bem para diante Fig. 3. com as unhas da mão direita voltadas para a Letra D, a fim de que o braço fique direito pela linha horizontal do hombro.

O quinto tornando a levantar o braço até á altura da Letra C para brandir a lança segunda vez.

O sexto he arremeçalla para trás Fig. 4., fazendo-a correr pela mão, de sorte que a botana Letra F venha encalhar entre os dedos, e a palma da mão.

O setimo deixar cahir o braço para baixo com graça Fig. 5., até descançar a mão sobre a coxa da perna direita: depois disto fará o Cavalleiro andar o Cavallo para diante alguns passos; e parando-o, fará pelo mesmo modo a segunda, e terceira cortezia: acabada a ultima, deixaráõ ficar os recontros das lanças de rastos, obrigando os Cavallos a passearem, o mais que puder ser dobrados, hum para a direita, outro para a esquerda, até chegarem á trincheira da tribuna, para quando se dividirem, levantando os Cavallos de galope, traçarem as lanças ao meio, pegando-lhe com a mão direita voltada de unhas abaixo, conservando a lança alguma cousa cruzada sobre o pescoço do Cavallo, como se vê na Fig. 6. da Estampa LXXXVI.

Nas passagens que fizerem as Esquadras huma por junto da outra, devem os Cavalleiros brandir as lanças, levantando o braço direito alto, olhando cada hum com graça, e agrado para o seu competidor.

Se formarem alguns circulos em redopios, será vistoso os Cavalleiros da fileira do centro fazer galopar os seus Cavallos na acção da volta ao revés, para não voltar a cara aos Cavalleiros da fileira que anda por fóra; mas quando o guia da

fi-

fileira do centro quizer ſahir deſta figura para tomar outra direcção, deve fazer paſſar o Cavallo de mão, e aſſim os mais da ſua eſquadra, até ſe arroſtarem outra vez com o primeiro guia, e mais Cavalleiros que o ſeguem.

Nas figuras planas, que huns, e outros vão marcando no terreno, logo que o primeiro guia partir para o ſegundo, deve a direcção da figura da Eſcaramuça permittir que huns, e outros fação paſſar os ſeus Cavallos de mão, de ſorte que fiquem dobrados huns para os outros, iſto he, ſe a primeira eſquadra vai encontrar a ſegunda pelo lado direito, os Cavallos de huma, e de outra eſquadra devem galopar dobrados para a direita; e ſe ſe encontrão pelo lado eſquerdo, huns, e outros deverão obrigallos a galopar, dobrando-os para a eſquerda.

Todas as figuras das Eſcaramuças devem ſer contrapoſtas, ou deſencontradas no terreno para encherem mais a praça; e quando ellas ſe acabarem, deverão poſtar-ſe os Cavalleiros em linha de batalha, cada Eſquadrão em ſeu caſtello.

Modo de manejar os arremeções das lanças decontoadas.

ACabada a primeira Eſcaramuça, que não deve ſer muito dilatada, pois baſta que em cada huma figura ſe faça huma até duas voltas; e poſtos os dous Eſquadrões em batalha, deverá o primeiro guia ſahir do lado direito do ſeu caſtello a paſſo, cortando o terreno de modo que vá paſſar pela vanguarda do caſtello do ſegundo eſquadrão. Ora quando chegar defronte do ſegundo caſtello, deverá com o maior deſembaraço levantar a lança; e depois de a fazer brandir duas, ou tres vezes, a apreſentará; e logo curvando alguma couſa o braço, a arremeçará para trás até encalhar a botana entre os dedos, e a palma da mão, para vir a ficar o recontro da lança de raſtos pela terra, conſervando-ſe por eſte modo até haver paſſado por toda a frente da vanguarda, para então levantar o Cavallo de galope, e traçar a lança ao meio: o que ſe faz, pegando-lhe com a mão direita de unhas abaixo, ſegurando o reſto com a mão eſquerda de unhas aſſima, para ſe defender melhor do arremeção do ſeu contrario.

O guia do ſegundo Eſquadrão deverá ſahir a acceitar-lhe o deſafio, o qual por politica deve tambem arremeçar a lança neſta primeira carreira para trás, ainda que o primeiro guia ſe ponha em acção de defender-ſe.

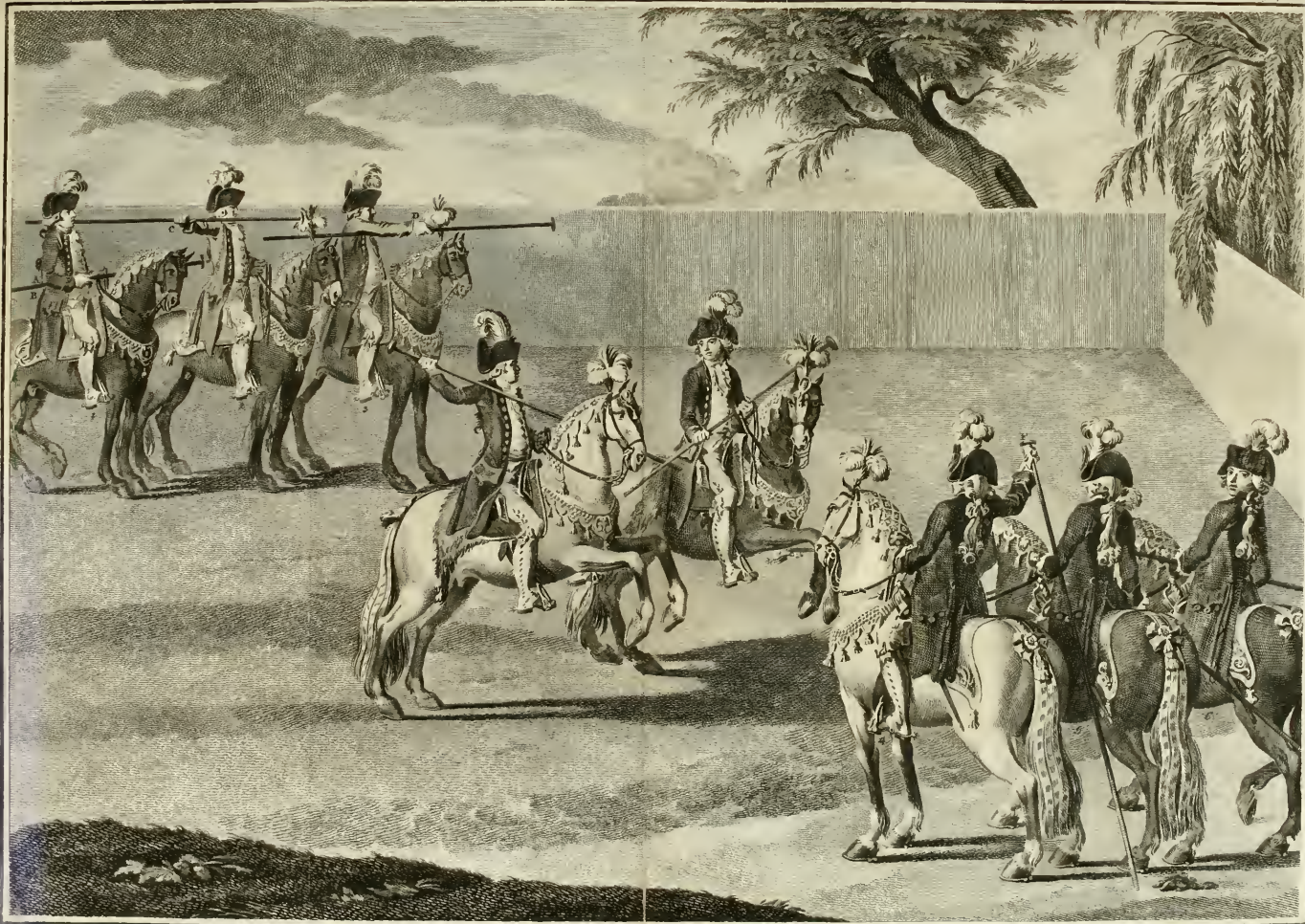
O arremeção da lança coſtuma fazer-ſe de quatro tempos.

O primeiro he affaſtar bem o braço do corpo (Eſt. LXXXVI., Fig. 1., Letra C.)

O ſegundo apreſentar a lança, extendendo o braço para diante quanto elle puder alcançar, ficando a mão na linha horizontal do hombro Letra D.

O terceiro voltar a lança em roda por ſima da cabeça, de maneira que o recontro fique voltado para o lado eſquerdo Letra E.

O quarto arremeçalla, ou apontalla ao ſeu competidor, deixando-a correr por entre os dedos, e a palma da mão, de ſorte que a botana venha encalhar na mão; e tudo iſto deve ſer feito com tanto cuidado, que lhe não falte a lança fóra da mão, porque ſe iſto acontece, reputa-ſe o Cavalleiro por fraco, e pouco deſembaraçado.

Os

Os tempos do manejo da lança devem fazer-se, tendo-a sempre bem fechada na mão, e o tiro offensivo do arremeção deve sempre dirigir-se, ou apontar-se do quadril até ao joelho.

No tempo, em que o Cavalleiro faz o arremeção, deve o que lhe vai fugindo reparar o golpe, rebatendo-o com o recontro da sua lança, para o que a deve segurar bem com a mão esquerda pela parte que fica para a botana Letra F, dando com a direita, que determina o recontro fortemente para sima, a fim de se livrar do golpe.

Tambem o que vai fugindo, logo que rebate o golpe, deve parar, e a passo fazer marchar o Cavallo para o seu castello, indo pela retaguarda occupar o primeiro lugar do lado esquerdo, donde irá obliquando para o lado direito, á proporção dos Cavalleiros, que vão sahindo delle para correr.

O offensor não deve emprender segundo golpe, ainda que o intervallo do terreno, e do tempo o posśão permittir: tambem se deve fazer diligencia por empregar o golpe, quando o que foge vai mais bem disposto para se defender, porque então hum, e outro Cavalleiro ficão mais vistosos nas suas acções.

ESTAMPA LXXXVI.

Seis Cavalleiros correndo lanças decontoadas para a direita.

DEvem os Cavalleiros conservar-se distantes hum do outro, duas braças pouco mais, ou menos, para ser vistosa a carreira, e poderem fazer bem o jogo, ou o choque dos arremeções das lanças.

Aquelle, que correo a lançada, logo que chegar á frente do castello dos seus contrarios, doze até quinze passos pouco mais, ou menos, deve voltar em roda sobre a direita; e depois de fazer assim hum quarto de conversão sobre a direita, fugirá para o seu castello, recolhendo logo a lança, e traçando-a ao meio com a mão direita de unhas abaixo, ajudando-se com a esquerda de unhas assima para se defender daquelle que o vier seguir.

Deste modo correrá alternativamente cada Cavalleiro duas, ou tres carreiras, de sorte que o ultimo que finalizar este divertimento, em lugar de fazer o tiro ao contrario como os mais, deve arremeçar a lança para trás, como fizerão na primeira carreira os guias, fazendo logo marchar o seu Cavallo de passo até ao castello do seu esquadrão, levando o recontro da lança de rastos, e o braço extendido sobre a coxa da perna direita, buscando entrar no seu castello pelo lado esquerdo, indo pela retaguarda do esquadrão occupar o lugar que lhe pertence.

Advertencias.

SE a lança quebrar, deve o Cavalleiro lançar logo o resto della para a parte de fóra, e metter mão á espada: ora em tal caso não deverá o competidor fazer-lhe o arremeção da lançada, mas sim apresentalla, e deixalla correr para trás.

Se

Se a lança lhe ſaltar fóra da mão, aquelle a quem iſto acontecer deverá tambem logo metter mão á eſpada, e defender-ſe o melhor que puder; e o competidor deve atirar-lhe o arremeção, porque o perdimento da lança ou procede da falta de agilidade, e cuidado, ou de fraqueza.

Se o recontro da lança encalhar entre a perna do que vai fugindo, e o arção da ſella, ou a arçoeira, elle fará obliquar o ſeu Cavallo para fóra, ſem ſahir muito para diante, ou ficar demaziadamente para trás, a fim de que não ſucceda entrar a lança, de maneira que o deite fóra da ſella.

Se algum dos Cavallos tropeſſar, e cahir, deve o Cavalleiro, que fica montado, apear-ſe logo, e fazer diligencia por livrar o outro do perigo, o qual ſenão ficar muito maltratado, montará, e tornará a continuar a carreira; mas no caſo de ficar magoado, recolher-ſe-ha; e em lugar do que deo a quéda, ſahirá outro a completar o deſafio, ou carreira pelo methodo que fica ponderado.

Regras geraes das Eſcaramuças, fazendo-as os Cavalleiros com a eſpada na mão.

QUando não ſe uſa das lanças decontoadas, coſtumão os Cavalleiros trazer a eſpada na mão, e em tal caſo entrão na praça a pares, formados em columna, mediando ſempre entre hum, e outro Cavalleiro hum eſpaço de terreno ſemelhante ao que occupa o comprimento de hum Cavallo; e tanto que os guias chegão ao meio da praça, coſtumão parar firmes, e tirar os chapéos com deſembaraço, e boa graça, pegando-lhe com a mão direita pela parte direita do bico de diante, e ſem encurvar o braço, de vagar o vão abaixando até a mão, e o chapéo deſcançarem ſobre o lado da perna direita; e apôs iſſo ſe fazem recuar os Cavallos aquelle eſpaço de terreno, que a praça permitte, porque ao meſmo tempo devem os Cavalleiros de ambas as fileiras fazer tambem as cortezias, e da meſma ſorte obrigar os Cavallos a que recuem, de maneira que o ultimo da retaguarda faz recuar o ſeu Cavallo até á parede; porém os que lhe vão ficando para a vanguarda, poſto que devão tambem tirar atrás, não os devem deixar perder a obſervação da diſtancia, e de terreno, que deve medear entre cada hum, (como deixo notado) tanto fazendo-os marchar para diante, como obrigando-os a recuar.

Se os Cavalleiros não são Fidalgos, e aſſiſtem as Peſſoas Reaes publicamente, logo que elles chegão á porta da praça coſtumão tirar os chapéos, marchando até ao meio della deſcubertos para fazerem as continencias; porém ſenão aſſiſtem Suas Mageſtades, e Altezas, não tirão os chapéos ſenão quando chegão ao meio da praça; advertindo que Suas Mageſtades, e Altezas eſtão occultos, logo que tem cortinas de alto abaixo pelo vão da boca do camarote, ou tribuna Real, poſto que ellas eſtejão prezas com laços de fittas pelo meio; porque quando aſſiſtem publicamente, coſtuma o Somilher vir correr a cortina para os lados da tribuna: o que ſe não faz, quando ellas eſtão prezas, e por conſequencia Suas Mageſtades, e Altezas occultos.

Acabadas as cortezias, coſtumão os Cavalleiros fazer marchar os Cavallos pa-

para diante, de paſſo, mas vivo até chegar á trincheira, que fica por baixo da tribuna, ou camarote, para onde ſe fizerão as continencias, junto da qual, depois de ſe cumprimentarem huns aos outros com reciprocas cortezias, põem os chapeos; e ſeparando-ſe o primeiro guia para a direita, e o ſegundo para a eſquerda, principião a eſcaramuça.

Logo que voltarem, depois de pôr os chapeos, quando o braço direito deſcer para baixo, deve ir pela parte de fóra do braço eſquerdo puchar pela eſpada, levantando cada hum o ſeu Cavallo de galope, dobrando-o para o centro, iſto he, o primeiro guia deve-o dobrar para a direita, e o ſegundo para a eſquerda; pois ſó aſſim os podem todos fazer galopar dobrados para dentro.

Se as cortezias são feitas, aſſiſtindo publicamente Suas Mageſtades, e Altezas, e os Cavalleiros são Fidalgos, coſtumão eſtes tirar os chapeos, quando chegão ao meio da praça; e então o Somilher, ou Camariſta acaba de correr a cortina, e Suas Mageſtades, e Altezas, em quanto ſe lhes fazem as cortezias, coſtumão eſtar em pé, e os Cavalleiros, acabada a ultima, obrigão os Cavallos a ladear para defronte do camarote das Damas do Paço, a quem fazem huma cortezia, á qual ellas correſpondem, &c. e depois vão dividir-ſe junto á trincheira para dar principio á eſcaramuça, como já diſſe.

Se os Cavalleiros são mecanicos, não coſtumão Suas Mageſtades, e Altezas ficar em pé, ainda que as cortezias lhes ſejão feitas pelo meſmo modo, e ſómente as Damas do Paço ſe conſervão em pé, em quanto ſe lhes fazem as cortezias, ſem praticar com elles outro cortejo.

Os Pagens coſtumão acompanhar os Cavalleiros, por hum e outro lado de fóra da columna; e logo que elles parão a primeira vez, os Pagens ficão firmes até ſe acabar a ultima cortezia, de ſorte que acabadas ellas os Cavalleiros partem para diante, e os Pagens de cada eſquadrão vão poſtar-ſe junto dos caixotes, que eſtão em cada caſtello: iſto ſerve tambem para ajudar a endireitar os Cavallos quando recuão, e quando marchão para diante.

As figuras da eſcaramuça devem ſer diſpoſtas, tanto nos accommettimentos, como nas retiradas, e divisões, de maneira que os Cavalleiros dem ſempre a direita huns aos outros, para quando ſe encontrarem tocar as eſpadas brandamente humas pelas outras, fazendo eſta acção com os braços direitos altos, e com graça; e acabada a eſcaramuça, cada fileira ſe vai poſtar no ſeu caſtello, que ſempre deve ſer em angulos oppoſtos.

Tambem ſe fazem as eſcaramuças dobradas, iſto he, de quatro fios; mas são difficultoſas, de ſorte que ainda ſendo compoſtas de Picadores, lhes cuſta pollas em prática com perfeição; porque para paſſarem de humas para outras figuras, neceſſariamente hão de fazer algumas paſſagens no centro, e ahi he que eſtá a difficuldade; pois he preciſo os Cavalleiros medirem bem as diſtancias do terreno, e os Cavallos ſerem muito promptos para paſſarem huns por entre os outros, ſem ſe embaraçarem: finalmente as eſcaramuças todas devem ſer ſemelhantes ás evoluções militares, para os Cavalleiros por ellas ſe adeſtrarem para a guerra.

Methodo de correr Parelhas.

POsta em prática a escaramuça, para se acabar, correndo parelhas, devem os Cavalleiros no fim da ultima figura encontrar-se defronte da tribuna, ou camarote principal; e unidos a pares, devem correr a toda a brida emparelhados da trincheira até ao meio da praça, em que devem parar firme para fazer a cortezia com a espada, e marchar de passo até á trincheira, em que novamente devem levantar os Cavallos de galope para ir fazer outra cortezia.

Os Cavalleiros ambos devem correr ajustados, encruzando as espaduas huma sobre outra, (Est. LXXXVII., Letra A) sendo bem iguaes hum, e outro em toda a sua acção, e velocidade; por isso as cabeças dos Cavallos devem ir iguaes huma com outra: o Cavalleiro, que deixa passar o seu Cavallo adiante, he culpado na falta de boa ordem.

Quando fazem a parada, devem ficar bem perfilados hum com o outro em linha recta, fazendo a continencia da espada de tres tempos.

O primeiro he desencruzar a espada, levando ambos o braço para o lado direito Est. LXXXVII., Fig. 1., e Fig. 2., Letra B, e Letra C.

O segundo apresentar a espada Letra D, levantando-a de sorte que cheguem as guardas á altura da cara do Cavalleiro.

O terceiro fazer a continencia com desembaraço até descançar a mão sobre o joelho direito, ficando a ponta da espada para diante Letra E; e sendo isto executado com desembaraço, e boa graça, devem fazer marchar os Cavallos para diante de passo até á trincheira, mas vivo, fazendo ambos meia conversão sobre a direita, a fim de virem correr segunda carreira, e fazer segunda cortezia já emparelhados a quatro.

Os Contra-guias, ou segundo par, tendo corrido a parelha, e feito a cortezia, como os guias, ou primeiro par, devem da mesma sorte marchar até á trincheira, e fazer meia conversão sobre o lado esquerdo, para se irem encorporar com os guias, de sorte que a segunda carreira he feita por quatro Cavalleiros, e a terceira he feita por todos os doze; a saber: quatro na vanguarda, quatro no centro, e quatro na retaguarda.

ESTAMPA LXXXVII.

Dous Cavalleiros correndo Parelhas; e o modo de pôr em prática o desafio das Alcanzias.

NO intervallo das escaramuças tenhão os Cavalleiros usado nellas das lanças, ou da espada, se quizerem jogar as Alcanzias; os Pagens lhes devem conduzir os Arnezes, ou Escudos, que tirando-se dos caixotes, lhos devem apresentar em bandejas: costumão elles ser fabricados, huns de sola, (que são melhores) e outros de papelão; mas assim huns, como os outros devem ser pintados á maneira de

Silva delin. Froy Sculp. L.a

de Arnezes, iſto he, dourados, ou prateados, tendo no meio ſuas tarjas pintadas á vontade do Cavalleiro, em que pela maior parte ſe coſtumão gravar as ſuas armas, ou aquelle emblema, ou inſcripção, de que elle quer uſar. Tambem deve cada eſcudo pela parte concava ter duas prezilhas de couro fortes, e maſſias, (como ſe vê na Fig. 4. da Eſt. LXXXVIII., Letra E) a que chamão embraçadeiras, para ſe poder ſegurar bem o eſcudo no braço eſquerdo.

As Alcanzias são humas formas de barro oucas, tamanhas de laranjas pequenas, as quaes depois de ſeccas no forno com pouco calor (para ſe quebrarem com brevidade) coſtumão pintar-ſe de varias cores.

Eſtando os Cavalleiros formados em batalha, e cada eſquadrão em ſeu caſtello, os Pagens lhes coſtumão conduzir as Alcanzias em bandejas, donde as recebem, e guardão em huma algibeira grande, que ſe manda fazer nos veſtidos propria para eſte fim.

Sendo todos provídos dellas, o primeiro guia deve embraçar o eſcudo no braço eſquerdo, ficando-lhe huma embraçadeira pouco aſſima do ſangradouro, e outra pouco aſſima do pulſo para ſe cubrir com o eſcudo, quando lhe for preciſo, e não lhe embaraçarem ellas o poder dobrar o braço, e pegar nas rédeas bem á ſua vontade: apôs iſſo deve ſahir do ſeu caſtello, cortando o terreno pelas linhas de pontinhos M, e N, para ir buſcar o lado eſquerdo do caſtello, em que eſtá o ſegundo eſquadrão; e tanto que chegar vinte paſſos pouco mais, ou menos diſtante delle, em quanto paſſar pela vanguarda, irá lançando algumas Alcanzias para o ar.

Chegando ao lado direito Letra O, levantará o Cavallo de galope; e tanto que o guia, ou Cavalleiro do ſegundo caſtello ſahir a receber-lhe o deſafio, deve o deſafiante inclinar-ſe bem ſobre o peſcoço do Cavallo, debruçado para a parte direita, e cuberto com o eſcudo pela eſquerda, fugir a toda a brida para ir buſcar o lado eſquerdo do ſeu caſtello, junto do qual poucos paſſos Letra P deve fazer parar o Cavallo, e entrar pela retaguarda a occupar o primeiro lugar do lado eſquerdo.

O guia, ou Cavalleiro do ſegundo eſquadrão deve ſeguir o do primeiro, conſervando-ſe á ſua eſquerda; e até elle parar, lhe atirará (durante a carreira) com aquellas Alcanzías que puder; mas logo que fizer a parada, o que o for ſeguindo deve voltar ſobre a eſquerda, ſem fazer paſſar o Cavallo de mão, indo aſſim por toda a frente da vanguarda até ao lado direito Letra Q, do qual pelas linhas de pontinhos deve a toda a brida ir fugindo até ao ſeu caſtello, bem debruçado do peſcoço do Cavallo para a parte direita, cubrindo-ſe com o eſcudo pelo lado eſquerdo o mais que puder, de modo que lhe não poſſa dar com as Alcanzias aquelle, que o ſegue, como ſe moſtra na Eſt. LXXXVIII., recolhendo-ſe tambem pelo lado eſquerdo no ſeu caſtello a occupar o primeiro lugar deſta parte.

ESTAMPA LXXXVIII.

Dous Cavalleiros correndo Alcanzias.

OS mais Cavalleiros devem continuar as carreiras durante efte divertimento, fempre com a mefma ordem; e aquelle, que as vier finalizar, quando feguir o que lhe vai fugindo, lançará as Alcanzias para o ar; e quando for perto do caftello do Cavalleiro, a quem fegue, deve parar firme, e de paffo ir pela vanguarda, cumprimentando com o chapeo geralmente a todos os Cavalleiros, os quaes da mefma forte o devem cortejar, indo-fe depois incorporar no feu efquadrão, em que fe deve praticar a mefma ceremonia de cortezias: advertindo que fempre he coftume dar principio a efte divertimento o guia da direita, e finalizallo o da efquerda.

Defafio das Canas.

EStando os Cavalleiros formados, como para correr as carreiras das Alcanzias, o primeiro guia fahirá do feu caftello, (Letra O, Eft. LXXXIX.) cortando o terreno de hum para o outro lado, fazendo marchar o Cavallo de paffo muito animado; e fe elle for de lição, o obrigará a dobrar-fe bem para a direita, levando o Cavalleiro na mão direita huma cana verde, que tenha baftantes folhas, do comprimento de finco palmos pouco mais, ou menos: o braço direito deve ir arcado, de maneira que a mão defcance de unhas affima fobre o offo do quadril, o olho da cana por fima do cepilho da fella fe inclinará para a orelha efquerda do Cavallo, e defte modo irá até quinze paffos diftante pouco mais, ou menos do caftello da fegunda efquadra; e paffando o Cavallo de mão, o dobrará para a efquerda, fazendo-o ladear para efta parte, a fim de poder paffar por toda a vanguarda do fegundo efquadrão com a frente para elle; e quando for bem no meio do terreno, com a mão direita levantará a cana á altura que o braço alcança, e com o cabo para diante Letra E a deitará para o ar.

Tanto que tiver praticado o defafio defte modo, deve metter a mão á efpada, empunhando-a pela parte de fóra das redeas, e do braço efquerdo; e levantando ao mefmo tempo o Cavallo de galope, o fará paffar de mão para a direita, fugindo a toda a brida para o feu caftello.

O fegundo guia, ou o Cavalleiro, que occupar o primeiro lugar do lado direito, deve fahir a acceitar-lhe o defafio, levando duas canas; a faber: huma na mão direita, e outra entalada entre o arção, e o joelho efquerdo; e logo que o primeiro guia puchar pela efpada, e marchar, o fegundo o deve feguir, fazendo-lhe na carreira com deftreza os dous arremeções das canas, como ao diante fe dirá.

Advertencias.

LOgo que os Cavalleiros fe propuzerem para correr canas, cada Pagem por cada vez deve tirar duas canas do caixote, em que ellas fe guardão, conduzindo-as pela vanguarda áquelle Cavalleiro a quem ferve. A cana, que fe ha de entalar entre a perna, e o arção efquerdo, deve fer-lhe dada pela parte efquerda; e a que leva na mão, pela direita, retirando-fe o Pagem logo para junto do caixote, a fim de eftar prompto para quando o feu Cavalleiro tornar a correr provello de canas pelo mefmo modo.

O arremeção das canas compõe-fe de finco tempos.

O primeiro fe faz, extendendo o braço direito para o lado da perna defta parte com as unhas da mão voltadas para fóra, Eft. LXXXIX., Letra A.

O fegundo, elevando o braço á altura que alcançar, ficando a mão com as unhas voltadas para a cabeça do Cavalleiro Letra B.

O terceiro, aprefentando a cana até a mão chegar á linha horizontal da cara do Cavalleiro Letra C.

O quarto, extendendo o braço para fóra, virando o recontro da cana para a efquerda Letra D.

O quinto, arremeçando-a ao feu competidor, o qual a deve rebater com hum golpe de efpada, cortando-a da efquerda para a direita, como tambem as mais que lhe forem arremeçadas, cuidando muito em mover a efpada, de forte que fe não córte a fi, ou ao Cavallo.

Havendo o primeiro guia corrido a carreira, vinte paffos pouco mais, ou menos diftante do feu caftello, deve fazer parar o Cavallo firme, e pela parte de fóra das redeas, e do braço efquerdo metter a efpada na bainha, entrando pela retaguarda a occupar o primeiro lugar na frente do lado efquerdo, para ir obliquando até chegar a occupar o primeiro lugar da direita no Efquadrão para tornar a correr outra, ou mais carreiras.

O fegundo Cavalleiro, logo que tiver paffado por junto da vanguarda do primeiro caftello, fem parar, deve metter mão á efpada, e do lado direito do primeiro caftello deve fahir outro Cavalleiro para feguir o defafio, o qual fe deve pôr em prática em quanto durarem eftas correrias pela fórma ponderada, feguindo-fe huns aos outros, fem ufar das ceremonias, que pratíca o primeiro guia; mas fim atirando-fe fucceffivamente os arremeções das canas até fe acabarem as carreiras.

Se por algum incidente não fahir Cavalleiro a continuar o defafio, aquelle, que eftá prompto no campo para puchar pela efpada, deve-a empunhar, fem a tirar da bainha, largalla, e retirar-fe, fazendo marchar o feu Cavallo de paffo para o feu caftello, cortejando com o chapeo a huns, e outros Cavalleiros, os quaes lhe devem correfponder da mefma forte; e o que acabar efte divertimento, pela frente do caftello dos contrarios lançará as canas para o ar; e tirando-lhes o chapeo, fe recolherá com boa ordem para o feu Efquadrão.

ES-

ESTAMPA LXXXIX.

Dous Cavalleiros correndo canas para a direita.

Modo de correr aos Pombos.

AS lanças de correr aos Pombos devem ter de comprimento onze até doze palmos pouco mais, ou menos: o ferro Letra A, Fig. 1., Eſt. XC., coſtuma ter hum palmo de comprido, e não deve ſer muito groſſo no engaſte Letra B, ſendo na cuſpide Letra C bem agudo com dous gumes D, e D até ao engaſte, em que ſe une á madeira da lança: eſta, como tambem o ferro, póde ſer dourado, e da meſma ſorte o recontro E, e o ſeu engaſte.

Os Pombos coſtumão ao menos ſer prezos a pares com huns fios de retroz, paſſados pelas ventas, pelos quaes os Pagens os devem pendurar no gancho do candieiro. Tambem ſe coſtumão enfeitar com fittas, ſegurando-lhas ao peſcoço, e algumas galanterias atadas nellas, iſto he, alguns dyſticos, ou verſos engraçados; e tanto que os pendurão, coſtuma o Pagem retirar-ſe do candieiro para junto dos caixotes, e eſtes devem ſer cubertos com redes, ou grades, para que não lhes falte o ar.

Advertencias.

SE o Cavalleiro errar os Pombos, o Pagem do Cavalleiro, que ſe ſegue, logo que chegar ao candieiro deve ſoltar os Pombos, que eſcapárão do golpe, e pendurar os que elle traz. Se o fio, por que eſtão prezos, quebrar, antes do Cavalleiro fazer a ſorte, e os Pombos fugirem, o Cavalleiro deve parar, e ir outra vez para o eſquadrão, em quanto o ſeu Pagem torna a prover o candieiro com outros Pombos. Se o Cavalleiro os acertar, levando-os na lança, ou deitando-os fóra do gancho do candieiro, o Pagem do Cavalleiro que ſe lhe ſeguir, deve logo pendurar outros Pombos no candieiro, ſervindo todos os Pagens alternativamente os ſeus Cavalleiros deſte modo as vezes que lhes tocar a carreira.

Modo, por que ſe devem formar os Cavalleiros.

QUando os Cavalleiros pertenderem correr eſtas carreiras, devem formar-ſe em batalha defronte do candieiro, em que ſe pendurão os Pombos, tão diſtante delle, quanto a praça o permittir, e então he que os Pagens coſtumão dar-lhes as lanças, conduzindo-lhas pela vanguarda.

O guia, que fica no primeiro lugar da direita, coſtuma fazer a primeira carreira: elle traça a lança ao meio com a mão direita, em quanto fórma hum circulo junto á fileira, e com o braço arcado deve ſahir delle, levantando o Cavallo de galope; e ſe manejar, o obrigará a que forme o circulo com a garupa ao centro, para ter lugar de armar a lança de quatro tempos.

O

A
B
C
D

O primeiro ſe faz , abaixando o braço , de ſorte que a mão , que eſtá de unhas aſſima (Letra A, Eſt. XC., Fig. 1.) ſe volte ſobre o lado da coxa da perna direita, de modo que lhe fiquem as unhas voltadas para fóra Letra B, e por conſequencia o recontro da lança Letra C para diante, e a cuſpide do ferro Letra D para a garupa.

O ſegundo tempo ſe faz levantando o braço alto Letra E.

O terceiro apreſentando a lança com o braço bem extendido para diante Letra F.

O quarto encurvando o braço para enriſtar a lança , ſegurando-a bem com a mão de unhas aſſima Letra G ; e depois do cotovelo direito bem unido ao corpo, ſe deve abaixar a mão da redea ao Cavallo , para que a toda a brida paſſe por baixo do candieiro, fazendo o Cavalleiro diligencia por apontar a lança , de maneira que empregue bem o encontro, ou golpe.

Se o Cavalleiro levar algum Pombo na lança, logo que paſſar para diante do candieiro dez, ou doze paſſos, deve fazer parar o Cavallo firme, e depois coſtuma-ſe offerecer o Pombo áquella peſſoa, a quem ſe quer obſequiar, e por iſſo nas azas , ou ao peſcoço ſe lhe coſtuma pôr huma fitta com alguma galanteria para ſe lhe pegar por ella ; mas ſe aſſiſte alguma Peſſoa Real , não ſe coſtumão fazer obſequios deſte genero, antes ſim deve o Cavalleiro retirar-ſe á ſua eſtancia, levando o Pombo na lança, da qual o Pagem lho tira, e dá a quem lhe parece.

Tambem ſe podem metter os Pombos em vaſos de barro, que ſe fazem com diverſas fórmas, pintando-os de varias côres, os quaes devem ter alguns buracos; e mettendo-lhes dentro os Pombos pela fórma já dita enfeitados , mas ſoltos , ſe lhes coſtumão tirar as guias de huma aza , de modo que poſsão voar alguma couſa, levando tambem nas fittas prezos, verſos, ou dyſticos engraçados para quem os apanhar ſe divertir. Cada vaſo deve ſer pendurado no gancho do candieiro, da meſma ſorte que ſe pendurão os Pombos, e os Pagens não devem apanhar os que fogem dos vaſos que ſe quebrão.

Das lanças de correr ao Eſtafermo he que ſe coſtumão ſervir para quebrar os referidos vaſos ; e os tempos de as manejar , devem ſer ſemelhantes aos com que ſe manejão as de correr aos Pombos ; mas deve applicar-ſe a botana da lança no vaſo , quando o Cavalleiro for bem debaixo delle , para não lhe cahirem alguns pedaços em ſima; e ſe errar o vaſo, parando o Cavallo firme , deſarmará a lança com deſembaraço , apreſentando-a com a botana para ſima em linha perpendicular com o recontro , trazendo a mão no ſegundo tempo á primeira poſição , ficando com o braço bem arcado, e a lança com a botana inclinada para a orelha eſquerda do Cavallo.

Eſta ordem ſe coſtuma obſervar, ou ſe acerte, ou ſe erre o golpe, a fim de que as eſcaramuças ſejão mais viſtoſas, e os Cavalleiros ſe conſtituão deſembaraçados na acção, que ſe moſtra na ſeguinte Eſtampa.

ES-

ESTAMPA XC.

Dos Cavalleiros correndo aos Pombos.

Diſpoſições para correr ao Eſtafermo, e a ſua conſtrucção.

AS lanças de correr ao Eſtafermo devem ter de comprimento doze, ou treze palmos, com groſſura proporcionada ao ſeu tamanho: em huma ponta deve ter hum botão, (Eſt. XCI., Letra A) e na outra hum engaſte chamado recontro Letra B: podem as lanças ſer douradas, ou prateadas, e da meſma ſorte o botão, e recontro, &c.

A madeira melhor para toda a ſorte das lanças he a faia, e o boreá: a groſſura de todas (poſto que eu digo que ella deve ſer proporcionada ao ſeu comprimento) deve ficar em tal proporção, que as decontoadas poſsão vergar, e as de Pombos, Argolinha, e Eſtafermo não.

Os Cavalleiros devem formar-ſe em linha de batalha, defronte do Eſtafermo; e o Guia, que dá principio a eſte combate, he o do primeiro lugar do lado direito, o qual tanto que ſahe da fileira deve levantar o Cavallo de galope, dobrando-o para a direita; e em quanto formar hum pequeno circulo ſobre eſte lado, armará a lança de ſinco tempos.

O primeiro ſe faz, traçando a lança ao meio com a mão direita, levando-a para fóra com deſembaraço Letra C.

O ſegundo curvando o braço, de maneira que fique bem arcado, e a mão de unhas aſſima ſobre o oſſo do quadril direito com o cotovelo para fóra Letra D.

O terceiro levantando o braço até á linha horizontal do hombro Letra E.

O quarto apreſentando a lança com a botana voltada para diante Letra F.

O quinto, enriſtando-a bem ſegura entre a mão, braço, e corpo, direita para o Eſcudo do Eſtafermo. Depois de tudo iſto feito, deve-ſe abaixar a mão da redea, e fazer correr o Cavallo a toda a brida até a lança pojar, ou encalhar ſobre o eſcudo.

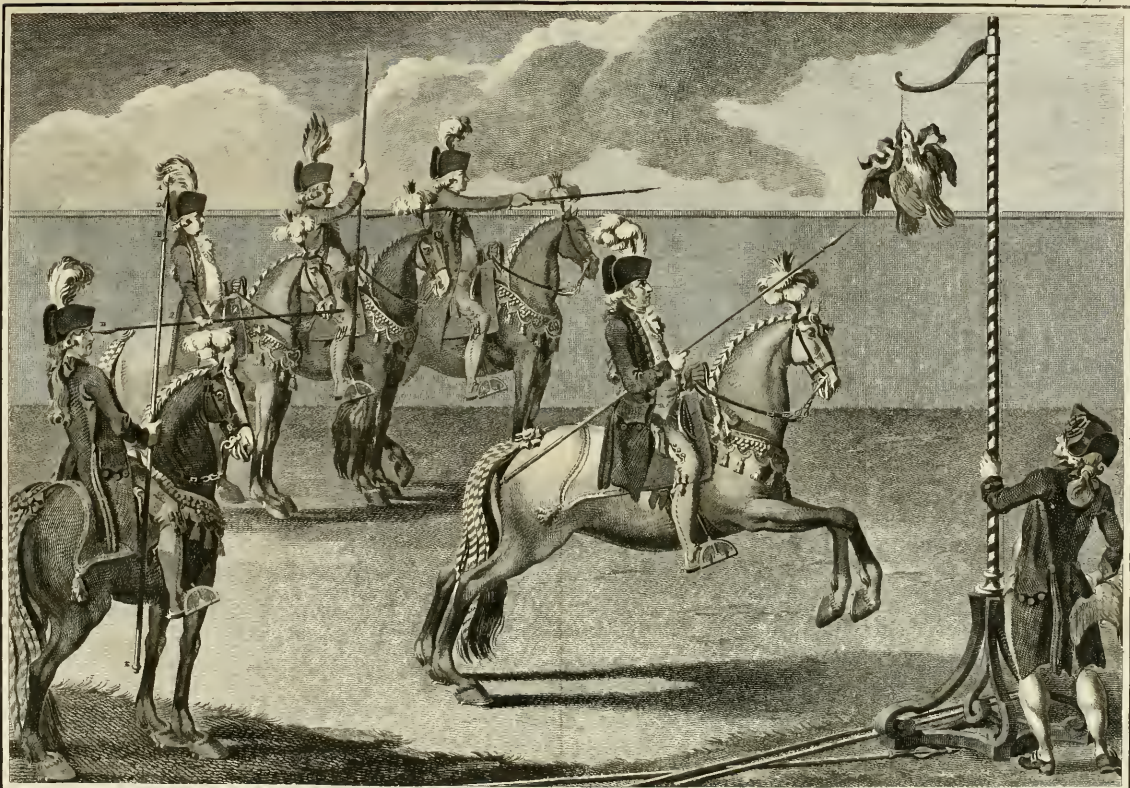
O Eſtafermo fica pelo lado eſquerdo do Cavalleiro, e eſte lhe deve applicar a lança no eſcudo, quando vai quaſi perfilado com elle, não levando a lança muito comprida para com eſtas prevenções o toque da lança fazer voltar o meio buſto em roda com rapidez, ſem que o Cavalleiro ſeja alcançado pelo azurrague, que ſe moſtra na mão direita.

He o referido Eſtafermo hum meio buſto, conſtruido de madeira, ſemelhante na figura á de hum homem, o qual deve ter no braço eſquerdo hum eſcudo, ou arnez, e na mão direita hum azurrague de oito, ou nove palmos de comprido; porque ſendo maior, alcança muitas vezes o Cavalleiro: couſa que ainda que faça rir aos Expectadores, faz parecer que elle he pouco agil.

Coſtuma-ſe pôr o Eſtafermo ſobre hum pedeſtal, ou pyramide portatil, no qual ſe poſſa ſegurar, e o Eſtafermo, ou pelo ſeu pezo, ou por haver hum buraco no ter-

Silva delin

Fery sculp L.a

Silva delin. Fróis sculp.

terreno, em que elle facilmente ſe poſſa pôr, e tirar, ſendo tanto o pedeſtal, como o buſto bem pintados, e em boa proporção com a altura natural de qualquer Cavalleiro.

Quando ſe puzer o Eſtafermo no lugar, em que ha de ſervir, deve eſtar cuberto com hum panno largo, cuja cubertura lhe coſtuma tirar o Pagem do guia que corre a primeira vez, o qual ſe retira, e fica aſſiſtindo junto ao plinto: outro homem veſtido por diverſo modo daquelle com que ſe veſtem os Pagens para concertar o Eſtafermo, iſto he, para o virar para aquella parte, donde o hão de buſcar os Cavalleiros, os quaes, depois de haverem corrido duas, ou tres carreiras cada hum, coſtumão paſſar a outro divertimento.

ESTAMPA XCI.

O Cavalleiro correndo ao Eſtafermo.

Modo de correr á Barquinha.

A Barquinha he hum vaſo de madeira ſemelhante ao caſco de hum Navio, a qual cheia de agua ſe pendura no gancho do candieiro dos Pombos por humas prizões, que a ſegurão pelo gurupés, e pela poppa.

Os Cavalleiros tambem coſtumão formar-ſe em batalha defronte do candieiro, em que ſe pendura a barquinha na diſtancia que a praça o permitte.

Ao Guia da direita pertence a primeira carreira, o qual deverá diſpôr-ſe, e armar a lança pelo meſmo modo, por que ſe coſtuma armar para correr aos Pombos, e ao Eſtafermo, de ſorte que no tempo, em que a botana tocar a barquinha, deve ir o Cavalleiro já quaſi debaixo della, e então applicar-lhe a lança na quilha, e fugir para diante com rapidez, para que a agua, que ſe entorna della, o não molhe, e todos os mais Cavalleiros devem ſeguir a meſma ordem até paſſar a outras carreiras, e o Pagem de cada Cavalleiro coſtuma levar huma bilha pequena cheia de agua para reformar a barquinha todas as vezes que ella ſe entorna.

Em quanto os Cavalleiros correm qualquer deſtas carreiras, ſempre devem ſahir do primeiro lugar da direita, e os da eſquerda ir obliquando para lá, a fim de não ſe deſordenarem. Tambem em toda a ſorte de carreiras devem fazer galopar, e correr os ſeus Cavallos unidos para a direita. Nas carreiras, em que houverem de manejar lanças, para as armar, e pôr em riſtre, devem formar logo que ſahem do eſquadrão junto á linha da vanguarda, em que eſtão poſtados, hum circulo pequeno de duas, ou de quatro piſtas, conforme o conhecimento que o Cavallo tem do manejo, para o Cavalleiro ter tempo de armar a lança, como tenho ponderado. Não trato de outros divertimentos de que tenho viſto uſar, por não terem a polidez que tem eſtes, de que faço menção, nem ſervirem para deſembaraçar os Cavalleiros, como ſervem os de que tenho tratado, e o ſeguinte, &c.

ESTAMPA XCII.

De varios Cavalleiros, correndo as Cabeças.

O Exercicio de correr cabeças tão praticado na Alemanha, e outros Paizes, em que ha frequentes guerras, ferve para adeftrar os Cavalleiros no jogo, e uſo das armas de arremeço, no da eſpada, e no de fazer com certeza as pontarias da piſtola, &c. e ſe os Cavallos, em que ſe faz eſte exercicio, são de manejo, he eſte hum dos divertimentos bem viſtoſos, que ſe podem fazer na Arte da Cavallaria.

No caſtello Letra A, Eſt. XCII., Fig. 1., devem os Cavalleiros formar-ſe em hum eſquadrão; e o guia, que occupa o primeiro lugar da eſquerda, deve dar principio ao feſtejo, paſſando deſta para a Fig. 2., entrando nella pelo N. 1., e da mão do Pagem B deve receber o dardo, o qual ſe coſtuma entalar entre a perna eſquerda, e o arção da ſella, ficando-lhe o Farpão voltado para baixo, recebendo apôs iſſo do meſmo Pagem a lança de Argolinha, em quanto vai obrigando o Cavallo a que forme hum circulo com a garupa ao centro B, C, D; e ſahindo deſta circumferencia pelo N. 2. para as linhas N. 3., deve ter armado a lança de ſinco tempos.

O primeiro ſe faz, pegando-lhe pelo punho Letra E para lhe ficar a cuſpide Letra F para ſima, deſcançando a mão ſobre a golilha da ſella, junto da arçoeira do lado direito Letra F.

O ſegundo levantando o braço, e dobrando o ſangradouro, de ſorte que fazendo hum meio circulo venha a ficar a mão direita ſobre o cepilho na altura de meio palmo diſtante delle na linha horizontal do cotovelo Letra G.

O terceiro levantando o braço o mais que puder ſer, ficando o recontro do punho da lança bem perpendicular com o hombro direito Letra H.

O quarto abaixando a mão com o braço bem extendido para diante, como ſe apreſentão as mais lanças, mas ſem a tirar da linha perpendicular, de ſorte que eſta ſempre ſe maneja com a cuſpide para ſima.

O quinto enriſtrando a lança bem ſegura entre o braço direito, e o corpo com o cotovelo bem unido a elle para fazer a pontaria á argolinha Letra G, N. 18. com mais certeza.

Quando o Cavalleiro fizer ſahir o Cavallo (da Fig. 2. pelas linhas N. 2. para as linhas N. 3., que ficão rectas ao candieiro da argolinha) deve abaixar-lhe a mão, e a toda a brida fazello correr até paſſar o candieiro da argolinha; e ou a acerte, ou erre, logo que chegar ao N. 4., deve obrigar o Cavallo a que faça huma meia parada, para que modifique a velocidade do movimento, a fim de poder entrar na Fig. 3., N. 5., obrigando-o a que vá com a garupa ao centro por todo o circulo H, I, L, M.

Recommendo que deſta ſorte o fação andar pelos circulos para haver tempo de entregar a lança da argolinha ao Pagem I, que deve eſtar dentro da Fig. 3. para a receber, o qual a dá a quem a leve aos Cavalleiros, que eſtão poſtados na

Fig.

Estampa 32 Pag. 126.

Fig. 2.; pois baſta haver meia duzia de lanças para ſe ſervirem todos os Cavalleiros, poſto que ſejão muitos; porque na praça, ſendo as cabeças ſingelas, apenas andão dez até onze Cavalleiros, e ſó na primeira carreira ſe uſa deſta lança.

Logo que ſe entrega a lança ao Pagem, deve armar-ſe o dardo de quatro tempos.

O primeiro ſe faz, pegando-lhe com deſembaraço pela parte de fóra do braço, e redea eſquerda, deſentalando-o de entre a perna, e o arção para fóra, porque não ſucceda com o farpão offender-ſe o Cavalleiro.

O ſegundo apreſentando o dardo com o recontro Letra S voltado para diante, ficando a mão de unhas aſſima na linha horizontal do hombro.

O terceiro armando o dardo com a mão de unhas aſſima, affaſtando-a para fóra do corpo quanto puder.

O quarto arremeçando-o á cabeça de Meduſa Letra V, N. 17.

O Cavalleiro em quanto marcha do N. 6., Letra N para o N. 7., Letra O, deve conſervar o Cavallo dobrado, e unido para a direita; e tanto que fizer o arremeção do dardo, deve-o fazer paſſar de mão, e ſeguir as linhas do N. 8., dobrando-o para a eſquerda até chegar ao N. 9., ſobre o qual o deve fazer paſſar de mão para a direita, e entrar na Fig. 4., Letra P, formando o circulo P, Q, R de quatro piſtas, de ſorte que chegando ao N. 10. ha de ter empunhado a piſtola de ſeis tempos.

O primeiro ſe faz, levando a mão direita por fóra das redeas, e braço eſquerdo para tirar a piſtola do coldre com facilidade.

O ſegundo apreſentando-a defronte do peito com a boca para fóra, e para ſima.

O terceiro ſegurando-a tambem com a mão eſquerda pouco aſſima dos fechos.

O quarto armando-lhe o cão, ou gatilho com o dedo pollegar da mão direita.

O quinto apontando-a á cabeça de Polyfemo N. 11., Letra Z.

O ſexto dar fogo, puchando o gatilho com o dedo index, e mettella de hum tempo no coldre.

Sobre o N. 11. ſe deve obrigar o Cavallo a que paſſe de mão, e ſe dobre para a eſquerda até chegar ao N. 12., ſobre o qual o devem obrigar a fazer paſſagem para a direita, formando tambem os circulos da Fig. 5. com a garupa ao centro até chegar outra vez por T, V, X ás linhas do N. 13., pelas quaes a toda a brida deve empunhar a eſpada para eſtoquiar a cabeça de Tifeu N. 14.

A eſpada deve empunhar-ſe de ſinco tempos.

O primeiro ſe faz, levando com deſembaraço a mão direita por fóra das redeas, e do braço eſquerdo, fechando a mão no punho.

O ſegundo tirando-a da bainha, e levantando-a com a ponta para ſima, e as guardas voltadas para a cara, trazendo logo a mão para baixo até á linha horizontal do cotovelo.

O terceiro voltando-lhe a ponta para baixo, inclinada para diante.

O quarto debruçando todo o tronco do corpo para o lado direito, a fim de chegar bem á cabeça N. 14.

O quinto he junto ao N. 15., Letra X, levantar o corpo, e braço para ſima, parando o Cavallo firme, e marchando de paſſo até ao N. 16. para entrar pela Letra Q na Fig. 1.

Se ſe erra a cabeça, mette-ſe logo a eſpadua na bainha; mas quando ſe acerta o golpe, levando a cabeça na ponta da eſpada, levanta-ſe o braço a toda a altura a que elle alcança até chegar ao Pagem N. 16., que deve pegar na cabeça para o Cavalleiro metter a eſpada na bainha, o qual vai occupar o primeiro lugar da direita, porque os Cavalleiros neſta eſcaramuça principião a ſahir da Fig. 1. para a Fig. 2. pelo lado eſquerdo Letra A.

As cabeças de Meduſa, e de Polyfemo devem ſer de páo, e a de Tifeu de papelão; advertindo que a cabeça de Meduſa deve ſer quadrada, e ao menos de dous palmos.

Fazendo-ſe eſta eſcaramuça ſingela, coſtumão eſtar os Cavalleiros todos formados em hum eſquadrão no primeiro caſtello Letra A, e podem andar na praça dez até onze Cavalleiros, iſto he, quando o primeiro ſahir da Fig. 3., o ſegundo entrará na Fig. 2., levando todos os mais a meſma diſtancia de huns aos outros, para não ſe encontrarem, e deſmancharem a boa ſymmetria, que devem obſervar para fazer a eſcaramuça viſtoſa, contrapoſta, e igual.

Quando fizerem andar o Cavallo com a garupa ao centro, em qualquer das figuras podem (ſe elle he de lição) chamallo ao terra á terra; mas quando ſahirem das figuras circulares, não deve ir com grande velocidade, para o poderem fazer endireitar bem ſobre as linhas, que vai ſeguindo; e poſto que na carreira N. 3., e N. 13. digo lhe abaixem a mão, quando ſe faz o tiro, ſeja da argolinha, ſeja do dardo, piſtola, ou qualquer outro, deve o galope já ſer mais moderado, não ſó para os Cavalleiros fazerem melhor as pontarias, mas para os Cavallos fazerem com mais facilidade as meias paradas, as paſſagens de mão, e as paradas firmes.

Tambem ſe faz eſta eſcaramuça dobrada, como diz Gaſpar Sonheé no ſeu Tratado da Cavallaria, a qual tem ſó a differença de ſe poſtarem os Cavalleiros em dous caſtellos hum defronte do outro, de ſorte que aſſim como ſendo ſingela ſe entra da Fig. 1. para a Fig. 2., por lhe ſer a mais contigua, ſendo a eſcaramuça dobrada o eſquadrão do caſtello N. 19., Fig. 6., entra pela Fig. 5., que fica mais proxima ao ſeu lado eſquerdo: logo os circulos, e o modo de cortar o terreno he ás avéſſas do da eſcaramuça ſingela do eſquadrão da Fig. 1.

Sendo a eſcaramuça dobrada, deve haver na praça outro candieiro de argolinha pouco adiante da cabeça de Tifeu N. 14.; huma cabeça de Meduſa junto á de Polyfemo N. 11., Letra Z; huma de Polyfemo perto do candieiro N. 18., Letra G; outra de Tifeu perto da cabeça de Meduſa N. 17., Letra V; advertindo que todas podem eſtar em diſtancias iguaes para fazer boa ſymmetria, como ſe moſtra na Eſt. XCII. Os Plintos devem todos ſer de hum feitio, poſto que o da cabeça de Meduſa coſtuma ſer alguma couſa mais alto, e o de Tifeu mais baixo.

LI-

LIVRO X.

ARGUMENTO.

Trata-se das qualidades, que devem ter os Cavallos destinados para a guerra: razão, por que devem seguir alguns ares, e trabalhos da Escola: instrucções, que devem saber os Picadores dos Regimentos para ensinar os soldados, e os Cavallos delles, segundo o Regulamento do Senhor Rei D. José I.; e como devem ser exercitados os Cavallos destinados para a caça, tanto de veação, como volatil, a fim de serem agradaveis, e cómmodos nos seus movimentos para os Cavalleiros.

A Vaidade, e a ambição com a devastadora mão da impiedade semeia, e sempre semeou entre os mortaes a fatal discordia: tem sido quem dá motivos ás crueis guerras, com que os homens tyrannamente se perseguírão, e perseguem huns aos outros em todas as idades. He a guerra huma cortadora espada com que o Supremo, e Increado Ente castiga muitas vezes a rebelde malignidade da especie humana; e os homens com os pretextos honrosos de grandes Generaes, e grandes conquistadores são os Ministros destas infelices execuções. Elles nas horridas batalhas a ferro, e fogo se despedação huns aos outros com ira, e crueldade semelhante, e talvez igual áquella com que lá nas lugubres estancias se dislacerão as almas condemnadas.

Esta infelicidade fez, e fará investigar aos Principes guerreiros, e chefes dos exercitos differentes industrias, não só para se defenderem dos seus inimigos, mas para senhorearem os seus contrarios. E este he o motivo, por que os Persas, os Gregos, e os Romanos annexárão ás evoluções, e ensaios da guerra a muito precisa, e util Arte de montar a cavallo: e estabelecêrão Academias, que protegêrão grandemente, nas quaes se exercitassem os Cavalleiros, e aprendessem a subjugar, e dominar os Cavallos para serem promptos em todas as evoluções militares, &c.

Qualidades, que devem ter os Cavallos deſtinados para a guerra.

NOs corpos de tropa de Cavallaria ſempre ſe buſcão os Cavallos para guerrear com as ſeguintes qualidades. Manſos, fieis, determinados, promptos, e nervoſos, com boa boca, com baſtante folgo, e com a cabeça ſegura, iſto he, com bom apoio á mão da redea.

Digo que devem ter boa boca, porque o canſaço, e a cólera, que elles adquirem nos combates, os faz entrar na mão, e pezar no freio com exceſſo.

Recommendo ſejão fortes; mas que a ſua força ſeja ligada, e igual por todas as partes do ſeu corpo, a fim de que não incommodem tanto o Cavalleiro com a ſeccura, e aſpereza dos ſeus movimentos.

Que ſejão ſenſiveis á eſpora, ſem a má tenção de deter-ſe a ella; que ſaibão rebater os movimentos das eſpaduas para ſima da garupa, ſahindo da mão, e ſendo firmes, e promptos em voltar, parar, recuar, e obliquar para hum, e outro lado.

Já mais devem os Cavallos deſtinados para a guerra ſer vicioſos, nem medroſos; porque ainda que tenhão boas qualidades, tendo eſtes defeitos, o marcial eſtrondo, os differentes objectos, que a cada paſſo novamente ſe encontrão, e a cólera a que os excita o eſtrepito das armas, podem augmentar o ſeu receio, e fomentar huma total defeza; e creio que ſerá couſa muito perigoſa ter o ſoldado o inimigo para combater, e o ſeu Cavallo rebellado para dominar.

O defeito de morder, e lançar-ſe aos outros he nos Cavallos da guerra mui perigoſo; porque como elles ſe enfurecem nos combates, não podem os ſoldados divertillos das ſuas más tenções.

Inſtrucções, que devem ſaber os Picadores dos Regimentos.

LOgo que as Recrutas chegão ao Regimento, hum Official inferior a pé coſtuma enſinar cada ſoldado a perfilar-ſe direito, marchar, obliquar á direita, e á eſquerda, como tambem empunhar, e tirar a eſpada da bainha, manejar a clavina, carregar, e fazer fogo com ella, e com a piſtola, &c. depois entreſachando-os com ſoldados veteranos, os exercita bem a pé, porque iſto os deſembaraça muito para ſe enſinarem a montar a cavallo.

Enſinando-lhe hum Cabo de eſquadra tambem a ſellar, e armar o ſeu Cavallo, a primeira lição, que o Picador lhe deve dar, he fazer-lhe ver ſe os arreios, e armamentos eſtão bem poſtos, iſto he, ſe a ſella eſtá bem apertada, o freio, e o bridão em boa altura, a barbela apertada em boa proporção, ſegundo a maior, ou menor ſenſibilidade da bocca do Cavallo, da qual o Picador deve conhecer bem para inſtruir o ſoldado: o rabicho, e o peitoral deve antes ficar mais largo, do que apertado, como tambem enſinar-lhe a pôr os loros, ou os eſtribos no comprimento da perna do ſoldado, e a clavina bem preza no porte-clavina, que pende da fivela do peitoral, e da garupa que ſe afivela no grampo da ſella, e ſe ata no delgado da cronha, &c.

De-

Depois lhe enfinará a pegar com a mão direita juntamente no guarda-faceira, e na redea efquerda, e com a mão efquerda na redea direita, como fe vê na Fig. 1. da Eft. XCIII., Letra A, B, deixando tão larga huma de outra redea, que fe quizer deitar a direita por fima da cabeça fobre o pefcoço do Cavallo, não fe lhe embarace pela ter curta, ou demaziadamente comprida.

O foldado deve poftar-fe direito junto á efpadua efquerda do Cavallo, e montar de finco tempos.

O primeiro he deitar com a mão efquerda a redea direita por fima da cabeça fobre o pefcoço do Cavallo.

O fegundo foltar a mão direita do guarda-faceira, e redea efquerda, ajuntando as redeas ambas na mão efquerda feparadas pelo dedo minimo, tomando entre os dedos della, e a palma huma boa porção de crina para fe fegurar melhor.

O terceiro he pegar com a mão direita no eftribo efquerdo, mettendo nelle bem o pé efquerdo.

O quarto pegar com a mão direita na arçoeira efquerda, e fufpender-fe no eftribo, fubindo até igualar o pé direito com o efquerdo.

O quinto levantar a perna direita, levando-a com defembaraço por fima da garupa do Cavallo até fe metter na fella.

Tambem o deve enfinar a defmontar-fe com os mefmos tempos até ficar em terra perfilado com a cabeça do Cavallo, fegurando-o pelo guarda-faceira, e pelas redeas direita, e efquerda, como já diffe efteja para montar.

Quando o foldado for bem inftruido em fazer tudo ifto, o Picador o deve enfinar a affentar-fe bem direito no meio da fella, deixando cahir as pernas direitas pelo lugar das cilhas, brandamente firmes fobre os eftribos. Deve tambem dizer-lhe como ha de firmar os hombros para trás, deitar o peito para fóra, levantar a cabeça, e unir os braços ao corpo naturalmente pelas linhas perpendiculares dos hombros para fe mover o corpo com facilidade, e poder o foldado olhar por entre as orelhas do Cavallo quinze, ou vinte paffos de diftancia pouco mais, ou menos para a frente, e da mefma forte quando volta para os lados, ainda que marche, ou volte, correndo a toda a brida.

Depois o deve enfinar a marchar, trotar, e galopar fobre hum, e outro lado, como digo no Livro IV. fe enfinem os principiantes, para faber ufar bem das redeas, e fazer voltar o Cavallo para hum, e outro lado, fendo o corpo do foldado firme, e prompto em todos os movimentos que emprender, fejão elles pertencentes ao feu corpo, ou ao manejo das armas, e direcção do Cavallo, como tambem á maior, ou menor velocidade de movimento, com que o pertenderem conduzir.

Eftando o foldado bem certo em tudo ifto, o deve fazer ajuntar com outros; e com hum Baliza ao lado direito o enfinará a metter mão á efpada, empunhando-a com a mão direita por fóra das redeas, e do braço efquerdo, e tirando-a da bainha de tres tempos, conforme o Regulamento Folh. 9.

Quando o Commandante diz: *Efquadrão, ou Companhia Sentido*, os foldados devem todos olhar para a direita, porque o Baliza faz os fignaes do lado direito de tres tempos.

No

No primeiro levão os soldados a mão direita por fóra das redeas, e do braço esquerdo a empunhar a espada, collando primeiro o fiador no pulso.

No segundo tirão a espada da bainha velozmente, e a põe com as guardas tres, ou quatro pollegadas distante dos olhos.

No terceiro tempo o punho direito se abaixa até junto ao quadril tambem direito, ficando a ponta da espada tres pollegadas pouco mais, ou menos distante do hombro.

Para embainhar se diz: *Sentido, espada na bainha*, e o Baliza do lado direito faz os signaes de quatro tempos.

No primeiro se eleva a espada com rapidez direita com as guardas até defronte dos olhos.

No segundo se aponta na bainha, levando-a por fóra tambem das redeas, e do braço esquerdo.

No terceiro se mette de repente na bainha.

No quarto os soldados voltão a cara á direita, batendo com a mão direita do arção da sella para o lado da perna direita.

As redeas se igualão de tres tempos.

No primeiro a mão direita se ajunta á esquerda.

No segundo se igualão as redeas, ficando a mão esquerda no seu lugar; e subindo a direita, chega até ao botão do remate das redeas, para que puchando por elle, ellas se ajustem, e se igualem.

No terceiro se deixa cahir a mão direita sobre o cepilho da sella, olhando sempre para o Baliza, isto he, ajustão-se as redeas, pegando-lhes com os dedos indice, e pollegar da mão direita, puchando-as por entre os dedos da mão esquerda parallelamente ao corpo até ficarem iguaes, e então se deixão cahir para a direita, batendo com a mão direita no cepilho, como está recommendado.

Se o Commandante manda: *Prender Clavinas na bandoleira*, então se mettem as chaves das bandoleiras nas Clavinas; e para preparar as Clavinas, arma-se o cão com o dedo pollegar da mão direita: para apontar, levanta-se a Clavina com a mão direita, pegando-lhe com a esquerda no cano, tendo o dedo minimo perto da mola; e sem largar as redeas, se inclina o corpo alguma cousa para diante firme, e a bocca da Clavina pouco distante da orelha esquerda do Cavallo.

Para fazer fogo une-se o couce da Clavina ao hombro direito, segurando-a com ambas as mãos, e com o dedo indice da direita se pucha o gatilho com força para immediatamente dar fogo.

Pôr o cão no descanço se executa, abaixando-o, e tambem ao mesmo tempo, o cotovello direito.

Péga-se no cartucho de dous tempos.

No primeiro leva-se com rapidez a mão direita á cartucheira, donde se tira hum cartucho.

No segundo se eleva a mão até ficar perto da cara junto da bocca: após isso morde-se o cartucho de dous tempos.

No primeiro leva-se o cartucho á boca, e morde-se na extremidade superior.

No

No ſegundo raſga-ſe, e torna o ſoldado a pollo em igual diſtancia da ſua bocca.

Para eſcorvar dous tempos.

No primeiro volta-ſe para baixo a mão direita; e pondo o dedo pollegar no fuzil, ſe enche a caſuleta de polvora.

No ſegundo ſe põe o dedo minimo da mão direita atrás do fuzil, pondo o cartucho direito para ſima entre os dedos indice, maior, e pollegar.

Para fechar a caſuleta dous tempos.

No primeiro ſe fecha, puchando-a com rapidez, e o braço direito para o corpo, conſervando o cartucho direito, e firme.

No ſegundo ſe péga na Clavina com os dous dedos ultimos da mão direita atrás do cão.

Paſſar armas a carregar hum tempo. Paſsão-ſe as Clavinas ao lado eſquerdo, e no meſmo tempo ſe alarga a mão direita da Clavina, ficando com o cartucho tres pollegadas pouco mais, ou menos diſtante da bocca.

Para metter o cartucho dous tempos.

No primeiro volta-ſe a mão direita, e mette-ſe o cartucho na bocca da Clavina, ſacudindo-ſe toda a polvora delle dentro nella.

No ſegundo vai a mão direita á vareta, a qual ſe tira de hum tempo, arrimando o calcador por ſima do boldrié: depois ſe encurta a vareta, e ſe eleva á altura da bocca da Clavina; e mettendo-ſe a vareta nella com força, ſe calca o cartucho de hum tempo, levando-a até ao fundo do cano: depois ſe pucha para ſima com deſembaraço, e então arrumando a ponta ao boldrié, depois ſe encurta, e eleva á altura da bocca da Clavina, mettendo-a de hum tempo no ſeu lugar.

Alta a Clavina. Levanta-ſe eſta com a mão eſquerda até ficar diante do corpo com a vareta para fóra, e a mão direita no delgado da cronha; e elevando o couce com a meſma mão ao lado da perna direita, ſe larga da mão eſquerda.

Baixa a Clavina. Deixa-ſe cahir para o lado direito pendurada na bandoleira com a bocca para baixo.

Preparar a piſtola. Péga-ſe-lhe com a mão direita por ſima, e por fóra das redeas, e da mão eſquerda, tira-ſe fóra do coldre; e pegando-lhe com a eſquerda junto aos fechos, levantando-lhe o cão com o dedo pollegar da mão direita, e elevando-a alta defronte do chapéo com a bocca para ſima, á voz do Commandante ſe dá fogo, puchando-lhe o gatilho, tendo a bocca mais inclinada ao chão, do que o couce: apôs iſſo ſe torna a elevar alta, e mette no coldre, tornando immediatamente a empunhar a eſpada, que eſtá pendurada no pulſo pelo fiador.

No Regulamento folh. 10. ſe vê que he preciſo ſaberem os ſoldados governar perfeitamente os Cavallos, e tellos adeſtrados em todos os movimentos neceſſarios ás evoluções militares; e iſto ſó ſe conſegue por meio de huma aſſidua explicação, ſe bem que hum ſoldado baſta que ſaiba quaes são os movimentos da mão da redea, do corpo, e das pernas, que obrigão o Cavallo a marchar, voltar, obliquar, e parar, como digo em outros lugares deſta Obra.

Atacando com a eſpada na mão, devem os ſoldados firmar-ſe bem ſobre os eſ-

estribos, fortalecendo o seu corpo no ponto de equilibrio, isto he, bem no meio da sella; e quando em alguma escaramuça, carreira, ou debandada seguir a outro, deve sempre fazer diligencia porque o inimigo lhe fique á direita.

Ainda que he bom costumar os Cavallos a galopar unidos para a direita, he tambem util saberem os soldados obrigallos a passar de mão da direita para a esquerda, e desta para a direita, sem que por isso percão o galope.

Querendo o Picador industriallos nisto com facilidade, os ensinará a formar dous circulos, hum ao pé do outro, fazendo-os passar muitas vezes do primeiro para o segundo; e no tempo, em que o Cavallo passar de hum para outro circulo, sem que elle perca a ordem do movimento, o ensinaráõ a fazello passar de mão, desdobrando-o da direita para a esquerda com a redea esquerda, e a perna direita: logo desdobrando-o para a direita, devem fortalecer-lhe esta redea, affroxar-lhe a esquerda, e unir-lhe a perna desta parte.

Devem tambem ensinallos a perfilar-se com o primeiro soldado que lhe fica do lado direito, olhando sempre para a direita, em que está o Baliza, quando se fórma em batalha; mas quando se faz quarto, ou meio quarto de conversão, deve-se olhar para o lado que se move.

Tambem o Picador deve ensinar o soldado a acutilar, e a estoquear hum Pilão, e da mesma sorte a atirar-lhe com a Pistola, e Clavina, pondo-as depois no seu lugar, ficando-lhe sempre a espada pendurada no pulso pelo fiador.

Os Picadores devem saber pôr em prática as seguintes evoluções para adestrar os soldados com propriedade para ellas.

CAda Regimento se divide em quatro Esquadrões, cada Esquadrão tem duas companhias, as quaes para metter em batalha regularmente se formão a dous de fundo. Os melhores Cavallos, e soldados costumão pôr-se nas fileiras da vanguarda, e delles os melhores nos lados das fileiras.

Quando as esquadras vão para as praças de armas particulares, devem os soldados dous a dous marchar em boa ordem formados em columna por duas divisões; e passada a revista, ajuntão-se os Esquadrões na Praça de Armas principal, e por ordem do Chefe, logo que o primeiro tira a espada da bainha, manda buscar os Estandartes, e timbales, e toca o Trombeta.

Quando o Regimento está na parada, e revista, costuma o Chefe estar na frente do primeiro Esquadrão; e em outra qualquer manobra costuma ir para o lugar, em que lhe parece que he mais precisa a sua assistencia, e a do Sargento Mór, para se executarem as ordens com promptidão: e commummente costuma haver dez até doze palmos de intervallo entre cada Esquadrão.

Os soldados devem estar bem direitos, e perfilados, com a cara voltada para a direita. Os Officiaes costumão postar-se dos lados para o centro em cada Esquadrão, segundo as suas graduações, e antiguidades, ficando hum Alferes no centro ao pé do Estandarte, porque deste modo póde o Regimento destroçar por Esquadrões, meios, e por quartos de Esquadrão.

Na

Na retaguarda de cada Esquadrão costumão postar-se quatro Officiaes inferiores para fazerem observar as ordens na ultima fileira, e tambem fazer com que os soldados não fiquem para trás; e para o mesmo fim costuma ficar na retaguarda hum Official subalterno.

Para fazerem ladear os Cavallos de passo, e trote para hum, e outro lado, devem os soldados obrigallos mais com a redea da parte para onde os fazem ir, e com a perna opposta, porque isto serve para obliquamente avançar terreno para os lados.

Exercitão-se os Cavallos destinados para a guerra a saltar vallados, muros baixos, fossos, e tranqueiras, como ao diante se dirá.

Tambem se ensinão os soldados a destroçar por Esquadrões, meios, ou quartos de Esquadrão, e por quartos de conversão. Quando o Esquadrão, meio, ou quarto volta sobre hum, e outro lado, o Commandante de cada hum he quem manda, ou faz executar a ordem.

O lado que volta deve mover-se com velocidade, diminuindo-se o movimento sobre a frente, de sorte que o soldado, que está no centro, volte com pausa, e se vá sempre perfilando com os do lado que se move; porque não só devem os soldados voltar a cara para o Baliza, ou lado que se move, mas conservar em toda a fileira o mais perfeito alinhamento.

As meias conversões executão-se como os quartos; e o lado, que se move quando volta, descreve hum meio circulo.

Marchando em frente, ou obliquamente, os soldados de cada Esquadrão olhão para o seu Estandarte: nas conversões olhão para o lado que se move; e marchando em frente sem Estandarte, olhão para a direita.

Os soldados estando nas fileiras, não devem fazer movimento algum sem ordem. Para o soldado saber atacar a toda a brida, sem se desunir, he necessario que seja exercitado ao principio com huma fileira de companhia, depois com huma fileira de Esquadrão, e ultimamente com toda a primeira fileira do Regimento, e depois com toda a segunda.

Quando o Official, que manda a primeira fileira, diz a primeira vez *Marcha*, toda ella, alinhando-se, e olhando para a direita, deve marchar a passo; e dizendo segunda vez *Marcha*, a fileira deve toda marchar de trote; e dizendo o Official terceira vez *Marcha*, logo toda a fileira deve marchar de galope, augmentando a marcha até que a toda a brida chegue ao inimigo, sem perder a união, e alinhamento.

Os soldados, que estão montados em melhores Cavallos, não se devem adiantar aos mais, e tambem não se devem apertar huns aos outros, para que os Cavallos possão correr com mais desembaraço; e quando o Commandante disser *Alto*, devem todos parar, olhando alinhados para o Estandarte.

As meias conversões, e quartos de conversão, galopando, fazem-se com mais rapidez, do que quando as fazem de passo, e trote, diminuindo a velocidade por cada soldado até ao ultimo do outro lado que volta em peão; e quanto maior for a frente que se mover, tanto maior deverá ser, principalmente nos Officiaes, o cuidado com que se fizer a conversão.

A tropa de Cavallaria coſtuma alinhar-ſe para diante, porque os Cavallos ordinariamente não ſabem recuar, o que ſeria util em muitos caſos, pois muitas vezes he preciſo que as fileiras fação quartos, e meias converſões por pequenas diviſões, e pelotões; porém cada fileira deve ſer ſempre repartida em quatro diviſões, ou em oito pelotões. Quando for preciſo ganhar terreno á direita, ou á eſquerda, o Official manda *A' direita*, ou *á eſquerda hum quarto marcha*: á primeira voz, ſe os Eſquadrões vão em marcha, fazem alto, e á ſegunda voz fazem hum quarto, ficando em columna ao lado.

Se for preciſo que o Regimento ſe retire, ou accommetta, e o terreno não tiver capacidade para ſe fazer a meia converſão com toda a frente, o Official manda Fileiras por *Pelotões á direita*, ou *A' eſquerda meia converſão*: feita a qual, o Regimento faz caras á retaguarda: o que ſe faz tambem chegando á frente do acampamento para ſe recolherem as Companhias ás ſuas ruas.

Os Eſquadrões devem ſaber buſcar os ſeus Eſtandartes, depois de ſe desbaratarem; porque ha caſos, em que ſe ſegue o inimigo com pequenos deſtacamentos que ſe debandão, e depois devem reunir-ſe nos Eſquadrões aos ſeus Eſtandartes.

Para ſe executar a debandada, manda o Commandante paſſar a mão direita no fiador, e tirar a Piſtola, de ſorte que fica a eſpada pendurada do pulſo, e a Piſtola na mão com a bocca para ſima, tres dedos pouco mais, ou menos diſtante do bico do chapéo; e debandando-ſe á direita, e á eſquerda, o eſpaço que o Cheſe manda, em diſparando a Piſtola, pégão outra vez na eſpada. O Commandante fica com o Eſtandarte, e o trombeta ao pé, até que querendo elle reunir o Eſquadrão, mandando tocar a chamada, á qual acudindo os ſoldados, devem ſaber formar-ſe junto ao Porta Eſtandarte, e trombeta com brevidade.

Devem os ſoldados tambem ſaber carregar, e eſcorvar a Clavina, eſtando montados, e os Cavallos devem ſer coſtumados a inveſtir contra o fogo: o que ſe conſegue, fazendo humas fileiras fogo contra outras, paſſando depois os ſoldados huns por junto dos outros, &c. e o Picador deve ſó exercitar os ſoldados duas horas por dia, apromptando-os para todas as evoluções, que ficão notadas, ſegundo o Regulamento folh. 25.

Para apear, formar a pé, e montar outra vez a cavallo.

JA' ſe ſabe que quando o Commandante diz *Sentido*, voltão os ſoldados apreſſadamente as caras á direita; e quando manda *Preparar para apear*, todas as fileiras iguaes ſe movem para diante ſinco, ou ſeis paſſos para perfilar. Depois pega-ſe na Clavina atrás dos fechos, faz-ſe cahir ſobre a mão eſquerda, ajuſtão-ſe as molas ás argolas, e põe-ſe alta a Clavina: após iſſo levanta-ſe a Clavina com a mão direita, parallela ao corpo, com os fechos virados para fóra até chegarem á altura dos olhos, leva-ſe por ſima do hombro direito, e deixa-ſe cahir para trás das coſtas.

Pé em terra: tira-ſe o pé do eſtribo direito, ajuſtando ao meſmo tempo as re-

redeas, levantando a perna direita para ſima da garupa do Cavallo, detendo-ſe ſobre o eſtribo eſquerdo, até que o Baliza do lado direito faça o ſinal para ſe apearem todos juntamente de hum tempo: ao meſmo em que ſe deſmontão, a mão eſquerda traz as redeas por ſima da cabeça dos Cavallos; e logo que o pé direito ſe firma na terra, ſe faz hum paſſo largo com o pé eſquerdo, voltando-ſe á eſquerda; e ao tempo que ſe faz o paſſo, ſe ſegura na redea eſquerda, e no guarda-faceira com a mão direita, e a eſquerda fica ſegurando a redea eſquerda, como ſe moſtra na Fig. 1., Eſt. XCIII.

Para os ſoldados ſe poderem apear com mais facilidade, deſigualão-ſe as fileiras, adiantando-ſe mais hum ſim, e outro não; e depois de tornarem a montar os da retaguarda, entrão nos ſeus lugares da vanguarda apreſſadamente.

Para encadearem os Cavallos, fazem os ſoldados meia volta á direita, e atão os Cavallos huns aos outros. Ha diverſos modos de os atar, os melhores são dous.

O primeiro he, ſe trazem cabeçada ſimples por baixo da cabeçada do freio Fig. 1. Eſt. XCIII., haver huma argola Letra F, e nella huma correa forte bem cozida com ſua fivela de ferro, e paſſador Letra G, que ſe afivele na argola da cabeçada do Cavallo, que lhe fica á eſquerda, e aſſim os mais.

O ſegundo he trazer na cabeçada ſimples huma pequena cadeia, que vai tambem prender na cabeçada ſimples, paſſada pela meſma argola F, junto da qual ha na cabeçada huma pequena fivela com ſua ponta, e paſſador, em que ſe afivela, mettendo-a pelo primeiro annel da cadeia, eſta he mais forte, mas cuſta mais a prender. Tambem ſe atão huns aos outros, paſſando-lhes as redeas do freio por baixo da cabeça perto da bocca: niſto ha o inconveniente de ſe poderem quebrar as redeas, e ficarem os ſoldados ſem ter por onde governar os Cavallos. Quando os prendem, ſeja de huma, ou de outra forte, em eſtando prezos os Cavallos, devem os ſoldados todos tomar hum paſſo para trás; e depois olhando para o Baliza, fazer meia volta á direita, perfilando-ſe, e deixando cahir as Clavinas.

Marchando cada Eſquadrão por ſi á frente, a vanguarda marcha de vagar, e a retaguarda de cada Eſquadrão faz cara do ſeu centro para os lados, e andão depreſſa pelas filas, e pelos lados das fileiras dos Cavallos da vanguarda: razões, por que he preciſo as fileiras eſtarem bem perfiladas.

Para formar os Eſquadrões em batalha, marchão com paſſo obliquo ao centro; e logo que ſe achão bem unidos, e perfilados, devem ter hum intervallo de hum grande paſſo de hum ao outro pelotão, e de ſeis paſſos no centro para os Eſtandartes.

Quando os Eſtandartes, e Officiaes vão aos ſeus lugares, huns fazem quarto á direita, outros o fazem á eſquerda para o centro, e marchão á frente dos ſeus poſtos no batalhão.

Acabado o exercicio, os Officiaes fazem, huns quarto á direita, outros á eſquerda, conforme os ſeus poſtos, e marchão para a frente dos ſeus Eſquadrões; e fazendo meia volta, marchão em paſſo obliquo até chegar á vanguarda.

A retaguarda de cada Eſquadrão pelo ſinal do Baliza marcha depreſſa em fi-

filas pelos lados dos Cavallos da vanguarda dos Efquadrões até fe acharem hum paffo diftantes das frentes dos feus Cavallos, e então fe ajuftão as molas ás Clavinas, elevando-as para fima do hombro, como para apear: apôs iffo, defatão-fe os Cavallos, pégão os foldados com a mão direita no guarda-faceira, e redea efquerda; e voltando para efta parte, marchão as fileiras feis paffos iguaes para a vanguarda até perfilar.

Para dobrar as fileiras, e preparar para montar, fe faz hum paffo com o pé direito para trás, deitando ao mefmo tempo com a mão efquerda as redeas por fima das cabeças dos Cavallos fobre o pefcoço delles; e foltando a mão direita do guarda-faceira, fe ajuftão as redeas, pegando na crina; e mettendo o pé efquerdo no eftribo, montão a cavallo, como já diffe.

O capote prezo fobre o cepilho da fella embaraça muito aos foldados o poderem com as redeas do freio governar bem os Cavallos, e por iffo he melhor andar elle á garupa.

Os fellins para os Cavallos defte Paiz são máos, porque são mais vivos, e fenfiveis, do que os Cavallos de Inglaterra, Hollanda, e outros Paizes, e por iffo he melhor ufar de boas fellas, porque dão bom commodo aos foldados, e podem governar melhor os Cavallos.

As patronas, que os Officiaes, e foldados trazem penduradas por grandes correas, que lhes chegão quafi aos pés, fervem-lhes mais de embaraço, que de utilidade; pois para guardar ordens, feria melhor que as referidas patronas andaffem prezas para o lado efquerdo, como anda a cartucheira para o direito.

As efpadas não devem fer demaziadamente pezadas, para os foldados poderem ufar dellas com mais utilidade, e defembaraço.

As cilhas meftras por fima do coxim, e entre as pernas, magoão nas cochas, e joelhos aos foldados, apertão mal a fella, e fervem de embaraço aos eftribos.

Nos freios não deve a tropa ter uniforme, antes fim devem ufar nos Cavallos de boccados, caimbas, e barbelas, que tenhão propriedade no feitio, e circumftancias com as fuas difficuldades; mas todas as mais coufas dos Regimentos devem fer uniformes: he bom trazer bridão, para que no cafo de fe quebrar, ou cortar as redeas do freio, poderem recorrer a elle.

Os Cavallos para as tropas devem fer bem examinados por bons Alveitares para não fe introduzirem nos Regimentos moleftias contagiofas. Tambem os Picadores devem examinar bem fe elles tem as circumftancias que digo precisão ter os Cavallos deftinados para a guerra.

As Nações mais illuminadas tem Picadores nos Regimentos para inftruir a tropa de Cavallaria; e como objecto principal daquelle corpo, os Chefes não propunhão para Officiaes aquelles, que não moftravão certidão jurada pelo Picador, de que eftavão promptos.

Na França, e Alemanha os Picadores dos Regimentos vencião, e vencem ferviços com a praça de fegundos Tenentes da Companhia do Coronel, e acceffo aos poftos do Regimento no fim de dez annos de ferviço.

Os Picadores dos Regimentos devem affiftir aos exercicios, obfervando fe os fol-

ſoldados fazem mover bem os Cavallos; e no caſo de errarem as manobras, ſeja por não ſaberem governar os Cavallos, ou por eſtes ſe não quererem ſujeitar, ſeria bom que o Sargento Mór os remetteſſe ao Picador, para que no Picadeiro, e nas Praças de Armas particulares os advirta, e igualmente faça trabalhar os Cavallos, de ſorte que ſirvão bem nos Eſquadrões.

Tambem deve explicar aos ſoldados a formalidade de todas as referidas evoluções, e cingir-ſe a ellas, de ſorte que em todas as lições que lhes der, os vá diſpondo bem para fazerem de todas hum bom uſo.

Modo, por que devem ſer trabalhados os Cavallos deſtinados para a guerra.

AS primeiras lições, que digo ſe devem dar ao Cavallo de o fazer andar de paſſo, trote, e galope ſobre linhas rectas, e ſobre os circulos de duas piſtas, inventados por Pignateli, e La Brow, tirando-lhe a redea de dentro, e encoſtando-lhe o Cavalleiro ao meſmo tempo a perna de dentro, o rendem muito deſembaraçado das eſpaduas, e facil em voltar.

Quando he duro do peſcoço, e eſpaduas, iſto he, quando não volta com facilidade, neſte caſo he bom ſeparar as redeas do freio, tendo huma em cada mão; com a direita de unhas aſſima, e o dedo minimo inclinado para a eſpadua eſquerda, ſe obriga o Cavallo com a redea, e caimba direita a voltar para eſta parte: logo que a redea o obriga, a perna direita deve tambem ajudallo atrás das cilhas, para que volte com mais facilidade. Da meſma ſorte ſe obriga para lhe trabalhar as eſpaduas, e fazello facil em voltar para a mão eſquerda, tendo eſta de unhas aſſima, e encoſtando-lhe a perna eſquerda. Iſto ſuppoſto, a redea direita, e a perna direita obrigão o Cavallo a voltar com facilidade para eſta mão; e a redea eſquerda, e a perna eſquerda igualmente lhe trabalhão as eſpaduas, e obrigão a voltar para a eſquerda.

Se o ſoldado encruza o Cavallo entre as ſenſações da redea direita, e da perna eſquerda, elle lhe trabalha a meia garupa eſquerda mais, do que a direita. Pelos meſmos motivos, encruzando-o entre a redea eſquerda, e a perna direita, ſe lhe trabalha mais a meia garupa direita, aſſim obliquando para diante, como ladeando de chapa.

Quando ſe obriga com a redea, e eſpora de dentro a ir ſobre a volta, a perna de dentro entra para baixo do corpo, e vai ſeguindo a linha da mão de fóra; e eſta, e a perna de dentro, porque entrão mais para o ponto de gravidade, he que ſupportão mais o pezo do corpo. Logo quando o encruzão entre a redea de dentro, e a perna de fóra, ſeja vencendo terreno obliquamente para diante, ou de chapa, ladeando para os lados a perna de fóra, e a mão de dentro, he que entrão para o ponto de gravidade, e por conſequencia ſupportão mais o pezo do corpo.

A lição da cara contra a muralha affirma Newcaſtle Livro IV., Cap. IV. he excellente para metter, ou pôr os Cavallos ſobre a garupa, e por conſequencia fazellos ligeiros, e faceis na mão, ſendo elles naturalmente ſenſiveis.

Se

Se os Cavallos ſe levantão, ou ſe empinão para fugir da ſujeição de obliquar, os ſoldados os devem reduzir por meio da lição dos circulos, porque ella os põem ſobre as eſpaduas, e he por conſequencia contraria aos ſeus vicios; e ſe neſtes caſos duvidão voltar, não he máo reduzillos, atando-lhe huma redea do cabeção á argola das garupas (Letra N, Eſt. IX., Fig. 17.) de ſorte curta, que o obrigue a voltar em roda, fazendo-lhe iſto com moderação; mas tantas vezes ſobre hum, e outro lado, que elle volte facilmente, montando-o depois para o confirmar na obediencia.

Se o Cavallo ſe levantar por ſer muito ſenſivel dos aſſentos da bocca, e da barbada, a embocadura do freio com que o trabalharem, deve ſer de cubos lizos, groſſos, e unidos hum ao outro por hum annel tão largo, que ſe poſſa mover a embocadura no meio, e nos varões do arco, por que ſe une a caimba á banqueta do guarda-faceira, ſendo a referida caimba de a firmar, e os éſſes da barbella groſſos, e lizos.

Podem tambem neſte caſo trabalhallo com falſas redeas (como fica dito) para lhe dar governo, e apoio, ſem o Meſtre da Picaria eſperar que os ſoldados com eſte recurſo engroſſem as boccas aos Cavallos, e os fação rudes á mão; e ainda que Newcaſtle no Livro IV., Cap. VIII. diz que as falſas redeas aſſim poſtas são á má moda, com tudo tira-ſe dellas a utilidade de ſe ir dando aſſim apoio, e governo áquelles Cavallos, que são muito ſenſiveis dos aſſentos da bócca, e da barbada.

Os que tem a bocca ſenſivel, commummente coſtumão ter as queixadas eſcarnadas, o pello, e a pelle delgada ſobre o focinho, e ſobre os queixos, os aſſentos, e os beiços junto aos colmilhos, delgados, e eſcarnados, o beiço debaixo delgado, e bem unido aos dentes, a bocca nem muito raſgada, nem muito curta, e o movimento das eſpaduas deſembaraçado, e livre.

Os que tem a cabeça carnoſa, a pelle groſſa, o pello denſo, groſſo, e comprido, os queixos, lingua, e beiços groſſos, os colmilhos bem rodeados de carne, a bocca ou muito grande, ou demaziadamente pequena, o lugar da barbella groſſo, curto, e carnoſo, o beiço debaixo deſunido dos dentes, as eſpaduas carnoſas, os braços mal formados, e os movimentos froxos, não ſervem bem para a guerra, porque são rudes, e pouco ſenſiveis.

Se o Cavallo tiver boas qualidades, uſar pouco da garupa, ſendo della bem formado, e forte para ſer mais ligeiro na mão, o Picador o deve fazer tirar atrás, e ajudar com huma vara ſobre as ancas, ſem o deter quando o recuão, para o fazer dellas mais agil, e deſembaraçado.

He bem verdade que tambem ha muitos, que tendo a cabeça, o peſcoço, e eſpaduas bem formadas, tem a bocca groſſa, e são pouco ſenſiveis: logo para terem mais preſtimo, devem ſer bem unidos ſobre a garupa; e pelo contrario ha outros com máos movimentos de eſpaduas, e mal formados dellas, e da cabeça, que tem promptidão, e agilidade grande, e deſtes ſe conſegue melhor do que daquelles o ſervirem bem para a guerra, e para o uſo ordinario, ſendo bem deſembaraçados, e poſtos ſobre a garupa.

A

A boa mão do Cavalleiro, que trabalha Cavallos para a guerra, deve ter as qualidades de os fazer obedientes, augmentando-lhes a ſenſibilidade, de ſorte que os conſerve ſempre firmes no tacto da embocadura, promptos a obedecer ao mais leve movimento das redeas, e eſporas, ſahindo para diante com velocidade, obliquando para a direita, e para a eſquerda, parando, e voltando facilmente ſobre hum, e outro lado, rebatendo ſem dúvida os movimentos das eſpaduas para ſima das ancas.

O muito uſo de trabalhar entre os Pilões põe os Cavallos muito ſobre a garupa; mas faz-lhes adquirir grande reſpeito ao cabeção: por iſſo os deſtinados para a guerra, em quanto não entrão na mão, voltando com facilidade, não devem ſer trabalhados entre os páos.

As voltas, as meias paradas, e as paſſagens de mão os deſembaração, e facilitão muito para voltar, ſahir da mão, e parar com facilidade, &c. e ſó quando os Cavallos são promptos, podem os ſoldados ganhar facilmente o terreno ao ſeu contrario, perſeguillo, e livrar-ſe dos muitos perigos, que em ſemelhantes caſos ſucceſſivamente ſe encontrão.

Os movimentos da mão da redea enſinão, e obrigão o Cavallo a ſujeitar-ſe a tudo quanto o Cavalleiro quer. Tem elle quatro movimentos eſſenciaes, que são ir para diante, andar para trás, ladear para a direita, e para a eſquerda. Tem a mão da redea quatro movimentos eſſenciaes, que todos os ſoldados devem ſaber pôr bem em prática, os quaes são render a mão, ſuſtella, levalla para a direita, e trazella para a eſquerda.

Render a mão, he abaixalla de unhas abaixo, avançando-a para diante. Suſter a mão, he tella o ſoldado para ſi de unhas aſſima firme. Levalla para a direita, he com as unhas voltadas para ſi levalla da cernelha do peſcoço alguma couſa para a direita. Trazella para a eſquerda, he pelo meſmo modo levalla alguma couſa da cernelha para a eſquerda.

Quando ſe rende o freio, abaixa-ſe a mão da redea, e o Cavallo tem liberdade de ſahir para diante; por conſequencia quando ſe ſuſtem a mão, o Cavallo pára, ou diminue a velocidade do ſeu movimento. Quando ſe leva a mão da redea direita para eſta parte (ſe o Cavallo obedece a ambas as redeas) volta para a direita; e quando ſe leva a mão para a eſquerda de unhas aſſima, elle volta para a eſquerda.

Os Cavallos proprios para a guerra devem obedecer a huma, e a outra redea; e ſendo ellas ambas na mão eſquerda, elles devem aſſim marchar, trotar, e galopar ſobre huma, e outra parte ſem dúvida, ſahindo da mão, parando, voltando, e obliquando para hum, e outro lado, ſujeitos, e promptos ſempre ao mais leve movimento das redeas, e das pernas dos ſoldados.

Recommendo que ſaibão conhecer a perna para eſtarem promptos a unir, e abrir fileiras, preencher unidos os quartos de converſão, atacar o ſoldado o ſeu adverſario, e retirar-ſe delle com velocidade, ou para ſe deſviar de algum perigo, que por diante por hum, ou outro lado ſe apreſente ao ſeu Cavallo; e he ſem dúvida que tudo iſto ſerve para os ſoldados ſe defenderem dos ſeus offenſores, e offenderem os ſeus inimigos mais a ſeu ſalvo.

Tambem devem ser muito promptos em salvar os possiveis vallados, fossos, e tranqueiras, que frequentemente se encontrão na campanha, porque isto por vezes tem salvado a vida a muitos Cavalleiros, e alcançado o fazer o seu nome immortal á posteridade.

Disposições para os Cavallos saltarem vallados, fossos, e tranqueiras.

DOus homens tomaráõ huma vara de madeira de doze até quatorze palmos não delgada, e cada hum por sua ponta a seguraráõ atravessada adiante do Cavallo naquella altura que lhe parecer que elle a póde salvar. Então o Soldado bem unido de toda a sua figura, chamará o Cavallo com as redeas, com as pernas, e com a voz, como se o quizesse obrigar a fazer a curveta; e logo que elle se levantar, o soldado deve render-lhe a mão, e chegar-lhe as pernas mais ao ventre, para que no tempo, em que vem descendo para baixo, alcance, e vença a travessa, que tem diante de si, deitando as mãos no tempo das espaduas para a outra banda; e no segundo tempo da garupa deve passar as pernas muito mansamente, e acabar de salvar por sima da travessa para a outra banda.

A' proporção do que o Cavallo se for levantando no seu salto, lhe irão levantando a travessa, costumando-o assim a que se levante, e salve por sima della. Os Inglezes, os Polacos, e outras Nações costumão os Cavallos das suas tropas a saltar desta maneira, como se mostra na seguinte Fig. 3.

ESTAMPA XCIII.

Hum soldado a pé junto ao Cavallo, outro montando, e outro saltando a tranqueira.

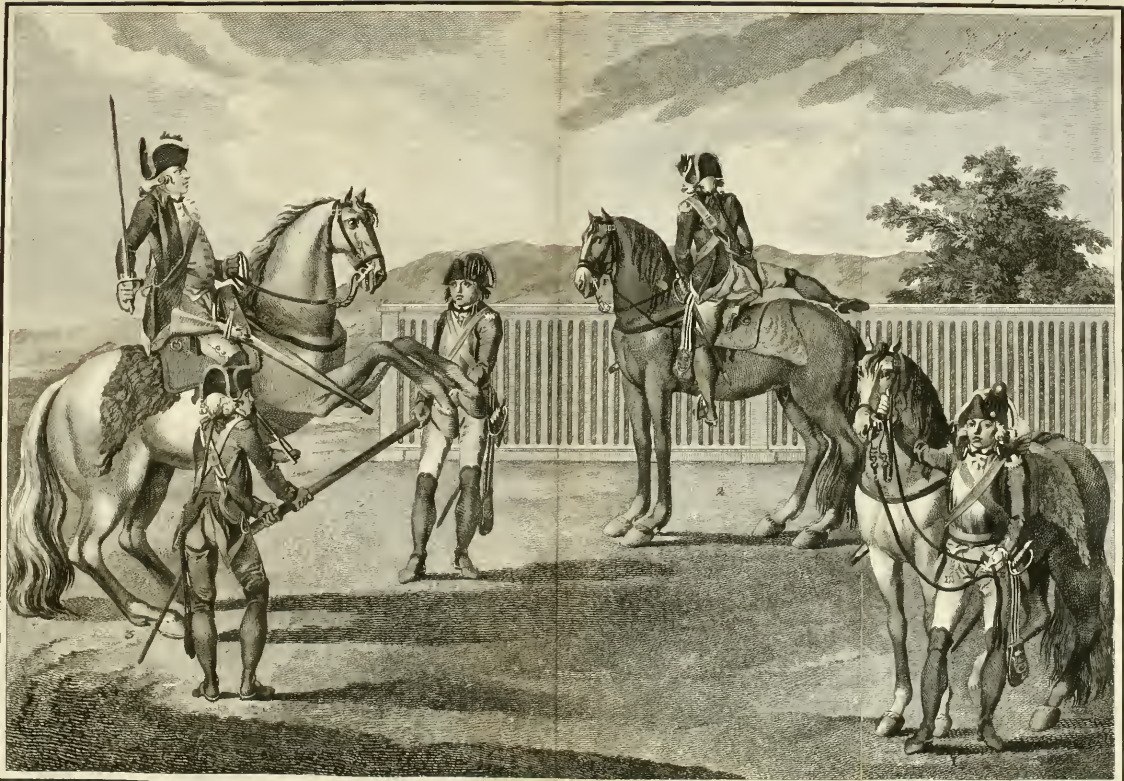
DEpois de o disporem como tenho dito, o devem fazer passear na frente de algum corpo de tropa, quando se fizer exercicio, para o costumarem ao movimento, e rumor das armas, isto he, ao estrepito da artilheria, e mosquetaria, a ver tremular estandartes, e bandeiras, ao estrondo dos tambores, timbales, trombetas, clarins, e mais instrumentos béllicos; e apôs isso no campo com as redeas do freio iguaes, o devem instruir em passear, galopar, e passar de mão para huma, e outra parte, dando-lhe alguns pequenos repellões, fazendo-lhe amiudadas vezes meias voltas, e meias paradas para huma, e outra parte, porque isto o rende obediente, e flexivel ao mais leve movimento da mão, e pernas do soldado.

La Brow affirma que o meio mais facil de costumar os Cavallos aos tambores, armas, e fogo, he o de lhes fazer ouvir o seu estrondo, quando se lhes dá a ração, porque este costume lhes faz perder o horror que antes concebião, seja por humas, ou por outras causas, sem já mais ser preciso cançarem-se os Picadores em buscar outras industrias para lhes vencer estas difficuldades.

Não obstante haver eu dito que dos animaes o mais nobre, animoso, e de mais

Estampa 93 Pag 443

Silva delin

Froy sculp. L.

mais preſtimo para os homens ſe ſervirem na campanha, he o Cavallo, com tudo, como não ha regra ſem excepção, ha tambem alguns tão medroſos, que em ouvindo, ou vendo aquelles objectos, que motivão o ſeu temor, perdem de todo o acordo; e por terem hum genio covarde, tremem de medo em ouvindo o marcial eſtrondo; e ainda que tenhão os aſſentos ſenſiveis, e boa bocca, perdem a ſenſibilidade, e ſe abandonão inſenſiveis ſobre o freio, fugindo ſem tino daquelles objectos, cauſa do ſeu pavor, commettendo humas vezes huma precipitada fuga, defendendo-ſe outras deſordenada, e vigoroſamente, cegos do ſeu receio: finalmente outros ficão immoveis, fictão as orelhas para diante, e revolvem com violencia os olhos allucinados do ſeu medo; e huns, e outros, ainda que tenhão entre os dentes algum feno, ou herva, aſſuſtão-ſe de ſorte que não a acabão de comer.

Eſtas qualidades de Cavallos não ſervem bem para a guerra; e ainda para o ordinario uſo, e ſerviço na paz, he preciſo trazellos ſempre em exercicio, porque o deſcanço, e o deſcoſtume de ſahirem fóra, muitas vezes os deixa tornar ás ſuas naturaes inclinações.

Tambem entre os Pilões ſe lhes podem fazer ſentir, e ver todos os objectos, e rumores, que elles temem, affagando-os muito. Iſto digo, porque ainda que ſe aſſuſtem, eſtando bem prezos, não ſe lhes ſeguirá entre os páos damno algum, nem offenderáõ os moços, ou peſſoas, que eſtiverem ao pé delles.

Os Cavallos timidos, e faltos de eſpirito ordinariamente são fracos, ou padecem moleſtias na viſta, e mais partes do corpo, por conſequencia os ſeus defeitos naturaes he quem lhes difficulta o ſujeitarem-ſe a ſoffrer animoſos aquelles objectos, que motivão o ſeu receio.

Não ſuccede iſto facilmente áquelles, que são vigoroſos, e tem boa ſaude, e boa viſta, de ſorte que os malviſtos, covardes, e fracos não são bons para a guerra, nem ainda ſendo creados em boa eſcola; porque a Arte aperfeiçoando-os nos ſeus movimentos, e no conhecimento da direcção, que devem ſeguir, não póde, ſe elles tem pouca viſta, fazellos ver perfeitamente bem, ou ſupprir-lhes outros ſemelhantes defeitos da natureza.

Nos limites de hum Picadeiro ſe devem dar as primeiras diſpoſições a toda a ſorte de Cavallos; e os deſtinados para as tropas, logo que tiverem obediencia á mão, e pernas do Cavalleiro, devem fazellos trabalhar no campo, obrigando-os a que andem pelas eſtradas, e caminhos pouco trilhados, por ladeiras, por ſima de pontes de madeira, regatos de agua, matos, e toda a ſorte de caminhos, para em concluſão não temerem couſa alguma.

Não ſe devem caſtigar com a vara os Cavallos, que ſervem para a guerra, para que elles não temão os movimentos do braço direito do ſoldado, ou mão da eſpada: devem-ſe tambem montar, levando o Cavalleiro a eſpada á cinta, para que o Cavallo na acção de ſervir não eſtranhe os toques da eſpada na barriga. Tambem os devem coſtumar aos movimentos, que faz o ſoldado, quando tira pela eſpada, clavina, e piſtolas, a fim de que ſoffrão animoſos todos os objectos, que na campanha ſe podem encontrar, iſto he, ſem temerem aquelles movimentos que faz o Cavalleiro, nem os que fazem os corpos de tropa, não ſe aſſuſtando

em conclusão por cousa alguma, pois que só deste modo he que podem servir bem neste exercicio.

Todas estas advertencias que tenho feito de aprompar, facilitar, e dispôr os Cavallos destinados para a guerra, são recommendaveis; e os Cavalleiros, que as seguirem, acharáõ os seus Cavallos com facilidade capazes de se servirem delles na campanha, livrando-se melhor dos continuos perigos, que em semelhantes casos a cada passo se encontrão. Isto supposto, eu passo a mostrar como se devem ensinar os Cavallos destinados para a caça.

He o divertimento da caça commummente hum dos recreios o mais proprio, e ordinario a todos os Soberanos, Principes, e Cavalleiros: nelle se encontrão suas semelhanças da guerra pela fadiga, e cansaços com que se pratíca este laborioso exercicio, e por alguns perigos que nelle tambem se encontrão, se bem que a maior parte delles tem origem na má escolha que se faz dos Cavallos, ou na má educação com que os crião.

Construcção, e costumes, que devem ter os Cavallos corredores, que servem para a caça.

DEve elle não ser muito curto, nem muito comprido do espinhaço, deve ter boa bocca, ser fiel, prompto, e sensivel, principalmente á espora, e falla: deve ter o pescoço bem formado, as espaduas livres, e pouco carnosas nas pontas da frente Est. III., N. 27., o peito largo, as mãos, e pés direitos, e nervosos, as quartelas curtas com proporção, os jarretes bem formados, e ultimamente deve ser ligeiro na mão, e nos seus movimentos, seguro, prompto, forte, e sensivel. Ora quando elle he dotado destas qualidades, tem bom folgo; e pelo contrario o que he muito estofado do espinhaço, ou muito sellado, e demaziadamente curto, não tem a agilidade precisa aos bons corredores.

Tambem não são bons para correr á caça (como diz Pignateli) aquelles, a quem hum temor natural embaraça o correr depressa, por terem medo de arriscar as suas forças, correndo estes, e os que tem alguma natural imperfeição, os que são pezados, e preguiçosos de sua natureza; e aquelles, que se desgostão por haverem sido castigados com excesso na carreira até lhes faltar o folgo, tambem se rendem viciosos, e rebeldes facilmente; e os que tem muito rim, e vivacidade, gostão mais de fornecer hum numero de saltos, que de distribuir as suas forças na carreira.

São tambem máos corredores aquelles, a quem a covardia, a fraqueza, a falta de vista, a má construcção, e a malicia obriga a deter-se. He bem verdade que todos estes differentes Cavallos podem correr; mas sendo elles possuidos de más qualidades, jámais hão de galopar ligeiros na mão com segurança, e dilatado folgo, porque estas circumstancias sómente se encontrão nos que são flexiveis, fortes, e bem formados: por isso só aos que tem boas qualidades, a lição os confirma perfeitamente no seu galope, movimento, e folgo proprio a este exercicio.

O trote rende facil, e desembaraçada toda a sorte de Cavallos; mas deve ser-

ſer-lhe regulado pela conſtrucção que elles tem, e pelo preſtimo que hão de ter. Exemplo: O trote dos que hão de ſervir para correr no mato, deve ſer mais largo, tanto porque a ſua conſtrucção o deve permittir, como tambem porque o exercicio, que elles hão de ter, preciſa de muita igualdade, e deſembaraço.

Os deſtinados para a caça volatil devem ſer trotados mais curto, cortando muitas vezes o terreno, paſſando-os amiudadamente de mão ſobre as linhas da muralha, formando-lhes alguns meios circulos, e angulos huns mais, outros menos agudos, fortalecendo-lhes, ou affroxando-lhes todas as ſenſações, á proporção do que elles ſe detiverem, ou ſe apreſſarem, até que obedeção com promptidão, e deſembaraço.

A huns, e outros, tendo adquirido a facilidade de voltar para huma, e outra parte, lhes devem fazer, trotando, muitas meias paradas, e falcadas com as mãos firmes, e brandas até elles adquirirem apoio: depois devem formar-lhes a lição da cara contra a muralha para lhes dar conhecimento das pernas, ou eſporas, fazellos mais ſenſiveis do ventre, e enſinar-lhes a recolher as pernas bem para baixo do corpo: couſa muito preciſa aos Cavallos da caça, ou corredores.

Ainda que os que hão de ſervir para a caça devem ſer trotados em movimento mais ſeguido, e vivo, que os deſtinados para o manejo, a fim de que eſta lição lhes dê maior facilidade para dobrar, e eſtender os braços, eſpaduas, e mais partes do corpo com facilidade, e graça, com tudo não pertendo que os eſtendão tanto no ſeu trote, que venhão a commetter o defeito de pezar na mão; mas ſim que lhes regulem o movimento do trote pelo ſeu poder, e conſtrucção com propriedade ao exercicio que hão de ter.

Formando-lhe a lição deſta maneira, depois do Cavallo ſe ſujeitar, podem tirar-lhe o cabeção, e com o freio ſó fazello galopar em hum diligente galope, avançado, e igual, fazendo-lhe algumas meias paradas, e falcadas firmes, e brandas; porque tudo iſto o obriga a ſentar-ſe mais ſobre as ancas, ſegurar o ſeu apoio, ſahir da mão com facilidade, parar, e voltar, rebatendo os movimentos das eſpaduas para ſima das ancas, porque todas eſtas qualidades são preciſas ao bom corredor.

Os Cavallos Inglezes, os Polacos, os Napolitanos, e os da Baixa Normandia, mais que outros da Europa, são bons para correr, não obſtante o ſerem corpolentos; porque grande parte delles tem as boas qualidades, que eu digo que preciſão ter os bons corredores: razão, por que fornecem carreiras de tres, e quatro milhas de Inglaterra. Alli os que eſtão coſtumados ao exercicio da caça ſaltão promptamente vallados, eſtacadas, e vallas, que nos campos frequentemente ſe encontrão; mas por ſerem (não obſtante a ſua boa conſtrucção) ordinariamente mal educados nos ſeus principios, com brevidade ſe arruinão, principalmente dos braços; porque enſinando-os a correr, e ſaltar, jámais os deſembaração por meio de lição regular.

O Bridão, de que ordinariamente uſão os Inglezes nos Cavallos de correr, lhes dá tambem muita occaſião a que elles ſe arruinem, porque não lhes podem com elle ſegurar tanto a dianteira, iſto he, a cabeça, peſcoço, e eſpaduas, como

com

com o freio; pois as ſenſações deſte os ſuſtem muito por diante, aſſim nos andares naturaes, como nos artificiaes.

O galope da caça, ou dos Cavallos do campo não deve ſer muito relevado, nem detido; mas ſim avançado, baixo, e igual. Nos principios não devem obrigallos por meio de grandes lições. Devem ſim fazellos, o mais que puder, ſer ligeiros ao freio.

Tanto que os Cavallos, que houverem de ſervir para a caça, trotarem, galoparem, e tiverem no Picadeiro ſujeição á mão, e ás pernas do Cavalleiro, devem fazellos trabalhar no campo, aſſim como já diſſe que ſe devem adeſtrar os deſtinados para a guerra.

As lições não lhes devem ſer muito dilatadas nos principios, quando os fizerem galopar, porque iſto em lugar de augmentar-lhes o folgo, os deſgoſta, e lhes faz aborrecer o trabalho. Os Cavallos froxos, e preguiçoſos abatem-ſe muito em correndo; e os colericos ſe chegão a perder o folgo correndo, com facilidade ſe tornão viciofos, por iſſo devem os Cavalleiros conhecer bem o eſpaço de tempo, em que os Cavallos galopão em folgo; e logo que ſentirem que elle lhes vai faltando, devem pollos ao paſſo; e depois de o tornarem a recuperar, he que os devem tornar ao galope, ſem os deixar, quando vão do galope ao paſſo, ou deſte ao galope fazer tempo algum de trote, porque iſto incommoda muito ao Cavalleiro.

Movimentos, por que ſe conhece a falta de folgo nos Cavallos.

FAzendo elles maior exceſſo, o ar que lhes entra pelas ventas, conduzido com agitação pela Trachea, ſe diffunde pelas ramificações dos bofes, e á proporção do canſaço que o trabalho vai produzindo no animal, o movimento do bofe ſe agita, e forceja com violencia por lançar pelos orgãos da reſpiração o ar, e receber outro novamente. O Cavallo abre as ventas com exceſſo, e ás vezes a bocca, não baſtando iſto para refreſcar os bofes; antes a ſua acceleração, batendo no diafragma, faz viſivelmente conhecer o ſeu movimento nos ilhaes, e ás vezes de tal ſorte a corporea máquina ſe inflamma, que os bofes, e as valvulas do coração vão perdendo a força, tanto que o Cavallo póde vir a perder a ſenſibilidade, e as forças, de maneira que chegue a cahir no chão ſem acordo; em tal caſo podem magoar-ſe algumas das delicadas fibras, que cércão o coração, ou tambem os bronquios, e o Cavallo ficar ou rebentado, ou com a moleſtia chamada polmoeira.

Por eſtes motivos, vendo o Cavalleiro que ao Cavallo lhe vai faltando o folgo, deve deixallo deſcançar; e em tornando a cobrar o folgo, ir-lhe repetindo as lições, mas ſem o fatigar com exceſſo; advertindo que eu não nego que a continuação do trabalho não deixa de lhes ir dilatando o folgo; pois he certo que não ſendo coſtumados ao trabalho, qualquer leve exceſſo os fatiga muito; por iſſo lho devem ir augmentando pouco a pouco, até que o coſtume ſe chegue a converter em natureza.

A ponta do focinho dos Cavallos deſtinados para a caça, e para a guerra he

bom

bom que lhes fique hum pouco mais livre, e alta, do que aos que se destinão para o manejo, a fim de que possão respirar com mais facilidade; se bem que não pertendo dizer nisto que os deixem estender, e levantar tanto o focinho, que não possão ver bem o terreno por onde andão, porque galopando com a cabeça fóra daquelle lugar que lhes permitte a sua construcção, não voltão com facilidade, e vão sujeitos, se tropessão, a cahir, porque não se deixão governar bem com o freio.

Para lhes segurar bem a cabeça, e a dobra do pescoço, he bom galopallos na lição da volta ao revés para a direita sobre os circulos, e por todo o terreno do Picadeiro; e á proporção do que elles se deixão encruzar entre a redea direita, e a perna esquerda, podem apertar-lhes assim a volta, ou os circulos para os confirmar na obediencia, e segurança das redeas, indo sempre unidos sobre a mão, e pé direitos. Depois os irão voltando algumas vezes para a direita, e para a esquerda, sem os fazer passar de mão, isto he, sem os obrigar a que se desdobrem da acção, e avancem a mão, e pé esquerdos; pois isto serve para os costumar a que voltem com ambas as redeas, sem se desunir tanto das espaduas, como da garupa.

Não he máo fazellos observar esta lição, tanto nos limites de hum Picadeiro, como pelo campo, a fim de os costumar a ir galopando unidos para a direita por toda a sorte de terrenos, e de que não estranhem a desigualdade do campo, do mato, e finalmente não temão cousa alguma.

Devem os Cavallos corredores soffrer bem os movimentos, e acções, que o Cavalleiro precisa fazer para usar da espingarda. Ser socegados ao estrondo dos tiros para todas as partes que for preciso atirar. Tambem serão costumados a voltar com promptidão, e salvar os possiveis vallados, tranqueiras, e vallas (como fica dito dos Cavallos da guerra) para não ser preciso ir tantas vezes buscar as estradas, e caminhos. Devem não ter medo de entrar na agua, nem ter o defeito de se deitar nella. La Brow trata bem do modo com que se devem ensinar os Cavallos destinados para este exercicio. E eu creio que se tiverem sido creados pelos principios, e costumes, que por todo este volume deixo substanciado, elles servirãõ bem, tanto para a caça, como para a guerra.

Ha outros Cavallos, além dos corredores, a que chamão de *Espingarda*: estes de ordinario devem ser mais pequenos, e ter as qualidades de ser muito seguros, como tambem mansos ao vôo das Aves, e ao movimento das espingardas, sem jámais se assustarem de cousa alguma. He bom que sejão costumados a parar, logo que o Cavalleiro proferir a particula *hó*, ou tambem logo que lhes lançarem as redeas sobre o pescoço, ainda que vão galopando. Esta casta de Cavallos são de muita estima para este exercicio; porém como para elles pôrem tudo isto em prática he preciso mais curiosidade, do que sciencia, depois dos Cavallos dispostos pelos rudimentos que tenho insinuado, qualquer curioso, ajudado da naturalidade, lhes poderá introduzir estes costumes.

Mo-

Modo, pelo qual o Senhor Rei D. José I. hia ás caçadas.

COstumava Sua Mageſtade ir á caça, tanto de veação, como volatil, com magnificencia verdadeiramente Real: eu vi no dia vinte e hum de Janeiro de 1766 pôr tudo em ordem para ir á caça pela maneira ſeguinte.

Pelas tres horas da noite alguns tambores tocárão a alvorada por todas as ruas de Salvaterra de Magos; e ſegundo era coſtume, ſe forão levantando, e partindo para o mato os Batedores, os Caçadores, os Moços de monte, os Emprazadores, e outros muitos criados de Sua Mageſtade empregados nas caçadas. De ſorte que no tempo, em que a noite ſe deſpedia das eſtrellas, e a formoſa Aurora em ſeu roſado carro começava a deixar ver que o Sol ſeguindo-a cuidadoſo moſtrava á viſta na belleza ruſtica, e ſimples das montanhas hum dia gracioſo, e plauſivel, então me vi entre aquella numeroſa comitiva, a quem o Monteiro Mór deo as ordens para ſe diſpôr hum cerco regular á primeira mata do Bilrete.

Diſtribuida a ordem por vinte e dous Emprazadores, por quatorze Guias das alas, por vinte e oito Moços do monte, por trinta e ſete Couteiros, e por vinte e ſeis caçadores, ſe principiárão a pôr em ordem oitocentos e ſeſſenta Batedores, os quaes ſe forão dividindo em duas alas, que principiárão a circumdar em torno a referida mata; e ſendo tudo aſſim diſpoſto, forão todos aquelles homens rompendo a eſpeſſura dos emaranhados arbuſtos, e azinhas, de ſorte que ſe hião dando as mãos huns aos outros, e as féras de diverſas eſpecies timoratas ſe conduzião fugitivas, e eſpavoridas para o centro daquella mata.

Apenas ſe principiou a pôr toda a gente em boa ordem, principiou a chegar a comitiva de Sua Mageſtade. Primeiramente dezoito Picadores, ſervidos de outros tantos moços da Cavalhariça: apôs elles ſetenta e oito Cavallos á mão, os primeiros dezoito conduzidos por moços da eſtribeira, e os mais por outros tantos moços da Cavalhariça.

Depois chegárão ao meſmo ſitio Suas Mageſtades o Senhor D. JOSE' I., e a Senhora D. MARIANNA VICTORIA, ambos em huma ſege de campo, e logo pelo meſmo modo chegou tambem Sua Alteza o Senhor Infante D. PEDRO, irmão de ElRei, com o ſeu Camariſta D. Vaſco da Camara: ſeguia-ſe logo o Conde Reinante de Lalippe com o Principe de Mequelemburg, irmão da Rainha da Grão Bretanha, ambos em outra ſege: depois dous Camariſtas de Suas Mageſtades com muitas outras grandes Perſonagens, a quem ſeguião muitos criados com Cavallos á mão, os quaes todos fazião huma vária, mas agradavel perſpectiva.

Depois chegou o Excellentiſſimo Marquez de Marialva, Eſtribeiro Mór, e ſeus filhos o Excellentiſſimo Marquez de Marialva D. Diogo, o Excellentiſſimo Marquez de Tancos D. Antonio, o Excellentiſſimo D. Joſé Thomaz de Menezes, e o Excellentiſſimo D. Rodrigo de Menezes. Apôs elles vinha o Marquez de Angeja, e ſeu filho o Conde de Villaverde, e outros muitos Fidalgos, até que Suas Mageſtades montárão a cavallo; e ſeguidos de muitas Perſonagens, forão para as portas da atalhada por onde havia de ſahir a caça.

El-

ElRei ficou na primeira porta da direita acompanhado do Conde de Lalippe, do Principe de Mequelemburg, do Marquez de Alvito, Marechal General, Aio de Sua Mageſtade, do Conde, Barão de Alvito, do Marquez de Angeja, do Marquez das Minas, e varios outros Fidalgos, de quatro criados particulares, e ſeis carregadores, que apromptavão as eſpingardas com que Sua Mageſtade atirava, porque o Conde de Lalippe, e o Principe de Mequelemburg não quizerão atirar.

Na ſegunda porta eſtava a Rainha acompanhada do Excellentiſſimo Marquez D. Pedro Eſtribeiro Mór, do Senhor D. João da Bempoſta, do Conde de Val de Reis, dos filhos do Excellentiſſimo Marquez de Marialva, e outros muitos Fidalgos com ſeis carregadores.

Na terceira porta eſtava Sua Alteza o Senhor Infante D. Pedro, irmão de ElRei, ao qual acompanhavão o Conde da Ponte, ſeu Gentil-Homem, e ſeu Eſtribeiro Mór, o Excellentiſſimo D. Pedro da Camara, o Conde de Aveiras, o Conde da Atalaia, e outros muitos Fidalgos, tres criados particulares, e ſinco carregadores.

Batida aſſim a moita, a que ſe chama caçar de porta franca, ſahírão della muitos Veados, Cervas, Vareiros, Biques, Gamos, e Javalins de hum, e de outro ſexo, e aſſim tambem muitas rapoſas, e outras féras, em que Suas Mageſtades, Sua Alteza, e o Marquez de Marialva D. Pedro fizerão grande mortandade, porque todos atiravão inſignemente.

Depois mandou Sua Mageſtade fazer huma calcada, em que ſe diſpoz a gente da batida pelo meſmo modo, indo-ſe fechar o cerco em hum ſitio, em que havia huma grande planice com o mato curto, no qual, depois de fechado o circulo, entrárão Suas Mageſtades, Suas Altezas, e todos os Grandes, como tambem os Picadores para correr as féras, de que havia dentro nelle grande cópia; e quando ſahia alguma para fóra da ala, era ſeguida pelos Picadores, de ſorte que ſempre Suas Mageſtades, ou Sua Alteza as matavão, poſto que ellas ſe derramaſſem, fugindo pelos mais eſpeſſos matos.

Cada huma das Peſſoas Reaes tinha hum guia prático do Paiz, que a guiava pelo melhor caminho, a fim de não lhe acontecer algum perigo; mas a Rainha era tão efficaz, que muitas vezes deixava o guia, ſó por ſeguir a caça.

Os Cavallos, que ſervião para correr no mato, erão chapeados, iſto he, mettia-ſe-lhes entre as ferraduras, e as palmas humas chapas de ferro delgadas para não alcançarem eſtrepes. Tambem os armavão de peitoral do mato, Eſt. V., Fig. 15., e mangas Fig. 17., com as quaes veſtião os braços dos Cavallos, afivelando-lhes as correas dos lados nas fivelas delles, e as duas correas de ſima de cada manga, huma á prizão do peitoral, Eſt. IX., Fig. 17., Letra Z, e a outra paſſada por entre o peitoral do mato, e o peito do Cavallo ſe hia afivelar na fivela, que ſe moſtra na parte ſuperior da Fig. 15., Eſt. V., e finalmente as çapatilhas Fig. 14. ſe afivelavão duas nas mãos, e duas nos pés, a fim de lhes ſervirem de reſguardo aos machinhos, e quartelas.

O Marquez Eſtribeiro Mór corria os Javalins com hum pompilho, e tambem

os Picadores até que Suas Mageſtades chegaſſem para lhes atirar. Neſtas calcadas corrião muitos Fidalgos, e outros bons Cavalleiros, de ſorte que divididos em tres ranchos, hum ſe chamava de ElRei, outro da Rainha, e outro do Infante, e todos por competencia fazião muitas gentilezas, como atropellar os Javalins, voltallos na carreira, e muitas vezes ſe elles ſe atoavão, os Cavalleiros pondo-ſe a pé, lhes pegavão com tanta facilidade, que o Conde de Lalippe, e o Principe de Mequelemburg ſe admiravão de os ver, como tambem da boa ordem com que ElRei, Rainha, e Sua Alteza montavão, corrião, e atiravão, &c. Batêrão-ſe neſte dia tres moitas, e fizerão-ſe duas calcadas, nas quaes morrêrão ſincoenta e ſete rezes.

Modo, por que Sua Mageſtade ſabia á caça das Lebres.

FAzia o Senhor Rei D. Joſé I. ſempre eſta função tambem com apparato verdadeiramente magnifico: e no Domingo ſeguinte ſe fez eſta caçada, como paſſo a referir.

A's oito horas da manhã, depois de ouvirem Miſſa, entrárão a concorrer para a praça contigua ao Palacio muitos criados de Sua Mageſtade, donde ſe principiárão a pôr em ordem pela maneira ſeguinte.

Sahio o Monteiro Mór do ſeu Palacio a cavallo acompanhado de muitos Fidalgos, e Nobreza, do Juiz do Crime da Corte, e de trinta e ſete Couteiros, vinte e oito Moços do Monte, e dezenove emprazadores, com os quaes marchou para o alto, ou lugar da caçada. Paſſada a ponte chamada do campo, ao lado eſquerdo havia hum magnifico degráo para Suas Mageſtades, e Altezas ſe apearem dos Cavallos da Picaria, e tornarem a montar nos Cavallos de campo, ou corredores, como ao diante ſe dirá. Neſte ſitio ſe achavão muitos homens de pé, além dos oitocentos batedores, que coſtumavão ſervir no mato, aos quaes o Monteiro Mór, e D. Luiz da Cunha, Miniſtro, e Secretario de Eſtado, mandárão formar duas bem diſpoſtas alas. A da direita era commandada por D. Luiz da Cunha, e a da eſquerda pelo Monteiro Mór.

Pouco depois ſe formárão na praça quatro córos de Timbaleiros; a ſaber: ſeis Clarins em cada coro, hum Timbaleiro, e hum Clarim mór, todos veſtidos de veludo carmezim ricamente agaloados de ouro: junto a cada par de timbales havia dous moços da cavalhariça, que os conduzião a pé dalli até ao campo.

Pouco diſtante dos Timbaleiros havia duas fileiras de Falcoeiros veſtidos de eſcarlate agaloados de prata, montados a cavallo, e entre cada ſeis huma de tres gaiolas de Falcões, em cada huma das quaes hião ſeis açores prezos com cadeias douradas, e monteiras bordadas de ouro: as gaiolas erão de nove palmos de altura com largura proporcionada, erão todas forradas de veludo carmezim agaloadas de ouro, e tambem conduzidas por quatro moços da cavalhariça cada huma. Eſte luzido apparato, e os córos de Clarins, tocando alternativamente, fazião aſſim ordenados aos ouvidos, e aos olhos a mais delicioſa harmonia.

Depois de toda eſta comitiva ſe pôr em marcha, junto ao Palacio montárão Suas Mageſtades a cavallo pela maneira ſeguinte.

O

O Coronel Bartholomeu de Aranda, Meſtre da Picaria Real, tomando da mão de hum moço da eſtribeira hum ſoberbo Cavallo ruſſo, chamado Gentil, o conduzio ao degráo para a Rainha montar, á qual o Marquez Eſtribeiro Mór metteo o pé no eſtribo, e o Sereniſſimo Infante D. Pedro ajudou a pôr-ſe a cavallo, como tambem Sua Mageſtade lhe ſegurou o eſtribo direito, e lhe concertou as veſtes reaes: apôs iſſo o dito Meſtre da Picaria chegou ao degráo pelo meſmo modo hum excellente Cavallo caſtanho chamado Filagrana para ElRei montar; ſegurando-lhe nas caimbas do freio, o Sargento Mór Carlos Antonio, primeiro Ajudante da Picaria, no eſtribo direito, e o Excellentiſſimo Marquez de Marialva, Eſtribeiro Mór, lhe metteo o pé no eſtribo eſquerdo, e ajudou a montar.

Logo chegou Rodrigo Quareſma, primeiro Meſtre da Picaria do Senhor Rei D. Joſé I., a eſte tempo deſtinado para o ſerviço de Sua Alteza o Senhor Infante D. Pedro; o qual tomando da mão de hum moço da eſtribeira hum bello Cavallo caſtanho chamado Saloio, o chegou ao meſmo degráo para Sua Alteza montar, e o Conde da Ponte, ſeu Eſtribeiro Mór, lhe metteo o pé no eſtribo, e ajudou a pôr-ſe a cavallo.

Ao meſmo degráo chegou o Capitão Joſé Xavier, hum dos Picadores dos da Picaria Real; e tomando da mão de hum moço da eſtribeira hum formoſo Cavallo, lhe pegou pelas caimbas do freio para montar o Excellentiſſimo Marquez, Eſtribeiro Mór de ElRei, e da meſma ſorte, e no meſmo lugar montárão a cavallo o Excellentiſſimo Conde de Val de Reis, Eſtribeiro Mór da Rainha, e o Excellentiſſimo Conde da Ponte, Eſtribeiro Mór do Senhor Infante D. Pedro, ſó com a differença de não ſerem ſervidos eſtes dous ultimos pelos Picadores da Picaria Real. Ao meſmo tempo montárão a cavallo muitos Fidalgos por diverſos ſitios para acompanharem a Suas Mageſtades, que já a eſta hora ſe havião poſto em marcha, ſendo a primeira Peſſoa ElRei veſtido de farda eſcarlate agaloada de ouro com bordadura, e botões de diamantes, em quem ferindo o Sol parecia todo elle hum copioſo monte de brilhantes: á direita hum pouco mais atrás o ſeguia o Excellentiſſimo Marquez de Marialva, ſeu Eſtribeiro Mór, e á eſquerda o ſeu Aio o Marquez de Alvito. Seguia-ſe a Rainha, que tambem levava á ſua direita o Conde de Val de Reis, ſeu Eſtribeiro Mór, e á eſquerda o Senhor D. João da Bempoſta, Mordomo Mór de ElRei. Logo ſe ſeguia Sua Alteza o Senhor Infante D. Pedro, da meſma ſorte acompanhado do ſeu Eſtribeiro Mór, Camariſtas, e de outros Fidalgos.

Na praça ſe encontrárão com Suas Mageſtades o Conde de Lalippe, e o Principe de Mequelemburg, acompanhados de muitos Officiaes Generaes das Tropas do Exercito, e da Marinha, a quem Suas Mageſtades, e Altezas cumprimentárão com o maior agrado. O Conde de Lalippe acompanhou a Sua Mageſtade á eſquerda, a quem cedeo o lugar o Marquez de Alvito; e o Principe de Mequelemburg acompanhou a Rainha da meſma ſorte, a quem cedeo o lugar o Senhor D. João da Bempoſta.

O Coronel Bartholomeu de Aranda, Meſtre da Picaria de ElRei, acompanhou a Sua Mageſtade á eſquerda do Marquez de Alvito. O Sargento Mór Car-

los Antonio, que fervia de Meftre da Picaria da Rainha, a acompanhou á efquerda do Senhor D. João da Bempofta, e Rodrigo Quarefma acompanhou o Senhor Infante D. Pedro á efquerda do Excellentiffimo D. Vafco da Camara, Gentil-Homem de Sua Alteza.

Depois feguia-fe huma confideravel quantidade de Marquezes, Condes, Vifcondes, Fidalgos, e Officiaes Militares, como tambem alguns Picadores, e outros criados particulares de Suas Mageftades, e apôs eftes muitas peffoas, que coftumavão concorrer de varias partes a ver efte bello efpectaculo.

Tambem com boa ordem fe feguião a pares dezenove Moços da eftribeira, fete com telizes de veludo carmezim ricamente bordados de ouro, bem fobraçados no braço efquerdo, governados pelo feu apontador, e doze com outros tantos Cavallos á deftra, dos quaes Suas Mageftades, e Altezas fe havião de fervir para andar no campo.

Depois pelo mefmo modo vinhão mais feffenta moços da cavalhariça com librés agaloadas, os quaes conduzião outros tantos Cavallos para Camariftas, Veadores, Picadores, e outras muitas peffoas, a quem Sua Mageftade fazia mercê de mandar dar dos feus Cavallos, os quaes todos hião ricamente ajaezados, porque até os em que hião montados os moços da cavalhariça, hião enfittados, e com chareis bordados, ou agaloados.

Tendo caminhado com efta boa ordem até paffarem a ponte do campo, chegando Suas Mageftades ao degráo, fe apeárão dos Cavallos de Picaria, e montárão nos Cavallos corredores de campo, e da mefma forte os mais Fidalgos, e Cavalleiros.

A efte tempo chegárão Suas Altezas ao campo, primeiramente em huma magnifica berlinda tirada por feis Cavallos, vinhão quatro Veadores, ou Braceiros de Suas Altezas. Logo fe feguia outra berlinda muito mais rica, em que vinhão a Sereniffima Princeza do Brazil, hoje Reinante, as Sereniffimas Senhoras Infantas D. Marianna, D. Maria Barbara, e D. Maria Benedicta, das quaes Venus, e Diana lá do Olimpo, aonde fe havião congregado as celeftes Divindades para ver efte bello anfitheatro, vencidas fe retirárão de affrontadas, porque em Suas Altezas fe via a belleza no mais fublime gráo, a magnificencia no mais pompofo eftado, e os attributos, e virtudes, que fazem diftintas as Heroinas mais decantadas nas hiftorias, unidos em cada huma, como todos fabem; e como não tenho talentos com que tecer-lhes elogios, eu vou feguindo o meu fyftema, porque a brevidade que obfervo, não me dá lugar mais que a narrar a ordem com que fe feguião para o campo.

Apôs Suas Altezas hia hum bello coche de eftado, e logo outro, em que fe conduzia a Camareira Mór, a quem feguião dous coches com fete Damas, quatro de Suas Altezas, e tres de Sua Mageftade, e hum de Açafatas, e outro de criadas, e muitas carruagens magnificas, tanto de Suas Mageftades, e Altezas, como das muitas Perfonagens, que affiftião áquelle acto.

Suas Altezas, a Camareira Mór, as Damas do Paço, as Açafatas, e criadas na frente do lado direito, fem fahirem das berlindas, affiftírão a toda a função, a quem deo principio a Rainha pelo modo feguinte.

Ten-

Tendo montado a cavallo, o ſeu guia, e hum emprazador, a conduzírão, ſeguindo-a o Conde Reinante de Lalippe, o Senhor D. João da Bempoſta, e o Principe de Mequelemburg, até que Sua Mageſtade com hum ponção dourado picou na cama a primeira lebre que ſahio: apôs iſſo os moços das trelas ſoltárão quatro galgos, que corrêrão a lebre velozmente; mas como ella ſe lhe hia adiantando muito, o Monteiro Mór mandou aos Falcoeiros lhe ſoltaſſem hum Açor, o qual eſtando já ſolto da prizão do pé, tanto que ſe lhe tirou a monteira da cabeça, ſahio do braço do Falcoeiro com huma velocidade indizivel; e depois de ſubir muito alto, deſceo ſobre a lebre como hum relampago, dando-lhe duas pancadas, por cujo motivo os galgos a apanhárão.

Depois ElRei fez levantar outra, que foi da meſma ſorte ſurprendida: o meſmo fez Sua Alteza o Senhor Infante D. Pedro; e tendo ſahido muitas lebres, Sua Mageſtade mandou correr outras por alguns Picadores, e Cavalleiros, que fazião ſobre a viçoſa relva, matizada de muitas flores, huma perſpectiva a mais brilhante que eu vi em meus dias.

Havia no campo, além da comitiva da Caſa Real, huma grande quantidade de Fidalgos, e Nobres Cavalleiros, a quem ſeguião immenſos criados ſeus, formando com as viſtoſas librés, bem ajaezados Cavallos, e grande cópia de carruagens, hum matiz delicioſo.

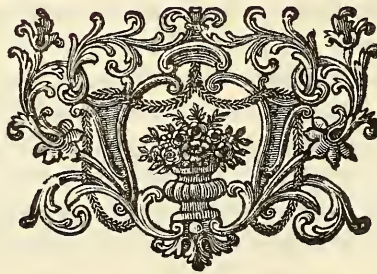
O eſtrondo dos Timbales, o éco dos Clarins, os relinchos dos Cavallos, a variedade dos veſtidos, a multidão das librés, a quantidade dos Cavalleiros, o bem aſſentado da planicie fazia eſte bello anfitheatro plauſivel aos nacionaes, e eſtrangeiros.

A iſto ſe ſeguio a viſtoſa briga de hum milhafre com hum açor, que durou largo tempo: em quanto contendêrão, ſubia o açor a maior altura, do que o milhafre: eſte, em quanto o açor ſubia, fazia diligencia por fugir; mas quando o açor deſcia ſobre elle, o milhafre no ar ſe voltava com as farpantes unhas para ſima, e aſſim pugnavão, hum por ſe defender, e o outro pelo aprezar, até que da quarta vez o açor cahio com elle em terra, aonde o Falcoeiro o apanhou, e ao milhafre bem feridos.

Ultimamente ſe combatêrão os açores com alguns Pombos, Pegas, Rolas, e outros volateis com ſumma ſatisfação dos expectadores, até que Fébo ſe alongou tanto daquelle viſtoſo ſitio, que parecia que além dos horizontes mergulhava os Cavallos do ſeu carro nas cryſtallinas aguas do deleitoſo Téjo, donde por outro oppoſto lado a bella Anfithrite principiava a moſtrar aos Delfins as brilhantes eſtrellas, de ſorte que tranſpondo-ſe o luminoſo Planeta, por ter feito o ſeu gyro, a todos parecia que havia ſido eſte dia mais que os outros abbreviado; e Suas Mageſtades, e Altezas ſe recolhêrão aos Paços Reaes com a meſma ordem com que havião ſahido para o campo, e cada hum dos mais expectadores aos ſeus apoſentos, em que ſe ouvião recontar com duplicado goſto os prazeres daquella tarde, da qual eu faço eſta breve lembrança para moſtrar o goſto com que Suas Mageſtades, e os principaes Cavalleiros de Portugal a ſeu exemplo prezavão a Nobre Arte da Cavallaria, que ſem dúvida floreceo no tempo do Senhor Rei D. Joſé I. com muita van-

tagem a outras Nações, porque Suas Mageſtades a protegião, e porque os Portuguezes são muito proprios para Cavalleiros.

Finalmente os Meſtres da Picaria deveráõ fazer adeſtrar os Cavalleiros, e os Cavallos em todas as lições do manejo de que tenho feito menção, principalmente no Picadeiro Real, a fim de que todas as vezes que for preciſo, elles eſtejão promptos para ſervir com perfeição: o que ſe conſegue, deſtinando o Meſtre hum, ou dous dias cada mez para ſe pôrem em prática as eſcaramuças, e carreiras, de que tenho tratado, as quaes todas são proprias para adeſtrar os Soldados para a campanha, e todos os mais Cavalleiros para o manejo da caça, e divertimentos, que ſe coſtumão praticar neſta Arte.

F I M.

Paginas.	*Linhas.*	*Erratas.*	*Emendas.*
10	16 Ibid. 21.	Suecia	Suevia
55	24	dirigir	digerir
		a palavra aqueduto deve ſempre entender-ſe	conducto
87	38	joelho	jarrete
100	31	diverſos aqueductos	hum ſó conducto
109	5	em	ſe
165	34	garupa	grampo
176	1	os que	ſenão
263	16	eſpaduas	paſſadas
269	30	Fig. 1.	Fig. 3.
313	19	facil	fiel
353	32	paſſa	paſſar